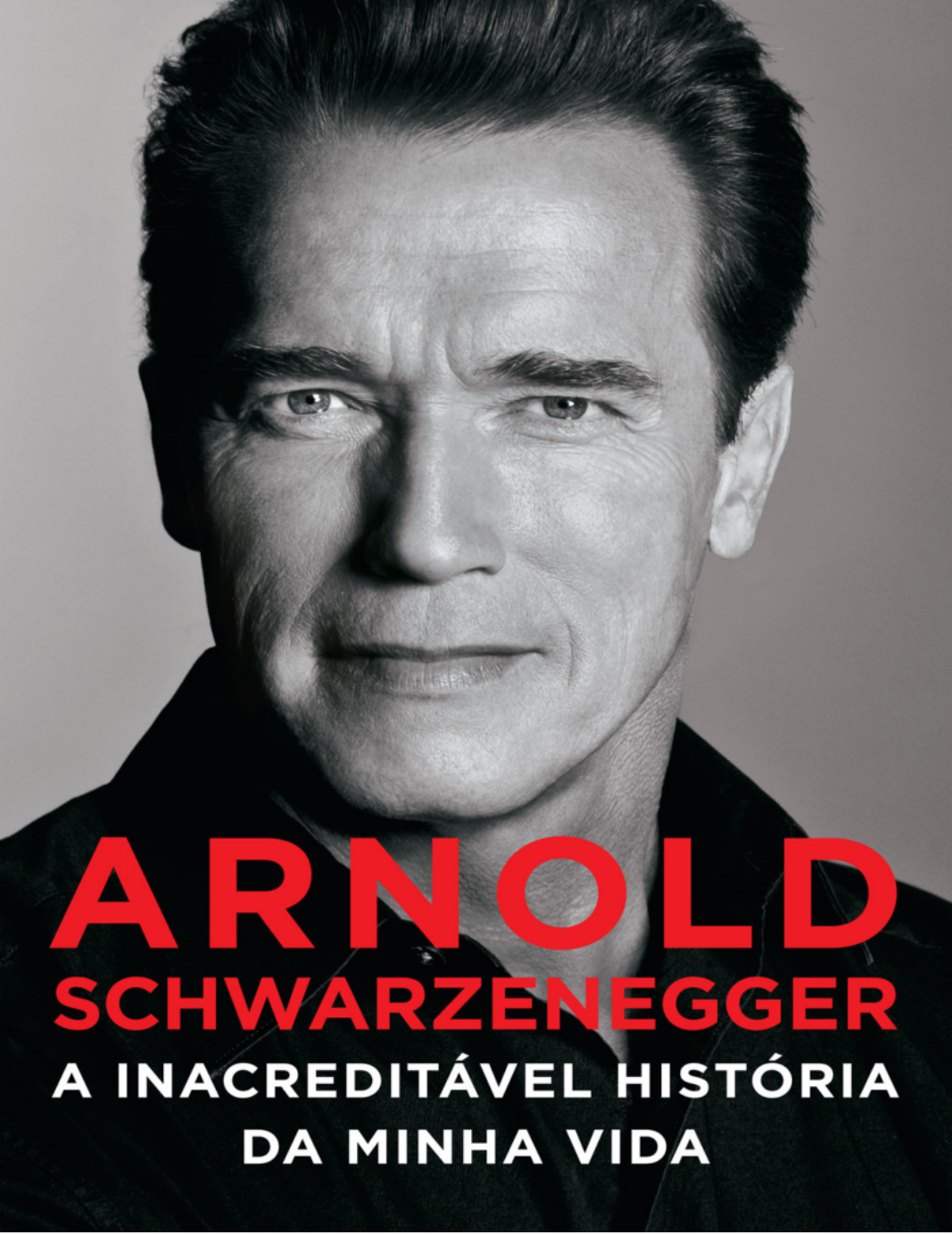

ARNOLD
SCHWARZENEGGER
A INACREDITÁVEL HISTÓRIA
DA MINHA VIDA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Net*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

BIBLIOTECA
DO EXILADO

ARNOLD
SCHWARZENEGGER

A INACREDITÁVEL HISTÓRIA DA MINHA VIDA

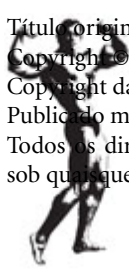
DELI
Rentals

ARNOLD SCHWARZENEGGER
COM PETER PETRE

ARNOLD SCHWARZENEGGER

A INACREDITÁVEL HISTÓRIA DA MINHA VIDA

SEXTANTE



Título original: *Total Recall*
Copyright © 2012 por Fitness Publications, Inc.
Copyright da tradução © 2012 por GMT Editores Ltda.
Publicado mediante acordo com a editora original, Simon & Schuster, Inc.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

TRADUÇÃO: Fernanda Abreu
PREPARO DE ORIGINAIS: Cristiane Pacanowski e Taís Monteiro
REVISÃO: Caroline Mori e Luis Américo Costa
PROJETO E DIAGRAMAÇÃO: Marcia Raed
CAPA: Jason Heuer
FOTO DE CAPA: Greg Gorman
FOTOS DE MIOLO: Arnold atravessando a rua: Albert Busek; Arnold de bicicleta: Art Streiber / August
ADAPTAÇÃO DE CAPA: Ana Paula Daudt Brandão

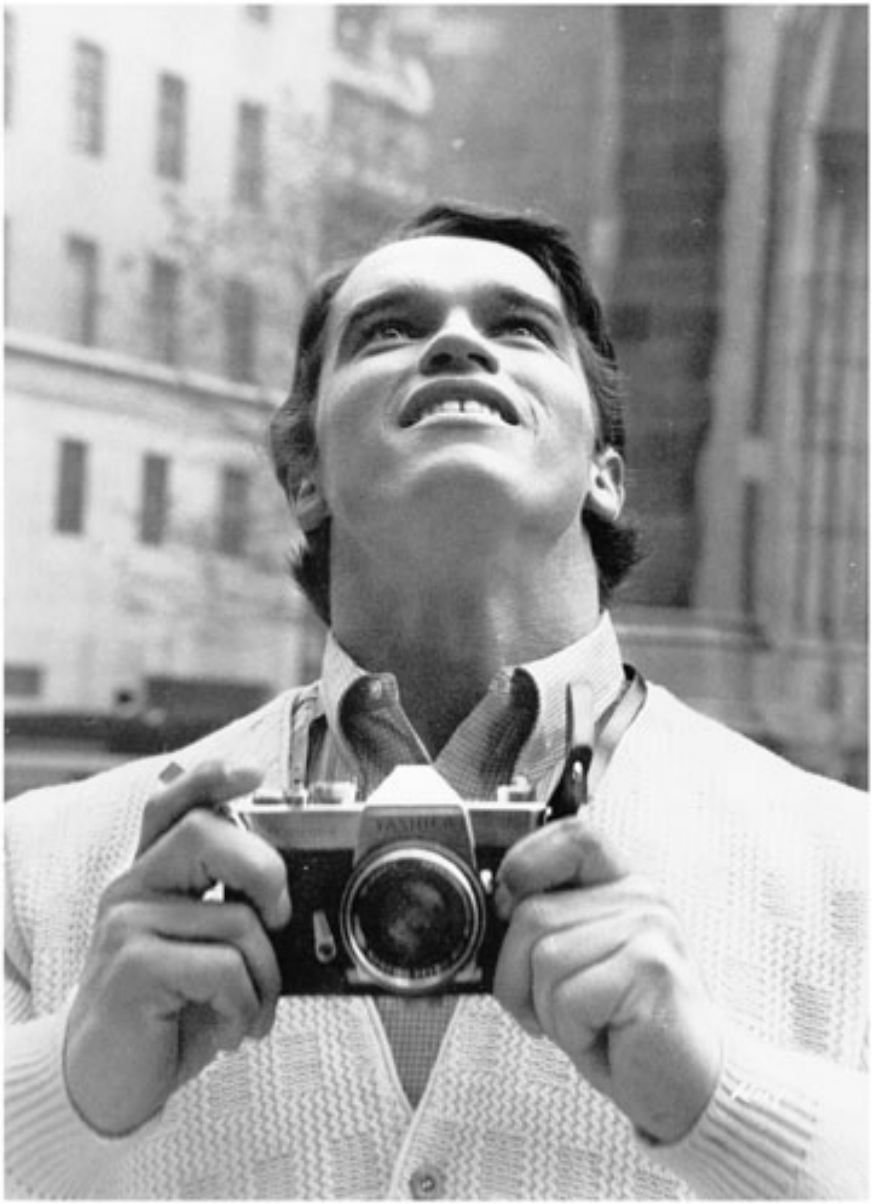
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br

Para minha família

Sumário

1 Origens austríacas
2 A construção de um corpo
3 Confissões de um condutor de tanque
4 Mister Universo
5 Saudações de Los Angeles
6 Preguiçosos caras de pau
7 Especialistas em mármore e pedra
8 Aprendendo inglês
9 O maior show de músculos de todos os tempos
10 *O guarda-costas*
11 *O homem dos músculos de aço*
12 Um sonho de mulher
13 Maria e eu
14 O que não nos mata nos fortalece
15 Virando americano
16 *O exterminador do futuro*
17 Casamento e filmes
18 Em ritmo de comédia
19 A verdadeira vida de um exterminador
20 *O último grande herói*
21 Questões do coração
22 Um cara família
23 Proposta política
24 A eleição revogatória
25 *Governator*
26 A volta por cima
27 Quem precisa de Washington?
28 A verdadeira vida de um *Governator*
29 O segredo
30 A cartilha de Arnold
Agradecimentos e fontes



Os Estados Unidos eram tudo o que eu sempre sonhara quando criança, na zona rural da Áustria. Por isso, nem precisei fingir estar feliz ou animado ao interpretar Hércules em visita à Times Square no meu primeiro filme, *Hércules em Nova York,* de 1969. (Cortesia Lionsgate)

Origens austríacas

O ANO EM QUE NASCI FOI marcado pela fome: era 1947, e a Áustria estava ocupada pelos Exércitos Aliados que haviam derrotado o Terceiro Reich de Hitler. Em maio, dois meses antes de eu nascer, a falta de comida provocou motins em Viena. Na Estíria, região do sudeste austríaco em que minha família morava, a situação também era dramática. Anos depois, sempre que minha mãe queria me lembrar de quanto ela e meu pai tinham se sacrificado para me criar, ela me contava como costumava percorrer nossa zona rural, indo de fazenda em fazenda para conseguir um pouco de manteiga, um punhado de açúcar, alguns cereais. Às vezes chegava a passar três dias fora de casa. *Hamstern* era o termo usado para designar essa prática – como um hamster coletando nozes. Tentar achar comida assim era muito comum.

Vivíamos em Thal, um povoado agrícola bem típico onde moravam poucas centenas de famílias cujas casas e fazendas se aglomeravam em pequenos núcleos interligados por trilhas e ruas. A rua principal, sem calçamento, estendia-se por uns 2 ou 3 quilômetros, subindo e descendo morros alpinos cobertos por campinas e florestas de pinheiros.

Quase nunca víamos as forças de ocupação britânicas – um caminhão com soldados passava de vez em quando, mas era só. Mais a leste, porém, eram os russos que dominavam o território, e deles nós tínhamos plena consciência. A Guerra Fria já havia começado e vivíamos com medo de os tanques russos chegarem e sermos engolidos pelo império soviético. Na igreja, os padres assustavam os fiéis com histórias de terror sobre russos que matavam bebês a tiros no colo das mães.

Nossa casa ficava no alto de uma colina junto à estrada e, quando eu era pequeno, era raro ver passar por ali mais de um ou dois carros por dia. Bem na frente, a 100 metros da porta de casa, ficavam as ruínas de um castelo feudal.

No alto da colina seguinte ficavam a prefeitura, a igreja católica onde minha mãe obrigava todos nós a assistir à missa de domingo, a *Gasthaus* ou hospedaria da região – que era o centro de convivência do povoado – e a pré-escola na qual estudávamos eu e meu irmão, Meinhard, um ano mais velho.

As primeiras lembranças que tenho são de minha mãe lavando roupa e meu pai recolhendo carvão com uma pá. Eu não devia ter mais de 3 anos, mas a imagem que guardo dele é especialmente vívida na minha memória. Era um

sujeito grande, atlético, e fazia muitas coisas sozinho. Todos os anos, no outono, recebíamos nosso estoque de carvão para o inverno, um carregamento trazido de caminhão e despejado em uma pilha em frente à casa, e nesse dia específico do qual me lembro meu pai deixou que Meinhard e eu ajudássemos a levar o carvão para o porão de casa. Nós sempre ficávamos muito orgulhosos de ser seus assistentes.

Tanto meu pai quanto minha mãe vinham de famílias da classe trabalhadora mais ao norte do país, em sua maioria operários de fábricas da indústria siderúrgica. No caos que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, os dois haviam se conhecido na cidade de Mürzzuschlag, onde Aurelia Jadrny, minha mãe, trabalhava no escritório de um centro de distribuição de alimentos da prefeitura. Aos 20 e poucos anos, a guerra a tornara viúva – perdera o marido apenas oito meses depois do casamento. Certo dia de manhã, quando estava em sua mesa trabalhando, ela reparou no meu pai passando na rua – um homem mais velho, de quase 40 anos, mas alto, bonito e com o uniforme da *Gendarmerie*, a polícia rural. Minha mãe tinha loucura por homens de uniforme e depois desse dia passou a ficar de olho nele. Descobriu o horário do turno de meu pai para ter certeza de que ela estaria em sua mesa trabalhando. Os dois conversavam pela janela aberta e ela lhe dava um pouco da comida que estivesse disponível no dia.

Meu pai chamava-se Gustav Schwarzenegger. Os dois se casaram em 1945, ele com 38 anos, ela com 23. Ele foi transferido para Thal e encarregado de liderar um grupo de quatro agentes responsáveis pelo povoado e seus arredores. O salário mal dava para viver, mas o emprego lhe oferecia uma casa para morar: o antigo refúgio do guarda florestal, ou *Forsthaus*. O guarda florestal, *Forstmeister*, morava no térreo, enquanto o *Inspektor* e sua família ocupavam o primeiro andar.

A casa em que passei minha infância era uma construção muito simples e simétrica, feita de pedra e tijolo, com paredes grossas e janelas pequeninas para proteger o interior do rigor dos invernos alpinos. Tínhamos dois quartos de dormir, cada qual com um braseiro para aquecer o ambiente, e uma cozinha, que era onde comíamos, fazíamos os deveres de casa, tomávamos banho e brincávamos. A fonte de calefação da cozinha era o fogão de minha mãe.

Não havia água encanada, nem chuveiro ou privada com descarga, apenas uma espécie de penico. O poço mais próximo ficava a quase 500 metros de distância, e, mesmo quando chovia forte ou nevava, um de nós tinha que ir até lá. Por causa disso, usávamos a menor quantidade de água possível. Nós a esquentávamos para encher a tina onde nos lavávamos com uma esponja ou luva de banho – minha mãe tomava banho primeiro, com a água limpa, em seguida meu pai, e por último Meinhard e eu. Não tinha importância que a água ficasse um pouco mais escura, contanto que pudéssemos evitar uma ida ao poço.

Nossos móveis eram de madeira, muito simples, e tínhamos poucas

lâmpadas elétricas. Apesar de meu pai gostar de quadros e antiguidades, não tinha dinheiro para esse tipo de luxo quando éramos pequenos. Eram a música e os gatos de estimação que animavam nossa casa. Minha mãe tocava cítara e entoava canções e cantigas de ninar, mas o verdadeiro músico era meu pai. Ele sabia tocar qualquer instrumento de sopro: trompete, corneta, saxofone, clarineta. Também compunha melodias e era maestro da banda da *Gendarmerie* da região – sempre que um agente de polícia morria no nosso estado, a banda dele ia tocar no enterro. Durante o verão, aos domingos, muitas vezes íamos assistir a concertos no parque, e meu pai regia e tocava de vez em quando. A maioria de nossos parentes do lado paterno tinha aptidão para a música, mas nem eu nem Meinhard herdamos esse talento.

Não sei muito bem por que tínhamos gatos em vez de cachorros. Talvez porque minha mãe os adorasse, e também pelo fato de esses animais não darem despesa alguma, já que caçavam a própria comida. Seja como for, sempre tivemos muitos gatos. Eles viviam entrando e saindo, enroscando-se para dormir em algum canto ou trazendo camundongos agonizantes do sótão para mostrar como eram bons caçadores. Cada um de nós tinha seu próprio gato para se aconchegar à noite na cama – esse era o nosso costume. Houve uma época em que tínhamos sete gatos. Gostávamos deles, mas nunca além da conta, pois ir ao veterinário era um conceito que não existia. Se algum dos gatos começasse a perder o prumo por estar doente ou velho, nós esperávamos para ouvir o som no quintal dos fundos – o tiro da pistola do meu pai. Minha mãe, Meinhard e eu então saíamos e fazíamos um pequeno túmulo com uma cruzinha por cima.

Minha mãe tinha uma gata preta chamada Mooki que ela sempre dizia ser especial, embora nenhum de nós entendesse por quê. Certo dia – eu devia ter uns 10 anos –, estava discutindo com minha mãe porque não queria fazer o dever de casa. Mooki, como sempre, estava na sala, aninhada no sofá. Eu devo ter dito alguma coisa bem malcriada, porque minha mãe avançou para me dar um tapa na cara. Eu vi que ela ia me bater e tentei me esquivar, mas acabei acertando-a com a parte de trás do braço. Em um segundo, a gata se levantou do sofá, pulou entre nós dois e começou a arranhar meu rosto. Arranquei-a de cima de mim e gritei: "Ai! O que é isso?" Minha mãe e eu nos entreolhamos e começamos a rir, enquanto o sangue escorria da minha bochecha. Ela finalmente pôde comprovar que Mooki era especial.

Depois do turbilhão da guerra, o que meus pais mais desejavam era ter estabilidade e segurança. Minha mãe era uma mulher grandona, de corpo quadrado, sólida e ativa, e era também uma *Hausfrau* tradicional, que mantinha a casa sempre um brinco. Enrolava os tapetes, ficava agachada no chão para esfregar as tábuas do piso com escova e sabão, depois as secava com um pano. Tinha obsessão por manter as roupas sempre bem penduradas e os lençóis e toalhas dobrados com precisão, com os cantos perfeitos. Atrás da casa, ela plantava beterrabas, tomates e frutas silvestres para nos alimentar, e no outono preparava conservas e chucrute e os colocava em grossos frascos de

vidro para o inverno. Sempre que meu pai chegava da delegacia, ao meio-dia e meia, o almoço já estava pronto, e o mesmo acontecia com o jantar quando ele voltava para casa às seis em ponto.

Mamãe também cuidava das finanças. Como tinha trabalhado em tarefas administrativas na prefeitura, era muito organizada e boa em redação e matemática. Todo mês, quando meu pai recebia o salário, ela dava a ele 500 *schillings* de mesada e guardava o restante para sustentar a casa. Cuidava de toda a correspondência da família e pagava as contas mensais. Uma vez por ano, sempre em dezembro, ela nos levava para comprar roupas. Pegávamos um ônibus e atravessávamos um cume de morro até Graz, onde ficava a loja de departamentos Kastner & Öhler. O velho prédio tinha apenas dois ou três andares, mas para nós era tão grande quanto o gigantesco shopping Mall of America. Tinha escadas rolantes e um elevador transparente de metal e vidro do qual podíamos ver tudo ao subir e descer. Para mim, mamãe comprava apenas os itens de necessidade básica: roupa de baixo, meias e assim por diante. Tudo era entregue em nossa casa no dia seguinte, em caprichados embrulhos de papel pardo. Nessa época, as compras parceladas eram novidade, e ela gostava muito de poder pagar uma parte do total a cada mês até quitar a dívida. Liberar pessoas como mamãe para fazer compras era uma boa forma de estimular a economia.

Embora quem tivesse treinamento para lidar com emergências fosse meu pai, também era minha mãe quem cuidava dos problemas médicos. Meu irmão e eu tivemos todas as doenças infantis imagináveis, de caxumba a escarlatina, de modo que ela pôde treinar bastante. Nada conseguia detê-la: em uma noite de inverno, quando éramos bem pequenos, Meinhard teve pneumonia e ninguém conseguiu encontrar nenhum médico ou ambulância disponível. Minha mãe enrolou o filho em uma trouxa, colocou-o nas costas e, deixando-me em casa com meu pai, percorreu quase 3,5 quilômetros a pé na neve até o hospital de Graz.

Meu pai era outra história. Podia ser um homem generoso e afetuoso, principalmente com a mulher. Os dois se amavam muito. Era possível constatar isso vendo a forma como ela lhe servia café e no jeito como ele vivia encontrando presentinhos para dar a ela, como a abraçava e lhe dava tapinhas no bumbum. Os dois compartilhavam conosco esse afeto: volta e meia, eu e meu irmão íamos para a cama deles, sobretudo se estivéssemos com medo de raios e trovões.

No entanto, mais ou menos uma vez por semana, em geral às sextas-feiras, meu pai chegava em casa bêbado. Ficava fora até as duas ou três da manhã, bebendo em sua mesa habitual da *Gasthaus* junto com os frequentadores assíduos, que em geral incluíam o padre, o diretor da escola e o prefeito da cidade. Nós acordávamos com ele batendo nos móveis, enfurecido, e gritando com minha mãe. A raiva nunca durava muito: no dia seguinte ele se mostrava carinhoso e gentil e nos levava para almoçar ou então nos dava algum presente para compensar seu comportamento. Se fizéssemos alguma bobagem, porém,

ele nos batia com a mão ou com o cinto.

Para mim e meu irmão, tudo isso parecia perfeitamente normal: todos os pais batiam nos filhos e chegavam bêbados em casa. Um deles, nosso vizinho, puxava as orelhas do filho e o perseguia com uma vara fina e flexível que deixava de molho na água para fazer as pancadas doerem mais. A bebida parecia ser apenas um elemento da camaradagem, que na maioria das vezes era bem mais delicada. De vez em quando, esposas e filhos eram convidados a ir se juntar aos maridos e pais na *Gasthaus*. Para nós, crianças, era sempre uma honra sentar com os adultos e poder comer sobremesa. Ou então nos deixavam entrar na sala ao lado, beber um pouco de Coca-Cola, nos divertir com os jogos de tabuleiro e folhear revistas ou ver TV. O relógio marcava meia-noite e nós, sentados ali, pensávamos: "Nossa, que incrível!"

Levei anos para entender que por trás dessa *Gemütlichkeit*, ou aconchego, escondiam-se amargura e medo. Nós estávamos crescendo no meio de homens que se sentiam um bando de perdedores. Sua geração havia começado a Segunda Guerra Mundial e perdera. Durante o conflito, meu pai deixara a *Gendarmerie* para se tornar policial do exército alemão. Serviu na Bélgica, na França e no norte da África, onde pegou malária. Em 1942, por pouco não foi capturado na Batalha de Leningrado, a mais sangrenta da guerra. O prédio em que ele estava foi bombardeado pelos russos. Ele passou três dias soterrado pelos escombros, fraturou a coluna e foi atingido por estilhaços nas duas pernas. Teve que passar meses em um hospital da Polônia antes de se recuperar e poder voltar à Áustria e tornar a integrar a polícia civil. Além do mais, levando em conta o que ele havia presenciado, quem poderia dizer quanto tempo suas feridas psíquicas levaram para cicatrizar? Eu ouvia os homens falarem sobre isso quando estavam embriagados e posso imaginar quanta dor as lembranças lhes causavam. Sentiam-se todos derrotados e também temerosos de que, a qualquer momento, os russos fossem aparecer e levá-los embora para reconstruir Moscou e Leningrado. Esses homens sentiam raiva. Tentavam reprimir essa fúria e a humilhação, mas a decepção estava entranhada bem fundo em seus ossos. Pense bem: você ouve a promessa de que vai se tornar cidadão de um novo e grandioso império. Todas as famílias poderão gozar dos mais modernos confortos. Em vez disso, você volta para casa e encontra uma terra arrasada, com pouquíssimo dinheiro, quase nenhuma comida, onde tudo precisa ser refeito do zero. O território está tomado pelas forças de ocupação, ou seja, você nem tem controle sobre o próprio país. Pior ainda: você não tem como assimilar as experiências pelas quais passou. Como lidar com um trauma inacreditável desses quando ninguém sequer tinha permissão para tocar no assunto?

Em vez da glória prometida, o Terceiro Reich estava sendo oficialmente apagado da história. Todos os funcionários públicos – na administração local, nas escolas, na polícia – tiveram que passar pelo que os americanos chamavam de desnazificação. Você era interrogado e todo o seu histórico era vasculhado para determinar se tinha sido um nazista convicto ou se estivera em posição de

cometer crimes de guerra. Tudo o que fosse relacionado ao período nazista era confiscado: livros, filmes, cartazes – até mesmo diários e fotografias pessoais. Você tinha que entregar tudo: o objetivo era riscar a guerra da sua memória.

Meinhard e eu tínhamos apenas uma vaga noção disso tudo. Na nossa casa havia um lindo livro de ilustrações que costumávamos pegar emprestado para "brincar de padre" e fingir que aquilo era a Bíblia, porque na verdade ele era bem maior do que a Bíblia da nossa família. Um de nós ficava em pé, segurando o livro aberto, enquanto o outro recitava a missa. Na verdade, o livro era um álbum a ser completado para promover os feitos grandiosos do Terceiro Reich. Havia seções para diferentes categorias: obras públicas, túneis e represas em construção, comícios e discursos de Hitler, imensos navios novos, novos monumentos, grandes batalhas travadas na Polônia. Cada categoria tinha páginas em branco numeradas e, sempre que a pessoa ia a uma loja comprar alguma coisa ou investia em um bônus de guerra, tirava um retrato também numerado que colava no livro. Ao completar o álbum, a pessoa ganhava um prêmio. Eu adorava as páginas que retratavam magníficas estações de trem e potentes locomotivas cuspindo vapor e ficava fascinado com a imagem de dois homens andando por uma estrada de terra em um pequeno carrinho aberto, bombeando uma alavanca para cima e para baixo e fazendo o carrinho avançar – aquilo para mim era um retrato da aventura e da liberdade.

Meinhard e eu não tínhamos a menor ideia do que estávamos vendo, mas certo dia, quando fomos brincar de padre, o álbum tinha desaparecido. Viramos a casa do avesso. Por fim, fui perguntar a minha mãe aonde aquele lindo livro tinha ido parar. Afinal de contas, aquilo era a nossa Bíblia! Tudo o que ela respondeu foi: "Tivemos que entregar o livro." Eu costumava pedir ao meu pai que me contasse algo sobre a guerra, ou então lhe fazia perguntas sobre o que ele tinha visto ou as experiências pelas quais tinha passado. Sua resposta era sempre a mesma: "Não há nada para contar."

A resposta dele para a vida era a disciplina. Tínhamos uma rotina rígida e nada nela podia mudar: acordávamos às seis da manhã, e eu ou Meinhard tínhamos que ir buscar leite na fazenda vizinha. Quando ficamos um pouco mais velhos e começamos a praticar esportes, o exercício físico entrou para o rol das tarefas obrigatórias, e tínhamos que fazer jus ao café da manhã com abdominais. À tarde, depois de terminados os deveres escolares e as tarefas domésticas, meu pai nos fazia jogar futebol, independentemente do tempo que estivesse fazendo. Quando errávamos alguma jogada, sabíamos que ele gritaria com a gente.

Meu pai acreditava com essa mesma convicção em treinar nossos cérebros. Aos domingos, depois da missa, ele nos levava para um passeio em família: podia ser uma visita a outro povoado, uma peça de teatro, ou vê-lo se apresentar com a banda da polícia. Então, à noite, tínhamos que escrever um relatório de pelo menos 10 páginas sobre nossas atividades. Ele nos devolvia os relatórios cheios de comentários escritos em vermelho e, se tivéssemos errado

a grafia de alguma palavra, éramos obrigados a copiá-la 50 vezes.

Eu amava meu pai e queria muito ser igual a ele. Lembro-me de uma vez, quando era pequeno, em que vesti seu uniforme de policial e subi em uma cadeira em frente ao espelho. O paletó descia quase até meus pés, mais parecendo uma túnica, e o quepe caía por cima do meu nariz. Mas ele não tinha paciência para os nossos problemas. Se quiséssemos uma bicicleta, dizia-nos para ganhar nosso próprio dinheiro e comprá-la. Nunca soube o que era ser bom o suficiente, forte o suficiente, inteligente o suficiente. Meu pai sempre me dizia que havia como melhorar. Muitos meninos teriam ficado traumatizados com essa exigência toda, mas no meu caso a disciplina surtiu efeito. Eu a transformei em determinação.

Meinhard e eu éramos muito chegados. Dormimos no mesmo quarto até eu completar 18 anos e sair de casa para me alistar no exército, mas eu nunca quis que fosse diferente. Até hoje me sinto mais confortável quando tenho alguém para conversar até pegar no sono.

Éramos ultracompetitivos, como os irmãos muitas vezes são – vivíamos tentando superar um ao outro e conquistar a aprovação de nosso pai, que, naturalmente, também era um atleta competitivo. Ele organizava corridas para nós e dizia: "Agora vamos ver quem é o melhor de verdade." Éramos maiores do que a maioria dos outros meninos, mas, como eu era um ano mais novo, em geral quem ganhava essas competições era Meinhard.

No entanto, eu estava sempre atento para encontrar jeitos de tomar a dianteira. O ponto fraco de Meinhard era o medo do escuro. Aos 10 anos, ele terminou a primeira etapa do ensino fundamental, de quatro anos, em nosso povoado e ingressou na *Hauptschule*, que ficava em Graz, do outro lado do morro, para cursar a segunda etapa. Para chegar lá era preciso pegar o transporte público, e o ponto de ônibus ficava a uns 20 minutos de caminhada da nossa casa. O problema era que as atividades escolares em geral duravam até bem depois de o sol se pôr nos curtos dias de inverno, então Meinhard precisava voltar para casa após escurecer. Tinha muito medo de voltar sozinho, então passou a caber a mim a tarefa de buscá-lo no ponto de ônibus.

Na verdade, aos 9 anos eu também tinha medo de sair sozinho no escuro. Não havia iluminação nas ruas, e Thal à noite era um breu. As ruas e as trilhas eram margeadas por florestas de pinheiros como nos contos dos irmãos Grimm, tão densas que eram escuras até de dia. É claro que nós dois tínhamos crescido escutando aquelas histórias horríveis que eu jamais leria para meus filhos, mas que faziam parte da nossa cultura. Havia sempre alguma bruxa, um lobo ou monstro à espreita para fazer mal à criança. Ter um pai policial também alimentava nossos temores. Às vezes ele nos levava para acompanhá-lo em sua ronda e dizia estar procurando esse ou aquele criminoso ou assassino. Chegávamos a algum celeiro isolado no meio de um campo e ele nos mandava esperar enquanto, de arma em punho, examinava o local. Ou então circulava a notícia de que ele e seus homens tinham capturado algum bandido, e meu irmão e eu corríamos até a delegacia para ver o sujeito lá, sentado,

algemado a uma cadeira.

Para chegar ao ponto de ônibus, não bastava apenas caminhar por uma rua. A trilha de terra batida serpenteava pelas ruínas do castelo e descia o morro pela extremidade da floresta. Certa noite, eu estava andando por esse caminho, de olho nas árvores para o caso de algum perigo surgir, quando de repente, do nada, um homem apareceu na minha frente. A luz da lua permitia distinguir apenas seu contorno e dois olhos brilhantes. Dei um grito e fiquei paralisado – na verdade, era apenas um dos agricultores da região andando na direção contrária, mas, se fosse um duende, com certeza teria me pegado.

A necessidade de provar que eu era mais forte foi o principal motivo para eu superar o medo. Era extremamente importante mostrar a meus pais que eu era corajoso e Meinhard não, mesmo ele sendo um ano e 14 dias mais velho.

Essa determinação rendeu frutos. Pelo trabalho de ir buscar Meinhard, meu pai me dava cinco *schillings* por semana. Minha mãe aproveitava meu destemor para me mandar ao mercado de produtores toda semana comprar legumes e verduras, o que me obrigava a atravessar outra floresta escura. Essa tarefa me rendia mais cinco *schillings*, dinheiro que eu gastava alegremente em sorvetes ou em selos para minha coleção.

O lado ruim, porém, foi que meus pais passaram a proteger Meinhard ainda mais e a me dar menos atenção. No verão daquele ano, durante as férias escolares, eles me mandaram trabalhar na fazenda da minha avó, mas deixaram meu irmão ficar em casa. Eu gostava do trabalho físico, mas me senti preterido quando voltei para casa e descobri que eles tinham levado Meinhard para visitar Viena sem mim.

Aos poucos, fomos seguindo caminhos diferentes. Enquanto eu lia o caderno de esportes do jornal e decorava o nome dos atletas, Meinhard desenvolveu uma paixão pela leitura da *Der Spiegel*, equivalente alemã da revista *Time* – isso era inédito na nossa família. Meu irmão se dedicou a aprender o nome e a população de todas as capitais do mundo, e o nome e a extensão de todos os rios importantes. Decorou a tabela periódica e fórmulas químicas. Era fanático por fatos e desafiava nosso pai o tempo inteiro para testar o que ele sabia.

Ao mesmo tempo, Meinhard adquiriu verdadeira aversão ao trabalho físico. Ele não gostava de sujar as mãos e começou a usar camisas brancas todo dia para ir à escola. Minha mãe aceitou, mas reclamou comigo: "Pensei que já tivesse trabalho suficiente lavando as camisas brancas do seu pai. E agora lá me vem *ele* com mais camisas brancas." A família não demorou muito para começar a prever que Meinhard seria um trabalhador de colarinho branco, quem sabe um engenheiro, enquanto eu seria um trabalhador braçal, pois não me importava nem um pouco em sujar as mãos. "Você quer ser mecânico?", perguntavam meus pais. "Ou que tal marceneiro?" Ou então achavam que eu poderia me tornar policial, como meu pai.

Meus planos, porém, eram outros. Não sei muito bem como, mas um pensamento havia tomado forma na minha mente: meu lugar era nos Estados

Unidos. Não havia nada mais concreto que isso. Apenas os Estados Unidos. Não tenho certeza do que provocou isso. Talvez fosse para fugir das dificuldades de Thal e da mão de ferro do meu pai, ou talvez fosse a animação da ida diária a Graz, onde, no outono de 1957, segui Meinhard rumo à *Hauptschule* e comecei a quinta série. Em comparação com Thal, Graz era uma gigantesca metrópole, com tudo a que se tinha direito: carros, lojas, calçadas. Não havia nenhum americano lá, mas os Estados Unidos começavam a influenciar nossa cultura. Todas as crianças sabiam brincar de caubói e índio. Víamos imagens de cidades, subúrbios, marcos arquitetônicos e autoestradas americanos em nossos livros escolares e nos documentários granulados em preto e branco exibidos no antigo projetor de nossa sala de aula.

Mais importante ainda: sabíamos que nossa segurança dependia dos Estados Unidos. Na Áustria, a Guerra Fria não demorou a começar. Sempre que havia alguma crise, meu pai tinha que arrumar a mochila e partir para a fronteira com a Hungria, quase 90 quilômetros a leste, para ajudar a guarnecer as defesas do país. Um ano antes, em 1956, quando os soviéticos haviam esmagado a revolução húngara, ele ficara encarregado de cuidar das centenas de refugiados que acorriam à nossa região. Participou da montagem dos campos de reassentamento e ajudou os refugiados a chegarem aonde quisessem ir. Alguns optaram pelo Canadá, outros preferiram ficar na Áustria e, naturalmente, muitos escolheram ir para os Estados Unidos. Meu pai e seus homens trabalhavam diretamente com as famílias, e ele levava a mim e Meinhard para ajudar na distribuição da sopa, o que me causou forte impressão.

NOSSA EDUCAÇÃO EM RELAÇÃO AO MUNDO CONTINUAVA no NonStop Kino, um cinejornal perto da praça central de Graz. Primeiro havia um noticiário com imagens do mundo inteiro dublado em alemão, depois um desenho do Mickey ou de algum outro personagem e em seguida comerciais com imagens estáticas de lojas variadas em Graz. No final havia uma música e a transmissão recomeçava. O NonStop não era muito caro – uns poucos *schillings* – e cada noticiário parecia trazer novas maravilhas: Elvis Presley cantando "Hound Dog", o presidente Dwight Eisenhower pronunciando um discurso. Clipes de empresas aéreas, carros americanos com design aerodinâmico, estrelas de cinema. São essas as imagens de que me lembro. Havia também coisas chatas, é claro, e coisas das quais eu nem sequer me dava conta, como a crise do canal de Suez em 1956.

Os filmes americanos causavam uma impressão ainda mais profunda. O primeiro que Meinhard e eu vimos foi um do Tarzã, estrelado por Johnny Weissmuller. Eu achava que ele fosse largar o cipó e saltar da tela para cima da plateia. Pensar que um ser humano pudesse se balançar de galho em galho e conversar com leões e chimpanzés era fascinante, assim como a história de Tarzã com Jane. Para mim, aquilo era uma vida boa. Meinhard e eu voltamos várias vezes para rever o filme.

Sempre frequentávamos dois cinemas que ficavam um de frente para o outro na rua comercial mais movimentada de Graz. Em geral exibiam filmes de faroeste, mas também comédias e dramas. O único problema era a rígida aplicação do sistema de classificação etária. Um policial ficava postado no cinema para verificar a idade das pessoas que entravam. Era bem fácil entrar para ver o filme do Elvis, equivalente a um filme atual com censura 14 anos, mas todos os filmes que eu queria ver – faroestes, histórias de gladiadores e de guerra – estavam mais para censura 16 anos, e portanto era muito mais difícil conseguir entrar na sala de exibição. Às vezes um bilheteiro camarada me deixava esperar o filme começar e então meneava a cabeça em direção ao corredor em que o policial estava. Outras vezes eu ficava esperando perto da saída lateral e entrava na sala andando de costas.

Minha diversão era bancada pelo dinheiro ganho graças a meu primeiro empreendimento: vender sorvete no Thalersee no verão anterior. O Thalersee era um parque público onde havia um lindo lago aninhado nas montanhas no extremo leste de Thal, uns cinco minutos a pé de nossa casa. Era fácil ir de Graz até o lago e, no verão, milhares de pessoas iam passar o dia lá para relaxar, nadar ou remar e praticar outros esportes. Quando a tarde caía, estavam todos com calor e sede, e ao ver pessoas fazendo fila na barraquinha de sorvete do terraço, percebi que ali havia uma oportunidade a ser explorada. O parque era bem grande e, dependendo de onde estivesse a sua toalha, para ir ao terraço você precisaria caminhar 10 minutos. Quando você voltasse, seu sorvete já teria derretido. Descobri que eu podia comprar dezenas de sorvetes de casquinha por 1 *schilling* cada um, depois sair andando pelo lago e revendê-los por 3 *schillings*. O dono da sorveteria gostou dessa renda extra e chegou a me emprestar um isopor para conservar os sorvetes por mais tempo. Com a venda, eu podia ganhar 150 *schillings* – quase 6 dólares – em uma única tarde, além de um belo bronzeado de tanto andar para lá e para cá só de short.

Depois de algum tempo, meu dinheiro dos sorvetes acabou e eu não gostei nem um pouco de ficar pobre. A solução que inventei naquele outono foi pedir esmolas. Eu matava aula e ficava perambulando pela rua principal de Graz em busca de um rosto bondoso. Podia ser um homem de meia-idade ou então um estudante. Ou ainda uma agricultora que estivesse passando o dia na cidade. Eu abordava a pessoa e dizia: "Desculpe, mas eu perdi meu dinheiro e meu passe de ônibus e preciso voltar para casa." Às vezes me enxotavam, mas em geral me diziam algo do tipo: "*Du bist so dumm!*", que significava: "Como você foi tão idiota a ponto de fazer isso?" Então nessa hora eu sabia que a pessoa estava no papo, pois em seguida ela suspirava e dizia: "Certo, de quanto você precisa?"

"Cinco *schillings.*"

E ela dizia: "Está bem. *Ja.*"

Eu sempre pedia às senhoras que me dessem seus endereços, de modo que eu pudesse lhes devolver o dinheiro. Em geral elas me respondiam "Não, não precisa me pagar. É só tomar cuidado da próxima vez", embora às vezes uma

ou outra anotasse o endereço. É claro que eu não tinha a menor intenção de pagar a dívida. Nos meus melhores dias, eu conseguia juntar 100 *schillings* – equivalentes a quase 4 dólares. Isso bastava para ir à loja de brinquedos, ao cinema, em suma, ter uma vida de rei!

Meus golpes só não eram perfeitos porque um menino em idade escolar sozinho no meio de um dia de semana atraía atenção. E várias pessoas em Graz conheciam meu pai. Então, foi inevitável: um dia, alguém disse a ele que tinha visto seu filho na cidade, pedindo dinheiro a uma mulher na rua. Isso causou grande rebuliço em casa, levei uma surra de dar dó e foi o fim da minha carreira de pedinte.

ESSAS PRIMEIRAS SAÍDAS DE THAL alimentaram meus sonhos. Fiquei absolutamente convencido de que eu era especial e de que o destino me reservava algo maior. Sabia que seria o melhor em alguma coisa – embora não soubesse ainda em quê – e que isso me tornaria famoso. Os Estados Unidos eram o país mais poderoso, então era para lá que eu iria.

Não é raro que crianças de 10 anos tenham sonhos de grandeza. Mas a ideia de ir para os Estados Unidos foi como uma revelação para mim, e eu realmente a levei a sério. Costumava falar sobre o assunto. Certo dia, enquanto esperava o ônibus no ponto, falei para uma menina alguns anos mais velha:

– Eu vou para os Estados Unidos.

Ela apenas olhou para mim e respondeu:

– Ah, sim, Arnold, claro.

As outras crianças se acostumaram a me ouvir falar nisso e me achavam esquisito, o que não me impedia de compartilhar meus planos com qualquer um: meus pais, professores, vizinhos.

A *Hauptschule*, ou o equivalente à segunda etapa do ensino fundamental, não tinha estofo para formar um futuro líder mundial. Ela se destinava a preparar as crianças para o trabalho. Meninos e meninas ficavam segregados em partes diferentes do prédio. Os alunos aprendiam os rudimentos de matemática, ciências, geografia, história, religião, línguas modernas, artes, música e outras matérias, mas em um ritmo mais lento que o das escolas acadêmicas, que preparam as crianças para ingressar na universidade. Concluir a *Hauptschule* em geral significava seguir para uma escola técnica ou virar aprendiz de algum ofício, ou então começar logo a trabalhar. Apesar disso, os professores se dedicavam com afinco a nos tornar inteligentes e enriquecer nossas vidas de todas as formas possíveis. Exibiam filmes, convidavam cantores de ópera, nos apresentavam a obras de literatura, de arte, e assim por diante.

Minha curiosidade em relação ao mundo era tamanha que a escola não era nenhum grande problema. Eu aprendia as lições, fazia os deveres de casa e sentava-me bem no meio da sala. Ler e escrever me exigiam disciplina – eram tarefas mais árduas para mim do que pareciam ser para alguns dos meus colegas. Por outro lado, eu tinha facilidade com matemática: nunca esquecia

nenhum número e sabia fazer cálculos de cabeça.

A disciplina da escola não era muito diferente da de casa. Pelo menos os professores batiam com menos força que nossos pais. Se um aluno fosse pego roubando a caneta de algum colega, o padre da escola batia nele com tanta força com o livro de catecismo que o aluno passava horas com os ouvidos apitando. Certa vez o professor de matemática acertou um amigo meu atrás da cabeça tão violentamente que ele bateu de cara na mesa e quebrou dois dentes da frente. As reuniões de pais e mestres eram o contrário de hoje em dia, quando tanto a escola quanto os pais se esforçam para não constranger a criança. Os 30 alunos da turma tinham que ficar sentados em suas carteiras, e o professor dizia: "Este é seu dever de casa. Podem ficar fazendo nas próximas duas horas enquanto seus pais vêm aqui conversar comigo." E os pais e mães iam chegando em sucessão: a mãe agricultora, o pai operário de fábrica. Era quase sempre a mesma cena. Cumprimentavam o professor com todo o respeito, depois se sentavam e ele lhes mostrava papéis que tinha sobre a mesa enquanto falavam em voz baixa sobre o desempenho da criança. Então o pai dizia: "Mas ele costuma dar trabalho?" Virando-se, lançava ao filho um olhar zangado, depois se levantava para ir dar um tabefe bem forte no garoto e voltava para a mesa do professor. Todos nós já sabíamos que aquilo iria acontecer e ficávamos rindo entre dentes.

Então eu ouvia meu pai subindo a escada. Conhecia os passos dele, com suas botas de policial. Ele aparecia de uniforme na porta e o professor então se levantava em sinal de respeito, pois ele era o *Inspektor*. Os dois se sentavam para conversar e chegava a minha vez: eu via meu pai olhar para mim, então ele se aproximava, me pegava pelos cabelos com a mão esquerda e *pum!* com a direita. Em seguida se afastava sem dizer nada.

Era uma época difícil. As agruras faziam parte do dia a dia. Dentistas, por exemplo, não usavam anestesia. Quando você cresce nesse tipo de ambiente duro, nunca se esquece de como suportar castigos físicos, mesmo bem depois de os tempos árduos ficarem para trás.

DEPOIS QUE MEINHARD COMPLETOU 14 ANOS, sempre que se aborrecia com alguma coisa em casa, ele fugia. Ele me dizia: "Acho que vou embora de novo. Mas não diga nada." Então guardava algumas roupas na bolsa da escola para ninguém perceber e sumia.

Minha mãe ficava louca. Meu pai tinha que ligar para todos os seus amigos nas outras delegacias da *Gendarmerie* à procura do filho. Era uma forma incrivelmente eficaz de se rebelar quando seu pai era chefe de polícia.

Dali a um ou dois dias, Meinhard aparecia, em geral na casa de algum parente, ou às vezes apenas escondido na casa de um amigo perto da nossa. Eu sempre ficava pasmo por ele não sofrer consequências. Talvez meu pai só estivesse tentando pôr panos quentes na situação. Em sua carreira de policial ele já vira fugas suficientes para saber que punir Meinhard talvez só piorasse o problema. Mas aposto que isso exigia todo o seu autocontrole.

Meu desejo era sair de casa sem atropelos. Como ainda era criança, resolvi que a melhor forma de me tornar independente era cuidar da minha vida e ganhar meu próprio dinheiro. Eu fazia qualquer tipo de trabalho. Não via o menor problema em pegar uma pá e cavar. Houve um verão, durante as férias escolares, em que um morador de nosso povoado me conseguiu um emprego na fábrica de vidro de Graz em que ele trabalhava. Minha tarefa era transferir uma enorme pilha de cacos de vidro para um recipiente com rodinhas usando uma pá, empurrá-lo pela fábrica e despejar o vidro dentro de um tonel para que tornasse a ser derretido. Ao final de cada dia, recebia o pagamento em espécie.

No verão seguinte, ouvi dizer que talvez houvesse trabalho em uma serraria de Graz. Peguei minha mochila e preparei um pão com manteiga para matar a fome até voltar para casa. Então tomei um ônibus até a serraria, juntei coragem, entrei e pedi para falar com o dono.

Fui conduzido até o escritório e lá estava ele, sentado na cadeira.

– O que você quer? – perguntou ele.

– Estou procurando emprego.

– Quantos anos você tem?

– Catorze.

E ele respondeu:

– O que você quer fazer? Não aprendeu nada ainda!

Mesmo assim, ele me levou até a fábrica e me apresentou a alguns dos homens e mulheres que operavam uma máquina que transformava restos de toras de madeira em aparas para serem usadas em lareiras.

– Você vai trabalhar nesta seção aqui – disse ele.

Comecei naquele dia mesmo e passei o resto das férias trabalhando na serraria. Uma das minhas tarefas era transferir, com uma pá, imensas montanhas de serragem para caminhões que a levavam embora. Ganhei 1.400 *schillings*, o equivalente a 55 dólares. Era um bom dinheiro na época. O que me deu mais orgulho foi que, embora eu fosse criança, eles me pagaram um salário de adulto.

Eu sabia exatamente o que fazer com aquele dinheiro. Passara a vida inteira usando roupas herdadas de Meinhard, pois nunca tinha tido nenhuma roupa minha. Eu havia começado recentemente a me interessar por esportes – fazia parte do time de futebol da escola – e por acaso, nesse ano, as primeiras roupas esportivas estavam começando a entrar na moda: calça comprida preta e casaco preto com zíper na frente. Eu achava esses conjuntos o máximo e chegara a tentar mostrar a meus pais fotos de atletas vestidos assim nas revistas. Mas eles tinham dito que não, que aquilo era jogar dinheiro fora. Então a primeira coisa que comprei foi um conjunto de calça e casaco esportivos. Com o dinheiro que sobrou, adquiri uma bicicleta. Não tive o suficiente para uma nova, mas em Thal havia um senhor que montava bicicletas com peças usadas, e pude comprar uma das suas. Ninguém mais na nossa casa tinha bicicleta: meu pai trocara a dele por comida depois da guerra

e nunca mais comprara outra. Mesmo que a minha bicicleta não fosse perfeita, ser dono daquelas rodas significava ser livre.

A construção de um corpo

MINHA LEMBRANÇA MAIS FORTE DO ÚLTIMO ANO na *Hauptschule* são as simulações de emergência. Em caso de conflito nuclear, as sirenes tocariam. Nos testes, tínhamos que fechar os livros e nos esconder debaixo das carteiras, com as cabeças entre os joelhos e os olhos bem fechados. Até mesmo um menino de 10 anos podia entender quanto isso era ridículo.

Em junho de 1961, ficamos todos grudados na televisão assistindo à cúpula de Viena entre o novo presidente americano, John F. Kennedy, e o premiê soviético, Nikita Kruschev. Raras eram as famílias que tinham TV em casa, mas conhecíamos uma loja de material elétrico na Lendplatz de Graz em cuja vitrine havia dois aparelhos. Corremos até lá e ficamos em pé na calçada para assistir às notícias sobre as reuniões. Kennedy assumira a presidência havia menos de seis meses, e a maioria dos especialistas considerava um erro crasso negociar com Kruschev assim tão cedo, pois o primeiro-ministro era duro, articulado e tremendamente astuto. Nós, crianças, não tínhamos opinião sobre o assunto e, de toda forma, como o televisor ficava dentro da loja, não podíamos escutar o som. Mas podíamos ver! Nós fazíamos parte da ação.

Estávamos vivendo uma situação assustadora. Toda vez que Rússia e Estados Unidos discordavam sobre alguma coisa, nós nos sentíamos condenados. Como a Áustria ficava bem no meio dos dois, achávamos que Kruschev fosse fazer algo terrível com nosso país, e fora justamente por esse motivo que a cúpula tinha sido organizada em Viena. O encontro não correu nada bem. Em determinado momento, depois de fazer uma exigência hostil, Kruschev disse: "Cabe aos Estados Unidos decidir se haverá guerra ou paz", e a resposta de Kennedy foi ameaçadora: "Neste caso, Sr. Primeiro-Secretário, haverá guerra. Temos um frio e longo inverno pela frente." Naquele outono, quando Kruschev ergueu o Muro em Berlim, podia-se ouvir os adultos comentando entre si: "Pronto, é isso." Na época a *Gendarmerie* era a coisa mais próxima de um exército na Áustria, e meu pai teve que ir para a fronteira, de uniforme militar, levando todo o seu equipamento. Passou uma semana fora de casa até a crise se acalmar.

ENQUANTO ISSO, HAVIA MUITA TENSÃO E várias simulações de emergência. Minha turma de cerca de 30 meninos adolescentes tinha testosterona saindo

pelo ladrão, mas ninguém queria uma guerra. Estávamos mais interessados em meninas. Elas eram um mistério, ainda mais para meninos como eu, que não tinham irmã, e a única hora em que as víamos na escola era antes de as aulas começarem, no pátio, porque elas ficavam em uma ala reservada do prédio. Eram as mesmas meninas com as quais tínhamos sido criados a vida inteira, mas de repente pareciam extraterrestres. Como conversar com elas? Havíamos acabado de chegar à fase de sentir atração sexual, mas esta se manifestava de maneiras estranhas – como na manhã em que montamos uma tocaia para bombardear as garotas com bolas de neve no pátio antes da aula.

Nossa primeira aula do dia era de matemática. Em vez de abrir o livro, o professor disse: "Eu vi o que vocês fizeram lá fora. É melhor conversarmos sobre isso."

Ficamos com medo de levar uma tremenda bronca – aquele professor era o mesmo que tinha quebrado os dentes da frente do meu amigo. Nesse dia, porém, ele adotou uma abordagem não violenta. "Vocês querem que aquelas meninas gostem de vocês, não é?" Alguns de nós fizeram que sim com a cabeça. "É natural quererem isso, porque nós amamos o sexo oposto. Daqui a algum tempo, vocês vão querer beijá-las, abraçá-las e fazer amor com elas. Não é isso que todo mundo aqui quer fazer?" Mais alunos aquiesceram. "Então não venham me dizer que faz sentido jogar bolas de neve na cara de uma menina! Isso lá é jeito de expressar o seu amor? É assim que se diz 'Eu gosto muito de você'? Onde vocês foram arranjar essa ideia?" Desse modo ele realmente conseguiu prender nossa atenção. "Quando *eu* penso nas primeiras vezes que me aproximei das garotas, lembro que as elogiava e beijava, depois as abraçava e as fazia se sentirem bem. Era isso que eu fazia."

Muitos de nossos pais nunca tinham tido essa conversa conosco. Percebemos que, se quiséssemos uma garota, seria preciso fazer um esforço para travar uma conversa normal, não apenas ficar babando como um cão excitado. E seria necessário criar um nível de conforto. Eu também tinha atirado bolas de neve. Então ouvi atentamente essas dicas e as guardei com cuidado.

Na última semana de aula, tive uma revelação sobre o meu futuro. Por mais estranho que pareça, aconteceu enquanto eu estava redigindo um dever da escola. O professor de história sempre gostava de escolher quatro ou cinco alunos, distribuir partes do jornal e pedir que eles escrevessem pequenas resenhas sobre algum artigo ou foto que os interessasse. Dessa vez, por acaso fui escolhido e ele me entregou a página de esportes. Nela estava estampada uma foto do Mister Áustria, Kurt Marnul, batendo um recorde no supino com barra: 190 quilos.

Fiquei inspirado pelo feito daquele homem. No entanto, o que mais me espantou foi o fato de ele usar óculos. Eles eram diferentes, com lentes meio escuras. Eu associava óculos a intelectuais, professores e padres. Mas ali estava Kurt Marnul deitado no banco, usando uma camiseta sem manga, com a cintura fininha, o peito imenso, segurando todo aquele peso – e ele estava de

óculos. Não consegui tirar os olhos da imagem. Como era possível a um homem que parecia um professor do pescoço para cima levantar 190 quilos no supino? Foi isso que escrevi na minha resenha. Li o texto em voz alta para a turma e fiquei satisfeito quando todos riram. Porém o que mais me fascinou foi o fato de um homem poder ser ao mesmo tempo inteligente e forte.

Além de mais interessado pelas meninas, eu estava ficando mais consciente do meu próprio corpo. Também passei a prestar bastante atenção ao mundo esportivo: ficava observando os atletas, vendo como eles se exercitavam, como usavam o corpo. Um ano antes, aquilo não tinha a menor importância; agora significava tudo.

Assim que as aulas terminaram, meus amigos e eu fomos direto para o Thalersee, o nosso grande point do verão: era onde nadávamos, fazíamos guerras de lama e jogávamos futebol. Logo comecei a fazer amizade com os boxeadores, lutadores e outros atletas. No verão anterior, conhecera um dos salva-vidas, Willi Richter, que tinha 20 e poucos anos. Ele me deixou acompanhá-lo e ajudá-lo no trabalho. Willi era um bom atleta polivalente. Quando não estava de serviço, eu o acompanhava nos exercícios. Ele tinha bolado um treino em que usava o parque como sala de ginástica: fazia barras nas árvores, flexões e agachamentos na terra batida, corria e pulava nas trilhas. De vez em quando, contraía o bíceps para mim, fazendo pose, e eu achava aquilo incrível.

Willi era amigo de uma dupla de irmãos que eram extremamente bem desenvolvidos. Um deles estava na universidade, o outro era um pouco mais novo. Os dois se exercitavam com pesos, eram fisiculturistas, e no dia em que os conheci estavam praticando arremesso de peso. Perguntaram se eu queria tentar e começaram a me ensinar o jogo de corpo e as passadas. Então fomos até a árvore onde Willi estava novamente fazendo barras. De repente, ele falou: "Por que você não tenta?" O galho era tão grosso que eu mal conseguia segurá-lo. Era preciso ter dedos muito fortes. Consegui fazer uma ou duas barras, depois desisti. Willi voltou a falar: "Garanto que, se você treinar o verão inteiro, vai conseguir fazer 10, o que seria um feito e tanto. E aposto que os seus grandes dorsais vão aumentar um centímetro de cada lado." Ele estava se referindo aos *latissimi dorsi*, os músculos das costas que ficam logo abaixo das escápulas.

Pensei: "Que interessante, é possível conseguir isso com um único exercício." Então nós o seguimos colina acima para acompanhar o restante do seu treino. A partir desse dia, passei a me exercitar junto com ele diariamente.

No verão anterior, Willi me levara a Viena para assistir ao Campeonato Mundial de Levantamento de Peso. Fomos de carro com uma porção de outros caras e a viagem demorou quatro horas. Foi mais longa do que imaginávamos, de modo que só chegamos a tempo de ver a disputa da última categoria, a dos superpesados. O vencedor foi um russo gigantesco chamado Yuri Vlasov. O auditório estava lotado com milhares de pessoas, que começaram a gritar e se esgoelar quando ele levantou 190,5 quilos acima da cabeça. O levantamento de

peso foi seguido por um concurso de fisiculturismo, o Mister Mundo, e foi a primeira vez que vi sujeitos com o corpo besuntado de óleo e os músculos contraídos posando para exibir o físico. Depois do concurso, fomos aos bastidores ver Vlasov pessoalmente. Não sei como conseguimos entrar – talvez um dos caras conhecesse alguém através do clube de levantamento de peso de Graz.

Foi uma aventura e eu me diverti bastante, mas, aos 13 anos, não achava que nada daquilo tivesse a ver comigo. Um ano depois, porém, a ficha estava começando a cair e percebi que eu também queria ser forte e musculoso. Acabara de assistir ao filme *Hércules na conquista de Atlântida* e tinha adorado. Ficara muito impressionado com o corpo do protagonista.

– Você sabe que ator é esse, não sabe? – indagou Willi. – É o Mister Universo, Reg Park. – Contei a ele sobre meu trabalho na escola e Willi me disse que estava presente quando Kurt Marnul havia quebrado o tal recorde no supino. – Ele é amigo meu – completou.

Alguns dias depois, ele anunciou:

– Hoje à noite Kurt Marnul vai ao lago. Aquele cara que você viu na foto, sabe?

– Que ótimo! – falei. E fiquei esperando com um dos meus colegas de escola. Estávamos nadando e fazendo nossas habituais guerras de lama quando Marnul finalmente apareceu com uma linda garota.

Ele estava usando uma camiseta justa, calça preta e aqueles mesmos óculos de lentes escuras. Depois de trocar de roupa na cabine do salva-vidas, saiu usando uma sunga minúscula. Ficamos todos embasbacados. Que corpo inacreditável! Marnul era conhecido pelos deltoides e trapézios gigantescos, e era verdade: seus ombros eram descomunais. Também tinha cintura fina e abdômen definido – o visual completo.

Então a garota que estava com ele vestiu um biquíni e vimos que ela também era lindíssima. Nós os cumprimentamos e depois ficamos por perto, vendo-os nadar.

Agora eu estava mesmo inspirado. Acabamos descobrindo que Marnul sempre ia ao lago, muitas vezes com garotas incríveis. Ele foi simpático comigo e com meu amigo Karl Gerstl, pois sabia que era o nosso ídolo. Karl era um menino louro mais ou menos da minha altura e uns dois anos mais velho a quem eu me apresentara certo dia depois de reparar que ele havia ganhado um pouco de massa muscular.

– Você malha? – perguntei.

– Malho, sim – respondeu ele. – Comecei fazendo barras e 100 abdominais por dia, mas agora não sei mais o que fazer.

Então eu o convidei para malhar diariamente comigo e com Willi. Marnul nos passava os exercícios.

Não demorou muito para alguns outros se juntarem a nós: amigos de Willi e caras que frequentavam a academia em que Kurt malhava, todos mais velhos que eu. O mais velho de todos era Mui, um sujeito corpulento de 40 e poucos

anos. Quando jovem, ele fora lutador profissional; agora só malhava com pesos. Assim como Marnul, Mui era solteiro. Vivia com uma pensão do governo e cursava a universidade havia muitos anos, mas nunca havia se formado. Era um cara legal, muito politizado e inteligente, que falava inglês com fluência. Seu papel no grupo era essencial: era ele quem nos traduzia as revistas de fisiculturismo inglesas e americanas, assim como a *Playboy*.

Sempre havia garotas por perto – algumas queriam malhar conosco ou simplesmente ficar por ali, de bobeira. A Europa sempre foi bem menos puritana que os Estados Unidos. Lidar com o corpo era algo que se fazia muito mais às claras – algo menos escondido, menos esquisito. Não era raro ver gente tomando sol pelada em trechos reservados do parque. Meus amigos passavam férias em colônias de nudismo na Iugoslávia e na França, e em outros lugares também. Estar nu os fazia se sentir livres. Além disso, com seus arbustos, encostas e trilhas, o Thalersee era um parque ideal para casais. Quando eu tinha 10 ou 11 anos e vendia sorvete pelo parque, não entendia muito bem por que aquelas pessoas estavam deitadas em grandes cobertores no meio dos arbustos, mas depois eu saquei. Naquele verão, nosso grupo fantasiava que estávamos vivendo como gladiadores. Tínhamos voltado no tempo, bebíamos água pura e vinho tinto, comíamos carne, pegávamos mulheres, corríamos pela floresta para nos exercitar e praticávamos esportes. Toda semana, fazíamos uma imensa fogueira na margem do lago e preparávamos *shish kebabs* com tomates, cebolas e carne. Ficávamos deitados sob as estrelas, girando os espetos no fogo até a comida ficar no ponto.

Era Fredi Gerstl, o pai de Karl, quem levava a carne para esses banquetes. Ele era o único intelectual de verdade do grupo, um cara parrudo que usava óculos de lentes grossas e parecia mais um amigo do que um pai. Fredi era político, e ele e a mulher eram donos dos dois maiores quiosques de cigarros e revistas de Graz. Ele era chefe da associação de vendedores de tabaco, mas seu principal interesse era ajudar os jovens. Aos domingos, ele e a mulher punham seu bóxer na coleira e iam passear pelo lago, e Karl e eu íamos atrás. Nunca se sabia o que Fredi iria aprontar. Em um minuto ele estava discorrendo sobre a política da Guerra Fria, e no seguinte implicava conosco por ainda não sabermos nada sobre garotas. Estudara canto lírico e às vezes se postava à beira do lago e cantava uma ária. O cachorro o acompanhava aos uivos, e Karl e eu ficávamos constrangidos e começávamos a nos afastar dele.

Foi Fredi quem teve a ideia dos gladiadores. "O que vocês sabem sobre musculação?", perguntou-nos um belo dia. "Por que não imitam os gladiadores romanos? *Eles*, sim, sabiam treinar!" Embora estivesse pressionando Karl a estudar medicina, ele ficara empolgado com o fato de o filho ter começado a malhar. A ideia de equilibrar corpo e mente era uma verdadeira religião para ele. "É preciso construir a mais perfeita máquina física, mas também a mais perfeita mente", ele costumava dizer. "Leiam Platão! Os gregos inventaram as Olimpíadas, mas nos deram também os grandes filósofos, e é preciso cuidar das duas coisas." Fredi nos contava histórias sobre

os deuses gregos e sobre a beleza do corpo e a beleza intelectual. “Sei que boa parte do que digo está entrando por um ouvido e saindo pelo outro”, falava ele, “mas vou continuar pressionando vocês, e algum dia a ficha vai cair e vocês vão entender como isso é importante.”

Naquele exato momento, porém, estávamos mais interessados no que podíamos aprender com Kurt Marnul, o rei do charme e do estilo. Por ser Mister Áustria, ele era perfeito para nós. Tinha o corpo perfeito, as garotas perfeitas e detinha o recorde no supino com barra. Para completar, dirigia um Alfa Romeo conversível. Conforme fui conhecendo-o melhor, passei a estudar sua rotina. Durante o dia, Kurt trabalhava como mestre de obras em uma equipe de construção de estradas. Começava o dia cedo e terminava às três da tarde. Então passava três horas na academia malhando pesado. Ele nos deixava visitá-lo para que entendêssemos o princípio: primeiro era preciso trabalhar e ganhar dinheiro para depois poder comprar aquele carro; primeiro treinar para depois ganhar campeonatos. Não existia atalho: você tinha que fazer por merecer.

A paixão de Marnul eram as lindas garotas. Ele sabia encontrá-las em qualquer lugar: nos restaurantes, no lago, nos campos esportivos. Às vezes as convidava para passar no local onde estivesse trabalhando, de camiseta sem manga, dando ordens aos operários e os mandando carregar os equipamentos para lá e para cá. Então se aproximava delas para bater papo. O Thalersee fazia parte dessa rotina. Um cara normal simplesmente chamaria uma garota para tomar um drinque depois do trabalho, mas Kurt não. Ele a levava de Alfa Romeo para ir nadar no lago. Depois iam jantar num restaurante e lá começavam a tomar vinho tinto. Ele sempre tinha um cobertor e outra garrafa de vinho no carro. Então voltavam para o lago e escolhiam um lugar romântico. Kurt estendia o cobertor, abria o vinho e começava a falar coisas sedutoras para a garota. O cara sabia dar uma cantada. Vê-lo em ação acelerou em mim o processo que o professor de matemática havia iniciado. Decorei as frases de Kurt e seu modo de agir, incluindo o truque do cobertor e do vinho. Todos nós decoramos. E as garotas correspondiam!

Kurt e os outros viram potencial em mim porque, após um curto período de treino, ganhei massa muscular e bastante força. No final do verão, eles me convidaram para ir malhar em Graz, onde treinavam com pesos. A academia ficava debaixo das arquibancadas do estádio de futebol. Era uma grande sala com piso de concreto, luzes frias no teto e apenas os equipamentos mais básicos: halteres, pesos, barras e bancos. O lugar vivia lotado de homens grandalhões ofegando e arfando. Os caras do lago me ensinaram a fazer alguns exercícios básicos e, durante três horas, eu malhava satisfeito, fazendo dezenas e mais dezenas de supinos, agachamentos e roscas bíceps.

Um iniciante faria um treino normal de três séries com 10 repetições de cada exercício, para os músculos começarem a se acostumar. Só que ninguém me disse isso. Os frequentadores assíduos da academia do estádio gostavam de enganar os novatos. Eles ficaram me atiçando até eu fazer 10 séries de cada

exercício! Quando terminei, fui todo satisfeito para o chuveiro – não tínhamos água encanada em casa, então tomar uma chuveirada no estádio era sempre uma satisfação, mesmo a água sendo fria. Depois me vesti e saí da academia.

Senti minhas pernas bambas e dormentes, mas não dei muita importância. Quando subi na bicicleta, caí. Foi estranho, e então percebi que meus braços e minhas pernas não pareciam conectados ao meu corpo. Tornei a subir na bicicleta, mas não consegui controlar o guidom e minhas coxas tremiam como se fossem mingau. Acabei descambando para o lado e caí dentro de uma vala. Foi patético. Desisti de pedalar e acabei tendo que empurrar a bicicleta até em casa, uma caminhada épica de quase 6,5 quilômetros. Mesmo assim, mal podia esperar para voltar à academia e repetir o treino.

Aquele verão de 1961 teve um efeito milagroso em mim. Em vez de existir, eu comecei a viver. Fui lançado para fora da rotina tacanha de Thal – acordar, buscar o leite na fazenda ao lado, voltar para casa e fazer flexões e abdominais enquanto minha mãe preparava o café da manhã e meu pai se arrumava para o trabalho –, da qual não havia muito o que esperar. Agora minha vida tinha alegria, esforço, dor e felicidade, prazeres, mulheres, emoção. Tudo me dava aquela sensação: "Agora, sim, estou vivendo! Que incrível!" Embora eu valorizasse o exemplo do meu pai, com sua disciplina e suas conquistas profissionais, esportivas e musicais, justamente o fato de ele ser meu pai privava tudo isso de significado. Eu de repente tinha uma vida totalmente nova – e ela era *minha*.

NO OUTONO DE 1962, AOS 15 ANOS, INICIEI UM novo capítulo da minha vida. Entrei para a escola profissionalizante de Graz e comecei um estágio. Embora ainda morasse com meus pais, a academia substituiu minha família sob muitos aspectos. Os mais velhos ajudavam os mais novos. Eles o orientavam se você cometesse algum erro ou para corrigir sua postura. Karl Gerstl tornou-se um de meus parceiros de treino e juntos descobrimos a alegria de nos incentivar mutuamente, instigando um ao outro e competindo de maneira positiva. "Vou fazer 10 repetições com este peso, quer ver só?", dizia Karl. E então ele fazia 11, só para me provocar, e depois falava: "Que demais!" Eu olhava para ele e dizia: "Então vou fazer 12."

Muitas das nossas ideias de treino vieram das revistas. Até havia publicações de musculação e levantamento de peso em alemão, mas as americanas eram, disparado, as melhores, e nosso amigo Mui fazia as traduções. As revistas eram a bíblia para nossos treinos e alimentação, para inventar maneiras diferentes de preparar bebidas à base de proteína destinadas a formar músculos, ou para malhar em dupla. As revistas promoviam o fisiculturismo como um sonho dourado. Todas as edições traziam fotos de campeões e detalhes sobre sua rotina de treino. Os caras apareciam sorrindo, contraindo os músculos e exibindo o corpo em Muscle Beach, uma praia em Venice, Califórnia, rodeados, naturalmente, por garotas estonteantes usando biquínis muito sensuais. Todos conhecíamos o nome Joe Weider, do editor. Ele era uma

espécie de Hugh Hefner do mundo da musculação: além de dono das revistas, ele tinha sua foto e coluna publicadas em todos os números, e quase todos os ensaios de praia eram feitos com sua esposa, Betty, uma modelo espetacular.

A vida na academia logo passou a ocupar todo o meu tempo. Eu só pensava em treinar. Houve um domingo em que encontrei o estádio trancado, então arrombei a porta e malhei lá dentro, no frio congelante e sem calefação. Tive que enrolar as mãos em toalhas para que não grudassem nas barras de metal. A cada semana, eu constatava meu progresso no peso que conseguia levantar, no número de repetições que meus músculos aguentavam, no formato do meu corpo e na massa e no peso totais. Eu me tornei um membro fixo da equipe. Quase não cabia em mim de tanto orgulho: eu, o pequeno Arnold Schwarzenegger, frequentando a mesma academia que o Mister Áustria, o grande Kurt Marnul.

Já tinha experimentado vários outros esportes, mas a reação do meu corpo à musculação deixou claro na hora que era nessa modalidade que eu tinha o maior potencial e poderia me destacar. Não saberia dizer o que me impulsionava, mas malhar parecia ser algo que eu nascera para fazer, e eu pressentia que aquilo poderia ser meu passaporte para sair de Thal. "Kurt Marnul conseguiu vencer o Mister Áustria", eu pensava, "e ele já me disse que eu também poderia se treinasse bastante, então é isso que eu vou fazer." Pensar assim transformava as horas que eu passava levantando toneladas de aço e ferro em uma verdadeira alegria. Cada série extenuante, cada repetição a mais eram passos em direção ao meu objetivo de vencer o Mister Áustria e participar do concurso Mister Europa. Então, em novembro, comprei o número mais recente da revista *Muscle Builder* na loja de departamentos de Graz. Na capa estava Reg Park, Mister Universo. Ele posava fantasiado de Hércules, apenas com um tapa-sexo, e percebi com espanto que *aquele* era o protagonista do filme que eu tanto amara no verão. Dentro da revista havia fotos de Reg posando, malhando, conquistando o título de Mister Universo pelo segundo ano seguido, apertando a mão de Joe Weider e conversando em Muscle Beach com o lendário Steve Reeves, ex-Mister Universo que também já fizera o papel de Hércules no cinema.

Mal pude esperar para encontrar Mui e descobrir o que dizia a matéria. O texto contava toda a história da vida de Reg, da infância pobre em Leeds, na Inglaterra, até a conquista do título de Mister Universo, o convite para ir aos Estados Unidos como campeão de fisiculturismo, a ida a Roma para interpretar Hércules no cinema e o casamento com uma beldade da África do Sul, onde ele agora morava quando não estava treinando em Muscle Beach.

Essa matéria consolidou uma nova visão para mim: eu poderia me tornar um novo Reg Park. Todos os meus sonhos de repente se conectaram e fizeram sentido. Eu havia encontrado um jeito de ir para os Estados Unidos: o fisiculturismo! E havia também achado um jeito de entrar para o cinema. Seria isso que faria todas as pessoas do mundo me conhecerem. O cinema me traria dinheiro – eu tinha certeza de que Reg Park era milionário – e as mais belas

garotas, o que era um aspecto muito importante.

Nas semanas seguintes, fui refinando essa visão até torná-la bem específica. Eu iria tentar conquistar o título de Mister Universo, quebrar recordes em levantamento de peso, me mudar para Hollywood e ser igual a Reg Park. A visão se tornou tão nítida em minha mente que fui tomado pela sensação de que isso tinha que acontecer. Não havia opção: era isso ou nada. Minha mãe percebeu na hora que alguma coisa estava diferente. Passei a chegar em casa com um enorme sorriso estampado no rosto. Contei a ela que estava treinando, e ela viu que ficar mais forte me deixava feliz.

Com o passar dos meses, porém, ela começou a ficar preocupada com minha obsessão. Quando a primavera chegou, eu havia pregado fotos de homens musculosos por toda a parede acima da minha cama. Eram boxeadores, lutadores profissionais, halterofilistas e praticantes de levantamento de peso. Mas a maioria das imagens era de fisiculturistas, principalmente Reg Park e Steve Reeves. Eu tinha orgulho da minha parede. Isso foi antes do advento das copiadoras, de modo que eu juntava as imagens de revistas que queria e as levava para um estúdio, onde elas eram fotografadas e reproduzidas em 20 × 25 centímetros. Eu havia comprado um fundo de feltro, mandara recortá-lo e era nele que colava as fotografias para pregá-las na parede. O modo como arrumei as fotos ficou muito bonito. Mas isso deixou minha mãe bem preocupada.

Finalmente, um dia ela resolveu procurar a ajuda de um profissional. Quando o médico passou pela rua em sua ronda habitual, ela o chamou.

– Quero que o senhor veja uma coisa – falou e levou-o até meu quarto no andar de cima.

Eu estava na sala fazendo o dever de casa, mas mesmo assim pude ouvir a maior parte da conversa.

– Doutor – dizia minha mãe –, todos os outros meninos amigos de Arnold têm fotos de garotas penduradas na parede, é o que eu vejo quando vou às suas casas. São cartazes, fotos de revistas, imagens coloridas de garotas. E olhe só o que ele tem: homens nus!

– *Frau* Schwarzenegger – respondeu o médico –, não há nada de errado aqui. Meninos sempre precisam de alguma inspiração. Eles se espelham no pai, e muitas vezes isso não basta porque é o pai, então eles começam a prestar atenção em outros homens. Na verdade isso é bom. Não há nada com que se preocupar. – Ele foi embora, minha mãe enxugou as lágrimas dos olhos e fingiu que nada tinha acontecido. Depois disso, ela passou a dizer às amigas: "Meu filho tem fotos de caras fortões e atletas e fica tão animado quando olha para eles que agora treina todos os dias. Arnold, diga a elas quanto peso você está levantando." É claro que eu também tinha começado a ter sucesso com as garotas, mas isso eu não podia compartilhar com minha mãe.

Na primavera daquele ano, ela descobriu quanto as coisas haviam mudado. Eu acabara de conhecer uma garota que era dois anos mais velha e gostava de atividades ao ar livre.

– Eu também gosto de acampar! – falei. – Tem um lugar bem legal na fazenda do nosso vizinho, antes da nossa casa. Por que você não traz sua barraca? – A garota apareceu na tarde seguinte e nos divertimos montando uma pequena e linda barraca. Algumas das crianças pequenas do nosso bairro ajudaram a fincar as estacas. A barraca tinha o tamanho perfeito para duas pessoas, e a abertura fechava com um zíper. Depois que as crianças foram embora, nós dois entramos na barraca e começamos a dar uns amassos. A garota já tinha tirado a blusa quando de repente ouvi o barulho do zíper e me virei bem a tempo de ver a cabeça da minha mãe se espichar para dentro da barraca. Ela armou um escarcéu, chamou a garota de vagabunda e puta e subiu a ladeira de volta para nossa casa soltando fogo pelas ventas. A pobre menina ficou arrasada. Eu a ajudei a desmontar a barraca e ela foi embora correndo.

Em casa, minha mãe e eu brigamos.

– Que história foi essa?! – gritei. – Um dia você conta para o médico que eu tenho fotos de homens e agora está preocupada porque tenho uma namorada. Não entendi. É isso que os rapazes fazem.

– Não, não, não. Na minha casa, não.

Minha mãe estava tendo que se adaptar a um filho totalmente novo. Mas eu fiquei muito bravo. Só queria viver minha vida! No sábado seguinte, fui à cidade e fiz as pazes com a garota – os pais dela estavam viajando.

O ESTÁGIO ERA UMA PARTE IMPORTANTE DA FORMAÇÃO na escola profissionalizante onde comecei a estudar no outono de 1962. De manhã tínhamos aula e à tarde nos espalhávamos por Graz, cada qual para o seu emprego. Era bem melhor do que passar o dia inteiro sentado em sala de aula. Meus pais sabiam que eu era bom em matemática e gostava de brincar fazendo cálculos de cabeça, de modo que me colocaram em um programa de administração e comércio, em vez de encanamento, carpintaria ou algum outro ofício desse tipo.

Meu estágio era na Mayer-Stechbarth, pequena loja de materiais de construção com quatro funcionários na Neubaustrasse. O dono era Herr Dr. Matscher, advogado aposentado que sempre ia trabalhar de terno. Ele administrava a loja junto com a mulher, Christine. No começo, tive que fazer sobretudo atividades braçais, como empilhar lenha e tirar neve da calçada. Na verdade, gostava de fazer entregas: carregar pesadas placas de compensado escada acima até os apartamentos dos clientes era mais uma forma de treinar. Em pouco tempo, fui chamado para fazer o inventário do estoque e isso despertou meu interesse pela maneira de administrar a loja. Aprendi a anotar pedidos e usei os conhecimentos das aulas de contabilidade para ajudar com as contas.

Vender foi a coisa mais importante que aprendi. Uma regra fundamental era nunca deixar um cliente sair sem ter comprado algo. Se isso acontecesse, era prova de que você não prestava como vendedor. Era preciso vender alguma

coisa, nem que fosse apenas um parafuso. Isso significava usar todo tipo de tática possível. Se eu não conseguisse vender linóleo para o piso, tentava vender o produto que se usava para limpar o material.

Fiz amizade com o outro estagiário, Franz Janz, e descobri que nós dois tínhamos fascínio pelos Estados Unidos. Conversávamos sem parar sobre o assunto e até tentamos verter o sobrenome *Schwarzenegger* para o inglês – o resultado foi "quina negra", embora "lavrador negro" seja mais exato. Eu o levei à academia e tentei despertar seu interesse pelos treinos, mas foi em vão. Ele gostava mais de tocar guitarra. Na verdade, era integrante da Mods, a primeira banda de rock de Graz.

Mas Franz entendia minha obsessão pelos treinos. Certo dia, ele encontrou alguns halteres que alguém tinha jogado fora. Levou-os para casa em cima de um trenó e convenceu o pai a lixar a ferrugem e a pintá-los. Então os levou até minha casa. Eu transformei uma área sem calefação perto da escada em academia caseira. A partir desse dia, pude incrementar meus treinos e praticar em casa todos os dias em que não ia à academia.

Na Mayer-Stechbarth, todos me conheciam como o estagiário que queria ir para os Estados Unidos. Os Matscher tinham muita paciência conosco. Eles nos ensinaram a nos relacionar com os clientes e um com o outro e também a estabelecer nossos próprios objetivos. *Frau* Matscher estava decidida a corrigir o que considerava falhas na nossa educação. Ela achava, por exemplo, que não tínhamos sido expostos a uma quantidade suficiente de conversas de alto nível e queria nos tornar mais cultos. Assim, nos fazia passar longos períodos sentados falando sobre arte, religião e assuntos da atualidade. Para recompensar nosso esforço, ela nos dava pão com geleia.

POR VOLTA DA MESMA ÉPOCA EM QUE Frau Matscher começou a me alimentar de cultura, tive meu primeiro gostinho do sucesso atlético. Uma cervejaria pode parecer um lugar estranho para se iniciar uma carreira no esporte, mas foi lá que a minha começou. Era março de 1963, estávamos em Graz e eu, aos 15 anos e meio, fazia minha primeira apresentação em público usando o uniforme da equipe da academia: tênis pretos, meias marrons e um macacão escuro de alças finas com o escudo da academia na frente. Íamos enfrentar levantadores de peso de uma academia rival, e a disputa fazia parte de um espetáculo para 300 ou 400 pessoas, todas sentadas em volta de mesas compridas, fumando e brindando com suas canecas.

Como era minha primeira vez em público, eu estava animado e nervoso quando subi ao palco. Passei giz nas mãos para os pesos não escorregarem e logo de início levantei 68 quilos com os dois braços, meu peso habitual. A multidão aplaudiu. Essa reação surtiu um efeito que eu jamais imaginara. Mal pude esperar pela minha vez seguinte no rodízio. Nessa segunda vez, para meu próprio espanto, levantei 84 quilos – 16 a mais do que já tinha conseguido. Algumas pessoas melhoram seu desempenho diante de uma plateia, outras pioram. Um cara da outra equipe, que era melhor levantador de peso do que

eu, se distraiu com o público e não conseguiu fazer seu último levantamento. Ele me disse depois que não fora capaz de se concentrar tão bem quanto na academia. Comigo aconteceu justamente o contrário: o público me deu força e motivação, e meu ego ajudou ainda mais. Descobri que na frente dos outros meu desempenho melhorava muito, muito mesmo.

Confissões de um condutor de tanque

A BASE MILITAR PRÓXIMA DE GRAZ ERA O quartel-general da divisão de blindados do exército austríaco. Fiquei sabendo disso porque na Áustria todos os jovens do sexo masculino são obrigados a servir as Forças Armadas, e eu estava procurando um jeito de encaixar o serviço militar nos meus objetivos de vida. Pensei que, para o exército, o mais lógico seria alocar alguém do meu tamanho na infantaria, para subir montanhas carregando metralhadoras e munição. Só que a infantaria ficava baseada em Salzburgo, e isso não se encaixava nos meus planos. Eu queria ficar em Graz e continuar meus treinos. Minha missão era ser campeão do mundo de fisiculturismo, não lutar em guerras. Essa tampouco era a missão do exército austríaco. Só tínhamos as Forças Armadas no país porque sua existência era permitida. Era uma maneira de o país expressar sua soberania. Mas o contingente militar era pequeno, e ninguém pretendia travar nenhum combate de verdade.

Eu estava ansioso para entrar no exército e sair de casa pela primeira vez. Acabara de concluir os estudos e quanto antes terminasse o serviço obrigatório, mais cedo poderia conseguir um passaporte.

Ser condutor de tanque parecia bem interessante. Vários amigos que já haviam começado a servir tinham sido alocados em Graz, e eu lhes fiz mil perguntas sobre os trabalhos disponíveis na base. Havia muitos postos para novos recrutas, inclusive na área administrativa ou na cozinha, nas quais nem se chegava perto de um veículo de guerra. Meus amigos, porém, faziam parte da infantaria blindada, ou seja, do grupo treinado para dar apoio aos blindados. Num conflito, eles são transportados de tanque até o local da batalha e descem para procurar minas antitanque e coisas parecidas.

Mas o que me fascinava mesmo eram os tanques em si. Adoro coisas grandes, e o Patton M47 de fabricação americana, batizado em homenagem ao general da Segunda Guerra Mundial, certamente se encaixava nessa categoria. O veículo tinha quase 4 metros de largura, pesava 50 toneladas e era impulsionado por um motor de 800 cavalos de potência. Era tão possante que podia derrubar uma parede sem você nem perceber se estivesse dentro dele. Fiquei pasmo de que alguém de fato confiasse em um garoto de 18 anos para

pilotar um veículo grande e caro daqueles. O outro forte atrativo era: para se qualificar como condutor de tanque era preciso primeiro obter habilitação de moto, carro, caminhão e semirreboque. Quem bancava tudo isso era o exército, uma conta que, no mundo civil, teria chegado a milhares e milhares de *schillings*. O exército austríaco inteiro tinha apenas 90 tanques, e eu queria me destacar.

Meu pai, que ainda sonhava que eu virasse policial ou oficial das Forças Armadas, ficou feliz em dar uma palavrinha com o comandante da base, amigo seu da época da guerra. O cara era um grande fã de esportes e ficou satisfeito em me acolher. Depois que eu completasse o treinamento básico, ele tomaria as providências necessárias para que eu pudesse montar uma academia de halterofilismo na base.

Tudo teria funcionado à perfeição não fosse por um erro de cálculo. A essa altura, eu já tinha começado a ganhar troféus de levantamento de peso. Era o campeão regional juvenil dessa modalidade, e no verão anterior vencera a disputa da divisão de pesos pesados do campeonato austríaco de levantamento de peso, derrotando homens bem mais experientes. Embora se pudesse ver de cara que eu ainda não passava de um garoto superdesenvolvido, eu também estava começando a competir com sucesso no fisiculturismo. Conquistei um campeonato regional e consegui o terceiro lugar na disputa do título de Mister Áustria – colocação boa o bastante para subir ao pódio com Kurt Marnul, que continuava sendo o rei. Logo antes de me alistar, tinha me inscrito na minha primeira competição internacional, a versão juvenil do Mister Europa, etapa seguinte e crucial do meu plano. Eu só não tinha me dado conta de que, durante todas as seis semanas do treinamento básico, não teria como sair de Graz.

O treinamento básico não me incomodou. Lá aprendi que algo que parece impossível no início pode ser alcançado. Nós achávamos que conseguiríamos subir um morro com o equipamento completo? Não. Mas, quando nos mandaram fazer isso, fomos lá e fizemos. No caminho, chegamos até a encher os bolsos com cogumelos, que nessa noite foram entregues ao cozinheiro para que ele preparasse uma sopa.

Apesar disso, eu não conseguia parar de pensar em quanto queria competir pelo título juvenil de Mister Europa. Aproveitava cada instante livre para ensaiar minhas poses na latrina. Implorei ao sargento responsável pelo treinamento para tratar o concurso como se fosse uma emergência familiar e me deixar ir competir em Stuttgart, na Alemanha. Sem chance. Na noite anterior ao concurso, decidi mandar tudo à merda e simplesmente fui.

Sete horas de trem depois, eu estava em território alemão, posando diante de algumas centenas de fãs e recebendo os aplausos. Em 1965, conquistei o título de Jovem Atleta Mais Desenvolvido da Europa. Era a primeira vez que saía da Áustria, e aquele era o maior público que já tivera. Eu me senti o próprio King Kong.

Infelizmente, quando voltei para o campo de treinamento, recebi uma

punição. Fui para a detenção e passei 24 horas sozinho dentro de uma cela. Então meus superiores ficaram sabendo da vitória e fui solto. Andei na linha pelo resto do treinamento básico e logo pude entrar para a unidade de blindados comandada pelo amigo do meu pai. A partir daí, o exército virou uma diversão fantástica. Montei uma sala de musculação na caserna, onde podia treinar quatro horas por dia. Alguns dos oficiais e soldados também começaram a treinar. Pela primeira vez na vida, eu podia comer carne todos os dias – proteína de verdade. Ganhei músculos tão rápido que perdia o uniforme a cada três meses e tinha que passar para o tamanho superior.

O treinamento de moto começou imediatamente, seguido pelo de carro no mês posterior. Aprendíamos noções básicas de mecânica, porque era preciso ser capaz de consertar o próprio veículo sempre que surgisse algum defeito simples. Depois vieram as aulas de condução de caminhões, que se revelaram difíceis, pois os caminhões do exército tinham câmbios manuais mal sincronizados. Para aumentar ou diminuir a marcha, era preciso passar pelo ponto morto, acionar a dupla embreagem *e* acelerar o motor até a velocidade apropriada para que ele se adaptasse à marcha seguinte. Isso deu origem a muitos arranhões no câmbio e a muita tensão, pois, após uns poucos treinos na base, nos mandaram dirigir no tráfego de verdade. Era muito difícil manter os olhos na estrada antes de aprender a passar as marchas sem olhar para o câmbio, como se isso já fosse um hábito. Eu me distraía com a alavanca de câmbio e então, de repente, via carros parados na minha frente e tinha que diminuir a marcha e fazer todas aquelas operações com a alavanca – tudo com o instrutor berrando no meu ouvido. Quando voltávamos para a base, eu estava sempre empapado de suor, e essa era uma ótima maneira de queimar a gordura corporal.

A etapa de conduzir semirreboques também foi cabeluda, principalmente a parte da ré usando os retrovisores e tendo que girar o volante na direção oposta. Levei um tempo para dominar essa técnica e bati e esbarrei em objetos algumas vezes. Foi um verdadeiro alívio quando finalmente pude começar a dirigir os tanques.

O M47 foi projetado para ser guiado com uma só mão, usando uma alavanca que controla as marchas e o movimento das lagartas. Você fica sentado no canto dianteiro esquerdo do compartimento e seus pés controlam um freio e um acelerador. O assento de metal pode ser levantado e abaixado. Em geral, dirige-se com a escotilha aberta e a cabeça para fora do tanque, para poder ver o exterior. Na preparação para o combate, porém, você abaixa o banco, fecha a escotilha e passa a olhar através de um periscópio. À noite, uma versão primitiva de infravermelho permitia distinguir árvores, arbustos e outros tanques. Apesar do meu tamanho, eu cabia no assento, mas conduzir o veículo com a escotilha fechada podia ser muito claustrofóbico. Senti imenso orgulho de aprender a dirigir aquela máquina descomunal, diferente de tudo com que já havia lidado.

O campo de manobras mais próximo era uma grande extensão de terras

que margeava o sopé da montanha entre Thal e Graz. Para chegar lá, tínhamos que sair da base e percorrer uma sinuosa estrada secundária de cascalho por uma hora e meia – um grupo formado por 20 tanques, que passava rugindo e sacolejando por casas e povoados. Em geral circulávamos à noite, quando o tráfego de civis era mínimo.

Eu tinha orgulho de minha perícia ao volante: conseguia manobrar com precisão e passar sem muitos sacolejos por buracos e valas, para que meu comandante e os companheiros de tanque não fossem sacudidos de um lado para outro. Ao mesmo tempo, tinha certa propensão a catástrofes.

Quando acampávamos ao ar livre, seguíamos sempre a mesma rotina. Primeiro malhávamos: eu levava meus pesos, minhas barras e meu banco guardados em compartimentos em cima do tanque, onde em geral ficavam as ferramentas. Três, quatro ou cinco outros membros do pelotão se juntavam a mim e fazíamos uma hora e meia de exercícios antes de comer alguma coisa. Havia noites em que os condutores tinham que ficar nos tanques, enquanto os outros iam dormir nas barracas. Cavávamos um buraco raso no chão, forrávamos com um cobertor e estacionávamos o tanque por cima, no intuito de nos protegermos dos javalis selvagens. Não tínhamos autorização para matá-los e eles percorriam livremente a área – acho que sabiam que não poderiam ser abatidos. Também postávamos sentinelas, que ficavam em pé sobre os tanques para os animais não poderem alcançá-las.

Certa noite, quando estávamos acampados perto de um riacho, acordei sobressaltado porque pensei ter ouvido os javalis. Então reparei que não havia nada em cima de mim. Meu tanque tinha sumido! Olhei em volta e o vi uns 10 metros adiante, mergulhado na água, com a traseira para o alto. O nariz estava submerso e o canhão, enfiado na lama. Descobrimos depois que eu tinha me esquecido de acionar a trava, e o solo era suficientemente inclinado para o tanque rolar devagarinho para longe enquanto dormíamos. Tentei tirá-lo do riacho, mas as lagartas tinham atolado na lama.

Tivemos que mandar buscar um reboque de 80 toneladas e gastamos muitas horas para desatolar meu tanque. Depois disso, tivemos que levá-lo para a oficina. A torre de artilharia teve que ser removida. O canhão precisou ser mandado para uma limpeza especial. Por esse descuido, peguei 24 horas de solitária.

Mesmo na garagem dos tanques eu conseguia ser um risco. Certa manhã, dei a partida no meu, ajustei o banco e me virei para verificar os medidores antes de sair. Os números estavam normais, mas senti o tanque se sacudir um pouco, como se o motor estivesse prestes a morrer. Pensei que talvez fosse melhor acelerar um pouco para esquentar o motor. E foi o que fiz, mantendo os olhos cravados nos mostradores, mas o tremor só fez aumentar. Muito estranho. Foi nessa hora que percebi uma poeira caindo. Subi à escotilha para ver e constatei que, em vez de apenas acelerar o motor, eu tinha feito o tanque andar e estava derrubando a parede da garagem. Por isso o tremor. Então um cano estourou e começou a jorrar água para todo lado, e um cheiro de gás

tomou conta do ar.

As pessoas gritavam: "Pare! Pare!" Então desliguei o tanque. Desci e corri até o outro lado da garagem para falar com o comandante que conhecia meu pai. Imaginei que ele fosse minha melhor chance. Eu o vira naquela mesma manhã e ele dissera algo como "Encontrei seu pai outro dia e disse a ele que você está se saindo muito bem".

Bati na porta da sala dele e disse:

– Comandante, acho que causei um pequeno problema.

Ele continuava de excelente humor.

– Ah, não se preocupe. O que aconteceu, Arnold?

– Bem, venha ver. O senhor tem que ver.

– Vamos lá – respondeu ele, e me deu tapinhas nas costas enquanto saíamos, ainda no mesmo humor da manhã, como quem dissesse "Você está indo bem".

Foi então que ele viu a água jorrando, os homens aglomerados e o tanque entalado na parede.

Seu humor mudou na mesma hora: aos gritos, ele me xingou de todos os nomes em que conseguiu pensar, dizendo que iria ligar para o meu pai e lhe dizer o contrário do que tinha falado antes. As veias de seu pescoço saltaram. Então ele se acalmou e disse:

– Quando eu voltar do almoço, quero isso tudo consertado. É o único jeito de você se redimir. Reúna os homens e *dê um jeito*.

O bom das Forças Armadas é que elas são uma instituição autossuficiente. A divisão tinha os próprios pedreiros, encanadores e material de construção. Por sorte, o telhado não havia desabado nem nada tão grave assim acontecera, e meu tanque, naturalmente, era feito de aço, de modo que estava inteiro. Os caras acharam meu acidente tão engraçado que na mesma hora se ofereceram para ajudar, então não tive que organizar muita coisa. À tarde, já tínhamos consertado os canos e a parede, e precisamos só esperar até que tudo secasse para poder emassar pelo lado de fora. Eu estava contente, pois tivera a oportunidade de aprender como misturar cimento e montar blocos de concreto. É claro que tive que aturar a base inteira gozando a minha cara: "Ah, sim, eu soube do seu tanque." Também tive que passar uma semana inteira trabalhando na cozinha, descascando batatas junto com todos os outros palermas em um lugar onde todos podiam nos ver quando iam buscar a comida.

Na primavera de 1966, estava começando a pensar que o exército não era necessariamente útil para mim. Minha vitória em Stuttgart no outono do ano anterior atraíra bastante atenção. Albert Busek, um dos organizadores do concurso e jornalista responsável pela revista *Sport Revue*, escreveu um comentário prevendo que o fisiculturismo estaria prestes a entrar na era Schwarzenegger. Recebi várias propostas para me tornar treinador profissional, incluindo uma do editor de Busek, Rolf Putziger, o maior promotor do fisiculturismo na Alemanha. Ele me ofereceu um emprego de gerente em sua academia de Munique, a Universum Sport Studio. A proposta era muito

tentadora: seria uma bela oportunidade para treinar, e eu teria mais chance de me tornar conhecido. Na Áustria, o fisiculturismo ainda era um coadjuvante do halterofilismo, mas na Alemanha já estava mais consolidado como modalidade independente.

No mundo do fisiculturismo, a notícia de minha vitória em Stuttgart continuava a se espalhar. Eu saíra na capa de várias revistas, pois era um bom personagem para as matérias: um garoto austríaco saído do nada, com 18 anos e bíceps de 48 centímetros.

Decidi que o mais lógico seria pedir uma dispensa antecipada do exército. Junto com o pedido, apresentei uma cópia da oferta de emprego de Putziger e algumas das matérias das revistas sobre mim. Meus superiores sabiam da minha ambição de me tornar campeão de fisiculturismo, e eu achava que aquilo seria um grande passo para mim. Mas não estava muito esperançoso. Embora o período mínimo de serviço no exército austríaco fosse de nove meses, os condutores de tanque precisavam servir por três anos por causa do custo de seu treinamento. Eu já tinha ouvido falar em condutores dispensados antes do prazo por causa de algum parente doente ou porque precisavam voltar para trabalhar na fazenda da família, mas nunca ouvira falar em ninguém dispensado para correr atrás de um sonho.

Não que eu não gostasse do exército. Na verdade, o serviço militar foi uma das melhores coisas que já me aconteceram. Ser soldado contribuiu muito para minha autoconfiança. Quando passei a viver longe da minha família, descobri que podia me virar sozinho. Aprendi a fazer amizade com desconhecidos e a ser amigo também. A estrutura e a disciplina do quartel pareciam mais naturais do que em casa. Depois que cumpria as ordens, tinha a sensação de ter realizado alguma coisa.

Ao longo de nove meses, eu aprendera mil coisas: de lavar e consertar camisas a fritar ovos na tampa do exaustor de um tanque. Dormira ao relento, passara noites inteiras vigiando alojamentos e descobrira que noites insones não querem dizer que você não possa estar na sua melhor forma no dia seguinte, e que dias sem comer não significam que você vá morrer de fome. Eram coisas nas quais eu nunca havia pensado antes.

Minha ambição era me tornar um líder algum dia, mas eu sabia que aprender a obedecer também era importante. Como Winston Churchill tinha dito, os alemães eram os melhores do mundo tanto para esganar alguém quanto para se prostrar a seus pés, e essa mesma psicologia prevalecia no exército austríaco. Se você deixasse seu ego transparecer, eles o recolocavam no seu devido lugar. Aos 18 ou 19 anos, a mente está pronta para absorver essa mensagem. Se não a absorve até os 30, a hora passou. Quanto mais dificuldades o exército nos impunha, mais eu aceitava e sentia que não devia me preocupar. Acima de tudo, tinha orgulho de ser responsável por aquela máquina de 50 toneladas com apenas 18 anos, ainda que nem sempre exercesse essa responsabilidade tão bem quanto deveria.

Meu pedido de dispensa antecipada passou meses tramitando. Antes de ser

considerado, outro episódio veio manchar meu histórico militar. Era final de primavera e estávamos fazendo um exercício noturno de 12 horas, das seis da tarde às seis da manhã. Às duas, a companhia tinha manobrado até uma posição no alto de uma crista de montanha e ouvimos a ordem: "Muito bem, pausa para comer. Comandantes de tanque, apresentem-se para instruções."

Eu estava no rádio, brincando com um amigo que acabara de receber uma versão mais nova do Patton, o M60, movido a diesel. Ele cometeu o erro de se gabar que seu tanque era mais veloz que o meu. Por fim, acabei desafiando-o a provar isso, e começamos os dois a descer a encosta. Eu teria parado – a voz da razão na minha mente me dizia para fazer isso –, mas estava ganhando. Os outros colegas dentro do tanque comigo estavam ficando loucos. Ouvi alguém gritar mandando que eu parasse, mas pensei que fosse apenas outro condutor de tanque tentando me ultrapassar. Quando cheguei ao sopé do morro, parei e olhei para trás à procura do M60. Foi então que reparei em um soldado agarrado com todas as forças à nossa torre de artilharia. Ele e alguns outros membros da infantaria estavam sentados em cima do tanque quando eu começara a descer.

Todos os outros tinham pulado ou caído e ele fora o único que conseguira se segurar até o fim. Acendemos os faróis e tornamos a subir a encosta – devagar, para não atropelar ninguém –, e fomos recolhendo os homens espalhados. Felizmente, ninguém havia se ferido com gravidade. Quando chegamos ao alto, três oficiais aguardavam em um jipe. Passei por eles e estacionei o tanque como se nada tivesse acontecido.

Assim que saí pela escotilha, os três oficiais começaram a me criticar severamente em uníssono. Fiquei em posição de sentido até eles terminarem. Quando a gritaria cessou, um dos oficiais deu um passo à frente, lançou-me um breve olhar de raiva e então começou a rir.

– Condutor Schwarzenegger, leve seu veículo até ali – ordenou ele.

– Sim, senhor!

Estacionei o tanque no ponto que ele havia indicado. Quando saí, percebi que estava no meio de um fundo e espesso lamaçal.

– Agora, condutor Schwarzenegger, quero que o senhor passe rastejando por debaixo do seu tanque. Quando sair lá atrás, suba em cima dele, desça pela torre, passe pelo compartimento e saia pelo alçapão de emergência inferior. Em seguida faça tudo de novo.

Ele me mandou repetir esse circuito 50 vezes.

Quando terminei, quatro horas mais tarde, estava coberto com quase 10 quilos de lama e mal conseguia me mexer. Devo ter sujado o tanque com mais uns 50 quilos de lama ao passar por dentro dele. Depois tive que levá-lo de volta à base para ser limpo. O oficial poderia ter me jogado na detenção por uma semana, mas devo admitir que essa punição foi mais eficaz.

Jamais saberei ao certo, mas acho que a tal corrida de tanques talvez tenha pesado a favor do meu pedido de dispensa antecipada. Algumas semanas depois do incidente, fui convocado a uma audiência com meus superiores.

Sobre a mesa do comandante estavam as revistas de fisiculturismo e minha carta de oferta de emprego.

– Explique-nos isto aqui – pediu ele. – O senhor se candidata a ser condutor de tanque por três anos e então, menos de um ano depois, pede para ir embora no verão porque lhe ofereceram um emprego em Munique.

Eu gostava do exército, respondi, mas o emprego em Munique era uma excelente oportunidade para minha carreira.

– Bem – disse o oficial, com um sorriso –, considerando o fato de que a sua presença aqui é um tanto arriscada, vamos aprovar o seu pedido e dispensá-lo mais cedo. Não queremos nenhum incidente com outros tanques.

Mister Universo

"EU SEMPRE POSSO ARRUMAR UM EMPREGO de salva-vidas no Thalersee para você, então lembre-se: se algo sair errado, não precisa se preocupar." Foi isso que Fredi Gerstl me disse quando fui visitá-lo em Graz para me despedir. Ele sempre se mostrava generoso para ajudar os jovens e eu sabia que sua intenção era boa, mas não estava interessado em um emprego de salva-vidas nem em qualquer outra segunda opção. Embora Munique ficasse a 320 quilômetros de Graz, para mim aquele era o primeiro passo no caminho da Áustria para os Estados Unidos.

Eu já tinha ouvido falar em Munique e em como milhares de trens chegavam à sua estação toda semana. Ouvira falar na vida noturna, na loucura das cervejarias, histórias e mais histórias. Quando o trem se aproximou da cidade, comecei a ver um número cada vez maior de casas, depois prédios maiores, e então, logo à frente, o centro da cidade. Eu pensava: "Como é que vou conseguir me orientar aqui? Como vou sobreviver?" Mas eu tinha um mantra: "Esta vai ser minha nova casa." Eu estava deixando Graz para trás, tinha ido embora de lá, e Munique seria minha cidade custasse o que custasse.

Mesmo pelos padrões do milagre econômico da Alemanha Ocidental, que em 1966 estava no auge, Munique era uma cidade próspera. Com 1,2 milhão de habitantes, era uma metrópole internacional. Acabara de conquistar o direito de sediar os Jogos Olímpicos de 1972 e as finais da Copa do Mundo de Futebol em 1974. Foi escolhida como sede da Olimpíada para simbolizar a transformação da Alemanha Ocidental e seu ressurgimento na comunidade das nações como potência moderna e democrática. Viam-se guindastes por toda parte. O Estádio Olímpico já estava sendo erguido, e havia novos hotéis, prédios comerciais e residenciais. A cidade estava tomada por imensas escavações para o novo sistema de metrô, anunciado como o mais moderno e eficiente do mundo.

O centro de tudo isso era a *Hauptbahnhof*, ou estação central de trem, onde eu estava prestes a desembarcar. Os canteiros de obras precisavam de operários, e estes vinham de todo o Mediterrâneo e do Leste Europeu. Nas salas de espera e nas plataformas escutavam-se espanhol, italiano, línguas eslavas e turco com mais frequência que o alemão. O bairro em volta da estação era um misto de hotéis, boates, lojas, casas de cômodos e prédios

comerciais. A Universum Sport Studio, academia pela qual eu fora contratado, ficava na Schillerstrasse, a apenas cinco minutos da *Hauptbahnhof*. As duas calçadas da rua eram uma sucessão de boates e bares de striptease que ficavam abertos até as quatro da manhã. Então, às cinco, os primeiros estabelecimentos que serviam café da manhã abriam as portas, oferecendo linguiça, cerveja ou desjejum mesmo. Era sempre possível se divertir em algum lugar. Munique era o tipo de cidade em que um garoto de 19 anos do interior precisava aprender a se virar bem depressa.

Albert Busek prometera mandar alguém me receber na estação e, quando subi a plataforma, vi o rosto sorridente de um fisiculturista chamado Franz Dischinger. Ele era o favorito da divisão juvenil na disputa de Jovem Atleta Mais Desenvolvido da Europa em Stuttgart, título que eu conquistara no ano anterior. Era um alemão bonito, mais alto que eu, mas seu corpo ainda não tinha se desenvolvido plenamente, e acho que foi por isso que os juízes me deram o título. Franz era um cara alegre. Nós nos demos muito bem e ríamos bastante juntos. Tínhamos combinado que, se eu fosse mesmo para Munique, seríamos parceiros de treino. Depois de comermos algo na estação, ele e o amigo que fora com ele, que tinha carro, me deixaram em um apartamento nos arredores da cidade, onde Rolf Putziger morava.

Ainda não conhecia meu novo chefe, mas ficara feliz quando ele se oferecera para me hospedar, pois eu não tinha dinheiro para alugar um quarto. Putziger se revelou um velho pesado e de aspecto pouco saudável, sempre de terno. Era quase careca e, quando sorria, exibia dentes malcuidados. Ele me recebeu com simpatia e me mostrou o apartamento. Havia um quartinho que, como ele explicou, seria meu assim que a cama que havia encomendado para mim fosse entregue. Enquanto isso, será que eu me importaria em dormir no sofá da sala? De forma alguma, respondi.

Não vi nenhum problema nesse arranjo até algumas noites depois, quando Putziger chegou tarde e, em vez de ir para o quarto, veio se deitar ao meu lado. "Você não ficaria mais à vontade lá no quarto?", perguntou. Senti o pé dele encostar no meu. Então me levantei do sofá feito uma flecha, recolhi minhas coisas e tomei o rumo da porta. Minha cabeça era um verdadeiro turbilhão: aonde é que eu tinha ido me meter? Entre os fisiculturistas, havia sempre alguns gays. Em Graz, conheci um cara que tinha uma academia incrível em casa, onde meus amigos e eu íamos malhar de vez em quando. Ele era bem aberto em relação à sua atração por homens e tinha nos mostrado a parte do parque municipal que os rapazes e seus parceiros costumavam frequentar. Mas ele era um verdadeiro cavalheiro e nunca impôs sua orientação sexual a nenhum de nós. Portanto, eu achava que sabia como os gays se comportavam. Putziger com certeza não parecia ser gay – ele tinha a aparência de um homem de negócios!

Ele me alcançou na rua, onde eu estava parado tentando processar o que acabara de acontecer e pensar em para onde poderia ir. Desculpou-se e prometeu não me incomodar se eu voltasse para o apartamento. "Você é meu

convidado", falou. Lá dentro, é claro, tentou outra vez conseguir o que queria, dizendo-me que entendia se eu preferisse mulheres, mas que, se eu fosse seu amigo, ele poderia me arrumar um carro, me ajudar na carreira e assim por diante. Eu certamente precisava de um verdadeiro guia naquele momento, mas não pagando aquele preço. Fiquei aliviado ao ir embora de vez daquele apartamento na manhã seguinte.

O único motivo pelo qual Putziger não me mandou embora foi porque precisava de alguém famoso para trabalhar na sua academia mais do que precisava de um amante. O fisiculturismo era um esporte tão pouco conhecido que Munique tinha apenas duas academias, e a maior delas pertencia a Reinhard Smolana, primeiro Mister Alemanha em 1960 e vencedor do título de Mister Europa em 1963. Smolana também ficara em terceiro lugar na disputa do Mister Universo, o que o tornava sem sombra de dúvida o mais bem colocado fisiculturista alemão e fazia dele a autoridade máxima em musculação. Sua academia era mais bem equipada e mais moderna que a de Putziger. Os clientes eram naturalmente atraídos para Smolana, portanto meu trabalho como jovem sensação era ajudar a Universum Sport Studio a competir. Albert Busek, o jornalista responsável pela *Sport Revue* que dera o pontapé inicial naquilo tudo sugerindo meu nome, revelou-se um homem tão honrado quanto Rolf Putziger era asqueroso. Quando lhe contei o que havia acontecido, ele ficou enojado. Como eu não tinha onde ficar, me ajudou a transformar um depósito da academia em quarto de dormir. Rapidamente nos tornamos bons amigos.

Se algum dia tivessem lhe dito para cursar a universidade, Albert teria se tornado médico, cientista ou intelectual. Em vez disso, estudou engenharia. Descobriu a malhação e então percebeu que tinha talento para a escrita e a fotografia. Perguntou a Putziger se podia fazer uns trabalhos para a revista. "Claro, escreva uma matéria para mim, escreva alguma coisa", ouviu em resposta. Quando Albert e a mulher tiveram gêmeos e ele parou de receber a bolsa de estudos, foi trabalhar para Putziger em tempo integral. Em pouco tempo, virou editor responsável pela revista e se firmou como um especialista na cena do fisiculturismo. Ele tinha certeza de que eu iria me tornar a próxima sensação do esporte e, como queria que eu alcançasse o sucesso, prontificou-se a servir de interlocutor entre mim e Putziger.

Tirando meus problemas com o chefe, o emprego era ideal. O negócio de Putziger compreendia a academia, a revista e uma pequena empresa de venda de suplementos alimentares por correspondência. A academia em si tinha várias salas, em vez de uma única sala grande. Contava também com janelas e luz natural, em vez das úmidas paredes de concreto do estádio de Graz com as quais eu estava acostumado. O equipamento era o mais sofisticado que eu já tinha usado. Além dos pesos, havia um conjunto completo de aparelhos para ombros, costas e pernas. Assim, pude acrescentar ao meu treino exercícios que isolavam músculos, aumentavam a definição e desenvolviam meu corpo de uma forma impossível de conseguir apenas com halteres.

No exército, eu havia aprendido que adorava ajudar as pessoas a treinar, de modo que essa parte do trabalho foi natural. Ao longo do dia, dava aulas para pequenos grupos e tinha sessões individuais com todo tipo de gente: policiais, operários da construção civil, executivos, intelectuais, atletas, artistas, alemães e estrangeiros, jovens e velhos, gays e heterossexuais. Incentivava os soldados da base americana próxima a treinar na academia. A Universum Sport Studio foi o primeiro lugar em que conheci um negro. Muitos de nossos clientes só queriam melhorar a forma física e a saúde, mas tínhamos também um grupo de halterofilistas e fisiculturistas profissionais que eu podia imaginar como parceiros de treino sérios. Percebi também que eu sabia unir e desafiar homens assim. "É, você até que pode ser meu parceiro de treino. Está mesmo precisando de ajuda", eu brincava. Como treinador, eu gostava de ser o líder do grupo e, embora tivesse bem pouco dinheiro, sempre levava todos para almoçar ou jantar e pagava a conta.

Estar ocupado ajudando os clientes significava que eu não tinha tempo de treinar como antes, ou seja, fazer uma sessão diária intensa de quatro ou cinco horas. Então optei por treinar duas vezes por dia, duas horas antes do trabalho e duas das sete às nove da noite, quando o movimento diminuía e só ficavam os praticantes mais sérios. No início, achei esses treinos divididos uma chatice, mas percebi que havia descoberto uma coisa interessante quando vi os resultados: estava me concentrando melhor e me recuperando mais depressa, ao mesmo tempo que fazia séries mais longas e mais puxadas. Em muitos dias, acrescentava um terceiro treino na hora do almoço. Isolava uma parte do corpo que considerava fraca e lhe dedicava atenção total por 30 ou 40 minutos: 20 séries de flexões plantares em pé, por exemplo, ou 100 extensões de tríceps. Fazia a mesma coisa algumas noites, depois do jantar, quando voltava às 11 da noite para mais uma hora de treino. Ao ir dormir no meu quartinho, muitas vezes sentia algum músculo que havia trabalhado nesse dia se contrair e latejar – mas isso era apenas o efeito colateral de uma boa malhação, e muito agradável, pois eu sabia que essas fibras agora iriam se recuperar e se desenvolver.

Estava treinando duro porque, dali a menos de dois meses, sabia que teria que enfrentar um dos melhores fisiculturistas do mundo. Eu tinha me inscrito no maior evento de fisiculturismo da Europa: a disputa de Mister Universo, em Londres. Era uma atitude precipitada. Em condições normais, alguém relativamente novato como eu nem sonharia em participar daquela competição. Eu teria tentado vencer primeiro a disputa de Mister Áustria e, caso ganhasse, aí, sim, teria cogitado concorrer ao Mister Europa. No entanto, nesse ritmo, estar "pronto" para Londres teria levado muitos anos, e eu estava impaciente demais para isso. Queria a competição mais difícil que pudesse conseguir, e essa seria a guinada mais agressiva que eu poderia dar na minha carreira. No entanto, eu não era nenhum idiota, claro, e conhecia os riscos. Não esperava ganhar em Londres – não dessa vez. Porém estava decidido a descobrir qual era minha posição na carreira. Albert adorou a ideia e, como

falava inglês, me ajudou a preencher o formulário de inscrição.

Para uma rotina tão fanática quanto a minha, era preciso mais de um parceiro de treino. Por sorte, havia um número suficiente de fisiculturistas sérios em Munique que gostaram do meu sonho de ser Mister Universo, ainda que me achassem meio maluco. Franz Dischinger treinava comigo regularmente, assim como Fritz Kroher, rapaz do interior como eu, originário de uma cidadezinha nas florestas da Bavária. Até mesmo Reinhard Smolana, dono da academia rival, entrou na dança. Às vezes ele me convidava para treinar na sua academia, ou ia à Universum malhar depois do expediente. Em apenas poucas semanas, vi que tinha encontrado minha verdadeira turma e comecei a me sentir em casa em Munique.

Meu parceiro de treino favorito chamava-se Franco Columbu, e ele logo se tornou meu melhor amigo. Eu o conhecera em Stuttgart no ano anterior, quando ele vencera o campeonato europeu de levantamento de peso no mesmo dia em que eu ganhara o Mister Europa juvenil. Franco era italiano, natural da Sardenha. Fora criado em uma fazenda em um minúsculo vilarejo de montanha que soou ainda mais primitivo do que Thal quando ele o descreveu para mim. Passara a maior parte da infância pastoreando ovelhas e, aos 10 ou 11 anos, ficava vários dias sozinho no mato, tendo que se virar para achar o que comer e se defender sem a ajuda de ninguém.

Franco tivera que abandonar a escola aos 13 anos para ajudar a família na fazenda, mas era muito trabalhador e inteligente. Começara como pedreiro e lutador de boxe amador e depois fora para a Alemanha ganhar a vida no ramo da construção. Em Munique, aprendera o idioma e passara a conhecer a cidade tão bem que se qualificou para ser taxista. A prova para ser motorista de táxi lá era difícil até para os locais, e o fato de um italiano ser aprovado deixou todo mundo impressionado.

Franco praticava levantamento de peso, eu, fisiculturismo, e ambos concordávamos que os dois esportes se complementavam. Eu queria aumentar minha massa corporal, o que significava trabalhar com pesos pesados, e isso Franco sabia fazer. Em contrapartida, eu entendia de fisiculturismo, algo que ele queria aprender. "Eu quero ser Mister Universo", disse ele. Os outros riam da sua cara, pois Franco tinha apenas 1,65 metro, mas, no fisiculturismo, a perfeição e a simetria podem derrotar a simples estatura. Gostei da ideia de treinarmos juntos.

Talvez por ter passado tanto tempo ao ar livre, no mato, Franco estava sempre disposto a abraçar novas ideias. Por exemplo, ele adorou minha teoria de "choque muscular". O maior obstáculo para um treino bem-sucedido sempre me pareceu ser o fato de que o corpo se ajusta muito depressa. Se você fizer a mesma série de levantamentos todos os dias, mesmo que aumente a carga progressivamente, verá o ganho muscular diminuir e depois parar, porque os músculos se tornam muito eficientes executando a sequência à qual já estão acostumados. A única forma de estimular o músculo e fazê-lo voltar a crescer é surpreendê-lo com a mensagem: "Você nunca vai saber o que está por

vir. Será sempre diferente do que você espera. Hoje é assim, amanhã será outra coisa." Um dia são pesos superpesados; no outro, séries com muitas repetições.

Um dos métodos que elaboramos para alcançar o choque muscular eram as séries regressivas. Em uma sequência de treino normal, a primeira série é feita com pesos mais leves e se vai aumentando a carga. Na série regressiva, porém, faz-se o contrário. Por exemplo, na preparação para Londres, eu precisava desenvolver meus deltoides. Então fazia extensões com pesos: você segura um peso em cada mão, na altura dos ombros, e estica os braços para erguê-los até acima da cabeça. Na série regressiva, eu começava com a carga máxima que conseguia levantar: seis repetições com pesos de 45 quilos. Em seguida eu os trocava pelos de 40 quilos e fazia mais seis repetições. E assim por diante, diminuindo cada vez mais. Quando chegava aos pesos de 20 quilos, meus ombros já estavam pegando fogo, e a cada repetição parecia que cada braço estava levantando 50 quilos, em vez de 20. Antes de largar os pesos, porém, eu aumentava ainda mais o choque nos deltoides fazendo levantamentos laterais, ou seja, erguendo os 20 quilos da altura do quadril até o ombro. Depois disso, meus músculos dos ombros ficavam tão doloridos que eu não sabia onde pôr as mãos. Deixá-las pender junto ao corpo causava uma dor excruciante e erguê-las era impossível. Tudo o que eu conseguia fazer era repousar os braços sobre uma mesa ou um aparelho, para aliviar a dor. A sequência inesperada de séries deixava os deltoides gritando. Eu mostrava a eles quem mandava. Então sua única opção era se recuperar e hipertrofiar.

DEPOIS DE TREINAR PESADO O DIA INTEIRO, à noite eu só queria me divertir. Em 1966, em Munique, diversão significava cervejaria, e cervejaria significava briga. Eu e meus amigos íamos a esses lugares, que todas as noites se enchiam de gente sentada em volta de mesas compridas, rindo, discutindo e brandindo suas canecas. E ficando bêbada, é claro. Todo mundo puxava briga o tempo todo, mas nunca era nada do tipo "Vou matar esse cara". Assim que a briga terminava, um dos adversários dizia:

– Ah, vamos comer uns *pretzels.* Posso pagar uma cerveja para você?

E o outro respondia:

– É, eu perdi, então o mínimo que você pode fazer é me pagar uma cerveja. Até porque estou sem um tostão.

E logo os dois estavam bebendo juntos, como se nada tivesse acontecido.

A cerveja em si não me agradava tanto assim, porque interferia no treinamento, então eu raramente bebia mais de uma por noite. Quanto às brigas, no entanto, eu não perdia uma. Tinha a sensação de estar descobrindo um poder novo a cada dia: eu era imenso, forte, imbatível. Pensar praticamente não fazia parte da equação. Se um cara me olhasse de um jeito estranho ou me desafiasse por qualquer motivo que fosse, eu partia para cima dele. Dava-lhe o tratamento de choque: rasgava minha camisa para exibir a camiseta sem manga que usava por baixo, depois o nocauteava com um soco. Ou às vezes acontecia de um desses caras, quando me via, dizer apenas: "Ah,

deixe isso para lá. Por que não tomamos uma cerveja e pronto?"

É claro que, quando a briga se generalizava, meus amigos e eu protegíamos uns aos outros. No dia seguinte, trocávamos histórias na academia e dávamos risadas. "Ah, vocês deveriam ter visto o Arnold: ele bateu as cabeças de dois caras uma na outra, aí um amigo partiu para cima dele com uma caneca de cerveja, mas eu peguei o desgraçado por trás com uma cadeira..." Tínhamos sorte porque, mesmo quando a polícia aparecia, o que aconteceu várias vezes, ela simplesmente nos liberava. A única vez que me lembro de ter sido levado para a delegacia foi quando um cara disse que consertar seus dentes iria custar uma nota. Começamos a discutir tanto por causa do custo do dentista que a polícia achou que a briga fosse recomeçar. Então fomos levados para a delegacia e deixados lá até acertarmos um valor.

Melhor ainda do que as brigas eram as garotas. Do outro lado da Schillerstrasse, bem em frente à academia, ficava o hotel Diplomat, onde as comissárias de bordo das empresas aéreas costumavam se hospedar. Quando nos viam da rua, Franco e eu nos debruçávamos nas janelas da academia com nossas camisetas sem manga para paquerá-las.

– O que estão fazendo aí em cima? – perguntavam elas.

– É uma academia. Querem treinar? Podem subir.

Eu também atravessava a rua até o saguão do hotel para me apresentar aos grupinhos de comissárias que entravam e saíam. Para deixá-las interessadas, combinava minhas melhores táticas do Thalersee com as dos anos que passei vendendo material de construção. "Temos uma academia do outro lado da rua", dizia, e então elogiava a garota e comentava que ela poderia gostar de malhar. Na verdade, achava uma bobagem e uma estupidez as academias quase nunca incentivarem mulheres a treinar. Então nós as deixávamos malhar de graça. E pouco importava se estivessem ali por se interessarem pelos homens ou só para se exercitar: eu ficava feliz do mesmo jeito.

As garotas apareciam sobretudo à noite. Às oito horas, em geral, nossos clientes regulares já tinham ido embora, mas era possível usar os aparelhos até as nove. Era nesse horário que eu fazia o segundo treino com meus parceiros. Se as garotas quisessem apenas treinar, podiam tomar uma chuveirada e ir embora às oito e meia. Senão, podiam ficar por ali mesmo, e saíamos juntos ou dávamos uma festa. Às vezes, Smolana aparecia com algumas garotas, e nesses dias a noite podia virar uma loucura.

Nos primeiros meses em Munique, eu me deixei levar pela vida noturna e pela diversão. Porém, logo percebi que estava perdendo o foco e comecei a ter mais disciplina. O objetivo não era me divertir, e sim me tornar campeão do mundo de fisiculturismo. Se eu quisesse dormir sete horas por dia, precisava estar na cama às onze. Sempre havia tempo para me divertir, e nós sempre arrumávamos um jeito de nos distrair.

Meu chefe se revelou uma ameaça maior a meus anseios de Mister Universo do que qualquer bêbado de cervejaria com uma caneca na mão. Faltando apenas poucas semanas para o concurso, eu ainda não recebera a confirmação

da minha inscrição. Finalmente, Albert acabou ligando para Londres e os organizadores disseram nunca ter recebido inscrição nenhuma. Ele então pressionou Putziger, que confessou ter achado meu formulário de inscrição na correspondência a ser postada e jogado fora. Ele estava enciumado com o fato de eu poder ser descoberto e me mudar para a Inglaterra ou os Estados Unidos antes de ele conseguir ganhar dinheiro comigo. Tudo teria ido por água abaixo não fosse o domínio de inglês de Albert e sua disposição para me defender. Ele tornou a ligar para Londres e convenceu os organizadores a avaliarem minha inscrição apesar de o prazo já ter expirado. Eles aceitaram. Poucos dias antes do concurso, a confirmação chegou e meu nome foi incluído na lista.

Os outros fisiculturistas de Munique também se uniram para me defender. Putziger devia ter pago minha passagem para Londres, claro, porque todo o sucesso que eu conseguisse lá chamaria atenção para a sua academia. No entanto, quando a notícia da sua rasteira se espalhou, foi seu rival Smolana quem passou o chapéu e juntou os 300 marcos necessários para a passagem. No dia 23 de setembro de 1966, embarquei em um voo com destino a Londres. Tinha 19 anos e era a primeira vez que voava de avião. Imaginava que fosse pegar um trem, então fiquei empolgadíssimo. Tinha certeza de que todos os meus antigos colegas de escola já tinham viajado de avião. Eu estava sentado dentro de uma aeronave junto com vários homens de negócios, e tudo isso graças ao fisiculturismo.

A primeira disputa de Mister Universo aconteceu um ano depois que eu nasci, em 1948. A competição se realizava em Londres, sempre em setembro. A maioria dos competidores, assim como em todo o universo do fisiculturismo, era de língua inglesa – principalmente americanos, que venciam uma média de oito a cada 10 competições. Todos os grandes fisiculturistas que eu idolatrava quando mais jovem haviam conquistado o título de Mister Universo: Steve Reeves, Reg Park, Bill Pearl, Jack Delinger, Tommy Sansone, Paul Winter. Eu me lembrava de ter visto uma fotografia do concurso quando criança. O vencedor estava em pé sobre um pódio, segurando o troféu, enquanto os outros posavam abaixo dele no palco. Eu sempre me vi em cima daquele pódio. Era uma visão muito clara: eu sabia que sensação aquilo me daria e que imagem teria. Tornar esse objetivo uma realidade seria um sonho, mas eu não imaginava que fosse ganhar naquele ano. Recebera a lista dos fisiculturistas com os quais iria competir na categoria amadora, vira as fotografias e pensara: "Meu Deus!" Seus corpos eram mais definidos que o meu. Eu queria terminar entre os seis primeiros, pois achava que não conseguiria derrotar o segundo, o terceiro e o quarto lugares do ano anterior. Considerava-os definidos demais, e eu não estava à altura. Ainda me encontrava no meio do lento processo de atingir minha massa muscular ideal. Eu pretendia chegar ao tamanho desejado, depois diminuir a intensidade dos treinos para então esculpir e aperfeiçoar os músculos.

A competição foi realizada no teatro Victoria Palace, antiga casa de espetáculos decorada com muito mármore e estátuas a alguns quarteirões da

estação ferroviária de Victoria. As grandes competições sempre seguiam o mesmo protocolo. Pela manhã havia as prévias, ou rodadas técnicas. Os fisiculturistas e os jurados se reuniam no auditório – os jornalistas podiam assistir, mas a entrada do público não era permitida. O objetivo era dar aos jurados uma oportunidade de avaliar o desenvolvimento muscular dos competidores, cada parte do corpo separada, e compará-los de forma sistemática. Formava-se uma fila nos fundos do palco com todos os integrantes de uma classe – a minha era "amador alto". Cada um tinha um número na sunga. Um jurado dizia: "Números 14 e 8, por favor, deem um passo à frente e mostrem o quadríceps." Os dois então avançavam até o meio do palco e faziam a pose clássica para exibir os quatro músculos dianteiros da coxa, enquanto os jurados tomavam notas. O resultado dessas rodadas técnicas era levado em consideração nas decisões que seriam tomadas mais tarde no mesmo dia. A maior atração de todas, é claro, eram as finais, que aconteciam à tarde: uma competição de poses para cada uma das classes, concluída por uma pose com os vencedores de cada classe para escolher os campeões gerais nas categorias amadora e profissional.

Em comparação com as outras competições que eu já presenciara, a de Mister Universo era coisa séria. Os ingressos se esgotaram completamente: mais de 1.500 lugares foram ocupados por fãs do fisiculturismo que aplaudiam e gritavam, enquanto dezenas de outros aguardavam do lado de fora, torcendo por uma chance de poder entrar. O espetáculo em si tinha tanto de competição quanto de circo. O palco recebia iluminação profissional, com canhões de luz e refletores, e eles contratavam uma orquestra completa para ajudar a animar o show. A programação de duas horas incluía distrações entre as diferentes rodadas: concurso de biquínis, acrobatas, contorcionistas e dois grupos de mulheres de maiô e botas que desfilavam pelo palco e faziam poses segurando pequenos pesos e halteres.

Para meu assombro, durante a rodada técnica daquela manhã descobri que havia superestimado meus adversários. Os melhores fisiculturistas "amadores altos" eram de fato mais definidos, porém, quando estávamos todos juntos no palco, eu ainda me destacava. A verdade é que nem todos os fisiculturistas são fortes, sobretudo os que fazem a maior parte do treinamento em aparelhos. No meu caso, porém, anos de levantamento de peso e de trabalho com pesos livres tinham deixado meus bíceps, ombros, costas e coxas descomunais. Por isso, eu simplesmente parecia maior e mais forte que os outros.

Quando o espetáculo estava para começar, já se espalhara a notícia de que um adolescente gigantesco, com um nome impossível de pronunciar, surgira do nada e que ele era um verdadeiro fenômeno. Assim, a plateia se mostrou especialmente barulhenta e animada quando nosso grupo entrou no palco. Não ganhei, mas cheguei muito mais perto do que eu próprio ou qualquer outra pessoa poderia ter imaginado. Na última pose, eu e um americano chamado Chester Yorton disputamos o primeiro lugar e os jurados o escolheram. Tive que reconhecer que foi a escolha certa: embora Chet tivesse

no mínimo 8 quilos a menos que eu, era realmente mais bem definido e muito bem-proporcionado, além de suas poses serem mais naturais e bem ensaiadas que as minhas. Para completar, ele exibia um belo bronzeado que me fazia parecer um pão cru.

Fiquei em êxtase por ter surpreendido a todos com o segundo lugar. Minha sensação era de ter ganhado. Aquilo me lançou na ribalta e as pessoas começaram a dizer: "Ele vai ganhar no ano que vem." Revistas de fisiculturismo em inglês começaram a citar meu nome, o que era fundamental, já que para alcançar meu objetivo eu precisava me tornar conhecido na Inglaterra e nos Estados Unidos.

O encantamento durou apenas o tempo que levei para raciocinar. Então me dei conta: quem tinha subido no alto daquele pódio fora Chet Yorton, não eu. Ele merecera ganhar, mas pensei que eu havia cometido um grave erro. E se tivesse ido a Londres pretendendo ganhar? Será que teria me preparado melhor? Será que meu desempenho teria sido melhor? Será que eu teria vencido e agora seria Mister Universo? Em vez de agir assim, eu subestimara minhas chances. Não gostei do que senti e fiquei realmente muito abalado. Mas de fato aprendi uma lição.

Depois disso, nunca mais participei de nenhuma competição só por competir. Eu me inscrevia para ganhar. Mesmo que nem sempre vencesse, era esse o meu estado de espírito. Eu me tornei um verdadeiro animal. Se você conseguisse ler meus pensamentos antes de um concurso, ouviria mais ou menos o seguinte: "Eu mereço esse pódio, esse pódio é meu, e o mar vai ter que se abrir para mim. Saia da minha frente, porra, estou decidido. Pode ir descendo daí e me dar o troféu."

Eu me imaginava no alto do pódio, com o troféu na mão. Todos os outros estariam lá embaixo. E eu teria que olhar para baixo para vê-los.

TRÊS MESES DEPOIS, EU ESTAVA DE VOLTA A Londres, rindo e fazendo bagunça no tapete de uma sala com um bando de crianças. Eram os filhos de Wag e Dianne Bennett, donos de duas academias que ocupavam o centro da cena do fisiculturismo no Reino Unido. Wag tinha sido jurado no concurso de Mister Universo e me convidara para ficar hospedado em sua casa de Forest Gate, em Londres, para algumas semanas de treinos. Embora já tivessem seis filhos, eles me acolheram e se tornaram praticamente meus pais.

Wag havia deixado bem clara a sua opinião: eu ainda precisava trabalhar muito. No primeiro lugar da sua lista estava minha sequência de poses. Eu sabia que havia uma grande diferença entre fazer poses bonitas e ter uma boa sequência. Poses são como fotografias, e a sequência é o filme. Para hipnotizar o público e deixá-lo vidrado, as poses precisam fluir. O que você faz entre uma pose e outra? Como suas mãos se movem? Qual é a expressão do seu rosto? Eu nunca tivera oportunidade de responder a muitas dessas perguntas. Wag me mostrou como diminuir o ritmo e transformar minha sequência em um balé: era tudo uma questão de postura, de manter as costas eretas e a cabeça virada

para cima, não para baixo.

Essa parte eu conseguia entender, mas a ideia de posar enquanto tocava uma música ao fundo foi mais difícil de engolir. Wag colocava para tocar a dramática música-tema do filme *Exodus* e me mandava começar a sequência. No início, eu não conseguia imaginar algo que me distraísse mais ou que fosse menos legal. Depois de algum tempo, no entanto, comecei a ver como podia coreografar as poses e surfar a melodia como se fosse uma onda – uma bela e concentrada pose três quartos de costas nos momentos mais tranquilos, seguida por uma pose de peito lateral conforme a música ia aumentando de volume e então, *tcharã!*, uma pose incrível, a mais musculosa de todas, durante o crescendo.

Dianne se concentrava em me encher de proteínas e aprimorar minhas boas maneiras. Às vezes ela devia ter a impressão de que eu fora criado por lobos. Não sabia como segurar os talheres direito, nem que era preciso ajudar a tirar a mesa depois do jantar. Dianne assumiu o lugar que tanto meus pais quanto Fredi Gerstl e *Frau* Matscher tinham deixado vazio. Uma das poucas vezes que ela ficou brava comigo foi quando me viu abrir caminho aos empurrões por uma multidão de fãs após uma competição. Na minha cabeça, eu só pensava: "Eu ganhei! Agora vou comemorar." Mas Dianne me segurou e disse: "Arnold, isso não se faz. Essas pessoas vieram aqui ver *você*. Elas gastaram dinheiro e algumas viajaram longas distâncias para estar aqui. Você pode parar por alguns minutos e lhes dar um autógrafo." Essa bronca mudou minha vida. Eu nunca havia pensado nos fãs, só nos concorrentes. A partir desse dia, porém, passei a encontrar sempre um tempo para eles.

Até as crianças ajudaram no projeto "A educação de Arnold". Não deve haver nenhum jeito melhor de aprender inglês do que conviver com uma família londrina animada e feliz na qual ninguém entende alemão, você dorme no sofá e tem seis irmãos e irmãs mais novos. Eles me tratavam como um gigantesco filhote de cachorro que houvessem acabado de ganhar e adoravam me ensinar palavras novas.

Em uma foto minha tirada nessa viagem, estou encontrando pela primeira vez meu ídolo de infância, Reg Park. Ele veste calça esportiva e suéter, tem a aparência relaxada e está bronzeado. Eu, ao contrário, com minha sunga de competição, estou pálido e tenho um ar surpreso, de admiração. Estava diante de Hércules, do detentor de três títulos de Mister Universo, do astro de cinema cuja foto eu pregara na parede do meu quarto, do homem que servira de modelo para o meu projeto de vida. Mal consegui articular qualquer palavra. Todo o inglês que havia aprendido se evaporou da minha cabeça.

Reg vivia então em Johanesburgo, onde era dono de uma rede de academias, mas voltava à Inglaterra a trabalho várias vezes por ano. Era amigo dos Bennett e generosamente concordara em me ensinar os truques da profissão. Para Wag e Dianne, a melhor maneira de eu ter uma boa chance de ganhar o título de Mister Universo era me tornar mais conhecido no Reino Unido. Na época, os fisiculturistas faziam isso entrando no circuito de exibição –

promotores das Ilhas Britânicas organizavam eventos regionais e, se você aceitasse participar, podia ganhar um dinheirinho e divulgar o próprio nome. Por acaso, Reg estava a caminho de um evento desses em Belfast, na Irlanda do Norte, e sugeriu que eu o acompanhasse. Construir um nome no fisiculturismo é bem parecido com fazer política. Você vai de cidade em cidade e torce para a informação se espalhar. Esse contato com o público funcionou, e o entusiasmo gerado por essa iniciativa acabaria me ajudando a ganhar o título de Mister Universo.

Certa noite eu estava nos bastidores de uma exibição vendo Reg posar no palco diante de uma plateia de várias centenas de fãs animados. Então ele foi até o microfone e me chamou para subir ao palco. Ficou narrando enquanto eu demonstrava minha força: roscas com os dois braços e um peso de 125 quilos, e cinco levantamentos terra com 227 quilos. Terminei com uma pose e as pessoas aplaudiram de pé. Estava pronto para descer do palco quando ouvi Reg dizer:

– Arnold, venha cá. – Quando cheguei ao microfone, ele tornou a falar: – Diga alguma coisa para o pessoal.

– Não, não, não – respondi.

– Por que não?

– Eu não falo inglês muito bem – expliquei.

– Vejam só! – exclamou ele. – Muito bom! Vamos aplaudir, pessoal. Para um cara que não fala inglês, é preciso muita coragem para dizer uma frase dessas.

Ele começou a aplaudir e logo todos o imitaram.

De repente, pensei: "Caramba, que fantástico. Eles gostaram do que eu disse!"

– Diga a eles: "Eu gosto da Irlanda" – continuou Reg.

– Eu gosto da Irlanda.

Mais aplausos.

– Lembro que você me disse mais cedo que é a sua primeira vez em Belfast, e que você mal podia esperar para chegar aqui. Não é verdade?

– É.

– Então diga a eles! "Eu mal podia esperar..."

– Eu mal podia esperar...

– "...para chegar aqui."

– ...para chegar aqui.

Mais aplausos. Minha nossa! A cada frase que ele dizia e eu repetia, a plateia me aplaudia.

Se Reg tivesse me dito na véspera que iria me chamar para subir ao palco e pedir que eu dissesse algumas palavras, eu teria ficado apavorado. Agora, porém, ali estava eu, conseguindo falar em público sem pressão. Não precisava me preocupar com o fato de os espectadores me aceitarem ou darem importância ao que eu dissesse. Eu não tinha medo, porque estava focado no meu corpo. Eu estava levantando pesos, posando. Sabia que eles me aceitavam. Falar era só uma atração extra.

Depois desse dia, passei a estudar o comportamento de Reg em várias exibições. Ele tinha um jeito inacreditável de falar. Sabia divertir as pessoas, era espontâneo, contava histórias. E ele era Hércules! Era Mister Universo! Conhecia vinhos e gastronomia, falava francês e italiano. Era um daqueles caras que realmente sabem se comportar. Eu via o jeito como ele segurava o microfone e dizia a mim mesmo: "É isso que você tem que fazer. Não pode simplesmente posar no palco feito um robô e depois ir embora. Assim as pessoas nunca vão conhecer sua personalidade. Reg Park fala com as pessoas. É o único fisiculturista que conheço que interage com a plateia. É por isso que elas o amam. É por isso que ele é Reg Park."

DE VOLTA A MUNIQUE, PASSEI A ME CONCENTRAR em conseguir clientes para a academia. O velho Putziger quase nunca aparecia, fato que Albert e eu achávamos ótimo. Nós dois formávamos uma bela equipe. Albert administrava tudo – o negócio de venda de suplementos pelo correio, a revista e a academia – e fazia o trabalho de várias pessoas. A mim, além de conduzir os treinos, cabia recrutar novos clientes. Nosso objetivo, naturalmente, era ultrapassar Smolana e nos tornarmos a principal academia da cidade. A publicidade era um primeiro passo evidente, mas não tínhamos dinheiro para anunciar tanto assim, então mandamos imprimir alguns cartazes. Esperávamos a noite cair e então percorríamos a cidade para pregá-los em canteiros de obras, onde imaginávamos que os operários fossem se interessar pelo fisiculturismo.

Mas essa estratégia não deu tão certo quanto esperávamos. Ficamos quebrando a cabeça, tentando encontrar uma solução, até que Albert passou por um dos canteiros de obras durante o dia e viu um cartaz de Smolana pregado no muro, bem em cima de um dos nossos. Descobrimos que ele vinha mandando seu pessoal percorrer a cidade para cobrir nossos cartazes com os dele antes de a cola secar. Assim, mudamos de tática. Colávamos os cartazes uma primeira vez à meia-noite, depois dávamos uma segunda passada às quatro da manhã para ter certeza de que quando os operários das obras chegassem para trabalhar os cartazes da nossa academia estariam por cima. Todo mundo se divertiu bastante com essa guerra de cartazes, e aos poucos nosso número de clientes começou a aumentar.

Nosso argumento era que, embora Smolana tivesse mais espaço, nós tínhamos mais energia e mais diversão. Outra vantagem nossa eram os lutadores. Hoje em dia a luta livre é um fenômeno esportivo da TV, mas naquela época os lutadores iam de cidade em cidade promovendo combates. Quando estavam em Munique, eles se apresentavam em um lugar chamado Circus Krone, um prédio construído para servir de sede a um circo e que tinha uma imensa arena permanente no centro. Sempre que havia uma luta, o lugar ficava abarrotado.

Os lutadores viviam procurando um lugar para malhar e, quando ouviram falar de mim, começaram a escolher a nossa academia. Treinei com pessoas

como o havaiano Harold Sakata, que fez o papel do vilão Oddjob no filme *007 contra Goldfinger* em 1964. Assim como muitos outros lutadores profissionais, Harold começou como levantador de peso. Ele ganhou uma medalha de prata para os Estados Unidos nos Jogos Olímpicos de 1956 em Sydney, Austrália. Tínhamos também lutadores húngaros, franceses, do mundo inteiro. Eu abria a academia em horários fora do expediente só para recebê-los e à noite ia assistir às suas lutas. Eles estavam doidos para me fazer virar lutador, mas é claro que isso não fazia parte dos meus planos.

Mesmo assim, estava orgulhoso com o fato de a nossa academia estar começando a ficar meio parecida com a ONU, porque meu plano era alcançar uma escala global em tudo o que eu fizesse. Fisiculturistas americanos e britânicos de passagem pela cidade apareciam por lá, e os soldados americanos estacionados ali perto ficaram sabendo que a Universum Sport Studio era um bom lugar para se treinar.

Ter uma grande variedade de clientes era a ferramenta de vendas perfeita. Se alguém me dissesse "Estive na academia Smolana e eles têm mais aparelhos que vocês", eu respondia: "Bom, eles têm mais espaço que nós, nisso você tem razão. Mas pense no que faz todo mundo querer vir aqui. Quando qualquer fisiculturista americano chega à cidade, é aqui que ele vem treinar. Quando os membros das Forças Armadas procuram uma academia, é aqui que vêm treinar. Quando lutadores profissionais vêm a Munique, é aqui que eles vêm treinar. Temos até mulheres tentando entrar!" Eu tinha preparado todo um discurso.

Meu sucesso inicial em Londres mostrou que eu estava no caminho certo e que meus objetivos não eram malucos. A cada vitória que obtinha, minha certeza aumentava. Depois do Mister Universo de 1966, conquistei vários outros títulos, incluindo o de Mister Europa. Mais importante ainda para minha reputação local foi que consegui erguer, mais alto que qualquer outro competidor, um bloco de pedra de 254 quilos da antiga cervejaria Löwenbräukeller durante o Festival da Cerveja, em março, e assim venci uma rodada da competição de levantamento de pedra.

Eu sabia que já era o favorito para ganhar o título de Mister Universo de 1967. Mas isso não me parecia suficiente – eu queria domínio total. Se já os havia impressionado com meu tamanho e força no ano anterior, meu plano agora era aparecer inacreditavelmente maior e mais forte e deixá-los realmente de queixo caído.

Assim, dediquei toda a minha energia e atenção a um regime de treinamento que havia bolado junto com Wag Bennett. Passei meses gastando a maior parte do meu salário em comida, vitaminas e tabletes de proteína destinados a aumentar a massa muscular. A principal bebida dessa dieta parecia um oposto intragável da cerveja: levedo de cerveja com leite e ovo cru. O cheiro e o sabor eram tão horríveis que Albert certa vez provou e vomitou. Mas eu estava convencido de que funcionava, e talvez desse certo mesmo.

Eu lia tudo o que conseguia encontrar sobre os métodos de treinamento dos

alemães orientais e soviéticos. Havia boatos cada vez mais fortes de que eles estavam usando remédios para aumentar o desempenho e melhorar os resultados de seus halterofilistas, lançadores de peso e nadadores. Assim que entendi que os remédios em questão eram os anabolizantes, fui ao médico experimentar. Na época, não havia nenhuma regra que proibisse o uso de esteroides anabolizantes e era possível obtê-los com receita médica, mas as pessoas já pareciam ter reservas em relação ao seu uso. Os fisiculturistas não falavam sobre anabolizantes com a mesma liberdade com que se referiam a séries com pesos ou suplementos alimentares, e havia uma controvérsia sobre se as revistas especializadas deveriam informar as pessoas a respeito dos remédios ou simplesmente ignorar essa tendência.

Tudo o que eu precisava saber era que os principais campeões internacionais estavam tomando anabolizantes, e confirmei esse fato perguntando ao pessoal de Londres. Eu não podia entrar na competição em desvantagem. "Não deixe de tentar nada", era esse o meu lema. Não havia nenhuma prova quanto aos riscos – as pesquisas relacionadas aos efeitos colaterais dos anabolizantes estavam apenas começando –, mas, mesmo que fosse o caso, não sei se eu teria ligado. Campeões de esqui alpino e pilotos de Fórmula 1 sabem que podem morrer, mas mesmo assim competem. Eles competem porque, se você não morre, você ganha. Além disso, eu tinha 20 anos e me achava imortal.

Para obter os remédios, só precisei me consultar com um clínico geral.

– Ouvi dizer que esses remédios auxiliam no crescimento muscular – falei.

– Teoricamente, sim, mas eu não exageraria na propaganda – respondeu o médico. – Esses remédios são para pessoas em reabilitação após passarem por intervenções cirúrgicas.

– Acha que eu posso experimentar? – perguntei, e ele respondeu que sim, claro.

Receitou uma injeção a cada 15 dias e também comprimidos para tomar entre as aplicações.

– Tome isto por três meses e pare no dia em que a competição terminar – falou.

Os anabolizantes me deixaram com mais fome e sede e me ajudaram a ganhar peso, mas esse peso era composto principalmente por água, o que não era ideal, pois afetava a definição. Aprendi a usar os remédios durante as seis ou oito últimas semanas antes de uma competição importante. Eles podiam ajudar a vencer, mas a vantagem que proporcionavam era mais ou menos a mesma de ter um belo bronzeado.

Mais tarde, na época que me aposentei do fisiculturismo, o uso de drogas se tornou um problema grave nesse esporte. Alguns caras chegavam a tomar doses de anabolizantes 20 vezes maiores do que as que qualquer um de nós tomava. Quando o hormônio do crescimento humano foi descoberto, a situação realmente fugiu ao controle. Alguns fisiculturistas morreram. Desde então venho trabalhando duro junto à Federação Internacional de

Fisiculturismo e a outras organizações para banir as drogas do esporte.

O efeito global de todos esses ajustes no meu regime de treinos foi que, em setembro, quando tornei a embarcar num avião para Londres, havia conseguido ganhar quase 5 quilos só de músculos.

Essa segunda disputa de Mister Universo foi tão boa quanto eu imaginava. Enfrentei fisiculturistas de África do Sul, Índia, Inglaterra, Jamaica, Escócia, Trinidad, México, Estados Unidos e dezenas de outros países. Pela primeira vez, ouvi o público entoar meu nome: "Arnold! Arnold!" Nunca tinha vivido nada parecido. Quando subi ao pódio com meu troféu na mão, exatamente como havia sonhado, consegui dizer as palavras certas em inglês para mostrar que tinha alguma classe e participar da diversão. Peguei o microfone e falei: "Minha ambição de vida acabou de se realizar. Estou muito feliz em ser Mister Universo. Que frase mais linda! Vou repetir: estou muito feliz em ser Mister Universo. Obrigado a todos na Inglaterra que me ajudaram. Vocês foram muito bons comigo. Obrigado a todos."

Conquistar o título de Mister Universo me proporcionou um estilo de vida que superava os sonhos mais extravagantes de qualquer rapaz. Quando o tempo estava bom, nós nos empilhávamos dentro de nossos carros velhos e íamos para o campo brincar de gladiadores – fazíamos churrasco, bebíamos vinho e namorávamos. À noite, eu saía com uma turma internacional de donos de bar, músicos, garçonetes – uma de minhas namoradas era stripper, outra era cigana. Mas eu tinha hora certa para esses excessos. Quando precisava treinar, nunca perdia uma sessão sequer.

Reg Park havia prometido que, se eu ganhasse o Mister Universo, ele me convidaria a ir à África do Sul para fazer exibições e promover meu nome. Assim, na manhã seguinte ao concurso, eu lhe mandei um telegrama que dizia: "Ganhei. Quando é que vou para aí?" Reg cumpriu sua palavra. Mandou uma passagem para mim e em 1967, durante as férias de verão do hemisfério norte, passei três semanas em Johanesburgo com ele, sua mulher, Mareon, e os dois filhos do casal, Jon Jon e Jeunesse. Reg e eu percorremos toda a África do Sul fazendo exibições, inclusive em Pretória e na Cidade do Cabo.

Até então, eu só tinha uma vaga ideia do que realmente significava o sucesso no fisiculturismo, no cinema e nos negócios. Ver a família feliz de Reg e sua vida próspera foi uma inspiração tão grande para mim quanto assisti-lo nas telas interpretando Hércules. Ele vinha de uma família da classe trabalhadora de Leeds. Já era um astro do fisiculturismo nos Estados Unidos na década de 1950, quando se apaixonou por Mareon. Ele a levou para a Inglaterra, onde os dois se casaram, mas Leeds a deixou deprimida e o casal se mudou de volta para a África do Sul, onde Reg fundou sua rede de academias. Os negócios deram muito certo. A casa da família, que ele chamava de Monte Olimpo, tinha vista para a cidade, piscina e jardins. O interior era amplo, lindo, confortável, cheio de obras de arte. Por mais que eu estivesse gostando da vida que levava em Munique – treinos pesados, diversão, brigas e garotas –, ficar hospedado com a família de Reg foi uma experiência que não me deixou

perder de vista os meus objetivos.

Reg me acordava diariamente às cinco da manhã. Às cinco e meia, já estávamos malhando na academia dele, no número 42 da Kirk Street. Eu não tinha o costume de acordar a essa hora, mas durante a estadia na casa dele aprendi as vantagens de treinar cedo, antes de o dia começar, quando não se tem nenhuma outra responsabilidade e ninguém o incomoda. Reg também me ensinou uma valiosa lição sobre limites psicológicos. Eu tinha conseguido levantar 136 quilos em flexões plantares em pé com barra, mais do que qualquer outro fisiculturista que conhecesse. Para mim, isso estava próximo do limite humano. Portanto, fiquei pasmo ao vê-lo fazer o mesmo exercício com *453 quilos*.

"O limite está na sua mente", disse Reg. "Pense só: 136 quilos é menos do que você levanta quando anda. Você pesa 113, então a cada passo que dá está levantando esse peso com cada panturrilha. Para treinar de verdade, tem que superar essa marca."

E ele estava certo. O limite que eu pensava existir era puramente psicológico. Depois que o vi levantar quase 500 quilos, comecei a dar grandes saltos no meu treinamento.

Isso me mostrou o poder que a mente tem sobre o corpo. No levantamento de peso, durante muitos anos houve um limite de 226,8 quilos na prova de arremesso – mais ou menos como a barreira dos quatro minutos para correr uma milha, que só foi quebrada por Roger Bannister em 1954. No entanto, assim que o grande levantador de peso russo Vasily Alekseyev estabeleceu um novo recorde mundial de 227,2 quilos em 1970, três outros atletas levantaram mais de 226,8 em menos de um ano.

Vi a mesma coisa acontecer com Franco Columbu, meu parceiro de treino. Certa vez, anos depois, estávamos nos revezando para fazer agachamentos na academia Gold's Gym, na Califórnia. Fiz seis repetições com 226,8 quilos. Embora ele fosse mais forte que eu nesse exercício, fez apenas quatro repetições e recolocou a barra no lugar.

– Estou exausto – falou.

Nesse momento, duas garotas que tínhamos visto na praia entraram na academia e vieram nos cumprimentar. Então tornei a me virar para Franco.

– Elas não acreditam que você consegue agachar com 226,8 quilos.

Eu sabia como ele gostava de se exibir, principalmente quando havia mulheres por perto. Dito e feito.

– Vou mostrar a elas – disse Franco. – Vejam só.

Ele pegou a barra e fez 10 repetições. Daquele jeito, ele fez o exercício parecer fácil. Aquele era o mesmo corpo que 10 minutos antes estava exausto. Suas coxas deviam estar gritando "Que porra é essa?". O que havia mudado, então? A mente. O esporte é algo tão físico que é fácil subestimar o poder da mente, mas eu já o vi ser demonstrado vezes sem conta.

De volta a Munique, meu desafio imediato era como usar o título de Mister Universo para atrair mais clientes para a academia. O fisiculturismo ainda era

tão desconhecido e considerado tão estranho que ganhar o campeonato não teve qualquer repercussão fora das academias. Eu havia conquistado mais fama levantando a pedra na cervejaria.

Foi então que Albert teve uma ideia. Se tivéssemos pedido aos jornais que escrevessem sobre minha vitória no Mister Universo, eles teriam nos considerado malucos. Em vez disso, ele me mandou andar pela cidade em um dia gelado usando apenas a sunga de exibição. Então chamou alguns amigos jornalistas e disse: "Lembram-se do Schwarzenegger, que ganhou o concurso de levantamento de pedra? Bom, ele agora é o Mister Universo e está na Stachusplatz só de sunga."

Alguns editores consideraram isso curioso o bastante para mandar fotógrafos. Eu os fiz percorrer a cidade inteira: do mercado até a estação central de trem, onde fiz questão de puxar papo com algumas senhorinhas para mostrar que era simpático e educado, e não uma espécie de monstro. Políticos fazem isso o tempo inteiro. Para um fisiculturista, no entanto, era incomum. Apesar do frio, eu me diverti. Na manhã seguinte, um dos jornais publicou uma foto minha de sunga em um canteiro de obras, onde um dos operários, todo agasalhado por causa da baixa temperatura, olhava para mim com o queixo caído.

Depois de mais de um ano de labuta e ações desse tipo, conseguimos dobrar o número de clientes da academia, que passou de 300 – só que em uma cidade com mais de 1 milhão de habitantes. Segundo Albert, o fisiculturismo era o subculto de um subculto. Costumávamos ter longas conversas sobre o motivo de o esporte não ser mais conhecido. Achávamos que a resposta devia estar na mentalidade da maioria dos praticantes: os fisiculturistas são como eremitas tentando se esconder sob uma armadura de músculos. Por isso, fazem tudo em segredo e ficam treinando em porões para só sair quando os músculos lhes proporcionam segurança. Já houvera alguns fortões famosos na história, como o prussiano Eugen Sandow, muitas vezes chamado de pai do fisiculturismo moderno, ou Alois Swoboda. Mas isso fora no começo do século XX, e desde então não surgira ninguém como eles. Nenhum fisiculturista moderno era *showman* o bastante para realmente popularizar o esporte.

As competições promovidas em Munique eram um exemplo deprimente disso. Em vez de se realizarem em cervejarias, como as antigas competições de força, eram organizadas em academias onde as paredes e o piso eram desprovidos de ornamentação, ou então em auditórios cujos palcos não tinham qualquer item decorativo. E isso em Munique, uma cidade cheia de gente, diversão e vida. A única exceção era o concurso de Mister Alemanha, organizado anualmente na Bürgerbräukeller, cervejaria frequentada pela classe trabalhadora.

Albert e eu tivemos a ideia de melhorar o nível das competições de fisiculturismo. Juntamos um dinheirinho e compramos os direitos de organizar a disputa de Mister Europa de 1968. Então fomos procurar os donos da Schwabinger Bräu, uma cervejaria antiga e elegante localizada em um

bairro classudo, e perguntamos: "Que tal fazer o concurso de fisiculturistas aqui?"

O fato de termos escolhido um local incomum nos ajudou a promover o evento e conseguimos atrair mais de mil espectadores, em comparação com algumas centenas no ano anterior. Naturalmente, convidamos a imprensa e nos certificamos de que os jornalistas entendessem o que estavam vendo, para poderem escrever boas matérias.

Tudo poderia ter dado errado. Poderíamos ter vendido muito poucos ingressos, ou então alguém poderia ter começado uma confusão pulando no palco e dando na cabeça do Mister Europa com um canecão de cerveja. Em vez disso, porém, a cervejaria ficou lotada com uma plateia eufórica e animada, que bebia e brindava cheia de vida. A energia do nosso evento estabeleceu um novo padrão para o fisiculturismo na Alemanha.

O concurso de Mister Europa daquele ano teve um impacto especialmente forte nos fisiculturistas do Leste Europeu, pois coincidiu com a invasão soviética à Tchecoslováquia. No dia 21 de agosto, menos de um mês antes do evento, tanques adentraram o país para reprimir as reformas democráticas instauradas durante a chamada Primavera de Praga, no início de 1968. Conforme a notícia se espalhou, entramos em contato com os fisiculturistas que conhecíamos no país e fomos buscar muitos deles na fronteira com nossos carros. Os tchecos estavam particularmente bem representados no Mister Europa de 1968, pois puderam usar o concurso como pretexto para sair do país. Depois da competição, foram embora de Munique com destino ao Canadá ou aos Estados Unidos.

EU ME PERGUNTAVA QUANDO CHEGARIA a minha vez de ir para os Estados Unidos. Um cantinho do meu cérebro estava permanentemente focado nessa questão. Quando servi o exército austríaco, por exemplo, descobri que condutores de tanque estavam sendo mandados para um treinamento avançado lá, então fiquei sonhando em seguir a carreira militar por causa disso. O problema, claro, era que quando o período de treino terminasse eu teria que voltar para o meu país e continuar no exército.

Assim, mantive meu plano original: eu iria receber uma carta ou um telegrama me convidando para ir aos Estados Unidos. Cabia a *mim* ter um bom desempenho e fazer algo extraordinário. Afinal, se Reg Park conseguira ir para lá fazendo algo fora do comum, eu também poderia. Na avaliação de meu progresso, eu usava Reg e Steve Reeves como referências. Assim como Reg, eu havia começado cedo na carreira – mais cedo ainda, já que ele começou aos 17 anos, pouco antes de entrar para o exército, e eu aos 15. Ganhar o Mister Universo aos 20 anos me valera uma boa dose inicial de publicidade no mundo do fisiculturismo, pois eu batera a duradoura marca de Reg, vencedor aos 23 anos, em 1951.

Quando minha obsessão pelo fisiculturismo começou, eu sonhava que vencer o Mister Universo em Londres fosse me garantir fama e imortalidade.

Na verdade, porém, as competições tinham se tornado bem mais complexas. Como no boxe hoje em dia, o fisiculturismo tinha várias federações, que viviam competindo pelo controle da modalidade. Elas administravam os campeonatos que atraíam a elite do esporte: a disputa de Mister Universo na Grã-Bretanha; a de Mister Mundo, que a cada ano se realizava em um país diferente; a de Mister Universo nos Estados Unidos; e o Mister Olympia, um concurso novo destinado a escolher o melhor fisiculturista profissional do mundo. Os fãs precisavam ter tudo anotado para se lembrarem de tantos eventos. Para mim, o importante era que nem todos os melhores fisiculturistas competiam em todas as disputas. Alguns dos melhores americanos, por exemplo, pulavam o Mister Universo em Londres e só participavam da versão americana. Sendo assim, a única forma de um fisiculturista se tornar campeão mundial inconteste era ganhar os títulos de todas as federações. Somente depois de ter desafiado e vencido todos os rivais era possível ser reconhecido mundialmente como o melhor. No auge da carreira, Reg Park havia dominado a cena mundial ao vencer o Mister Universo de Londres três vezes em 14 anos. Bill Pearl, um excelente fisiculturista californiano, dominara conquistando três títulos de Mister Universo mais o Mister América e o Mister Estados Unidos. Steve Reeves fora Mister América, Mister Universo e Mister Mundo. Eu estava ansioso não apenas para bater os recordes de todos eles, mas também para ser muito superior a eles: se alguém podia ganhar o Mister Universo três vezes, eu queria vencer *seis*. Era jovem o suficiente para isso e sentia que era capaz.

Eram esses os meus sonhos durante a preparação para a disputa de Mister Universo marcada para acontecer em Londres em 1968. Para chegar aos Estados Unidos, eu primeiro precisava dominar inteiramente a cena do fisiculturismo na Europa. Ter vencido o Mister Universo na categoria amadora no ano anterior era um ótimo começo. No entanto, isso me alçava automaticamente ao status profissional, o que trazia toda uma nova gama de adversários, ou seja, eu precisava vencer o título profissional de forma ainda mais decisiva do que vencera como amador. Isso me tornaria duas vezes campeão do Mister Universo, e então eu realmente iria deslanchar.

Eu me certifiquei de que nada pudesse interferir nos treinos. Nem a diversão, nem o meu emprego, nem as viagens, nem as garotas, nem a organização da disputa de Mister Europa. É claro que eu reservava tempo para todas essas coisas, mas minha prioridade era treinar duro umas quatro ou cinco horas por dia, seis dias por semana.

Embora eu usasse as dicas aprendidas com Wag Bennett e Reg Park, o foco do meu treino permanecia o mesmo. Meu físico continuava a se desenvolver e eu queria tirar vantagem de um dom natural: uma estrutura óssea capaz de suportar mais massa que a de qualquer outro adversário que teria que enfrentar. Meu objetivo era aparecer no Victoria Palace ainda maior e mais forte que no ano anterior e realmente pulverizar a concorrência. Com 1,88 metro e 113 quilos, eu estava mais impressionante do que nunca.

A véspera do concurso não começou bem. A caminho do aeroporto, fui à

academia esperando que Rolf Putziger fosse pagar meu salário normal, com o qual eu estava contando para as despesas diárias em Londres. Mas não: tudo o que ele me deu foi um papel e uma caneta.

"Assine aqui para receber seu dinheiro", falou. Era um contrato que o tornava meu agente e lhe garantia uma porcentagem de toda a minha renda futura! Superei suficientemente o choque para dizer não, mas fui embora da academia bufando. Todo o dinheiro que tinha era o que levava no bolso e nem sequer sabia se o emprego ainda era meu. Albert teve que me emprestar 500 marcos para eu poder viajar. É claro que a viagem terminou muito melhor do que começou: no dia seguinte, ganhei a disputa de Mister Universo pela segunda vez, uma vitória decisiva. Várias revistas de fisiculturismo publicaram uma foto minha segurando uma garota de biquíni no braço esquerdo enquanto exibia o bíceps do direito. Melhor ainda, porém, foi o telegrama que encontrei à minha espera no hotel. Era de Joe Weider.

"Parabéns pela vitória", dizia ele. "Você é a jovem sensação do momento. Vai se tornar o maior fisiculturista de todos os tempos." Ele também me convidava para ir aos Estados Unidos na semana seguinte a fim de competir no concurso de Mister Universo da sua federação, em Miami. "Nós pagamos as despesas", prosseguia o telegrama. "O coronel Schuster lhe dará mais detalhes."

Receber um telegrama do maior promotor de campeões do fisiculturismo me deixou muito empolgado. Ser o maior empresário da modalidade nos Estados Unidos tornava Joe Weider o maior empresário de fisiculturismo do mundo. Ele havia construído um império internacional de exibições, revistas, equipamentos e suplementos alimentares para fisiculturistas. Meu sonho agora estava mais próximo: não apenas o de ser um campeão, mas também o de ir para aquele país. Mal pude esperar para ligar para meus pais e contar que estava a caminho. Não achava que fosse acontecer, mas talvez conseguisse acumular um terceiro título de Mister Universo! Aos 21 anos, seria um feito incrível. Eu estava em plena forma física para a competição – e estava embalado. Iria impressioná-los lá em Miami.

O coronel Schuster era um cara de estatura mediana, de terno, que foi me visitar no hotel de Londres mais tarde nesse dia. Na verdade, ele era coronel da Guarda Nacional dos Estados Unidos e ganhava a vida fazendo o marketing da empresa de Weider na Europa. Ele me entregou a passagem de avião, mas mal começara a falar sobre os planos de viagem quando se deu conta de que eu não tinha visto para entrar no país.

Fiquei na casa do coronel esperando, sem nada para fazer, enquanto ele ia à embaixada americana mexer uns pauzinhos. A papelada acabou levando uma semana. Ocupei meu tempo da melhor forma que pude, embora na verdade não tivesse uma dieta adequada nem uma academia onde pudesse treinar cinco horas por dia. Fiz o possível: passei a frequentar o depósito de Weider, onde haviam conseguido alguns pesos e halteres, e treinei lá. Estava distraído, porém, e não era a mesma coisa.

No minuto em que pisei no avião, toda a frustração desapareceu. Tive que

fazer conexão em Nova York e, ao sobrevoar a cidade, minha primeira visão dos arranha-céus, do porto e da Estátua da Liberdade foi fantástica. Não sabia ao certo o que esperar de Miami, e chovia quando cheguei lá. Mas a cidade também me deixou impressionado, não só por causa dos prédios e das palmeiras, mas também em razão do calor que fazia naquele mês de outubro e da felicidade que isso parecia provocar nas pessoas. Adorei as casas de espetáculos com música latina para turistas. E a mistura de latinos, negros e brancos era fascinante: eu já tinha visto isso no circuito do fisiculturismo, mas nunca na Áustria quando era mais jovem.

Joe Weider havia criado a versão americana do Mister Universo 10 anos antes, para aumentar a popularidade do fisiculturismo nos Estados Unidos, mas aquela era a primeira vez que o concurso era realizado na Flórida. Eles alugaram o Miami Beach Auditorium, um salão grande e moderno, com 2.700 lugares. Eu já perdera a prévia do evento – entrevistas, festas, filmagens para cinema e TV e ações promocionais –, mas mesmo assim a produção me pareceu grande, bem de acordo com os padrões americanos. Lendas do fisiculturismo como Dave Draper e Chuck Sipes, respectivamente Mister América e Mister Universo, podiam ser encontradas por toda parte.

Pela primeira vez pude ver o campeão mundial de fisiculturismo, Sergio Oliva, um imigrante cubano que fora o primeiro integrante de uma minoria a vencer as disputas de Mister América, Mister Mundo, Mister Internacional, Mister Universo e Mister Olympia. Na semana anterior, ele tinha acabado de conquistar o segundo título consecutivo de Mister Olympia. Embora eu ainda não estivesse no seu nível, Oliva sabia que nós dois logo iríamos competir. "Ele é muito, muito bom", comentou o cubano com um repórter, falando de mim. "O ano que vem vai ser difícil. Mas, por mim, tudo bem. Não gosto de competir com bebês." Quando ouvi isso, pensei: "A pressão psicológica já começou."

Eram uns 20 competidores divididos em dois grupos: altos e baixos. Nas rodadas prévias de avaliação, durante o dia, derrotei com facilidade os dois outros altos. Mas o melhor competidor na categoria dos baixos era o Mister América, Frank Zane, que estava na melhor forma física de toda a sua carreira. Na semana anterior, ganhara a disputa de Mister América em Nova York. Estava tão grande, definido e forte quanto eu em Londres, com a mesma massa muscular impressionante. No entanto, uma semana sem fazer nada enquanto esperava o visto tinha me deixado um pouco mais pesado que o ideal. Quando posei, portanto, meu corpo pareceu liso e com menos definição. Pior ainda: além de ter proporções perfeitas e de ser musculoso e definido, Zane exibia um belo bronzeado, enquanto eu era branco feito leite. À noite, quando a etapa final começou, ele estava alguns pontos na minha frente.

Nessa noite, diante do público, tive a sensação de estar 100% melhor. Um dia inteiro flexionando os músculos e posando sob as luzes do palco tinha derretido os quilos a mais. Isso ajudou a tornar a disputa entre nós dois tão acirrada que acabamos empatados na votação dos jurados. No entanto, a

pontuação mais alta de Frank durante o dia levou-o à vitória. Fiquei parado no palco tentando não parecer atarantado enquanto um cara 13 centímetros mais baixo e 23 quilos mais leve que eu ganhava o prêmio.

Foi um golpe. Eu conseguira enfim chegar aos Estados Unidos, exatamente como sonhara. Mas perdi o título de Mister Universo em Miami. Para um cara mais leve e mais baixo. Fiquei pensando que a disputa tinha sido marmelada, porque ele simplesmente não era grande o suficiente para ganhar de mim. Me faltava definição, mas ele não passava de um baixinho magrelo.

Nessa noite, o desespero bateu forte. A animação quase nunca me abandona, mas foi o que aconteceu nesse dia. Estava em um país estrangeiro, longe da família e dos amigos, cercado por pessoas desconhecidas e sem falar o idioma. Como conseguira chegar até ali? Tinha dado um passo muito maior do que as pernas. Todos os meus pertences estavam dentro de uma pequena bolsa de ginástica – todo o resto ficara para trás. Provavelmente não tinha mais emprego. Nem dinheiro. E não sabia como iria voltar para casa.

Pior de tudo, eu havia perdido. O grande Joe Weider me fizera atravessar o Atlântico para me dar aquela oportunidade, mas, em vez de me mostrar à altura, eu passara vexame e não conseguira dar o melhor de mim. Estava dividindo o quarto com Roy Callander, um fisiculturista negro que vivia na Inglaterra e também havia participado da competição em Londres. Ele foi um doce de pessoa e conversou comigo sobre a derrota. Era bem mais maduro que eu e falou sobre coisas que eu não entendia muito bem. Estava falando sobre sentimentos.

"É difícil perder depois de uma grande vitória como a de Londres", disse ele. "Mas lembre que no ano que vem você vai ganhar outra vez, e todo mundo vai esquecer essa derrota."

Era a primeira vez que um homem se mostrava tão atencioso comigo. Eu sabia que mulheres eram atenciosas: minha mãe era e outras mulheres também. Mas ser tratado com empatia genuína por outro homem foi algo avassalador. Até então, eu achava que só meninas chorassem, mas nessa noite acabei deixando as lágrimas correrem em silêncio por muitas horas. Foi um baita alívio.

No dia seguinte, quando acordei, estava me sentindo bem melhor. A luz do sol entrava no quarto e o telefone ao lado da cama estava tocando.

"Arnold!", disse uma voz rascante. "Aqui é Joe Weider. Estou na beira da piscina. Quer descer e pedir o café da manhã? Queria entrevistar você para a revista. Pretendemos fazer uma matéria de capa com você, contando exatamente como é o seu treinamento..."

Desci até a piscina e lá deparei com Joe à minha espera, usando um roupão de banho listrado, sentado em frente a uma mesa com uma máquina de escrever. Mal pude acreditar. Eu havia crescido lendo suas revistas, e ele sempre retratava a si mesmo como o Treinador dos Campeões, o homem que inventara todos os métodos de treinamento, que pusera o fisiculturismo no mapa e criara todos os grandes nomes do esporte. Eu idolatrava aquele

homem e agora estava ali, sentado ao lado dele à beira de uma piscina em Miami. De repente, as lágrimas da véspera foram esquecidas e me senti importante outra vez.

Joe tinha 40 e poucos anos, um rosto bem barbeado, costeletas e cabelos escuros. Não era muito alto – tinha uma estatura mais para mediana –, mas era robusto. Graças às revistas, eu sabia que ele malhava diariamente. Tinha uma voz inconfundível: forte, penetrante, com vogais estranhas que, até mesmo aos meus ouvidos, soavam diferentes do sotaque de outras pessoas que falavam inglês. Mais tarde, descobri que ele era canadense.

Ele me perguntou tudo sobre meus treinos. Passamos horas conversando. Ainda que meu inglês tornasse a conversa um pouco lenta, senti que tinha mais histórias a contar do que os demais fisiculturistas. Contei a Joe sobre como treinava na floresta, ao estilo dos gladiadores. Ele gostou de ouvir. Quis saber cada detalhe das técnicas que eu havia desenvolvido: o método do "treino dividido", com duas ou três sessões por dia, os truques que Franco e eu tínhamos inventado para estimular os músculos. Enquanto isso, eu não parava de me beliscar. Ficava pensando: "Queria que os meus amigos de Munique e Graz vissem isto: eu aqui, sentado com Joe Weider, e ele me perguntando como treino."

Ao meio-dia, ele pareceu tomar uma decisão. "Não volte para a Europa", disse ele por fim. "Você tem que ficar aqui." Ele se ofereceu para me pagar uma passagem para a Califórnia, me arrumar um apartamento, um carro e pagar minhas despesas para que eu pudesse passar um ano inteiro só concentrado em treinar. No outono do ano seguinte, na época da mesma competição, eu poderia tentar outra vez. Enquanto isso, suas revistas publicariam reportagens sobre meus treinos e Weider arrumaria tradutores para eu poder escrever sobre minhas séries e expressar minhas ideias.

Joe tinha várias opiniões sobre o que eu precisava fazer para chegar ao topo. Ele me disse que eu estava me concentrando nas coisas erradas e que, mesmo para um homem alto, potência e tamanho por si sós não bastavam. Eu precisava treinar mais pesado para que meus músculos também ficassem mais definidos. Embora algumas partes do meu corpo fossem fantásticas, as costas, o abdômen e as pernas ainda podiam melhorar. E eu ainda precisava aprimorar as poses. Montar séries de treino, é claro, era a especialidade de Joe Weider, e ele mal podia esperar para começar a me treinar. "Você vai ser o melhor de todos", afirmou. "Espere e verá."

Nessa tarde, na academia, pensei mais um pouco sobre a derrota para Frank Zane. Agora que não estava mais com pena de mim mesmo, cheguei a conclusões mais duras que as da noite anterior. Continuava achando que os jurados tinham sido injustos, mas descobri que o verdadeiro motivo da minha tristeza não era esse: era o fato de eu ter fracassado – não meu corpo, mas minha visão e minha determinação. Perder para Chet Yorton em Londres em 1966 não me fizera sofrer, porque eu tinha feito tudo o que pudera para me preparar. Simplesmente não era o meu ano e pronto. No entanto, aquele caso

fora diferente. Eu não estava tão bem preparado quanto poderia estar. Poderia ter feito regime na semana anterior, em vez de me empanturrar de peixe frito com batatas fritas. Mesmo sem ter acesso a equipamentos, poderia ter dado um jeito de treinar mais: por exemplo, fazendo mil repetições de abdominais, ou alguma outra coisa que tivesse contribuído para eu me sentir pronto. Poderia ter treinado minhas poses, porque nada me impedira de fazer isso. Os jurados não tinham importância – quem não fizera tudo o que podia para se preparar fora eu. Em vez disso, eu contara com a energia da vitória em Londres para me impulsionar. Dissera a mim mesmo que havia acabado de ganhar o Mister Universo e que podia relaxar. Fora um erro.

Pensar isso me deixou uma fera. "Mesmo tendo vencido a disputa profissional de Mister Universo em Londres, você ainda é um amador", falei para mim mesmo. "O que ocorreu aqui em Miami nunca deveria ter acontecido. Só os amadores passam por isso. Você é um amador, Arnold."

Decidi que ficar nos Estados Unidos tinha que significar que eu nunca mais seria um amador na vida. Naquele momento a brincadeira começaria para valer. Havia muito trabalho pela frente. E eu tinha que começar como um profissional. Não queria nunca mais sair de uma competição de fisiculturismo como saíra da de Miami. Se quisesse derrotar atletas como Sergio Oliva, aquilo nunca mais poderia acontecer. Dali em diante, se eu perdesse, poderia sair com um sorriso estampado no rosto, pois saberia que fizera todo o possível para me preparar.

Saudações de Los Angeles

HÁ UMA FOTO DO DIA EM QUE CHEGUEI A Los Angeles. É 1968, tenho 21 anos e estou usando uma calça marrom amassada, sapatos pesadões e uma camisa de manga comprida de má qualidade. Estou segurando um saco plástico surrado contendo uns poucos objetos e esperando minha bolsa de ginástica com o resto de meus pertences aparecer na esteira de bagagens do aeroporto. Pareço um refugiado, só sei falar umas poucas frases em inglês e não tenho um tostão furado, mas um largo sorriso toma conta do meu rosto.

Um fotógrafo e um repórter que trabalhavam como freelancers para a revista *Muscle & Fitness* tinham ido ao aeroporto registrar minha chegada. Joe Weider pedira a eles que me recebessem, dessem uma volta comigo e escrevessem sobre tudo o que eu fizesse e dissesse. Weider estava me promovendo como uma estrela em ascensão. Fora ele quem me convidara para passar um ano nos Estados Unidos treinando com os campeões. Iria me arrumar um lugar para morar e dinheiro para os gastos. Enquanto treinava para alcançar meu sonho, tudo o que eu precisaria fazer seria trabalhar com um tradutor para escrever reportagens sobre minhas técnicas, que seriam publicadas em suas revistas.

A nova e maravilhosa vida com a qual eu havia sonhado poderia muito bem ter chegado ao fim apenas uma semana depois. Um de meus novos amigos da academia, um fortão australiano domador de crocodilos, me emprestou seu carro, um Pontiac GTO com mais de 350 cavalos de potência. Eu nunca tinha dirigido um veículo tão incrível, e não demorou muito para estar voando pelo Ventura Boulevard, no Vale de São Fernando, a uma velocidade típica de *Autobahn* alemã. Era uma manhã fria e nebulosa de outubro, e eu estava prestes a descobrir que as ruas da Califórnia ficam muito escorregadias quando começa a chover.

Logo antes de uma curva, me preparei para passar uma marcha mais lenta. Eu tinha jeito com câmbios manuais porque todos os carros europeus eram desse tipo, inclusive os caminhões que costumava dirigir no exército e o automóvel detonado que tinha em Munique. No entanto, diminuir a marcha do GTO fez as rodas traseiras perderem velocidade bruscamente, o que reduziu a aderência dos pneus à pista.

O carro rodopiou depressa umas duas ou três vezes, totalmente fora de

controle. Minha velocidade devia ter caído para uns 50 quilômetros por hora quando o impulso me fez invadir as pistas em sentido contrário – infelizmente cheias de carros por causa do tráfego da manhã. Vi um fusca me atingir em cheio pelo lado do carona. Então um carro de marca americana bateu em mim, e mais uns quatro ou cinco outros também acabaram engavetando.

O GTO e eu fomos parar quase 30 metros adiante do meu destino, a academia Vince's Gym, aonde eu estava indo treinar. A porta do motorista ainda funcionava, então desci do carro, mas minha perna direita parecia estar pegando fogo. A batida havia destruído o console entre os dois bancos dianteiros e, quando olhei para baixo, vi um pedaço enorme de plástico espetado na minha coxa. Eu o retirei com um puxão e então o sangue começou a escorrer pela minha perna.

Fiquei muito assustado e só consegui pensar em ir até a academia pedir ajuda. Entrei lá mancando e falei:

– Acabei de sofrer um grave acidente.

Alguns dos fisiculturistas me reconheceram, mas quem assumiu a situação foi um cara que eu não conhecia e que por acaso era advogado.

– É melhor você voltar para o seu carro – recomendou ele. – Não se abandona o local de um acidente. Aqui isso se chama *hit and run*, bater e fugir, entendeu? E você pode ter sérios problemas se fizer isso. Então volte para lá, fique perto do seu carro e espere a polícia aparecer.

Ele entendeu que eu tinha acabado de chegar ao país e não falava bem inglês.

– Mas eu estou aqui! – falei. – E posso ficar olhando para lá! – Quis dizer que seria fácil ver a polícia chegar e sair para falar com os agentes.

– Acredite em mim: volte para o seu carro.

Então lhe mostrei minha perna.

– Você conhece algum médico que possa me ajudar com este ferimento aqui?

Ele viu o sangue escorrendo.

– Ai, meu Deus – falou entre dentes. Passou alguns segundos pensando. – Deixe-me ligar para uns amigos. Você tem plano de saúde? – Não entendi muito bem a pergunta, mas acabamos conseguindo nos comunicar e falei que não tinha plano. Alguém me deu uma toalha para estancar o sangue.

Voltei para o carro. As pessoas tinham tomado um susto e estavam chateadas porque iriam chegar atrasadas no trabalho e porque seus automóveis estavam batidos e elas teriam que lidar com as seguradoras. Mas ninguém me agrediu nem fez acusações. Depois de se certificar de que a motorista do fusca estava bem, o policial me liberou sem me intimar a depor e disse apenas: "Estou vendo que o senhor está sangrando. É melhor ir cuidar desse ferimento."

Um amigo fisiculturista chamado Bill Drake me levou ao médico e gentilmente pagou a conta após eu levar alguns pontos.

Fui um idiota por provocar esse acidente e gostaria de ter anotado o nome

de todos os envolvidos para poder lhes escrever hoje e pedir desculpas.

Sabia que tinha tido sorte: na Europa a polícia teria sido muito dura em uma situação como aquela. Eu poderia não apenas ter sido preso, mas também, por ser estrangeiro, poderia ter acabado tendo que cumprir pena ou ser deportado. A batida com certeza teria me custado um dinheirão em multas. Os policiais de Los Angeles, entretanto, concluíram que a pista estava escorregadia, a coisa toda fora um acidente, não houvera feridos graves, e o mais importante era normalizar o trânsito. O agente que falou comigo foi muito educado e, depois de conferir minha carteira de habilitação internacional, perguntou: "O senhor precisa de uma ambulância ou está bem?" Dois dos caras da academia lhe disseram que eu chegara ao país havia poucos dias. Ficou bem claro que, apesar de tentar, eu na verdade não falava inglês.

Nessa noite, fui dormir otimista. Ainda precisava resolver as coisas com o domador de crocodilos, mas os Estados Unidos eram um lugar incrível para se estar.

A PRIMEIRA VISÃO QUE TIVE DE LOS ANGELES foi um choque. Para mim, os Estados Unidos significavam uma única coisa: tamanho. Arranha-céus, pontes, letreiros de neon, autoestradas e carros, tudo imenso, descomunal. Tanto Nova York quanto Miami haviam correspondido às minhas expectativas, e eu de certa forma imaginava que Los Angeles fosse igualmente impressionante. No entanto, vi que só havia uns poucos edifícios altos no centro e a cidade me pareceu bem acanhada. A praia era grande, mas onde estavam as imensas ondas e os surfistas montados em suas pranchas?

Fiquei decepcionado na primeira vez em que vi a academia Gold's Gym, a meca do fisiculturismo americano. Eu tinha passado anos estudando as revistas de Weider sem me dar conta de que a ideia era fazer tudo parecer bem maior do que na realidade. Via imagens de fisiculturistas famosos malhando na Gold's e imaginava uma academia gigantesca, com quadras de basquete, piscinas, salas de ginástica, musculação, levantamento de peso e artes marciais, como as enormes academias que se vê hoje em dia. No entanto, quando entrei o que vi foi um piso de cimento e um espaço que correspondia mais ou menos à metade de uma quadra de basquete, com paredes de blocos de concreto e claraboias. Apesar disso, os equipamentos eram interessantes e vi ótimos halterofilistas e fisiculturistas malhando e levantando pesos enormes – portanto, não faltava inspiração. Além do mais, a academia ficava a dois quarteirões da praia.

O bairro de Venice, onde ficava a Gold's, parecia ainda menos impressionante que a academia em si. As casas que margeavam ruas e becos mais pareciam meu alojamento no exército austríaco. Por que construir casas de madeira vagabundas em um lugar tão bom? Alguns dos imóveis estavam vazios e abandonados. As calçadas eram rachadas e sujas de areia, e ervas daninhas cresciam junto às construções. Além disso, alguns trechos de calçada

sequer eram pavimentados.

"Isto aqui são os Estados Unidos!", pensei. "Por que não pavimentar esses trechos? Por que não demolir essa casa abandonada e construir outra mais bonita?" De uma coisa eu tinha certeza: em Graz você jamais veria uma só rua que não fosse calçada e estivesse totalmente varrida e impecável. Era algo inconcebível.

Foi um desafio me mudar para um país onde tudo tinha um aspecto diferente: a língua era outra, a cultura era outra e as pessoas interagiam profissionalmente de outra forma. Era estarrecedor como tudo parecia diferente. Mas eu tinha uma grande vantagem em relação à maioria dos recém-chegados: quando você pratica um esporte internacional, nunca está totalmente sozinho.

Há uma hospitalidade incrível no mundo do fisiculturismo. Aonde quer que vá, você não precisa sequer conhecer alguém, pois tem sempre a sensação de fazer parte de uma família. Os fisiculturistas locais vão buscá-lo no aeroporto, cumprimentam você, convidam-no para ir às suas casas, oferecem comida, levam-no para passear. Nos Estados Unidos, porém, havia algo mais.

Um dos fisiculturistas de Los Angeles tinha um quarto de hóspedes onde pude me hospedar no começo. Quando apareci para começar a treinar na academia, os outros me cumprimentaram, me abraçaram e deixaram bem claro que estavam felizes por me ter ali. Encontraram um pequeno apartamento para mim e, assim que me mudei, a simpatia se transformou num "mutirão para ajudar o garoto". Organizaram uma coleta, e um belo dia de manhã apareceram com pacotes e caixas. Imagine um bando de caras grandes e musculosos, uns ursos descomunais que você jamais iria querer que chegassem nem perto de qualquer coisa delicada ou feita de vidro, que vê diariamente na academia dizendo "Putz, olhem só aquele peitoral!" ou "Que se foda, hoje vou fazer agachamentos com 227 quilos". De repente, lá estão esses mesmos caras carregando caixas e embrulhos. Um deles diz "Olhe só o que eu trouxe", abre uma caixinha e mostra uns talheres. "Você precisa de talheres para poder comer aqui." Outro desfaz uma trouxa e diz: "Minha mulher me disse que estes eram os pratos que eu podia pegar. São nossos pratos antigos, então agora você tem cinco pratos." Eles sempre tinham o cuidado de dizer o nome de tudo e dar explicações simples. Alguém levou uma pequena televisão em preto e branco com uma antena espetada em cima, me ajudou a ligá-la e me ensinou a mexer na antena. Eles também levaram comida, que comemos juntos.

"Nunca vi uma coisa dessas na Alemanha ou na Áustria", pensei. "Ninguém sequer pensaria em fazer algo assim." Tinha certeza absoluta de que, no meu país, se eu visse alguém se mudando para a casa ao lado, nem me passaria pela cabeça ajudá-lo. Fiquei me sentindo um idiota. Esse dia foi uma experiência que me fez amadurecer.

O pessoal me levou para conhecer Hollywood. Queria tirar uma foto minha lá para mandar para meus pais, como quem diz: "Cheguei a Hollywood. Meu

próximo passo é fazer cinema." Então pegamos o carro e fomos seguindo até que um dos caras disse:

– Pronto, ali é o Sunset Boulevard.

– E quando é que vamos chegar a Hollywood? – perguntei.

– Nós *já estamos* em Hollywood.

Na minha imaginação, eu devia ter confundido Hollywood com Las Vegas, pois fiquei procurando imensos letreiros e luzes neon. Também esperava ver equipamentos de filmagem e ruas interditadas para alguma cena incrível com dublês. Mas aquilo não era nada.

– O que houve com todas as luzes e o resto? – perguntei.

Os outros se entreolharam.

– Acho que ele está decepcionado – comentou alguém. – Talvez devamos voltar à noite.

E os outros disseram:

– Isso, isso, boa ideia. Porque de dia na verdade não há nada para ver.

Mais tarde nessa mesma semana, voltamos a Hollywood à noite. Havia mais algumas luzes, mas achei tudo igualmente chato. Tive que me acostumar com aquilo e descobrir os melhores lugares para frequentar.

Passei muito tempo aprendendo a me virar e tentando descobrir como funcionavam as coisas nos Estados Unidos. À noite, eu geralmente saía com Artie Zeller, o fotógrafo que fora me buscar no aeroporto. Ele me fascinava. Era muito, muito inteligente, mas não tinha nem um pingo de ambição. Não gostava de estresse nem de risco. Trabalhava no guichê de uma agência dos correios. Nascera no Brooklyn, onde seu pai era um destacado chantre da comunidade judaica, um sujeito muito erudito. O filho seguira o próprio caminho e começara a praticar fisiculturismo em Coney Island. Com o trabalho de freelancer para Weider, tornara-se o melhor fotógrafo do esporte. Era um cara fascinante por ser autodidata: nunca parava de ler e aprender coisas. Além do talento natural para idiomas, era uma enciclopédia ambulante e um exímio enxadrista. Era também um democrata e liberal ferrenho, além de completamente ateu. Esqueça a religião – para ele, era tudo uma baboseira. Deus não existia e fim de papo.

Josie, mulher de Artie, era suíça. Embora eu estivesse tentando fazer uma imersão total no inglês, era bom conviver com pessoas que sabiam alemão. Isso era especialmente útil na hora de ver televisão. Eu chegara aos Estados Unidos nas últimas três ou quatro semanas da campanha presidencial de 1968. Portanto, quando ligávamos a tevê sempre estava passando alguma coisa sobre a eleição. Artie e Josie traduziam para mim os discursos de Richard Nixon e do vice-presidente Hubert Humphrey, os dois adversários que disputavam a presidência. Humphrey, o democrata, só falava em bem-estar social e programas de governo, e tive a impressão de que ele parecia austríaco demais. Os discursos de Nixon sobre oportunidade e empreendedorismo, no entanto, me soaram tipicamente americanos.

– Como se chama mesmo o partido dele? – perguntei a Artie.

– Republicano.

– Então sou republicano – falei.

Artie respondeu com uma fungada, coisa que fazia com frequência, tanto por causa da sinusite quanto porque a vida lhe proporcionava motivos de sobra para manifestar desdém.

COMO JOE WEIDER HAVIA PROMETIDO, ganhei um carro: um fusca branco de segunda mão que fez com que me sentisse em casa. Para conhecer a cidade, visitava diversas academias. Fiz amizade com o gerente de uma delas, no centro de Los Angeles, no edifício então conhecido como Occidental Life. Viajei para o interior e também desci a costa até San Diego para visitar as academias de lá. Os amigos também me levaram a outros lugares, e foi assim que conheci Tijuana, o México e Santa Barbara. Certa vez, fui até Las Vegas com quatro outros fisiculturistas em um micro-ônibus. Com tantos fortões a bordo, o veículo mal conseguia atingir 100 quilômetros por hora. Las Vegas, por sua vez, com seus cassinos gigantes, suas luzes de neon e suas mesas de jogo intermináveis, correspondeu plenamente às minhas expectativas.

Vários campeões treinavam na academia Vince's Gym, entre eles Larry Scott, apelidado de "A Lenda", vencedor do Mister Olympia em 1965 e 1966. A Vince's tinha carpete no piso e vários aparelhos legais, mas não era uma academia de levantamento de peso: para eles, exercícios básicos de musculação como o agachamento completo, o supino com barra e o supino inclinado eram coisas ultrapassadas dos fortões de antigamente e não esculpiam o corpo.

Na Gold's, a situação era outra. O ambiente era bem bruto e vários monstros treinavam ali, entre campeões olímpicos de lançamento de peso, lutadores profissionais, campeões de fisiculturismo, fortões das ruas. Quase ninguém usava roupas esportivas. Todos treinavam de jeans e camisa quadriculada, camiseta sem manga, regata ou suéter de moletom. A academia tinha um piso sem revestimento e plataformas de halterofilismo em que se podia deixar cair pesos com 500 quilos sem que ninguém desse um pio para reclamar. Era mais parecida com o ambiente ao qual eu estava acostumado.

O gênio da academia se chamava Joe Gold. Na década de 1930, ainda adolescente, ele fizera parte do grupo original de Muscle Beach, em Santa Monica. Depois de servir como maquinista na marinha mercante durante a Segunda Guerra Mundial, voltara para os Estados Unidos e começara a fabricar equipamentos de ginástica. Praticamente todos os aparelhos da academia tinham sido projetados pelo próprio Joe.

Nada ali era delicado: tudo o que Joe fabricava era grande, pesado e funcionava. Seu aparelho para remada com cabos sentado fora projetado com o apoio para os pés na altura exata para se poder trabalhar os dorsais inferiores sem ter a sensação de estar prestes a decolar do assento. Em vez de fazer apenas o que lhe desse na telha quando projetava um aparelho, Joe incorporava as opiniões de todo mundo. Portanto, em todas as máquinas os ângulos de puxada eram perfeitos e nada nunca emperrava. Além disso, ele ia à academia

todos os dias, ou seja, o equipamento tinha manutenção permanente.

Às vezes Joe simplesmente inventava novos aparelhos. Ele havia criado um para fazer flexão plantar a 90º. Esse exercício era fundamental para mim porque, em comparação com as outras partes do meu corpo, minhas panturrilhas eram pequenas e difíceis de hipertrofiar. Em geral, você apoia os metatarsos sobre uma barra ou prancha, deixando o arco do pé e os calcanhares suspensos. Então dobra o corpo a 90º, segura-se uma barra com os dois braços, pede para um ou dois parceiros de treino sentarem-se em cima das suas costas e quadris como se você fosse uma mula (daí o exercício ser chamado *donkey raise* em inglês) e trabalha as panturrilhas, subindo e descendo na ponta dos pés. Só que o aparelho de Joe dispensava os parceiros. Você punha a carga que quisesse, entrava debaixo dele com o corpo dobrado em ângulo reto e removia a trava. Então passava a sustentar, digamos, 318 quilos e podia fazer seus exercícios sozinho.

A Gold's logo se transformou na minha casa, porque era lá que eu me sentia centrado. Havia sempre vários caras de bobeira em volta do balcão de recepção, e os frequentadores assíduos tinham apelidos – como Fat Arm Charlie (Charlie do Braço Gordo), Brownie (Marronzinho) ou Snail (Lesma). Zabo Koszewski trabalhou lá por muitos anos e era amigo íntimo de Joe Gold. Todo mundo o conhecia como "O Chefe". Ele tinha o melhor abdômen entre todos os frequentadores, superdefinido, pois fazia mil abdominais por dia. O meu não era tão bom assim, e a primeira coisa que Zabo me disse quando nos conhecemos foi que eu precisava fazer regime. "Sabe de uma coisa?", comentou. "Você está rechonchudo." Joe Gold me apelidou de "Barriga Balão" e, a partir desse dia, passei a ser conhecido como "Barriga Balão" e "Rechonchudo".

Zabo, que vinha de Nova Jersey e cujo verdadeiro nome era Irvin, tinha uma coleção de cachimbos de haxixe. De vez em quando, íamos à casa dele para fumar. Ele passava o tempo inteiro lendo histórias de ficção científica. Só vivia dizendo "Cara, nossa, que demais!", "Maneiríssimo!" ou "Incrível!". Mas isso era normal em Venice. Fumar maconha ou haxixe era tão habitual quanto beber cerveja. Você ia à casa de alguém, fosse quem fosse, e a pessoa acendia um baseado e dizia: "Dê um tapinha." Ou então, dependendo de seu grau de sofisticação, acendia um cachimbo de haxixe.

Aprendi depressa o que as pessoas queriam dizer com as expressões "maneiro", "legal". E certa vez, quando estava paquerando uma garota linda, descobri a importância da astrologia. Falei:

– Parece que nós dois combinamos bastante. Deveríamos sair para jantar.

Mas ela foi logo perguntando:

– Opa, peraí, peraí. Qual é o seu signo?

– Leão – respondi.

– Não combina comigo. Com certeza não combina comigo. Obrigada, mas não.

E foi embora. Cheguei à academia no dia seguinte e comentei:

– Pessoal, estou com um probleminha. Ainda tenho muito a aprender. – E contei a eles a história.

Zabo sabia exatamente o que eu deveria fazer. Ele me sugeriu:

– Cara, você tem que dizer: "O meu signo é *o melhor de todos*." Experimente.

Bastaram algumas semanas para outra situação surgir. Eu estava conversando com uma garota durante o almoço e ela perguntou:

– Qual é o seu signo?

E eu respondi:

– O que você acha?

– Ah, diga logo!

– O melhor de todos!

E ela então falou:

– Você quer dizer... Capricórnio?

– Isso mesmo! – exclamei. – Como adivinhou?

– Ah, que incrível, porque esse signo combina muito com o meu, estou me dando tão bem com você, quer dizer... nossa!

Ela ficou muito animada, muito feliz. Então comecei a ler sobre os signos do zodíaco e as características associadas a cada um e aprendi como eles se encaixam entre si.

Usando a Gold's como base, foi fácil fazer amigos. A academia era um verdadeiro caldeirão de personagens vindos do mundo inteiro: Austrália, África, Europa. Eu malhava de manhã e perguntava a outros frequentadores se eles queriam almoçar. Nós íamos, eles me falavam sobre suas vidas, eu falava sobre a minha, e assim nos tornávamos amigos. À noite, eu voltava para treinar outra vez, encontrava pessoas diferentes, saía com elas para jantar e passava a conhecê-las também.

Fiquei pasmo com a facilidade com que as pessoas me convidavam para ir a suas casas, e com quanto os americanos gostavam de comemorar. Antes de ir para os Estados Unidos, nunca tinha comemorado um aniversário, nem sequer tinha visto um bolo com velas. Mas uma garota me convidou para sua festa, e no verão seguinte, quando o meu aniversário chegou, o pessoal da academia comprou um bolo com velinhas para mim. Alguém dizia: "Tenho que ir para casa porque hoje é o primeiro dia de escola da minha irmã e vamos comemorar." Ou então: "Hoje é aniversário de casamento dos meus pais." Eu não me lembrava de algum dia ter ouvido meus pais *falarem* sobre seu aniversário de casamento.

Quando o Dia de Ação de Graças chegou, eu não tinha planejado nada e não entendia a tradição dessa festa americana. Mas Bill Drake me convidou para ir à sua casa. Conheci a mãe dele, que serviu uma comida maravilhosa, e seu pai, que era comediante profissional e muito, muito engraçado. Na Áustria temos um ditado: "Você é um doce, tão doce que eu poderia até comer!" No entanto, por causa dos problemas de tradução, quando eu disse isso à Sra. Drake o elogio ficou com duplo sentido. E a família inteira desatou a rir.

Fiquei ainda mais pasmo quando uma garota com quem havia saído me

convidou para ir comemorar o Natal na casa dos pais dela. Pensei: "Meu Deus, não quero atrapalhar o feriado da família." Além de ser tratado como um filho, também ganhei presente de cada membro da família.

Toda essa hospitalidade era uma agradável novidade, mas eu ficava incomodado por não saber como retribuir. Nunca ouvira falar, por exemplo, em cartões de agradecimento, mas os americanos pareciam usá-los o tempo todo. "Que coisa estranha", pensei. "Por que não agradecer por telefone ou pessoalmente?" Era assim que fazíamos na Europa. Nos Estados Unidos, porém, Joe Weider convidava a mim e minha namorada para jantar e depois ela pedia:

– Me dê o endereço dele, quero escrever um cartão agradecendo.

E eu respondia:

– Ah, não precisa, nós já agradecemos na saída.

– Não, não, meus pais me ensinaram a ser educada.

Percebi que era melhor entrar na dança e aprender a me comportar como um americano. Ou talvez aqueles fossem também hábitos europeus e eu simplesmente não tivesse percebido. Perguntei a amigos da Europa, para ver se tinha sido apenas falta de atenção minha. Não tinha: os Estados Unidos eram mesmo diferentes.

Como primeiro passo, estabeleci uma regra: só sairia com garotas americanas. Não queria mais conviver com garotas que falassem alemão. Também me inscrevi em aulas de inglês no Community College de Santa Monica, uma faculdade comunitária que oferecia cursos técnicos e de curta duração. Queria que meu inglês fosse bom o suficiente para eu poder ler jornais, livros universitários e começar a ter aulas de outras matérias. Em vez de aprender o idioma naturalmente, eu desejava acelerar o processo de aprendizado para que pudesse logo pensar, ler e escrever como um americano.

Em um fim de semana, duas garotas me levaram a São Francisco, e dormimos ao relento no Parque Golden Gate. Pensei: "É inacreditável como as pessoas são livres aqui nos Estados Unidos. Olhem só para isso! Estamos passando a noite no parque e todo mundo nos trata bem." Foi só bem mais tarde que entendi que havia chegado à Califórnia em um momento cultural totalmente maluco. Era o final dos anos 1960, época do movimento hippie, do amor livre, de várias mudanças incríveis. A Guerra do Vietnã estava no auge. Richard Nixon em breve seria eleito presidente. Os americanos daquela época tinham a sensação de que o mundo estava virando de pernas para o ar. Mas eu não fazia a menor ideia de que nem sempre fora assim. "Então o país é assim desse jeito", pensei.

Nunca conversei muito sobre o Vietnã. Pessoalmente, porém, gostava de pensar que os Estados Unidos estavam combatendo o comunismo. Portanto, se alguém tivesse me perguntado, eu teria dito que era a favor da guerra. E falaria: "Comunistas de merda, eu desprezo essa gente." Fui criado pertinho da fronteira com a Hungria, e vivíamos sob a ameaça constante do comunismo. Será que eles iriam invadir a Áustria como tinham feito com a Hungria em

1956? Será que seríamos pegos no meio do fogo cruzado de um conflito nuclear? O perigo era iminente. E nós vimos os efeitos que o regime comunista teve na vida dos tchecos, poloneses, húngaros, búlgaros, iugoslavos e alemães orientais – o comunismo nos cercava por todos os lados. Lembro que fui a Berlim Ocidental para uma exibição de fisiculturismo. Eu olhava por cima do muro, para o outro lado da fronteira, e via como a vida lá era soturna. Parecia que as condições climáticas lá eram diferentes das do lado ocidental. Minha sensação era que eu estava no sol e, quando olhava para Berlim Oriental, do outro lado daquela parede de pedra, estava chovendo. Era um horror. Um horror. De modo que o fato de os Estados Unidos estarem combatendo o comunismo me deixava bem contente.

Nunca me pareceu estranho que as garotas com quem eu saía não se maquiassem nem usassem batom ou esmalte nas unhas. Eu achava que ter pernas e axilas cabeludas fosse normal, porque na Europa nenhuma mulher se depilava com cera nem raspava os pelos. Na verdade, fui pego de surpresa por esse assunto certa manhã, no verão seguinte. Estava no chuveiro com uma namorada – na noite anterior, tínhamos visto os astronautas da Apollo pisarem na Lua pela primeira vez, na minha pequena TV preto e branco – quando ela perguntou:

– Você tem uma gilete?

– Para que você precisa disso?

– Esses pelos na minha perna estão me pinicando.

Eu não sabia o que era "pinicar", e ela me explicou.

– Como assim? – estranhei. – Você raspa as pernas?

– Raspo, sim. Minhas pernas estão uma nojeira.

Eu também nunca havia escutado essa palavra. Mesmo assim, dei-lhe minha gilete e fiquei olhando enquanto ela ensaboava pernas, tornozelos, canelas e joelhos, depois se raspava como se fizesse isso há séculos. Mais tarde nesse mesmo dia, perguntei ao pessoal da academia:

– Hoje uma garota raspou as pernas na porra do meu chuveiro. Já viram uma coisa dessas?

Eles se entreolharam com um ar solene, fizeram que sim com a cabeça e responderam:

– Já...

Então todos começaram a rir. Tentei explicar:

– Porque na Europa as garotas têm um visual estilo Bavária, sabem? São todas cabeludas.

A explicação só os fez rir com mais vontade ainda.

Acabei entendendo a situação. Algumas das garotas com quem eu saía não se raspavam: era a sua forma de protestar contra o establishment. Elas achavam que o mercado da beleza era uma exploração do sexo e uma pressão sobre o comportamento das pessoas, então rejeitavam isso com uma atitude mais natural. Era tudo parte da filosofia hippie. Vestidos floridos, cabelos crespos, os alimentos que consumiam. Todas usavam contas, muitas contas.

Acendiam incenso no meu apartamento, deixando um fedor insuportável. Essas coisas eram ruins, mas eu sentia que elas estavam no caminho certo com a liberdade de fumar um baseado e a naturalidade com que encaravam a nudez. Tudo isso era maravilhoso. Eu mesmo tinha sido criado um pouco assim, no ambiente desinibido do Thalersee.

ESSA DESCONTRAÇÃO TODA ERA ÓTIMA, MAS minha missão nos Estados Unidos era clara. Eu tinha um caminho a trilhar. Precisava treinar feito um louco, fazer regimes rigorosos, comer bem e conquistar outros títulos importantes no outono seguinte. Weider me prometera um ano, e eu sabia que, se fizesse tudo isso, estaria no caminho certo.

Ganhar dois títulos de Mister Universo em Londres não me deixara nem perto de ser o melhor fisiculturista do mundo. Muitos títulos se sobrepunham entre si e nem todo mundo participava de todas as competições. Na realidade, ser o melhor significava derrotar campeões como os caras cujas fotografias eu tinha pregadas na parede do meu quarto de menino: Reg Park, Dave Draper, Frank Zane, Bill Pearl, Larry Scott, Chuck Sipes, Serge Nubret. Eram esses os homens que haviam me inspirado, e eu dizia a mim mesmo: "É esse o tipo de adversário que eu vou acabar tendo que enfrentar." Minhas vitórias haviam me permitido entrar para a mesma divisão, mas eu ainda era um recém-chegado e tinha muito a provar.

No degrau mais alto do pódio estava Sergio Oliva, o imigrante cubano de 104 quilos e 27 anos. A essa altura, as revistas especializadas se referiam a ele simplesmente como "O Mito". Ele havia conquistado seu mais recente título de Mister Olympia no outono anterior, em Nova York, *sem concorrentes*: nenhum dos outros quatro campeões de fisiculturismo convidados a competir sequer apareceu.

A história de Oliva era ainda mais fora do comum que a minha. Seu pai era lavrador de cana-de-açúcar na Cuba pré-castrista, e quando a revolução estourou, em 1959, Sergio se alistou no exército do general Fulgencio Batista junto com o pai. Após a vitória de Fidel Castro e suas forças, conseguiu se firmar como atleta. Era um levantador de peso olímpico muito melhor do que eu e fizera parte da equipe cubana de 1962 nos Jogos da América Central e do Caribe. Teria liderado a equipe nas Olimpíadas de 1964, caso não detestasse tanto o regime de Castro a ponto de fugir para os Estados Unidos com vários outros companheiros da equipe. Ele também era um excelente jogador de beisebol. Fora isso que o ajudara a afinar a cintura: dezenas de milhares de repetições de giro de corpo para rebater com o taco.

Eu havia conhecido Sergio na disputa de Mister Universo de 1968, em Miami, durante a qual ele fizera uma demonstração de poses que levara a plateia à loucura. Como dizia uma das revistas especializadas, suas poses eram de rachar. Não havia dúvidas de que Sergio estava anos-luz à minha frente. Ele era superdefinido e cada quilo de seu corpo tinha mais massa e mais intensidade muscular que o meu. Ele também tinha uma rara habilidade entre

os fisiculturistas: ficava maravilhoso simplesmente de pé, relaxado. Tinha a melhor silhueta que eu já vira: um formato de V perfeito, que se afunilava de ombros bem largos até uma cintura e quadris naturalmente finos e tubulares. A "pose da vitória", marca registrada de Sergio, era uma postura que poucos fisiculturistas jamais ousariam tentar numa competição. A pose em si era simples: ficar de frente para a plateia, com as pernas juntas e os braços estendidos acima da cabeça. O corpo ficava totalmente exposto: coxas grossas e intermináveis conquistadas graças ao levantamento de peso olímpico, uma cintura fininha, abdômen, tríceps e serráteis praticamente perfeitos.

Eu havia decidido que um dia derrotaria aquele homem, mas ainda estava longe de ter o corpo necessário para alcançar esse objetivo. Havia chegado aos Estados Unidos como um diamante de 100 quilates que todos admiravam dizendo: "Puta merda." Mas eu ainda era um diamante em estado bruto. Não estava pronto para ser exibido, pelo menos não pelos padrões americanos. Construir um corpo de categoria mundial sob todos os aspectos costuma levar pelo menos 10 anos, e eu havia treinado apenas seis. No entanto, passava uma boa impressão, e as pessoas comentavam: "Olhem só o tamanho desse garoto. Inacreditável... Para mim, esse cara tem o maior potencial de todos." As vitórias na Europa se deviam tanto ao meu potencial e à minha coragem quanto aos pontos fortes do meu físico. Mas eu ainda tinha um trabalho enorme pela frente.

O ideal do fisiculturismo é a perfeição física, como se uma antiga estátua grega tivesse ganhado vida. Você esculpe o próprio corpo da mesma forma que um artista cinzela a pedra. Digamos que precise aumentar a massa e a definição do deltoide posterior. Há um leque de exercícios para esse músculo à disposição. O peso, o banco ou o aparelho tornam-se o seu cinzel, e a escultura pode levar um ano para ficar pronta.

Isso significa que você precisa ser capaz de visualizar seu corpo de forma objetiva e analisar as próprias falhas. Os jurados das competições de alto nível esmiúçam cada detalhe: o tamanho do músculo, sua definição, as proporções e a simetria. Eles avaliam até mesmo as veias, que indicam ausência de gordura sob a pele.

Ao me olhar no espelho, eu conseguia identificar vários pontos fortes e outros tantos fracos. Fora capaz de construir uma base de potência e massa. Graças à combinação de levantamento de peso olímpico, *powerlifting* e fisiculturismo, desenvolvera costas muito fortes e largas, quase perfeitas. Meus bíceps estavam com tamanho, altura e capacidade de contração extraordinários. Os peitorais eram bem definidos, e eu tinha a melhor pose lateral de peito dentre todos que conhecia. Possuía uma verdadeira estrutura de fisiculturista, com ombros largos e quadris estreitos, o que me ajudava a obter o formato de V ideal que constitui um dos elementos da perfeição.

Mas eu também tinha algumas deficiências. Em comparação com o torso, meus membros eram compridos demais. Por causa disso, eu vivia tendo que hipertrofiar braços e pernas para ajustar as proporções. Apesar de coxas

imensas, com quase 74 centímetros de largura, minhas pernas ainda pareciam mais para finas. As panturrilhas também pareciam finas em comparação com as coxas, e o mesmo acontecia com os tríceps em comparação com os bíceps.

O desafio era eliminar todos esses pontos fracos. Faz parte da natureza humana insistir nas coisas em que somos bons. Se você tem bíceps grandes, vai querer fazer um número infinito de roscas bíceps, porque é altamente compensador ver esse músculo flexionar. Para ter sucesso, porém, é preciso ser duro consigo mesmo e se concentrar nas falhas. É nessa hora que entram em cena seus olhos, sua honestidade e sua capacidade de ouvir. Um fisiculturista cego em relação a si mesmo e surdo a quem está em volta geralmente fica para trás.

Mais desafiador ainda é o seguinte fato biológico: em cada indivíduo, há partes do corpo que se desenvolvem mais depressa que outras. Assim, quando você começa a malhar, em dois anos talvez se pegue dizendo "Ué, que interessante. Meus antebraços nunca ficaram tão musculosos quanto a parte superior dos braços", ou "Que coisa, por algum motivo minhas panturrilhas não parecem estar crescendo muito". As panturrilhas eram o meu tendão de aquiles. Eu começara a trabalhá-las com 10 séries, três vezes por semana, como todas as outras partes do corpo, mas elas não reagiram da mesma forma. Outros grupos musculares tinham se desenvolvido bem mais.

Quem me alertou disso foi Reg Park. Ele tinha panturrilhas perfeitas, de 53 centímetros, tão desenvolvidas que cada uma parecia um coração invertido sob a pele. Quando treinamos juntos na África do Sul, vi o que ele fazia para conseguir isso. Reg malhava as panturrilhas todos os dias, não apenas três vezes por semana, e com uma carga de peso assustadora. Eu tinha orgulho de ter chegado a flexões plantares em pé com 136 quilos, mas Reg tinha um sistema de cabos que lhe permitia aplicar cargas de 453 quilos. Pensei: "É isso que eu preciso fazer. Tenho que malhar as panturrilhas de forma totalmente diferente e não posso nem cogitar que elas não vão hipertrofiar." Quando cheguei à Califórnia, fiz questão de cortar todas as minhas calças de moletom nos joelhos. Assim, podia manter meus pontos fortes escondidos – bíceps, peito, costas, coxas –, mas deixava as panturrilhas bem à mostra, para todos poderem ver. Fui implacável: diariamente, fazia 15 séries de flexões plantares em pé, às vezes 20.

Sabia de cor a lista de músculos nos quais precisava me concentrar de forma sistemática. Em geral, meus melhores músculos eram aqueles usados nos movimentos de puxada (bíceps, grandes dorsais e posteriores) mais que os de empurrar (deltoides dianteiros e tríceps). Era um fator hereditário que me obrigava a forçar muito mais esses grupos musculares e aumentar o número de séries. Conseguira fazer as costas hipertrofiarem, mas agora precisava me dedicar a criar a definição e a separação ideais entre grandes dorsais, peitorais e serráteis. Além de fazer exercícios para os serráteis, ou seja, aumentar o número de barras com os punhos juntos, eu precisava fazer os grandes dorsais baixarem um pouquinho, o que significava realizar mais elevações com cabo e

com um braço só. Tinha que trabalhar os deltoides posteriores, o que significava mais elevações laterais, nas quais se segura um peso em cada mão, de pé, e se erguem os braços para os lados.

A lista de músculos que deviam ser trabalhados era extensa: deltoide posterior, grande dorsal inferior, intercostais, abdominais, panturrilhas... não acabava nunca! Todos esses músculos precisavam ser hipertrofiados, esculpidos e isolados, e eu precisava também calibrar a proporção entre eles. Todos os dias de manhã eu tomava café com um ou dois parceiros de treino, normalmente em uma delicatéssen chamada Zucky's, na esquina da Rua 5 com o Wilshire Boulevard. Lá serviam atum, ovos, salmão, tudo o que eu gostava. Ou então íamos a uma daquelas lanchonetes frequentadas por famílias no café da manhã, como a Denny's.

Quando eu não tinha aulas de inglês, ia direto malhar na Gold's. Depois disso, às vezes íamos à praia, onde fazíamos mais exercícios nas plataformas de levantamento de peso ao ar livre, além de nadar, correr e deitar na areia para ficar ainda mais bronzeados. Ou então eu ia até o prédio de Joe Weider e trabalhava com os jornalistas preparando matérias para a revista.

Sempre dividia meu treino em duas sessões. Às segundas, quartas e sextas de manhã, eu me concentrava, por exemplo, no peito e nas costas. À noite, voltava e trabalhava coxas e panturrilhas, depois treinava poses e fazia outros exercícios. Às terças, quintas e sábados era a vez de ombros, braços e antebraços. Sem esquecer, é claro, panturrilhas e abdominais todos os dias, exceto aos domingos, quando descansava.

Muitas vezes, na hora do almoço ou do jantar, íamos comer em um dos bufês liberados do bairro. Como eu tinha crescido na Europa, jamais ouvira falar em restaurantes com esse tipo de serviço. Pensar em um lugar onde se pode comer à vontade era algo inconcebível. Os fisiculturistas começavam com cinco, seis ou sete ovos antes de passar para a seção seguinte e comer todos os tomates e legumes disponíveis. Depois comíamos carne, em seguida peixe. Na época, todas as revistas especializadas diziam que era preciso ingerir aminoácidos, mas que algumas dessas moléculas presentes em determinados alimentos eram incompletas, portanto era preciso tomar cuidado. "Ora", dizíamos nós, "não vamos nem pensar muito. Vamos simplesmente comer todas as proteínas. Ovos, peixe, carne, peru, queijo – vamos comer de tudo e pronto!" Seria natural que os donos do bufê nos cobrassem pelo menos um acréscimo. Mas não, eles nos tratavam igualzinho aos outros clientes. Era como se Deus tivesse criado um restaurante especialmente para fisiculturistas.

Nesses primeiros meses em Los Angeles, tudo estava indo tão bem que era até difícil de acreditar. Para minha surpresa, meu acidente de carro teve muito poucas consequências, com exceção do ferimento na coxa. O domador de crocodilos, dono do GTO batido, mal deu importância às avarias. Ele trabalhava em uma concessionária onde podia escolher o carro usado que quisesse, e sua reação foi: "Não esquente com isso." Na verdade, ele me contratou. Um dos serviços oferecidos pela concessionária era a exportação de

carros usados, e nesse outono ganhei um dinheiro extra dirigindo automóveis até Long Beach para serem embarcados em cargueiros com destino à Austrália.

Algumas seguradoras ligaram para a academia por causa dos estragos causados aos outros veículos, mas as conversas eram complexas demais para eu entender, de modo que eu passava o telefone para algum colega. Ele explicava que eu acabara de chegar aos Estados Unidos e não tinha dinheiro nenhum, então as companhias desistiam. Mas o acidente me fez ficar desesperado para arrumar um plano de saúde. Na Europa, naturalmente, todo mundo tinha um: se fosse estudante, você caía em determinada categoria; se fosse criança, era coberto pelo plano dos seus pais; se tivesse um emprego, tinha o plano da empresa – até mesmo os sem-teto tinham cobertura. O fato de estar a descoberto em território americano me deixou com medo. "E se eu ficar doente, como vou fazer?" Esse pensamento não parava de me atormentar. Eu não sabia que se podia chegar no pronto-socorro e receber tratamento de graça. E, mesmo que soubesse, não iria querer caridade. Levei seis meses, mas devolvi a Bill Drake o dinheiro correspondente à conta do médico que ele havia pagado para mim.

Por coincidência, Larry Scott, ex-Mister Olympia agora aposentado mas que ainda malhava diariamente, era gerente regional de vendas de uma grande seguradora.

"Ouvi dizer que você está procurando um plano de saúde", disse ele. "Vou ajudá-lo."

Larry me arrumou uma apólice que custava 23,60 dólares por mês, mais 5 dólares para cobrir uma eventual invalidez. O valor me pareceu caro, já que eu só recebia 65 dólares por semana de Weider. Mesmo assim, aceitei, e devo ter sido um dos únicos imigrantes recém-chegados a Los Angeles a ter plano de saúde.

Perto do Dia de Ação de Graças, em novembro de 1969, fui convidado para uma competição e demonstração de fisiculturismo no Havaí em dezembro. O domador de crocodilos planejava ir passar o Natal em casa e disse: "Adoro o Havaí. Por que não vou com você, treinamos juntos por alguns dias, depois de lá vou direto para a Austrália?"

Essa me pareceu uma boa ideia. Além do atrativo óbvio das praias e das garotas, o Havaí me daria a oportunidade de conhecer o Dr. Richard You, um médico da equipe olímpica americana que tinha consultório lá, e de visitar lendas do levantamento de peso como Tommy Kono, Timothy Leon e Harold "Oddjob" Sakata, que eu já conhecia de Munique. Assim, meu amigo e eu fomos perguntar a Joe Weider se ele conhecia os organizadores da competição e o que pensava sobre minha participação. Ele me deu total apoio. Seria uma boa experiência para mim, falou, e a pressão de uma competição próxima me faria treinar com mais vigor.

Preguiçosos caras de pau

JOE WEIDER CHAMAVA OS FISICULTURISTAS DA pesada de preguiçosos caras de pau. Até onde eu podia constatar, ele de modo geral estava certo. Os frequentadores típicos da Gold's eram caras que trabalhavam durante o dia: operários da construção civil, policiais, atletas profissionais, empresários, vendedores e, com o passar do tempo, atores. No entanto, com algumas exceções, os fisiculturistas eram *mesmo* uns preguiçosos. Vários deles eram desempregados. Tudo o que queriam fazer era ficar deitados na praia e ter alguém para patrociná-los. Viviam dizendo: "Joe, me arruma uma passagem de avião para ir a Nova York competir?", "Joe, me arruma um salário para eu poder treinar na academia?", "Joe, posso pegar os suplementos de graça?", "Joe, me arruma um carro?". Quando não conseguiam o que julgavam ser o seu direito, ficavam putos. "Cuidado com Joe", eu os ouvia dizer. "Aquele zura filho da puta não cumpre o que promete." Eu, porém, o via sob um prisma totalmente diferente. É verdade que Joe era mão-fechada. Ele vinha de uma família pobre e tivera que lutar por cada centavo. Mas eu tampouco via motivo para ele simplesmente sair dando dinheiro para qualquer fisiculturista que pedisse.

Joe era mestre em saber o jeito certo de atrair homens jovens e vulneráveis. Quando comecei a ler suas revistas, aos 15 anos, eu me perguntava: quando ficarei forte o suficiente para me defender? Como garantir meu sucesso com as garotas? Como ter certeza de que vou ganhar muito bem na vida? Joe me levou para um mundo onde eu me sentia especial desde o começo. Era a mesma antiga mensagem do fisiculturista Charles Atlas: compre o meu método e ninguém nunca mais vai jogar areia na sua cara. Em pouquíssimo tempo você vai virar um homem importante, conquistará muitas garotas e vai passear por Venice Beach!

Nas revistas de Joe, cada fisiculturista tinha um apelido, como os super-heróis. Dave Draper, que treinava na Gold's, era o Bombardeiro Louro. Eu o vira no filme *Não faça ondas*, estrelado por Tony Curtis em 1967. Isso dera mais asas ainda à minha imaginação: mais um fisiculturista que tinha entrado para o cinema! As revistas de Weider publicaram fotos de Dave passeando pela praia com uma prancha de surfe. Ficou muito bacana. Ao fundo, via-se um bugre da Volkswagen, daquele modelo com as rodas expostas, também muito

legal. Ele estava cercado por lindas garotas que o fitavam com ar de admiração.

Outras fotos da revista mostravam cientistas e técnicos vestidos com jalecos brancos de laboratório desenvolvendo suplementos alimentares na Clínica de Pesquisas Weider. "Clínica de Pesquisas Weider", pensava eu. "Que incrível!" Havia também fotos de aviões com o nome "Weider" escrito na lateral em letras garrafais. Eu imaginava uma empresa do tamanho da General Motors, com uma frota de aeronaves percorrendo o mundo para entregar os equipamentos inventados por Weider e seus suplementos alimentares. Os textos da revista também pareciam fantásticos quando meus amigos os traduziam para mim. As matérias falavam sobre "destruir os músculos", construir "deltoides iguais a balas de canhão" e "um peitoral igual a uma fortaleza".

Seis anos depois, ali estava eu, em Venice Beach! Igualzinho a Dave Draper, só que agora era eu que tinha o bugre, a prancha de surfe e as garotas a meus pés. É claro que a essa altura eu já tinha consciência suficiente para ver que Weider criara um mundo de fantasia, cujos alicerces estavam fincados na realidade, mas onde os arranha-céus eram pura fabricação. Sim, havia pranchas de surfe, mas os fisiculturistas na verdade não surfavam. Sim, havia lindas garotas, mas eram todas modelos, que recebiam para posar naqueles ensaios. (Na verdade, uma dessas garotas era Betty, mulher de Joe, uma linda modelo que ele não precisava remunerar.) Sim, os suplementos de Weider existiam, e, sim, havia algumas pesquisas, mas não existia nenhum grande prédio em Los Angeles chamado Clínica de Pesquisas Weider. Certo, os produtos de Weider eram distribuídos mundo afora, mas a empresa não tinha nenhum avião. No entanto, descobrir esse mundo de fantasia não me incomodou. Uma parte suficientemente grande dele era verdade.

Eu não só estava fascinado por me encontrar no meio disso tudo como também mal podia esperar para ver o que iria acontecer em seguida. "Tenho que me beliscar", vivia pensando. Dizia aos meus amigos que meu pior pesadelo seria sentir alguém me sacudindo e ouvir a voz da minha mãe dizendo: "Arnold, você perdeu a hora! Precisa se levantar! Vai chegar duas horas atrasado ao trabalho. Ande logo! Você tem que ir para a fábrica!" E eu diria: "Ah, não! Por que você me acordou? Eu estava tendo um sonho incrível. Queria ver como terminava."

O próprio Joe não era um cara muito fácil de se gostar. Ele e o irmão mais novo, Ben, tinham começado a abrir seu caminho para longe dos barracos de Montreal durante a Grande Depressão e construíram seu negócio do nada. As revistas, os equipamentos, as empresas de suplementos alimentares e as competições eram o maior império da área do fisiculturismo e rendiam 20 milhões de dólares por ano, o que fazia dos irmãos Weider contatos obrigatórios em um esporte no qual ainda faltava dinheiro. As únicas pessoas que de fato viviam do fisiculturismo eram alguns produtores de eventos e donos de academia. Nenhum dos atletas conseguia isso, e eu era o único de quem já ouvira falar que recebia um salário só para treinar.

Joe e Ben viviam tentando se expandir e não tinham pudores de invadir o território alheio. Em 1946, criaram sua própria associação, a Federação Internacional de Fisiculturismo (IFBB, na sigla em inglês), para competir tanto com o Sindicato Americano de Atletismo (AAU, na sigla em inglês), que controlava o levantamento de peso olímpico e o fisiculturismo nos Estados Unidos, quanto com a Associação Nacional Amadora de Fisiculturistas (NABBA, na sigla em inglês), que regulamentava o fisiculturismo no Reino Unido. Graças à promoção de versões próprias da disputa de Mister América, feita pelo AAU, e de Mister Universo, feita pela NABBA, eles foram criando feudos. Assim como no boxe, a duplicação dos títulos causava bastante confusão, mas ajudava na disseminação do esporte.

Joe também foi o primeiro a oferecer um prêmio em dinheiro para o vencedor de um campeonato de fisiculturismo. Quando inventou o Mister Olympia, em 1965, o prêmio eram 1.000 dólares e uma placa gravada em prata. Em qualquer das outras competições, como a de Mister Universo, tudo o que o vencedor ganhava era um troféu. As disputas de Joe também ofereciam as melhores condições aos participantes, pois ele pagava a hospedagem e o transporte aéreo. No entanto, só entregava a passagem de volta depois que o atleta tinha feito a sua parte e posado para os fotógrafos dele após o evento. Na verdade, Joe preferia fotografar os fisiculturistas antes do evento, mas em geral eles não queriam. Franco Columbu e eu éramos os únicos que aceitavam. Gostávamos de posar antes porque ser fotografados nos forçava a estar em boa forma e nos dava uma oportunidade para treinar as poses.

A disputa de Mister Olympia era pura demonstração de genialidade promocional. A ideia era eleger um campeão dos campeões, e só era possível se inscrever mediante convite. Além do mais, para se qualificar era preciso já ter conquistado o título de Mister Universo. Joe, portanto, estava ganhando dinheiro com a proliferação dos títulos que ele próprio criara! Não era de espantar que os irmãos Weider levassem as pessoas à loucura. Sua última campanha fora fazer lobby junto ao Comitê Olímpico Internacional para que o fisiculturismo fosse reconhecido como esporte internacional.

Eu gostava do fato de Joe Weider ser um homem de negócios agressivo. Ele tinha revistas. Tinha uma federação. Tinha conhecimento. Sabia agitar as coisas e queria transformar o fisiculturismo em algo realmente grande. Joe tinha a oferecer algo de que eu precisava e, por sua vez, sentia que eu podia oferecer algo de que ele precisava.

Além disso, eu não era um preguiçoso. A primeira coisa que lhe disse quando cheguei à Califórnia foi: "Eu não quero ficar de bobeira. Não quero pegar seu dinheiro sem fazer nada em troca. Me mande fazer algo em que eu possa aprender." Joe tinha uma revenda na Rua 5, em Santa Monica, que comercializava suplementos alimentares e equipamentos de musculação. Então lhe perguntei se podia trabalhar lá.

– Eu quero ajudar os clientes – falei. – Assim posso aprender sobre negócios

e treinar meu inglês, sem falar que gosto de lidar com o público.

Joe adorou ouvir isso.

– Arnold – disse ele com seu sotaque canadense –, vou lhe dizer uma coisa: você quer trabalhar, quer se tornar alguém. Você é alemão, é uma máquina, é inacreditável. *Não é feito esses preguiçosos caras de pau!*

Eu adorava o modo de funcionamento da mente de Joe. Ele já havia criado todo um mito em relação a mim: eu era uma máquina alemã, totalmente confiável, sem falhas, que funcionava sempre. E ele iria aplicar o conhecimento e o poder que tinha para fazer essa máquina ganhar vida e sair andando por aí feito o Frankenstein. Eu achava isso muito engraçado. Não me incomodava que ele pensasse em mim como sua criatura, porque eu sabia que isso significava que Joe Weider iria me amar. E isso encaixava direitinho com meu objetivo de me tornar campeão do mundo. Para completar, quanto mais ele pensava em mim daquela maneira, mais generoso se tornava.

Desde o começo, vi que ele me considerava o filho que nunca tivera. Senti que aquilo era uma oportunidade única para aprender. Meu pai me dera conselhos sobre ser disciplinado, forte e corajoso, mas não sobre como ter sucesso nos negócios. Eu estava sempre à procura de mentores que pudessem assumir o lugar do meu pai e continuar seu trabalho. Ter Joe por perto era como ter um pai que valorizava o que eu estava tentando fazer.

A empresa continuava sediada no leste do país, em Union City, Nova Jersey, mas os Weider estavam construindo um novo quartel-general no Vale de São Fernando, em Los Angeles. De tantas em tantas semanas, Joe ia até lá supervisionar as obras. Ele me levou ao local para participar de reuniões e deixou que eu o acompanhasse para ver como a empresa funcionava. Com relação ao ramo editorial dos negócios, vivia procurando gráficas que pudessem fazer um trabalho melhor e cobrar menos, e também me incluía nessas negociações. Fui visitá-lo em Nova York, onde pude participar de reuniões. Quando meu inglês melhorou, acompanhei-o em uma viagem de negócios ao Japão para ver como ele conduzia negociações internacionais e avaliar a importância essencial da distribuição, não apenas no negócio das revistas, mas para o sucesso de qualquer empreendimento.

Joe insistia na importância de se tornar global, em vez de restringir os negócios a apenas um país. Ele sabia que o futuro apontava nessa direção. Cada viagem sua tinha vários objetivos: no Japão, por exemplo, também encontramos integrantes da federação nacional de fisiculturismo e Joe lhes deu conselhos sobre como melhorar suas competições. Nossas longas viagens de avião eram sempre estimulantes. Conversávamos sobre negócios, arte, antiguidades, esportes. Ele estudava história mundial e história judaica. Também era muito versado em psicologia. Com certeza deve ter feito análise.

Eu estava no paraíso, pois sempre achei que o meu futuro estivesse nos negócios. Não importava o que eu estivesse fazendo, parte da minha mente com frequência se perguntava: "Será esse o meu destino? Qual é minha missão aqui?" Eu sabia que tinha um destino especial, mas qual seria? Para mim, ser

empresário era o melhor de todos eles. E agora aquele líder estava me deixando acompanhá-lo em suas viagens de negócios, e eu estava aprendendo justamente o que precisava. Talvez pudesse acabar promovendo e vendendo o fisiculturismo, suplementos alimentares, equipamentos domésticos e para academias, abrindo minha própria rede de academias e administrando um império – como Reg Park, só que em escala global. Isso seria fantástico! Eu sabia que tinha uma visão de negócios diferente da dos outros fisiculturistas. Se Weider tivesse proposto a viagem ao Japão a algum deles, a resposta teria sido "Ah, não, o Japão deve ser um saco. Que academias eles têm por lá? Eu quero é malhar", ou alguma outra imbecilidade assim. Então talvez o meu destino fosse mesmo suceder os irmãos Weider na geração seguinte. Joe obviamente estava gostando muito de me ensinar. "Você está mesmo interessado!", ele costumava comentar.

O que aprendi com Joe vai muito além dos negócios. Ele colecionava móveis e objetos de arte, algo que me fascinava. Quando fiquei hospedado em seu apartamento de Nova York, pude admirar todas as obras de arte e antiguidades. Ele falava sobre os leilões e dizia: "Comprei isto aqui por tanto. E agora está valendo tanto."

Foi a primeira vez que entendi que móveis antigos podem aumentar de valor. Até então eu os via apenas como velharias sem valor, como as que tínhamos na Áustria. Mas Joe dizia: "Olhe só isto aqui: é do período do Império francês. É mogno. Está vendo os cisnes esculpidos nos braços? São o emblema da esposa de Napoleão I, a imperatriz Josefina. E tem também esta esfinge de bronze incrustada nas costas, está vendo? Os franceses adoram motivos egípcios." Comecei a acompanhá-lo a leilões em Nova York, na Sotheby's, na Christie's e em outras casas leiloeiras.

A cadeira Napoleão era uma das melhores peças de Joe. Ficava no quarto de hóspedes de sua casa. Na primeira vez em que me hospedei lá, ele fez todo um teatro: "Essa cadeira é muito frágil e muito, muito cara. Preste atenção para não sentar nela nem tocá-la, está bem?" Eu queria tomar cuidado com a cadeira, mas nessa noite, quando estava tirando a calça para me deitar, meu pé ficou preso, perdi o equilíbrio e caí bem em cima dela. A cadeira foi esmagada pelo meu peso e parecia ter explodido. Fui procurar Joe e disse:

– Você tem que ver uma coisa. Acabei de destruir a cadeira.

Ele entrou correndo no quarto e, quando viu os pedaços espalhados pelo tapete, quase desmaiou. Então começou a xingar.

– Ah, seu filho da mãe! Essa cadeira é caríssima!

Mas logo se controlou, porque percebeu que reclamar assim era coisa de gente desclassificada. Qualquer cadeira pode ser consertada se for danificada. O móvel não estava destruído, só havia quebrado nas partes em que era colado, nas junções. Simplesmente desmontou quando caí por cima dele.

Estava me sentindo culpado, claro, mas não consegui me segurar e falei:

– Não acredito. Eu machuquei o joelho, arrebentei o quadril e você nem perguntou "Como você está?" ou disse "Não se preocupe com isso, o mais

importante é você". Você deveria estar sendo uma figura paterna para mim aqui nos Estados Unidos! Mas a sua única preocupação é essa cadeira.

Isso fez Joe se sentir realmente mal.

– Ai, meu Deus, tem razão – reconheceu ele. – Olhe só para isso! Essa cadeira é mesmo vagabunda. Quem a montou fez um péssimo trabalho!

E então começou a chamar *os outros* de filhos da mãe, os tais caras da época de Napoleão que tinham fabricado a cadeira.

Depois dessa visita a Nova York, fui de avião a Chicago para assistir à competição de Mister América da AAU e passar uma semana treinando com Sergio Oliva. Apesar de termos sido adversários no outono anterior, isso não o impediu de se mostrar hospitaleiro. Ele e a mulher me receberam para jantar no seu apartamento, e tive meu primeiro contato com a cultura negra e latina de Cuba. Sergio falava usando muitas gírias, se vestia de maneira excêntrica e sua relação com a mulher era diferente de tudo o que eu já tinha visto, com muitas explosões e gritos de ambos os parceiros. Mesmo assim, ele era um verdadeiro cavalheiro.

Eu estava em uma missão secreta de reconhecimento: na minha opinião, era preciso entrar no campo do inimigo e descobrir como ele via o mundo. O que faz desse homem um campeão? Que alimentos ele come, como vive, o que posso aprender com seu treinamento? Como ele pratica suas poses? Qual é sua atitude em relação à competição? Nenhuma dessas informações me daria um corpo capaz de vencê-lo, mas poderia me motivar e me mostrar do que eu precisava para vencer. Será que eu poderia encontrar um ponto fraco a ser usado psicologicamente? Estava convencido de que o esporte não era apenas uma guerra física, mas também psicológica.

A primeira coisa que descobri foi que Sergio trabalhava ainda mais que eu. Tinha um emprego em tempo integral em uma siderúrgica e, depois de passar o dia inteiro no calor dos altos-fornos, treinava por horas na Associação Cristã de Moços de Duncan. Era uma daquelas pessoas que não se cansam com facilidade. Diariamente, para começar, ele fazia 10 séries de 20 barras. Não eram exercícios para as costas. Era apenas para *se aquecer*. Todo santo dia. Sergio tinha várias técnicas pouco comuns que eu podia usar. No supino com barra, ele fazia meias repetições, sem nunca dobrar completamente os cotovelos. Isso mantinha o músculo peitoral em tensão total o tempo todo, e de fato seus peitorais eram lindos e plenamente desenvolvidos. Também aprendi coisas na maneira como ele treinava suas poses.

Eu entendia, é claro, que o que funcionava para Sergio não iria necessariamente servir para mim. Éramos mais como reflexos espelhados. Eu tinha ótimos bíceps e músculos dorsais, mas seus deltoides dianteiros, tríceps e peitorais eram melhores que os meus. Para derrotá-lo, eu teria que trabalhar esses músculos muito, muito mais pesado e aumentar o número de séries. Suas outras grandes vantagens eram anos de experiência e um excelente potencial natural – ele realmente era um animal. Acima de tudo, porém, o que me inspirava em Sergio era sua energia. Eu disse a mim mesmo que precisaria

estar à sua altura.

Sabia quem poderia me ajudar a fazer isso. Na Califórnia, tinha parceiros de treino de nível internacional. No entanto, praticamente desde o instante em que pisei lá, comecei a tentar convencer Joe a trazer Franco da Europa. Sentia saudades de muitos dos meus amigos da Alemanha, e eles deviam achar estranho o modo como eu havia desaparecido na Califórnia. Mas quem mais me fazia falta era Franco, pois nós dois éramos como irmãos e ele era o parceiro de treino perfeito para mim. Era estrangeiro como eu e, mesmo em Munique, nós dois tínhamos a mesma mentalidade de imigrantes e o mesmo tipo de ambição. A única coisa com a qual podíamos contar era o trabalho duro. Na minha cabeça, os Estados Unidos iriam ser um lugar tão bom para Franco quanto estavam sendo para mim.

Joe jamais daria ouvidos ao argumento sentimental, de modo que eu o traduzi em termos comerciais. "Se você trouxer Franco, vai dominar o fisiculturismo profissional", eu lhe disse. "Durante muitos anos! Vai ter o melhor homem alto na categoria de pesos pesados – ou seja, eu – e o melhor homem baixo de pesos leves." Contei a ele que, em relação a seu peso, Franco era o maior levantador do mundo (o que era verdade, pois ele conseguia erguer mais de quatro vezes o próprio peso no levantamento terra), e como vinha se reorientando para o fisiculturismo.

Em segundo lugar, eu disse a Joe que Franco era o meu parceiro de treino ideal e que, se pudéssemos trabalhar juntos, eu teria ainda mais sucesso. Em terceiro lugar, assegurei-lhe que Franco era um cara trabalhador, que não se aproveitaria do fato de estar na Califórnia só para ficar na praia sem fazer nada. Já tinha sido pastor de ovelhas, pedreiro e taxista. "Ele não é um preguiçoso cara de pau", falei. "Você vai ver só."

JOE DEMOROU UM POUCO A SE DECIDIR. Sempre que eu mencionava Franco, ele fingia nunca ter escutado esse nome, então eu tinha que repetir a argumentação toda de novo. Finalmente, porém, em meados de 1969, ele cedeu e concordou em convidar Franco e lhe pagar os mesmos 65 dólares por semana que pagava a mim. E começou imediatamente a se gabar do fantástico fisiculturista baixo que ia trazer da Europa. Só que Joe não era muito bom para decorar nomes e ainda não conseguia se lembrar muito bem do de Franco.

– Adivinhem quem vamos trazer agora? – anunciou ele durante o almoço. – Francisco Franco!

Artie Zeller, o fotógrafo que me recebera no aeroporto no ano anterior, por acaso estava presente e o corrigiu.

– Francisco Franco é o ditador da Espanha.

– Não. Eu quis dizer Colombo, é esse o nome dele.

– Tem certeza? – indagou Artie. – Colombo foi o descobridor da América.

– Não, esperem, eu quis dizer Franco Nero.

– Esse é um ator italiano. Faz faroestes.

– Arnold! Quem é mesmo que nós vamos trazer, caramba? – perguntou Joe por fim.

– Franco *Columbu.*

– Ai, meu Deus. Filho da mãe! Um italiano! Por que os italianos têm nomes tão esquisitos? Parece tudo a mesma coisa.

Fui no meu fusca branco buscar Franco no aeroporto. Já havia incrementado o carro com um volante de corrida, e ele estava ótimo. Para receber meu amigo em solo americano e comemorar sua chegada, pensei que o melhor seria preparar um cookie de maconha. Eu tinha ficado amigo de Frank Zane, o fisiculturista que havia me derrotado em Miami, e ele gostava de fazer seus próprios cookies. De vez em quando ele me dava um. "Vai ser engraçado", pensei. "Vou buscar Franco, ele vai estar com fome depois de um voo tão longo, então darei a ele metade do cookie." Não lhe daria o cookie inteiro, pois não sabia como seu corpo reagiria.

Assim que Franco entrou no carro, perguntei:

– Está com fome?

– Estou, morrendo.

– Bom, por sorte tenho um cookie aqui. Vamos dividir.

Então fomos para o apartamento de Artie, o primeiro lugar para o qual o levei. Josie, mulher de Artie, era suíça, e achei que Franco fosse se sentir mais à vontade com pessoas que falassem alemão. Depois que chegamos, ele passou uma hora inteira deitado no tapete da sala, rindo.

– Ele é sempre engraçado assim? – perguntou o fotógrafo.

– Deve ter tomado uma cerveja ou algo do tipo – respondi. – Mas, sim, normalmente ele é um cara engraçado.

– Ah, sim, ele é hilário. – Artie e Josie também estavam rindo loucamente.

Alguns dias depois, perguntei a Franco:

– Sabe por que você estava rindo tanto? – E contei a ele sobre o cookie.

– Eu sabia que tinha alguma coisa esquisita! – disse o italiano. – Vai ter que me dar outro, porque foi muito bom!

Na verdade, porém, Franco teve uma séria reação à vacina contra varíola que tomara logo antes de sair de Munique. Seu braço inchou, ele teve febre e calafrios e não conseguia comer. Isso durou uns 15 dias. De tantas em tantas horas, eu preparava bebidas proteinadas para ele. Acabei levando um médico ao apartamento, pois tive medo que Franco morresse, mas o médico prometeu que ficaria bem.

Meu trabalho de vendedor fora tão bom que Joe Weider estava ansioso para conhecer Franco e ver como ele era musculoso. Só que o meu amigo tinha secado de 77 quilos para cerca de 68. Quando Joe aparecia, eu o escondia no quarto e dizia: "Ah, Franco está muito ocupado, foi malhar na Gold's outra vez." Ou então: "É, ele está muito a fim de conhecer você e quer estar com um visual perfeito, então foi à praia pegar uma cor."

O plano sempre foi que Franco morasse comigo. Mas o meu apartamento só tinha um quarto, de modo que fiquei lá, enquanto ele passou a dormir no

sofá-cama. O apartamento era tão pequeno que sequer havia espaço para colar cartazes. Em Munique, porém, eu morava dentro de um closet na academia, ou seja, aquilo ali para mim era puro luxo. Franco também pensava assim. Nós tínhamos uma sala *e* um quarto, e havia cortinas nas janelas. Além disso, a praia ficava a apenas três quarteirões. Nosso banheiro tinha pia, privada e banheira com chuveiro, muito melhor que o que tínhamos na Europa. Por menor que fosse o espaço, nossa sensação era de ter melhorado de vida.

Eu havia visitado Franco várias vezes no quarto em que ele morava em Munique. O lugar estava sempre um brinco. Então sabia que ele seria um ótimo companheiro de apartamento, e foi isso mesmo que aconteceu. Nossa casa estava sempre impecável. Passávamos o aspirador com frequência, não deixávamos a louça se acumular na pia da cozinha e a cama estava sempre feita ao estilo militar. Nós dois tínhamos a disciplina de acordar de manhã e dar um jeito na casa antes de sair. Quanto mais se pratica, mais o hábito se torna automático e menos esforço ele exige. Nosso apartamento foi sempre bem mais limpo que qualquer outro que eu tenha visitado, fosse de homens ou mulheres. Sobretudo mais que os das mulheres. Elas pareciam umas porquinhas.

O combinado era o seguinte: Franco cozinhava e eu lavava a louça. Ele não demorou muito para encontrar lojas de produtos italianos que vendessem o macarrão, as batatas e a carne do jeito que gostava. Mas torcia o nariz para os supermercados. "Ah, esses americanos", dizia. "Bom mesmo é comprar na mercearia, na loja italiana." Ele vivia chegando em casa com pequenos embrulhos e vidros de comida e dizia: "Isto aqui você só encontra nas lojas italianas."

Fomos muito felizes nesse apartamento – até o proprietário nos enxotar de lá. Um belo dia, ele bateu na porta e disse que tínhamos que sair porque o imóvel só tinha um quarto. Naquela época, no sul da Califórnia, era considerado suspeito dois caras dormirem em um apartamento de um quarto só. Expliquei que Franco dormia no sofá da sala, mas o proprietário não arredou pé: "O apartamento na verdade é para uma pessoa."

Queríamos mesmo um lugar maior, então não ligamos. Achamos um lindo apartamento de dois quartos em Santa Monica e nos mudamos para lá.

Na casa nova, havia espaço nas paredes para decoração, mas não tínhamos nada para pregar nelas. E meu dinheiro com certeza não dava para comprar obras de arte. Foi então que certo dia, em Tijuana, vi um cartaz em preto e branco muito maneiro de um caubói com duas armas apontadas. Como custava apenas 5 dólares, eu comprei. Ao chegar em casa, preguei-o na parede com fita adesiva. Ficou lindo.

Um dia Artie foi nos visitar. Assim que viu o cartaz, começou a dar várias fungadas e agir como se estivesse bravo.

– Eca – disse ele. – Que imbecil.

– O que houve? – perguntei.

– Reagan, sério mesmo? Meu Deus!

– É uma foto ótima. Achei lá em Tijuana.

– Você sabe quem é esse cara? – perguntou ele.

– Bom, embaixo está escrito: "Ronald Reagan".

– É o governador do estado da Califórnia.

– É mesmo? Incrível! – retruquei. – Melhor ainda. Agora tenho o governador da Califórnia pendurado na parede.

– É, antigamente ele fazia filmes de faroeste – disse Artie.

COM FRANCO COMO PARCEIRO DE TREINO, eu podia me concentrar em meus objetivos de competição. Estava decidido a conquistar o título de Mister Universo da IFBB que não conseguira em Miami. Ainda estava tão mordido com a derrota para Frank Zane que não queria simplesmente ganhar a competição: queria uma vitória tão esmagadora que fizesse as pessoas esquecerem que um dia havia perdido.

Assim, fiz planos de ir a Londres e ganhar outra vez o Mister Universo da NABBA. Isso me renderia, aos 24 anos, quatro títulos de Mister Universo de ambos os lados do Atlântico, mais que qualquer outro praticante do esporte possuía. A vitória traria de volta o embalo que eu pensava ter perdido, a aura de invencibilidade que me punha sob os holofotes e deixava o público embasbacado. Mais importante ainda, a vitória sinalizaria que os únicos campeões de fisiculturismo em que o mundo deveria prestar atenção eram Sergio Oliva e eu. O meu objetivo era estar entre os seis ou oito melhores do mundo e então dar o salto para a primeira ou segunda posição no ranking. Fora para isso que eu me mudara para os Estados Unidos e só cabia a mim alcançar esse feito. Se tivesse sucesso e conseguisse consolidar minha posição no universo do fisiculturismo, a partir dali tudo avançaria mais depressa. Ninguém seria capaz de me deter.

Depois disso, o grande objetivo seguinte seria derrotar Sergio e conquistar o título de Mister Olympia. Eu não iria cometer o mesmo erro de quando fui para Miami, onde pensara que fosse conseguir uma vitória fácil. Passei a treinar o mais pesado possível.

Organizar a competição de Mister Universo em Miami fora um experimento dos Weider, e em 1969 eles voltaram para Nova York. Para aumentar a euforia, também haviam marcado as disputas de Mister América, Mister Universo e Mister Olympia para o mesmo dia, em sequência, na Academia de Música do Brooklyn, a maior casa de espetáculos da região.

Ao longo de todo o ano, eu tinha sido retratado e promovido à exaustão nas revistas de Weider junto com os outros principais fisiculturistas do mundo, mas a disputa de Mister Universo seria minha primeira desde o outono anterior. Eu estava ansioso para ver o que os jurados e os fãs achariam do meu corpo recém-americanizado. A competição correu ainda melhor do que eu planejara. Em uma das disputas mais concorridas já vistas, derrotei todos os adversários. Milhares de séries nos aparelhos de Joe Gold tinham me ajudado a ganhar uma definição muscular com a qual nem os competidores altos nem os

baixos conseguiram se comparar. Para completar, eu estava com um belo bronzeado californiano!

Ganhar o título me deixou tão animado que voltei a pensar na disputa de Mister Olympia. E se eu tivesse subestimado meu progresso? Se conseguisse derrotar Sergio nessa competição, eu me tornaria o rei!

Na manhã do concurso, ele apareceu com suas típicas roupas chamativas: terno quadriculado de três peças feito sob medida, gravata escura, sapatos de couro preto, chapéu estiloso e muitas joias de ouro. Ficamos nos provocando enquanto assistíamos às prévias da disputa de Mister América.

– E aí, Monstro, está sarado? – perguntei.

– Ah, boneca, hoje você vai ter uma surpresa daquelas, eu garanto – respondeu Sergio. – Vai ver, mas não vai acreditar. Ninguém vai acreditar.

Por fim, fomos nos aquecer nos bastidores. Sergio era famoso por seus longos aquecimentos, durante os quais sempre usava um jaleco de mangas compridas para os outros concorrentes não poderem ver seus músculos. Na hora de subirmos ao palco, ele tirou o jaleco e foi andando na minha frente pelo corredor. É claro que sabia que eu iria examiná-lo. Muito casualmente, ergueu um dos ombros e esticou o maior grande dorsal que eu já tinha visto na vida. O músculo era do tamanho de uma arraia-jamanta gigante. Ele então repetiu o movimento com o outro ombro. Suas costas eram tão imensas que pareciam bloquear toda a luz no corredor. A pressão psicológica surtiu efeito. Eu soube ali mesmo que iria perder.

Nós dois posamos – primeiro eu, depois Sergio – e ambos fizemos a casa vir abaixo com gritos e o barulho de pés batendo no chão. Então os jurados anunciaram que não estavam conseguindo chegar a uma decisão e nos chamaram de volta ao palco para posarmos juntos. Alguém gritou "Posem!", mas, durante um minuto, nenhum de nós dois se mexeu – como se estivéssemos nos desafiando para ver quem posava primeiro. Por fim, eu sorri e fiz a pose de duplo bíceps, uma das minhas melhores. A plateia veio abaixo. Sergio respondeu com sua pose da vitória: os braços erguidos acima da cabeça. A plateia enlouqueceu outra vez e começou a entoar: "Sergio! Sergio!" Fiz uma pose de peito, que ele começou a imitar, mas então mudou de ideia e fez uma pose de "mais musculoso". Mais gritos para Sergio. Fiz a pose que era minha melhor marca registrada – uma três quartos de costas –, mas isso não bastou para virar o jogo. Ele simplesmente ainda estava na minha frente.

Continuei sorrindo e fazendo poses. Já tinha alcançado meu objetivo ali e estava muito melhor que no ano anterior. Conseguira derrotar todo mundo exceto ele. Podia dizer a mim mesmo: "Arnold, você foi ótimo, e Sergio está com os dias contados." Por enquanto, porém, estava claro que o campeão ainda era ele e, quando os jurados anunciaram sua vitória, eu lhe dei um forte abraço. Na minha opinião, Sergio merecia toda a atenção que estava tendo. Eu era bem mais jovem e seria o número um em bem pouco tempo, e então poderia ter aquela atenção toda para mim. Enquanto isso, era justo que ele brilhasse. Ele era o melhor.

NESSE OUTONO, JOE WEIDER ME FEZ iniciar a segunda fase do meu sonho americano: entrar para o cinema. Quando se espalhou a notícia de que alguns produtores estavam procurando um fisiculturista para estrelar um filme, ele indicou meu nome.

O que aconteceu no caso de *Hércules em Nova York* foi como uma daquelas fantasias típicas de Hollywood. Você desembarca do navio, começa a andar pela rua e alguém diz "É você! Você tem o visual perfeito!" e lhe oferece um papel no cinema. Ouvimos essas histórias o tempo todo, mas ninguém sabe se são mesmo verdadeiras.

Na realidade, o papel já tinha sido oferecido ao ex-Mister América Dennis Tinerino, que eu derrotara em 1967 na disputa do meu primeiro título de Mister Universo. Ele era um campeão legítimo: voltara à ativa para conquistar o título amador de Mister Universo em 1968. No entanto, Joe não queria que ele ficasse com o papel, pois Dennis costumava trabalhar mais com as outras federações de fisiculturismo. Então ligou para os produtores e lhes disse que, em Viena, eu tinha sido ator shakespeariano e que eles deveriam desistir de Dennis e me escolher. "Sei que Tinerino ganhou o Mister Universo, mas Schwarzenegger já ganhou esse título três vezes", falou. "Vocês vão ter o melhor fisiculturista do mundo. Ele é o cara certo para o papel: é extraordinário e tem uma presença de palco fenomenal."

Não existem atores shakespearianos na Áustria. Isso é uma invenção. Eu não fazia a menor ideia do que Joe estava dizendo, mas ele informou que era meu empresário e não me deixou falar com os produtores, pois estava preocupado que meu inglês não fosse bom o bastante. Então, quando eles quiseram me encontrar, respondeu: "Não, Arnold ainda não chegou. Vai estar aqui em breve." Achei isso tudo muito divertido. Depois de algum tempo, acabamos indo encontrar os produtores e Joe me alertou para não falar muito. Quando dei por mim, tinha conseguido o papel. Joe era um ótimo vendedor.

Depois da competição de Mister Olympia, Franco e eu fomos para Londres, onde conquistei mais um título de Mister Universo da NABBA, estabelecendo um recorde como primeiro fisiculturista a conquistar quatro coroas de Mister Universo. Então peguei um avião de volta para Nova York para me tornar o novo Hércules.

Hércules em Nova York era uma sátira de baixo orçamento aos filmes épicos clássicos. O argumento era: Hércules se cansa de viver no Monte Olimpo e desce à Terra montado em um raio até a Nova York da nossa época, embora seu pai, Zeus, o tenha proibido de ir embora. Ele então faz amizade com um sujeito chamado Pretzie, um tímido vendedor de *pretzels* que tem uma carrocinha no Central Park, e este tenta ajudá-lo a se adaptar à medida que ele se envolve com mafiosos, luta com um urso-pardo, passeia de carruagem pela Times Square, desce ao inferno, aprende a comprar guloseimas nas máquinas automáticas e se envolve com a bela filha de um professor de mitologia. Exatamente quando Hércules está se acostumando à vida na cidade grande,

Zeus perde a paciência e manda outros deuses descerem para buscá-lo.

A ideia em si não era ruim – fazer Hércules visitar a Nova York moderna –, e o filme era bem engraçado, sobretudo Arnold Stang, o ator que fazia Pretzie. Ele era minúsculo, e eu, gigante. Admito que a experiência foi um desafio. Pensei que fosse ter que esperar até pelo menos os 30 anos para estrear no cinema. Mas ali estava eu, aos 22, nos Estados Unidos, fazendo o papel de um semideus. Quantas pessoas conseguem viver um sonho assim? "Você deveria estar feliz!", falei para mim mesmo.

Ao mesmo tempo, pensei: "Mas eu não estou pronto. Nem aprendi nada sobre interpretação!"

Se eu tivesse experiência como ator, tudo teria sido muito melhor. Os produtores contrataram um instrutor de interpretação e outro para os diálogos, mas duas semanas de trabalho com eles não conseguiram compensar minhas deficiências no inglês e minha falta de experiência. Eu não estava à altura. Não fazia a menor ideia do que esse tipo de atuação deveria envolver. Nem sequer era capaz de compreender todas as frases do roteiro.

O cara que fazia Zeus era Ernest Graves, um veterano de novelas de televisão. Lembro que um dia comecei a rir durante uma filmagem, porque ele fez uma voz portentosa de Zeus para um discurso que devia pronunciar, e a voz soava totalmente diferente da do cara que eu conhecera no trailer de maquiagem. Ele realmente incorporou o personagem, e achei aquilo engraçado. Mas é claro que não se pode rir em um set de filmagem. É importante ser solidário e mostrar que você acredita na interpretação do colega. Quando se está por trás das câmeras, deve-se manter o personagem, representar o seu papel e dar o melhor de si para ajudar o ator que está em cena a alcançar o melhor resultado. Isso é fundamental, mas eu não fazia a menor ideia. Quando alguma coisa me parecia engraçada, eu ria e pronto.

No penúltimo dia, finalmente senti o que significava atuar. Estávamos filmando uma cena carregada de emoção: o adeus entre Hércules e Pretzie. Entrei totalmente no personagem, da forma que todo mundo sempre fala quando se refere a interpretação. Depois da cena, o diretor veio falar comigo:

– Fiquei todo arrepiado quando você fez isso.

– É, foi estranho mesmo – respondi. – Eu senti a cena de verdade.

– Você tem potencial. Acho que tem chance como ator, porque à medida que as filmagens foram avançando você começou mesmo a aprender como se faz.

Um dos produtores perguntou se podia me pôr nos créditos como Arnold Strong – "forte" –, pois, segundo ele, ninguém conseguia pronunciar Schwarzenegger, um sobrenome absurdo. Além do mais, pôr Arnold Strong e Arnold Stang no cartaz seria engraçado. Na edição, minha voz foi dublada pela de outro ator, porque meu sotaque era carregado demais para ser compreensível. Talvez a coisa mais incrível em relação a *Hércules em Nova York* tenha sido que, durante muitos anos, o filme nem sequer foi exibido nos Estados Unidos: a produtora faliu, de modo que ele foi parar na gaveta antes

de ser lançado.

Mesmo assim, fazer o papel de Hércules ia além de qualquer sonho que eu pudesse ter tido. E eles ainda me pagaram 1.000 dólares por semana. O melhor de tudo foi poder mandar fotografias para meus pais e escrever: "Estão vendo? Eu disse que iria dar tudo certo. Vim para os Estados Unidos, ganhei o Mister Universo e agora estou trabalhando no cinema."

VOLTEI MUITO FELIZ PARA A CALIFÓRNIA. Joe Weider prometera me bancar por um ano, e o tempo havia se esgotado. Mas não havia dúvida de que ele queria que eu ficasse. Conforme eu ia fazendo mais e mais sucesso, ele ia inventando novas maneiras de me incluir nas matérias e nos anúncios de suas revistas. Perguntou se eu poderia entrevistar outros fisiculturistas com um gravador. Não precisaria escrever as matérias, apenas gravar as fitas, e os redatores as transformariam em uma série de artigos para mostrar aos leitores os bastidores do esporte. Tudo o que eu precisaria fazer seria conversar com os outros sobre suas rotinas de treino, suas dietas, as vitaminas que eles tomavam e assim por diante. Os entrevistados foram à nossa casa e Franco lhes preparou uma farta refeição italiana – bancada por Joe, é claro, assim como as garrafas de vinho que foram abertas. Quando todo mundo já estava bem relaxado, saquei o gravador. Não sei muito bem como, mas não conseguimos chegar ao assunto dos treinos e da alimentação. A primeira coisa que eu disse foi:

– Queremos conhecer todas as suas namoradas. Vocês já saíram com algum cara? O que costumam fazer na cama?

Quando mostramos a fita a Joe, no dia seguinte, os olhos dele foram se arregalando até se esbugalharem.

– Mas que droga! Que droga! – explodiu ele. – Seus idiotas! Palhaços! Não tem nada aqui que eu possa usar!

Franco e eu morremos de rir, mas eu prometi refazer as entrevistas.

Comecei a fazer as gravações com os fisiculturistas um a um. A maioria não tinha nenhuma rotina de treinos muito interessante. No entanto, percebi que os redatores de Joe podiam escrever matérias a partir de qualquer coisa. Assim, depois das primeiras vezes, sempre que eu ficava entediado, simplesmente interrompia a entrevista. As fitas que entregava a Joe foram ficando cada vez mais curtas. Ele reclamava, mas continuava querendo muito que eu seguisse com o projeto, e eu dizia com cara de inocente:

– Não posso fazer nada se eles não têm nenhuma ideia.

As últimas duas entrevistas tinham cinco e oito minutos, e Joe finalmente desistiu.

– Ah, que droga – vociferou. – Devolva meu gravador, então.

Especialistas em mármore e pedra

O DINHEIRO QUE JOE ME PAGAVA NUNCA durava muito. Eu vivia tentando encontrar maneiras de ganhar mais. À medida que meu inglês foi melhorando e pude começar a explicar como treinar, passei a dar seminários na Gold's e em outras academias. Cada um deles me rendia 500 dólares.

Também criei um negócio de vendas por correspondência com sede no meu próprio apartamento. Tudo começou por causa das cartas de fãs que eu recebia. As pessoas queriam saber como era meu treinamento para os braços ou o peito e me perguntavam como elas próprias poderiam entrar em forma. Eu não conseguia responder a tantas cartas, então, no início, pedi aos redatores da revista que me ajudassem a elaborar alguns modelos que eu pudesse enviar. Foi assim que tive a ideia de vender uma série de apostilas.

Ao contrário da Europa, nos Estados Unidos não havia um milhão de obstáculos para se abrir um negócio. Eu só tive que ir à prefeitura e pagar 3,75 dólares por um alvará, depois alugar uma caixa postal para receber os pedidos. Em seguida precisei ir ao Conselho de Uniformização Fiscal do estado da Califórnia e à Receita Federal. Eles me perguntaram:

– Quanto o senhor acha que vai ganhar?

– Mil dólares por mês, assim espero.

Então paguei 320 dólares, valor estimado da primeira parcela de impostos. Não houve nenhum interrogatório. Os funcionários eram educados, gentis e prestativos. Quando Franco e eu abrimos uma empresa de serviços de pedreiro, foi a mesma coisa. Saímos balançando a cabeça e ele comentou: "É por isso que chamam este país de terra das oportunidades." Estávamos felicíssimos.

As apostilas eram, basicamente, os artigos que eu vinha escrevendo para Joe e que os redatores e fotógrafos me ajudavam a aprimorar acrescentando detalhes e fotos. Fizemos uma para braços, outra para peito, uma para costas, uma para panturrilhas e coxas, sempre explicando como obter um corpo mais simétrico, como ganhar peso, como posar e assim por diante. Foram 10 apostilas no total. Era possível encomendar a série inteira por 15 ou 20 dólares, ou então escolher qualquer volume avulso por 1 ou 2 dólares cada um. As pessoas também pediam fotografias minhas, de modo que mandei imprimir um álbum com as minhas preferidas. Joe Weider tinha um grande negócio de

venda por correspondência, é claro, mas ele na verdade não considerava seus fisiculturistas concorrentes. Eu o convenci a me ceder espaço publicitário de graça nas suas revistas. "Você poderia começar a me pagar por me usar nos seus anúncios", falei, "mas prefiro que me dê essa oportunidade." Achava que Joe fosse aceitar, porque ele sempre odiava gastar dinheiro. Ele não só concordou como nos deu total apoio: disse que eu poderia começar com uma página inteira e que, se o negócio deslanchasse mesmo, poderíamos passar para uma página dupla.

Muitos fisiculturistas fracassaram nas vendas por correspondência porque recebiam o dinheiro mas não conseguiam se organizar para enviar o produto. Pela lei, era preciso entregar as encomendas dentro de determinado prazo. Se o correio recebesse reclamações, sua caixa postal era confiscada e seu negócio ia para o espaço. Você podia até pegar cadeia. Mas eu era supereficiente. Tirei as portas do armário do meu quarto para criar um nicho e pedi a um amigo que fizesse prateleiras e uma pequena escrivaninha dobrável para mim. Cada apostila tinha seu próprio escaninho numerado, e havia cestos para correspondência recebida, cheques, envelopes e encomendas a serem enviadas.

Minhas apostilas foram um sucesso. Em pouco tempo, acrescentei um cinturão para musculação com a marca Schwarzenegger e outros produtos, o bastante para um anúncio de página dupla. Isso atraiu ainda mais clientes. O negócio foi aumentando tanto que eu pude contratar uma secretária para trabalhar alguns dias por semana e atender à maior parte dos pedidos.

Antes de publicar os anúncios na revista, eu sempre os mostrava a Joe, porque ele era um verdadeiro rei do merchandising. Ele dissecava meu texto quase palavra por palavra. "Por que não escrever: 'Pedido atendido em poucos dias'?", perguntava ele. "Ponha isso no anúncio! As pessoas querem saber que podem confiar em você. E deveria colocar também: 'Apostila com tiragem limitada.' Todo mundo adora tiragens limitadas!"

Eu estava adorando ser um empreendedor americano. Com as vendas por correspondência, estava trilhando o mesmo caminho de Charles Atlas!

Logo criei outro negócio, dessa vez com Franco. Sua ideia era que trabalhássemos na construção civil, porque ele já tinha atuado nesse ramo tanto na Itália quanto na Alemanha e acreditava que as pessoas iriam querer contratar dois caras fortes. Quando fomos ao sindicato, porém, descobrimos que poderia levar meses para nos inscrevermos.

"Por que não criamos a nossa própria empresa?", perguntei a Franco. Ele tinha experiência no ofício de pedreiro, e eu na administração de um negócio. Então, foi o que fizemos. Pusemos um anúncio no jornal dizendo: "Pedreiros europeus. Especialistas em mármore e pedra." Não demoramos a conseguir nosso primeiro trabalho: construir um muro para um cara cuja casa, em Venice, pertencera ao astro do cinema mudo Rodolfo Valentino.

Franco e eu tínhamos percebido que os americanos adoravam tudo o que era estrangeiro: massagens suecas, design italiano, ervas chinesas, engenhosidade alemã. Decidimos que devíamos ressaltar o fato de sermos

europeus. O detalhe de Franco ser italiano era particularmente útil. Veja o Vaticano! A arquitetura italiana é imbatível. Eu também já havia reparado que os americanos gostam de pechinchar um pouco e de ter a impressão de estar fazendo um bom negócio – ao contrário dos alemães, que se mostram mais dispostos a aceitar o preço pedido. Assim, Franco e eu bolamos uma cena. Eu levava uma trena, tirava medidas e fazia um orçamento. Para aumentar a aura europeia de mistério, as medidas eram sempre em metros e centímetros, em vez de polegadas e pés. Então mostrava os números a Franco e começávamos a bater boca em alemão na frente do cliente.

– O que está acontecendo? – perguntava o cliente.

– Bom, o senhor sabe como são os italianos – dizia eu, revirando os olhos. – Não entendo por quê, mas Franco acha que a sua varanda vai custar 8 mil dólares. Ele quer encomendar *x* tijolos, muito mais que o necessário. Sério, cá entre nós, eu acho que podemos fazer tudo por 7 mil. Vão sobrar vários tijolos, que podemos devolver para pedir os mil dólares de volta.

E assim o cliente começava a confiar em mim na mesma hora.

– Quanta gentileza a sua tentar me fazer o melhor preço.

– Bom, nós queremos ser competitivos. O senhor com certeza pediu outros orçamentos, não é?

– Pedi, claro.

– Está vendo, Franco? – dizia eu.

Então batíamos boca em alemão mais um pouco e o cara saía todo feliz depois de fecharmos o serviço por 7 mil.

Adorávamos trabalhar como pedreiros e tínhamos a sensação de ser muito produtivos. Mas também nos divertíamos bastante. Certa vez, uma mulher apresentou o orçamento de um concorrente nosso: ele cobrara 5 mil para trocar a chaminé da casa dela, e nesse preço estavam inclusos os mil dólares para demolir a antiga.

– Mil dólares? – estranhou Franco. – Me deixe dar uma olhada.

Ele subiu no telhado, apoiou as costas nas telhas e, como se estivesse no aparelho de *leg press* da academia, fez um movimento com as pernas que arrancou a chaminé inteira. Esta quase foi parar em cima da mulher, que assistia a tudo lá do chão. Em vez de se zangar, porém, ela ficou agradecida.

– Ah, muito obrigada por me ajudar! Que perigo! Essa chaminé poderia ter caído na cabeça de alguém.

Ela não só nos contratou para o serviço como nos deixou ficar com os tijolos velhos, que eu vendi para outro cliente dizendo que eram "tijolos vintage".

Outro cliente queria refazer o muro em volta da sua casa. Chegamos à conclusão de que demolir o muro antigo seria um trabalho pesado o suficiente para valer como nosso treino do dia. Alugamos os maiores martelos que conseguimos encontrar e eu disse a Franco para transformarmos aquilo em uma disputa. "Você começa daquele lado e eu começo deste aqui", sugeri. "Vamos ver quem chega ao meio primeiro." Começamos a martelar feito uns

doidos, e eu teria ganhado caso uma lasca de muro não tivesse voado e quebrado a janela de vitral antiga do cliente. Lá se foi nosso lucro.

Fazia menos de um ano que Franco e eu tínhamos aberto a empresa quando um grande terremoto atingiu o Vale de São Fernando, no dia 9 de fevereiro de 1971. Varandas ficaram deformadas, paredes racharam, chaminés despencaram dos telhados. Era a melhor oportunidade que poderíamos ter tido. Logo pusemos nosso anúncio no *Los Angeles Times* e arrumamos tanto serviço que trabalhávamos dia e noite. Contratamos alguns dos fisiculturistas da praia para nos ajudar – em determinado momento, chegamos a ter 15 deles misturando cimento e carregando tijolos. Era uma visão bem engraçada, mas não podíamos depender daqueles homens. Eles simplesmente não eram capazes de trabalhar diariamente. Joe tinha razão: alguns deles eram uns preguiçosos caras de pau.

Com o dinheiro que ganhamos, Franco e eu conseguimos comprar carros melhores e pagar por aulas de melhor qualidade. Também pudemos fazer nosso primeiro investimento. Na época, as companhias aéreas estavam planejando utilizar aviões supersônicos, e havia o projeto de construir um aeroporto supersônico em Palmdale, logo depois das montanhas, uns 80 ou 100 quilômetros a nordeste de Los Angeles.

Eu queria ficar rico muito depressa. Quando descobri a história do aeroporto, pensei: "Poderia ser um ótimo investimento." Dito e feito: um ou dois meses depois, recebemos um exemplar do jornal da região, o *Antelope Valley Press*, que trazia na primeira página um magnífico desenho de como ficaria o aeroporto: imenso, bem futurista, exatamente como eu imaginara que seriam os Estados Unidos. Aquilo, sim, era pensar grande! Em Graz, as autoridades se preocupavam se o aeroporto deveria receber três ou quatro aviões por dia. "Isso vai ser importante", pensei.

Imaginei que, quando se constrói um aeroporto dessa magnitude, é preciso ter armazéns em volta, além de shoppings, restaurantes, empreendimentos residenciais, prédios públicos – mais e mais crescimento. Então disse a Franco: "Vamos descobrir se tem alguma coisa à venda." Não demorou muito para o *Antelope Valley Press* publicar outra matéria de capa sobre como havia empresas comprando grandes terrenos que depois loteavam para revender.

Um senhor de uma dessas empresas nos levou para ver um terreno. Na época, o Vale dos Antílopes era uma região abandonada, não passava de deserto. Levamos duas horas para chegar lá, de ônibus, e o cara passou a viagem inteira falando sobre o projeto. Explicou como iriam construir uma autoestrada até Palmdale e disse que o aeroporto seria internacional. No futuro, poderia vir até a ser usado para aviões espaciais. Ficamos impressionados. Quando chegamos, ele nos mostrou por onde chegariam a energia elétrica e a água, confirmando meu instinto de que aquela seria uma boa oportunidade. Comprei 4 hectares de terreno por um total de 10 mil dólares, e Franco, 2, bem ao lado de onde ficaria a pista de pouso e perto do local onde haveria um complexo de arranha-céus. Não tínhamos 15 mil

dólares em dinheiro vivo, de modo que combinamos pagar 5 mil e mais 13 mil de principal e juros ao longo dos anos seguintes.

É claro que nada disso levava em conta o problema do ruído supersônico e de como ele afetaria as pessoas que morassem sob a rota dos aviões. A questão virou uma enorme disputa no mundo inteiro, não apenas nos Estados Unidos. Os governos acabaram decidindo que as companhias aéreas só poderiam fazer os aviões voarem numa velocidade superior à do som quando estivessem acima dos oceanos – e Franco e eu acabamos com vários hectares de deserto encalhados. O empreendedor insistia que tudo não passava de um obstáculo passageiro. "Não vendam", dizia ele. "Seus netos ainda vão aproveitar essas terras."

EU NÃO ESTAVA MENTINDO PARA JOE WEIDER quando lhe disse que tanto eu quanto Franco seríamos campeões. Foi estarrecedor ver a rapidez como meu amigo italiano se transformou em um fisiculturista de categoria internacional. O fato de sermos parceiros de treino era uma grande vantagem. Quando começáramos a malhar juntos, em Munique, não tínhamos como saber muita coisa sobre o que os fisiculturistas americanos estavam fazendo, então tivemos que aprender sozinhos, do zero. Descobrimos dezenas de princípios e técnicas de treino, que fomos avaliando progressivamente. Podia ser algo importante, como as flexões plantares com 453 quilos que aprendi com Reg Park, ou coisas mais sutis, como fazer uma rosca bíceps com o pulso virado em determinada direção. Uma vez por semana, escolhíamos um exercício novo e fazíamos séries e repetições até não conseguirmos mais continuar. Então, no dia seguinte, analisávamos que músculos e grupos musculares estavam doloridos e anotávamos. Dessa forma, passamos um ano inteiro fazendo um levantamento sistemático de nossos corpos e elaborando um inventário com centenas de exercícios e técnicas. Mais tarde, essas anotações serviram de base para a *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*, livro que publiquei em 1985.

Uma de nossas descobertas mais importantes foi que você não pode simplesmente copiar o treino de outra pessoa, porque cada corpo é único. Cada um tem sua própria proporção entre tronco e membros e diferentes vantagens e desvantagens genéticas. Você pode até pegar uma ideia de outro atleta, mas precisa entender que o seu corpo talvez reaja de maneira muito diferente.

Esses experimentos nos ajudaram a encontrar formas de corrigir fraquezas específicas. Franco, por exemplo, tinha as pernas arqueadas, então inventamos um jeito de ele desenvolver as partes internas de suas coxas fazendo agachamentos com as pernas mais afastadas uma da outra. Depois bolamos técnicas para fazer as partes internas de suas panturrilhas ficarem maiores. Ele nunca conseguiria enganar os jurados e fazê-los pensar que tinha as pernas perfeitamente retas. Mas eles ficariam impressionados ao ver como ele dera um jeito de contornar aquela deficiência.

Para o confronto com Sergio Oliva, eu estava decidido a aprimorar minhas

poses. Franco e eu passamos semanas treinando nossas sequências. Para ganhar, você precisa conseguir manter cada pose por vários minutos. A maioria dos fisiculturistas que eu conheço consegue fazer uma pose de vácuo, por exemplo, na qual se encolhe a barriga no intuito de chamar atenção para o desenvolvimento do peito. Mas muitas vezes eles não conseguem manter a pose, ou porque se aqueceram demais nos bastidores, ou então porque estão ofegantes em consequência das poses anteriores. Ou ainda porque ficam com cãibras ou começam a tremer.

Assim, um de nós mantinha uma pose por vários minutos, enquanto o outro ia assinalando o que precisava ser ajustado. Eu fazia uma pose de bíceps e Franco dizia: "Estou vendo seu braço tremer. Pare de tremer." E eu fazia o braço parar de tremer. Então ele dizia "Certo, agora sorria", ou "Gire um pouco a cintura", e depois: "Certo, agora faça uma pose de três quartos de costas. Ah, você deu um passo a mais. Não pode. Comece outra vez."

É preciso treinar cada pose e cada transição, porque esse passo a mais é exatamente o que pode fazer você perder diante dos jurados. Eles vão pensar: "Isso foi antiprofissional. Você não está pronto para o pódio. Você é um imbecil, porra! Desça do palco. Não consegue nem manter a pose. Não treinou nem as coisas mais simples."

No caso do Mister Olympia, o mais importante não é necessariamente o que acontece enquanto você está posando. Os jurados partem do princípio de que isso você sabe fazer. O que interessa mesmo é o que você faz entre as poses. Como as mãos se movem? Qual é a expressão do rosto? E a postura geral do corpo? É parecido com o balé. O que vale é estar com as costas eretas e a cabeça erguida, e não virada para baixo. E nunca, jamais dar um passo desnecessário. À medida que você encadeia as poses, precisa visualizar a si mesmo como um tigre: lento e fluido. Fluidez, sempre. E precisão: não pode parecer que você está fazendo força, pois isso também é sinal de franqueza. Você tem que ter controle total do próprio rosto. Pode estar fazendo um baita esforço e estar completamente sem ar, mas tem que respirar pelo nariz e manter a boca relaxada. Ofegar seria o pior de tudo. Então, quando você volta ao palco para a pose seguinte, tem que parecer confiante e ter uma aparência perfeita.

Minha preparação para enfrentar Sergio não se restringia aos exercícios na academia. Comprei um projetor, juntei toda uma coleção de apresentações dele em competições e, em casa, assisti a esses filmes inúmeras vezes. Sergio tinha mesmo um físico espantoso, mas reparei que ele vinha usando a mesma sequência de poses havia muitos anos. Era uma informação que eu poderia usar na preparação para nosso derradeiro confronto na disputa do Mister Olympia. Decorei as poses na ordem em que ele as fazia e me preparei para cada uma com três poses minhas. Ensaiei e visualizei essa sequência vezes sem conta: "Quando ele fizer aquilo, eu farei isso, e isso, e isso!" Meu objetivo era ofuscar cada pose que Sergio fizesse.

Certo dia, mais tarde nesse mesmo verão, o telefone da Gold's tocou e o

gerente gritou do balcão:

– Arnold, tem um cara chamado Jim Lorimer querendo falar com você.

– Sobre o quê?

– Sobre a competição de Mister Mundo.

– Pergunte se eu posso ligar depois. Estou no meio do treino.

Essa ligação se revelou uma daquelas coisas mágicas que aconteceram comigo e que eu jamais poderia ter planejado. Até hoje Jim ri ao se lembrar. Quando retornei sua ligação, ele explicou que era o organizador dos campeonatos mundiais de levantamento de peso olímpico, que, naquele ano, seriam sediados pelos Estados Unidos na cidade de Columbus, em Ohio. Depois das competições haveria uma disputa de fisiculturismo pelo título de Mister Mundo, e ele queria que eu participasse.

Como nunca tinha ouvido falar em Jim Lorimer, dei uns telefonemas para saber se alguém o conhecia. Não levei muito tempo para descobrir que era tudo verdade. Ex-agente do FBI, Jim tinha uns 20 anos a mais que eu e era uma figura importante do esporte americano: fora diretor do Comitê Olímpico dos Estados Unidos e pioneiro na formação das equipes femininas para competir com o bloco soviético. Ganhava a vida como executivo da Nationwide Insurance, seguradora que era a maior geradora de empregos de Columbus, além de ser prefeito de Worthington, nos seus arredores, e um político muito bem relacionado. Havia muitos anos organizava os campeonatos nacionais de levantamento de peso olímpico e o concurso de Mister América em Columbus, em nome da AAU, e, segundo meus amigos, os eventos eram sempre bem organizados. Esse fora um dos grandes motivos que levara aquela cidade a ser escolhida como sede do campeonato mundial de 1970, e Jim fora chamado para planejá-lo.

Verifiquei o calendário e me dei conta de que o Mister Mundo seria no dia 25 de setembro, ao passo que a disputa de Mister Universo em Londres era no dia 24 de setembro e a de Mister Olympia, em Nova York, estava marcada para 7 de outubro. Pensei: "Caramba. Em teoria, eu poderia ganhar o Mister Universo em Londres, voltar para Columbus a fim de ganhar o Mister Mundo e depois participar do Mister Olympia. Seria inacreditável." Em um intervalo de apenas duas semanas, eu poderia abarcar as três federações que controlavam todas as competições de fisiculturismo. Ganhar os três concursos seria como unificar o título de pesos pesados no boxe, o que faria de mim o campeão mundial inconteste.

Fiquei muito animado até começar a verificar os horários dos voos. Então liguei para Jim. "Eu quero participar", comecei. "Só que não tenho como chegar a tempo da disputa do Mister Universo. O primeiro voo de Londres depois da competição só chega a Nova York às duas da tarde. E a conexão de Nova York para Columbus é só às cinco, horário em que começa a sua competição. A não ser que o senhor consiga fazer um milagre, não tenho como chegar a tempo. Já conversei com outros fisiculturistas importantes da disputa de Mister Universo, como Franco Columbu, Boyer Coe e Dave Draper, e todos

eles estariam dispostos a me acompanhar. Mas não vemos como isso seria possível. Ouvi dizer que o senhor é um organizador de primeira linha e que é muito bem relacionado. Então vamos ver se consegue dar um jeito nisso."

Jim Lorimer precisou de apenas um dia. Ele ligou de volta para mim e falou: "Nós vamos mandar um jatinho." Era um jato corporativo da Volkswagen, um dos patrocinadores do evento. "Eles vão buscar vocês em Nova York."

NÃO ACREDITEI QUANDO MEU ÍDOLO Reg Park se inscreveu para disputar o Mister Universo. Pensei que ele estivesse do meu lado! Quando um jornalista me perguntou qual seria a sensação de competir com o maior Mister Universo da história, deixei de lado minha atitude descontraída habitual. "Segundo maior", corrigi. "Eu ganhei o título mais vezes que ele."

Ex-campeões de fisiculturismo viviam reaparecendo depois de aposentados para exibir os resultados de seus treinos, renovar sua imagem ou por outro motivo qualquer. Reg tinha conquistado seus títulos de Mister Universo a intervalos grandes – 1951, 1958 e 1965 –, e talvez quisesse impor sua derradeira marca ao evento. Ou talvez eu estivesse recebendo tanta atenção que ele quisesse mostrar que a antiga geração ainda estava no comando. Fossem quais fossem os seus motivos, a participação dele nos tornava rivais de uma forma que eu não previra.

Quando nos encontramos na sala de aquecimento, mal nos cumprimentamos. A competição foi estranha para todo mundo. Os jurados não estavam à vontade, e os fãs tampouco. Em geral, antes de uma disputa os outros fisiculturistas vêm dar uma palavrinha: "Você está ótimo, vai ganhar." Mas todos os que gostavam de nós dois não souberam o que dizer para um com o outro presente bem no outro canto da sala.

A realidade é que um fisiculturista que já passou dos 40 anos simplesmente não pode treinar tão pesado como quando tinha 23. Eu estava em melhor forma física que Reg, e não necessariamente por conta do esforço, mas simplesmente por causa da idade. A pele dele não tinha tanto viço, e os músculos estavam em leve declínio, não no auge da força. Alguns anos antes, talvez tivesse sido diferente, mas agora era a minha vez de ser o rei. Nesse dia, Reg foi bom o bastante para vencer todos os outros competidores, incluindo um ex-Mister Universo de apenas 28 anos. Mas não foi bom o suficiente para me derrotar.

Fiquei feliz com a vitória, mas ao mesmo tempo triste. Meu objetivo era superar Sergio Oliva, e eu não precisava derrotar Reg para alcançar meu sonho.

No dia seguinte, o jatinho da Volkswagen que Jim Lorimer prometera estava à nossa espera na pista de pouso em Nova York. Jatinhos particulares eram muito mais raros naquela época que hoje em dia e, para mim e meus companheiros, aquele foi um momento eletrizante: nossa sensação era de estar finalmente recebendo o mesmo tratamento privilegiado de outros grandes atletas. Voamos até Columbus e fomos de carro ao Veterans Memorial

Auditorium, onde o evento seria realizado. Quando chegamos, os outros competidores já estavam no meio do aquecimento.

Fiquei totalmente chocado ao encontrar Sergio Oliva em Columbus. Ele era um competidor secreto sobre o qual ninguém havia nos falado. "Puta que pariu!", pensei. Além do mais, ele parecia estar em excelente forma. Eu esperava enfrentá-lo dali a duas semanas, não naquele dia.

Levei alguns minutos para cair em mim e entender que grande oportunidade era aquela. Embora eu não soubesse que Sergio iria participar, percebi que ele sabia sobre mim. Isso significava que tinha ido a Columbus para me surpreender e me anular, de modo que eu já estivesse derrotado antes mesmo de chegarmos a Nova York, o que lhe daria uma vitória folgada no Mister Olympia.

No entanto, raciocinei, o que podia funcionar para ele também poderia funcionar para mim. "Se eu o derrotar hoje, será o fim de suas chances em Nova York", pensei.

Eu tinha que passar à marcha superior. É como quando se tem um carro esporte superveloz, com injeção de óxido nitroso no motor: basta apertar um botão e 100 cavalos de força extra entram em ação quando necessário. Eu precisava apertar esse botão.

Tirei a roupa, passei óleo no corpo e comecei a me aquecer. Fomos chamados e subimos os dois ao palco.

O Mister Mundo era, disparado, o maior evento de fisiculturismo que eu já vira. Cinco mil espectadores lotavam o auditório, o dobro dos campeonatos de Londres e Nova York. E mais: havia luzes, câmeras e apresentadores do programa esportivo *ABC Wide World of Sports*. Aquela era a primeira competição de fisiculturismo a ser gravada para uma rede nacional de televisão.

Não fazia diferença se o auditório tinha 5 mil ou 500 lugares: eu sabia que, se conseguisse conquistar o público com meus talentos de vendedor e meu charme, poderia influenciar os jurados e obter a vantagem. Sergio estava fazendo o mesmo jogo, pavoneando-se pelo palco, acenando e jogando beijos para os fãs. Ele tinha uma grande legião de seguidores, e não tive dúvidas de que várias dezenas deles estavam presentes na plateia. Os quatro principais competidores eram eu, Sergio, Dave Draper e Dennis Tinerino. Subimos todos juntos ao palco para que a banca de sete jurados internacionais pudesse nos ver pela primeira vez. O apresentador pediu que cada um fizesse algumas de suas poses preferidas. Quando obedecemos, todos ao mesmo tempo, o público aplaudiu e gritou. A energia era vibrante.

Em comparação com os outros adversários que eu já havia enfrentado, Sergio de fato se destacava. Assim que subimos ao palco, mais uma vez eu me dei conta desse fato. Era muito difícil passar boa impressão ao lado daquelas coxas extraordinárias, da cintura quase impossível de tão fina, dos tríceps inacreditáveis. Pensei que talvez eu pudesse ter uma leve vantagem com os jurados, já que acabara de conquistar o Mister Universo. Ou talvez Sergio

tivesse uma leve vantagem por ser muito mais talentoso no levantamento de peso olímpico e pelo fato de a maioria dos jurados vir dessa área.

Para me animar, comecei a procurar qualquer vantagem, por mais ínfima que fosse. Naquele momento, sob as luzes fortes da TV, Sergio me pareceu um pouco flácido. Isso me animou. Descobri que eu era realmente capaz de prever seus movimentos e comecei a imitar cada pose sua. A plateia adorou isso, e pude ver as câmeras de TV se virarem dele para mim e de volta para ele. Quando saímos do palco, tive a sensação de ter ganhado aquela primeira rodada.

A partir daí, tudo melhorou. Nos bastidores, Sergio havia exagerado tanto no óleo que a substância começou a escorrer quando ele foi posar, dando-lhe um aspecto mais liso que definido. Além disso, durante sua série individual ele fez as poses um pouco depressa demais para os espectadores de fato poderem absorvê-las. Quando chegou a minha vez, prestei atenção para manter as poses por tempo suficiente para estabelecer uma conexão com a plateia, de modo que cada uma provocasse gritos ainda mais altos, e ninguém quis que eu saísse do palco. Era como se Sergio estivesse competindo pela primeira vez, enquanto eu me sentia completamente à vontade.

Na última sequência, eu estava totalmente afiado. Fosse qual fosse a pose que Sergio fizesse para exibir sua força, eu fazia outra equivalente para exibir a minha. Mais importante, porém, era que, ali, quem estava disposto a dar tudo de si era eu. Eu estava com mais garra que Sergio. Queria o título mais do que ele.

Os jurados me deram o primeiro lugar por unanimidade. Isso não deveria ter sido nenhuma surpresa, mas Sergio era campeão havia tanto tempo que ficou realmente chocado. Passei um minuto em pé, sem me mexer, repetindo para mim mesmo: "Não acredito. Não acredito. Acabei de derrotar Sergio." O prêmio foi um imenso troféu de prata, um relógio elétrico bem moderno para a época e 500 dólares em dinheiro – além de mais popularidade e energia para durar até Nova York.

Quando saí do palco segurando o troféu, fiz questão de fazer duas coisas. A primeira foi agradecer a Jim Lorimer.

– Esta é a competição mais bem organizada que eu já vi – falei. – Quando eu me aposentar do fisiculturismo, vou telefonar para você e nós vamos ser sócios. Vamos subir aqui mesmo, neste palco, para organizar o concurso de Mister Olympia.

Jim apenas riu e retrucou:

– Tá bom, tá bom.

Deve ter sido o elogio mais estranho que ele já tinha escutado, sobretudo vindo de um garoto.

A segunda coisa foi perturbar um pouco o juízo de Sergio. É burrice deixar alguma coisa ao acaso quando se está tentando desbancar o detentor de três títulos de Mister Olympia. Se a disputa em Nova York fosse apertada, pensei, os jurados dariam a vitória a ele. Eu precisava derrotá-lo por completo no

palco e fazer com que o júri não tivesse dificuldade em me escolher. Então disse a ele que pensava ter vencido naquele dia porque conseguira ganhar bastante massa muscular desde que ele havia me derrotado em Nova York no ano anterior. Ele estava um pouco leve, e era por isso que havia perdido, e blá-blá-blá. Queria que ele fosse embora pensando que teria que ganhar alguns quilos para competir. Ele já estava flácido nesse dia, e eu queria que sua flacidez fosse ainda mais evidente quando ele chegasse a Nova York.

O MISTER OLYMPIA SE REALIZARIA DALI A duas semanas em um teatro elegante de Manhattan, e na data marcada, por volta do meio-dia, vários de nós nos reunimos na academia vizinha Mid City. Assim que vi Sergio, comecei a provocá-lo falando sobre comida e Franco se juntou a mim, perguntando-lhe se ele havia emagrecido. Isso fez todo mundo dar risada, exceto Sergio. Na verdade, como eu logo iria constatar, ele mordera a isca. Engordara quase 5 quilos nos 15 dias desde a derrota em Columbus, e ninguém consegue engordar tudo isso em duas semanas e manter um aspecto definido.

O teatro Town Hall tinha 1.500 lugares e certamente nunca havia acolhido uma plateia ruidosa como aquela. Os fãs dele entoavam "Sergio! Sergio! Sergio!", enquanto os meus tentavam gritar mais alto: "Arnold! Arnold! Arnold!" Ao final de uma longa tarde, fomos chamados de volta para uma última sequência de poses no palco. Sergio mostrou seu repertório-padrão e, exatamente como eu havia planejado, não perdi tempo, fazendo três poses para cada uma das suas. A plateia foi ao delírio.

Os jurados, porém, continuaram pedindo que fizéssemos mais poses, até que comecei a pensar: "Já faz muito tempo que estamos posando." E não parecia ser porque os jurados estavam indecisos. A demora em divulgar o resultado era porque os espectadores estavam em pé, enlouquecidos, e os jurados diziam: "Vamos continuar mais um pouco. O público está adorando."

Estávamos exaustos. Foi então que dei o golpe de misericórdia. Tive uma ideia e disse a Sergio:

– Para mim chega. Acho que esses caras já devem saber quem vai ser o vencedor.

E ele respondeu:

– É, tem razão.

Então saiu por um dos lados do palco e eu comecei a sair pelo outro... mas dei apenas dois passos. Parei e fiz mais uma pose. Cheguei até a me virar para o seu lado e dar de ombros como quem pergunta: "Ué, cadê ele?"

Sergio voltou no mesmo instante para o palco, meio sem entender. A essa altura, porém, "Arnold" era o único nome que o público entoava, e alguns dos fãs chegaram a vaiá-lo. Aproveitei esse momento para exibir minhas melhores poses e ângulos profissionais. E foi isso. Os jurados fizeram uma curta deliberação nos bastidores e o apresentador voltou para anunciar que eu era o novo Mister Olympia.

O cubano nunca me disse nada sobre o fato de eu ter zombado dele, mas

comentou com outras pessoas que estava com a sensação de ter sido enganado. Porém não era assim que eu via as coisas. Foi algo instintivo. Eu o havia aniquilado, no calor de uma disputa que àquela altura, de toda forma, já estava dominada.

Mesmo assim, a manhã seguinte foi estranha, porque Sergio, Franco e eu estávamos hospedados no mesmo quarto de hotel. Assim que acordou, Sergio me surpreendeu fazendo vários tipos de flexões e exercícios. Era um verdadeiro fanático. Imagine, malhar no hotel no dia seguinte a uma competição!

Tenho que admitir que fiquei triste por ele ter perdido. Sergio foi um grande campeão, ídolo de muita gente. Durante anos eu havia acalentado a ideia fixa de querer destruí-lo, aniquilá-lo, deixá-lo em segundo lugar, fazer dele um perdedor. Apesar disso, na manhã seguinte à minha vitória, acordei, olhei para ele ao meu lado e senti tristeza. Era uma pena que ele precisasse perder para abrir lugar para mim.

Aprendendo inglês

APESAR DE SER O REI DO FISICULTURISMO, na vida cotidiana em Los Angeles eu não passava de mais um imigrante dando duro para aprender inglês e ganhar a vida. Tinha o pensamento tão concentrado no que estava fazendo nos Estados Unidos que raramente me lembrava da Áustria ou da Alemanha. Sempre que ia competir na Europa, visitava meus pais, e mantive contato com Fredi Gerstl, em Graz, e com Albert Busek, em Munique. Muitas vezes cruzava com Albert e outros amigos europeus no circuito do fisiculturismo. Mandava regularmente cartas e fotos para meus pais, contando-lhes o que andava fazendo. Sempre que ganhava algum campeonato, mandava o troféu para eles, pois não precisava daquilo no meu apartamento e queria que eles sentissem orgulho de mim. Não sei bem se alguma dessas coisas teve muito significado para eles no início, mas, depois de um tempo, eles penduraram as fotos na parede e fizeram uma prateleira especial em sua casa para exibir os troféus.

Meu pai respondia em nome do casal. Ele sempre mandava de volta minha carta original toda rabiscada com tinta vermelha, para corrigir meus erros de ortografia e gramática. Disse que fazia isso porque achava que eu estava perdendo o contato com a língua alemã, mas esse era um hábito que ele tinha desde que eu e Meinhard éramos crianças, marcando os erros nas redações que nos mandava escrever. Esse tipo de coisa tornava fácil acreditar que meus pais e a Áustria tinham congelado no tempo. Eu ficava satisfeito por estar longe, vivendo minha própria vida.

Meinhard e eu quase não mantínhamos contato. Assim como eu, ele havia concluído a escola profissionalizante e servido o exército por um ano. Em seguida, fora trabalhar em uma empresa de eletrônicos, primeiro em Graz, depois em Munique na mesma época em que morei lá. Mas nossos caminhos raramente se cruzavam. Ele se vestia com elegância, era muito festeiro e tinha uma vida amorosa agitada. Fora transferido recentemente para a cidade austríaca de Innsbruck, onde ficara noivo de Erika Knapp, uma linda moça com quem já tinha um filho de 3 anos chamado Patrick, e por fim dava mostras de que iria sossegar.

Mas ele nunca teve essa oportunidade. Na primavera de 1971, quando eu estava viajando depois de vencer o Mister Olympia, o telefone tocou certo dia em nosso apartamento. Era minha mãe, ligando para dar a terrível notícia de

que meu irmão tinha morrido em um acidente de carro. Meinhard havia batido quando dirigia sozinho, bêbado, em uma estrada de montanha perto do resort alpino de Kitzbühel. Tinha apenas 25 anos.

Eu estava em Nova York e quem atendeu o telefone foi Franco. Por algum motivo, a notícia o deixou tão abalado que ele não conseguiu me contar. Só quando voltei a Los Angeles, três dias depois, ele me disse:

– Preciso contar uma coisa para você, mas só depois do jantar.

Levei algum tempo, mas acabei conseguindo extrair dele a notícia da morte do meu irmão.

– Quando foi isso? – perguntei.

– Sua mãe ligou faz três dias.

– E por que você não me contou antes?

– Eu não sabia como contar. Você estava em Nova York, ocupado. Quis esperar a sua volta.

Se ele tivesse me avisado em Nova York, eu já estaria a meio caminho da Áustria. Fiquei comovido com sua preocupação, mas também frustrado e desapontado.

Liguei para meus pais na mesma hora. No início, minha mãe soluçava tanto ao telefone que mal conseguiu falar. Mas então ela me disse:

– Não, o enterro não vai ser aqui. Nós vamos sepultar Meinhard em Kitzbühel. Vamos para lá amanhã de manhã, e a cerimônia vai ser bem simples.

– Eu acabei de saber – falei.

– Bom, se eu fosse você, não tentaria vir agora, porque mesmo se pegar o primeiro avião, com as nove horas de fuso e o voo longo, acho que não vai conseguir chegar a tempo – disse ela.

Foi um golpe terrível para a família. Pude sentir na voz de meu pai e de minha mãe quanto eles estavam arrasados. Nenhum de nós tinha muito talento para expressar sentimentos, e eu não soube o que dizer. Que sentia muito? Que era uma coisa horrível? Isso eles já sabiam. A notícia me deixou anestesiado. Meinhard e eu tínhamos nos distanciado – eu só o vira uma vez nos três anos desde que me mudara para os Estados Unidos –, mas mesmo assim minha mente foi inundada por lembranças de nós dois brincando juntos quando crianças, saindo juntos com garotas um pouco mais velhos, rindo. Nunca mais faríamos essas coisas. Eu nunca mais o veria. Tudo o que consegui fazer foi afastar esse pensamento da mente para poder continuar tentando alcançar meus objetivos.

MERGULHEI DE CABEÇA NA VIDA em Los Angeles. Estudava, malhava cinco horas por dia na academia, trabalhava nas empresas de construção e de vendas por correspondência, participava de eventos e exibições – tudo ao mesmo tempo. Franco também andava bem ocupado. Nós dois tínhamos agendas lotadíssimas, e alguns dias começavam às seis da manhã e só terminavam à meia-noite.

Falar inglês fluentemente continuava a ser a tarefa mais árdua na minha lista. Eu invejava Artie Zeller, meu amigo fotógrafo, o tipo de pessoa capaz de passar uma semana na Itália com Franco e voltar falando italiano. Eu não era assim. Não conseguia acreditar que era tão difícil aprender um novo idioma.

No início, tentava traduzir tudo de forma literal: ouvia ou lia alguma coisa, convertia em alemão na cabeça e então me perguntava: "Por que em inglês tudo precisa ser tão complicado?" Havia coisas que eu simplesmente não conseguia entender, por mais que me explicassem. As contrações, por exemplo. Por que não falar *I have* ou *I will* em vez de *I've* e *I'll*?

A pronúncia era especialmente perigosa. Um dia, para me agradar, Artie me levou a um restaurante húngaro-judaico, onde os pratos eram os mesmos da culinária austríaca. O dono veio anotar nosso pedido e eu falei:

– Vi uma coisa no cardápio de que gostei. Vou querer um pouco desse seu lixo.

– Como é? Está chamando minha comida de quê?

– Vou querer um pouco desse lixo aqui.

Artie interveio depressa.

– Ele é austríaco – explicou. – Quis dizer repolho. Está acostumado com o repolho da Áustria. – Eu estava dizendo *garbage*, lixo, quando na verdade queria dizer *cabbage*, repolho.

Aos poucos, porém, graças às aulas no Santa Monica College, comecei a fazer alguns progressos. Frequentar essa faculdade realmente me deixou animado para aprender. No primeiro dia de aula de inglês para estrangeiros, eu estava sentado na sala junto com vários outros imigrantes quando o Sr. Dodge, nosso professor, perguntou: "Vocês preferem ficar dentro ou fora?"

Todos nós nos entreolhamos, tentando entender o que ele estava querendo dizer.

Ele apontou para a janela e explicou: "Estão vendo aquela árvore ali? Bom, se quiserem, podemos ir para debaixo da sombra dela e ter a aula ali."

Então saímos e fomos nos sentar na grama debaixo da árvore, em frente ao prédio. Achei aquilo o máximo. Em comparação com o ensino na Europa, todo formal e estruturado, aquilo era inacreditável! "Vou ter uma aula ao ar livre, sentado debaixo de uma árvore, como se estivesse de férias!", pensei. "Assim que este semestre acabar, vou me inscrever em outro curso!" Liguei para Artie e falei que ele deveria passar lá na semana seguinte, para tirar uma foto de nós todos sentados sob a árvore.

No outro semestre, para falar a verdade, me matriculei em mais dois cursos. Vários alunos estrangeiros ficavam intimidados com a ideia de fazer curso superior, mas o Santa Monica College me tratava de uma forma tão tranquila e os professores eram tão simpáticos que achei aquilo uma diversão.

Depois de o Sr. Dodge me conhecer um pouco melhor e de eu lhe falar sobre meus objetivos, ele me apresentou a um orientador vocacional, que me disse:

– O Sr. Dodge falou que eu deveria orientá-lo para outros cursos além do

inglês. Do que você gosta?

– Gosto de administração de empresas.

– Bem, eu tenho um curso bom para iniciantes, no qual o inglês não é muito complicado... Vários estrangeiros assistem às aulas. Temos um bom professor, que entende os alunos de fora.

O orientador, então, montou uma pequena grade curricular para mim.

– Anotei aqui oito cursos que você deveria fazer além do inglês. São todos na área de administração. Se eu fosse você, também estudaria um pouco de matemática. É preciso saber entender a linguagem da matemática. Assim, quando alguém disser "divisão", você vai saber o que significa. E "decimal" também, e "fração". São palavras que se ouve o tempo todo, e você talvez não as compreenda.

– Tem toda a razão, não compreendo mesmo – falei.

Então me matriculei em um matéria em que estudávamos alguns números decimais e um pouco de álgebra simples, e comecei a reaprender a linguagem da matemática.

O orientador também me ensinou a encaixar as aulas na vida que eu levava.

– Soube que você é atleta, então as coisas talvez fiquem complicadas em determinados semestres. Como as grandes competições são sempre no outono, quem sabe você possa fazer apenas um curso durante o verão? Pode estudar uma vez por semana, das sete às dez da noite, depois do treino. Tenho certeza de que consegue.

Achei ótima a maneira como ele lidou comigo. Era muito bom poder acrescentar os estudos aos meus objetivos. Não havia pressão nenhuma, já que ninguém estava me dizendo: "Você tem que fazer faculdade. Precisa se formar em alguma coisa."

Eu tinha também um professor particular na Gold's: antes de ir treinar na Califórnia, Frank Zane dera aulas de álgebra na Flórida. Não sei por quê, mas na verdade vários fisiculturistas já tinham sido professores. Frank me ajudava com os deveres e as traduções, me dando explicações e trabalhando junto comigo quando eu não entendia. Na Califórnia, ele havia mergulhado fundo na filosofia oriental, na meditação e no relaxamento da mente. Mas só me interessei por essas coisas mais tarde.

Se eu houvesse detectado alguma ameaça séria à minha primazia, teria me concentrado totalmente no fisiculturismo, mas não havia ninguém no radar. Assim, desviei um pouco da minha atenção para outras ambições. Sempre anotava meus objetivos, como havia aprendido a fazer no clube de levantamento de peso lá em Graz. Não bastava apenas dizer a mim mesmo algo do tipo: "Minha resolução de ano-novo é perder 9 quilos, melhorar meu inglês e ler um pouco mais." Não. Isso era apenas um começo. Naquela ocasião eu precisava especificar muito mais cada objetivo, para que todas essas boas intenções não ficassem apenas flutuando no ar. Assim, pegava fichas e anotava o que iria fazer:

– fazer mais 12 créditos na faculdade;
– ganhar dinheiro suficiente para economizar 5 mil dólares;
– malhar cinco horas por dia;
– ganhar 3 quilos de pura massa muscular;
– encontrar um prédio de apartamentos para comprar e morar.

Pode até parecer que eu estava me prendendo ao estabelecer objetivos tão específicos, mas na realidade era o contrário: essa lista me liberava. Saber exatamente aonde eu queria chegar me deixava livre para improvisar o caminho que iria percorrer para chegar lá. Os 12 créditos a mais que eu precisava cursar na faculdade são um exemplo. Pouco importava de onde eles viessem – isso eu decidiria depois. Daria uma olhada nos cursos oferecidos, em quanto cada crédito custava e se eles se encaixavam nos meus horários e nas regras do meu visto. Naquele momento, eu não precisava me preocupar com os detalhes exatos, porque já sabia que iria conseguir os tais créditos.

Minha condição de imigrante foi um dos obstáculos que precisei contornar enquanto cursava a faculdade. Eu tinha um visto de trabalho, não de estudante, de modo que só podia estudar em meio período. Nunca podia fazer mais de dois cursos ao mesmo tempo em uma faculdade só, então tinha que ficar trocando de instituição. Por isso, estudei também no West Los Angeles College e fiz cursos de extensão no campus de Los Angeles da Universidade da Califórnia (UCLA). Percebi que isso seria problemático se eu quisesse obter um diploma, pois teria que vincular todos esses créditos entre si para poder validá-los. Meu objetivo, porém, não era um diploma. Tudo o que eu precisava fazer era estudar o máximo que pudesse no meu tempo livre e aprender como os americanos administravam seus negócios.

Assim, no Santa Monica College as aulas de inglês se transformaram em inglês, matemática, história e administração de empresas. Na Escola de Administração da UCLA fiz cursos de contabilidade, marketing, economia e administração. Já tinha estudado contabilidade na Áustria, é claro, mas nos Estados Unidos foi totalmente diferente. Os computadores eram uma novidade que acabara de surgir: usavam-se máquinas enormes da IBM, com cartões perfurados e fitas magnéticas. Gostei de aprender sobre isso, pois para mim aquela era a maneira americana de fazer as coisas. A faculdade combinava com meu temperamento disciplinado. Eu gostava de estudar. Era muito agradável ter que ler livros para fazer trabalhos e participar dos debates em sala de aula. Eu também gostava de estudar com os outros alunos, que convidava para tomar café e fazer os deveres comigo no meu apartamento. Os professores incentivavam essa prática: se alguém não entendesse alguma coisa, outro aluno podia explicar. Isso tornava as discussões em sala bem mais eficazes.

Um dos cursos exigia que lêssemos o caderno de negócios do jornal diariamente, a fim de nos prepararmos para discutir as manchetes e matérias durante a aula. Então abrir o jornal no caderno de negócios se tornou meu

primeiro hábito matinal. O professor dizia: "Temos aqui uma matéria interessante sobre como os japoneses compraram uma siderúrgica americana, desmantelaram-na inteira e tornaram a montá-la no Japão. Agora estão produzindo aço mais barato do que aqui e revendendo com lucro para os americanos. Vamos falar sobre isso." Eu nunca conseguia prever o que me deixaria impressionado. Um palestrante convidado da UCLA nos disse que, em vendas, quanto mais corpulento o vendedor, mais probabilidade tinha de fechar negócios. Achei isso fascinante, porque sou um cara grande. Pensei: "Bom, eu peso 113 quilos, então, quando for vender alguma coisa, meu negócio vai ter que ser imenso."

Também arrumei uma namorada firme, fato que teve uma influência tranquilizadora na minha vida. Não que fosse difícil conhecer mulheres. Assim como o rock, o fisiculturismo tinha suas próprias tietes. Elas viviam por perto, nas festas, nas exibições, às vezes até nos bastidores das disputas, se oferecendo para ajudar a passar óleo nos competidores. Apareciam na academia e na praia para nos ver malhar. Dava para ver na hora quais estavam disponíveis. Bastava ir a Venice Beach para conseguir 10 números de telefone. Mas Barbara Outland era diferente, pois gostava de mim como pessoa e nem sequer sabia o que era fisiculturismo. Nós nos conhecemos na delicatéssen Zucky's em 1969. Um ano mais nova que eu, ela era universitária e estava trabalhando como garçonete no verão. Começamos a sair juntos e tínhamos longas conversas. Meus amigos da academia logo começaram a zombar de mim: "Arnold está apaixonado." Quando Barbara voltou para a faculdade, fiquei pensando nela e chegamos a nos corresponder – coisa que eu jamais tinha feito.

Eu gostava de namorar, de ter alguém que visse com mais frequência. Podia compartilhar a vida de Barbara, sua carreira de professora, a escola em que ela trabalhava e seus objetivos. Podia dividir com ela minha ambição, meus treinos, meus altos e baixos.

Ela era muito mais uma garota normal do que uma mulher fatal: loura, pele queimada de sol, saudável. Estava estudando para se tornar professora de inglês, e era óbvio que seu objetivo comigo não era apenas diversão. Suas amigas que namoravam estudantes de direito e medicina me achavam estranho, mas Barbara não ligava. Ela me admirava por anotar meus objetivos em fichas de papel. Seus pais foram maravilhosos comigo. No Natal, cada membro da família me deu um presente – e mais tarde, quando levei Franco, ele também ganhou presentes. Barbara e eu fomos juntos ao Havaí, a Londres e a Nova York.

Em 1971, quando ela se formou e se mudou para Los Angeles para começar a trabalhar, Franco estava se preparando para sair do apartamento. Ele também estava sossegando o facho: começara a estudar quiropraxia e ficara noivo de uma moça chamada Anita, que já era estabelecida como quiroprática. Quando Barbara falou em ir morar comigo, isso me pareceu totalmente natural, uma vez que ela já passava mesmo muito tempo na minha casa.

Assim como eu, ela também tinha o hábito de poupar cada centavo. Em vez

de ir a lugares elegantes, nós fazíamos churrascos no quintal de casa e passávamos o dia na praia. Por estar muito envolvido na carreira, eu não era o melhor candidato do mundo a um relacionamento sério, mas gostava de ter uma companheira. Era ótimo ter alguém em casa quando chegava.

O fato de Barbara ser professora de inglês era outra vantagem. Ela me ajudou muito com a língua e os trabalhos da faculdade. Também era muito útil no trabalho de vendas por correspondência e para escrever cartas, embora eu logo tenha contratado uma secretária. Mesmo assim, aprendemos que, quando você se relaciona com alguém que fala outra língua, tem que tomar um cuidado especial com as falhas de comunicação. Nós tínhamos brigas ridículas. Certa vez, fomos assistir ao filme *Desejo de matar*. Na saída ela comentou:

– Eu gosto de Charles Bronson porque ele é bem robusto, bem másculo.

– Não acho Charles Bronson tão másculo assim – falei. – Ora, o cara é magrelo! Em vez de másculo, eu diria que ele é atlético.

– Não – retrucou ela. – Você acha que eu estou chamando ele de *musculoso*, mas não é isso que estou dizendo. Falei que ele é *másculo*. Isso é outra coisa.

– Másculo, musculoso, é tudo a mesma coisa, porra. Para mim ele é atlético.

– Mas para mim ele é muito másculo.

– Não, você está errada... – insisti, e a discussão continuou.

Assim que chegamos em casa, fui consultar o dicionário. Ser másculo era totalmente diferente de ser musculoso – significava que Bronson era viril e forte, o que de fato ele era. Pensei: "Que idiotice. Puxa vida, você tem que aprender essa língua! Que besteira bater boca por causa de uma coisa dessas."

DEPOIS QUE GANHEI O MISTER OLYMPIA, Weider começou a me mandar em viagens promocionais pelo mundo inteiro. Eu embarcava em um avião e ia me apresentar em algum shopping onde seus produtos fossem distribuídos ou para o qual ele estivesse tentando se expandir. Vender era uma das coisas que eu mais gostava de fazer. Por exemplo, postado no meio do shopping Stockmann, na Finlândia, com uma tradutora, rodeado por algumas centenas de pessoas das academias da região, já que a minha visita fora divulgada com antecedência. E vendia, vendia, vendia sem parar. "A Vitamina E dá uma energia extra fantástica para treinar muitas horas por dia e ficar com um corpo igual ao meu! E não preciso nem falar na potência sexual que ela também proporciona..." Todo mundo comprava, e eu fazia sempre muito sucesso. Joe mandava que eu empreendesse essas viagens porque sabia que as lojas diriam: "Vendemos muito hoje. Vamos fazer um contrato."

Eu ia de camiseta sem manga e, de vez em quando, no meio do discurso de venda, fazia uma pose. "Agora vou falar sobre proteína. Você pode comer quantos bifes quiser, ou quanto peixe quiser, mas o corpo só consegue absorver 70 gramas por vez. A regra é: 1 grama para cada quilo de peso corporal. A solução para preencher a lacuna da sua dieta são os shakes proteinados. Assim, se quiserem, vocês podem consumir cinco vezes essa

quantidade! Não é possível equiparar a proteína em pó a comer bifes, porque o pó é muito concentrado." Eu preparava a bebida em um shaker cromado, daqueles que se usam para preparar martínis em bares, e dizia para alguém da plateia: "Quer provar?" Era como vender aspiradores de pó. Eu ficava tão animado que acabava atropelando a tradutora.

Eu então vendia vitamina D, vitamina A, óleo especial para o corpo. No final, o gerente comercial via todo aquele interesse e encomendava os suplementos alimentares de Weider para o ano seguinte. Pedia também conjuntos de pesos fabricados por ele. E para Weider isso era o paraíso. Então, um mês depois, lá ia eu para outro shopping, em um país diferente.

Viajava sempre sozinho. Joe nunca pagava a passagem de mais ninguém, pois considerava isso um desperdício. Porém eu não tinha problema nenhum em viajar sem companhia, porque, graças ao fisiculturismo, aonde quer que eu fosse havia sempre alguém para me buscar e me tratar como se fôssemos irmãos. Era divertido viajar pelo mundo e treinar em academias diferentes.

Weider queria que eu me aprimorasse a ponto de conseguir fechar sozinho o acordo com o gerente do shopping, ter reuniões com editores para conseguir mais edições estrangeiras das suas revistas e, eventualmente, assumir os negócios. Só que esse não era o meu objetivo. Foi como a oferta que recebi, no início dos anos 1970, para gerenciar uma importante rede de academias por 16 mil dólares ao mês. Era muito dinheiro, mas recusei, pois isso não me levaria aonde eu queria ir. Gerenciar uma rede é um trabalho de 12 horas por dia, e essa longa jornada me impediria de me tornar campeão de fisiculturismo e não me deixaria entrar para o cinema. Nada iria me desviar do meu objetivo. Nenhuma proposta, nenhum relacionamento, nada.

Entrar em um avião para vender, no entanto, encaixava-se com perfeição no meu plano. Sempre me vi como um cidadão do mundo. Queria viajar o máximo que pudesse porque pensava que, se a imprensa da região estava se interessando por mim naquele momento como fisiculturista, em algum outro eu acabaria voltando como astro de cinema.

Assim, fazia várias viagens por ano. Só em 1971, fui a Japão, Bélgica, Áustria, Canadá, Grã-Bretanha e França. Muitas vezes, para ganhar um dinheiro a mais, eu acrescentava exibições remuneradas ao meu itinerário. Também fazia exibições e seminários gratuitos em prisões da Califórnia. Isso começou quando fui visitar um amigo da Gold's que estava cumprindo pena no presídio federal de Terminal Island, perto de Los Angeles. Ele tinha sido condenado a dois anos por roubo de automóvel, mas queria continuar a treinar. Fui vê-lo se exercitar com os amigos no pátio da prisão. Ele ficara famoso como o presidiário mais forte da Califórnia ao quebrar o recorde estadual presidiário de agachamento com 272 quilos. O que me deixou impressionado foi que ele e os outros detentos que levavam o esporte a sério eram prisioneiros-modelo, pois era assim que conseguiam privilégios para treinar e permissão para trazer de fora a proteína que os ajudava a se transformarem nos homens fortíssimos que eram. Se não fosse assim, as

autoridades do presídio diriam "Você só está treinando para bater nos outros" e se livrariam dos pesos. Quanto mais popular o fisiculturismo se tornasse nas prisões, pensei, mais os detentos entenderiam que era preciso se comportar bem.

O esporte também os ajudava quando eles saíam da prisão. Se fossem à Gold's ou a outras academias de fisiculturismo, era fácil fazer amigos. Enquanto a maioria dos ex-detentos era largada na rodoviária com 200 dólares no bolso e acabava à toa, sem emprego e sem vínculo nenhum com quem quer que fosse, o pessoal da Gold's reparava quando você conseguia levantar 136 quilos no supino com barra. Alguém perguntava "Ei, quer treinar comigo?", e pronto: um contato humano se estabelecia. No quadro de avisos da academia havia sempre cartões oferecendo serviços para mecânicos, agricultores, personal trainers, contadores etc., e podíamos também ajudar os ex-presidiários a arrumar um trabalho.

Assim, no começo dos anos 1970 visitei presídios masculinos e femininos – de San Quentin a Folsom e Atascadero, onde ficavam os criminosos com distúrbios mentais –, percorrendo o estado inteiro para divulgar o fisiculturismo. Isso nunca teria acontecido se os agentes penitenciários achassem que fosse má ideia, mas eles apoiavam, e os diretores das prisões me recomendavam aos colegas.

NO OUTONO DE 1972, MEUS PAIS FORAM a Essen, na Alemanha, para assistir à minha participação no concurso de Mister Olympia, que estava se realizando pela primeira vez naquele país. Eles nunca tinham me visto em uma competição internacional, e fiquei contente com a presença deles, embora esse não tenha sido nem de longe o meu melhor desempenho. Só tinham me visto competir no Mister Áustria, em 1963, e mesmo assim porque haviam sido convidados por Fredi Gerstl, que ajudara a conseguir os patrocinadores e os troféus.

Vê-los em Essen foi uma ótima experiência. Eles ficaram muito orgulhosos ao me ver ser coroado Mister Olympia pela terceira vez, quebrando o recorde do maior número de títulos em fisiculturismo. E perceberam então: "É disso que ele tanto falava – é esse o seu sonho no qual não acreditávamos." Minha mãe disse: "Não consigo acreditar que era você lá em cima do palco. E nem tímido você estava! Como conseguiu isso?"

As pessoas lhes davam os parabéns pelo meu sucesso, dizendo coisas como "Vocês ensinaram mesmo esse garoto a ter disciplina!" e lhes dando o crédito que mereciam. Entreguei à minha mãe a placa que servia de troféu e sugeri que ela a levasse para casa. Ela ficou muito feliz. Foi um momento importante – sobretudo para meu pai, cujo comentário em relação à minha prática do fisiculturismo sempre fora: "Por que você não faz alguma coisa útil? Vá cortar lenha."

Ao mesmo tempo, meus pais pareciam se sentir deslocados. Não sabiam o que pensar em relação àquele mundo de gigantes musculosos, um dos quais

era seu filho, desfilando com sungas minúsculas diante de milhares de fãs eufóricos. Nessa noite fomos jantar, e durante o café da manhã do dia seguinte, antes de eles irem embora, não conseguimos nos comunicar muito bem. Eu ainda estava com a cabeça na competição, e eles queriam falar sobre assuntos muito mais íntimos. Ainda estavam assimilando a dor da morte de Meinhard e agora tinham um neto órfão de pai. O fato de eu morar longe era difícil para meus pais. Não havia muita coisa que eu pudesse lhes dizer, e quando eles foram embora fiquei deprimido.

Eles não perceberam que eu não estava na minha melhor forma durante a disputa de Mister Olympia. Eu vinha passando tempo demais em salas de aula e não tanto quanto devia na academia. Meus negócios, as viagens promocionais e as exibições haviam tomado o lugar dos treinos. Além do mais, Franco e eu estávamos ficando preguiçosos, pulando treinos ou reduzindo as séries pela metade. Para tirar o máximo de minhas sessões de exercícios, eu sempre precisava de objetivos específicos, para fazer a adrenalina fluir. E foi assim que aprendi que estar no alto da montanha é mais difícil que escalá-la.

Antes de Essen, porém, essas motivações não existiam, pois defender o título até então tinha sido bem fácil. Em 1971, em Paris, eu conquistara com facilidade meu segundo título de Mister Olympia. O único desafiante possível era Sergio – ninguém mais estava no meu nível –, mas ele fora impedido de participar por causa de uma disputa entre federações. Naquela cidade do oeste da Alemanha, porém, parecia que todos os melhores fisiculturistas do mundo estavam presentes em sua melhor forma, exceto eu. Sergio estava de volta, ainda mais impressionante que na minha lembrança. E uma nova sensação do esporte, o francês Serge Nubret, também competiu no auge da forma, imenso e muito bem definido.

Foi a competição mais dura de que eu já havia participado e, se tivéssemos sido avaliados por jurados americanos, poderia muito bem ter perdido. No entanto, os jurados alemães sempre se deixaram impressionar mais pela pura massa muscular, e felizmente eu tinha o que eles estavam querendo. Ganhar por uma pequena margem, contudo, não me deixou com uma boa sensação. Eu queria que minha primazia fosse clara.

Depois de qualquer disputa, eu sempre ia falar com os jurados para saber sua opinião. "Eu sei que ganhei, mas por favor me digam quais foram meus pontos fracos e os fortes", pedia. "Os senhores não vão ferir meus sentimentos. Se organizarem algum tipo de espetáculo, continuarei aceitando posar." Um dos jurados de Essen, um médico alemão que acompanhava minha carreira desde que eu tinha 19 anos, me falou sem rodeios: "Você está flácido. Pensei que fosse imenso e que continuasse o melhor, mas está mais flácido do que eu gostaria de ter visto."

Da Alemanha, fui fazer exibições na Escandinávia e de lá fui à África do Sul dar seminários para Reg Park. Tínhamos superado os ressentimentos da minha vitória sobre ele em Londres e foi ótimo revê-lo. Entretanto, a viagem

não correu tão bem assim. Eu tinha uma exibição marcada em Durban, mas quando cheguei lá descobri que ninguém se lembrara de providenciar uma plataforma para que eu posasse. Mas, afinal, eu trabalhava na construção civil, então falei "Que se dane!" e construí eu mesmo a plataforma.

No meio da série de poses, a coisa toda desabou com um estrondo medonho. Caí de costas, fiquei com a perna presa debaixo do corpo e lesionei bastante o joelho – rompi a cartilagem, e a patela saiu do lugar. Os médicos sul-africanos me socorreram o suficiente para que eu pudesse terminar a turnê com ataduras. Tirando esse percalço, foi uma viagem maravilhosa. Fiz um safári, participei de exibições e seminários, e na viagem de volta enfiei os milhares de dólares dos cachês dentro das minhas botas de caubói para ninguém roubá-los enquanto eu dormia no avião.

Quando estava passando por Londres, a caminho de casa, liguei para Dianne Bennett para saber como ela estava.

"Sua mãe está querendo falar com você", disse-me Dianne. "Ligue para ela." Telefonei para minha mãe e de lá fui direto para a Áustria ficar com meus pais. Meu pai tinha tido um derrame.

Quando cheguei, ele estava no hospital e me reconheceu, mas foi horrível. Não conseguia mais falar. Mordia a língua o tempo todo. Fiquei lhe fazendo companhia, e ele parecia consciente, mas tinha sequelas preocupantes. Por exemplo, podia se confundir quando estava fumando e tentar apagar o cigarro na própria mão. Era doloroso e perturbador ver um homem tão inteligente, tão forte – um campeão de *curling* – perder a coordenação motora e a capacidade de raciocínio.

Passei um bom tempo na Áustria, e meu pai parecia estável quando fui embora. Perto do Dia de Ação de Graças, já em Los Angeles, fiz uma cirurgia no joelho. Acabara de sair do hospital, de muletas, com a perna inteira engessada, quando recebi um telefonema de minha mãe. "Seu pai morreu", disse ela.

Fiquei com o coração partido, mas não chorei nem me desesperei. Barbara, que estava comigo, ficou chateada com a minha falta de reação. Mas eu me concentrei nas questões práticas. Liguei para meu cirurgião, que me desaconselhou a voar com aquele gesso pesado. Assim, mais uma vez, não pude estar presente a um funeral da família. Pelo menos sabia que minha mãe tinha um sistema de apoio enorme para ajudá-la a organizar a cerimônia e cuidar de todos os detalhes. A *Gendarmerie* sempre se mobilizava para enterrar um de seus membros, e a banda que meu pai passara tantos anos regendo iria tocar, assim como ele havia tocado em muitos funerais. Os padres das redondezas, de quem minha mãe era próxima, cuidariam dos convites. Os amigos iriam reconfortá-la, e nossos parentes compareceriam ao funeral. Apesar disso tudo, eu, agora seu único filho, não fui; a verdade é essa. Sei que ela sentiu muito a minha falta.

Fiquei chocado, paralisado. No entanto, para falar francamente, também fiquei contente com o fato de o joelho operado me impedir de viajar, porque

ainda queria me manter afastado de todo esse lado da minha vida. Minha maneira de lidar com a situação foi negá-la e tentar seguir em frente.

Eu não queria que minha mãe ficasse sozinha. Em menos de dois anos, meu pai e meu irmão tinham morrido, e tive a sensação de que a nossa família estava desmoronando depressa. Mal conseguia imaginar a dor que ela devia estar sentindo. Portanto, precisava me responsabilizar por ela. Eu tinha apenas 25 anos, mas já estava na hora de entrar em cena e tornar a vida dela maravilhosa. Era o momento de retribuir as infindáveis horas e os dias de cuidados, e tudo o que ela fizera por nós quando éramos bebês e crianças.

Eu não podia dar à minha mãe o que ela mais queria: um filho ao seu lado, que se tornasse policial feito papai, desposasse uma moça chamada Gretel, tivesse um casal de filhos e morasse em uma casa a dois quarteirões da sua. Na maioria das famílias austríacas era assim. Ela e meu pai não tinham achado ruim eu me mudar para Munique, que ficava a 400 quilômetros de distância e aonde era fácil chegar de trem. Mas foi só com a morte de meu pai que me dei conta de que eu fora embora para os Estados Unidos em 1968 sem avisar, deixando meus pais chocados e magoados. Eu não iria voltar para minha terra natal, claro, mas queria me redimir por isso também.

Comecei a mandar dinheiro para minha mãe todo mês e a ligar para ela o tempo todo. Tentei convencê-la a se mudar para os Estados Unidos, mas ela não aceitou. Então quis lhe mandar uma passagem para ela ir conhecer minha casa. Minha mãe tampouco concordou com isso. Por fim, em 1973, uns seis meses depois de meu pai morrer, ela finalmente viajou e passou algumas semanas hospedada no apartamento em que eu morava com Barbara. Voltou no ano seguinte, e depois disso passou a nos visitar uma vez por ano. Também comecei a ter uma relação cada vez mais próxima com Patrick, meu sobrinho. Quando ele era pequeno e eu ia à Europa, sempre fazia questão de visitá-lo na casa em que ele morava com Erika e o segundo marido dela, militar, que era um padrasto dedicado. Então, quando Patrick completou uns 10 anos, desenvolveu um verdadeiro fascínio pelo tio que morava no exterior e começou a colecionar cartazes dos meus filmes. Erika pedia que eu mandasse suvenires para ele, e lhe enviei uma adaga do Conan e camisetas do filme *O exterminador do futuro* e de outros, e escrevia cartas para ele poder mostrar na escola. No ensino médio, de tempos em tempos ele pedia que eu lhe enviasse 20 ou 30 fotos autografadas, que usava sabe-se lá com que fins empresariais. Ajudei-o a entrar para uma escola internacional em Portugal e, com a permissão de Erika, prometi que, se ele continuasse a tirar boas notas, poderia fazer faculdade em Los Angeles. Patrick se tornou meu orgulho e minha alegria.

MESMO QUE O AEROPORTO SUPERSÔNICO não parecesse mais tão promissor, e Franco e eu continuássemos a pagar as parcelas pelos 6 hectares de deserto, eu seguia acreditando que imóveis eram o melhor investimento. Muitos de nossos trabalhos envolviam a reforma de casas antigas, e isso foi muito revelador. Os

donos nos pagavam 10 mil dólares para consertar uma casa que custara 200 mil, em seguida a vendiam por 300 mil. Era óbvio que havia dinheiro a se ganhar com isso.

Assim, economizei o máximo que consegui e comecei a procurar possibilidades de investimento. Dois dos fisiculturistas que tinham fugido da Tchecoslováquia para a Califórnia pouco antes de eu chegar haviam juntado as economias e comprado uma casinha para morar. Até aí, ótimo, mas eles ainda estavam pagando a hipoteca. Eu queria um investimento que rendesse dinheiro, para poder pagar a hipoteca com aluguéis em vez de ter que tirar do meu bolso. A maioria das pessoas que tinha dinheiro comprava uma casa. Na época, era muito raro adquirir um imóvel para locação.

Eu gostava da ideia de ser dono de um prédio de apartamentos. Podia me imaginar começando com um prédio pequeno, pegando o melhor imóvel para morar e pagando todas as despesas com o aluguel dos outros. Assim poderia aprender os macetes do negócio e, à medida que o investimento fosse dando lucro, teria condições de me expandir.

Ao longo dos dois ou três anos seguintes, me dediquei a pesquisar. Diariamente examinava o caderno de classificados de imóveis do jornal, estudava os preços, lia as matérias e os anúncios. Cheguei a ponto de conhecer cada quarteirão de Santa Monica. Sabia quanto subiam os preços das propriedades ao norte do Olympic Boulevard em comparação com aquelas ao norte do Wilshire e do Sunset. Sabia onde ficavam as escolas e os restaurantes e conhecia a distância dos imóveis em relação à praia.

Uma corretora maravilhosa chamada Olga Asat passou a me ajudar. Acho que ela era egípcia ou de algum outro país do Oriente Médio. Era mais velha, baixinha e parruda, tinha cabelos crespos e só usava preto, porque achava que essa cor a deixava mais magra. Você poderia olhar para alguém assim e pensar: "O que tenho a ver com essa pessoa?" Mas o que me atraiu foi o ser humano, o coração, o amor materno: Olga me considerava um companheiro, estrangeiro como ela, e torcia mesmo pelo meu sucesso. Ela era uma espoleta.

Acabamos trabalhando juntos por muitos anos. Depois de algum tempo, com a ajuda dela, eu já conhecia todos os prédios da cidade. Estava a par de todas as transações: quem vendia, a que preço, quanto o imóvel tinha se valorizado desde a última transação, se havia dívidas atreladas a ele, o custo anual de manutenção, a taxa de juros do empréstimo. Tive reuniões com proprietários e gerentes de banco. Olga fazia milagres. Ela tentava até não mais poder, e ia de prédio em prédio, sem descanso, até encontrarmos a oportunidade certa.

Eu de fato me identificava com a matemática do setor imobiliário. Sempre que visitava um prédio, perguntava qual era a metragem, se as unidades estavam livres, qual seria o custo de administração por metro quadrado, e logo calculava de cabeça quantas vezes a renda bruta anual do imóvel eu poderia oferecer enquanto pagava as parcelas do empréstimo. O corretor então me olhava de um jeito estranho, como quem se pergunta: "Como é que ele fez essa

conta?"

Era um talento que eu tinha. Eu sacava um lápis e dizia:

– Não tenho como oferecer mais de 10 vezes o valor da renda bruta anual do imóvel, porque calculo que a despesa média de manutenção de um prédio assim seja 5%. Então esse percentual da renda bruta tem que ficar disponível. E a taxa de juros anual está em 6,1%, ou seja, o empréstimo vai custar tanto por ano. – E anotava tudo para o corretor.

A pessoa então retrucava:

– Bom, o senhor tem razão, mas não se esqueça de que o valor do imóvel vai subir. Talvez precise gastar um pouco de seus próprios recursos, mas não importa: no final das contas, o valor vai aumentar.

– Entendo – eu respondia –, mas nunca pago mais de 10 vezes o valor da renda bruta anual. Se o imóvel vier a se valorizar, isso vai ser o meu *lucro*.

Negócios interessantes começaram a surgir depois do embargo do petróleo do Oriente Médio em 1973 e do início da recessão. Olga ligava e dizia "Tal vendedor está com problemas financeiros", ou "Eles se endividaram além da conta, acho que você deveria fazer uma oferta rápida". No início de 1974, ela encontrou um prédio residencial de seis apartamentos na Rua 19, logo ao norte do Wiltshire Boulevard – o lado mais disputado daquela localidade. Os donos estavam se transferindo para um prédio maior e queriam vender depressa. Melhor ainda: as condições de compra do outro prédio eram tão boas que eles até se dispuseram a baixar o preço do antigo.

O prédio me custou 215 mil. Peguei cada dólar dos 27 mil que tinha economizado, mais 10 mil que Joe Weider me emprestou, para dar a entrada. Não era grande coisa: uma construção atarracada de dois andares, do início dos anos 1950, feita de madeira e tijolo. Mesmo assim, fiquei feliz com a compra quando Barbara e eu nos mudamos. O bairro era agradável, e os apartamentos, amplos e bem conservados. O meu era imenso, com 223 metros quadrados, uma varanda na frente, uma garagem com espaço para dois carros embaixo e um pequeno pátio nos fundos. Havia também outras vantagens: passei a alugar os outros apartamentos para pessoas do ramo do entretenimento. Atores que eu conhecia da academia viviam procurando lugar para morar, então em determinado momento houve quatro vivendo no prédio. Era uma forma de estabelecer relações no ramo para o qual eu queria entrar. O melhor de tudo foi que me mudei de um apartamento que me custava 1.300 dólares por mês de aluguel para um imóvel que se pagou desde o primeiro instante, exatamente como eu tinha planejado.

Meu velho amigo Artie Zeller teve um choque ao me ver fechar um negócio de 215 mil dólares. Passou dias me perguntando como eu tivera coragem para tanto. Ele não conseguia entender, porque jamais quisera correr risco nenhum na vida.

– Como é que você aguenta a pressão? A responsabilidade de alugar os outros cinco apartamentos é toda sua. Você vai ter que cobrar os aluguéis. E se alguma coisa der errado? – Ele só via os problemas. Poderia ser um horror. Os

inquilinos poderiam ser barulhentos. E se alguém chegasse em casa bêbado? E se alguém escorregasse e eu fosse processado? – Você sabe como é esse negócio de processo aqui nos Estados Unidos! – E blá-blá-blá.

Eu me peguei prestando atenção ao que ele dizia.

– Artie, você quase conseguiu me assustar – falei, rindo. – Pare de ficar me falando essas coisas. Eu quero sempre meter a cara nas coisas. Primeiro me meto no problema, depois penso no que ele realmente significa. Não fique colocando o carro na frente dos bois.

Muitas vezes, é mais fácil tomar uma decisão quando não se tem tanta informação à disposição, porque nesse caso não se fica pensando demais. Se souber demais, você pode ficar paralisado. E a coisa toda vira um campo minado.

Eu já havia reparado que o mesmo acontecia na faculdade. Nosso professor de economia tinha dois doutorados, mas dirigia um fusca. A essa altura, já fazia muitos anos que meus carros eram melhores que o dele. Pensei: "Saber tudo na verdade não é a solução, porque esse cara não está ganhando dinheiro suficiente para ter um carro maior. Ele devia estar dirigindo um Mercedes."

Depois de chegar à Califórnia, posei para as revistas de fisiculturismo de Joe Weider em Muscle Rock, nas montanhas de Malibu. O lugar é apreciado pelos fisiculturistas, pois os picos ao longe não parecem muito altos e os músculos ficam mais impressionantes que o relevo. *Art Zeller*

Meus pais, Aurelia e Gustav Schwarzenegger, no dia de seu casamento, em 1945. Ele está usando o uniforme da polícia rural austríaca.
Arquivo Schwarzenegger

Meu irmão Meinhard nasceu em 1946, e um ano e 14 dias depois eu cheguei. Nossa mãe teve um trabalho danado com dois meninos pequenos. Aqui, estamos na rua principal sem calçamento em frente à nossa casa em Thal.
Arquivo Schwarzenegger

Sempre gostei de pintar e desenhar, mesmo quando tinha apenas 11 anos e cursava a *Hauptschule*.
Arquivo Schwarzenegger

Aos 16 anos, eu adorava malhar no lago perto da minha cidade, o Thalersee, com amigos como Karl Gerstl, Willi Richter e Harry Winkler. *Arquivo Schwarzenegger*

Uma pose frontal de bíceps em minha primeira competição de fisiculturismo no hotel Steirerhof, em Graz, aos 16 anos. Na época, o fisiculturismo era tão desconhecido que os organizadores da disputa julgaram precisar de uma banda no palco para ajudar a atrair público. *Stefan Amsüss*

No ano que passei no exército austríaco, dirigi esse tanque M47 de 50 toneladas. Meus companheiros de equipagem e eu éramos responsáveis por sua manutenção diária. *Arquivo Schwarzenegger*

Aos 16 anos, como halterofilista da equipe do Sindicato Atlético de Graz, eu conseguia levantar 84 quilos. Os aplausos da plateia me fortaleciam. *Arquivo Schwarzenegger*

Finalmente pude conhecer meu ídolo Reg Park durante uma temporada de treinos em Londres, na academia de Wag Bennett, em 1966 (o W da minha roupa vem de Wag).
Arquivo Schwarzenegger

Meu sonho virou realidade no teatro londrino Victoria Palace, em 1967, quando me tornei o mais jovem Mister Universo da história, aos 20 anos. *Albert Busek*

Em um dia de novembro, circulei pelas ruas do centro de Munique usando apenas minha sunga de competição, no intuito de divulgar o fisiculturismo e atrair clientes para a academia.
Rolf Hayo / Roba Press

Em 1968, minha segunda vitória como Mister Universo, em Londres, me rendeu um convite e uma passagem de avião para os Estados Unidos. Venci na classe profissional, e Dennis Tinerino, na amadora. *Arquivo Schwarzenegger*

Nas visitas ocasionais que fazia à Áustria, eu malhava no sótão com meu pai, campeão nacional de *curling*.
Albert Busek

Em um terraço de hotel em Miami, eu me reuni com Joe Weider, o papa do fisiculturismo, na esperança de obter dele conselhos para treinar. Mal pude acreditar quando *ele* começou a *me* entrevistar. *Jimmy Caruso / Cortesia da Weider Health and Fitness*

Venice Beach, na Califórnia, era um lugar fantástico onde ginastas, artistas de circo e fisiculturistas adoravam se exibir. Aqui, estamos fazendo um espetáculo de acrobacia improvisado. *Art Zeller*

Meus parceiros de treino, a partir do alto, Franco Columbu, Frank Zane e Pete Caputo, na academia Gold's, montados em cima de mim enquanto eu exercitava as panturrilhas. *Art Zeller*

Betty, mulher de Joe Weider, muitas vezes posava comigo para anúncios nas revistas do marido. A mensagem era simples: se ficar musculoso, você poderá ir à praia pegar várias garotas. *Art Zeller*

Franco Columbu e eu nos intitulamos especialistas europeus da construção civil e contratamos outros fisiculturistas para ajudar em nossa primeira empresa, que fazia serviços de alvenaria e reparos.

Art Zeller

Joe Weider e eu examinando fotografias para os layouts das revistas.

Albert Busek

Fazendo o dever de casa na biblioteca do Santa Monica City College.

Arquivo Schwarzenegger

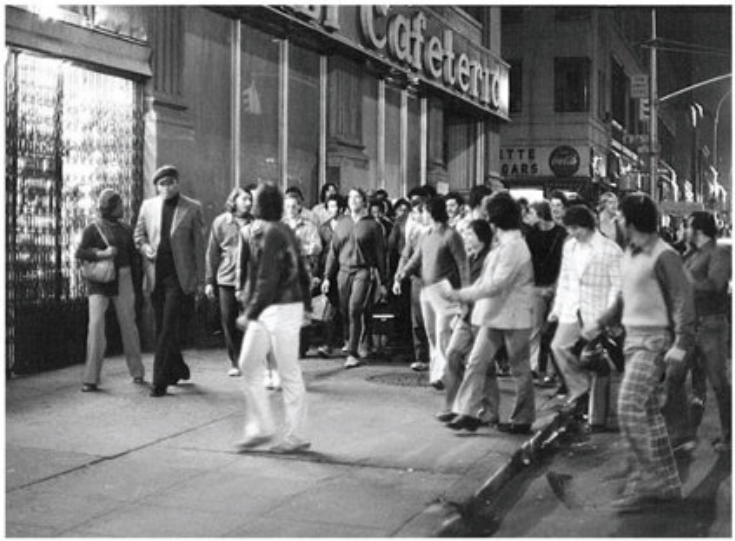
A caminho da fisioterapia após uma grave cirurgia no joelho, em 1972, sob os olhares atentos de minha namorada Barbara Outland e Joe Weider. Faltavam poucos meses para os campeonatos de fisiculturismo, e eu sabia que precisava me recuperar depressa. *Art Zeller*

Depois que meu pai e meu irmão morreram, tentei convencer minha mãe a se mudar para os Estados Unidos.
Arquivo Schwarzenegger

Acreditem ou não, o xadrez, o mais sagaz de todos os jogos, sempre fez parte do universo de Muscle Beach. Nessa foto, eu e Franco disputamos uma partida.
Art Zeller

Faço um agachamento com 227 quilos em preparação para a disputa do Mister Olympia de 1971, enquanto Franco e Ken Waller ficam a postos para ajudar caso eu perca o equilíbrio ou fique preso. *Art Zeller*

Subindo ao palco do Felt Forum no Madison Square Garden para defender minha coroa de Mister Olympia, em 1974. Atrás de mim estão Franco Columbu e Frank Zane. À minha frente, o garoto prodígio Lou Ferrigno me observa com atenção. *Art Zeller*

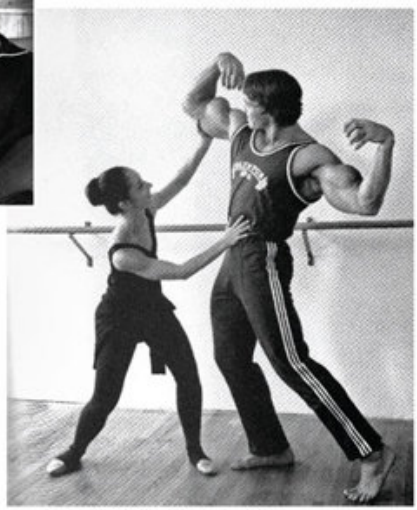


Centenas de fãs me seguiram até o hotel após minha vitória como Mister Olympia no Madison Square Garden. *Albert Busek*

Comecei a conhecer muita gente em Hollywood. Nessa foto, estou bebendo no terraço de casa com os diretores Roman Polanski e Bob Rafelson e amigos. *Art Zeller*

Uma equipe de filmagem do documentário *O homem dos músculos de aço* registra um ensaio fotográfico de publicidade para um produto de Joe Weider – a barra de exercícios com mola embutida que estou segurando. *George Butler / Contact Press Images © 1975*

Charles Gaines e George Butler, criadores de *O homem dos músculos de aço*, descansam comigo na África do Sul, em 1975.
George Butler / Contact Press Images © 1975



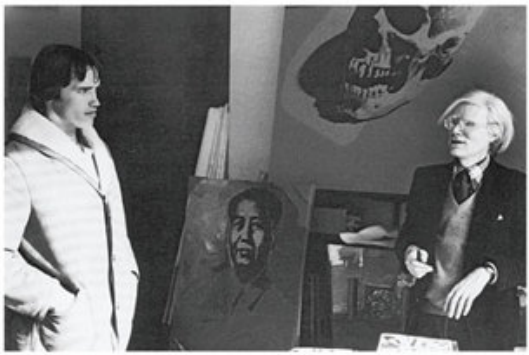
Treinando com uma professora do New York City Ballet para aperfeiçoar minhas poses.
George Butler / Contact Press Images © 1977

Em Muscle Beach, Franco e eu levávamos a vida com a qual sonháramos quando adolescentes.

George Butler / Contact Press Images © 1973

Brincando com Nastassja Kinski e outros na piscina da casa de Frances Schoenberger, da Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood.

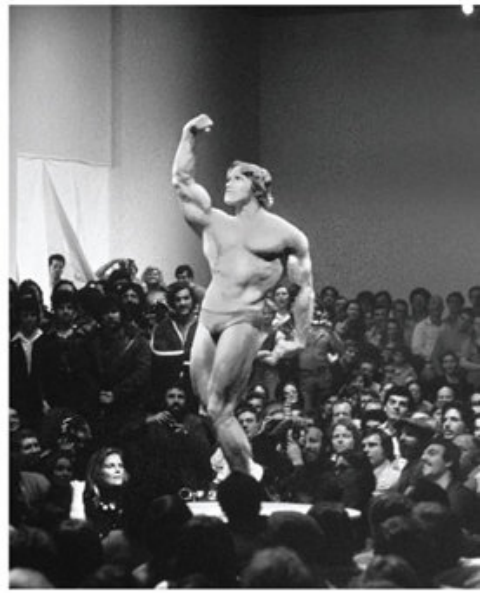
Michael Ochs Archives / © Getty Images



Visita a Andy Warhol no The Factory, seu famoso estúdio no Midtown de Manhattan.

Fred W. McDarrah / Getty Images

No Whitney Museum de Nova York, posei para uma plateia apinhada, na qual só havia lugar em pé. Junto ao pódio, Candice Bergen tira fotos para o programa *Today*. *Arquivo Schwarzenegger*



Com meu ídolo Muhammad Ali em Nova Orleans, em 1978, depois que ele derrotou Leon Spinks e conquistou o terceiro título mundial dos pesos pesados. *Arquivo Schwarzenegger*

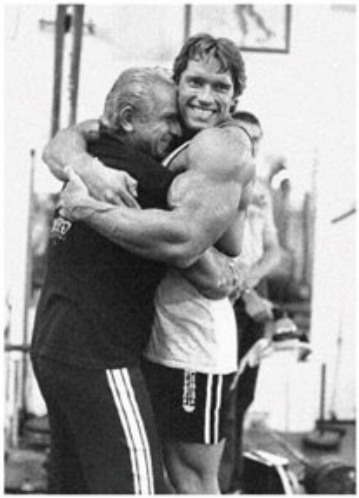
Momento em que conheci o senador Teddy Kennedy, na noite anterior ao 7º Torneio Anual de Tênis de Celebridades RFK. (À direita de Teddy está Ethel Kennedy, viúva de Bobby.) Minutos depois, Tom Brokaw me apresentou a Maria. *Ron Galella / Getty Images*

Depois de jogar, fui me sentar com Maria e sua mãe, Eunice Kennedy Shriver, no Torneio Anual de Tênis de Celebridades RFK.
Ron Galella / Getty Images

Maria, Franco e eu contribuindo para o colorido local em uma calçada de Venice, Califórnia. *Albert Busek*

Eu estava tão apaixonado que deixei Maria e sua amiga Bonnie Reiss usarem meu jipe para a campanha "Teddy para Presidente", em 1980.
Arquivo Schwarzenegger

Joe Gold tinha a melhor academia para fisiculturistas dos Estados Unidos. *Albert Busek*



Peter Brenner

Acima à direita e abaixo: Quando a produção de *Conan, o bárbaro* atrasou, treinei feito um louco e deixei o mundo do fisiculturismo em choque ao sair da aposentadoria para bater um recorde: vencer o sexto título de Mister Olympia, na Ópera de Sydney. *Neal Nordlinger*

O maior show de músculos de todos os tempos

OS TÍTULOS DE MISTER OLYMPIA me transformaram em tricampeão de uma disputa mundial da qual 99% dos americanos jamais ouvira falar. Além disso, o fisiculturismo não era apenas um esporte desconhecido – se você perguntasse a um americano comum o que ele achava dos praticantes dessa modalidade, tudo o que ouviria eram os pontos negativos:

"Esses caras só pensam em músculos. São uns desajeitados que não conseguem nem amarrar os próprios sapatos."

"Tudo aquilo vai virar gordura e eles vão morrer cedo."

"Todos eles têm complexo de inferioridade."

"São todos uns burros."

"São todos narcisistas."

"São todos homossexuais."

Não havia um único aspecto positivo nessa imagem. Um jornalista chegou a escrever que o esporte tinha o mesmo apelo de uma luta livre de anões.

É verdade que os fisiculturistas se olham no espelho durante o treino. Espelhos são ferramentas para eles, assim como para os bailarinos. Como fisiculturista, você precisa ser seu próprio treinador. Quando está fazendo rosca bíceps com halteres, por exemplo, tem que verificar se um braço está acompanhando o outro.

O esporte tinha tão pouco prestígio que era quase como se não existisse. Para mim, o fisiculturismo sempre fora algo tão americano que eu ainda me espantava quando as pessoas não conseguiam adivinhar o que eu fazia. "Você é lutador?", perguntavam. "Que corpo! Não, não, já sei, você é jogador de futebol americano, não é?" Elas davam qualquer palpite, menos fisiculturismo.

Na verdade, havia muitos mais fãs do esporte nos países do Terceiro Mundo. Em uma exibição na Índia, uma multidão de 25 mil pessoas se reuniu para ver Bill Pearl, e 10 mil apareceram na África do Sul. O fisiculturismo era uma das atividades esportivas com mais espectadores no Oriente Médio. Um dos grandes marcos da carreira de Joe Weider ocorreu em 1970, quando a comunidade internacional reconheceu o fisiculturismo como esporte. A partir daí, os programas dessa modalidade puderam se beneficiar do patrocínio

público em dezenas de países que apoiavam o esporte.

No entanto, já fazia quatro anos que eu estava nos Estados Unidos e praticamente nada havia mudado. Todas as cidades grandes ainda tinham apenas uma ou duas academias onde os fisiculturistas podiam treinar. As competições maiores nunca esperavam atrair mais de 4 ou 5 mil fãs.

Isso me incomodava, porque eu queria ver o esporte explodir e os atletas, não só os organizadores, ganharem dinheiro. Também achava que, se milhões de pessoas iriam assistir aos meus filmes algum dia, era muito importante que soubessem de onde vinham aqueles músculos e o que significava ser Mister Universo, Mister Olympia ou Mister Mundo. Portanto, era preciso muita divulgação. Quanto mais popular a modalidade se tornasse, melhores seriam minhas chances de conseguir um papel principal no cinema. Joe Namath, por exemplo, *quarterback* do New York Jets, famoso time de futebol americano, não tinha a menor dificuldade para ser contratado para comerciais e filmes. Nos esportes principais – futebol americano, beisebol, basquete e tênis –, os melhores atletas simplesmente cruzavam essa ponte e faturavam alto. Eu sabia que isso nunca iria acontecer comigo, então tinha que ir além. Queria promover o fisiculturismo, tanto para que mais pessoas pudessem participar quanto para facilitar minha carreira.

Joe Weider, porém, estava bastante satisfeito com sua situação no momento. Por mais que eu o instigasse, ele não queria tentar ampliar seu público para além dos fãs de fisiculturismo e dos adolescentes de 15 anos. "Essas coisas parecem uma revista em quadrinhos", dizia eu, referindo-me às suas publicações. "'Como Arnold maltratou as próprias coxas'? 'Alô, eu gostaria de falar com o bíceps do Joe'? Que manchetes ridículas são essas?"

"Esses títulos vendem", respondia ele. Sua tática era manter a qualidade dos produtos e aproveitar qualquer oportunidade para expandir a distribuição mundial. Com certeza era uma tática inteligente, porque o público não parava de aumentar. Mas eu percebi que, se quisesse promover o esporte para um público novo, teria que dar meu próprio jeito.

No outono de 1972, estava passando por Nova York a caminho da Europa quando conheci as duas pessoas que me colocariam no rumo que eu pretendia seguir: George Butler e Charles Gaines. Butler era fotógrafo e Gaines, redator. Ambos trabalhavam como freelancers para a revista *Life*. Estavam prestes a cobrir a disputa de Mister Universo organizada por Joe Weider no Iraque. Alguém tinha lhes dito que eles deveriam conversar comigo para entender o contexto do fisiculturismo.

Mal pude acreditar em minha sorte. Eles foram os primeiros jornalistas fora do mundo do fisiculturismo com quem realmente conversei. Deviam ter acesso a cerca de 1 milhão de leitores que jamais tinham ouvido falar no esporte. Eram mais ou menos da mesma idade que eu, e nos demos bem logo de cara. Gaines já sabia bastante sobre o esporte: acabara de publicar um livro chamado *Stay Hungry* (O guarda-costas), ambientado em uma academia de fisiculturismo no Alabama. O livro fora um sucesso de vendas. No verão

anterior, ele e Butler tinham se juntado para produzir uma reportagem para a revista *Sports Illustrated* sobre um concurso chamado Mister Costa Leste que era realizado em Holyoke, Massachusetts. E já estavam falando em continuar a escrever sobre o assunto depois da matéria da *Life* e publicar um livro. Sabiam que aquele era um assunto fascinante, ainda desconhecido pela maioria dos americanos.

Eu não iria competir em Bagdá, mas prometi a eles que, se quisessem conhecer a cena do fisiculturismo na Califórnia, eu organizaria uma visita e seria seu guia. Dois meses depois, os dois estavam sentados na minha sala de estar em Santa Monica, conhecendo Joe Weider. Eu acabara de apresentá-los, e a situação no início foi um pouco hostil. Apesar de Charles estar envolvido com o fisiculturismo havia apenas três ou quatro anos, e George ainda menos que isso, os dois chegaram como sabichões arrogantes. Não paravam de perguntar a Joe por que ele não impulsionava o esporte nesta ou naquela direção, por que não angariava patrocinadores corporativos e outras coisas do tipo. Por que ele não chamava o *ABC's Wide World of Sports* para cobrir seus eventos? Por que não contratava relações-públicas? Pude ver que Joe estava achando que eles não entendiam absolutamente nada, que eram jornalistas e viam tudo de fora. Não sabiam nada sobre os indivíduos e as personalidades do esporte, nem sobre o desafio que era tentar atrair as grandes empresas. Não era só estalar os dedos e dizer "Isso é fisiculturismo!" para conseguir elevar a modalidade ao patamar em que estavam o tênis, o beisebol ou o golfe.

Mesmo assim, o bate-papo acabou sendo produtivo. Weider convidou-os para visitar a sede de sua empresa, no Vale de São Fernando, no dia seguinte. Os dois o acompanharam e observaram como ele administrava tudo. Nessa época o fisiculturismo estava começando a se popularizar. Acho que no início foi difícil para Joe. Ele estava tentando entender como lidar com um tipo totalmente novo de atenção e não achar que alguém estava tentando se apropriar de seu negócio, superá-lo ou roubar seus atletas. Acho que estava com um pouco de medo. Apesar disso, acabou apreciando a perspectiva de quem estava de fora que os jornalistas tinham do esporte. Em pouco tempo começou a publicar fotos de Butler e matérias assinadas por Gaines em suas revistas.

Eu estava bem no meio disso tudo. Conseguia ver os dois lados e achei a novidade boa, pois sabia que o fisiculturismo precisava de sangue novo. Fiquei imaginando se, ao trabalhar com Butler e Gaines, eu também conseguiria me tornar conhecido – e ganhar distanciamento suficiente para repensar o esporte e encontrar formas de melhorar sua reputação junto ao público.

Ao longo dos meses seguintes, o livro que Butler e Gaines planejavam publicar começou a tomar forma. Ao fazer as pesquisas para *Pumping Iron: The Art and Sport of Bodybuilding* (Levantar ferro: A arte e o esporte do fisiculturismo), os dois se tornaram figuras conhecidas na Gold's. Eram caras divertidos e acrescentavam uma dimensão inteiramente nova ao leque habitual de personagens daquele mundinho. Charles Gaines era um rapaz bonito e

seguro de si, de uma família rica de Birmingham, Alabama. Seu pai era um homem de negócios e seus amigos frequentavam o country club. Tivera uma adolescência desregrada, largara os estudos por um tempo e percorrera o país inteiro pegando carona. Ele sempre dizia que ter descoberto o fisiculturismo o ajudara a sossegar. Charles acabou se tornando professor e amante de atividades ao ar livre. Quando nos conhecemos, ele vivia na Nova Inglaterra com a mulher, uma pintora.

Charles havia identificado todo um mundo novo de subculturas esportivas fascinantes que não estavam recebendo a devida cobertura: não só o fisiculturismo, mas também a escalada no gelo e o esqui. Como era um rapaz atlético, experimentava esses esportes e depois escrevia a respeito deles. Charles sabia transmitir em palavras a sensação de se aprimorar como levantador de peso, de conseguir levantar 14 quilos a mais do que um mês antes.

George Butler parecia ainda mais exótico. Era britânico e fora criado entre Jamaica, Quênia, Somália e País de Gales. Seu pai era um britânico típico, muito rígido. George costumava contar histórias sobre como a disciplina em sua casa era rigorosa. Descrevia também como passava, quando era menino, metade do tempo no Caribe com a mãe enquanto o pai estava em algum outro lugar. Então, ainda bem jovem, fora mandado para um colégio interno. Mais tarde, estudara no colégio interno Groton, na Universidade da Carolina do Norte e no Hollins College e saíra dessas instituições com um milhão de conhecidos na alta sociedade de Nova York.

Talvez por causa de suas origens, George podia dar a impressão de ser um homem frio e meio afetado. Vivia reclamando de bobagens. Levava sempre, a tiracolo, uma bolsa da L. L. Bean contendo sua câmera fotográfica e um diário no qual fazia anotações o dia inteiro. Isso me parecia forçado, como se ele estivesse imitando Ernest Hemingway ou algum famoso explorador.

Mas George era exatamente aquilo de que o fisiculturismo precisava para construir sua nova imagem. Sabia fotografar de um jeito que fazia as pessoas exclamarem: "Nossa, que legal, olhem só!" Não tirava fotos posadas de músculos, que não atraíam o público em geral; em vez disso, clicava um fisiculturista com uma bandeira imensa dos Estados Unidos ao fundo. Ou então fotografava a cara de espanto das garotas de Mount Holyoke ao verem os atletas competirem. Os irmãos Weider não pensavam em coisas desse tipo.

George era capaz de pegar algo insignificante e transformar em alguma coisa. Ou talvez não fosse insignificante; podia ser apenas para mim, porque eu via aquilo todos os dias e fazia parte daquele universo, enquanto para ele se tratava de algo realmente excepcional. Certa vez, depois de um dia tirando fotos na Gold's, ele me perguntou: "Como é que você consegue andar tão depressa pela academia sem esbarrar em ninguém?"

Para mim, a resposta era óbvia: quando outra pessoa passa, você sai do caminho! Por que esbarrar nos outros? George, contudo, via muito mais nisso. Algumas semanas depois, testemunhei-o transformando esse detalhe em uma

história que contou a seus amigos intelectuais durante o jantar:

– Quando Charles e eu estávamos na academia, ficamos observando com muita atenção a maneira como os caras se movimentavam. Vocês acreditam se eu disser que, nas quatro horas que passamos lá, não vimos nenhum desses fisiculturistas imensos esbarrar em outro? Mesmo com a sala apertada, vários equipamentos e quase nenhum espaço livre, ninguém se encostava. Eles simplesmente passavam uns pelos outros como grandes leões dentro de uma jaula; simplesmente passavam, graciosos, sem se encostar.

Os amigos dele ficaram fascinados.

– Nossa, eles não se esbarraram nenhuma vez?

– Nenhuma. E outra coisa incrível: Arnold nunca, nenhuma vez sequer, fez cara de mau quando estava treinando. Ele levantava cargas pesadíssimas sempre com um sorriso no rosto. Imaginem só! O que deve passar pela cabeça dele? O que será que ele sabe sobre o próprio futuro para estar sempre sorrindo assim?

Pensei: "Genial. Eu nunca seria capaz de articular as coisas desse jeito. Tudo o que diria é que gosto de ir à academia porque cada repetição e cada série me deixam um passo mais perto do meu objetivo." No entanto, o modo como George se exprimiu, a cena que ele criou a partir da situação e a psicologia que usou me fizeram pensar: "Isso é marketing em sua forma mais perfeita."

Quando ele percebeu que eu era divertido e gostava de conhecer gente nova, começou a me apresentar a várias pessoas em Nova York. Conheci estilistas, herdeiras e gente que fazia filmes de arte. Ele adorava juntar mundos diferentes. Em determinado momento, fez amizade com um cara que publicava uma revista para bombeiros. "Isso vai virar moda", falou para todo mundo. "Revistas especializadas para bombeiros, integrantes das forças de segurança pública, bombeiros hidráulicos ou membros das Forças Armadas." Ele estava muito à frente dessa tendência.

Além de ser fotógrafo, George também queria se tornar diretor de cinema e gostava muito da ideia de me pôr na tela. Filmou curtas-metragens que me exibiam treinando, indo à faculdade ou interagindo com as pessoas. Ele mostrava esses trabalhos a conhecidos seus e perguntava: "Não quer pôr esse cara em um filme?" Começou a tentar levantar dinheiro para um documentário sobre fisiculturismo para pegar carona no sucesso do livro.

Enquanto isso, Charles Gaines fazia amizades em Hollywood. Apresentou-me a Bob Rafelson, diretor de *Cada um vive como quer*, que havia comprado os direitos de filmagem de *Stay Hungry*, lançado no Brasil como *O guarda-costas.* Ao mesmo tempo que trabalhava com George no projeto do livro *Pumping Iron*, Charles também começou a colaborar com Rafelson no roteiro do filme. Eu o conheci quando Charles o levou para me ver malhar em Venice Beach. Toby, a mulher de Bob, foi junto e tirou várias fotos de mim e de Franco treinando. Ela adorou tudo aquilo.

Conhecer Bob Rafelson me fez entrar em um mundo totalmente diferente. Com ele vieram vários integrantes da "nova geração" de Hollywood: o ator

Jack Nicholson e o diretor Roman Polanski, que estavam filmando *Chinatown*, e os atores Dennis Hopper e Peter Fonda, que tinham feito *Sem destino* com o produtor de Rafelson, Bert Schneider.

Gaines e Butler estavam pressionando Rafelson para me incluir no elenco de *O guarda-costas.* Havia um papel importante de um fisiculturista chamado Joe Santo. Rafelson não estava nem de longe convencido, mas me lembro de estar em minha casa certa noite, no início de 1974, e de ficar hipnotizado ao ouvi-lo falar sobre o que aquilo significaria para mim. "Se fizermos esse filme, quero que você saiba que vai ser um divisor de águas na sua vida. Lembra o que aconteceu com Jack quando ele fez *Cada um vive como quer*? E com Dennis Hopper e Peter Fonda depois de *Sem destino*? Todos eles viraram estrelas! Eu tenho um ótimo instinto para escolher pessoas, então, quando fizermos esse filme, ele vai mudar a sua vida. Você não vai poder ir a lugar nenhum sem que as pessoas o reconheçam."

Fiquei extasiado, é claro. Um dos diretores da moda em Hollywood falando em me transformar em astro de cinema! Enquanto isso, Barbara, sentada ao meu lado no sofá, permanecia com o olhar perdido. Pude imaginar o que ela pensava. Que consequência aquilo teria para nossa relação? E para mim? Minha carreira estava me afastando dela. Barbara queria sossegar, queria que nos casássemos e que eu abrisse uma loja de produtos naturais. Ela podia ver uma imensa tempestade se aproximando.

É claro que seu instinto estava certo. Meu foco era treinar, atuar e garantir que Rafelson me contratasse, não me casar e formar família. Quando Bob foi embora, porém, eu pedi a Barbara que não se preocupasse com o papo dele, que era só coisa de quem tinha fumado um baseado.

Gostei de ser introduzido a um mundo de celebridades. A casa de Nicholson fazia parte de um "complexo" em Mulholland Drive e ele era vizinho de porta de Polanski, Warren Beatty e Marlon Brando. Eles convidavam a mim e outros fisiculturistas para festas, e às vezes iam ao meu prédio para fazermos churrascos no pequeno pátio dos fundos. Era hilário: os vizinhos que passavam na calçada não conseguiam acreditar quando viam quem estava lá. Ao mesmo tempo, eu dizia a mim mesmo para não me animar demais. Ainda não tinha chegado nem perto de fazer parte daquele universo. Àquela altura, eu era apenas um fã.

Estava entrando em contato com um mundo que não conhecia. Era bom conviver com aquelas pessoas, observá-las, ver como elas se comportavam e tomavam decisões, e ouvi-las falar sobre projetos de filmes, sobre a construção de suas casas e de casas na praia, ou sobre garotas. Eu perguntava sobre a arte de atuar e o segredo de se tornar protagonista. Nicholson e Beatty, claro, eram grandes defensores das técnicas de interpretação. Viviam falando sobre como se preparavam, quantas vezes ensaiavam uma cena e como conseguiam viver o momento e improvisar. Jack estava filmando *Um estranho no ninho* e falou sobre o desafio que era interpretar o paciente de um manicômio. Enquanto isso, Polanski, que dirigira Nicholson em *Chinatown*, falava sobre as diferenças

entre se fazer um filme em Hollywood e na Europa: nos Estados Unidos havia mais oportunidades, mas os filmes obedeciam mais a fórmulas e eram menos artísticos. Ambos tinham imensa paixão pela profissão.

Pensei que talvez, mais para a frente, eu pudesse ter a chance de fazer filmes com eles em algum papel de coadjuvante. Mas o que mais pensava era: "Que promoção incrível para o fisiculturismo o fato de esse pessoal estar aceitando o esporte."

MINHA CARREIRA EM HOLLYWOOD PODERIA jamais ter deslanchado se não fosse uma sucessão de acontecimentos que começou quando Franco e eu organizamos uma competição de fisiculturismo em Los Angeles naquele verão. Eu continuava decidido a ver o esporte se tornar popular. Ficava frustrado com o fato de os concursos nunca serem divulgados para o grande público. Isso me parecia totalmente errado. Afinal, o que tínhamos para esconder? As pessoas reclamavam que os jornalistas só escreviam coisas negativas sobre o fisiculturismo e que suas matérias eram idiotas. Bem, era verdade, mas algum de nós estava falando com a imprensa? Alguém havia explicado aos repórteres o que fazíamos? Então Franco e eu chegamos à conclusão de que, para que o fisiculturismo nos Estados Unidos um dia saísse da concha, nós mesmos teríamos de promovê-lo. Alugamos um grande auditório no centro e negociamos os direitos de organização da edição de 1974 do concurso Mister Internacional.

Havia pequenos indícios de que era a época certa para isso. Muitos atores estavam começando a malhar na Gold's. Gary Busey era frequentador assíduo. Isaac Hayes, que havia ganhado um Oscar pela música-tema do filme *Shaft*, aparecia diariamente no seu Rolls-Royce para treinar. Até então, os únicos atores que malhavam em público eram aqueles que reforçavam o estereótipo gay relacionado ao fisiculturismo. Atores como Clint Eastwood e Charles Bronson eram musculosos e exibiam corpos incríveis na tela. Eles malhavam, mas em segredo. Sempre que alguém comentava sobre seus músculos, diziam: "Eu nasci assim." Mas essa atitude estava começando a mudar, e a musculação aos poucos se tornava mais aceitável.

Outro sinal positivo era que mais mulheres estavam começando a aparecer na Gold's – não para ficar "secando" os caras, mas querendo ingressar na academia. No início, isso não foi possível. Do ponto de vista prático, teria sido difícil para Joe Gold aceitar mulheres, porque só havia um vestiário. A verdade, porém, era que os homens ainda não estavam preparados para isso. O fisiculturismo era um universo masculino demais. A última coisa que alguém queria era ser cuidadoso com o que dizia na academia. Ouviam-se muitos palavrões e muitas conversas de homem. Eu disse a Joe que ele deveria aceitar mulheres. Tinha visto os benefícios disso em Munique: a presença de mulheres na academia nos fazia treinar mais pesado, ainda que tivéssemos de moderar um pouco o palavreado.

Algumas das mulheres que queriam entrar eram irmãs ou namoradas de

fisiculturistas. Outras eram garotas que já malhavam na praia. Se uma mulher precisava treinar para um teste físico – para entrar para a polícia ou para o corpo de bombeiros, por exemplo –, Joe sempre lhe dava uma permissão especial. Ele dizia: "Venha às sete da manhã. A essa hora a academia está mais vazia e você pode malhar. É por conta da casa, não precisa pagar nada."

Joe nunca tomava uma decisão sem o consentimento dos fisiculturistas. A academia devia ter música? O chão devia ser acarpetado? Ou será que isso estragaria o aspecto rústico? Aquela era uma academia rígida em seus princípios, frequentada por uma clientela igualmente rígida. Tivemos discussões intermináveis sobre a inclusão de mulheres. Por fim, decidimos liberar a inscrição, mas só para as mais duronas, que assinassem um termo cujo teor, na prática, era o seguinte: "Estou ciente de que haverá linguajar chulo, de que pesos cairão em cima de pés e de que haverá lesões. Estou ciente de que há apenas um vestiário, e usarei o da praia." Eu queria que o fisiculturismo se abrisse totalmente para as mulheres, a ponto de haver campeonatos femininos. Mas aquilo pelo menos era um começo, e dava para ver que o interesse existia.

Na nossa opinião, os concursos de fisiculturismo nunca eram grandes o suficiente – sempre os mesmos 500 ou mil espectadores – e pareciam muito desorganizados. Às vezes não havia música, ou o apresentador era ruim e a iluminação era precária. Ninguém ia nos receber no aeroporto. Era tudo errado. Havia exceções, como o concurso Mister Mundo em Columbus ou o Mister Universo em Londres, mas a maioria das competições era amadora. Fizemos uma lista de tudo o que queríamos mudar e começamos a dar telefonemas para pedir conselhos.

Franco e eu agendamos nossa competição para o dia 17 de agosto. O lugar que alugamos era um teatro antigo e grandioso de 2.300 lugares no centro de Los Angeles chamado Embassy Auditorium. Em seguida, contratamos uma relações-públicas, Shelley Selover, cujo escritório ficava em Venice. Quando fomos conversar com ela, duvido que ela sequer soubesse o que era fisiculturismo. No entanto, depois de fazer várias perguntas e de nos ouvir um pouco, concordou em nos representar. "Posso fazer algo com isso", disse ela. Era um importante voto de confiança.

Shelley nos pôs imediatamente em contato com um repórter veterano da *Sports Illustrated* chamado Dick Johnston, que pegou um voo do Havaí, onde morava, para se familiarizar com nosso esporte. Antes do encontro, ela nos instruiu cuidadosamente. "Ele quer convencer o editor da revista de que fisiculturistas são atletas, atletas sérios, e fazer uma reportagem grande", informou ela. "Acham que podem ajudá-lo com isso?" Portanto, cheguei para a entrevista com vários exemplos de como determinado atleta, se não tivesse escolhido o fisiculturismo, teria sido estrela do basquete, e de como um outro teria sido boxeador. Eles teriam sido atletas de qualquer maneira, mas o fisiculturismo era sua paixão, e era nessa modalidade que eles acreditavam que tinham mais potencial. Dick Johnston gostou da ideia e ficou de voltar a Los

Angeles para cobrir nosso evento.

Franco e eu demos um duro danado para promover o concurso. Sabíamos que jamais conseguiríamos fechar as contas só com a venda dos ingressos. Tínhamos que comprar as passagens para trazer fisiculturistas do mundo inteiro e precisávamos pagar os jurados, o aluguel do teatro, a publicidade e as ações promocionais. Então começamos a procurar patrocinadores. Isaac Hayes sugeriu que conversássemos com o grande boxeador Sugar Ray Robinson, seu amigo, que era dono de uma fundação. "Ele vai gostar da ideia", disse Hayes. "Sua fundação é para pessoas realmente sem recursos, entendeu? Ele dá dinheiro para crianças carentes e minorias. Então você só precisa explicar que, como é um fisiculturista austríaco na Califórnia, você é uma minoria!" Franco e eu achamos bastante engraçado o fato de sermos minorias. Meu amigo ficou entusiasmado com a perspectiva de conhecer um dos maiores boxeadores de todos os tempos. Eu também fiquei animado: lembrava-me de ter visto Robinson nos noticiários quando era pequeno. Em 1974, já fazia quase 10 anos que ele tinha se aposentado do boxe.

Quando chegamos à sua fundação, a sala de espera estava lotada. Pensei em todas as pessoas que deviam estar lhe pedindo dinheiro e em quanto ele, um ex-campeão, era generoso por estar gastando seu tempo com aquele trabalho.

Nossa vez finalmente chegou. Sugar Ray nos recebeu em sua sala e foi muito caloroso. Estávamos tão impressionados que, nos primeiros segundos, sequer ouvimos o que ele falou. Ele não estava com pressa e ouviu nosso pedido de financiamento para comprar os troféus para nosso evento. No final, começou a rir. Aquilo era muito estranho: dois estrangeiros tentando promover um campeonato internacional de fisiculturismo em Los Angeles. Ele nos deu 2.800 dólares – um bom dinheiro na época. Saímos de lá e compramos uns troféus bem bacanas, com plaquinhas que diziam "Doado pela Fundação Sugar Ray Robinson para Jovens".

Descobrimos que na verdade as pessoas não tinham uma imagem negativa do fisiculturismo. Elas tinham a mente aberta, mas ninguém lhes dizia nada. Estávamos nos Estados Unidos, um país receptivo, pronto para aprender algo novo. Nossa abordagem foi educar as pessoas. Eu tinha a personalidade certa para isso. Sabia que as matérias de Gaines tinham sido bem recebidas. Nosso lema era "Apresentação é tudo".

À medida que a disputa do Mister Internacional se aproximava, espalhamos nossos cartazes com a chamada "O maior show de músculos de todos os tempos" pelas Associações Cristãs de Moços e pelos pontos de encontro da cidade. O cartaz tinha fotos minhas (cinco vezes Mister Universo, quatro vezes Mister Olympia), de Franco (Mister Universo, Mister Mundo), de Frank Zane (Mister América, Mister Universo), de Lou Ferrigno (Mister América, Mister Universo), de Serge Nubret (a maior estrela do fisiculturismo europeu) e de Ken Waller (Mister América, Mister Mundo).

Para meu assombro, Shelley não apenas conseguiu que vários jornais nos entrevistassem como também deu um jeito de fazer com que eu fosse

convidado para programas de entrevistas transmitidos no país inteiro como *The Merv Griffin Show*, *The Tonight Show* e *The Mike Douglas Show*. Foi então que percebemos que estávamos certos: havia mesmo um interesse pelo assunto; não era só nossa imaginação.

Naturalmente, por causa da imagem estereotipada dos fisiculturistas, ninguém me deixaria ir ao ar sem fazer uma pré-entrevista. Eu chegava aos estúdios à tarde, horas antes dos programas, para os produtores verem se aquele fortão sabia abrir a boca e dizer coisa com coisa. Então eu conversava com o pré-entrevistador, que, depois de algum tempo, comentava:

– Que ótimo! Você acha que consegue dizer isso tudo quando estiver sob pressão, diante de uma plateia?

E eu respondia:

– Bem, o interessante é que eu não vejo a plateia. Fico tão envolvido que não vejo ninguém. Então não se preocupe: eu consigo esquecer que o público está lá.

– Ótimo, ótimo.

O primeiro programa de que participei foi o de Merv Griffin. O apresentador convidado naquele dia era o humorista Shecky Greene. Eu me sentei, falamos algumas amenidades e então Shecky passou alguns segundos calado, apenas olhando para mim. Por fim, exclamou: "Não acredito! Você fala!" O comentário rendeu boas risadas.

Quando alguém nivela a situação tão por baixo assim, é impossível errar. Shecky não parou de me elogiar. Ele era muito engraçado e, consequentemente, me tornou engraçado também. A entrevista foi uma promoção não apenas para mim, mas também para o fisiculturismo nos Estados Unidos de forma geral: os espectadores puderam ver um fisiculturista que tinha um aspecto normal quando estava vestido, que sabia falar, que tinha um passado interessante e uma história para contar. De repente, o esporte adquiriu um rosto e uma personalidade, o que levou as pessoas a pensar: "Não tinha percebido que esses caras eram divertidos! Eles não são estranhos, são ótimos!" Também fiquei feliz por conseguir promover o concurso Mister Internacional.

Franco e eu estávamos bastante nervosos com o evento, sobretudo depois de conversar com George Eiferman, um dos muitos ex-campeões de fisiculturismo que tínhamos convidado para ser jurado. George era um representante do esporte já de certa idade (vencera o Mister América em 1948 e o Mister Olympia em 1962) que agora tinha uma rede de academias em Las Vegas. Uma semana antes da disputa, ele foi nos visitar para dar alguns conselhos. Encontrou-se comigo, com Franco e com Artie Zeller na Zucky's.

– Agora se certifiquem de que têm tudo o que precisam – disse ele.

– Como assim? – perguntei.

– Eu já organizei esse tipo de competição. Nós às vezes esquecemos as coisas mais simples.

– O quê, por exemplo?

Comecei a suar pensando no que poderia ser. Eu estava tão concentrado em vender ingressos que talvez tivesse negligenciado alguns detalhes importantes.

– Vocês já têm as cadeiras para os jurados na mesa principal, por exemplo? Quem vai arrumar essas cadeiras?

Virei-me para Franco.

– Já providenciou as cadeiras?

– Você é mesmo um idiota – retrucou Franco. – Como é que eu ia saber que precisava cuidar disso?

– Está bem, vamos colocar isso no papel – falei.

Então fiz uma anotação: na próxima vez que fôssemos ao teatro, tínhamos que ver onde arranjaríamos a tal mesa para pôr em frente ao palco e onde conseguiríamos nove cadeiras.

– Também vão precisar de uma bela toalha para forrar a mesa... Verde, de preferência, para dar um aspecto oficial – continuou George. – Outra coisa: já pensaram em quem vai comprar os bloquinhos de anotações para os juízes?

– Não.

– E comprem lápis com borracha, também – emendou ele.

– Ah, que merda.

George foi fazendo um passo a passo da produção do evento. Tínhamos que planejar como ficaria o palco, organizar a área dos bastidores, deixar pesos disponíveis para os atletas se aquecerem, saber onde conseguiríamos esses pesos e como fazê-los entrar pelos fundos do teatro.

– Já pensaram nisso? – perguntou George. – Esse teatro com certeza é regido pelos sindicatos, então vocês precisam saber o que vão poder transportar por conta própria e o que terá de ser levado pelos caras do sindicato.

É claro que Franco e eu não gostamos da ideia de ter que obedecer ao regulamento de sindicatos profissionais. No entanto, lembramos que tudo era muito mais fácil de fazer ali nos Estados Unidos do que teria sido na Europa. Conseguir as autorizações e pagar as taxas foi bem mais simples do que tínhamos imaginado, além de as taxas serem mais baratas. O pessoal que administrava o teatro também se mostrou bastante entusiasmado.

No final das contas, o evento lotou. Franco e eu fomos pessoalmente buscar cada um dos competidores no aeroporto e os tratamos como gostaríamos de ser tratados se estivéssemos no lugar deles. Os melhores atletas compareceram. O júri foi competente e demonstrou ter bastante experiência. Na noite anterior ao evento, convidamos jurados, patrocinadores e atletas para uma recepção bancada por mim e por Franco. Todos os nossos esforços publicitários encheram o teatro, então acabamos tendo que deixar cerca de 200 espectadores de fora. Porém o mais importante foi que os lugares foram ocupados por pessoas de todas as áreas, não apenas fisiculturistas.

A repercussão do meu sucesso no *The Merv Griffin Show* perdurou até o outono. Shelley agendou mais duas participações em programas de entrevistas para mim. Era sempre a mesma coisa. Como a expectativa era nula, eu me mostrava espontâneo e o apresentador reagia dizendo: “Isso é fascinante!”

Logo percebi que, em uma entrevista de entretenimento, eu podia simplesmente inventar o que quisesse! Eu dizia coisas do tipo: "Em 1968, a *Playboy* fez uma pesquisa e 80% das mulheres odiavam fisiculturistas. Mas agora a situação se inverteu e 87% delas adoram caras musculosos." Eles adoravam.

Participar do programa de Merv Griffin teve outra consequência inesperada. No dia seguinte à entrevista, recebi na academia um telefonema de Gary Morton, marido e sócio de Lucille Ball. "Vimos você ontem na TV", disse ele. "Achamos muito engraçado. Ela tem um emprego para você." Na época, Lucille Ball era a mulher mais poderosa da televisão. Tinha ficado famosa no mundo inteiro por causa das séries *I Love Lucy*, *The Lucy Show* e *Here's Lucy*, e era a primeira mulher na TV a se afastar dos grandes estúdios e administrar uma produtora própria, graças à qual havia ficado rica. Morton me explicou que ela estava preparando um especial de TV com Art Carney, mais conhecido como o Ed Norton de *The Honeymooners* (Os recém-casados), uma série dos anos 1950. Ela queria que eu fizesse o papel de um massagista. Será que eu poderia passar na produtora naquela tarde para dar uma lida no roteiro? De repente, Lucy pegou o telefone e disse: "Você estava incrível! Sensacional! Nos vemos mais tarde, certo? Dê uma passada aqui, nós adoramos você."

Fui até a produtora e alguém me deu o roteiro para ler. O programa se chamava *Happy Anniversary and Goodbye* (Feliz aniversário de casamento e adeus). À medida que lia, minha animação crescia. Lucille Ball e Art Carney fazem um casal de meia-idade, Norma e Malcolm. Suas bodas de prata estão chegando, mas, em vez de comemorar, Malcolm declara que se cansou da mulher e diz que quer se divorciar dela. Como Norma também está farta do marido, os dois concordam em dar um tempo e ele sai de casa. Só que volta ao apartamento para pegar alguma coisa que esqueceu e encontra Norma, seminua, deitada em cima de uma mesa, recebendo uma massagem. Ela exagera na situação para deixá-lo enciumado, acarretando uma briga hilária na qual o massagista, que se chama Rico, acaba envolvido.

Eu faria o massagista. Era um papel de sete minutos em um programa de uma hora, e pensei: "Essa exposição é *ótima*. Vou aparecer na televisão junto com Lucille Ball e Art Carney!" Como *Hércules em Nova York* não tinha chegado a ser lançado, aquela seria minha estreia na tela, para um público de milhões de pessoas.

Estava sonhando acordado com isso quando me ligaram para fazer uma leitura do roteiro. Lucille, Gary Morton e o diretor estavam presentes, e ela me recebeu muito bem.

– Você estava engraçado mesmo ontem à noite! – comentou ela. – Tome, vamos ler.

Era tudo tão novo para mim que eu não fazia a menor ideia de que, ao ler um roteiro, eu devia representar o papel. Sentei-me à mesa com eles e disse minhas falas todas literalmente, palavra por palavra, como se estivesse mostrando a um professor que sabia ler.

– "Oi meu nome é Rico e eu sou italiano e lá na Itália eu era caminhoneiro mas aqui sou massagista."

Então ela disse:

– *Tuuudo* bem.

Reparei que o diretor estava olhando para mim. Em circunstâncias normais, eles teriam dito: "Muito obrigado por ter vindo. Vamos ligar para o seu agente." No meu caso, não podiam fazer isso, porque eu *não tinha* agente. Mas aquilo não era um teste de verdade, porque Lucille queria mesmo que eu fizesse o papel e não havia nenhum outro candidato. Eu só estava ali para ajudá-la a convencer Gary e o diretor.

Ela logo interveio para me salvar.

– Ótimo! – falou. – Mas me diga uma coisa: você entende o que está acontecendo nessa cena? – Quando eu respondi que sim, ela pediu: – Então me explique, em poucas palavras.

– Bem, me parece que eu fui à sua casa porque você me pediu para ir lhe fazer uma massagem, e você está se divorciando ou se separando, algo assim, e eu sou muito musculoso porque era caminhoneiro na Itália – respondi. – Mas agora moro nos Estados Unidos e ganho dinheiro não como caminhoneiro, mas como massagista.

– *Exatamente*. Você consegue me dizer isso de novo na hora certa, quando eu perguntar?

Dessa vez nós fizemos a cena: eu toquei a campainha, entrei com a mesa de massagem e montei tudo. Ela olhou, boquiaberta, para meus músculos e perguntou:

– Como você conseguiu ficar assim?

– Ah, eu na verdade sou italiano. Era motorista de caminhão lá, depois virei massagista, e estou muito feliz por estar aqui hoje e poder fazer uma massagem na senhora... – Ela quase enlouqueceu quando me ouviu dizer isso. – Depois tenho mais uma massagem, em outro lugar. Ganho um dinheirinho fazendo isso, além de ser bom para os músculos.

– Agora vamos improvisar – disse ela.

Então inventei uma fala:

– Deite-se para que eu possa começar.

– Ótimo, ótimo! – exclamou ela. – O que acham, rapazes?

– Foi engraçado o jeito como ele explicou, e o sotaque italiano – respondeu o diretor.

– Não, o sotaque é alemão, mas para vocês é tudo igual – falei.

Eles riram.

– Está bem, o papel é seu – disseram.

Art Carney, Lucille e eu passamos uma semana ensaiando essa cena diariamente. Carney acabara de ganhar o Oscar de melhor ator por *Harry, o amigo de Tonto.* Era um ator muito engraçado, que acabamos descobrindo ter mais dificuldade ainda do que eu para decorar as falas. Por fim, na sexta-feira, eles me disseram:

– Na segunda, quando você voltar, vamos gravar ao vivo.

Eu me sentia pronto e falei que tudo bem.

Na segunda-feira, estava na sala de espera dos bastidores com alguns dos outros atores. Então alguém entrou e disse:

– Sua cena está pronta. – Fui conduzido por trás do estúdio até a porta pela qual deveria entrar. – Espere aqui. Quando a luz verde se acender, toque a campainha e comece a cena do mesmo jeito que ensaiamos.

Então fiquei ali esperando, segurando a mesa de massagem pela alça. Estava de short e tênis, e com um casaco que deveria tirar durante a cena para revelar uma camiseta sem manga e os músculos por baixo, bem aquecidos e untados com óleo.

A luz verde se acendeu e eu toquei a campainha. Quando Lucille abriu a porta, entrei no cenário e disse minha primeira fala:

– Meu nome é Rico.

De repente, ouvi risadas e aplausos.

Isso nós não tínhamos ensaiado. Eu não fazia a menor ideia de que "gravar ao vivo" naquele caso significava ser filmado por três câmeras em um estúdio com plateia. Nunca tinha ouvido essa expressão na vida – como eu, um fisiculturista que jamais tivera qualquer envolvimento com a TV, poderia saber disso? Nesse meio-tempo, Lucille, totalmente imbuída da personagem de Norma e parecendo hipnotizada por minhas pernas musculosas, deu uma boa risada e disse:

– Ah, s-sim... Entre, por favor... Ah, você já entrou. – E se apressou em fechar a porta atrás de mim.

Minha fala seguinte deveria ter sido: "Onde a senhora prefere, aqui mesmo ou no quarto?" Só que eu fiquei paralisado, segurando a mesa de massagem sob os refletores e ouvindo os aplausos e risos de mil pessoas tomarem conta do estúdio.

Lucille, que era uma profissional experiente, viu o que estava acontecendo e improvisou:

– Bom, não fique aí olhando para a parede! Você veio me fazer uma massagem... *não foi*?

Então eu me lembrei da fala e daí em diante a cena correu muito bem. A plateia aplaudiu o tempo todo.

Ela era tão boa que realmente me deu a impressão de estar fazendo perguntas que eu tinha de responder; não tive a sensação de estar atuando. Aquela era uma verdadeira aula – em vez de ser pago, era eu quem deveria pagar. Depois disso, Lucille passou vários anos acompanhando minha carreira como se fosse minha mãe de verdade. Apesar da reputação de durona, comigo ela era um doce. Sempre que um filme novo meu estreava, ela me escrevia cartas elogiosas. Esbarrei com ela várias vezes em eventos de celebridades, e ela sempre me dava um abraço e fazia a maior festa. "Eu assumo todo o crédito por este rapaz. Ele vai ser um grande astro", dizia.

Lucille me deu conselhos sobre Hollywood. "Lembre-se: quando eles

disserem 'não', você deve ouvir 'sim' e agir de acordo com isso. Se alguém lhe disser 'Não podemos fazer esse filme', dê-lhe um abraço e diga: 'Obrigado por acreditar em mim.'"

TIVE QUE TOMAR CUIDADO PARA não deixar que minhas aventuras na televisão me distraíssem dos treinos. Em julho, Franco e eu passamos a malhar em intensidade máxima, duas vezes por dia, em preparação para as competições de outono. Eu iria defender meu título de Mister Olympia pelo quarto ano consecutivo, mas, sob alguns aspectos, aquela edição seria muito especial. Pela primeira vez, a disputa iria acontecer no Madison Square Garden, principal casa de shows de rock e eventos esportivos de Nova York. É verdade que ainda era o teatro chamado Felt Forum, com 4.500 lugares, e não a arena com capacidade para 21 mil espectadores. Ainda assim, era no Madison Square Garden que as pessoas tinham ido ver Muhammad Ali e Joe Frazier lutarem pela primeira vez, ou assistir a Wilt Chamberlain e Willis Reed jogarem. Era lá que se ia para ver Frank Sinatra e os Rolling Stones se apresentarem. Era lá que se realizavam os grandes torneios esportivos universitários.

O fisiculturismo, portanto, estava dando um grande passo. As pessoas tinham me visto na TV. O livro *Pumping Iron* estava prestes a ser lançado. E, graças ao trabalho incansável de George Butler, a edição de 1974 do campeonato Mister Olympia estava tendo uma divulgação jamais vista. Delfina Rattazzi, amiga de Charles Gaines, herdeira da fortuna da Fiat e mais tarde assistente de Jacqueline Kennedy Onassis na editora Viking, daria uma festa de lançamento do livro em seu apartamento após o evento. Ela havia convidado dezenas de pessoas glamorosas e importantes que antes teriam torcido o nariz para o fisiculturismo. Eu não sabia aonde aquilo tudo iria dar, mas tinha certeza de que queria estar na melhor forma possível.

Os jornalistas das revistas de Joe Weider se superaram para valorizar o evento, chamando-o de "Super Bowl do fisiculturismo". O Madison Square Garden era "um Coliseu romano moderno". Os concorrentes eram "gladiadores travando um combate vascular mortal". O evento em si era "a maior guerra de músculos de 1974", o "duelo de titãs".

A empolgação dessa edição girava em torno do mais recente menino prodígio do fisiculturismo, Lou Ferrigno, um gigante de 1,96 metro e 120 quilos nascido no Brooklyn. Com apenas 22 anos, ele só melhorava com o passar do tempo. Vencera as disputas de Mister América e Mister Universo em 1973 e agora estava treinando para me arrancar o título de Mister Olympia. Lou estava sendo chamado de "o novo Arnold". Dono de uma estrutura corporal sensacional, ombros largos, um abdômen inacreditável e um potencial fora do normal, ele não pensava em nada a não ser treinar e vencer. Para ser mais preciso, Lou treinava seis horas por dia, seis dias por semana – muito mais do que meu próprio corpo poderia suportar. Eu adorava ser campeão, porém o que mais tinha a provar depois de ganhar o Mister Olympia

por quatro anos seguidos? Além disso, meus negócios estavam se expandindo e eu talvez tivesse dado o pontapé inicial em minha carreira no cinema. Enquanto treinávamos para a edição de Nova York, decidi que ela seria minha última competição.

Ferrigno vencera a disputa de Mister Internacional organizada por mim e por Franco em Los Angeles. Ele era imenso e simétrico; se eu fosse jurado, também o teria escolhido, embora sua definição ainda não fosse perfeita – assim como a minha quando eu chegara aos Estados Unidos – e suas poses precisassem ser mais bem ensaiadas. Se eu tivesse o corpo dele, poderia tê-lo esculpido em um mês para derrotar qualquer um – até a mim mesmo. Eu gostava de Lou, que era um cara simpático e discreto, de uma família carinhosa e trabalhadora. Tinha ficado parcialmente surdo quando criança e precisara superar muitas dificuldades desde então. Na época ganhava a vida como operário na indústria de chapas de metal e seu treinador era o pai, um tenente da polícia de Nova York que o fazia dar duro. Eu podia ver como o fisiculturismo deixava Lou orgulhoso. Além do corpo escultural, o esporte o tornava alguém. Agradava-me a ideia de um sujeito capaz de derrotar todos os obstáculos. Eu sabia o que ele devia pensar a meu respeito. Quando mais jovem, tinha sido meu fã, então me via da mesma forma que eu um dia vira Sergio Oliva: o campeão que acabaria tendo que derrotar.

Mas eu não achava que ele fosse estar pronto. Aquele não seria o seu ano. Assim, treinei com dedicação, mantive a discrição e não levei a sério quando as pessoas me diziam: "Arnold, é melhor você se cuidar. Se os jurados estiverem atrás de uma cara nova..." Ou então: "Weider acha você independente demais. Talvez ele esteja querendo uma nova estrela."

Lou chegou a Nova York a alguns dias da competição, pouco depois de defender o título de Mister Universo em Verona, na Itália. Em uma entrevista antes da disputa, seu pai se gabou de que, se Lou vencesse, iria manter o título por uma década. "Não há ninguém no horizonte capaz de enfrentá-lo." Na manhã da competição, porém, Lou faltou a um programa de entrevistas ao qual fora convidado junto comigo e com Franco. "Ele é tímido, deve estar suando frio", intuí. No ar, brinquei: "Ele deve estar em casa olhando para o meu corpo e andando de um lado para outro em frente à televisão, posando e pensando se deve competir."

Nessa noite, no Madison Square Garden, Lou não chegou nem perto do troféu. Na hora da pose final, estava com uma cara deprimida, como um novato que acaba de cometer um erro. E era verdade. Ele tentara com tanto afinco ganhar definição que perdera peso demais, o que fez seu corpanzil parecer magro e menos musculoso do que o meu. No palco, diante de uma multidão, eu copiei suas poses, fazendo cada uma delas melhor do que ele. Então chegou um momento em que ficamos frente a frente, em poses de bíceps espelhadas, e eu dei um sorrisinho como quem diz: "Você perdeu." Ele sabia, os jurados sabiam e o público também.

Franco e eu não ficamos no Madison Square Garden por muito tempo

depois da disputa. Junto com o casal Weider e meu velho amigo Albert Busek, que viajara de Munique para cobrir o evento, saímos discretamente para a festa de lançamento do *Pumping Iron* na casa de Delfina. Assim que entramos no apartamento dela, *eu* passei a ser o novato. Delfina morava em um tríplex gigantesco perfeitamente decorado e bastante moderno. Quadros pendiam do teto, e não das paredes, então você podia se jogar doidão em cima de um dos sofás e ficar de papo para o ar admirando as obras de arte.

Um fluxo sem fim de pessoas abarrotava os imensos cômodos do apartamento. A festa tinha garçons servindo comes e bebes e parecia muito bem organizada, embora eu nunca tivesse visto algo daquele tipo antes, de modo que não tinha base para comparação. Foi extraordinário. Eu nunca vira aquele tipo de gente – a elegância, os saltos altos, as joias, as mulheres estonteantes, atores, diretores, personalidades do mundo da arte e da moda e muita gente que eu sequer sabia quem era. Vi que era uma coisa meio europeia, com convidados muito sofisticados em matéria de vestuário (ou falta de), homossexuais e figuras meio estranhas – havia de tudo.

Minha única reação foi balançar a cabeça e dizer: "Isto vai ser interessante." Eu não esperava aquilo. Era meu primeiro gostinho do que o show business e a fama me proporcionariam em Nova York. Por mais vezes que você visite a cidade como turista ou a trabalho, nunca consegue de fato penetrar em seus círculos. Mas ali eu sentia que estava sendo aceito – ou pelo menos estava assistindo ao espetáculo sentado na primeira fila.

O guarda-costas

BOB RAFELSON ESTAVA HOSPEDADO NA SUÍTE do diretor e produtor Francis Ford Coppola no hotel Sherry-Netherland, de frente para o Central Park, e na véspera do Mister Olympia me convidou para conhecer o lugar. Eu não sabia que um apartamento do hotel podia ser daquele jeito, do tamanho de uma casa. Fiquei bastante impressionado. Até então, só tinha me hospedado em hotéis das redes Holiday Inn e Ramada. E ele tinha um imóvel daqueles e sequer morava nele! Coppola o usava apenas para hospedar seus amigos. A suíte tinha lindos quadros e móveis e contava com serviço de quarto 24 horas por dia. Fiquei perplexo com a coleção de vídeos, uma parede inteira de filmes organizados por gênero: musical, ação, drama, comédia, história, pré-história, animação e assim por diante.

Na noite seguinte, no lançamento do livro, os amigos de Bob estavam todos lá me observando. Ele os convidara porque queria saber sua opinião. Eles gostavam da minha personalidade? Será que eu ficaria bem no seu filme?

Gaines e Butler o vinham pressionando desde o começo para ele me dar o papel do fisiculturista em *O guarda-costas*. Eu também estava insistindo. "Onde mais você vai encontrar um corpo como este aqui?", perguntava. "Chamar um ator profissional é um erro! Eu consigo fazer tudo aquilo! Tenho certeza de que vou saber atuar se você me dirigir direito." Quando Charles me contou a sinopse do filme, achei-a divertida. A ação se passa na cidade de Birmingham, no Alabama, onde ele fora criado. O herói, Craig Blake, é um jovem aristocrata do Sul que herdou uma fortuna e precisa se encontrar. Ele é um playboy que frequenta o country club da cidade e trabalha como testa de ferro para empreendedores inescrupulosos que estão tentando comprar em segredo um quarteirão no centro da cidade. Um dos negócios que eles precisam adquirir é uma academia de fisiculturismo.

Assim que Craig põe os pés no local, seu mundo começa a mudar. Ele se encanta pela bela recepcionista, uma garota do interior chamada Mary Tate Farnsworth, e fica fascinado pelo esporte. O principal atleta da academia, Joe Santo, é um índio americano que está treinando para o Mister Universo. É um cara brincalhão e divertido, que às vezes vai malhar fantasiado de Batman. Joe e os outros atletas acabam influenciando o herói, e ele começa a aderir à filosofia de Joe: "Não dá para evoluir sem sentir dor. Eu não gosto de ficar

acomodado. Gosto de continuar ávido." Ao se envolver com as pessoas ligadas à academia, Craig descobre que não pode traí-las, e a trama parte daí.

Rafelson já tinha contratado seu amigo Jeff Bridges para fazer Craig – o que era bem animador, porque Bridges era um jovem talento em ascensão que já havia estrelado *A última sessão de cinema* e o mais recente filme de Clint Eastwood, *O último golpe*. Charles Gaines achava que eu seria perfeito no papel de Joe Santo e transformou o índio americano em um austríaco.

Talvez tenha sido o fato de me ver na TV contracenando com Art Carney e Lucille Ball que finalmente fez Rafelson se decidir. Ele me ligou depois da exibição de *Happy Anniversary and Goodbye*, no final de outubro, para me dizer que o personagem era meu. "Você é o único que tem a personalidade e o corpo adequados para o papel", falou. "Mas, antes que você comece a comemorar, precisamos nos encontrar amanhã para uma conversa."

No dia seguinte, quando nos encontramos na Zucky's de Santa Monica para almoçar, Bob só falou de trabalho. Era a primeira vez que eu o via se comportar como diretor de cinema. Ele assumiu o comando da conversa e tinha muito a dizer. "Quero que você faça o papel principal no filme, mas não vai ganhá-lo de bandeja", começou. "Você vai ter que fazer por merecer. Por enquanto, tenho a sensação de que você não é capaz de encarar uma câmera e transmitir toda a gama de emoções que eu preciso." Eu não sabia o que ele queria dizer com aquilo, mas, à medida que ele falava, comecei a entender.

"Quando as pessoas pensam em um fisiculturista, a maioria delas imagina um cara que entra em uma sala, derruba tudo e põe o lugar abaixo. Quando esse cara abre a boca, ele é rude e diz coisas grosseiras.

Olhei para ele com interesse e ele prosseguiu: "Mas eu comprei os direitos do livro em parte porque esse cara, além de forte, é sensível. Nós o vemos levantar centenas de quilos, mas na cena seguinte ele é capaz de pegar um copo e dizer: 'Sabe o que é isto aqui? Cristal Baccarat. Veja como é lindo, como é delicado.' Isso é só um exemplo. Ele adora música. Sabe tocar flauta. Sabe avaliar a qualidade de um violão. Sua sensibilidade e intuição são quase femininas. São essas nuances que constroem o personagem. Algo bem difícil de conseguir."

Fiz uma anotação mental: teria que fazer aulas de flauta.

"Por exemplo", continuou Bob, "você me disse que o fisiculturismo é uma arte. Mas eu quero que você seja capaz de interagir com a atriz principal e, quando ela disser 'Nossa, que panturrilhas!', responder: 'Bom, a panturrilha é uma parte muito importante do corpo. Para ganhar a competição, não basta ter um músculo saltado na batata da perna. O músculo tem que ter a forma de um coração invertido. Está vendo? E as medidas da panturrilha, do antebraço e do pescoço têm que ser as mesmas. É assim desde a época dos gregos. Quando você vir esculturas gregas, repare que elas têm lindas proporções. Não são só os bíceps que são grandes, mas os ombros e as panturrilhas também.'"

Bob queria que eu conseguisse explicar tudo isso não como um fisiculturista, mas como um artista ou um historiador da arte: com

sentimento. "E *ainda por cima* você vai ter que fazer isso na frente das câmeras. Eu já o ouvi falar assim algumas vezes, mas será que vai conseguir quando eu disser 'Ação!'? Será que vai conseguir quando eu fizer o close, o contraplano, o plano geral e o *plongée*? Vai conseguir manter o personagem nessa hora, e no dia seguinte tornar a entrar no mesmo personagem quando houver uma sessão de treinos puxada no roteiro, na qual você e os outros levantam cargas superpesadas? É isso que torna esse papel único."

E sua lista de exigências ainda não tinha terminado.

"Além do mais, se você for Joe Santo, vai ter que lidar com o ambiente de um country club no Sul do país, com todas aquelas pessoas meio idiotas, que vivem dando festas de arromba e estão o tempo todo bêbadas. Tudo o que você tem, conseguiu graças ao trabalho. Aí vem um cara chamado Craig Blake, que herdou uma fortuna e vive para lá e para cá com seus ternos caros, querendo ser seu amigo. Como você se sente em relação a isso?"

Fiz que ia responder à sua pergunta, mas ele se apressou a continuar:

"Eu acho que você consegue aprender a fazer tudo isso, mas quero que tenha aulas de interpretação antes de começarmos a filmar."

Bob devia estar esperando alguma resistência da minha parte, porque pareceu surpreso quando concordei. Fiquei animado. Não apenas alguém finalmente me explicava em que consistia de fato a interpretação no cinema como também transformava isso em um desafio. Eu não estava sendo contratado apenas porque ele me vira ganhar o Mister Olympia e porque eu me dava bem com seus amigos atores. Eu tinha que fazer por merecer, justamente como gostava.

Bob ainda impunha uma condição, e essa era bastante difícil: queria que eu passasse de 109 para 95 quilos. "A câmera faz o corpo parecer maior", explicou. "Além disso, não quero que você deixe os outros atores intimidados com seu tamanho. Você pode pesar 95 quilos e ainda assim vender a ideia de ser Mister Universo."

Era um pedido e tanto. Eu sabia que o único jeito de pesar 95 quilos era abandonar a visão que tinha de mim mesmo como o cara mais musculoso do universo. Eu não podia ter as duas coisas. Assim, fui forçado a tomar a decisão para a qual, de toda forma, já estava tendendo: aposentar-me das competições. Já praticava o fisiculturismo havia 12 anos, e a filosofia do filme me atraía. Eu gostava da ideia de ser ávido por algo e nunca ficar acomodado. Quando tinha 10 anos, queria ser bom o suficiente em algo que fosse reconhecido no mundo inteiro. Agora, queria ser bom o suficiente em outra coisa para me distinguir mais uma vez e me tornar ainda melhor do que antes.

O professor ao qual Rafelson me encaminhou, Eric Morris, já fora instrutor de interpretação de Jack Nicholson. Ele tinha um estúdio em Los Angeles, e até hoje me lembro de seu endereço e telefone de cor, pois o indiquei a várias pessoas ao longo dos anos. Logo na entrada do estúdio havia uma placa junto à porta que dizia: "Não faça teatro." Fiquei pensando sobre isso na primeira vez que li, mas a produtora estava me pagando três meses de aulas particulares

e eu estava pronto para tentar.

Morris era um cara magrelo que beirava os 40 anos, com cabelos louros desgrenhados e um olhar penetrante. Seu lema completo era: "Não faça teatro. Seja real." Ele vivia falando com grande entusiasmo a respeito das descobertas que tinha feito e sobre o que faltava nas outras teorias de interpretação. Eu não conhecia nenhuma outra teoria de interpretação. Sabia, porém, que o mundo que ele me revelou era de deixar qualquer um maravilhado.

Foi a primeira vez que ouvi alguém articular ideias sobre as emoções: intimidação, inferioridade, superioridade, constrangimento, incentivo, conforto, desconforto. Um mundo inteiramente novo de palavras se descortinou para mim.

Era como começar a trabalhar em uma nova profissão e de repente aprender o vocabulário relacionado ao ofício, e pensar: "Eu não sei nem como se escrevem essas coisas." Um oceano inteiro de palavras que eu ouvia sem parar até finalmente perguntar: "O que significa isso?"

O processo estava ampliando meus horizontes para lugares que eu antes ignorava. Nas competições, eu sempre reprimia minhas emoções. É preciso controlar os próprios sentimentos para não correr o risco de ser derrubado. As mulheres viviam falando em sentimentos, mas eu considerava isso uma bobagem. No meu plano não havia espaço para as emoções. Não que eu admitisse isso para elas, porque essa declaração não lhes agradava muito. Eu simplesmente ouvia sem prestar atenção e dizia: "É, sei como é." Atuar era o contrário. Era preciso se deixar afetar e manter a guarda baixa, pois era assim que se virava um grande ator.

Sempre que era preciso exprimir alguma emoção em cena, Morris o fazia voltar no tempo e resgatar alguma lembrança sensorial. Digamos que você associasse o cheiro de café sendo feito à época em que tinha 6 anos e sua mãe preparava essa bebida, provavelmente não para você, mas para seu pai. Você se imaginava na cozinha, visualizava como era esse cômodo com seu pai e sua mãe presentes, e isso o fazia entrar em um estado emocional específico. O que o levava até lá era o cheiro de café. Ou então um cheiro de flores, talvez da primeira vez que você comprou um buquê para uma namorada. Você a visualizava na sua frente: o sorriso, o jeito de beijar, e isso também causava determinada disposição. Ou, ainda, se você ouvisse um rock dos anos 1960, a música poderia transportá-lo para uma época em que alguém punha o rádio para tocar na academia enquanto você malhava. Morris estava me ajudando a identificar os elementos que desencadeavam emoções específicas das quais eu poderia precisar no filme. Ele dizia: "Nas competições, quando estava ganhando, você se sentia eufórico ou excessivamente empolgado? Talvez possamos usar isso em uma cena."

Tive que explicar que eu na verdade não ficava especialmente empolgado quando ganhava, pois vencer, para mim, era natural. Fazia parte da profissão. Eu tinha obrigação de ganhar. Então não sentia nada do tipo "Caramba! Ganhei!". Em vez disso, pensava: "Muito bem, essa etapa está concluída.

Vamos à competição seguinte."

Disse que sempre achava as surpresas mais empolgantes. Quando era aprovado em todas as matérias na universidade, saía de lá eufórico, porque, embora esperasse passar, ainda assim era uma surpresa agradável. Ou então quando ia a uma festa de Natal e ganhava um presente inesperado. Expliquei isso a ele. Então Morris disse apenas: "Está bem, vamos voltar para esses momentos."

Ele continuou a me fazer perguntas. Quando eu havia me apaixonado pela primeira vez? Em que situações me sentira excluído? Que sensação tivera ao sair de casa? E quando meus pais me disseram que estava na hora de eu começar a lhes pagar pela minha comida se quisesse continuar morando em sua casa? Os americanos não costumam fazer isso, então como eu tinha me sentido? Ele ia transitando por episódios diferentes até encontrar a emoção certa.

No início, detestei o processo todo.

– Até hoje eu nunca lidei com nenhuma dessas coisas de que você está falando – retruquei. – Não é assim que eu vivo.

Ele não acreditou.

– Você se vende como o tipo de cara que não tem emoções, mas não se iluda. Não prestar atenção a elas ou reprimi-las não significa que elas não façam parte de você. Na verdade, você nutre certos sentimentos, sim, porque posso vê-los estampados nos seus olhos quando diz determinadas coisas. Você não pode enganar um especialista.

Ele estava me ensinando a ter acesso a todos os sentimentos armazenados em minha mente.

– Todo mundo tem emoções – afirmou. – O segredo da arte de interpretar é conseguir despertá-las da forma mais rápida possível. Por que você acha que alguns atores conseguem chorar quando querem? Não estou falando de um choro puramente mecânico, mas de um choro real, no qual o rosto inteiro se contrai e a boca treme. Isso significa que o ator consegue pensar em algo realmente comovente muito depressa. E é muito importante que o diretor filme isso nas duas primeiras tomadas, porque o ator não consegue repetir muitas vezes o processo sem torná-lo mecânico. Não se pode manipular a mente com tanta frequência assim. Mas no caso de Bob Rafelson isso não me preocupa, porque ele com certeza é o diretor certo. Tem plena consciência disso tudo.

Numa das cenas de *Cada um vive como quer* Jack Nicholson chora. Eric me contou que Rafelson parou de filmar e passou duas horas conversando com o ator, até ver que ele estava começando a se emocionar. Falavam sobre alguma coisa relacionada à vida de Jack, em voz baixa, para que as outras pessoas do set não escutassem. Então de repente Bob ergueu a voz e disse: "Ótimo, Jack, fique assim." Os outros atores entraram, a cena foi filmada e Jack chorou.

"Foi Bob quem o guiou", contou-me Eric. "Às vezes é difícil, outras vezes é fácil, às vezes não acontece e você tem que tentar outro dia. O que estou

tentando fazer é lhe dar as ferramentas", continuou ele. "Você pode não ter chorado quando seu irmão morreu e pode não ter derramado uma lágrima ao saber da morte do seu pai. Mas fica abalado com o fato de eles terem morrido e de agora você e sua mãe estarem sozinhos?" Ele tentou de tudo, mas era como se estivéssemos diante de um muro. Eu não conseguia. Nada funcionou. Decidimos que aprender a chorar ficaria para depois.

Além das sessões particulares, eu também tinha aulas em grupo três vezes por semana, das sete às onze da noite. Éramos 20 alunos fazendo cenas ou exercícios de interpretação. Alguns eram divertidos. Ele escolhia um tema, por exemplo raiva e frustração, e pedia: "Quero que todo mundo fale sobre isso. O que deixa vocês frustrados?" Durante a primeira hora, todos contávamos histórias sobre ocasiões em que tínhamos experimentado esses sentimentos. Então ele continuava: "Muito bem. Vamos gravar essa emoção. Agora quero que alguém me diga algumas frases que mostrem essa frustração." E nós improvisávamos sobre esse tema. A aula seguinte podia girar em torno da leitura de um roteiro, ou de um teste para um papel, e assim por diante.

Essas noites eram bem menos divertidas quando Morris se lembrava de coisas que eu havia dito durante uma aula particular e contava para a turma inteira. Era assim que ele tentava atingir um ponto fraco meu. Não hesitava em me pressionar ou me constranger. Por exemplo, eu podia estar lendo frases do roteiro de *O guarda-costas* que tínhamos ensaiado e ele me interrompia para dizer: "Que porra foi essa? Sério, é o melhor que você consegue? Hoje à tarde, quando fizemos essa cena, fiquei todo arrepiado. Agora não senti nada. Estou percebendo que você está tentando fingir, ou tentando usar um recurso de interpretação. Isto que estou vendo não é um recurso de interpretação. É totalmente diferente. Faça de novo."

Todas as aulas particulares eram, de uma forma ou de outra, centradas no roteiro do filme. Morris me disse: "Nós vamos ler esse roteiro linha por linha e analisar até mesmo as cenas que não tiverem nada a ver com você, porque na verdade você vai ver que elas têm. Temos que descobrir por que você está no Sul do país e o que significa para você conhecer o pessoal do country club, que vive desperdiçando o dinheiro que herdou e passa as noites bebendo. Temos que entender o clima da cidade, a academia de fisiculturismo, os escroques que estão enganando todo mundo." Então percorríamos o roteiro página a página, linha a linha. Conversávamos sobre cada cena, depois eu começava a decorar as falas e as analisávamos uma segunda vez. Eu dizia meu texto para ele, depois mais uma vez à noite, na frente dos 20 outros alunos. Ele pedia a uma das garotas que lesse as falas de Mary Tate.

Então Morris me levava para ler diante de Bob Rafelson. Eu via a procissão de atores – tanto homens quanto mulheres – que passavam pelo escritório dele fazendo testes para outros papéis. Caso eu ainda tivesse alguma dúvida, isso me lembrou de que esse filme era uma grande oportunidade para mim. Rafelson fez questão de me mostrar os macetes e de me ensinar as lições que iam além da simples interpretação. Passava o tempo inteiro explicando por

que fazia as coisas: "Escolhi esse cara porque ele parece um sócio de country club", ou "Vamos filmar no Alabama porque na Califórnia nunca conseguiríamos aquela paisagem verde luxuriante, nem os bares que servem ostras, nem o cenário que precisamos para tornar a história autêntica".

Quando ele escolheu Sally Field para interpretar Mary Tate, quis que isso servisse como uma grande lição.

– Viu só? – falou. – Eu testei uma porção de garotas e no fim das contas a melhor foi a Noviça Voadora!

– Noviça Voadora? O que é isso? – perguntei.

Ele me disse que estava se referindo a Sally Field, que todos conheciam como Noviça Voadora por causa da irmã Bertrille, personagem que ela interpretara por muitos anos em uma série na TV. Depois dessa explicação, ele quis demonstrar algo ainda mais importante.

– Todo mundo acha que sabe o que uma garota tem que fazer para conseguir o papel: trepar com o diretor – falou. – E várias jovens vieram me oferecer justamente isso. Garotas peitudas, com cabelos lindos e corpos perfeitos. Mas, no final, quem foi contratada foi a Noviça Voadora. Ela não é peituda, não tem o corpo cheio de curvas e não se ofereceu para trepar comigo, mas tem o que eu mais precisava para esse papel: talento. É uma atriz séria, e quando veio aqui para fazer o teste eu fiquei maravilhado.

Como esse era o meu primeiro grande trabalho e eu não era ator profissional, Bob achou que também seria bom eu dar uma olhada em como os filmes eram feitos. Então ligou para alguns sets e combinou que eu assistiria às filmagens durante uma hora. Foi uma experiência bacana ver como todos ficam em silêncio quando o diretor diz: "Rodando." Foi bom aprender que "ação" não quer dizer necessariamente ação – os atores podem ainda estar se ajeitando e perguntando: "Qual é mesmo a minha primeira fala?"

Esse foi o jeito de Bob me ensinar que, sim, haveria 13 tomadas, e sim, isso era normal, mas eu devia me lembrar de que apenas uma seria vista. Ele me disse que eu não precisava me preocupar quando ele falasse pela 13a vez: "Vamos repetir." Ninguém ia saber. "E também não se preocupe", continuou ele, "se você tossir no meio de uma cena. Eu corto esse pedaço na montagem e cubro o que falta com cenas filmadas deste ângulo aqui e daquele outro."

Quanto mais tempo eu passava no set, mais à vontade me sentia.

Depois de escalar Sally Field, Bob ficou especialmente obcecado com a necessidade de eu perder peso. Ela era tão magrinha que ele temia que, se eu não emagrecesse, a fizesse sumir na tela. "Quando chegarmos a Birmingham, se você não estiver pesando 95 quilos, está fora do filme", ameaçou. Não existia nenhuma aula com Eric Morris em que ele ensinasse uma estrela do fisiculturismo a emagrecer, então tive que me virar sozinho. Primeiro, precisei mudar minha forma de pensar: deixar de lado a imagem de um Mister Olympia de 113 quilos que tinha na cabeça. Em vez disso, comecei a me visualizar como um homem esbelto e atlético. De repente, o que via no espelho não se encaixava nessa imagem. Essa técnica ajudou a acabar com

minha vontade de tomar todos aqueles suplementos de proteína e comer as porções extras de carne e frango com as quais estava acostumado. Passei a me ver mais como corredor do que como levantador de pesos e mudei todo o meu regime de treinos para enfatizar a corrida, o ciclismo e a natação em vez da musculação.

Ao longo de todo o inverno, os quilos a mais foram desaparecendo e eu fiquei satisfeito. Ao mesmo tempo, contudo, minha vida estava ficando intensa demais. Eu cuidava do meu negócio de vendas por correspondência, ia às aulas de interpretação, ia à faculdade, malhava três horas por dia e trabalhava em obras de construção. Era demais para uma pessoa só. Muitas vezes, me sentia sobrecarregado e começava a pensar: "Como posso continuar dando conta de tudo isso? Como faço para não ficar pensando na tarefa seguinte quando ainda estou na anterior? Como faço para pensar em uma coisa de cada vez?"

A meditação transcendental era muito popular entre o pessoal da praia em Venice. Havia um cara lá de quem eu gostava, um magrelo que fazia ioga, mais ou menos o oposto de mim. Nós sempre batíamos papo, e depois de algum tempo descobri que ele era instrutor de meditação transcendental. Ele me convidou para uma de suas aulas em um centro perto da UCLA. Tinha uma bobajada envolvida no processo: era preciso levar um pedaço de fruta e um lenço e fazer uns pequenos rituais. Mas eu não liguei para isso. Ouvi-los falar sobre a necessidade de se desligar e arejar a mente foi como uma revelação. "Arnold, você é um idiota", pensei. "Passou esse tempo todo cuidando do corpo, mas nunca pensou na sua mente, em como torná-la mais afiada e aliviar o estresse. Quando tem cãibra em algum músculo, você o alonga, entra na hidromassagem, põe gelo, aumenta o consumo de sais minerais. Então por que nunca pensou que a mente também pode ter um problema? Pode estar estressada demais, cansada, entediada, desanimada, prestes a explodir... Vamos aprender algumas técnicas para lidar com isso."

Eles me ensinaram a entoar um mantra e a fazer sessões de meditação de 20 minutos para alcançar um estado em que não pensaria em absolutamente nada. Ensinaram-me a desligar a mente a ponto de não ouvir o tique-taque do relógio ao fundo ou as pessoas conversando. Se você for capaz de fazer isso nem que seja por alguns segundos, os efeitos já serão positivos. Quanto mais conseguir prolongar esse período, melhor.

No meio disso tudo, Barbara também estava passando por transformações. Ela e Anita, mulher de Franco, inscreveram-se no Seminário de Treinamento Erhard, um curso de autoajuda bastante popular. Convidaram-nos a participar, mas Franco e eu não achávamos que precisássemos daquilo. Sabíamos quais eram os nossos objetivos. Sabíamos o que queríamos. Tínhamos controle sobre nossas vidas, que era o que o curso supostamente ensinava a adquirir.

O truque da primeira aula era que ninguém podia sair da sala para ir ao banheiro. A ideia era que, se você não consegue controlar nem mesmo sua própria bexiga, como vai conseguir controlar a si mesmo ou qualquer outra

pessoa ao seu redor?

Eu ficava assombrado com o fato de as pessoas pagarem por aquilo! No entanto, se Barbara e Anita queriam tentar, por mim tudo bem.

Depois do primeiro fim de semana de curso, as duas voltaram bastante animadas e otimistas. Franco e eu começamos a pensar que talvez também devêssemos participar. No segundo fim de semana, porém, aconteceu algo que as deixou muito abaladas. Elas voltaram zangadas, pessimistas, achando que estava tudo errado nas suas vidas e prontas para culpar todo mundo à sua volta. Barbara estava uma fera com o pai. Era a mais nova de três irmãs e achava que ele a travava como o filho que nunca tivera. Discordei veementemente. Gostava muito do pai dela e não tinha sofisticação suficiente para entender o que ela estava dizendo. Para mim, não havia qualquer indicação de que ele a tratasse como menino. Ela então me acusou de estar obcecado pelo poder e de não lhe dar atenção suficiente.

Em geral nos dávamos muito bem, e fazia mais de três anos que morávamos juntos. Mas Barbara era uma pessoa normal, que queria coisas normais, ao passo que eu não tinha nada de normal. Minha determinação não era normal. Minha visão de aonde queria chegar na vida não era normal. A simples ideia de uma existência convencional era como criptonita para mim. Quando Barbara viu que eu estava me afastando do fisiculturismo e entrando para o cinema, acho que percebeu que não tínhamos futuro juntos. Logo depois que fui para o Alabama a fim de começar a filmar *O guarda-costas*, ela saiu de casa.

Fiquei muito triste com isso tudo. Barbara fazia parte da minha vida. Eu havia nutrido por ela sentimentos que jamais experimentara. Adorava a sensação reconfortante de ter a companhia de outra pessoa, de compartilhar a vida com ela, de não ter apenas minhas próprias fotos nos porta-retratos e de ter alguém com quem escolher móveis e tapetes para a casa. Sentir-me parte da família de Barbara era maravilhoso. Nós éramos uma unidade, porém de repente tudo se desfez. Tive muita dificuldade para entender. No início, pensei que Bob Rafelson tivesse dito a ela: "Preciso que Arnold seja mais sensível. Preciso vê-lo chorar. Se quiser ajudar nosso filme, saia de casa e o deixe bem na merda." Do contrário, parecia uma loucura ela ter ido embora.

Eu sabia que estava perdendo algo de grande valor. Minhas emoções me diziam que deveríamos ficar juntos, mas racionalmente eu a compreendia. Barbara queria sossegar, e eu precisava ficar livre para me transformar e crescer. Os anos que passei com ela me ensinaram uma grande lição: como ter um bom relacionamento pode tornar sua vida melhor.

BIRMINGHAM ERA UMA PEQUENA CIDADE industrial mais ou menos do tamanho de Graz, e as filmagens de *O guarda-costas* deixaram o lugar em polvorosa. Chegamos lá em abril de 1975 e em poucas semanas já era possível sentir o calor grudento do verão. Adorei isso. Nós ficamos lá por três meses e chegamos a conhecer muito bem a cidade, com todos os seus bares, as biroscas onde se comiam ostras, os restaurantes etc. O hotel em que o elenco se

hospedou era ótimo. Todas as pessoas eram muito simpáticas e, como Charles Gaines tinha nascido lá, fomos convidados para várias festas. Tendo acabado de romper com Barbara, achei bom passar um tempo fora de casa.

Assim que comecei a ensaiar com Sally Field, entendi o que Rafelson havia falado. Ela tinha pleno domínio do seu ofício e em poucos segundos era capaz de chorar, ficar com raiva ou exprimir o que quer que fosse preciso. Além do mais, era divertida, animada e cheia de energia. Fiquei grato a ela e a Jeff Bridges por me ajudarem a aprender. Jeff era um sujeito bem discreto, meio hippie, que gostava de tocar violão. Era um cara tranquilo de se conviver e muito, muito paciente. Dei duro para fazer a minha parte. Pedia aos outros integrantes do elenco que dissessem o que achavam da minha atuação e fiz Jeff me prometer que seria sincero.

No início, foi bastante difícil não levar as críticas para o lado pessoal, mas Rafelson já havia me alertado de que mudar de carreira seria complicado. Naquele mundo, eu não era o número 1 do universo; era apenas mais um candidato a ator. E ele tinha razão. Tive que deixar o orgulho de lado e dizer a mim mesmo: "Bem, você está começando de novo. Aqui você não é nada. É só um iniciante. Não passa de um novato ao lado desses outros atores."

No entanto, eu gostava do fato de um filme ser a soma dos esforços de dezenas de profissionais. Era preciso ter outras pessoas em volta para passar uma boa impressão, enquanto o fisiculturismo era muito mais orientado para o *eu*. Existe o parceiro de treino, claro, mas durante uma competição você sempre tenta ofuscar os outros diamantes para garantir que vá brilhar sozinho. Eu estava pronto para abandonar esse pensamento.

No fisiculturismo, você tenta reprimir as emoções e seguir em frente com determinação. Na interpretação acontece o contrário. Você tem que procurar as lembranças sensoriais que funcionam como chaves emocionais. Para tanto, precisa eliminar todas as suas defesas, e isso dá muito trabalho. Eu me lembrava das flores que certa ocasião dera de presente à minha mãe no Dia das Mães, e isso me fazia pensar na época em que morava em Thal e era parte da família. Ou então usava a raiva que sentia de John Weider quando ele não cumpria a promessa de pagar por alguma coisa. Ou, ainda, recordava a época em que meu pai não acreditava em mim e dizia: "Por que não faz alguma coisa útil? Vá cortar lenha." Para viver como ator, não se pode ter medo de alguém vir mexer nas suas emoções. É preciso correr o risco. Às vezes você fica confuso, às vezes chora, mas isso o torna um ator melhor.

Eu vi que Bob Rafelson estava satisfeito com o andar da carruagem porque, depois das duas ou três primeiras semanas, ele parou de conferir meu peso. Quando rodamos as poses de Mister Universo, eu já estava com 97,5 quilos. Essa sequência aparece perto do final do filme: os fisiculturistas que concorrem a Mister Universo desconfiam de que Joe Santo roubou o dinheiro do prêmio e saem correndo pelas ruas de Birmingham. Depois que o verdadeiro ladrão é pego, os atletas percebem que atraíram uma multidão e começam, espontaneamente, a fazer suas séries de poses. As pessoas gostam

tanto disso que logo estão todas posando também, em um grande e alegre clímax. A filmagem da cena também foi assim: os figurantes e os espectadores de Birmingham se misturaram uns aos outros, todos rindo e fazendo poses musculosas, enquanto Rafelson gritava ao microfone: "Por favor, *não toquem* nos fisiculturistas."

No meio disso tudo, George Butler apareceu no Alabama para virar meus novos planos de cabeça para baixo. Ele sempre falara em transformar *Pumping Iron* em documentário, mas não tinha conseguido financiamento porque o livro ainda não estava pronto. Agora a situação era outra. Com toda a publicidade em torno da disputa de Mister Olympia, a obra se tornara um inesperado sucesso de vendas. Além disso, como eu estava fazendo um filme com Bob Rafelson, foi mais fácil levantar dinheiro. Para completar, Victoria, mulher de George, era uma investidora inteligente, e, contanto que eu estrelasse o documentário, mostrou-se disposta a contribuir.

– Vamos poder fazer o filme! – anunciou ele quando nos sentamos para conversar.

Sua ideia era centrar o documentário na minha participação na edição seguinte do Mister Olympia, que estava marcada para novembro em Pretória, na África do Sul. Tive que lembrar a ele que meu objetivo agora era a interpretação e que eu havia mudado completamente minha rotina de treinos.

– Eu me aposentei – falei. – Olhe só, perdi um monte de músculos.

Ele não gostou.

– Bom, se você não participar, não vai ter documentário – insistiu George. – Os outros caras não têm personalidade para o filme. Na verdade, você é o único atleta capaz de dar vida ao fisiculturismo. Preciso de você. Caso contrário, não vou conseguir o dinheiro.

Ele então afirmou que participar desse projeto seria bom para minha carreira de ator.

– Eu não preciso disso para a minha carreira – discordei. – As coisas não poderiam estar melhores do que neste filme com Bob Rafelson. Assim que eu voltar para Los Angeles, quero continuar atuando. É aí que estão as oportunidades.

George tentou outra cartada:

– Nós estamos dispostos a pagar 50 mil dólares para você fazer o filme.

Era uma quantia que ele já havia mencionado no ano anterior. Na época, eu tinha ficado tentado, porque estava comprando o prédio em Santa Monica e contraindo várias dívidas. A ideia de ganhar tanto dinheiro assim ainda me agradava, mas naquele momento o argumento não me convenceu.

– Eu realmente não quero voltar a competir – falei.

Eu não devia nada a George, mas havia muitas coisas envolvidas. Ele era o melhor produtor que eu já conhecera, e eu sabia que mergulharia de cabeça no projeto. Um filme baseado em *Pumping Iron* poderia ser uma ótima oportunidade de apresentar o fisiculturismo como esporte a pessoas que normalmente jamais lhe dariam a menor atenção. Eu sentia que não podia

virar as costas ao fisiculturismo. Uma parte grande demais da minha vida estava relacionada ao esporte, além de muitos amigos.

Havia também considerações profissionais a ser levadas em conta. Anos antes, nos bastidores de Columbus, Ohio, eu tinha dito ao produtor Jim Lorimer que um dia gostaria de ser seu sócio na produção de eventos de fisiculturismo. Depois de meu último concurso de Mister Olympia, eu telefonara para ele. "Lembra que eu disse que ligaria para você quando me aposentasse das competições?", perguntei. Concordamos em trabalhar juntos e estávamos montando uma proposta com alguns outros investidores que ele conhecia para transformar Columbus em sede das futuras disputas de Mister Olympia. Se alguém tinha a habilidade e os contatos necessários para levar o fisiculturismo para o Meio-Oeste e torná-lo popular no universo do esporte americano, essa pessoa era Jim. Naturalmente, eu ainda tinha a empresa de venda de produtos por correspondência, que agora me rendia 4 mil dólares por ano e estava crescendo.

Além disso, eu continuava ligado a Joe Weider. Nós havíamos tido algumas desavenças – por exemplo, houve ocasiões em que ele ficou zangado quando me inscrevi em uma competição que ele não patrocinava –, mas o vínculo de pai e filho ainda existia. Joe se adaptara à minha carreira no cinema cobrindo as filmagens de *O guarda-costas* para suas revistas. Todos os fãs sabiam que eu estava me aposentando, e ele apresentou as coisas da seguinte maneira: "Arnold está começando a trabalhar em outra área e, não importa o filme que faça, ele vai levar o fisiculturismo consigo, então vamos segui-lo e apoiá-lo." Quando percebeu que eu estava levando a carreira de ator a sério, Joe desistiu do sonho de me ver assumir seu império. No entanto, teria tido um troço se achasse que iria me perder por completo, pois eu era a sua galinha dos ovos de ouro.

George acabou me convencendo a voltar a competir. Avaliei o que desejava realizar. Além de ser campeão de fisiculturismo, eu agora tinha certeza de que o próprio esporte estava pronto para um grande salto. George e Charles tinham dado o pontapé inicial para isso, com as matérias jornalísticas e o livro. Os seminários que eu ministrava viviam lotados. Ao trabalhar com jornalistas, eu havia transformado os meios de comunicação em um sistema de apoio para qualquer coisa que quisesse vender. Na condição de fisiculturista com personalidade e vários seguidores, eu sentia que era minha responsabilidade levar isso adiante. Não deveria pensar apenas na minha própria carreira, mas também no contexto geral: a necessidade de atividades físicas no mundo e como a musculação podia melhorar o desempenho de um atleta no tênis, no futebol americano ou no futebol. E nós podíamos tornar o fisiculturismo divertido.

Um filme baseado em *Pumping Iron* poderia ter um impacto enorme. Documentários como *Marjoe*, sobre um pastor evangélico chamado Marjoe Gortner, e *The Endless Summer*, sobre dois jovens surfistas que viajam pelo mundo em busca da onda perfeita, faziam muito sucesso na época. As

películas iam de cidade em cidade, usando o dinheiro da última exibição para financiar a projeção seguinte.

Eu disse a George que deixar meu corpo em forma para competir outra vez seria tão difícil quanto fazer uma curva com o *Titanic*. Do ponto de vista mecânico, era uma decisão fácil: eu sabia exatamente o que precisava fazer nos treinos. No entanto, a parte psicológica era bem mais complicada. Eu havia desprogramado minha mente para as competições em cima de um palco e para não precisar mais sentir essa glória. Agora minha principal motivação era atuar no cinema. Essa mudança exigira muitos meses de ajustes. Portanto, voltar atrás agora era um desafio de verdade. Como tornar a me convencer de que o mais importante de tudo era o corpo?

Apesar das dúvidas, eu achava que poderia vencer. Teria que voltar a meu peso de competição, mas já fizera algo parecido antes, depois da cirurgia no joelho, em 1972. Na época, minha coxa esquerda atrofiou de 71 para 57 centímetros, mas consegui fazer com que aumentasse mais do que nunca a tempo do Mister Olympia daquele ano. Minha teoria era que as células musculares, assim como as de gordura, têm memória, ou seja, podem voltar rapidamente ao que eram antes. Mas é claro que também havia incertezas. Eu iria querer apresentar um desempenho ainda melhor do que o do Madison Square Garden, então será que deveria recuperar meus 113 quilos ou aparecer mais magro? Fosse qual fosse a resposta, achei que seria possível.

A ideia de ter as câmeras de Butler me filmando o tempo todo enquanto eu treinava era sedutora. Todo mundo quer estar mais bonito diante de uma câmera, então isso acaba sendo uma grande motivação. Pensei que talvez, depois de algum tempo, a equipe de filmagem pudesse se tornar parte do cenário e eu não reparasse mais na sua presença, o que seria ótimo para minha carreira de ator.

Durante pelo menos uma semana, todos os dias eu passava algum tempo sentado no hotel pesando os prós e os contras, depois saía para filmar mais uma cena de *O guarda-costas*. Quando terminava, voltava e pensava um pouco mais, aí saía para conversar com outras pessoas. Charles Gaines decidira não trabalhar no documentário com George e se dedicar a outros projetos de roteiro. Ele considerava minha volta às competições um erro. "Você agora já embarcou na sua carreira de ator", opinou. "Precisa mostrar às pessoas que está levando isso a sério. Depois deste filme, elas vão querer vê-lo continuar as aulas de interpretação com atores e diretores talentosos. Se você começar a competir outra vez, vai parecer que está com um pé dentro e outro fora, para poder voltar ao fisiculturismo caso a carreira de ator não dê certo. É essa a impressão que você quer passar?"

Ao longo de toda a vida, meus objetivos tinham sido simples e lineares, como por exemplo hipertrofiar um músculo com centenas de milhares de repetições. Aquela situação, porém, não era nada simples. Eu havia me comprometido totalmente a me tornar um ator esbelto e atlético, então como desfazer isso e voltar a me concentrar em ganhar o Mister Olympia outra vez?

Eu sabia como minha mente funcionava, e sabia que, para realizar qualquer coisa, tinha que acreditar nela por completo. O objetivo precisava ser algo que fizesse total sentido, pelo qual eu pudesse ansiar diariamente, não apenas algo que fizesse por dinheiro ou por algum outro motivo arbitrário, porque nesse caso não daria certo.

No fim das contas, percebi que precisava pensar no problema de forma diferente. Não dava para tomar a decisão de um ponto de vista puramente egoísta. Minha sensação era que, embora eu já houvesse embarcado na carreira de ator, devia muito ao fisiculturismo para rejeitá-lo. Portanto, tinha que fazer o documentário e competir mais uma vez no Mister Olympia – não por mim, mas para ajudar a promover o esporte. Eu poderia avançar na carreira de ator ao mesmo tempo, e, se pessoas como Charles ficassem confusas com a minha atitude, era só explicar e pronto.

UM MÊS DEPOIS QUE VOLTEI DO ALABAMA, meus amigos deram uma festa de aniversário na casa de Jack Nicholson para comemorar meus 28 anos. Quem organizou a recepção foi Helena Kallianiotes, que cuidava da casa de Jack e fizera uma pequena participação em *O guarda-costas.* Ela era bailarina e entendia o treinamento pesado e a dedicação exigidos pelo fisiculturismo. Em Birmingham, tornara-se uma boa amiga, ajudando-me com os ensaios e me levando para conhecer restaurantes que serviam ostras. Depois, quando escrevi *Arnold's Bodyshaping for Women* (O método Arnold para modelar o corpo feminino), Helena foi a primeira pessoa que consultei para entender melhor o que as mulheres pensavam da malhação.

A festa foi um grande sucesso. Muita gente de Hollywood compareceu, assim como meus amigos de Venice Beach – uma mistura fantástica de atores, fisiculturistas, halterofilistas, caratecas e escritores, além de visitantes de Nova York. Havia cerca de 200 convidados. Para mim foi o paraíso, porque pude me apresentar para várias pessoas novas.

Agora que estava de volta, pude conhecer melhor Nicholson, Beatty e o restante do pessoal de Mulholland Drive. Eles estavam em evidência na época, com filmes como *Chinatown*, *A trama* e *Shampoo*. Saíam em capas de revistas e frequentavam as boates da moda. Estavam todos sempre juntos e, no inverno, iam esquiar em Gstaad, na Suíça. Eu não era íntimo o suficiente para sair com eles o tempo todo, mas pude ver como estrelas daquele quilate viviam e se comportavam, do que gostavam e que lugares frequentavam. Isso me serviu de inspiração para alcançar o mesmo nível dali a alguns anos.

Jack Nicholson era muito descontraído e discreto. Vivia de camisa havaiana, short ou calça comprida, óculos escuros e cabelos desgrenhados. Tinha um Mercedes do modelo mais caro, um Pullman 600 marrom com bancos de couro e um painel de madeira extraordinário. Na verdade, quem usava o carro não era Jack, e sim Helena. Ele dirigia um fusca, e essa era a sua peculiaridade: "Eu sou tão rico que vou tentar me fazer passar por uma pessoa comum. Não estou nem aí para dinheiro." Ele chegava de fusca ao estacionamento do

estúdio para uma entrevista com a imprensa ou para conversar sobre algum filme. O segurança do portão dizia "Ah, olá, Sr. Nicholson. Sua vaga é bem ali", e Jack entrava com o carrinho engasgando, como se mal conseguisse andar. Isso não era fingimento. Ele se sentia mais à vontade no fusca que no Mercedes. Já eu teria adorado o Mercedes.

Um amigo fotógrafo de Nova York foi me visitar e me levou para conhecer a casa de Warren Beatty na praia. Warren queria que ele visse as plantas da casa nova que ele estava construindo em Mulholland Drive. O ator era famoso por não conseguir se decidir nunca e passar horas e horas debatendo cada opção. Ele estava em uma fase ótima: estrelara recentemente o filme *A trama*, dirigido por Alan Pakula, era corroteirista e protagonista de *Shampoo* e estava dirigindo um longa sobre a Revolução Russa que acabou se transformando em *Reds*. No entanto, ao ouvi-lo falar, era difícil acreditar que tivesse conseguido realizar qualquer coisa. Pensei que não seria assim que eu me comportaria se estivesse no mesmo nível que ele, mas também estava aprendendo que atores natos são sempre um pouco excêntricos e estranhos. É fácil identificar o tipo. Quando você convive com executivos, eles se comportam como executivos. Políticos se comportam como políticos. Já aqueles caras trabalhavam com entretenimento e agiam como profissionais do entretenimento. Eram atores de Hollywood. A situação era diferente.

O único que não se encaixava nesse perfil era Clint Eastwood. O pessoal de Mulholland Drive gostava de ir jantar no restaurante de Dan Tana, no Santa Monica Boulevard. Sentavam-se todos juntos, enquanto Clint comia sozinho em uma mesa no outro lado do salão. Um dia, fui até lá me apresentar e ele me convidou para sentar por um instante para bater papo. Era fã de fisiculturismo e malhava com regularidade. Estava com um paletó de tweed espinha de peixe muito parecido com o que usara no filme *Perseguidor implacável*, de 1971. Mais tarde eu soube que não era só parecido: era o mesmo paletó. Clint era um cara muito simples. Depois que nos tornamos amigos, ele me contou que sempre guardava os figurinos das produções de que participava e passava anos usando as mesmas roupas, sem nunca comprar nada novo. (Hoje em dia, claro, ele gosta de se produzir com roupas bonitas. Talvez ainda as ganhe.) Muitos astros ficavam constrangidos ao ver uma celebridade jantando sozinha. Na verdade, porém, Clint ficava totalmente à vontade fazendo isso.

O fato de coestrelar um filme de Bob Rafelson prestes a ser lançado não me ajudou muito quando tentei arrumar um agente. Um dos que me procuraram foi Jack Gilardi, que representava O. J. Simpson, o principal *running back* da Liga Nacional de Futebol Americano. O jogador estava no auge da carreira de atleta, e Gilardi lhe conseguia pequenos papéis em filmes como o desastroso *Inferno na torre*. Os estúdios gostavam de tê-lo no elenco para atrair os fãs do esporte. Era assim que se fabricava um público. O problema era que os papéis nunca eram de protagonista e ninguém importante em Hollywood prestava atenção neles.

Jack queria fazer a mesma coisa por mim. Pensava que, se eu fizesse um

filme, automaticamente todos os fãs de fisiculturismo comprariam ingressos. "Na verdade, tenho um bom roteiro de faroeste e uma reunião marcada com os produtores, e o filme tem um papel para você", disse ele. Devia ser o sexto ou sétimo papel mais importante.

Não era nada disso que eu tinha em mente. Quem quer que fosse me representar devia ter a mesma visão grandiosa que eu. Não estava interessado em um agente que dissesse: "Tenho certeza de que deve haver algum papel no seu filme para Arnold, quem sabe uma pequena participação, para o nome dele aparecer nos créditos." Queria alguém que lutasse por mim. "Este cara aqui tem potencial de protagonista e eu quero prepará-lo para isso. Então, se você nos oferecer um dos três papéis principais, podemos conversar. Caso contrário, vamos deixar para a próxima."

Não consegui encontrar ninguém nas agências maiores que pensasse assim. As duas principais agências da cidade eram a William Morris e a International Creative Management (ICM), e era nesses lugares que eu queria entrar, porque eles sempre recebiam os projetos dos melhores filmes antes dos outros, representavam todos os diretores importantes e se relacionavam com os principais executivos dos estúdios. Como eu acabara de fazer um filme com Bob Rafelson, um agente de cada uma dessas casas aceitou me receber.

Ambos disseram a mesma coisa: havia obstáculos demais. "Olhe aqui, o seu sotaque assusta as pessoas", disse o cara da ICM. "Você tem um corpo grande demais para o cinema. Seu nome não caberia nem no cartaz. Tudo em você é muito estranho." Ele não disse isso de um jeito cruel e se ofereceu para me ajudar de outras formas: "Por que não continua no negócio das academias? Podemos criar uma rede de franquias. Ou então podemos ajudá-lo a organizar seminários e palestras, ou a escrever um livro contando a sua história, algo do tipo."

Hoje em dia, entendo melhor que existem tantos talentos espalhados pelo mundo que essas grandes agências na verdade não têm tempo nem disposição para preparar uma pessoa e ajudá-la a chegar ao topo. O trabalho delas não é esse. A coisa simplesmente acontece ou não. Na época, porém, fiquei chateado. Sabia que tinha um corpo estranho e que meu nome era difícil de soletrar, mas, ora, o de Gina Lollobrigida também! Por que eu deveria desistir do meu objetivo só porque uma dupla de agentes de Hollywood havia se recusado a me representar?

O sotaque era uma questão que eu podia tentar resolver. Naquele verão, além das aulas de interpretação, das aulas da faculdade, da administração de minhas empresas e da preparação para o Mister Olympia, incluí na minha agenda várias aulas para eliminar o sotaque. O professor se chamava Robert Easton, um instrutor de dialetos com fama internacional que era um dos melhores de Hollywood. Era um cara altíssimo, que devia medir quase 2 metros, com uma barba comprida, voz portentosa e pronúncia cristalina. Em nosso primeiro encontro, fez uma demonstração: primeiro falou inglês com um sotaque do centro e do sul da Alemanha, depois com um sotaque do norte.

Em seguida mudou para o sotaque austríaco e por fim para o suíço. Sabia imitar pronúncias da Inglaterra, do Sul dos Estados Unidos, do Brooklyn e de Boston. Robert já havia atuado em filmes de gênero, sobretudo faroestes. Tinha uma dicção tão perfeita que eu ficava com medo de abrir a boca. A casa dele, onde aconteciam nossas aulas, tinha milhares de livros sobre linguagem, e Robert amava cada um deles. Ele dizia: "Arnold, pode pegar aquele livro ali para mim, por favor? Na quarta prateleira de baixo para cima, o terceiro a partir do canto. É sobre os irlandeses", e partia daí.

Robert me fez treinar a pronúncia de "*A fine wine grows on the vine*" (um bom vinho cresce na parreira) dezenas de milhares de vezes. Eu tinha muita dificuldade com o *f*, o *w* e o *v* juntos, porque a língua alemã não tem som de *w*, só de *v*. Vinho, por exemplo, escreve-se *Wein* e se pronuncia "váin". Então eu tinha que ficar repetindo "wu, wu, wu, *wine*. *Why*. *What*. *When*". Havia também o *v*, como na frase: "*We're going to Vegas*" (vamos para Vegas). Além do mais, o alemão não tem os mesmos sons de *s* e *z* do inglês: "*the sink is made of zinc*" (a pia é feita de zinco). Bob me explicou que o que deixava as pessoas intimidadas era a aspereza do meu sotaque, então, em vez de eliminá-lo por completo, eu só precisava suavizá-lo e falar de forma mais branda.

Enquanto isso, George Butler se jogara de cabeça nas filmagens de *Pumping Iron*, cujo título nas telas seria *O homem dos músculos de aço*. Ele já tinha causado uma forte impressão nos fisiculturistas ao escurecer as claraboias da Gold's, porque a academia era clara demais para as câmeras. Ele e sua equipe rodaram cenas em Venice Beach. Acompanharam Franco à Sardenha para visitar o vilarejo no alto das montanhas onde ele tinha passado a infância e gravar tomadas de suas origens humildes. Acompanharam-me até o presídio federal de Terminal Island, onde fiz uma exibição de poses e dei aulas de musculação para os detentos. George contratou uma instrutora de balé de Nova York e a filmou dando orientações a mim e a Franco em relação a nossas poses no estúdio que pertencia a Joanne Woodward, atriz vencedora do Oscar e mulher de Paul Newman.

Todo filme precisa de um elemento de antagonismo, e George decidiu que *O homem dos músculos de aço* iria se concentrar na rivalidade entre mim e Lou Ferrigno na disputa pelo título de Mister Olympia de 1975, e no suspense de Lou conseguir ou não me desbancar como campeão. George era fascinado pela relação de Lou com o pai e pelo fato de tanto ele quanto eu sermos filhos de policiais. Os contrastes entre nós dois eram perfeitos. George filmou Lou malhando na pequena e escura academia do Brooklyn que ele frequentava, o completo oposto da Gold's. A personalidade dele era sombria, soturna, enquanto a minha era solar e praiana. Em geral, Lou ia à Califórnia para treinar e se bronzear antes das competições importantes, mas George o convenceu a ficar no Brooklyn, para aumentar ainda mais o contraste. Não achei ruim, pois isso o deixaria ainda mais isolado e fácil de derrotar.

Meu trabalho, é claro, era interpretar a mim mesmo. Eu sentia que a forma de me destacar não era apenas falar sobre fisiculturismo, pois isso seria muito

superficial; eu precisava projetar uma personalidade. Meu modelo era Muhammad Ali. O que o distinguia dos outros pesos pesados não era apenas o fato de ele ser um lutador genial – sua tática de fingir estar acuado nas cordas para fazer o oponente golpeá-lo até se cansar, a capacidade de flutuar feito uma borboleta e de ferroar feito uma abelha –, mas sim de trilhar o próprio caminho: virar muçulmano, mudar de nome, sacrificar o título do campeonato ao se recusar a prestar serviço militar. Ali estava sempre disposto a dizer e fazer coisas memoráveis e atrevidas. No entanto, de nada vale ser atrevido se você não tiver estofo para sustentar essa atitude – ela não vai lhe servir de nada se você for um fracassado. Aliado a sua condição de campeão, o atrevimento era o que fazia a estratégia de Ali funcionar. Minha situação era um pouco diferente, porque o fisiculturismo era um esporte bem menos popular que o boxe. Mas as regras para atrair atenção eram exatamente as mesmas.

Imaginar coisas atrevidas para dizer era fácil, porque eu vivia pensando nelas para me entreter. Além do mais, George me instigava. Durante uma entrevista, fiz o fisiculturismo soar sexy ao comparar o treinamento com muitas repetições de cada exercício – que serve para inflar os músculos com sangue oxigenado – a um orgasmo. Disse que não fui ao velório de meu pai porque isso teria interferido nos meus treinos. Filosofei que apenas poucos homens nascem para liderar, enquanto o resto da humanidade nasce para segui-los, e daí passei a um discurso sobre os grandes conquistadores e ditadores da história. George teve o bom senso de cortar essas cenas do filme, sobretudo meu comentário sobre como admirava o talento para a oratória de Hitler, mas não a forma como ele o utilizara. Eu ainda não sabia a diferença entre ser atrevido e ser ofensivo.

Era estressante ter câmeras apontadas para mim o tempo todo, não apenas quando estava trabalhando, mas também quando estava em casa, visitando amigos, tendo aulas de administração ou de interpretação, avaliando imóveis, lendo roteiros etc. Mais uma vez fiquei grato pela existência da meditação transcendental, especialmente porque os centros não permitiam a entrada de câmeras.

Aterrorizar Lou e seu pai fazia parte da carga dramática do filme. Naquele outono, comecei a armação fingindo que estava com medo.

– Espero que vocês façam alguma merda nos treinos – falei para o pai de Lou. – Senão seu filho vai ser um perigo para mim na competição.

– Ah, mas nós não vamos fazer besteira nenhuma.

O próprio Lou era fácil de abalar, assim como Sergio Oliva, Dennis Tinerino ou qualquer fisiculturista tão introspectivo quanto eles, que não prestavam atenção no mundo à sua volta. Você podia perguntar casualmente a Lou:

– Como anda seu abdômen?

E ele respondia:

– Bem, por quê? Na verdade, estou me sentindo bastante sarado.

– Bom, é que... Não, deixe para lá, não se preocupe, seu abdômen está

ótimo.

Assim que você dizia isso, ele começava a examinar o próprio abdômen e em seguida ia posar na frente do espelho, cada vez mais dominado pela insegurança.

Em *O homem dos músculos de aço* dá para ver como não parei de provocar Lou e o pai até o momento da disputa. Como quando digo a Lou: "Eu sei que a competição vai ser só amanhã, mas já liguei para minha mãe e disse que ganhei." Ou então, na manhã do evento, quando ele e os pais me convidam para tomar café da manhã com eles em seu hotel e eu respondo: "Não acredito. Vocês passam a semana inteira me ignorando e agora querem tomar café comigo no dia da competição? Estão tentando manipular minha mente!" Finjo estar com tanto medo que faço os ovos mexidos tremerem em cima do meu garfo. Tudo isso era, em grande parte, uma encenação para que o público que fosse assistir ao filme saísse do cinema dizendo: "Dá para acreditar naquele cara? Ele convenceu o adversário a perder." Mas também acabou surtindo efeito em Lou, que ficou em terceiro lugar, enquanto eu estabeleci um recorde vencendo o Mister Olympia pela sexta vez seguida.

O homem dos músculos de aço

GEORGE JÁ TINHA RODADO METADE DO filme quando seu dinheiro acabou. Em vez de desistir do projeto, ele teve a ideia de organizar uma demonstração de poses em um museu de arte de Nova York para tentar atrair patrocinadores ricos. Não sabíamos muito bem se era uma ideia idiota ou realmente brilhante. O Museu Whitney de Arte Americana, conhecido por exibir obras pouco convencionais, aceitou a proposta.

O evento foi divulgado com o título "Músculos articulados: O corpo masculino na arte" e, para promovê-lo, o museu abriu as portas em uma sexta-feira à noite em fevereiro de 1976. A ideia era mostrar poses de modelos vivos – Frank Zane, Ed Corney e eu – ao lado de slides de estátuas gregas e grandes obras de Michelangelo, Da Vinci e Rodin. Uma banca de professores universitários e artistas fez comentários durante e depois da apresentação. Era a primeira vez que alguém fazia um debate público sério sobre o significado do fisiculturismo.

George esperava algumas centenas de pessoas, mas, apesar da nevasca que caiu nessa noite, mais de 2.500 convidados apareceram e a fila deu a volta no quarteirão. A galeria no quarto andar do museu ficou lotada de gente em pé e sentada em cada pedacinho de chão disponível. Bem no meio foi montada uma plataforma giratória onde nos revezaríamos para posar.

Provavelmente dois terços do público nunca tinham visto um fisiculturista na vida. Eram pessoas da mídia e do mundo da arte nova-iorquino: críticos, colecionadores, patrocinadores e artistas de vanguarda como Andy Warhol e Robert Mapplethorpe. As revistas *People* e *New Yorker* e os jornais *New York Times* e *Daily News* haviam mandado repórteres para cobrir o evento e a atriz Candice Bergen tirava fotos para o programa de TV *Today*. Ela era ótima fotógrafa, além, é claro, de ser lindíssima. De repente, o fisiculturismo estava em voga. Conseguíramos sair do mundo dos esportes e do circo para adentrar a cultura pop internacional.

Frank, Ed e eu ficamos orgulhosos por estar posando em um museu de verdade. Tínhamos planejado uma exibição artística, deixando de lado poses mais agressivas do fisiculturismo como a "mais musculoso". Queríamos que cada pose fosse como uma escultura, sobretudo por estarmos em cima de uma plataforma giratória. Quando chegou a minha vez, Charles Gaines se

encarregou da narração enquanto eu fazia as poses costumeiras e algumas de minhas marcas registradas, como a três quartos de costas. "Essa pose é típica do Arnold", explicou Gaines. "E nela vocês podem ver todos os músculos das costas, as panturrilhas e todos os músculos da coxa." Encerrei meus 10 minutos de apresentação com uma imitação perfeita de *O pensador*, de Rodin, e fui muito aplaudido.

Depois que posamos, nos vestimos e fomos participar do debate com os especialistas em arte. De certa forma, o que eles disseram foi fascinante. Para começar, mostraram que se pode debater qualquer assunto. Um dos professores universitários disse que aquele evento sinalizava "o ingresso da forma masculina altamente desenvolvida e bela na esfera da cultura oficial". O próximo a falar afirmou que, por causa do Vietnã, os Estados Unidos estavam procurando uma nova definição de virilidade e que a resposta éramos nós. Mas então ele estabeleceu um vínculo entre o fisiculturismo e o racismo ariano da Europa na década de 1920, junto com a ascensão do nazismo, e alertou que nós simbolizávamos um possível crescimento do fascismo nos Estados Unidos. Outro professor comparou nossas poses aos piores exemplos de *kitsch* da era vitoriana. Ele foi vaiado.

Aquilo tudo foi principalmente um golpe de publicidade, é claro. Mas eu achei que falar sobre o corpo como escultura fazia sentido. Era assim que Joe Santo, meu personagem em *O guarda-costas*, o descrevia. A arte me fascinava, e, se a comparação com a escultura fosse atrair a atenção de pessoas de fora para o esporte e ajudá-las a entendê-lo, ótimo! Qualquer coisa era melhor que o estereótipo de fisiculturistas como aberrações burras, gays, narcisistas e obcecadas por músculos.

Infelizmente, havia muito menos coisas acontecendo em Hollywood do que em Nova York. *O guarda-costas* foi minha primeira experiência sobre como o marketing cinematográfico pode dar errado. Quando o filme estreou, em abril, as críticas foram boas, mas o número de espectadores decepcionou. Ele passou 10 ou 12 semanas em cartaz e depois sumiu dos cinemas. O problema era que os relações-públicas e marqueteiros da United Artists não conseguiam bolar um jeito de promovê-lo. Rafelson deixou que eu assistisse a uma reunião antes do lançamento, na qual se falou em colar cartazes nas academias. Então, quando o filme estreou, mandaram que eu e Sally Field participássemos do programa *The Mike Douglas Show* ensinando ao apresentador de 50 anos a se exercitar. Sempre que fazíamos algo assim, eu tinha a sensação de que estávamos indo na direção errada. *O guarda-costas* deveria ter sido vendido como um filme de Bob Rafelson – "do mesmo diretor de *Cada um vive como quer*!" –, e o quesito exercício deveria ter sido uma surpresa. Aí os espectadores teriam saído do cinema dizendo: "Rafelson é assim: sempre nos apresenta algum mundo diferente."

Embora meus instintos me dissessem que o marketing do filme era constrangedor, faltavam-me sofisticação e segurança para verbalizar isso. Imaginei que o estúdio saberia fazer o seu trabalho bem melhor que aquilo.

Mais tarde, claro, entendi que os estúdios funcionam de acordo com fórmulas. Se algo foge à norma, nem que seja só um pouquinho, eles não sabem o que fazer.

Rafelson também não estava feliz, mas o problema com diretores que têm grande reputação é que eles podem ser os piores inimigos de si mesmos. Querem meter a mão em tudo: editar o trailer, fazer a publicidade. Ninguém pode dar nenhuma opinião. É aí que começam os desentendimentos, e as letras miúdas dos contratos em geral determinam o vencedor. Nesse caso, quem venceu foi o estúdio. Bob ficou batendo cabeça com o pessoal do marketing, mas não conseguiu chegar a lugar algum. Segundo eles, o diretor não sabia trabalhar em equipe.

Apesar dos pesares, isso tudo teve um resultado bom. Coestrelar *O guarda-costas* finalmente me fez encontrar um agente: Larry Kubik, cuja pequena agência de talentos Film Artists Management também representava Jon Voight e Sylvester Stallone. Ele recebia ligações me oferecendo trabalho, só que com o tipo errado de proposta. Estava à procura de papéis principais nos quais eu pudesse me encaixar, e, enquanto isso não acontecia, tivemos que recusar uma porção de porcarias. Alguém queria que eu interpretasse um leão de chácara. Outros queriam que eu fizesse um oficial nazista, um praticante de luta-livre, um jogador de futebol americano, um presidiário etc. Nunca aceitei trabalhos assim, pois pensava: "Isso não vai convencer ninguém que eu nasci para ser um astro."

Poder me dar ao luxo de dizer não era muito bom. Com o lucro das minhas empresas, eu não precisava ganhar dinheiro sendo ator. Nunca quis estar em uma posição vulnerável, na qual tivesse que fazer um papel de que não gostasse. Via isso acontecer o tempo todo com os atores e músicos que malhavam na academia. Certa vez um ator reclamou:

– Estava há três dias fazendo o papel de um matador. Ainda bem que acabou.

– Se odiou o papel, por que aceitou fazer? – perguntei.

– Porque o cachê era de 2 mil dólares e eu tenho que pagar meu apartamento.

Era possível argumentar que, por pior que fosse o papel, estar diante das câmeras sempre constituía um bom treino. Mas eu sentia que nascera para ser o personagem principal. Tinha que aparecer nos cartazes, precisava ser o ator mais importante do filme. É claro que eu entendia que isso parecia uma grande maluquice para todo mundo, exceto para mim. Acreditava, porém, que o único jeito de me tornar protagonista era tratar a mim mesmo como tal e trabalhar duro para isso. Se eu não acreditasse em mim mesmo, como é que os outros iriam acreditar?

Na academia, mesmo antes de *O guarda-costas*, eu já era conhecido por recusar papéis. Alguém ligava e pedia: "Será que vocês podem mandar uns fortões aqui para fazer um teste?" Alguns de nós iam, e o coordenador de dublês ou assistente de direção dizia: "O que nós queremos que vocês façam é

subir naquele telhado ali, atravessá-lo correndo, trocar uns socos, depois pular do telhado para cima de um colchão...” E eu pensava: “Isso não é o tipo de coisa que constrói a carreira de um protagonista”, e respondia que não estava interessado.

– Mas nós adoramos você. O diretor adorou você. Você é o mais forte de todos, tem o rosto adequado, a idade certa... Pagamos 1.700 dólares por dia.

– Adoraria ganhar 1.700 dólares por dia, mas na verdade não preciso do dinheiro – eu respondia. – Deem para um dos meus amigos. Eles precisam bem mais.

Larry apoiava essa minha postura, mas Craig Rumar, seu sócio, ficava louco ao nos ver recusar trabalho. Sempre que Larry saía de férias eu ficava nervoso. Craig ligava para mim e dizia: “Não sei se vou conseguir alguma coisa para você. Ninguém está fazendo filmes no momento. Só dá filme estrangeiro. A situação está bem difícil. Que tal fazer comerciais?”

A maior vitória de Larry naquele ano, depois de inúmeras tentativas, foi me conseguir uma reunião com Dino de Laurentiis. Verdadeira lenda do cinema, Dino produzira clássicos como *A estrada*, de Federico Fellini (1954), e *Barbarella* (1968), além de inúmeros fracassos. Depois de enriquecer fazendo filmes na Itália, fora à falência e recomeçara do zero em Hollywood. Ultimamente vinha tendo uma sequência incrível de sucessos: *Serpico*, *Desejo de matar*, *Mandingo – O fruto da vingança* e *Três dias do condor*. Gostava de adaptar histórias em quadrinhos para o cinema e estava procurando alguém para interpretar Flash Gordon.

Quando Larry e eu chegamos ao escritório de Dino, foi como entrar em um cenário de *O poderoso chefão*. Ele estava sentado atrás de sua mesa em um dos cantos da sala, e no outro canto, atrás de nós, havia um conhecido seu da Itália, um produtor chamado Dino Conte.

De Laurentiis parecia um imperador. Sua mesa era uma imensa antiguidade rococó: comprida, larga e talvez um pouco mais alta que uma mesa de trabalho normal. “Nossa, que mesa!”, pensei. Já Dino era um cara miúdo, bem baixinho, e tive o impulso de dizer algo elogioso mas ao mesmo tempo engraçado. O que saiu da minha boca foi:

– Por que um cara baixote feito você precisa de uma mesa tão grande?

Ele me encarou e disse, num inglês carregado:

– Você tem sotaque. Não serve para mim. Não pode fazer Flash Gordon. Esse personagem é americano.

Achei que ele estivesse de brincadeira.

– Como assim, *eu* tenho sotaque? – disparei. – E *você*?

O encontro estava azedando. De Laurentiis então anunciou:

– A reunião terminou.

Larry e eu ouvimos Dino Conte se levantar atrás de nós e dizer:

– Por aqui, por favor.

Assim que chegamos ao estacionamento, Larry explodiu.

– Um minuto e quarenta segundos! – gritou ele. – Foi a entrevista mais

curta que eu já tive com um produtor, e isso porque *você* decidiu cagar tudo! Sabe por quanto tempo eu batalhei para conseguir essa porra dessa reunião? Sabe quantos meses levei para podermos entrar na porra daquela sala? E você vai e diz que o cara é baixote em vez de dizer, sei lá, o contrário? Que ele é alto; que é muito, muito mais alto do que você pensava! Que o cara é um gigante! Ou então, sei lá, você não podia simplesmente esquecer a mesa e sentar para conversar com ele sobre a sua carreira de ator?

Percebi que ele tinha razão. Minha boca grande tinha estragado tudo. Outra vez.

– O que você quer que eu diga? – respondi. – Você tem toda a razão. Foi coisa de cabeção, mesmo. Sinto muito. – *Cabeção* era uma palavra que eu pegara emprestada do meu amigo fisiculturista Bill Drake, que vivia dizendo isso. "Olhe só aquele palhaço ali", dizia ele. "Que cabeção!" Ou seja, que imbecil.

Só consegui outro papel importante mais de um ano depois das filmagens de *O guarda-costas*, dessa vez em um dos episódios de uma famosa série de televisão chamada *The Streets of San Francisco* (As ruas de São Francisco), estrelada por Karl Malden e Michael Douglas, que interpretavam dois detetives de polícia. No episódio em questão, "Dead Lift" (Peso morto), eles têm que localizar meu personagem, um fisiculturista que perde a cabeça e quebra acidentalmente o pescoço de uma garota que zomba do seu corpo. A investigação os faz mergulhar fundo na cena do fisiculturismo e da queda de braço em São Francisco, o que me permitiu conseguir papéis para Franco e vários outros amigos meus. Estar no set com toda a turma da Gold's foi muito engraçado. Por acaso, faltavam poucas semanas para as edições de 1976 do Mister Universo e do Mister Olympia, então os caras estavam mais preocupados em se preparar do que em atuar. Levaram o diretor à loucura de tanto fugir para malhar.

Eu sabia que *The Streets of San Francisco* seria um bom cartão de visita e que poderia ajudar Hollywood a me levar mais a sério. A série também era uma forma de conquistar o reconhecimento do público de TV. A cena em que eu mato a garota, porém, foi um desafio. Machucar uma mulher, gritar, arrancar quadros da parede e atirar móveis não tinha nada a ver comigo. Quando li o roteiro, pensei: "Meu Deus, como é que fui entrar nessa?" Considerando as centenas de pessoas que posteriormente viria a matar no cinema, chega a ser engraçado pensar nisso agora. No final das contas, fiz a cena e pronto, sem pensar muito no assunto, e o diretor gostou.

Minha maior preocupação era ficar marcado por fazer sempre o mesmo tipo de papel. Na minha cabeça, fazer um vilão ou um cara violento no cinema era a pior coisa do mundo. Quando Robert de Niro mata em *Taxi Driver*, ele é um cara pequeno e as pessoas o defendem totalmente, então isso foi bom para sua carreira. Para um homem do meu tamanho, porém, com minha aparência e meu sotaque, os papéis de vilão pareciam um beco sem saída. Conversei com Bob Rafelson sobre isso e ele concordou. Sua sugestão foi que eu agisse de

forma inesperada para contrabalançar os papéis estereotipados. Fiquei fascinado com a ideia de fazer uma refilmagem de "The Killers" (Os assassinos), um conto de Ernest Hemingway em que um ex-boxeador chamado Sueco é perseguido por dois assassinos da Máfia. Eu me imaginava fazendo a vítima, Sueco. Mas a ideia nunca saiu do papel.

Por sorte, a expectativa em torno de *O homem dos músculos de aço* não parava de aumentar. George Butler conseguira o dinheiro necessário para finalizar o filme e estava trabalhando feito um louco na divulgação. Sua jogada mais inteligente com certeza foi contratar Bobby Zarem, o rei das relações públicas de Nova York. Bobby era um cara já meio careca de uns 40 anos, criado na Geórgia, que começara a atuar na área assim que se formara em Yale. Ele gostava de fazer o estilo professor maluco: usava a camisa para fora da calça, sem gravata, e tinha tufos de cabelo eriçado nas laterais da cabeça. Sempre falava como se não estivesse entendendo nada e o mundo estivesse acabando. Vivia se lamentando: "Não sei o que estou fazendo, nunca vi uma situação ruim como esta, preciso ir ao analista, o cara não retorna meus telefonemas, acho que o projeto inteiro está indo por água abaixo." Ouvi-lo falar assim sobre *O homem dos músculos de aço* me deixou assustado, até eu entender que era uma estratégia. Inevitavelmente, alguém sempre lhe dizia: "Não, Bobby, está tudo bem. Você vai conseguir." E ele adorava.

Fazia apenas um ou dois anos que Bobby abrira a própria agência, e acho que ele assumiu a divulgação de *O homem dos músculos de aço* em parte para provar que era capaz. Com certeza George Butler não estava lhe pagando um valor alto pelo trabalho. No entanto, nos 11 meses que transcorreram entre o evento no Whitney e o lançamento do filme, Zarem trabalhou nos bastidores para criar expectativa. Organizava sessões especiais e convidava umas 20 pessoas importantes do mundo da arte, da literatura e das finanças para mostrar cenas do filme ainda em finalização. Embora essas exibições fossem informais, ele sempre fazia questão de que um ou dois membros da imprensa comparecessem. Eu o acompanhava com alguma frequência, e foi assim que conheci o jornalista de TV Charlie Rose, por exemplo, cuja esposa na época, Mary, se tornou uma das patrocinadoras do filme. Bobby sempre começava a projeção com um discurso rápido a respeito de como o fisiculturismo era uma ligação fascinante entre o esporte e a arte ou sobre como era um importante indicador da valorização atual da boa forma física – isso era suficiente para dar aos convidados a sensação de estar na vanguarda. Depois da projeção, choviam perguntas.

Eu ficava boquiaberto ao ver Bobby interagir com os veículos de comunicação. Ele me ensinou que os releases de imprensa normais eram uma perda de tempo, sobretudo quando se tentava atrair a atenção dos repórteres de TV. "Ninguém lê esses releases!", dizia ele. Em vez de mandar esse material de divulgação padronizado, ele aproveitava o fato de conhecer pessoalmente dezenas de jornalistas e seus editores. Criava uma matéria para um jornalista específico, ligava para ele e dizia: "Estou lhe mandando um material agora. Por

favor, me ligue assim que receber. Se não ligar, vou assumir que não quer a matéria e não vai sobrar muita coisa para você." Bobby era famoso por suas propostas longas e antiquadas, escritas à mão. Certa vez ele me deixou ler uma carta de quatro páginas que enviou para o editor da *Time* explicando por que a revista deveria publicar uma reportagem grande sobre fisiculturismo. Editores e diretores de redação de toda Nova York se dispunham a encontrá-lo para conversar. Caso jornais ou canais de televisão diferentes estivessem competindo por uma mesma reportagem, ele criava um ângulo distinto para cada veículo, de modo que eles não ficassem simplesmente seguindo o que os outros faziam. Estudava a matéria, a aprimorava e depois conversava com as pessoas a respeito – ele costumava frequentar o Elaine's, ponto de encontro de personalidades do mundo literário, jornalistas e celebridades do Upper East Side.

O trabalho de Bobby era promover *O homem dos músculos de aço*, mas eu me inspirei no estilo dele para ser reconhecido por meu trabalho em *O guarda-costas*. Embora o filme não tivesse tido um grande público, eu fora indicado ao Globo de Ouro de melhor ator estreante. (*Hércules em Nova York* fora um fracasso tamanho que *O guarda-costas* era considerado meu filme de estreia!) Éramos cinco indicados – entre os outros estavam Harvey Spencer Stephens, o menino de 5 anos que fizera o papel de Damien no filme de terror *A profecia*, e o escritor Truman Capote, por sua participação na comédia *Assassinato por morte*. Naturalmente, a indicação despertou meu lado competitivo. Como eu poderia me destacar? A estratégia que escolhi foi publicar anúncios nas revistas *Variety* e *Hollywood Reporter*, especializadas no show business, agradecendo à Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood pela indicação – são os seus membros que escolhem os vencedores do prêmio.

Também convidei membros da associação para um jantar e uma sessão particular de *O homem dos músculos de aço*. Bobby Zarem não gostou muito da ideia, pois eu fora indicado por *O guarda-costas*, e não pelo documentário, e na sua opinião o filme de George Butler era vanguardista demais para a imprensa estrangeira de Hollywood. Mas eu achei que mal não poderia fazer. Para começar, os críticos apreciam ver o trabalho mais recente de um artista, ainda que não seja o que estão julgando, pois gostam de sentir que estão votando em alguém que está em uma boa fase profissional. Além disso, no documentário eu podia me soltar muito mais, então por que não dar aos críticos as duas visões: *O guarda-costas* pela atuação e *O homem dos músculos de aço* pelo atrevimento? Também imaginei que a imprensa estrangeira fosse simpatizar imediatamente com um imigrante se esforçando para divulgar um esporte nos Estados Unidos. E, mesmo que nenhuma dessas razões se sustentasse, eu tinha muito orgulho do trabalho que fizera em *O guarda-costas* e queria chamar atenção para ele de todas as formas possíveis. Vários jornalistas foram assistir à projeção e, no final, as pessoas me abraçaram e disseram coisas como "Você arrasou!" ou "Que maravilha!", mostrando que a

estratégia tinha funcionado.

Uma semana antes da estreia, em janeiro de 1977, *O homem dos músculos de aço* apareceu nas colunas de fofocas por causa de um almoço que Bobby havia promovido no Elaine's. Delfina Rattazzi era a anfitriã, eu, o convidado de honra, e entre os demais participantes estavam celebridades como Andy Warhol, George Plimpton, Paulette Goddard, Diana Vreeland e o editor da *Newsweek*. Quem roubou a cena, porém, foi Jackie Onassis. Ela era conhecida pela discrição e por nunca dar entrevistas, e fiquei lisonjeado que estivesse ali mesmo sabendo que a imprensa iria cobrir o evento. Acho que compareceu em parte como um favor – Delfina era sua assistente editorial na Viking – e em parte por curiosidade, porque gostava de estar envolvida com arte, tendências e novidades.

Jackie ficou até o fim do almoço e pude conversar com ela por 15 minutos. Quando eu era criança, considerava John Kennedy sinônimo dos Estados Unidos, então conhecer Jackie foi como um sonho. O que mais me impressionou foi sua sofisticação e elegância. Ficou claro que tinha se preparado para o evento, pois não perguntou nada grosseiro ou vago do tipo "Sobre o que é o filme?". Pelo contrário: me fez sentir que o documentário era importante e que ela valorizava o que estávamos tentando fazer. Fez várias perguntas bem específicas: "Como você treina?", "Como é ser jurado em uma competição?", "Qual é a diferença entre Mister Olympia e Mister América?", "Esse esporte seria bom para meu filho adolescente?", "Com que idade se pode começar a malhar?". Eu já tinha predisposição para gostar dela antes mesmo de nos conhecermos, e essa conversa fez de mim um grande fã.

É claro que pessoas do calibre de Jackie têm as habilidades sociais necessárias para fazer parecer que prestam muita atenção em você e sabem várias coisas sobre as suas atividades. Era muito difícil dizer se ela estava de fato interessada. Meu palpite é que ela devia ser uma pessoa naturalmente curiosa. Ou quem sabe achasse mesmo que John Kennedy Jr. poderia gostar de malhar. Ou, ainda, talvez estivesse apenas fazendo um favor a Delfina. O fato é que ela com certeza deu uma grande injeção de publicidade em *O homem dos músculos de aço*, e o fato de ter levado o filho à estreia em Nova York, na semana seguinte, convenceu-me de que seu interesse era genuíno.

Para a estreia, Bobby Zarem e George Butler não pouparam esforços. Convidaram 500 pessoas para a sessão no Plaza Theater, sala localizada na Rua 58. Houve fotógrafos, câmeras de TV, barreiras policiais, limusines, holofotes riscando o céu – tudo a que se tinha direito. Apesar do frio abaixo de zero, uma dezena de fãs adolescentes ficou à minha espera na porta do cinema e se pôs a entoar "Arnold! Arnold!" quando apareci. Cheguei cedo com minha mãe, que viera da Áustria especialmente para a ocasião, pois queria circular, beijar todas as garotas bonitas e receber as pessoas que fossem chegando. Pela primeira vez na vida, usei um smoking. Tive que mandar fazer a roupa sob medida, porque, mesmo pesando 102 quilos na ocasião, nenhum lugar tinha trajes para alugar em que coubessem um peito de 145 centímetros e uma

cintura de 81.

O público era uma mistura fantástica de escritores, socialites, criadores de tendências, profissionais do entretenimento, executivos, críticos, artistas, modelos e fãs de fisiculturismo. Estavam presentes Andy Warhol; Diana Vreeland; as atrizes Carroll Baker, Sylvia Miles e Shelley Winters; o ator Tony Perkins com a mulher, a fotógrafa de moda Berry Berenson; o escritor Tom Wolfe; a modelo Apollonia van Ravenstein; o astro pornô Harry Reems, e metade do elenco de *Saturday Night Live*. James Taylor apareceu com a esposa, Carly Simon, grávida. Ela flexionou um bíceps para as câmeras e contou a um jornalista que sua música "You're So Vain" ("Como você é vaidoso") fora escrita para um fisiculturista.

Os praticantes do esporte fizeram uma entrada triunfal. Enquanto os convidados estavam todos no saguão bebendo vinho branco, seis gigantes que apareciam no filme adentraram o recinto, entre eles Franco, Lou Ferrigno e Robby Robinson, o "Príncipe Negro", usando uma capa de veludo negra e um brinco de diamante.

O homem dos músculos de aço estava finalmente fazendo o que esperávamos: tornando o fisiculturismo popular. Eu passara a semana inteira dando entrevistas e várias resenhas mostravam que os críticos estavam entendendo o recado. "Esse documentário inteligente e aparentemente simples humaniza um mundo que tem seu próprio heroísmo torto", escreveu a *Newsweek*, enquanto a *Time* afirmou que o documentário tinha "belas fotografia e edição, uma estrutura inteligente e – correndo o risco de usar o que à primeira vista pode parecer um adjetivo bastante inapropriado – encanto. Sim, é um filme encantador".

O público do Plaza também gostou e aplaudiu com entusiasmo no final da sessão. Todos ficaram para assistir à demonstração de fisiculturismo que veio em seguida. Minha principal tarefa naquela noite era apresentar o evento. Começamos com a exibição de força de Franco, que incluía dobrar uma barra de aço com os dentes e explodir uma bolsa de água quente de borracha com a força dos pulmões. Logo antes de a bolsa explodir, deu para ver os convidados sentados nas primeiras filas tapando os ouvidos. Então os outros fisiculturistas se juntaram a Franco no palco e começaram a fazer poses enquanto eu narrava o espetáculo. No final, a atriz Carroll Baker correu para o palco usando um vestido provocante e começou a apalpar os tríceps, peitorais e coxas de todos antes de fingir desmaiar de êxtase nos meus braços.

Fui com meu smoking novo a outro evento importante duas semanas depois, na entrega do Globo de Ouro. A cerimônia foi no hotel Beverly Hilton, e novamente compareci acompanhado de minha mãe. Ela só falava algumas palavras em inglês e, se eu não traduzisse em seguida, mal conseguia entender o que estava sendo dito. Mas tinha achado o agito de Nova York divertido e, quando os fotógrafos gritaram para mim "Pose com a sua mãe!", ela abriu um sorriso e deixou que eu lhe desse um grande abraço. Ficou impressionada quando o estúdio mandou uma limusine nos buscar para a cerimônia. Estava

animadíssima para ver Sophia Loren.

Vários astros compareciam ao Globo de Ouro, porque a cerimônia era menos formal e mais divertida que a entrega do Oscar. Vi os atores Peter Falk, Henry Fonda e Jimmy Stewart perto do bar. As atrizes Carol Burnett, Cybill Shepherd e Deborah Kerr também estavam lá. Fiz piadas com Shelley Winters e paquerei a deslumbrante Raquel Welch. Henry Winkler veio me elogiar por *O guarda-costas* e expliquei à minha mãe, em alemão, que ele fazia o personagem Fonzie em uma importante série de televisão chamada *Happy Days* (Dias felizes). Quando fomos jantar, vi Dino de Laurentiis com Jessica Lange do outro lado do salão. Ela era a sexy protagonista do filme *King Kong*, produzido por Dino, e estava concorrendo ao prêmio de Melhor Atriz Estreante. Ele sequer tomou conhecimento da minha presença.

Sentado ao nosso lado estava Sylvester Stallone, que eu conhecia porque tínhamos o mesmo agente, Larry Kubik. Seu filme *Rocky: Um lutador* era o sucesso do ano, tendo feito todos os outros filmes que concorriam a prêmios, incluindo *Rede de intrigas*, *Todos os homens do presidente* e *Nasce uma estrela*, comerem poeira nas bilheterias, além de ser indicado a Melhor Filme. Dei-lhe os parabéns e ele me contou, animado, que estava escrevendo um novo filme sobre lutadores e que talvez houvesse um papel para mim.

Depois do jantar, o apresentador da cerimônia, Harry Belafonte, subiu ao palco. Senti meu corpo tomado pela mesma serenidade que me invadia durante as competições – ali, assim como nas disputas de fisiculturismo, eu sabia que podia relaxar, pois fizera o possível para vencer. Quando minha categoria foi anunciada e eu venci, foi Sylvester Stallone quem puxou as palmas. Em seguida, quando *Rocky* também venceu, ele ficou maluco e saiu beijando todas as mulheres pelo caminho até chegar ao palco.

Receber meu primeiro prêmio como ator foi uma sensação incrível. Ganhar o Globo de Ouro foi uma confirmação de que eu não tinha ficado doido: estava no caminho certo.

EU AGORA PASSAVA QUASE TANTO TEMPO em Manhattan quanto em Los Angeles. Para mim, Nova York parecia uma loja de doces. Conviver com todos aqueles personagens fascinantes era muito divertido. Eu estava orgulhoso e feliz por ser aceito e me sentia um sortudo por ter o tipo de personalidade que deixa as pessoas à vontade. Ninguém se sentia ameaçado pelo meu corpo. Pelo contrário: todos queriam me estender a mão, me ajudar e entender o que eu estava tentando fazer.

Elaine Kaufman, dona do Elaine's, era conhecida por ser durona e difícil, mas comigo era um amor. Assumiu o papel da minha mãe em Nova York. Sempre que eu aparecia, ela me levava de mesa em mesa e me apresentava a personalidades como o diretor Robert Altman, Woody Allen, Francis Ford Coppola, Al Pacino. "Vocês precisam conhecer este rapaz", dizia ela. "Arnold, por que não puxa uma cadeira e se senta aqui? Vou buscar algo para você comer." Às vezes eu ficava muito sem graça, porque ela interrompia a conversa

e podia ser que aquelas pessoas não quisessem a minha presença. No entanto, ali estava eu.

Cometi alguns erros estúpidos, como dizer ao grande bailarino Rudolf Nureyev que ele não deveria perder contato com seu país de origem e que precisava voltar para visitá-lo, sem me dar conta de que ele saíra fugido da Rússia em 1961. Os habitués do restaurante, contudo, em geral se mostravam curiosos e simpáticos. Coppola fez várias perguntas sobre o universo do fisiculturismo. Andy Warhol quis intelectualizar o esporte e escrever sobre o seu significado: como uma pessoa pode ficar igual a uma obra de arte? Como pode ser a escultora de seu próprio corpo? Identifiquei-me com Nureyev porque ambos estávamos tendo nossos retratos pintados por Jamie Wyeth, artista plástico renomado e filho do famoso pintor Andrew Wyeth. Às vezes, o bailarino convidava a mim e a Jamie para ir ao Elaine's. Aparecia já tarde da noite, depois de um de seus espetáculos, usando um casaco de pele extraordinário com uma gola imensa e um cachecol esvoaçante. Não era um homem alto, mas tinha uma atitude que tomava conta do lugar. Ele era o rei. Dava para ver isso na sua forma de andar e no jeito como tirava o casaco, cada movimento justo e perfeito. Assim como quando estava no palco. Eu pensava o seguinte: diante de alguém como Nureyev, a imaginação assumia as rédeas e fazia a pessoa parecer um gigante. Ele era um doce de pessoa e me falou de seu amor pelos Estados Unidos e por Nova York. Mesmo assim, continuei intimidado. Ser um astro do balé era diferente de ser um astro do fisiculturismo. Eu podia ser Mister Olympia por 4 mil anos, mas jamais teria a mesma importância de Nureyev. Ele pertencia a outra esfera, assim como Woody Allen, que podia aparecer em um evento de gala de smoking e tênis brancos sem que ninguém comentasse nada. Era a sua maneira de dizer: "Vocês que se fodam. O convite dizia traje de gala, então eu vim de smoking, mas também vim calçado de Woody Allen." Eu admirava a audácia que tanto ele quanto Nureyev tinham.

Na região sul de Manhattan, o restaurante One Fifth, no Greenwich Village, era um ótimo lugar para se frequentar. Aos sábados, já tarde da noite, após o *Saturday Night Live*, era para lá que iam os integrantes do elenco – John Belushi, Dan Aykroyd, Gilda Radner e Laraine Newman. Muitas vezes eu ia assistir ao programa nos estúdios da NBC no Rockefeller Plaza, depois os encontrava no One Fifth – e de lá íamos todos para o Elaine's.

As melhores festas do sul de Manhattan eram as de Ara Gallant, sujeito macérrimo de 40 e poucos anos que sempre usava roupas justas de couro ou jeans, botas de caubói de salto alto com ponteira de prata, uma boinazinha preta com vários amuletos de ouro pendurados, suíças e, à noite, delineador nos olhos. No mundo da moda, ele era famoso como fotógrafo, além de ser o cabeleireiro e maquiador que inventara o look disco dos anos 1970: boca vermelha, roupas extravagantes, cabelos volumosos. Convidava todos os modelos que conhecia para as festas que dava em seu amplo e exótico apartamento, onde havia luzes vermelhas, música bate-estaca ao fundo e uma

névoa constante de fumaça de maconha. Dustin Hoffman frequentava essas festas, assim como Al Pacino, Warren Beatty e o melhor amigo de Gallant, Jack Nicholson – todos os grandes nomes do mundo do cinema. Para mim, era o paraíso. Eu ia todas as vezes que era convidado e estava sempre entre os últimos a sair.

Andy Warhol alugara um espaço em seu célebre estúdio The Factory para Jamie Wyeth pintar meu retrato. Em geral, eu ia posar no final da tarde e às oito ou nove da noite ele terminava de trabalhar e saíamos para jantar. Certa noite, porém, Warhol disse: "Se quiserem ficar, são mais do que bem-vindos. Vou tirar umas fotos daqui a uma meia hora."

Eu era fascinado por Warhol, com seus cabelos louros espetados, suas roupas de couro pretas e suas camisas brancas. Quando ele falava com você, mesmo que fosse durante uma festa, estava sempre com uma câmera em uma das mãos e um gravador na outra. Dava a sensação de que sempre poderia publicar algo da conversa em sua revista, a *Interview*.

Aceitei o convite, porque estava curioso para vê-lo trabalhar. De repente, meia dúzia de rapazes apareceu e tirou a roupa toda. Pensei: "Acho que vou participar de algo interessante aqui." Estava sempre disposto a descobrir alguma coisa ou ter uma experiência nova. "Se as coisas fugirem ao controle", disse a mim mesmo, "foi Deus quem me pôs neste caminho. Ele quer que eu esteja aqui, senão eu estaria trabalhando em alguma fábrica em Graz."

Como não queria ficar olhando para os caras pelados, comecei a passear pelo estúdio casualmente e a conversar com os assistentes de Andy. Eles estavam instalando holofotes antiquados ao redor de uma mesa no meio do estúdio. Era uma mesa grande e sólida, coberta com uma toalha branca.

Então Andy pediu que alguns dos caras nus subissem na mesa e deitassem uns sobre os outros, formando uma pilha. Depois começou a mudá-los de posição.

– Você, deite ali. Não, por cima dele, e depois você vai por cima. Isso. Perfeito. – Então deu um passo para trás. – Quem aqui é flexível? – perguntou.

– Eu sou bailarino – respondeu um dos caras.

– Ótimo. Por que não sobe aqui, põe uma das pernas aqui embaixo e a outra por cima? Depois vamos ajeitando as laterais...

Quando a pilha ficou do jeito que ele queria, Andy começou a fotografar com a Polaroid e a ajustar a iluminação. As sombras tinham que ficar perfeitas – ele era obcecado por isso.

– Venha cá, Arnold. Está vendo? É isso que estou tentando fazer. Ainda não ficou legal. Estou frustrado. – Ele me mostrou uma foto do que pareciam ser apenas formas, não pessoas. – Vai se chamar *Paisagens* – explicou.

Pensei: "Inacreditável. Esse cara está transformando bundas em montanhas."

– A ideia é fazer as pessoas falarem sobre o assunto e escreverem sobre como conseguimos esse efeito – prosseguiu ele.

Ao ouvir Warhol falar, tive a sensação de que, se tivesse pedido antes para

vê-lo trabalhar, ele teria recusado. Nunca se sabe a reação que um artista vai ter. Às vezes, ser espontâneo e agarrar uma oportunidade é o único jeito de ver a arte sendo feita.

Jamie Wyeth e eu nos tornamos bons amigos, e meses depois, quando o tempo esquentou, ele me convidou para ir à fazenda de sua família na Pensilvânia, perto do Brandywine River Museum, onde estão expostos alguns dos melhores quadros de seu pai. Conheci a mulher de Jamie, Phyllis, e então ele me levou até uma velha casa de fazenda vizinha à sua para conhecer seu pai.

Quando entramos, Andrew Wyeth, então com 60 anos, estava praticando esgrima. Não havia mais ninguém presente, mas ele parecia realmente estar enfrentando um oponente, porque estava até de máscara. "Pai!", gritou Jamie, acenando para chamar a atenção de Andrew. Os dois conversaram por alguns instantes e então Andrew se virou para mim e tirou a máscara. Jamie disse: "Pai, esse é Arnold Schwarzenegger. Ele fez *O homem dos músculos de aço*, e estou pintando o seu retrato."

Depois de conversarmos por algum tempo, Andrew perguntou:

– Quer ir comigo de carro ver o campo que estou pintando agora?

– Claro! – respondi.

Estava curioso para ver como ele trabalhava. Andrew me conduziu até os fundos da casa, onde estava estacionado um lindo e reluzente carro esportivo antigo, da década de 1920, chamado Stutz Bearcat: um conversível de dois lugares com rodas imensas e saltadas, parachoques e estribos compridos e sinuosos, canos de descarga cromados aparentes e grandes faróis separados do capô. Um lindo carro de cafetão. Eu conhecia esse automóvel caro e raro porque Frank Sinatra, Dean Martin e Sammy Davis Jr. tinham um. Começamos a subir uma estrada de terra enquanto Andrew explicava que conseguira o carro com uma empresa fabricante de vodca em troca de um anúncio. Enquanto ele falava, percebi que não estávamos em uma estrada, mas em uma trilha de fazenda, com sulcos para as rodas e mato crescendo de ambos os lados e no centro – um caminho que evidentemente não fora feito para carros como aquele. Quando até mesmo a trilha terminou, Wyeth continuou a subir um morro por cima do capim alto, aos trancos.

Finalmente, chegamos ao topo da colina, onde vi um cavalete e uma mulher sentada no chão, enrolada em um cobertor. Não era propriamente linda, mas era sensual, com traços fortes, fascinante – tinha algo de singular. "Pode tirar", disse Andrew. Ela deixou cair o cobertor e se sentou com seus lindos seios expostos, e eu o ouvi murmurar: "Ah, sim, isso mesmo." Então ele se virou para mim e disse: "É ela quem estou pintando agora", mostrando-me o início de um quadro no cavalete. "Enfim, eu queria que você a conhecesse porque ela fala alemão."

A mulher se chamava Helga Testorf e trabalhava em uma fazenda próxima. Andrew era obcecado por ela. Desenhou-a e pintou-a centenas de vezes ao longo dos anos, em sessões que os dois mantinham em segredo. Dez anos

depois, a história dos quadros e da obsessão do artista acabou indo parar na capa da *Time* e da *Newsweek*. Em 1977, porém, apareci por acaso para uma visita e ele me contou seu segredo.

CORRER DE UM LADO PARA OUTRO PROMOVENDO *O homem dos músculos de aço* demandava muito tempo, mas era algo que eu gostava de fazer. Na estreia em Boston, George Butler me apresentou a um amigo seu de longa data, John Kerry, na época primeiro assistente do promotor público do condado. Ele estava com Caroline Kennedy, a filha de 19 anos de John Kennedy e Jackie, que cursava Harvard. A moça no início pareceu reservada, mas depois do filme fomos todos jantar e ela se animou. Contou-me que escrevia para o *Harvard Crimson*, o jornal da universidade, e perguntou se eu poderia ir dar uma palestra lá no dia seguinte. É claro que concordei na hora. Ela e outros alunos que trabalhavam no *Crimson* me fizeram perguntas sobre o governo e a respeito do fisiculturismo. Alguém quis saber quem era meu presidente preferido. "John F. Kennedy!", respondi.

Além de tudo aquilo ser uma diversão para mim, também era um bom investimento no meu futuro. Ao promover o documentário e o esporte, eu também promovia a mim mesmo. Sempre que falava no rádio ou aparecia na TV, as pessoas se familiarizavam um pouco mais com meu sotaque, com o jeito Arnold de falar, e se sentiam um pouco mais à vontade e relaxadas *comigo*. O efeito era o contrário daquilo que os agentes de Hollywood haviam previsto. Eu estava transformando meu tamanho, meu sotaque e meu nome esquisito em trunfos, em vez de deixá-los intimidar os outros. Não demorou muito para as pessoas conseguirem me reconhecer sem me ver, apenas pelo nome ou pelo som da minha voz.

A maior oportunidade de promoção no momento era o Festival de Cinema de Cannes, na França, em maio. Para me preparar, decidi fazer algo em relação às minhas roupas. Até então, sempre aparecia com uma calça de tecido sintético, uma camisa da marca Lacoste e botas de caubói. A falta de dinheiro era um dos motivos para eu me vestir assim. Eu não tinha recursos para mandar fazer um guarda-roupa sob medida, e as únicas peças prontas que me serviam eram as de lojas para obesos, e ainda assim era preciso reduzir 45 centímetros na cintura. Além disso, até então eu nunca tinha me preocupado com vestuário. Eu precisava dobrar ou triplicar o valor de cada dólar que ganhava para garantir minha segurança financeira. Com roupas, o dinheiro ia embora rapidinho. George me disse que o melhor alfaiate de Nova York era Morty Sills. Então fui procurá-lo e perguntei:

– Se eu tivesse que escolher um único terno, qual seria?

– Onde vai usá-lo? – quis saber ele.

– Primeiro, daqui a um mês, vou ao Festival de Cinema de Cannes.

– Bom, nesse caso seria um terno de linho bege. Ponto final.

Assim, Morty fez para mim um terno de linho bege e escolheu uma gravata e uma camisa que me deixassem bastante elegante.

Quando cheguei a Cannes, constatei que era mesmo importante estar bem-vestido. Usando o terno do qual tanto me orgulhava, com a camisa, a gravata e os sapatos certos, pude circular entre os milhares de jornalistas presentes e consegui várias matérias para *O homem dos músculos de aço*. Meu maior sucesso lá, porém, foi na praia, onde George teve a ideia de fazer uma sessão de fotos com algumas garotas da boate de striptease e cabaré parisiense Crazy Horse. Elas posaram com vestidos de verão cheios de babados, chapéus e buquês de flores nas mãos – enquanto eu usava apenas uma sunga. Essa imagem foi publicada em vários jornais mundo afora e a sessão do filme lotou.

Havia muitos artistas famosos em Cannes – Mick e Bianca Jagger estavam lá! –, e eu participei de tudo. Bati bola com Pelé. Mergulhei com os homens-rãs do exército francês. Conheci o ator Charles Bronson. A responsável pela distribuição de seus filmes na Europa deu uma festa para ele em um hotel na praia. Ela se sentou ao lado dele na mesa principal, e eu estava perto o suficiente para ouvir a conversa entre os dois. Na verdade, Bronson não era um cara fácil.

– Você está contribuindo muito para o nosso sucesso – disse a distribuidora. – É muita sorte tê-lo aqui. O tempo não está incrível? Que sorte a nossa termos sol todos os dias.

Ele aguardou um ou dois segundos e então respondeu:

– Detesto conversa fiada.

A mulher ficou tão chocada que se virou para o convidado que estava do outro lado. Fiquei estarrecido. Mas ele era assim mesmo: um grosseirão. Isso nunca pareceu prejudicar seus filmes, mas decidi que eu seria mais simpático.

Agora que eu estava interessado em me vestir bem, meu agente, Larry Kubik, se ofereceu para me levar às compras quando voltei para Los Angeles. "Dá para encontrar essa mesma calça em outra loja que *não* fica na Rodeo Drive por metade do preço", dizia ele. Ou então: "Essas meias marrons não vão combinar com essa camisa. Acho que você deveria usar meias azuis." Ele tinha um bom olho e, para nós dois, fazer compras era uma ótima distração depois de recusar papéis horríveis. As últimas propostas tinham sido o papel de um capanga em *Sexteto*, estrelado pela atriz octogenária Mae West, e, por um cachê de 200 mil dólares, estrelar um comercial de pneus de caminhão.

Durante muitos meses, parecia que minhas únicas investidas que davam certo em Los Angeles eram as que eu fazia no setor imobiliário. Em parte por causa da inflação e em parte por causa do crescimento econômico, os valores dos imóveis em Santa Monica estavam disparando. Embora meu prédio sequer estivesse no mercado, mais ou menos na mesma época da estreia de *O homem dos músculos de aço* um comprador me ofereceu por ele uma quantia muito maior que a que eu pagara em 1974. Lucrei 150 mil dólares com meu investimento de 37 mil – em três anos, eu havia quadruplicado o valor. Investi tudo em um prédio duas vezes maior, com 12 apartamentos em vez de seis – graças à ajuda de minha amiga Olga, que, como sempre, soubera encontrar o imóvel certo para comprar.

Ronda Columb, a secretária que vinha administrando minha empresa de vendas por correspondência e organizando minha agenda maluca havia muitos anos, ficou animada ao me ver virar um minimagnata das propriedades imobiliárias. Nova-iorquina, ela já se divorciara quatro vezes e era uns 10 ou 12 anos mais velha que eu. Seu primeiro marido fora campeão de fisiculturismo nos anos 1950. Eu conhecera Ronda por intermédio da Gold's. Ela era como uma irmã mais velha para mim. Seu namorado mais recente era um empreendedor do setor de imóveis chamado Al Ehringer.

Um dia, do nada, ela me disse:

– Al adora você, sabia?

– É claro que ele me adora: eu o deixo levar minha secretária para casa! – brinquei.

Ronda riu.

– Não, sério, ele o adora de verdade e quer fazer negócios com você. Você aceitaria fazer negócios com ele?

– Bom, descubra o que ele tem em mente, porque tem um prédio à venda na Main Street, e se ele quiser participar...

Al tinha reputação de ser um empreendedor astuto, com talento para escolher as áreas com potencial. Tivera um papel importante na recuperação do centro histórico da cidade californiana de Pasadena, com lojas e lofts. Eu achava que Santa Monica talvez estivesse pronta para o mesmo tipo de revitalização. A Main Street, uma rua paralela ao mar a alguns quarteirões da praia, estava abandonada e cheia de bêbados e sem-teto, e havia muitos imóveis à venda. Eu queria investir 70 mil dólares, que economizara graças a *O homem dos músculos de aço* e outros trabalhos.

Al já conhecia o prédio no qual eu estava interessado. "Aquele imóvel e mais outros três estão à venda", disse ele. "Escolha o que preferir e eu assino embaixo." Então nós dois compramos o prédio e começamos a dar uma cara nova à Main Street.

Nosso prédio começou a se pagar quase imediatamente. Havia três casinhas nos fundos, que vendemos por uma quantia suficiente para reembolsar toda a entrada que tínhamos dado. Isso facilitou a obtenção de um empréstimo grande, para uma reforma total. Além disso, como o imóvel tinha mais de 50 anos, era considerado um bem histórico e tinha isenção fiscal. Mais um motivo para se amar os Estados Unidos: na Áustria, se você quisesse que um imóvel fosse declarado bem histórico e ele tivesse menos de 500 anos de idade, o governo riria da sua cara.

Ganhar dinheiro assim me deixou bem mais confiante. Ajustei meu plano de vida: ainda queria ser dono de uma rede de academias um dia, mas, em vez de faturar com filmes, como Reg Park e Steve Reeves, eu ganharia com imóveis.

RONDA SEMPRE ORGANIZAVA OS PEDIDOS DE aparições públicas em uma pilha para minha avaliação. Naquela primavera, o que chamou minha atenção

foi um convite da organização Special Olympics assinado por Jackie Kennedy Onassis. O convite pedia que eu fosse à Universidade do Wisconsin a fim de ajudar com pesquisas que tentavam descobrir se a musculação era uma atividade benéfica para crianças deficientes mentais.

Eu disse a Ronda que aceitaria. Eu já estava dando seminários sobre musculação e sobre como ser um vencedor e pensei que prestar consultoria para uma universidade poderia ser uma boa credencial para promover o fisiculturismo como esporte, ainda que não houvesse cachê. Eu não sabia se a musculação podia ajudar crianças deficientes mentais, mas fiquei fascinado pelo fato de elas quererem tentar, e isso iria me introduzir em um mundo totalmente novo.

Quando cheguei a Wisconsin, em abril, ainda havia neve no solo: o evento estava acontecendo no campus norte da universidade, localizado em Superior, perto de Duluth. As duas mulheres que foram me buscar no aeroporto eram pesquisadoras com doutorado. Ao chegarmos ao local, elas me levaram junto com Jackie até a sala de musculação do ginásio, onde as crianças iriam treinar na manhã seguinte.

– Que exercícios podemos orientar que façam? – perguntou Jackie.

– Não sei qual é o nível de deficiência dessas crianças – comecei –, mas um dos exercícios seguros que elas podem fazer é o supino com barra. Outro é o levantamento terra, a rosca bíceps também, e uma coisa que pode ser segura é...

– Certo – disse Jackie. – Para o primeiro dia, vamos parar por aí.

Montamos os equipamentos e a câmera, certificando-nos de que haveria luz suficiente para filmar, e preparamos um plano para o dia seguinte. Nessa noite, fiquei deitado na cama pensando em como iria lidar com as crianças. Em vez de me preocupar, decidi simplesmente improvisar.

Havia uns 10 meninos no início da adolescência e, assim que pisei na sala, ficou claro o que tinha que fazer. Eles me rodearam e pediram para tocar nos meus músculos. Quando os flexionei, ficaram exclamando: "Caramba! Caramba!" Percebi que aqueles garotos eram como barro nas minhas mãos. Para eles, autoridade era uma coisa muito mais visual do que intelectual – eles me ouviam não porque eu tinha estudado fisioterapia ou algo assim, mas por causa dos meus bíceps.

Comecei com o supino, apenas a barra com uma anilha de 4,5 quilos de cada lado, e fiz os meninos se revezarem para executar 10 repetições cada um. Fiquei por perto para posicionar a barra e baixá-la até o peito deles. Os dois primeiros se saíram bem, mas o terceiro entrou em pânico ao sentir o peso da carga e começou a gritar, porque achou que a barra fosse esmagá-lo. Tirei-a de cima de seu peito e ele se levantou com um pulo.

"Tudo bem", falei para ele. "Não se preocupe. Respire, relaxe, fique aqui e observe seus amigos."

Ele então ficou vendo os outros se revezarem no aparelho para erguer o peso 10 vezes cada um. Depois de algum tempo, vi que tornou a se interessar.

"Quer tentar de novo?", sugeri, e ele concordou. Estava um pouco mais confiante quando pus a barra sem carga sobre seu peito, e fez 10 repetições. "Segure firme", falei. "Você é bem forte, acho que consegue fazer com carga agora." Coloquei as anilhas na barra, 9 quilos no total, e ele não só fez mais 10 repetições com facilidade como pediu que eu aumentasse o peso. Entendi que estava assistindo a uma ocorrência rara. Vinte minutos antes, aquele menino estava completamente intimidado e agora se mostrava ultraconfiante. Nos dias seguintes, fiz sessões de levantamento de peso com outros grupos de crianças, testando exercícios diferentes, até as pesquisadoras coletarem todos os dados de que precisavam. Uma das observações que elas fizeram foi que a musculação era melhor para gerar autoconfiaça do que, por exemplo, o futebol. No futebol, às vezes você consegue dar um bom chute e outras vezes não, mas na musculação, quando você levanta quatro anilhas, sabe que na próxima vez vai conseguir levantar de novo quatro anilhas. Essa previsibilidade ajudava as crianças a ganhar autoconfiança rapidamente.

Esse trabalho deu origem aos eventos de levantamento de peso da Special Olympics, que hoje atraem mais competidores que qualquer outra modalidade do evento. Procuramos movimentos que fossem seguros – às vezes, por exemplo, por causa da deficiência, as crianças não se equilibram muito bem, então deixamos de fora os agachamentos. Acabamos incluindo apenas o levantamento terra, no qual nada pode dar errado porque você simplesmente levanta a barra até ficar totalmente ereto, e o supino, em que há ajudantes ao seu lado para firmar a barra se for preciso.

Uma das pesquisadoras organizou um jantar para mim em sua casa e, durante a conversa, Jackie me perguntou sobre meus estudos.

– Bom, eu já fiz milhares de cursos, mas nunca tentei tirar um diploma porque estudei em três faculdades diferentes – respondi.

– Nós temos o maior programa de ensino por correspondência do país – disse ela. – Quem sabe você consegue seu diploma conosco? Por que não nos manda seu histórico?

Fiz isso quando voltei para casa e, depois de analisar meus documentos, eles me escreveram informando que faltavam apenas duas disciplinas para que eu pudesse me formar: ciências básicas e educação física. Tive que rir da segunda, mas concordei em preencher ambas as lacunas.

NO INÍCIO DE AGOSTO, QUANDO BOBBY ZAREM me ligou com um convite dos Kennedy, quase recusei. Era para jogar no Torneio de Tênis de Celebridades Robert F. Kennedy, em Forest Hills, no estado de Nova York.

– Eu não sei jogar tênis – falei.

Que sentido faria participar se eu não pudesse de fato contribuir para o evento? Pelo mesmo motivo, eu sempre me recusava a participar de torneios de golfe para celebridades.

– Você deveria ir – aconselhou Bobby. – É um convite difícil de receber. – Ele explicou que tinha conseguido um lugar para mim na última hora, porque

o ator James Caan desistira. – Pelo menos pense no assunto, está bem?

Como esse era exatamente o tipo de dilema que Larry adorava, liguei para ele. "Aceite", respondeu ele quase antes de as palavras saírem da minha boca. "Você só precisa de um instrutor. Por que não contrata o mesmo que Bruce Jenner, aquele atleta olímpico, usou? Ele foi convidado, estava tendo aulas com esse cara havia apenas um ano e ganhou o torneio."

Bobby tornou a ligar e estava na linha com Ethel Kennedy, viúva de Robert Kennedy. Isso me convenceu.

Pensei: "Deixe de ser burro! Você não pode dizer não a Ethel Kennedy! E por acaso não gosta de um desafio?" Além do mais, era por uma ótima causa. Então aceitei o convite e comecei a ir a Malibu três vezes por semana para aprender tênis com o instrutor de Bruce Jenner.

Como o torneio estava marcado para 27 de agosto, tínhamos apenas três semanas. No início, as bolas voavam para tudo quanto era lado, mas treinei o bastante para conseguir acertá-las. Além disso, eu corria bem pela quadra, o que também ajudava. Quando não era dia de aula com o instrutor, Larry e Craig tiravam um tempinho do trabalho para bater bola comigo. Eles queriam garantir que eu passasse a melhor impressão possível entre as celebridades que estariam nas quadras.

Treinar para algo que eu não tinha a menor esperança de vencer era uma experiência nova. Eu sequer me importava que as pessoas rissem – até já esperava por isso. No entanto, queria pelo menos conseguir fazer uma boa exibição, e seria bom para a causa.

Um sonho de mulher

NA SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 1977, peguei um avião para Nova York a fim de participar do Torneio de Tênis de Celebridades Robert F. Kennedy. A festa pré-torneio foi no Rainbow Room, no último andar do prédio da NBC no Rockefeller Center. Quando entrei, dei de cara com Tom Brokaw segurando um drinque. Já o conhecia de Los Angeles, onde ele fora âncora do noticiário noturno da NBC antes de ser transferido para cobrir a Casa Branca. Era amigo da família Kennedy e estava se tornando uma figura importante no jornalismo televisivo.

– Oi, Arnold – disse ele. – Tudo bem? Venha cá, deixe que lhe apresente Ethel. Ela é nossa anfitriã hoje.

Ethel Kennedy me abriu um enorme sorriso.

– Que prazer ter você aqui! Li tanta coisa a seu respeito... Obrigada por nos ajudar. Estamos levantando dinheiro para... – E ela começou a discorrer sobre o lado beneficente do torneio. Então completou: – Venha conhecer Teddy.

Teddy Kennedy, senador por Massachusetts, também estava por perto tomando um drinque. Aproximou-se e me cumprimentou com um aperto de mão. Então Tom perguntou:

– Você veio sozinho?

– Vim.

– Bom, então tenho a garota certa para você. Você precisa conhecer a Maria. Onde ela está? Pessoal, mandem chamar a Maria!

Então Maria Shriver apareceu. Estava usando uma roupa bonita, ao mesmo tempo elegante e casual. Parecia totalmente à vontade. Era engraçada e divertida. Pouco depois, também fui apresentado a sua mãe, Eunice Kennedy Shriver. As primeiras palavras que saíram da minha boca foram:

– Sua filha tem uma bela bunda.

Eu adorava dizer barbaridades para as pessoas, mas Eunice sequer pestanejou.

– Que gentileza a sua – respondeu.

Maria me convidou para jantar na sua mesa. Quando terminamos, fomos dançar. "Nossa", pensei, "essa garota faz totalmente o meu tipo." Não que eu tenha me apaixonado, pois não a conhecia. Mas pude ver que ela era uma moça alegre, tinha ótima personalidade e uma linda cabeleira negra, além de

ser uma bomba de energia positiva que eu queria ter por perto.

Na manhã seguinte, recebemos as seguintes instruções: "Deixem seus pertences e objetos de valor no quarto. Vistam seus uniformes de tenistas e desçam para o saguão do hotel às nove horas." Um ônibus nos levou até o clube de tênis de West Side, em Forest Hills. Ali ficamos aguardando na área que servia como sala de espera, onde nos divertimos, batendo papo e comendo. Fui apresentado a todo mundo, inclusive ao vice-presidente Walter Mondale, ao humorista Bill Cosby, aos cantores Diana Ross e Andy Williams, a estrelas do tênis como Ilie Nastase e Renée Richards e ao ex-apresentador do *Tonight Show* Jack Paar. Também reencontrei o brasileiro Pelé. Enquanto isso, as partidas de tênis eram disputadas nas duas quadras principais do clube. Não era um torneio de verdade: os jogos simplesmente se sucediam e, quando você era chamado, ia lá e jogava, pois na verdade o importante era arrecadar dinheiro, não tentar vencer. Caroline Kennedy e Maria passaram o tempo inteiro circulando, cada qual com uma câmera, fotografando todo mundo e tirando várias fotos minhas.

Não sei quem escolheu as duplas, mas essa pessoa com certeza tinha senso de humor. Meu parceiro foi o ex-astro do futebol americano Rosey Grier, de 1,96 metro e 136 quilos. Felizmente, ele sabia jogar só um pouco melhor que eu. Nossos adversários eram dois meninos de 10 anos. Conseguimos bater bola com eles e, sempre que Rosey e eu perdíamos um ponto, arrancávamos a camisa e ameaçávamos nossos adversários – o público achava graça, e era isso que Ethel queria. As pessoas estavam doando uma boa quantia para passar o dia inteiro ali assistindo às partidas, então mereciam um bom espetáculo. Em determinado momento, apresentei Pelé para receber um prêmio, ele apresentou a mim e Bobby Kennedy Jr. subiu ao palco para elogiar todos os participantes e entregar mais prêmios. Quando o torneio já estava terminando, no final da tarde, Caroline e Maria foram me procurar atrás do palco e perguntaram:

– O que você vai fazer depois daqui?

– Não sei. Voltar para Los Angeles.

– Não quer ir a Hyannis Port?

Eu sabia que aquilo ficava em algum lugar ao norte de Nova York, mas não exatamente onde.

– Como é que se chega lá?

– De avião.

– Quantas horas de voo?

– Uma hora e meia, por aí. Mas nós temos nosso próprio avião, então não precisa se preocupar.

Encerrado o torneio, fomos jantar em um restaurante, e a pressão de Caroline e Maria continuou.

– Você tem que ir a Hyannis Port com a gente.

Quando penso nisso hoje em dia, acho que sei o que aconteceu. Maria e Caroline decidiram: "Não seria engraçado convidar Arnold para ir a Hyannis

Port?" O senso de humor delas era assim. "Hércules em Hyannis Port! Seria demais." Caroline já me conhecia de minha visita a Harvard, no ano anterior, e não sei quanto instigou Maria, mas as duas com certeza já tinham falado sobre o plano com os primos. Portanto, aquilo agora era uma missão.

Não sabia se deveria ir. Parecia complicado demais. Além disso, eu não levara dinheiro algum, e só tinha meu uniforme de tênis e a raquete ganha no torneio.

– Não se preocupe com suas roupas que ficaram no hotel – disse Maria. – De qualquer maneira, o quarto já está pago pela fundação até amanhã à noite. A essa hora você já terá voltado, então pode pegar suas coisas e ir para casa. Enquanto isso, venha conosco. O que vamos fazer lá, só para você saber... Você gosta de esqui aquático?

– Gosto, eu sei esquiar. Não consigo ficar em pé em um esqui só, mas em dois eu consigo.

– Sabe nadar?

– Sei, sim. Gosto muito de nadar.

– Ótimo, porque nós gostamos de sair de barco e de nos revezar para sermos rebocados pelo veleiro, e vamos até Egg Island. É muito divertido! Só fazemos coisas no mar, então você não precisa levar nada. Já está de short, mesmo, e meu irmão Bobby pode lhe emprestar outro, ou uma camisa, ou o que você precisar.

– Estou sem nenhum dinheiro, não tenho absolutamente nada.

– Você vai ficar na nossa casa! Não precisa de dinheiro.

Primeiro, uma leva de "adultos" embarcou: Ethel, Teddy e outros da mesma geração. Então, às nove da noite, entrei no avião com os primos. Lembro-me de ter aterrissado às dez e meia ou algo assim. Agora estávamos no casarão de Hyannis Port e Maria não parava de se exibir.

– Vamos nadar! – disse ela.

– Como assim, nadar?

– Está uma noite linda! Vamos nadar um pouco.

Então fomos. Nadamos até um barco bem distante do píer. Maria era um verdadeiro peixinho.

Tudo isso fazia parte do teste. Os primos viviam levando convidados à casa dos Kennedy para testá-los e fazer brincadeiras com eles. É claro que eu não sabia disso.

Finalmente, fomos dormir. Bobby me cedeu seu quarto, bem ao lado do de Maria. Na manhã seguinte, quando acordei, a casa estava em polvorosa. "Todo mundo pronto! Todo mundo pronto! Vamos nos encontrar na igreja! Vovó vai à igreja hoje! A missa é para ela!" Todos corriam para lá e para cá, pegando as roupas uns dos outros.

De repente, ocorreu-me que eu só tinha uma roupa de tênis.

– Não tenho nada para vestir – falei.

– Bom, tome aqui, vista uma camisa do Bobby – disse um dos primos.

Aquilo não parecia muito promissor: Bobby pesava 77 quilos e eu, 104. A

camisa ficou toda apertada, com os botões a ponto de arrebentar. Eu não tinha roupa nenhuma, e estávamos a caminho da igreja *onde Rose Kennedy iria nos encontrar*. Bobby ainda tentou me emprestar uma calça, mas ficou pequena *demais*. Não consegui sequer fazê-la passar pelas coxas. Então tive que ir à igreja de short, feito um menininho. Foi muito constrangedor – o que, naturalmente, era o objetivo. Os primos todos se esbaldaram de rir. "Hilário! Olhem a calça dele! Olhem a camisa dele!"

Voltamos para tomar o café da manhã na casa. Tive uma pequena oportunidade para me recompor. A propriedade dos Kennedy consistia em um grupo de casas de dois andares no meio de amplos gramados à beira-mar, bem pitoresca. Rose tinha sua própria casa, assim como cada um dos filhos. Eu estava hospedado na propriedade dos Shriver, porque Maria e Caroline tinham decidido que eu seria um convidado principalmente de Maria.

Ao longo do dia, os adultos se reuniam numa casa ou em outra para tomar café, almoçar, tomar um drinque e assim por diante. A informação de que eu não iria precisar de roupas elegantes era uma mentira deslavada, pois todos os homens se encontravam para os drinques de calça e blazer branco – e eu ali, de short. Fiz o melhor que pude, porém, e Maria e Caroline me apresentaram aos outros.

Rose apareceu para me conhecer. Tinha ficado muito curiosa em relação àquele rapaz do mundo dos músculos e começou a me fazer perguntas sobre exercícios. "As crianças da nossa família não se exercitam o suficiente e isso me preocupa. Pode nos mostrar uns exercícios agora? Preciso fazer alguns para minha barriga." Rose tinha quase 90 anos na época. Em pouco tempo, as crianças pequenas e até mesmo alguns dos pais estavam fazendo vários tipos de abdominais. Foi engraçadíssimo.

Mas ainda havia muito a entender ali. Por que aquela propriedade familiar coletiva? Por que todas aquelas casas juntas? Era fascinante ver como os Kennedy circulavam pelas propriedades uns dos outros: "Hoje vamos tomar um drinque na casa de Teddy, depois jantar na de Pat, e amanhã vamos tomar café com Eunice e Sarge", e assim por diante.

Supercompetitivos entre si, os primos quiseram me testar para ver se eu tinha espírito esportivo. Entre outras coisas, amarraram-me a uma corda e me arrastaram atrás do veleiro, por exemplo. No entanto, sob a liderança do mais velho, Joe Kennedy II, eles eram também encantadores. Quando estavam todos se preparando para a habitual partida de *touch football*, uma variante do futebol americano, no gramado da avó, Joe me perguntou:

– Você joga?

– Nunca toquei numa bola de futebol americano – respondi.

– Reparei ontem que você apresentou Pelé como se o conhecesse muito bem, então imagino que tenha mais familiaridade com o futebol de campo.

– É.

Então, nesse dia, Joe fez todos jogarem futebol. Foi um daqueles pequenos gestos que nunca se esquece. Primogênito de Robert F. Kennedy, Joe tinha a

reputação de ser um rapaz difícil, dado a acessos de raiva e gritarias. Nesse dia, porém, vi quanto ele era classudo e compreensivo. Quis saber o que eu fazia, em que consistia meu treino, e perguntou sobre o lugar de onde eu vinha, a Áustria. O fato de ele ser mais ou menos da minha idade também ajudou – tinha cinco anos a menos que eu –, e Joe se identificou mais comigo do que os outros. Quando uma pessoa me trata com esse tipo de consideração, eu faço tudo o que puder por ela pelo resto da vida.

Mais ou menos na hora do pôr do sol, Maria e eu acompanhamos a avó dela em um passeio. Rose fez perguntas de gramática para a neta, como para se certificar de que os estudos universitários dela estavam indo bem: "Qual é o certo, para *eu* fazer ou para *mim* fazer?" Então começou a usar o alemão comigo e explicou que quando criança havia frequentado uma escola de freiras na Holanda, onde aprendeu aquele idioma como língua estrangeira. Rose falou com desenvoltura sobre Beethoven, Bach e Mozart. Contou-nos que adorava óperas e sinfonias e que tocava piano desde pequena. Foi muito interessante estar assim tão próximo da matriarca dos Kennedy – e da história sobre a qual eu tanto ouvira falar.

Mais tarde nesse dia, tive que ir embora. Maria me acompanhou ao aeroporto, e estávamos conversando perto dos guichês quando lembrei que não tinha dinheiro algum. Ela teve que fazer um cheque para pagar minha passagem. Ter que pedir dinheiro emprestado a uma garota de 20 anos me fez ficar vermelho igual a um tomate, tamanho meu constrangimento. Sempre quis ganhar meu próprio dinheiro justamente para nunca ter que pedir doações ou empréstimos. A primeira coisa que fiz ao chegar a Los Angeles foi falar com Ronda: "Faça um cheque agora mesmo e o mande para Maria, porque ela me emprestou 60 dólares. Tenho que devolver o dinheiro o mais rápido possível." Mandei o cheque junto com um cartão agradecendo a gentileza dela.

Maria e eu não tornamos a nos falar até perto do Dia das Bruxas. Eu agora estava fazendo uma turnê promocional do meu novo livro, *Arnold: The Education of a Bodybuilder* (Arnold – A educação de um fisiculturista), misto de relato pessoal e introdução à musculação que assinei junto com um escritor e fotógrafo chamado Douglas Kent Hall depois que me aposentei das competições. O editor – Dan Green, da Simon & Schuster – era fascinado por fisiculturismo, e a ideia do projeto tinha sido sua. Quando me reuni com ele para discutir o plano de marketing do livro, ele se mostrou muito animado.

– Esse livro vai ser um sucesso – falou. – Vai vender tanto quanto *Pumping Iron*.

– Não se mantivermos a mesma estratégia de publicidade – falei.

A proposta que ele estava me apresentando só previa visitas a meia dúzia das maiores cidades do país.

– As pessoas só vão comprar o livro se souberem que ele existe – comentei. – Se não mostrarmos isso a elas, como vão saber? Se quiser que o livro venda, não me mande só para seis cidades. Temos que ir a 30 cidades, e temos que

fazer isso em 30 dias.

– Trinta cidades em 30 dias?! Que loucura!

– Você devia ficar feliz – continuei. – Nós vamos visitar cidades às quais as celebridades nunca vão e assim poderemos conseguir mais espaço nos noticiários matinais.

– É, isso é verdade – concordou ele.

Lembrei-lhe que *Pumping Iron* fora bem-sucedido porque na época tínhamos feito uma promoção mais abrangente que o habitual e vendido em lugares não convencionais, como lojas de artigos esportivos.

As turnês promocionais de livros sobre esportes em geral não passavam por Washington. Mas eu havia promovido *Pumping Iron* na capital, de modo que fazia sentido voltar lá e falar com os mesmos jornalistas. Como Maria morava na cidade, pareceu-me natural entrar em contato com ela. Liguei antes de ir e ela se ofereceu para me mostrar a cidade, toda animada. Só cheguei bem tarde, às oito ou nove horas da noite do Dia das Bruxas. Maria foi me buscar fantasiada de cigana e me levou para conhecer os bares e restaurantes em que havia trabalhado quando estava na faculdade – ela acabara de se formar na Universidade de Georgetown. A fantasia estava perfeita: vestido colorido, várias pulseiras, brincos enormes e aquela linda e farta cabeleira negra. Nós nos divertimos bastante até mais ou menos uma da madrugada, quando ela voltou para casa. Na manhã seguinte, tive meus encontros com a imprensa e segui viagem.

Uma semana depois, mandei-lhe flores no seu aniversário, 6 de novembro, coisa que nunca tinha feito antes com nenhuma garota. Eu tinha uma queda por Maria e descobrira recentemente que era possível encomendar flores pelo telefone – era uma nova forma de mostrar interesse, assim como o costume americano de mandar cartões de agradecimento. Ela adorou.

Então viajei para a Europa e, ao retornar, continuei a turnê do livro. Tive que ir a Detroit fazer uma apresentação em um shopping. Liguei para Maria e disse: "Se quiser ir me encontrar, tenho uns amigos ótimos em Detroit, e podemos sair todos juntos." Meus amigos, os Zurkowski, eram sócios da Health & Tennis Corporation, maior rede de academias dos Estados Unidos, com mais de 100 estabelecimentos espalhados pelo país. Ela concordou em ir me ver, e reunimos todo mundo. Para mim, foi uma indicação clara de que ela estava interessada em começar um relacionamento. Na época, Maria namorava um cara da faculdade, mas a relação parecia estar esfriando e pensei que ela estivesse pronta para passar para outra.

Quanto a mim, não sei o que me passou pela cabeça quando liguei para ela. Tínhamos nos divertido tanto no Dia das Bruxas que quis vê-la de novo. Ela morava na Costa Leste, e pensei que Detroit ficava perto de lá. Eu não queria um namoro sério, principalmente com alguém daquela parte distante do país, já que eu morava na Costa Oeste. Maria estava falando em fazer um curso de produção de TV em Filadélfia e imaginei: "Nem pensar. Filadélfia–Los Angeles seria dureza."

No entanto, foi exatamente isso que aconteceu: um namoro que nos fazia cruzar o país. Não conversamos para definir se era um relacionamento firme ou se poderíamos sair com outras pessoas. Foi mais uma coisa do tipo "Vamos nos ver quando der". Mas eu gostava do fato de ela ser ambiciosa e querer se tornar uma figura importante do jornalismo televisivo. Também lhe falei sobre as minhas metas: "Um dia vão me pagar um milhão de dólares para fazer um filme." Eu disse isso porque era essa quantia que ganhavam os atores mais bem remunerados de Hollywood, como Charles Bronson, Warren Beatty e Marlon Brando. Eu tinha que ser um deles. Contei a ela que meu objetivo era ser protagonista e obter tanto sucesso no cinema quanto no fisiculturismo.

Depois de *O guarda-costas*, *O homem dos músculos de aço* e *The Streets of San Francisco*, a comunidade de Hollywood estava bastante consciente da minha existência. Apesar disso, ninguém sabia o que fazer comigo. Os executivos dos estúdios vivem soterrados de projetos, e nenhum deles iria dizer: "Puxa, e este cara aqui? Ele tem o corpo e o visual certos. Tem personalidade. Sabe atuar. Só que ele não cabe em nenhum papel comum. Então o que podemos fazer?"

Eu precisava conhecer algum produtor independente. Por sorte, fui procurado por um: Ed Pressman, que fizera *Terra de ninguém* com o roteirista e diretor Terrence Malick e estava trabalhando em *A taberna do inferno* com Stallone. Ele era um nova-iorquino baixinho, de ar professoral, elegante e muito bem-vestido, cujo pai havia fundado uma fábrica de brinquedos e que havia se formado em filosofia pela Universidade de Stanford. O projeto dos sonhos de Ed era levar às telas um guerreiro bárbaro da *pulp fiction* dos anos 1930 chamado Conan. Ele e o sócio passaram uns dois anos negociando os direitos de filmagem e tinham acabado de fechar o negócio quando viram um copião de *O homem dos músculos de aço*. Na mesma hora decidiram que eu seria perfeito para o papel principal.

Ed não tinha sequer um roteiro. Enquanto eu não me decidia, deu-me uma pilha de revistas em quadrinhos para ler. Eu nunca ouvira falar em Conan, mas descobri que ele era cultuado por vários jovens. Desde os anos 1960, vinha havendo um grande *revival* seu, com a publicação de livros de bolso, e a Marvel Comics também tinha se interessado pelo personagem. Para mim, isso significava que haveria uma grande quantidade de fãs já prontos se Conan um dia fosse parar nas telas de cinema.

O que Ed tinha em mente não era apenas um filme, mas toda uma franquia de Conan, nos moldes de Tarzã ou James Bond, com um novo filme a cada dois anos. Não me lembro exatamente de como Ed formulou a questão, pois ele era bastante reservado, mas foi muito convincente. Para obter o apoio de algum estúdio, explicou, precisava que eu dissesse sim. Eu não poderia aceitar mais nenhum papel de fortão – como, por exemplo, outro Hércules – e tinha que me comprometer a estar disponível para as continuações. Bastou-me ver os livros de bolso para saber que aceitaria o papel. As capas traziam ilustrações fantásticas de Frank Frazetta: Conan triunfante, com o machado de batalha

erguido no ar, parado sobre uma pilha de inimigos mortos com uma linda princesa a seus pés, ou então montado em um cavalo de guerra e avançando para cima de um exército de inimigos aterrorizados. No outono de 1977, acertamos que eu estrelaria *Conan, o bárbaro* e mais quatro sequências. Os valores foram todos estipulados: 250 mil dólares pelo primeiro filme, 1 milhão pelo segundo, 2 milhões pelo terceiro e assim por diante, além de 5% dos lucros. Os cinco filmes me renderiam um total de 10 milhões de dólares ao longo de 10 anos. Pensei: "Sensacional! Isso vai muito além do meu objetivo."

A novidade do acordo se espalhou depressa por Hollywood. A imprensa especializada deu a notícia, então quando eu passava a pé pela Rodeo Drive os donos das lojas começavam a sair à rua e me convidar para entrar. Embora ainda houvesse vários detalhes por acertar, assinar esse contrato me deu a segurança de que eu agora fazia parte do time de 1 milhão de dólares no cinema. Assim, quando disse a Maria que esse era meu sonho, sabia que se tornaria realidade.

O que não pensei foi que ainda levaria muitos anos, mas eu não estava com pressa. Agora, depois de conseguir os direitos e o ator principal, Ed precisava achar um diretor e o dinheiro para fazer o primeiro filme. John Milius queria dirigir o projeto, pois adorava a mistura de virilidade e mitologia dos livros de Conan. No entanto, ele estava ocupado rodando *Amargo reencontro,* um filme com Gary Busey sobre a passagem para a idade adulta de um surfista. Então Ed continuou procurando um diretor. Teve mais sorte com o financiamento. A Paramount Pictures concordou em adiantar 2,5 milhões de dólares para o desenvolvimento inicial, contanto que Ed conseguisse vincular um roteirista renomado ao projeto.

Foi assim que meu caminho cruzou o de Oliver Stone. Na época, ele era conhecido como uma estrela em ascensão e acabara de escrever o roteiro de *Expresso da meia-noite*, baseado na história real de um jovem americano que foi detido ao tentar sair da Turquia com haxixe e condenado à prisão perpétua em um presídio turco brutal. O roteiro renderia a Oliver seu primeiro Oscar. *Conan* o interessou por ser um filme épico, mítico, e por ter um potencial para originar várias continuações – e também porque a Paramount estava disposta a bancá-lo.

Ao longo do ano seguinte, quando Oliver ia a Los Angeles, muitas vezes nos encontrávamos. Ele era um cara louco, muito inteligente e divertido. Considerava-se um grande escritor, e me agradava o fato de ser tão confiante, como eu. Nós saíamos juntos e nos respeitávamos, embora na esfera política ele fosse de esquerda e eu, de direita. Ele havia se alistado no exército e lutado no Vietnã e agora era um forte opositor do establishment, sempre vociferando contra o governo, Hollywood e a guerra.

Oliver me fez ler várias revistas em quadrinhos e romances de fantasia em voz alta, para ter uma noção de como eu me saía com os diálogos e do que soava bem ou não na minha voz. Sentado no sofá, ele fechava os olhos para me ouvir dizer trechos como "E eis que surge então Conan, o cimério, de cabelos

negros, olhar duro e espada na mão, ladrão, saqueador, assassino, dono de imensa tristeza e imensa alegria, para pisotear com suas sandálias os tronos cravejados de joias da Terra".

Ed havia incentivado Oliver a pensar grande – estava prevendo um orçamento de até 15 milhões de dólares para o filme, quase o dobro do custo habitual de um filme – e ele obedeceu, transformando a história no que Milius mais tarde descreveria como "o sonho febril de uma viagem de ácido". Oliver trocou a ambientação do passado remoto para um futuro posterior à derrocada da civilização. Imaginou uma saga com quatro horas de duração na qual as forças da escuridão ameaçam a Terra e Conan tem que reunir um exército para reerguer o reino de uma princesa em uma batalha épica contra 10 mil mutantes. Criou imagens extraordinárias como as da Árvore Maldita, planta predatória que captura os companheiros de Conan durante a luta e os aprisiona em um mundo inferior – o inferno da árvore. O roteiro também pedia um cão de várias cabeças, uma harpia, pequenas criaturas parecidas com morcegos e muito mais.

No verão seguinte, porém, quando o roteiro começou a circular, ainda não estava claro se o projeto poderia deslanchar. O mundo imaginado por Oliver custaria uma fortuna para ser filmado: não 15 milhões, mas *70 milhões*. Embora *Guerra nas estrelas*, de 1977, batesse recordes de bilheteria e os estúdios estivessem à procura de épicos, era uma quantia exorbitante, e a Paramount recuou. Fazia quatro anos que Ed estava desenvolvendo Conan, e agora ele e o sócio estavam endividados.

Decidi adotar uma atitude zen. Eu tinha o meu contrato e sabia que grandes produções podem levar muito tempo para se desenvolver. Disse a mim mesmo que não estava com pressa. Aqueles atrasos eram o destino. Só queria me certificar de que usaria meu tempo de forma sensata, para estar pronto quando as filmagens começassem.

Enquanto isso, Ed foi arrumando projetos para me dar mais experiência em frente às câmeras. Fiz um papel de coadjuvante em *Cactus Jack, o vilão*, faroeste estrelado por Kirk Douglas e Ann-Margret. Meu personagem se chamava Belo Forasteiro, e o resto do filme era igualmente ruim. Quando estreou, em 1979, foi um fracasso de bilheteria, e a melhor coisa que posso dizer é que, graças a ele, aprendi a montar melhor a cavalo. Também coestrelei com Loni Anderson *The Jayne Mansfield Story* (A história de Jayne Mansfield), filme feito para a televisão, no qual interpretava o segundo marido da personagem principal, o campeão de fisiculturismo dos anos 1950 Mickey Hargitay. Não eram papéis de protagonista nem envolviam muita pressão, mas ajudaram a me preparar para o verdadeiro desafio: *Conan*, a grande produção internacional que seria promovida mundialmente e teria um orçamento de 20 milhões de dólares.

Ao mesmo tempo, eu cuidava dos meus negócios. Continuava administrando as empresas de fisiculturismo e coproduzindo o campeonato Mister Olympia em Columbus, Ohio. Ano após ano, Jim Lorimer e eu

conseguíamos arrecadar o prêmio em dinheiro, e o evento foi ficando mais popular e prestigioso. Enquanto isso, surgiam oportunidades imobiliárias boas demais para deixar passar. No sul da Califórnia, os imóveis se valorizavam a uma taxa que era quase o dobro da inflação. Você podia dar uma entrada de 100 mil dólares em um imóvel de 1 milhão que no ano seguinte ele valeria 1,2 milhão, fazendo seu investimento render 200%. Uma loucura. Al Ehringer e eu vendemos nosso prédio da Main Street e compramos um quarteirão inteiro para revitalizar em Santa Monica e outro em Denver. Troquei meu prédio de 12 apartamentos por outro de 30. Em 1981, quando Ronald Reagan assumiu a presidência e a economia desacelerou, eu já havia conquistado mais um pedaço do sonho de qualquer imigrante: conseguira ganhar meu primeiro milhão.

CONAN, O BÁRBARO, PODERIA ESTAR ATÉ HOJE confinado às páginas dos quadrinhos se John Milius não tivesse tornado a embarcar no projeto em 1979. Ele pegou o roteiro de Oliver Stone, cortou-o pela metade e o reescreveu para reduzir drasticamente os custos. Mesmo assim, a produção continuaria custando 17 milhões. Melhor ainda para Ed Pressman, Milius tinha um caminho que conduzia ao dinheiro. Ele tinha um contrato para produzir seu próximo filme com Dino de Laurentiis, que adorava histórias de fantasia. No final do outono desse ano, Dino e Ed firmaram um acordo no qual Dino, para todos os efeitos, comprava o projeto de Ed. Os contatos de Dino garantiram uma distribuição de primeira categoria, uma vez que a Universal Pictures aceitou distribuir o filme nos Estados Unidos.

De repente – *pimba!* – o projeto começou de fato a avançar.

O que era bom para o guerreiro Conan, contudo, não era necessariamente bom para mim. Por causa de nosso primeiro encontro, De Laurentiis me detestava. Embora eu ainda estivesse sob contrato, ele quis se livrar de mim.

– Não gosto de Schwarzenegger – comentou com Milius. – Ele é um nazista.

Por sorte, John já tinha decidido que eu era a escolha perfeita para o papel.

– Não, Dino – respondeu ele. – Nesta equipe só tem um nazista, e sou eu. *Eu sou o nazista!*

É claro que Milius não era nazista, só adorava chocar Dino e falar barbaridades. Passou o resto da produção frequentando antiquários estranhos para comprar pequenos bonequinhos de chumbo de Mussolini, Hitler, Stalin e Franco, que punha em cima da mesa de Dino.

A cartada seguinte de Dino foi mandar o advogado de sua empresa renegociar comigo. O nome do cara era Sidewater, e meu agente Larry o apelidou de Sidewinder, algo como "soco de lado". O advogado anunciou:

– Dino não quer lhe dar os 5% do contrato. Não quer lhe pagar porcentagem nenhuma.

– Podem ficar com a porcentagem – falei. – Não estou em condições de negociar.

Ele ficou de queixo caído.

– Todos os 5%?

Ele ficou chocado ao me ouvir dizer aquilo de forma tão serena, pois estava esperando uma briga. Cada um desses numerozinhos pode vir a significar muitos milhares de dólares quando um filme dá certo.

– Todos os 5% – repeti. – Podem ficar, podem ficar com tudo.

E pensei: "Podem pegar e enfiar no rabo, porque não é por isso que estou fazendo o filme." Eu entendia a realidade. Havia um desequilíbrio na negociação. Dino tinha o dinheiro, mas quem precisava da carreira era eu, então não fazia sentido brigar. Era uma simples questão de oferta e demanda. Mas pensei também que haveria de chegar o dia em que o jogo iria virar e Dino teria que pagar.

Conforme John Millius e eu íamos nos tornando amigos, aprendi que com ele tudo virava um drama. O cara parecia um urso, vivia fumando charutos e tinha uma Harley-Davidson. Seus cabelos pretos eram encaracolados e ele usava barba. Era obcecado por história, sobretudo pelas de guerra, e possuía um conhecimento enciclopédico sobre batalhas e armas da época dos egípcios, dos gregos e dos romanos até a atualidade. John era capaz de discorrer com autoridade sobre vikings, mongóis, piratas de qualquer período, samurais, cavaleiros e arqueiros medievais. Conhecia cada calibre de bala usado na Segunda Guerra Mundial e sabia que tipo de pistola Hitler carregava. Não precisava sequer pesquisar: já estava tudo na sua cabeça.

John gostava de se autodenominar zen-fascista e se gabava de ser tão de direita que nem podia ser chamado de republicano. Em Los Angeles, havia quem o considerasse um doente. Mas era um roteirista tão fantástico que até mesmo os liberais o chamavam para ajudar em seus trabalhos, como Warren Beatty em *Reds*. Ninguém escrevia diálogos de machão melhor do que ele. Um grande exemplo de seu trabalho é o hipnotizante monólogo de *Tubarão* em que o personagem de Robert Shaw, o capitão Quint, relembra o naufrágio do USS *Indianapolis* durante a Segunda Guerra Mundial, depois que o navio entregou a bomba atômica que seria lançada sobre Hiroshima. O resgate demorou cinco dias para chegar, e a maioria da tripulação não sobreviveu. A fala de Quint termina assim: "Então 1.100 homens acabaram no mar. Trezentos e dezesseis se salvaram, e os tubarões ficaram com o resto. Dia 29 de junho de 1945. Enfim, pelo menos eles entregaram a bomba."

Milius também escreveu a fala antológica de Robert Duvall em *Apocalypse Now*: "Adoro o cheiro de napalm pela manhã... me lembra a vitória." E, naturalmente, criou também a fala que já era a minha preferida em *Conan*, quando perguntam ao bárbaro "Qual é a melhor coisa da vida?" e ele responde: "Esmagar seus inimigos, vê-los aos seus pés e ouvir os lamentos das mulheres deles."

Era divertido conviver com um cara tão comprometido com a fantasia do machão, com o ideal de Teddy Roosevelt. Eu gostava de encarnar e desencarnar esse papel a todo momento. Uma hora eu podia ser ator, no momento seguinte vagabundo de praia, em seguida homem de negócios, logo

depois campeão de fisiculturismo, e então Romeu – podia ser qualquer coisa –, mas Milius estava preso a um personagem só. Isso fazia parte do seu charme. Sua sala vivia cheia de armas, espadas e facas sobre a mesa. Ele gostava de exibir suas espingardas Purdey, armas britânicas feitas sob medida e com gravação especial, cada uma das quais levava meses para ser fabricada e custava dezenas de milhares de dólares. Ele dava a si mesmo uma de presente a cada filme que fazia. A espingarda era sempre parte do acordo. Se conseguisse produzir o filme no prazo combinado, John automaticamente comprava uma Purdey.

Ele sabia muito sobre o mundo e adorava compartilhar seus conhecimentos com todos que estivessem por perto. Pegava uma espada e dizia: "Sinta só esta espada. Sinta o peso que ela tem. É essa a diferença entre a espada britânica e a francesa. A francesa sempre foi mais leve..." E por aí ia. Ou então via uma atriz e dizia: "Sim, ela é linda, mas não é sensual para a época de Conan. Não acho que as mulheres daquele tempo tivessem seios tão grandes. E está vendo como os olhos dela são afastados? E o formato do nariz e da boca? Não é uma boca egípcia."

Milius logo me fez começar a assistir a filmes que julgava importantes para minha preparação. Punha o clássico japonês de 1954 *Os sete samurais* para passar e dizia: "Você tem que observar Toshiro Mifune. Repare no modo como ele limpa a boca, sua forma de falar, como ele agarra as mulheres. Tudo tem estilo, tudo é um pouco exagerado e feito intencionalmente. Conan é assim." Ele também me fez prestar atenção no manejo das espadas, porque o *kenjutsu* – a arte marcial japonesa clássica do combate com esse tipo de arma – fazia parte de uma gama de estilos de luta que Milius estava incluindo no universo de Conan; o roteiro demandava uma quantidade infinita de espadas, machados de batalha, lanças, facas e armaduras de vários períodos da história.

Ele começou a mandar especialistas para me treinar: mestres de artes marciais, armeiros, dublês especializados em montaria. Durante três meses, fiz duas horas de aula de espada por dia. Ao contrário da espada samurai, muito leve e afiada – projetada para decepar cabeças e membros e cortar corpos ao meio –, a espada medieval europeia é imensa e tem lâmina dupla. Foi projetada para desferir golpes fortes, que atravessem armaduras e carne. Tive que aprender quais são as partes do corpo vulneráveis aos ataques e como se deve manejar a espada, sem falar no que acontece quando você erra o golpe. A aceleração de uma espada de 5 quilos pode desequilibrar um lutador da mesma forma que uma arma de fogo com um coice forte, então é preciso antecipar e canalizar a energia de modo a poder voltar à posição de combate e desferir imediatamente outro golpe.

Em seguida tive um instrutor de *kenjutsu*, depois treinei com um especialista em um estilo de combate que combinava golpes e luta livre, com todo tipo de quedas, cotoveladas e pancadas. Um dublê me instruiu sobre técnicas de escalada, ensinou-me como cair e rolar o corpo e a pular de uma altura de 5 metros para cima de um colchão. Apesar de ocupado com a pós-

produção de *Amargo reencontro*, Milius sempre reservava um tempinho para ver como eu estava evoluindo e me filmar.

O treinamento era tão intenso e exigia tanto tempo quanto a preparação para uma competição de fisiculturismo, e mergulhei nele de cabeça. Tinha a sensação de que minha carreira de ator de repente passara a ser o centro da minha vida. O sonho sempre existira, mas estivera embaçado: eu nunca sabia que direção ele iria tomar ou como conseguiria minha grande chance. Mas ser escolhido para fazer *Conan* foi como conquistar meu primeiro título de fisiculturismo internacional. Até o momento daquela conquista, podia ver meu progresso no espelho, ver os músculos crescerem devagar, mas na verdade nunca sabia em que ponto realmente estava. Então, depois de ganhar o Mister Universo, pensei: "Meu Deus, aqueles eram jurados internacionais, eu estava competindo com caras que vejo nas revistas, e ganhei. Eu vou alcançar o sucesso."

Alguns dos nomes mais importantes de Hollywood passaram a se interessar pela minha carreira. Dino estava me dando a oportunidade de provar meu valor no cinema, mais ou menos como Joe Weider fizera no fisiculturismo. E eu tinha um vínculo com a Universal Pictures, estúdio internacional de primeira linha responsável por grandes sucessos como *O franco-atirador* e *Tubarão.* A Universal estava produzindo um filme chamado *E.T.*, sobre um adorável extraterrestre que vem parar na Terra por engano. Os principais executivos do estúdio, Lew Wasserman e Sid Sheinberg, eram figuras lendárias, homens que fabricavam astros.

Meu instrutor dublê, um veterano de Hollywood que era um astuto observador do mundo do cinema, logo me disse isso. "Cara, você tem uma baita sorte. Por acaso percebe que agora faz parte da máquina de Hollywood? Sabe quanto dinheiro vão gastar com você? Só com você? Vinte milhões no filme... *20 milhões!* E você vai fazer o protagonista. Toda essa máquina vai funcionar em seu benefício. Você vai estourar."

Pensei nas pessoas que tinham ido para Hollywood e davam duro para pagar as contas, trabalhando como garçons e garçonetes enquanto faziam testes para papéis. Eu conhecera algumas delas nas aulas de interpretação e as ouvira dizer coisas como: "Fui reprovado de novo, não sei mais o que fazer." As rejeições em Hollywood costumam ser frequentes, e o custo psicológico pode ser muito alto. Você vai para casa envergonhado depois de não ser escolhido mais uma vez. É por isso que tantos atores e atrizes recorrem às drogas. Eu conseguira evitar esse tipo de desespero e agora estava tendo uma chance. Fora escolhido. É claro que precisava fazer jus à oportunidade, mas não estava preocupado com isso. Faria o que fosse preciso para alcançar meu objetivo. Não compartilhei essa sensação de orgulho com mais ninguém. Meu estilo era seguir em frente e não pensar muito. Mas a sensação era incrível.

De longe, o instrutor mais excêntrico que Milius me arranjou era um fanático por Conan que morava no meio do mato, nas montanhas. Gostava tanto das histórias do herói que queria viver como ele e se tornara especialista

em dormir na neve, subir em árvores e sobreviver do que conseguia obter na natureza. Chegava a chamar a si mesmo de Conan. A sujeira e o frio intenso não pareciam incomodá-lo: fui esquiar com ele em Aspen, no Colorado, e ele foi de short. Fiquei imaginando se ele tinha ficado chateado por eu ter sido escolhido para interpretar o personagem mítico em seu lugar, mas pelo contrário: ele adorou. A notícia que se espalhara entre os fãs era que eu estava treinando pesado e que iria montar a cavalo e lutar com espadas sem dublê. Portanto, os admiradores inveterados do personagem concluíram que eu era uma ótima escolha, principalmente porque meu corpo se parecia muito com o do Conan das revistas em quadrinhos. Fiquei feliz por ser aceito, e isso foi um sinal promissor para a produção, porque o público que veria e reveria o filme, e que o recomendaria para todos os amigos, supostamente era formado por caras como aqueles. Como recompensa pelo tempo que passou me ajudando, levamos o instrutor para participar das filmagens na Europa. Ele fez o papel de um guerreiro inimigo em uma cena de luta na qual foi esquartejado – por mim.

Maria e eu

EMBORA MARIA E EU ESTIVÉSSEMOS EM campos opostos neste assunto, foi a política que nos aproximou geograficamente, quando ela se mudou para a Califórnia a fim de trabalhar na campanha presidencial de Teddy Kennedy, em 1980. Na política americana, praticamente não se tinha notícia de um presidente em exercício que fosse candidato à reeleição e tivesse que enfrentar um opositor de seu próprio partido. Mas o primeiro mandato de Jimmy Carter fora muito decepcionante, e o país estava em tamanha recessão que Teddy resolvera se candidatar. Naturalmente, quando um Kennedy se candidatava, todos os parentes o ajudavam. Se você fosse da família, esperava-se que pusesse a própria vida de lado para trabalhar na campanha.

A primeira coisa que Maria e sua amiga Bonnie Reiss fizeram foi cobrir meu jipe com cartazes e adesivos da campanha Kennedy 1980. Eu tinha um Cherokee Chief marrom do qual me orgulhava muito. Em comparação com os carros comuns, ele era imenso – foi o primeiro utilitário esportivo a ser fabricado –, e eu fora até o Oregon para buscá-lo e, assim, economizar mil dólares. Mandara instalar um alto-falante e uma sirene para me exibir ou assustar os outros motoristas e fazê-los sair da frente. Agora, porém, quando dirigia pela cidade, eu me afundava no banco, torcendo para ninguém me ver. Era estranho parar o jipe em frente à academia todos os dias: assim como a maioria dos frequentadores, eu era conhecido por ser republicano, e agora tinha um carro coberto de adesivos de Teddy.

Pessoalmente, estava torcendo para Ronald Reagan ser eleito, mas ninguém pedia minha opinião; era Maria que todos queriam ver. Hollywood, como se sabe, é uma grande cidade liberal, e a rede de contatos da família dela era enorme. Seu avô, Joe Kennedy, fora muito envolvido com a indústria do cinema, comandando três estúdios na década de 1920, e a família era conhecida por incluir figuras do entretenimento em suas campanhas políticas. Então todos os Kennedy acompanhavam tudo o que acontecia em Hollywood e buscavam apoio financeiro junto a atores, diretores e executivos da indústria. Peter Lawford, tio de Maria, era um grande astro, amigo de Frank Sinatra e Dean Martin. Ela crescera ouvindo falar nos integrantes daquele grupo de atores conhecido como "Rat Pack", já os vira na propriedade de seus pais e frequentara a casa deles em Palm Springs. Assim que chegou a Los Angeles, em

1980, conheceu suas esposas.

O quartel-general da campanha dos Kennedy entrava em contato com estúdios e agências de talentos e marcava entrevistas a serem feitas por Maria com figurões e celebridades. A frase-padrão era "Maria gostaria de ir visitá-lo para conversar sobre um evento que estamos organizando". A reação quase sempre era "Aimeudeus, uma Kennedy vai vir aqui!", e as portas se escancaravam. Em geral, Maria era acompanhada por outros integrantes do comitê de campanha, mas às vezes eu ia junto, ou até mesmo a levava de carro. A candidatura de Teddy era tão controversa que não foi fácil obter apoio. Muitas vezes vi gente como o produtor Norman Lear explicar a ela por que não apoiaria Teddy e declarar que daria seu apoio ao candidato independente, o deputado de Illinois John Anderson, ou então votaria em Carter.

Maria não tinha nem 25 anos, mas já era uma personalidade e tanto. Isso ficara claro para mim desde o início. Em 1978, uns seis meses depois que nos conhecemos, eu ia posar para um ensaio fotográfico na revista *Playgirl*. Ara Gallant, meu estiloso amigo fotógrafo nova-iorquino, foi quem realizou o ensaio, e sugeri que simulássemos o cenário de uma cervejaria. Seria uma daquelas tradicionais, mas, em vez de alemãs grandonas servindo canecas de cerveja e vários tipos de linguiça, haveria garotas jovens e sensuais com os seios descobertos. Era uma daquelas ideias malucas que eu costumava ter, e Ara adorou. No entanto, quando comentei com Maria e contei que estávamos montando o esboço do ensaio, ela me disse na hora que aquilo seria um erro. "Pensei que você quisesse entrar para o cinema", falou. "Se posar com essas garotas de peito de fora, os produtores vão falar 'Ei, peraí! Eu quero esse cara estrelando meu filme'? Duvido. O que você pretende com isso?"

Admito que não tive resposta. Eu estava apenas sendo bobo e tinha dito para Ara: "Vamos fazer alguma coisa engraçada." Não estava tentando obter nada com aquilo.

"Bom, já que o ensaio não tem objetivo e não vai levar você a lugar nenhum, não faça. Você não precisa disso. Já se divertiu, agora parta para outra." Ela não sossegou enquanto não me convenceu e foi tão persuasiva que acabei fazendo a *Playgirl* desistir do ensaio e ressarcir a revista dos 7 mil dólares pagos pelas fotos.

Por causa do mundo em que fora criada, Maria tinha muita experiência em matéria de percepção do público. Ela foi a primeira namorada que tive que não tratou minhas ambições como um estorvo, algum tipo de maluquice que interferia na sua visão de futuro: casamento, filhos e uma casinha aconchegante em algum lugar – o estereótipo da vida americana. O mundo de Maria não era pequeno assim. Com os feitos de seu avô, seu pai, sua mãe e seus tios, o universo dela era gigantesco. Finalmente tinha conhecido uma garota cujas ambições eram grandes como as minhas. Eu havia alcançado alguns de meus objetivos, mas grande parte das minhas metas ainda era um sonho. E, quando eu falava sobre objetivos ainda maiores, ela jamais dizia: "Ah, deixe isso para lá, você nunca vai conseguir."

Maria tinha visto isso acontecer na própria família. Ela vinha de um mundo em que o bisavô era imigrante e o avô tinha construído uma grande fortuna em Hollywood e nos ramos de bebidas, imóveis e outros investimentos. Era um universo em que ver um parente concorrer à presidência ou ao Senado não era nada incomum. Em 1961, ouvira o tio John F. Kennedy jurar que, ao final daquela década, os Estados Unidos fariam o homem pisar na Lua. Sua mãe, Eunice, era fundadora da Special Olympics. Seu pai, Sargent Shriver, foi diretor do Peace Corps e criador do programa de educação e treinamento gratuitos Job Corps, do Vista (Volunteers in Service to America, um programa nacional de voluntariado para o combate à pobreza) e do Legal Services (órgão de prestação de serviços jurídicos à população carente), tudo durante os mandatos de Kennedy e Johnson. Além disso, Sargent fora embaixador dos governos de Lyndon Johnson e Richard Nixon na França. Portanto, se eu dissesse "Quero ganhar 1 milhão por filme", isso não soava absurdo aos ouvidos de Maria. Apenas a deixava curiosa. "E como você vai fazer?", perguntava ela. "Admiro sua determinação. Não entendo como alguém pode ter tanta disciplina." Além do mais, observando o que eu fazia, ela pôde ver algo que nunca havia testemunhado em primeira mão: como se transforma um dólar em dois, como se constroem empresas e como se vira um milionário.

Sua criação lhe proporcionara imensas vantagens, como uma educação excepcional e o conhecimento e a experiência extensos dos pais. Ela pudera estar em contato com pessoas influentes e ouvir suas ideias. Tivera a oportunidade de morar em Paris, onde seu pai fora embaixador, e de viajar pelo mundo. Crescera jogando tênis, praticando esqui e participando de exibições de equitação.

No entanto, também havia desvantagens. Eunice e Sarge eram tão autoritários que seus filhos nunca puderam desenvolver opinião própria sobre as coisas. Os dois faziam questão de mostrar a seus rebentos que eles eram inteligentes. "Que ótima ideia, Anthony", eu ouvia Eunice dizer a seu caçula, que estava apenas começando o ensino médio. "Eu faria assim e assado, mas essa sua ideia é muito pertinente. Não tinha pensado nisso antes." A família tinha uma rígida hierarquia na qual os pais, em geral Eunice, tomavam as decisões. Ela tinha uma personalidade muito dominadora, mas Sarge não se importava.

Quando se cresce em uma família assim, fica difícil tomar as próprias decisões e você acaba tendo a sensação de que não consegue viver sem a opinião de seus pais. Eunice e Sarge decidiam a que faculdades os filhos deveriam se candidatar, por exemplo. Sim, eles tinham alguma participação, mas no fim das contas quem dava as cartas eram os pais. Para falar a verdade, muitas vezes quem decidia não eram nem *os pais* em si, mas a família Kennedy. O grau de conformidade no clã era extremo. Por exemplo, nenhum dos 30 primos era republicano. Quando se reúnem 30 membros de qualquer família, é quase impossível todos terem os mesmos gostos e preferências. Era por isso que eu vivia provocando Maria:

– A sua família parece um bando de clones. Se você perguntar a um de seus irmãos qual é a cor preferida *dele*, ele não vai saber. Vai responder: "*Nós* gostamos de azul."

Ela ria e dizia:

– Não é verdade! Veja só como eles são diferentes.

E eu respondia:

– São todos ambientalistas, esportistas, democratas, todos eles sempre apoiaram os mesmos candidatos e *todos* gostam de azul.

A outra grande desvantagem dizia respeito à percepção do público. Você podia fazer o que fizesse, mas, se fosse um Kennedy ou um Shriver, ninguém lhe dava crédito pelo seu sucesso. Pelo contrário, as pessoas diziam: "Bom, se *eu* fosse um Kennedy, também faria isso." Por todos esses motivos, Maria teve que se esforçar mais do que alguém de qualquer outra família para formar a própria identidade.

Sarge e Eunice me receberam bem. Na primeira vez que Maria me levou à casa deles, em Washington, seu pai desceu a escada com um livro na mão. "Estava lendo aqui sobre suas grandes conquistas", falou. Ele havia encontrado uma menção ao meu nome em um livro sobre imigrantes que tinham chegado aos Estados Unidos sem nada e alcançaram sucesso. Foi uma bela surpresa, porque eu não esperava ter sido citado em nenhum livro ainda. O fisiculturismo era uma coisa muito fora dos padrões. Pensei que as pessoas escrevessem sobre imigrantes como o ex-secretário de Estado Henry Kissinger, não sobre mim. Sarge foi muito elegante e muito generoso ao reparar nesse trecho e mostrá-lo para mim.

Eunice me pôs imediatamente para trabalhar. Ficou empolgada ao saber que eu havia participado da pesquisa da Special Olympics na Universidade do Wisconsin. Antes mesmo de perceber, eu já a estava ajudando a promover a ideia de incluir o levantamento de peso em sua organização e dando oficinas de musculação para deficientes mentais sempre que viajava.

Se os Shriver não tivessem sido tão encantadores, meu primeiro jantar em sua casa poderia ter sido difícil. Os quatro irmãos de Maria – Anthony, Bobby, Timothy e Mark – tinham entre 12 e 23 anos, e um dos mais novos foi logo dizendo:

– Papai, Arnold adora Nixon!

Sarge era grande amigo de Hubert Humphrey; na verdade, quando Humphrey disputara a presidência com Nixon em 1968, queria que Sarge fosse seu candidato a vice, mas a família Kennedy vetara a ideia.

Então me senti muito desconfortável sentado àquela mesa. Porém Sarge, o eterno diplomata, falou calmamente:

– Bom, todo mundo pensa diferente sobre esse tipo de coisa.

Mais tarde conversamos sobre o assunto e expliquei a ele por que admirava Nixon. Era minha reação por ter sido criado na Europa, onde o governo era totalmente responsável por tudo, 70% das pessoas ocupavam cargos públicos e a maior aspiração de todos era ter um emprego desses. Esse fora um dos

motivos que me fizera emigrar para os Estados Unidos. Sargent por acaso sabia alemão, pois tinha origens germânicas e durante a década de 1930 costumava ir à Alemanha no verão para estudar, vestido com *Lederhosen* – traje típico alemão – e explorando de bicicleta os vilarejos das zonas rurais daquele país e da Áustria. No primeiro verão que passou lá, em 1934, a ascensão recente de Adolf Hitler ao poder como chanceler alemão não o impressionou muito. No segundo verão, porém, em 1936, ele aprendeu a reconhecer as camisas marrons dos integrantes da "tropa de assalto" paramilitar nazista, a *Sturmabteilung* (SA), e os uniformes pretos dos membros da guarda de elite de Hitler, a *Schutzstaffel* (SS). Lera sobre prisioneiros políticos internados em campos de concentração. Chegara até a ir a um comício de Hitler.

Ao voltar para casa, Sarge estava convencido de que os Estados Unidos deveriam manter distância da crise crescente na Europa – tanto que em 1940, então aluno de Yale, fora cofundador do grupo não intervencionista America First Committee (Primeiro Comitê Americano) junto com os colegas de turma Gerald Ford, futuro 38o presidente, e Potter Stewart, futuro juiz da Suprema Corte, entre outros. Apesar disso, alistara-se na marinha antes do ataque japonês a Pearl Harbor e servira durante toda a guerra. Conversamos em alemão diversas vezes. Ele não era propriamente fluente, mas sabia cantar nesse idioma.

As refeições na casa dos Shriver não poderiam ser mais diferentes daquelas com que eu tinha sido acostumado na minha família. À mesa do jantar, Sarge me perguntava:

– O que seus pais teriam feito se você falasse com eles do jeito que meus filhos estão falando comigo agora?

– Meu pai teria me dado um sopapo na mesma hora.

– Ouviram só, meninos? Arnold, repita o que disse. O pai dele teria lhe dado um sopapo. É isso que eu deveria fazer com vocês.

– Ah, papai – respondiam eles, jogando um pedaço de pão em Sarge.

Era esse o tipo de humor da família à mesa, e eu ficava perplexo. Na primeira vez que jantei lá, a refeição terminou com um dos meninos peidando, outro arrotando e um terceiro recostado tão para trás na cadeira que ela desabou no chão. E ele ficou ali, caído e gemendo:

– Porra, cara, estou entupido.

– Nunca mais diga isso nesta casa, ouviu bem?

– Desculpe, mãe, mas estou entupido mesmo. Sua comida é maravilhosa.

É claro que isso também era uma piada. Eunice não sabia fazer nem ovo cozido.

– Fique grato por ter comida na mesa – retrucou ela.

Os pais de Maria com certeza tinham uma visão mais liberal sobre educação infantil do que a minha família. Nossos pais viviam mandando que eu e Meinhard calássemos a boca, enquanto os filhos da família Shriver eram sempre incentivados a participar da conversa. Digamos que surgisse o assunto

do Dia da Independência e de como a comemoração dessa data era importante. Sarge perguntava: "Bobby, o que significa o 4 de Julho para você?" Eles pediam a opinião dos filhos sobre questões de política nacional, mazelas sociais e declarações que o presidente dera. Queriam que todos contribuíssem com sua opinião sobre tudo.

EMBORA MARIA E EU MORÁSSEMOS EM extremos opostos do país, nossas vidas se entrelaçaram totalmente. Ela foi à minha formatura em Wisconsin – depois de uma década frequentando faculdades, consegui me formar em administração, com especialização em marketing internacional de educação física. Ela estava começando a carreira na televisão e produzia noticiários regionais em Filadélfia e Baltimore. Eu ia vê-la nessas cidades e participei duas vezes de um programa de entrevistas com sua amiga Oprah Winfrey, também em início de carreira. Maria sempre arranjava amigos interessantes, mas Oprah realmente se destacava. Era uma mulher talentosa, dinâmica, e dava para ver que acreditava em si mesma. Em um de seus programas, foi à academia malhar comigo para demonstrar como é importante manter a forma. Em outra ocasião, falamos sobre a importância de ensinar as crianças a ler e fazê-las se interessar por livros.

Eu tinha orgulho de Maria. Pela primeira vez, vi quanto ela era determinada a conquistar seu próprio lugar ao sol. Não havia nenhum outro jornalista na família. Quando foi fazer a entrevista de emprego, perguntaram-lhe: "Você está disposta a trabalhar 14 horas por dia ou espera ser paparicada como uma Shriver?" Ela respondeu que estava determinada a dar duro, e foi o que fez.

Juntos, fomos ao Havaí, a Los Angeles, à Europa. Nossa viagem para esquiar na Áustria, no Natal de 1978, foi a primeira vez que ela passou aquela data longe dos familiares. Eu também a acompanhava às reuniões de família, que eram frequentes. Logo aprendi que um dos aspectos de ser um Kennedy era nunca estar completamente livre. Maria tinha que ir a Hyannis Port no verão, acompanhar a família nas férias de inverno e passar o Dia de Ação de Graças e o Natal em casa. Se alguém fizesse aniversário ou se casasse, precisava estar presente. Como o clã era muito numeroso, a quantidade de compromissos obrigatórios era enorme.

Quando Maria conseguia se liberar do trabalho, ia me visitar na Califórnia. Afeiçoou-se bastante a alguns dos meus amigos, em especial a Franco, e também a alguns dos atores e diretores que eu conhecia. Já de outros não gostou: pessoas que ela considerava parasitas, ou que pensava estarem tentando me usar. Maria conheceu minha mãe durante a visita anual dela aos Estados Unidos, na Páscoa.

Quanto mais sério ficava o nosso relacionamento, mais Maria falava em se mudar para a Califórnia. Para nós, portanto, a campanha presidencial de Teddy em 1980 foi bastante oportuna. Eu estava pronto para comprar uma casa, e nossa primeira decisão importante como casal foi procurá-la juntos. No final do verão, encontramos uma construção dos anos 1920 em estilo espanhol

em uma parte encantadora de Santa Monica, perto da San Vicente Avenue. Passamos a chamá-la de lar, mas não era nossa de fato. A casa era minha. Havia uma escadaria em curva para a esquerda logo na entrada, muitas telhas antigas bonitas, uma grande sala de estar com vigas no teto, além de lindas lareiras na sala, na sala de TV e na suíte principal do segundo andar. Havia também uma piscina comprida e estreita e uma casinha de hóspedes em que minha mãe poderia ficar durante suas visitas.

O fato de aquela ser a nossa casa era um segredo entre mim e Maria, porque ela não queria que os pais soubessem que estava morando comigo – principalmente Sarge, que era muito conservador. Disse a eles que estava vivendo a alguns quarteirões de mim, na Montana Avenue, e chegamos a alugar e mobiliar um apartamento lá para que, quando Sarge e Eunice fossem nos visitar, Maria pudesse convidá-los para almoçar. Tenho quase certeza de que sua mãe sabia o que estava acontecendo, mas o apartamento separado era importante para a imagem da família.

Naturalmente, o anonimato completo é algo quase impossível em Hollywood, sobretudo para alguém ligado aos Kennedy. Quando estávamos procurando casas para comprar, uma das corretoras nos disse: "Tenho uma casa fascinante em Beverly Hills para mostrar a vocês. Não vou lhes dizer o que a torna tão interessante. Vocês vão ter que ver por si mesmos." Quando chegamos lá, ela falou: "Sabem quem morou aqui? Gloria Swanson!" Então nos fez descer até o porão e nos mostrou um túnel que conduzia a uma casa vizinha. Joe Kennedy usara aquele túnel durante o longo caso que mantivera com a atriz, nos anos 1920. Depois da visita, Maria me perguntou: "Por que ela nos mostrou essa casa?" Estava em parte fascinada, em parte zangada e constrangida.

A CAMPANHA DE TEDDY ME PROPORCIONOU uma oportunidade incrível de ver o que significa mergulhar em uma corrida presidencial. Em fevereiro, acompanhei Maria a New Hampshire para assistir às primárias do Partido Democrata. Os membros do comitê de campanha estavam hospedados em um pequeno hotel que parecia um verdadeiro formigueiro de jornalistas, funcionários, voluntários e pessoas com jornais debaixo do braço correndo para ler as últimas matérias. Os organizadores mandavam Maria para fábricas vizinhas a fim de cumprimentar os possíveis eleitores.

Aquela operação toda me pareceu minúscula, pois eu não entendia como funcionavam as campanhas. Teddy Kennedy era um político importante, que saíra na capa da revista *Time* ao decidir se candidatar. Então, eu imaginava que ele fosse fazer grandes comícios. Eu já tinha ido a vários dircursos do candidato republicano Ronald Reagan naquele ano, e ele sempre atraía de mil a 2 mil pessoas, às vezes mais. Mesmo que Reagan estivesse apenas dando uma passadinha em alguma fábrica para falar com os operários, a visita parecia um comício, com bandeirolas, cartazes e músicas patrióticas.

Ali estávamos nós, porém, naquele hotel pé de chinelo. Cumprimentando

pessoas, indo a lojas, frequentando restaurantes. “Que coisa mais estranha”, pensei. “Por que se hospedar neste hotelzinho fuleiro? Por que não em um hotel chique?” Eu não sabia que, no começo de uma campanha, o mais importante é o contato direto. Não tinha ideia de que não se pode hospedar integrantes do comitê de campanha em estabelecimentos caros, porque alguém inevitavelmente escreverá alguma reportagem dizendo como você está desperdiçando o dinheiro doado por trabalhadores honestos. Não entendia que, dependendo das circunstâncias, havia eventos grandes e outros menores, mais intimistas.

A corrida democrata de 1980 acabou virando algo especialmente difícil. Antes de se candidatar, Teddy estava à frente do presidente Carter nas pesquisas de opinião por uma margem de mais de dois contra um. Todos instigavam Teddy a concorrer à presidência. Jornalistas escreviam a respeito do homem fantástico e poderoso que ele era e sobre como poderia ganhar fácil de Jimmy Carter e salvar a situação dos democratas. Ele era incapaz de cometer um erro. No entanto, assim que Teddy anunciou sua candidatura, em novembro de 1979, tudo isso mudou. Os ataques foram implacáveis. Mal pude acreditar. O fato de ele não conseguir dar uma resposta convincente quando questionado sobre a razão pela qual queria ser presidente, em uma entrevista à CBS em rede nacional, não ajudou. As pessoas contestavam seu caráter por causa do acidente de carro na ilha de Chappaquiddick, em 1969, que matara Mary Jo Kopechne, ex-membro do comitê de campanha de Bobby Kennedy que estava com ele naquele momento. Diziam também que Teddy vivia à custa da reputação do irmão, embora ele já fosse senador havia 18 anos.

Isso tudo me deixou chocado. Era incrível estar na primeira fila e ver as coisas se desenrolarem diante dos meus olhos.

Teddy perdeu as primárias cruciais de Iowa e New Hampshire e, por causa disso, parte de seu financiamento foi cortado – o que obrigou a campanha a encolher antes mesmo das primárias nos estados maiores. Depois disso, porém, ele se esforçou para reverter o jogo e venceu em vários estados importantes, entre eles Nova York em março, Pensilvânia em abril e – em parte graças aos esforços de Maria – Califórnia em junho. No entanto, perdeu em dezenas de outros estados e nunca conseguiu alcançar outra vez o presidente Carter nas pesquisas nacionais de opinião. Teddy acabou ganhando apenas 10 das 34 primárias. No primeiro dia da Convenção Nacional Democrata, em agosto, ficou claro que Jimmy Carter tinha delegados suficientes para garantir sua candidatura, e Teddy foi forçado a desistir.

De repente, após meses de esforço intenso, estava tudo terminado. Maria ficou triste e deprimida. A família já passara por muitas tragédias em pouco tempo: primeiro o assassinato do presidente John F. Kennedy, quando Maria tinha 8 anos; depois, o de Bobby Kennedy, quando ela estava com 12; em seguida, o incidente em Chappaquiddick, no verão seguinte. Além disso, ela vira o pai perder de lavada como candidato à vice-presidência de George McGovern em 1972 e ser derrotado novamente ao tentar obter a indicação

presidencial do Partido Democrata em 1976. Agora Teddy tentara se candidatar e a família fracassara mais uma vez.

Maria havia se dedicado de corpo e alma à campanha. Vi como a política pode dominar inteiramente a sua vida e como pode fugir inteiramente ao controle. Quando você se candidata à presidência, sente a pressão pública todos os dias. A imprensa nacional e regional acompanha tudo o que você diz e faz, e as pessoas o analisam o tempo inteiro. Ver o tio passar por isso e perder foi muito, muito difícil. Fiquei feliz em poder apoiá-la nesse momento difícil. "Você fez um trabalho maravilhoso", falei. "O jeito como lidou com a mídia, o modo como batalhou por Teddy..." A experiência só reforçou a imagem negativa que Maria tinha em relação à política como opção de carreira.

Usei todas as minhas habilidades para tentar animá-la. Levei-a para passar as férias na Europa, e nos divertimos muito em Londres, Paris e passeando pela França. Ela logo parou de se sentir fracassada e recuperou o entusiasmo e o senso de humor.

Antes de ir embora da Costa Leste, Maria deu uma guinada ousada na profissão. Tinha iniciado a carreira na televisão com o objetivo de ser produtora, a pessoa que controla os bastidores. Depois, no entanto, decidira passar para a frente das câmeras e competir por um dos raros cargos de âncora de noticiário em rede nacional. Eu sempre havia progredido com uma visão clara do que queria fazer, trabalhando o mais duro possível para alcançar minhas metas, e pude ver a mesma determinação começar a se desenvolver em Maria. Achei isso ótimo.

Nenhum integrante da família Kennedy jamais trabalhara como apresentador de telejornal. Era algo totalmente novo, e isso ocorrera graças aos esforços *dela*. Eu já vira alguns de seus primos conquistarem o próprio lugar ao sol, mas isso quase sempre significava se especializar em alguma causa ou questão que fizesse parte do sistema de crenças da família. O fato de Maria ir para a frente das câmeras foi uma verdadeira declaração de independência.

Assim que voltamos a Santa Monica, ela pôs mãos à obra para estabelecer contatos e passar pelo treinamento necessário, da mesma forma que eu fizera com a carreira de ator. O que era preciso para ser bem-sucedido diante das câmeras? Era o que ela precisava descobrir. O que tinha que mudar no visual, na voz e no estilo? O que deveria manter como estava? Seus consultores diziam: "Seus cabelos são muito compridos, precisamos cortar. Ou quem sabe prender? Vamos tentar isso. Seus olhos são fortes demais. Vamos suavizá-los, talvez." Foi preciso transformá-la, moldá-la. Ela teve que aprender o que torna uma pessoa agradável de se ver e ouvir diariamente na televisão e a não exagerar na dramaticidade a ponto de tirar a atenção da notícia em si, que deveria ser sempre o foco principal.

No inverno seguinte, durante as filmagens de *Conan* em Madri, tivemos que passar cinco meses sem nos ver. Ela me mandava fotos mostrando que havia perdido 4,5 quilos, cortado os cabelos e feito um leve permanente. Enquanto isso, *Conan* já fora agendado e adiado várias vezes. Deveríamos ter começado a

rodar em locações na Iugoslávia no verão de 1980, mas a morte do ditador marechal Tito, em maio, levou instabilidade ao país. Os produtores decidiram que seria mais barato e mais simples transferir a produção para a Espanha no outono. Então, quando Maria e eu chegamos da Europa, fiquei sabendo que o projeto tinha sido adiado outra vez, para depois do ano-novo.

ISSO ABRIU CAMINHO PARA UM PLANO maluco que até então eu não vinha levando muito a sério: voltar de surpresa e reconquistar o campeonato mundial de fisiculturismo e o título de Mister Olympia. Nos quatro anos desde o lançamento de *O homem dos músculos de aço*, o esporte tivera um crescimento espantoso. Academias se multiplicavam por todo o país, e a musculação era uma parte essencial das atividades oferecidas. Joe Gold vendeu sua academia original para uma franquia e abriu uma nova chamada World Gym, grande e perto da praia, que aceitava homens e mulheres.

O Mister Olympia ia de vento em popa. Em um dos esforços de Joe Weider para expandi-lo mundialmente, a Federação Internacional de Fisiculturismo (IFBB, na sigla em inglês) realizaria a disputa daquele ano em Sydney, na Austrália. Na verdade, eu estava escalado para participar do evento como comentarista da rede de televisão CBS. O cachê era ótimo, mas fui ficando cada vez menos atraído pela ideia à medida que me animava a voltar a competir. Ao tomar forma em minha mente, essa visão se tornou irresistível. Reconquistar o lugar de honra do esporte seria a preparação perfeita para *Conan*. Eu iria mostrar a todo mundo quem era o verdadeiro rei – e o verdadeiro bárbaro. Frank Zane detinha o título havia três anos, e pelo menos uma dezena de competidores tentaria derrotá-lo, incluindo caras com quem eu cruzava na academia todos os dias. Um deles era Mike Mentzer, um nativo da Pensilvânia de 1,73 metro que terminara em segundo lugar no ano anterior por uma diferença mínima. Ele estava se promovendo como o mais novo guru da musculação e porta-voz do esporte e vivia citando a filosofia objetivista da escritora Ayn Rand. Volta e meia circulavam boatos de que eu voltaria a competir e eu sabia que, se os negasse e esperasse até a última hora para anunciar minha participação, a incerteza iria atormentar pessoas como ele.

Maria achava tudo isso uma insensatez. "Você agora *administra* as competições", assinalou ela. "Você deixou o fisiculturismo como um campeão, e essa manobra poderia fazer as pessoas se voltarem contra você. Além do mais, você pode não vencer." Eu sabia que ela estava certa, mas o desejo de competir não me abandonava. "Se você está com tanta energia extra assim, por que não aprende espanhol antes de ir filmar na Espanha?" Depois de ver Teddy perder a indicação do Partido Democrata à corrida presidencial, Maria não queria mais nenhum risco em sua vida. Na noite anterior, tivera um ataque quando Muhammad Ali, que largara a aposentadoria para tentar se tornar campeão do mundo de pesos pesados pela quarta vez, fora aniquilado pelo então detentor do título, Larry Holmes. Era como se isso fosse um aviso.

Mas eu não conseguia desistir. Quanto mais pensava no assunto, mais

envolvido ficava.

Então, certa noite, para minha surpresa, Maria mudou de ideia. Disse que, se eu ainda estivesse decidido a competir, ela iria me apoiar. Tornou-se uma companheira extraordinária.

Ela foi a única pessoa a quem contei meus planos. Franco, é claro, adivinhou minhas intenções. Meu amigo de longa data agora era quiroprático e estava trabalhando como meu parceiro de treinos na preparação para *Conan*. Começou a dizer coisas como: "Arnold, o Olympia está chegando. Você tem que entrar nessa e deixar todo mundo embasbacado." Alguns dos caras da academia estavam realmente inquietos. Quando me viram começar a malhar por duas horas duas vezes ao dia, não entenderam nada. Sabiam que eu iria interpretar Conan e eu lhes disse que estar em plena forma era uma exigência do papel. Sim, eu iria à competição, mas como comentarista, certo? Além do mais, o Mister Olympia seria dali a apenas cinco semanas. *Ninguém* podia começar a treinar pesado tão em cima da hora assim e conseguir estar preparado! Apesar de tudo, eles não se convenceram, e eu alimentei essa dúvida. À medida que as semanas passavam e o evento se aproximava, bastava eu sorrir para Mentzer do outro lado da academia para deixá-lo maluco.

Foi o treinamento mais difícil que eu já tinha feito, e isso o tornou divertido. Fiquei pasmo ao ver como Maria se envolveu profundamente em cada passo, embora estivesse concentrada em seu próprio objetivo. É claro que o esporte fazia parte da sua vida desde pequena. Não o fisiculturismo em si, mas o beisebol, o futebol americano, o tênis e o golfe. Mas é a mesma coisa. Ela entendia por que eu precisava acordar às seis da manhã para treinar por duas horas e me acompanhava à academia. No jantar, via-me prestes a tomar um sorvete e levava o pote embora. Todo o entusiasmo que havia investido na candidatura presidencial de Teddy foi transferido para mim.

A competição do Mister Olympia ocorreu na Ópera de Sydney, espetacular obra-prima arquitetônica que fica no porto da maior cidade australiana e tem o formato de uma série de conchas embutidas umas nas outras. Frank Sinatra se apresentou lá logo antes do nosso evento. Era uma honra subir ao palco de uma casa daquelas – além de ser um sinal do prestígio crescente do fisiculturismo. O prêmio eram 50 mil dólares em espécie, o mais alto já oferecido em uma competição do esporte, e 15 campeões haviam se inscrito, fazendo daquela a maior disputa já vista.

O lugar se revelou o cenário perfeito porque, desde o dia em que chegamos, a competição tornou-se repleta de drama, emoção e intriga. O anúncio de que eu estava lá não para observar, mas para competir, causou um grande alvoroço. Os oficiais da federação tiveram que discutir a questão: um competidor podia entrar no páreo sem ter se inscrito antes? Eles perceberam que não havia regra nenhuma que proibisse isso, de modo que fui autorizado a participar. Em seguida, houve uma manifestação contra determinados itens do regulamento da própria competição, na forma de um abaixo-assinado apoiado por todos os fisiculturistas, exceto eu. Os organizadores tiveram que negociar

para evitar o caos. Depois de muita confusão, eles concordaram não apenas em adotar as mudanças como também pediram aos competidores que aprovassem os jurados.

Todas essas manobras de bastidores despertaram uma faceta de Maria que me fez pensar em Eunice em ação. Embora Maria tentasse se desvincular da família, tinha os mesmos instintos políticos da mãe e uma grande experiência para alguém de sua idade. Na política, quando surgem disputas e campos opostos se formam, é preciso entender o que está acontecendo e agir depressa. Maria contribuiu para a situação com sua percepção rápida e seus ótimos conselhos. Conversou com as pessoas certas para evitar que eu ficasse isolado ou fosse passado para trás. Ela se mostrou implacável. Fiquei imaginando como alguém que nunca tivera contato com o mundo do fisiculturismo e mal conhecia os participantes podia entrar no esquema tão depressa e ser tão eficaz.

No final, acabei conquistando minha sétima coroa de Mister Olympia, mas essa vitória permanece controversa até hoje. Os jurados não estavam todos de acordo: obtive cinco votos e o segundo colocado, o americano Chris Dickerson, dois. Foi a primeira vez na história do concurso que a decisão não foi unânime. Quando meu nome foi anunciado, apenas metade das 2 mil pessoas presentes aplaudiu, e pela primeira vez na vida ouvi vaias. Logo em seguida, um dos cinco primeiros colocados começou a jogar cadeiras nos bastidores, enquanto outro quebrou seu troféu em pedacinhos no estacionamento e um terceiro anunciou que iria abandonar o fisiculturismo para sempre.

Treinar para uma competição e ganhar outra vez me deu prazer, mas, pensando bem, tenho que admitir que o episódio todo não foi benéfico para o esporte. Muitas divisões se criaram, e eu poderia ter lidado com a situação de outra forma. A velha camaradagem do fisiculturismo não existia mais. Acabei me reconciliando com os outros atletas, mas em alguns casos foram necessários muitos anos para que isso acontecesse.

As filmagens de *Conan* estavam marcadas para começar para valer dali a cerca de dois meses, mas precisei ir filmar uma cena preliminar em Londres no final de outubro. Quando cheguei, John Milius deu uma olhada em mim e balançou a cabeça.

"Vou ter que pedir para você fazer outro treinamento", falou. "Não posso ter um Conan igual a um fisiculturista. Isto aqui não é um filme do Hércules. Quero você mais encorpado. Precisa ganhar um pouco de peso. Tem que ficar com o visual de alguém que foi lutador corpo a corpo, guerreiro e escravo acorrentado por muitos anos à Roda da Dor. É esse o tipo de corpo que preciso." Milius queria que tudo ficasse o mais verossímil possível. Embora Conan pertencesse a um mundo totalmente fantasioso, era um raciocínio lógico. Na cena que filmamos na Inglaterra, fui maquiado para parecer o rei Conan em uma idade avançada, recitando um monólogo que serviria de introdução ao filme: "Saiba, ó Príncipe, que, entre os anos em que os oceanos

sorveram Atlantis e a ascensão dos filhos de Aryas, houve um tempo inimaginável... Então surgi eu, Conan, ladrão, saqueador, assassino, para pisotear os tronos cravejados de joias da Terra. Mas agora meus olhos estão baços. Sente-se no chão comigo, pois você nada mais é do que os resquícios da minha época. Deixe que lhe conte sobre os dias de grandes aventuras."

Como eu estava vestido com túnicas e peles, o corpo de Mister Olympia não aparecia. No entanto, antes de começarmos a filmar nas locações, em dezembro de 1980, eu teria que modificar meu físico mais uma vez.

NO CAMINHO DE VOLTA DE SYDNEY A Los Angeles, pensei em como as atribulações dos últimos meses tinham deixado a mim e Maria mais unidos. Eu estava muito contente por ter tolerado os tais adesivos de Teddy Kennedy no meu jipe e não ter feito um cavalo de batalha por causa das minhas próprias opiniões políticas. Isso porque, pela primeira vez na vida, sentia que realmente tinha uma companheira. Durante aquela primavera e aquele verão, eu havia conseguido ajudá-la com os altos e baixos da campanha e senti que levá-la à Europa em seguida fora exatamente a coisa certa a fazer. E agora eu via como ela se envolvera e conseguira me ajudar com a *minha* situação, que não poderia ser mais desconhecida para o seu mundo.

Eu podia imaginar a pressão que Maria devia estar sofrendo dos amigos da família Kennedy em Hollywood para arranjar um namorado mais adequado. As mulheres mais velhas, principalmente – amigas de sua mãe ou de Pat Kennedy Lawford, ex-mulher de Peter –, costumavam lhe dizer: "Por que está namorando esse fisiculturista? Deixe-me apresentá-la a um produtor maravilhoso", ou "Conheço um executivo jovem e muito atraente", ou então "Eu tenho o homem certo para você! Ele é um pouco mais velho, mas é bilionário. Deixe-me marcar um encontro para vocês se conhecerem".

O mundo via nosso relacionamento de uma forma superficial demais, como uma mera história de sucesso sensacionalista. "Não é incrível ele ganhar o Mister Olympia e todos aqueles outros campeonatos de fisiculturismo, depois conseguir um grande contrato no cinema e ainda começar a namorar uma Kennedy?" Segundo esse raciocínio, Maria era apenas mais um item da minha coleção de troféus.

Mas a realidade é que ela não era um troféu. E o sobrenome dela pouco importava para mim. Se não tivéssemos a ver um com o outro, nunca teríamos ficado juntos. Sua personalidade, sua aparência física, sua inteligência, sua sagacidade, toda a contribuição que ela trazia à minha vida e sua capacidade de agir sem perder tempo: eram essas coisas que eu julgava importantes. Maria se encaixava perfeitamente em tudo o que eu era, no que eu representava e no que estava fazendo. Esse foi um dos motivos que me levaram a pensar que ela talvez fosse a mulher da minha vida. Fiquei viciado em Maria. Quando cheguei à Espanha, foi difícil ficar longe dela.

Eu compreendia o que ela queria realizar. Seu desejo era se tornar uma nova Barbara Walters. O meu era me tornar o maior astro do cinema, portanto

estávamos os dois muito decididos. Eu entendia o mundo para o qual ela queria entrar, e ela entendia aquele que eu estava tentando explorar e ao qual eu queria chegar, então podíamos fazer parte da jornada um do outro.

Eu também sabia o que a atraía em mim. Maria tinha uma personalidade tão forte que simplesmente passava como um trator por cima dos rapazes. Eles se tornavam seus escravos na mesma hora. Mas eu era impossível de domar. Era um cara seguro, que realizara coisas, que era alguém. Ela admirava o fato de eu ser um imigrante que chegara aos Estados Unidos e conseguira construir a própria vida. Podia ver, pela minha personalidade, que eu seria capaz de compreender sua família e me sentir à vontade na sua companhia.

Maria queria se afastar de casa tanto quanto eu quisera – e que melhor forma de fazer isso do que se apaixonar por um ambicioso fisiculturista austríaco que almeja uma carreira de ator? Ela gostava de viver longe de Washington, dos advogados e políticos, das conversas da capital. Queria ser única, diferente.

Se havia um casal na sua família com o qual Maria pudesse nos comparar, era o formado por seus avós. Joe, assim como eu, vencera na vida começando do nada. Quando se tratava de ganhar dinheiro, era muito agressivo, também como eu. Rose o escolhera porque tinha fé absoluta na capacidade de sucesso de Joe. Na época ele ainda não tinha um centavo e John Francis Fitzgerald, o "Honey Fitz", pai de Rose, já era prefeito de Boston. Eu era incansável, disciplinado, ativo e inteligente o suficiente para chegar lá também. Era isso que fazia Maria querer ficar comigo.

O que eu representava fisicamente também contava. Ela gostava de rapazes atléticos e fortes. Maria me contou que, quando era pequena e John Kennedy estava na presidência, ela convivia com os agentes do serviço secreto em Hyannis. À noite, quando eles estavam de plantão tentando se manter acordados, às vezes liam revistas de malhação – comigo na capa! Ela era jovem demais para prestar atenção a isso, mas reparou que todos aqueles guarda-costas malhavam. Isso ficou tão marcado na sua cabeça que, quando o livro *Pumping Iron* foi publicado, ela comprou um exemplar de presente para Bobby, seu irmão mais velho.

Antes de eu partir, em dezembro, para começar a pré-produção de *Conan*, começamos a decorar nossa casa. Maria apreciava cortinas florais e um visual conservador, e eu compartilhava seu gosto. O estilo lembrava muito a Costa Leste, e um pouco a Europa também. Ela tinha herdado essa preferência de sua família. Todos os Kennedy tinham sido criados em casas adornadas com estampas florais e um determinado tipo de sofá e cadeira com encosto de madeira ou estofado. Todas as residências da família tinham um piano na sala, dezenas de porta-retratos de parentes sobre todos os aparadores e superfícies, e coisas assim.

O meu estilo era mais rústico, então, quando precisamos de um conjunto de móveis de jantar, fui a uma feira de antiguidades no centro de Los Angeles e comprei uma pesada mesa de carvalho com cadeiras no mesmo feitio. Maria se

encarregou da sala de estar. Encomendou sofás enormes e mandou forrá-los com os tais tecidos florais. Depois comprou poltronas de cores lisas para complementá-los. Eunice tinha uma amiga que era ótima decoradora e ajudou com sugestões.

Maria e eu também tínhamos em comum a ideia de que nossa casa tinha que ser confortável. Nenhum de nós queria uma decoração tão exagerada a ponto de não se poder pôr os pés para cima e relaxar. Como vi que ela tinha bom gosto, dei carta branca para ela fazer o que quisesse. Era ótimo estar com uma pessoa que tinha opiniões firmes como eu, mas ainda assim poder trabalhar em parceria com ela, em vez de acabar tendo que fazer tudo sozinho e viver me perguntando: "Será que ela gosta disso? Será que gosta daquilo? Será que esta casa só tem a minha cara?" Maria tinha uma grande base de conhecimento e era uma ótima parceira, então ambos pudemos evoluir.

Ela adorou quando a levei à feira de antiguidades para olharmos móveis antigos. Meu gosto havia se apurado com os anos – em parte por ver os objetos que Joe Weider colecionava –, mas ainda não era refinado, e eu não comprava nada acima de determinado valor. A compra sempre dependia de quanto dinheiro eu tivesse e de quanto quisesse gastar. Jamais mandara fazer um móvel sob medida – simplesmente comprava o que houvesse na loja ou procurava alguma promoção. Agora que tinha engrenado as filmagens de *Conan*, porém, tinha a sensação de que podia abrir um pouco mais o bolso e mandar forrar as peças com os tecidos de que Maria gostava.

Todo esse processo transcorreu sem aborrecimentos. Ficou claro que éramos bons companheiros e podíamos morar juntos, algo que desejávamos tentar. Eu me interessava por arte, em parte também graças à influência de Joe Weider. Para apurar meu gosto, eu frequentava muitos museus, leilões e galerias, e Maria e eu gostávamos de ir a esses lugares juntos. Comecei a colecionar peças. No início, só podia comprar obras mais baratas, como litografias de Marc Chagall, Joan Miró e Salvador Dalí, mas logo passei para pinturas e esculturas.

A ideia de nos casarmos surgiu pouco antes da data marcada para minha viagem à Espanha. Eu queria que Maria estivesse lá comigo e fizesse parte da minha carreira. Era óbvio que ela era a mulher ideal para mim, ainda mais depois de tudo o que havíamos passado juntos durante aquele verão e aquele outono.

Convidei-a para ir ficar comigo no set, ou pelo menos ir me visitar e passar algum tempo lá. Ela disse que não podia, porque a mãe e o pai não iriam aprovar. Ficariam incomodados ao saber que ela estava comigo na locação e que estávamos dormindo juntos, pois não éramos casados.

– Bom, então por que não nos casamos? – perguntei.

Mas isso foi ainda pior. Ela praticamente surtou ao pensar em como a mãe iria reagir.

– Não, não, não – falou, balançando a cabeça. – Eu nunca poderia fazer uma pergunta dessas a ela.

Eunice havia se casado já mais velha – tanto que isso fazia parte do folclore da família. Antes disso, quisera fazer muitas outras coisas. Depois que se formou em sociologia na Universidade de Stanford durante a Segunda Guerra Mundial, ela havia trabalhado no Departamento de Estado, ajudando ex-prisioneiros de guerra que retornavam aos Estados Unidos a se readaptarem à vida civil. Depois da guerra, trabalhara como assistente social no Departamento de Justiça, atendendo delinquentes juvenis em um presídio federal feminino na Virgínia Ocidental e em um abrigo para mulheres em Chicago. Sarge, que parecia um astro de cinema e administrava o tradicional centro atacadista Chicago Merchandise Mart para Joe Kennedy, apaixonara-se por ela em 1946 e passara sete anos lhe fazendo a corte. Já havia praticamente perdido as esperanças quando um belo dia ela o levou até uma capela lateral depois da missa matinal e disse: "Sarge, acho que gostaria de me casar com você."

O fato é que ela só havia se casado com 30 e poucos anos, depois de ter feito muita coisa na vida. Por isso Maria não via o menor problema em não se casar agora, aos 25 anos, e preferia esperar até completar pelo menos 30. Havia muitas coisas que queria conquistar antes.

Fiquei contente ao saber que o problema não era comigo, mas sim o fato de o casamento não estar em seus planos por ora. Casar também não era necessariamente um desejo meu àquela altura, embora eu quisesse tanto estar com ela que tinha mudado de ideia. Sabia que sentiria uma saudade imensa de Maria no set. Por outro lado, a situação na verdade era perfeita. Agora podíamos continuar namorando por muitos anos sem eu ter que ouvir: "Qual é o futuro desta relação? Já namoramos há anos e você continua incapaz de se decidir..." Ou então: "Eu não sou boa o suficiente? Você está procurando outra pessoa?" Em vez disso, o assunto simplesmente morreu.

Eu poderia passar horas falando sobre o que me atrai em Maria e mesmo assim não conseguir explicar a magia por completo. Ronald Reagan era famoso por escrever longas cartas de amor para a mulher, Nancy, enquanto ela estava sentada bem do outro lado da sala. Eu costumava pensar: "Por que ele simplesmente não fala com ela?" Mas então percebi que escrever algo é diferente de falar – e também que as histórias de amor se baseiam nas idiossincrasias de cada um.

O que não nos mata nos fortalece

CONAN, O BÁRBARO É AMBIENTADO EM UMA Europa primitiva durante a fictícia Era Hiboriana, após o naufrágio de Atlantis, mas milhares de anos antes do alvorecer da história documentada. Cheguei à Madri contemporânea no início de dezembro, quando o projeto estava ganhando forma. John Milius dizia às pessoas que nós queríamos fazer um filme que proporcionasse "uma boa diversão pagã, que fosse em primeiro lugar uma história de amor, uma aventura, um filme em que algo grande acontece" – e também cheio de ação e sangue. "Vai ser bárbaro", prometeu ele. "Não vou poupar esforços."

Para levar esse sonho às telas, ele havia recrutado um time de primeira categoria: mestres como Terry Leonard, o diretor de dublês que acabara de trabalhar em *Os caçadores da arca perdida*; Ron Cobb, diretor de arte responsável por *Alien*; e Colin Arthur, ex-funcionário do museu de cera Madame Tussaud, para supervisionar a fabricação de manequins e partes de corpos humanos. Quando cheguei, o filme já tinha movimentado uma pequena indústria. A maioria dos atores e os principais membros da equipe estavam hospedados em um elegante hotel na área central de Madri, mas a ação de verdade acontecia em locações espalhadas por toda a Espanha. Duzentos operários trabalhavam na montagem dos sets em um enorme galpão a 11 quilômetros da cidade. As sequências externas seriam filmadas nas montanhas próximas a Segóvia, e também nas espetaculares dunas e nos pântanos de água salgada da Almería, província espanhola localizada no litoral mediterrâneo. Um empório marroquino da capital de Almería seria transformado em cidade hiboriana, e iríamos filmar em uma antiga fortaleza vizinha e outros sítios históricos.

O orçamento da produção, 20 milhões de dólares, era generoso: equivaleria a 100 milhões de dólares hoje em dia. Milius usou o dinheiro para reunir um impressionante arsenal de pessoas e efeitos especiais. Além das dezenas de espanhóis que trabalhavam no filme, ele contratou artesãos, instrutores e coordenadores de dublês da Itália, da Inglaterra e dos Estados Unidos. O roteiro demandava cavalos, camelos, cabras, abutres, cobras, cachorros, um falcão e um leopardo. Mais de 1.500 figurantes foram contratados. A trilha sonora seria executada por uma orquestra de 90 instrumentos e um coro de 24 integrantes, que cantaria em uma língua latina inventada.

Milius fez questão de que cada peça de roupa e cada equipamento estivessem de acordo com o universo fantasioso dos quadrinhos. Todos os objetos de couro ou tecido tinham sido arrastados pelo chão por carros até ficarem sujos e com aparência envelhecida. Selas tinham que ser escondidas debaixo de cobertores e peles, pois, segundo John, na época em que o filme se passava não havia seleiros que costurassem couro. As armas exigiram enorme atenção. As duas espadas de Conan foram forjadas sob medida a partir dos desenhos de Ron Cobb e gravadas com palavras em uma língua inventada. Foram feitos quatro exemplares de cada uma, por 80 mil dólares no total. Naturalmente, John insistiu que essas espadas e todas as outras armas tivessem um aspecto usado, não reluzente. Segundo ele, elas deviam matar, não brilhar. Matar era o mais importante.

Passei o mês de dezembro ocupado decorando as falas, ajudando a planejar as cenas de ação e conhecendo os outros integrantes da equipe.

Milius teve uma abordagem pouco ortodoxa em relação à escolha do elenco: para os outros papéis importantes, selecionou atletas em vez de atores. Para viver meu comparsa, o arqueiro Subotai, ele contratou Gerry Lopez, campeão de surfe havaiano que já interpretara a si mesmo no filme anterior de Milius, *Amargo reencontro*. Para viver o amor de Conan, a ladra e guerreira Valeria, o diretor escolheu Sandahl Bergman, bailarina profissional recomendada pelo diretor e coreógrafo Bob Fosse. John acreditava que os rigores da musculação e da dança, ou de passar sete horas por dia surfando ondas capazes de matar, forjavam o caráter das pessoas, e estava certo de que isso iria transparecer na tela. "É só olhar para o rosto de quem passou por provações terríveis, gente da Iugoslávia ou da Rússia, por exemplo", dizia. "Observem as rugas, a personalidade que esses rostos têm. É algo impossível de fingir. Essas pessoas têm princípios em nome dos quais se dispõem a viver ou morrer. Elas são duronas por causa de tudo o que tiveram que enfrentar."

No entanto, até mesmo um fanático feito John entendia que nossa falta de experiência diante das câmeras talvez fosse constituir um problema. Para nos inspirar e ajudar a neutralizar o risco, contratou também alguns veteranos. James Earl Jones estava acabando de encerrar uma temporada na Broadway como protagonista de *A Lesson from Aloes* (Uma lição dos aloés), de Athol Fugard, e entrou no projeto para interpretar Thulsa Doom, o malvado feiticeiro e rei que mata os pais de Conan e transforma o jovem herói em escravo. Max von Sydow, astro de muitos filmes de Ingmar Bergman, faria o papel do rei que deseja recuperar a filha que fugiu de casa para se juntar ao culto à serpente de Thulsa Doom.

Uma das preocupações de Milius era encontrar caras maiores do que eu que interpretassem os inimigos de Conan, para não ficar parecendo que seria fácil para o guerreiro derrotar todo mundo. Disto o diretor fazia questão: os atores tinham que ser mais altos e mais musculosos que eu. No circuito do fisiculturismo, eu conhecera um dinamarquês chamado Sven-Ole Thorsen, que media 1,96 metro e pesava mais de 136 quilos. Thorsen era faixa preta de

caratê. Entrei em contato com ele a pedido de Milius e o encarreguei de encontrar outros caras grandes. No início de dezembro, apareceram todos em Madri – meia dúzia de dinamarqueses imensos, com um ar realmente ameaçador: praticantes de levantamento de peso, lançamento de martelo e arremesso de peso, além de especialistas em artes marciais. Ao seu lado, eu me sentia um cara pequeno, sensação que jamais tivera na vida. Passamos a nos preparar juntos, treinando técnicas de combate com machados e espadas e praticando montaria. Eu já estava bem adiantado em relação a eles, claro, mas quando as filmagens começaram, em janeiro, os dinamarqueses tinham se aperfeiçoado bastante e contribuíram muito para as cenas de batalha.

Adorei ver tudo isso acontecer à minha volta. Exatamente como previra meu instrutor de dublê em Los Angeles, a máquina do cinema estava girando a meu favor. Eu era Conan, e milhões de dólares estavam sendo gastos para me fazer brilhar. É claro que o filme tinha outros personagens importantes, mas no fim das contas tudo aquilo estava sendo feito para me fazer parecer um guerreiro de verdade. Os sets também tinham sido construídos com esse intuito. Pela primeira vez, eu estava me sentindo um astro.

Era diferente de ser campeão de fisiculturismo. Milhões de pessoas iriam assistir àquele filme, enquanto naquele esporte o maior público ao vivo era de 5 mil pessoas e o número de telespectadores atingia de 1 a 2 milhões. Aquilo ali era um grande acontecimento. As revistas especializadas iriam escrever sobre *Conan*, o caderno cultural do *LA Times* publicaria matérias sobre o filme e revistas e jornais mundo afora editariam resenhas sobre ele – e gerariam polêmicas a respeito, com certeza, pois o universo imaginado por Milius era muito violento.

Depois de passar o Natal com os pais, Maria foi me fazer uma visita de alguns dias no final de dezembro. Assim pude apresentá-la à equipe e ao elenco, para ela não pensar que eu havia desaparecido da face da Terra. Ela riu ao ver como eu já tinha reunido todo um grupo de amigos do mundo dos músculos: não só os dinamarqueses, mas também Franco, para quem eu conseguira um pequeno papel.

Fiquei contente por Maria não estar mais na Espanha quando começamos a filmar, uma semana depois. Na primeira cena prevista, Conan, desarmado e recém-libertado da escravidão, é perseguido por lobos em uma planície rochosa. Consegue fugir escalando um promontório, onde se depara com a entrada de uma tumba que abriga uma espada. Em preparação para essa sequência, eu vinha trabalhando todas as manhã com lobos, só para perder o medo. Na verdade, eram quatro cachorros da raça pastor-alemão, só que, sem me avisar, Milius mandara um dos coordenadores de dublês arranjar animais que fossem mestiços de lobo. Achava que assim as cenas ficariam mais realistas. "Nós vamos cronometrar tudo", prometeu ele. "Você já vai estar correndo quando soltarmos os cães, então eles não vão ter tempo de atravessar a planície e alcançá-lo antes que você escale as pedras."

Na manhã da filmagem, para atrair os cães, eles costuraram carne crua

dentro da pele de urso que eu usava nas costas. Quando as câmeras foram ligadas, saí correndo pelo descampado. Só que o treinador soltou os cachorros antes da hora e não tive tempo suficiente para me distanciar deles. As feras me alcançaram antes que eu conseguisse subir até o alto das pedras. Morderam minha calça e me arrastaram de cima das pedras, fazendo-me cair de costas de uma altura de 3 metros. Tentei ficar em pé e arrancar a pele de urso, mas caí por cima de um arbusto cheio de espinhos. O treinador então gritou um comando e os cães pararam o que estavam fazendo e ficaram estáticos ao meu lado, babando.

Eu estava ali no chão, todo espetado e sangrando por causa de um corte ao cair em cima de uma pedra. Mas Milius não teve pena. "Agora você sabe como vai ser o filme", disse. "Foi isso que Conan teve que enfrentar!"

Precisei levar pontos para fechar o corte e quando o vi mais tarde, no almoço, o diretor estava de ótimo humor. "Conseguimos o que queríamos. Começamos com o pé direito", afirmou ele.

No dia seguinte, acabei precisando de mais pontos, porque cortei a testa ao pular em uma piscina cheia de pedras. Quando Milius viu o sangue escorrendo, perguntou: "Quem fez essa maquiagem? Está incrível. Parece sangue de verdade."

Ele se recusava a pensar no que teria acontecido com a produção caso eu tivesse ficado aleijado ou morrido. Naturalmente, não havia dublê nessas cenas, pois teria sido muito difícil encontrar alguém com um corpo feito o meu.

O restante da semana foi dedicado a uma complexa cena de ação que apareceria bem mais tarde na história. Em nosso galpão nos arredores de Madri, as equipes tinham construído a Câmara das Orgias do templo de Thulsa Doom nas montanhas. Visto de fora, o galpão era um prédio grande e sem graça, de dois andares, feito de aço corrugado e cercado por um estacionamento poeirento, tendas e uma placa grosseira na qual se lia "Conan" escrito em tinta vermelha. Lá dentro, porém, depois de passar pelos departamentos de maquiagem, figurino e adereços, você era transportado para o esplendor devasso do culto à serpente canibal do feiticeiro. A Câmara das Orgias era um salão de pé-direito alto, com sacadas e escadarias de mármore, iluminado por tochas e enfeitado com lindos panos de cetim e seda, com uma dezena de mulheres nuas e seus consortes esparramados sobre almofadas fofas dentro de um fosso central, cochilando e se regalando. No meio do fosso erguia-se uma pilastra de mármore cor-de-rosa e cinza com 4 metros de altura e quatro gigantescas cabeças de cobra esculpidas no alto. O banquete era oferecido por serviçais que o retiravam de um caldeirão borbulhante no qual se viam mãos decepadas e outros pedaços de corpos humanos.

Segundo o roteiro, Conan, Valeria e Subotai invadiam essa orgia, matavam os guardas e resgatavam a princesa foragida que sucumbira ao feitiço de Thulsa Doom. Os guardas, claro, eram brutamontes sub-humanos, alguns usando máscaras de cobra, e eu estava nu da cintura para cima, com o rosto e

o tronco pintados com assustadoras listras pretas de camuflagem que pareciam raios. Sandahl e Gerry também estavam pintados dessa forma. Foi fantástico poder usar nosso treinamento com armas, e Milius foi ficando satisfeito à medida que filmávamos dezenas de tomadas.

ENTRE UMA TOMADA E OUTRA, SETS de filmagem são lugares barulhentos onde as pessoas não param de falar, os equipamentos são ruidosos e as equipes estão sempre correndo de um lado para outro. Na quarta manhã, estávamos nos preparando para uma cena na alcova particular de Thulsa Doom, escavada bem no alto da parede da Câmara das Orgias, quando alguém disse: "Dino chegou", e de repente ouvi toda a movimentação cessar. Olhei para o pé do largo lance de escada e lá embaixo, no fosso, em meio às garotas nuas, estava nosso lendário produtor em sua primeira aparição no set. De Laurentiis exibia um visual impecável: usava um terno elegantíssimo e um lindo sobretudo de caxemira pendurado em volta dos ombros feito uma capa, ao estilo italiano.

Depois de observar a cena toda, ele subiu a escada até onde nós estávamos. Deviam ser uns 20 degraus, mas pareceram 100, porque ele demorou a subir. Fiquei observando enquanto ele se aproximava, com as mulheres nuas ao fundo. Quando ele enfim chegou ao alto, foi direto falar comigo. "Schwarzenegger, *você é Conan*", disse ele.

Dito isso, deu meia-volta, tornou a descer a escada e saiu do set.

Milius estava perto da câmera, e os microfones estavam ligados. Ele então veio na minha direção. "Ouvi o que ele falou. Sabe que esse é o maior elogio que você vai ganhar desse cara, não sabe? Hoje de manhã ele assistiu aos três dias que já filmamos, e agora acredita no projeto", comentou ele.

Senti que aquele tinha sido o jeito de Dino me dizer que eu estava perdoado por ter sido grosseiro com ele quatro anos antes. A partir desse dia, ele passou a ir à Espanha mais ou menos uma vez por mês e sempre me convidava para tomar café em seu hotel. Aos poucos, começamos a nos dar bem.

Dino delegou a tarefa de produzir de fato o filme à filha Raffaella e a Buzz Feitshans, que já trabalhara com Milius em outros projetos. Raffaella era uma espoleta: filha do meio do produtor com a atriz italiana Silvana Mangano, desde pequena já sabia que seguiria a profissão do pai. Embora fosse tão jovem quanto Maria, Dino vinha lhe ensinando os macetes da profissão havia 10 anos, e aquele já era seu segundo longa de importância.

Àquela altura, eu já sabia o suficiente sobre produção de cinema para ficar impressionado com o trabalho que ela e Buzz fizeram. Eles tiveram que se virar para encontrar um país onde pudéssemos filmar depois que a Iugoslávia saíra do páreo. Cada país tem a sua comissão de cinema, e em geral, quando se produz um filme, a primeira medida a tomar é ligar e dizer: "Queremos fazer um filme no seu país. A que acordo podemos chegar?" No caso de *Conan*, a Espanha havia agarrado a oportunidade. A comissão dissera a Raffaella e Buzz: "Nós temos um ótimo galpão que podemos transformar em estúdio. Tem água corrente, banheiros e chuveiros. E tem espaço para os geradores que vocês

terão que instalar. Além disso, existe um outro galpão que vocês também podem alugar, e um hangar vazio em uma base da Força Aérea. Temos um luxuoso complexo de apartamentos em Madri que é perfeito para os atores e para os membros mais importantes da equipe. É ligado a um hotel cinco estrelas, então vocês vão poder usufruir, sempre que quiserem, dos restaurantes e do serviço de quarto. E existe também, bem pertinho de lá, um espaço para os escritórios da produção."

Tudo isso tinha um custo. *Conan* era um projeto complicado, de modo que Buzz, Raffaella, o diretor de arte, o produtor de locação e outros membros da equipe tinham que levar em conta diversos outros fatores. De quantos cavalos iríamos precisar, e de quantos dublês de cavaleiros? Eles poderiam ser obtidos na Espanha ou teriam que ser levados da Itália ou de outros lugares? A Espanha tinha o tipo de deserto, montanha e litoral de que precisávamos? Teríamos autorização para filmar nesses lugares? E as ruínas históricas? Naturalmente, Raffaella e Buzz também queriam ficar dentro do orçamento, então viviam à procura de oportunidades interessantes.

Depois de avaliar outros países em um período de tempo espantosamente curto, eles conseguiram apresentar um resumo dos custos ao estúdio. "Na Espanha, a produção inteira sairá por 18 milhões", disseram. "Na Itália, por 32. Podemos também filmar em Las Vegas e construir os sets no deserto de Nevada, mas vai ser mais caro ainda. E existe a possibilidade de usarmos estúdios de filmagem em Los Angeles, porém será ainda mais dispendioso."

As opções eram as mesmas de todas as produções modernas: havia países com uma indústria cinematográfica estabelecida e sindicatos, como a Itália, e países empreendedores, sem sindicatos, como a Espanha. Com ou sem sindicatos, porém, Dino tinha fama de conseguir as coisas. Quando queria filmar 16 horas por dia, ele filmava 16 horas por dia. Nesse sentido, era um cara muito poderoso. As pessoas em Hollywood sabiam disso e não o contrariavam. Se um estúdio queria que uma produção fosse feita por determinado preço, era Dino que ele contratava. No caso de *Conan*, Dino apoiou a escolha da Espanha feita por Raffaella e Buzz. "Vamos ter que construir o set inteiro dentro de um galpão", informaram eles ao estúdio, "mas mesmo assim vai sair bem mais barato do que usar estúdios de filmagem de verdade, onde a mão de obra pode nos atrasar." Nós certamente não tivemos nenhum problema de mão de obra em *Conan*. Todo mundo trabalhou junto. Quando era preciso mudar um cenário depressa, todos ajudavam transportando equipamentos e trocando as coisas de lugar.

Na realidade, a Espanha era um ótimo lugar para se filmar sob todos os aspectos, com uma pequena exceção: os dublês demoravam demais para morrer. Milius não parava de repetir isto para eles: "Quando ele cortar vocês com a espada, caiam no chão." Em vez disso, eles exageravam na queda, tornavam a se levantar parcialmente, caíam de novo, arquejavam... Era sua chance de aparecer, então eles queriam aproveitá-la ao máximo. Eu já estava ocupado matando o adversário seguinte quando ouvia Milius gritar para o

cara atrás de mim: "Você morreu! Fique no chão! Ele cortou você com a espada, não se mexa!" Mas os dublês pareciam zumbis. Por fim, Milius lhes ofereceu um extra no cachê se eles morressem imediatamente e *ficassem mortos.*

Esse era o tipo de coisa que ninguém ensina, por mais que você passe anos tendo aulas de interpretação. Apesar de todo aquele papo sobre lembranças sensoriais e sobre entrar no personagem, ninguém o prepara para saber o que fazer quando a máquina de vento está soprando neve na sua cara e deixando você congelado. Nem para quando alguém está segurando uma fita métrica em frente ao seu nariz para medir o foco de um plano. Nessas horas, como é que você vai conseguir pensar naquela bobajada toda de lembranças sensoriais? Toda a ideia de estar no momento presente vai por água abaixo.

Enquanto você tenta atuar, toda uma produção está acontecendo à sua volta. Você tem que lidar com o fato de que há 150 pessoas trabalhando e falando no set. O cara da luz instala escadas na sua frente e pede: "Dá para sair da frente? Não quero que uma lâmpada caia em cima de você." O responsável pelo som mexe no cós da sua roupa para instalar uma bateria e grita para o cara da câmera sair da frente. O produtor de arte diz: "Gente, preciso de mais plantas no fundo." O diretor tenta coordenar tudo. O produtor grita: "Daqui a cinco minutos vamos ter que parar para almoçar! Se quiserem filmar, vai ter que ser agora!"

Então o diretor diz: "Arnold, encare seu adversário nos olhos. Com a cabeça bem erguida. Domine essa cena." Legal: nós trabalhamos isso nas aulas de interpretação. Mas e se ele mandou você montar um cavalo que não para quieto e o bicho fica rodando e empinando? Como fazer cara de dominador quando está com medo de o animal enlouquecer e derrubá-lo no chão? Então você tem que parar e ensaiar com o cavalo. Em circunstâncias assim, como fazer para ser verossímil?

Eu nunca tinha feito uma cena de sexo diante das câmeras e achei isso bastante estranho. Um set fechado significa que ninguém de fora pode entrar, mas mesmo assim há várias pessoas presentes: o supervisor de roteiro, técnicos de iluminação, assistentes de câmera... E você está nu. Nas aulas de interpretação, ninguém fala sobre o que fazer em uma cena de nudez quando você fica excitado. Na vida real, uma coisa conduz naturalmente a outra. No set isso pode ser muito constrangedor. Dizem que você deve continuar no personagem, mas acredite, não é isso que eles realmente querem. Tudo o que lhe resta é tentar pensar em outra coisa.

Embora o set estivesse supostamente fechado, as cenas de sexo pareciam ter o efeito de um ímã. Depois de escapar dos lobos, Conan é seduzido por uma bruxa que o põe no encalço de Thulsa Doom. A atriz que interpretava a bruxa se chamava Cassandra Gava, e nós estávamos rolando pelo chão, nus, em frente ao fogo alto da lareira em seu casebre de pedra. Com o canto do olho, reparei que as paredes do casebre se moveram. Uma frestinha se abriu no canto, e pude ver um par de olhos cintilando à luz do fogo.

– Corta! – gritou Millius. – Arnold, para onde você estava olhando?

– Bom, aconteceu uma coisa engraçada – respondi. – Eu vi aquele canto da parede se abrir, e acho que tinha um par de olhos espiando pelo buraco.

Um cara correu para trás do set e ouvimos vozes. Então Raffaella apareceu, toda envergonhada.

– Desculpe, mas não pude resistir! – disse ela.

O verdadeiro amor de Conan no filme é Valeria. Sandahl Bergman também nunca tinha feito uma cena de amor e ficou tão constrangida quanto eu. Não se sabe como, eu devia ser uma estranha mistura de bárbaro e cavalheiro, sem exagerar em nenhum dos dois. Era difícil entrar no clima, porque você nunca tinha a oportunidade de praticar com sua companheira de cena; precisava começar de forma mecânica e fria. Para completar, Sandahl e o coordenador de dublês Terry Leonard haviam se apaixonado, e eu tinha plena consciência de que ele estava assistindo a tudo, certamente pronto para arrancar minha cabeça. Enquanto isso, Milius se esforçava ao máximo para se livrar da censura, dizendo coisas do tipo: "Arnold, pode posicionar sua bunda até ela ficar naquela sombra ali? E não se esqueça de esconder os seios dela com o braço, porque não podemos ter mamilos nesse plano."

As cenas de ação também tinham os seus riscos. Conan vive em um ambiente de perigos constantes. No mundo da fantasia, nunca sabemos o que vai nos atacar. Um dia pode ser uma cobra, no outro uma bruxa-lobo. Quando gravava essas cenas, eu tinha que ficar sempre alerta.

Lutar com uma cobra mecânica gigantesca me deixou dolorido por uma semana. A sequência acontecia no meio do filme, quando Conan e seus aliados conseguem se esgueirar para dentro da Torre da Serpente e roubam algumas das preciosas joias do culto. Tínhamos que escalar a torre (na verdade, um set de 12 metros de altura construído no hangar abandonado da Força Aérea), depois descer até uma masmorra coberta de lixo e ossos de virgens sacrificadas até a altura do tornozelo. A cobra, que tinha 11 metros de comprimento e 76 centímetros de largura, era uma réplica de algum tipo de jiboia operada por controle remoto e animada por cabos de aço e bombas hidráulicas capazes de exercer uma força de 9 toneladas. A engenhoca se revelou bem difícil de controlar, e o operador não havia treinado o suficiente. Em uma das tomadas, a cobra se enroscou à minha volta e começou a me jogar contra a parede da masmorra. Eu gritava com o cara para pegar mais leve. No roteiro, é claro, Conan mata a cobra: Subotai sai rastejando de um túnel, vê o amigo em apuros e lhe atira uma espada, que Conan, com um único gesto ágil, segura pelo cabo e crava no animal. Eu tinha que segurar a pesada espada e golpear um ponto preciso atrás da cabeça da cobra para fazer com que a bolsa de sangue explodisse. Conan, claro, precisa parecer totalmente confiante ao fazer tudo isso. Mas parte de mim pensava: "Espero que corra tudo bem." Tenho orgulho de dizer que dois anos e meio de treinos deram resultado e consegui acertar na primeira tomada.

James Earl Jones só começou a participar das filmagens mais tarde, porque

estava terminando uma temporada na Broadway, mas, quando chegou, nós logo ficamos amigos. Em meados de março, quando a produção se mudou de Madri para Almería a fim de filmar as cenas de batalha e o confronto final na fortaleza de Thulsa Doom no alto da montanha, passei várias horas por dia com ele em seu trailer. James queria manter a forma, então eu o ajudava a malhar e, em troca, ele me dava dicas de interpretação. Com sua potente voz de baixo, James era um ator shakespeariano estupendo e já ganhara um Tony e um Oscar por sua atuação no drama sobre racismo e boxe *A grande esperança branca*. (Seu personagem era baseado em Jack Johnson, campeão mundial dos pesos pesados de 1908 a 1915.) Recentemente, ele havia conquistado fama internacional como o vilão Darth Vader, de *Guerra nas estrelas*. Contou-me uma história incrível sobre como havia começado a atuar. Quando era menino, no Mississippi, James gaguejava tanto que se recusou a falar a partir dos 5 anos, quando começou a ir à escola, até os 14. Os colégios o qualificavam como mudo funcional. Então, no ensino médio, ele se apaixonou pela literatura e sentiu vontade de ler os grandes clássicos em voz alta. Seu professor de inglês o incentivou: "Se você gosta das palavras, tem que ser capaz de aprender a pronunciá-las."

Milius quis que eu acrescentasse a uma de minhas falas meia página de texto que ele havia escrito durante as filmagens. A cena acontecia no período de calmaria logo antes do clímax do longa, que ocorre na batalha de Mounds, antigo cemitério à beira-mar de guerreiros e reis que lembrava Stonehenge. Conan e seus aliados fortificaram o monumento e estão esperando o ataque de Thulsa Doom e um grande contingente de seguidores selvagens a cavalo. O feiticeiro já matou Valeria, e Conan e seus amigos estão em forte desvantagem numérica, então imaginam que vão morrer. Antes da batalha, o bárbaro está sentado na encosta de um morro, com a mão no queixo, olhando para o mar e para o lindo céu azul com ar melancólico.

– Lembro-me de dias como o de hoje, quando meu pai me levava à floresta para comermos mirtilos silvestres – diz ele a Subotai. – Isso faz mais de 20 anos. Eu tinha só uns 4 ou 5. As folhas naquela época eram muito escuras e verdes. O vento da primavera deixava o capim com um cheiro doce. Quase 20 anos de obstáculos implacáveis! Sem descansar, sem dormir como os outros homens. Mas mesmo assim o vento da primavera continua a soprar, Subotai. Você já sentiu um vento assim?

– Esses ventos também sopram onde eu moro – responde Subotai. – Ao norte do coração de cada homem.

Conan dá ao amigo a chance de ir embora e voltar para casa.

– Nunca é tarde demais, Subotai.

– Não. Isso só me faria voltar para cá algum dia. Em companhia ainda pior.

– Para nós não existe primavera – diz Conan, desanimado. – Só o vento com seu cheiro fresco antes da chuva.

Eu havia ensaiado esse diálogo dezenas de vezes, como sempre fazia antes de uma filmagem. No entanto, falei para Milius:

– Dizer isso não me parece natural. Não parece que fui realmente eu que pensei e falei isso, entende?

Não se pode apenas recitar um monólogo assim. É preciso de fato parecer que você está imaginando o passado, que está relembrando e as ideias estão surgindo em sua mente. Em determinados momentos, você fala depressa; em outros, apenas fita o vazio. A questão é como criar essa naturalidade.

– Por que não pede a opinião de Earl? – sugeriu Milius. – Ele faz isso no palco, onde a pressão é maior ainda, porque você não pode cortar os erros na edição.

Então fui ao trailer de Earl e perguntei se ele se importaria em dar uma olhada no diálogo.

– Não, não, claro que não. Sente-se – disse ele. – Vamos ver o que você tem aí.

Ele leu o texto e pediu que eu dissesse as falas.

Quando terminei, Earl assentiu e falou:

– Bom, eu faria o seguinte: mandaria datilografarem essas falas de novo, de duas maneiras. Primeiro, de modo que as linhas fiquem bem curtas e desçam até o final da página. Depois, com a folha ao comprido, para que as linhas fiquem o mais longas possível. – Ele explicou que, de tanto ensaiar, eu inconscientemente havia decorado as quebras de linhas. Assim, sempre que chegava ao final de uma linha, meu pensamento também se interrompia. – Você precisa se livrar desse ritmo – completou.

Ver as linhas digitadas de forma diferente me vez ouvi-las de outro modo também, e isso ajudou muito. Voltei ao seu trailer mais tarde no mesmo dia e juntos desconstruímos e ensaiamos o diálogo fala a fala. "Bom, normalmente, depois de uma frase assim você faria uma pausa, porque esse pensamento é bem pesado", dizia ele. Ou então: "Neste ponto, talvez você queira mudar um pouco de posição. Pode ser qualquer coisa que lhe ocorrer: se espreguiçar, balançar a cabeça, ou só fazer uma pausa. Mas você não deveria se programar", enfatizou, "porque as coisas podem sair diferentes entre uma tomada e outra, a menos que John lhe diga que algo vai dar problema na edição. Mas em geral eles mantêm o mesmo plano até o seu pensamento mudar, depois passam para outro ângulo."

Max von Sydow também foi generoso e atencioso. Foi ótimo poder ver dois atores de teatro incríveis ensaiarem e aperfeiçoarem suas cenas até chegarem ao tom certo. Trabalhar com profissionais permite aprender várias sutilezas. Percebi, por exemplo, que os atores muitas vezes mudam de postura quando o diretor passa de um plano aberto para um plano médio, um close ou um microplano (que mostra, digamos, uma expressão dos olhos). Alguns atores prestam muito pouca atenção no plano aberto, porque sabem que ele serve apenas para estabelecer sua localização física na cena. Quanto mais fechado ele se torna, porém, melhor precisa ser a interpretação. É aí que você percebe como é importante se poupar: não dê tudo de si nas primeiras tomadas; dê apenas 80%. A hora do seu close vai acabar chegando, e é aí que você vai

precisar realmente agir. Entendi também que isso é um jeito de fazer mais closes seus entrarem no filme, porque a edição muitas vezes seleciona a tomada que tem a melhor atuação.

Fazer *Conan* me fez relembrar os loucos verões em que eu e meus amigos austríacos fingíamos ser gladiadores às margens do Thalersee. Ali, o que ditava o ritmo era a fantasia de Milius. Antes de filmarmos uma cena, ele contava diversos episódios históricos sobre como os bárbaros comiam, como lutavam, como montavam a cavalo, quais eram suas religiões e as crueldades que cometiam. Para a sequência da orgia, falou sobre a decadência da Roma antiga, sobre mulheres, nudez, sexo, violência, intrigas e banquetes. Estávamos cercados pelos melhores especialistas em armas, em cavalos, em design, em figurino e em maquiagem, tudo para nos fazer entrar no mundo do guerreiro bárbaro.

Adorei a experiência de filmar em locações: dividir os apartamentos do Villa Magna com os outros atores, ir de carro de lá até o galpão, aprender toda uma outra forma de vida durante seis meses. Era a primeira vez que atuava em um país estrangeiro. Como poucas pessoas no set falavam inglês, aprendi bastante espanhol. No início, o trabalho era intenso demais para que eu pudesse me dar ao luxo de fazer algo que não fosse malhar, ensaiar e filmar. Depois de um mês ou dois, porém, comecei a relaxar. Pensei: "Espere aí. Estou em Madri! Preciso visitar museus, ver construções de arquitetura interessante, andar pelas ruas, comer em restaurantes famosos e jantar às onze da noite, como os espanhóis." Descobrimos fabricantes de botas e roupas de couro e alfaiates e começamos a comprar artigos tipicamente espanhóis, como cinzeiros de prata trabalhada e lindos cintos artesanais de couro.

Trabalhar com Milius era uma aventura constante. Tive que estraçalhar um abutre com os dentes, por exemplo. Foi na cena em que os inimigos de Conan o crucificam no deserto, na Árvore Maldita. A árvore era um imenso artefato montado ao ar livre sobre uma base giratória, para manter os ângulos do sol e das sombras constantes. Conan está quase morrendo no calor escaldante e abutres começam a voar em círculos e a pousar nos galhos ao redor dele. Quando um dos animais tenta pousar em seu rosto e bicá-lo, eu o mordo no pescoço e o despedaço com os dentes. É claro que com Milius as aves pousadas nos galhos eram de verdade – abutres treinados, é verdade, mas mesmo assim abutres, infestados de piolhos. Durante os três dias que levamos para filmar a cena, as aves eram levadas até uma tenda de hora em hora para descansar, enquanto eu permanecia na árvore em brasa com cinco outras. A que estraçalhei com os dentes era um robô feito com partes de abutres mortos. Depois da cena, tive que lavar a boca e a pele com sabonetes antibacterianos.

Também tivemos que lidar com camelos. Eu nunca havia chegado perto de um, muito menos montado um, mas era justamente isso que o roteiro exigia. Uma semana antes da filmagem da cena, pensei: "É melhor você fazer amizade com o camelo antes para entender como vai ser." Logo descobri que camelos são bem diferentes de cavalos. Quando se levantam, eles erguem primeiro as

patas traseiras, fazendo você cair para a frente. E não dá simplesmente para puxar as rédeas deles como se fossem cavalos, porque nesse caso eles viram a cabeça 180 graus, até ficar cara a cara com você. Eles podem cuspir no seu olho, e a saliva é tão cáustica que, se isso acontecer, você precisa ir ao médico na mesma hora. E camelos mordem – em geral na nuca, bem na hora em que você esquece que eles estão por perto.

Além da cobra mecânica que havia acabado comigo, também tive que lidar com cobras de verdade. Elas eram de uma espécie aquática, e, quando o adestrador achou que estavam ficando desidratadas, resolveu colocá-las na piscina do prédio em que estávamos hospedados. Nos Estados Unidos, o departamento de saúde pública ou alguma sociedade protetora dos animais teria aparecido em dois segundos, sem falar que a água devia estar cheia de cloro, o que não deve ter feito bem para a pele das cobras. Na Espanha, porém, e com Milius como diretor, esse tipo de coisa acontecia o tempo todo.

Milius vivia indo além dos limites. Ambientalistas reclamaram que nossas filmagens estavam prejudicando os pântanos de água salgada, então os produtores tiveram que prometer que deixariam esses locais como os encontramos. Defensores dos direitos dos animais reclamaram das cenas de *Conan* em que um cachorro leva um chute, um camelo leva um soco (meu, mas de mentira) e cavalos tropeçam. Nada disso teria sido permitido nos Estados Unidos. A produção tinha excelentes dublês, que sabiam como virar o cavalo na hora da queda para fazer o bicho rolar e não quebrar o pescoço, mas mesmo assim as cenas eram perigosas tanto para os animais quanto para quem os montava – testemunhei muitos hematomas, cortes e cabeças rachadas. Desde então, esse tipo de cena com dublê foi banido dos filmes.

Apesar disso tudo, o derramamento de sangue de *Conan* parece brando comparado aos padrões de hoje em dia. Na época, porém, o filme inaugurou uma nova dimensão de violência nas telas. Até aquele momento, as lutas com espadas sempre tinham sido um pouco certinhas demais: os personagens desabavam no chão e às vezes se via um pouco de sangue. Milius, porém, mandava prender no peito dos atores bolsas com quase 5 litros de sangue, quase o volume total que circula num corpo humano. Quando um machado de batalha acertava uma dessas bolsas, esguichava sangue para todo lado, e sempre que isso acontecia ele insistia que o fundo fosse claro, para que o massacre tivesse bastante destaque.

Milius não achava que devesse se desculpar por isso. "O filme se chama *Conan, o bárbaro*. O que vocês esperavam?", perguntava ele aos jornalistas. Mas em maio, quando as filmagens terminaram e voltamos para casa, a questão continuou a ser mencionada. Os altos executivos da Universal ficaram preocupados que a notícia antecipada sobre a violência excessiva afastasse os espectadores.

A essa altura, eles estavam pensando em lançar *Conan* entre o Dia de Ação de Graças e o Natal, em novembro ou dezembro. Isso até Sid Sheinberg, presidente da Universal, famoso por ter descoberto o diretor Steven Spielberg,

assistir a um copião, em agosto. Ele me viu esquartejando pessoas, sangue por toda parte, e, no meio da sessão, se levantou e disse com sarcasmo para os outros executivos: "Feliz Natal, gente." Depois disso, saiu da sala. Assim, a estreia de *Conan* foi adiada e os lançamentos de Natal da Universal em 1981 foram *Num lago dourado*, drama familiar estrelado por Henry Fonda, Jane Fonda e Katharine Hepburn, e um filme de terror.

TODOS SABÍAMOS QUE CONAN SERIA um filme controverso, e o desafio era descobrir como fazer o marketing do lançamento e apresentá-lo à imprensa. Assisti a Milius dar algumas das primeiras entrevistas, atraindo os jornalistas para sua fantasia viril. Um dos principais tópicos de seu discurso era Friedrich Nietzsche – a epígrafe de *Conan*, "O que não nos mata nos fortalece", parafraseia o livro *Crepúsculo dos ídolos*, do filósofo alemão, publicado em 1889. O outro grande tópico era a propriedade do aço. "Quanto mais você malha o aço, mais duro e mais durável ele fica", dizia Milius aos jornalistas. "O mesmo acontece com um ser humano. Ele precisa ser temperado, tem que superar a resistência. Quanto mais um homem luta, mais forte ele se torna. Veja as pessoas que vêm de países em guerra ou moram em bairros carentes de cidades grandes. É possível ver a batalha em seus rostos. Um maquiador não consegue reproduzir essa expressão. E é isto que faz de Conan o mais implacável e poderoso dos guerreiros: o que ele sofreu na infância. Luxo e conforto fazem mal às pessoas." Para Milius, *Conan* afirmava algo que ia muito além dos filmes de ação e histórias em quadrinhos. Estava tudo relacionado a Nietzsche.

Ele mostrava aos jornalistas uma de suas espadas de samurai e dizia: "Sabiam que uma espada como esta é aquecida e malhada sobre uma bigorna sete vezes até ter a força necessária? Os guerreiros samurais treinavam com criminosos. Eles os pegavam, mandavam que ficassem parados e os decapitavam com um só golpe." Ele encenava a situação inteira enquanto os jornalistas tomavam notas. E eu pensava: "De onde é que ele tira essas merdas?" Minha abordagem era muito mais direta. Eu vendia o aspecto do entretenimento, o valor do filme como diversão e aventura épica, como um *Guerra nas estrelas* ambientado na Terra.

Para promover a produção, era importante trabalhar todos os aspectos possíveis. Usamos publicações especializadas para formar um público, criando matérias para revistas de artes marciais, de equitação, de fantasia. Elaboramos matérias também para revistas de fisiculturismo, falando sobre como era necessário ter um ótimo condicionamento físico para ser Conan.

Antes de poder ser lançado, é claro, o filme precisava de uma classificação etária. Fiquei muito irritado com a forma como os poderosos executivos do estúdio cederam às vontades dos membros do comitê de classificação. O órgão era formado por indivíduos nomeados pela Associação de Cinema dos Estados Unidos cujos nomes sequer eram divulgados para o público. A maioria era composta por pessoas de meia-idade com filhos já criados, mas elas reagiram a

Conan como um bando de senhorinhas: "Ai, quanto sangue! Tenho que fechar os olhos!" Recebemos a notícia de que tínhamos que cortar um pouco da violência explícita.

Pensei: "Onde é que foram arrumar esses imbecis cheios de frescura? Vamos pedir que pessoas jovens e estilosas classifiquem o filme." Perguntei a um dos caras do estúdio:

– Quem é o responsável por isso? Tem que haver um responsável. Por que vocês não fazem essa pessoa ser demitida?

– Não, não, não, não – respondeu ele. – Não vale a pena mexer nesse vespeiro.

Ninguém estava disposto a lutar por qualquer coisa que fosse.

Eu não entendia que aquilo era um jogo de interesses. A Universal estava produzindo *E.T.*, de Spielberg, que era sua aposta para o verão de 1982. Não queria fazer nada que irritasse o comitê de classificação. O estúdio queria ser amado, queria que Spielberg fosse amado e que *E.T.* fosse amado também. Aí apareceram Milius e Schwarzenegger matando aquela gente toda na tela. Milius já era o *bad boy* de Hollywood: um republicano de direita com fama de só dizer barbaridades. E é claro que a Universal nem piscou antes de dizer "Vamos cortar logo essas cenas de *Conan* para não sermos crucificados na apresentação de *E.T.* ao comitê semana que vem", embora *E.T.* não tivesse nada de mais.

Fiquei muito bravo, porque, na minha opinião, cada uma das mortes de *Conan* tinha sido bem filmada e estava extraordinária. E daí se a primeira coisa que se via na tela era Thulsa Doom atacando a aldeia de Conan e a cabeça da mãe dele voando pelos ares? Poderíamos dizer que precisávamos dessa cena para que Thulsa Doom fosse visto como o maior dos vilões e para que fizesse sentido Conan ir atrás dele. Mas a verdade é que você se apaixona pelo próprio trabalho. Hoje, pensando bem, acho que o fato de eles terem nos obrigado a atenuar a violência ajudou a aumentar o público do filme.

Essa foi minha primeira experiência com o marketing de um grande estúdio. Uma turnê de coletivas de imprensa estava sendo planejada para a promoção internacional de *Conan*. Na primeira reunião de que participei, os marqueteiros disseram:

– Nós vamos à Itália e à França.

– Tuuuudo bem – respondi –, mas, se vocês olharem o globo, vão ver que existem outros lugares além desses dois países.

Por ser europeu, eu tinha plena consciência de que havia um mundo inteiro além dos Estados Unidos. No início dos anos 1980, dois terços da receita gerada pelo cinema provinham do público nacional e um terço, do público estrangeiro, mas já dava para ver essa situação começando a mudar. Se você não fizesse uma promoção internacional, quem saberia quanto dinheiro estaria deixando de ganhar?

– Pessoal, por que não fazemos as coisas de modo mais sistemático? – perguntei. – Passamos dois dias em Paris, dois em Londres, dois em Madri,

dois em Roma, e em seguida vamos para o norte. Depois podemos ir, por exemplo, a Copenhague, então a Estocolmo, e depois descer até Berlim. O que há de errado nisso?

– Bem, não é assim que nós costumamos fazer. Como você sabe, o filme é lançado em datas diferentes em cada país, e não queremos dar as entrevistas com muita antecedência.

– Então que tal fazer um acordo com as revistas e os jornais desses países para eles só publicarem as matérias depois do lançamento?

– Teríamos que ver se isso é possível.

Eu sabia que outro motivo de sua relutância em me mandar numa turnê promocional era que muito poucos atores gostam de vender. Já tinha visto a mesma coisa acontecer com autores no mercado editorial. A atitude típica parecia ser: "Eu não quero me prostituir. Eu crio, não quero ser um instrumento de propaganda. Não estou nem aí para a questão do dinheiro."

Tudo mudou de verdade quando eu falei: "Vamos a todos os lugares possíveis, porque isso não é bom apenas para mim financeiramente, é bom também para o público, que vai poder ver um bom filme!" O estúdio acabou concordando em me deixar promover Conan em cinco ou seis países. Interpretei isso como um grande avanço.

Era a mesma discussão que eu tinha tido com meu editor no lançamento do livro *Arnold: The Education of a Bodybuilder*. Os Estados Unidos representam apenas 5% da população mundial, então por que ignorar os outros 95%? Ambas as indústrias estavam se autossabotando. Joe Weider me ensinara a pensar sempre no mercado global.

Eu sempre me vi, em primeiro lugar, como um homem de negócios. Muitos atores, escritores e artistas se consideram acima do marketing. No entanto, seja qual for o seu ramo de atuação, vender faz parte do pacote. É impossível fazer filmes sem dinheiro. Mesmo que eu não tivesse nenhuma obrigação contratual relativa à publicidade, era do meu interesse promover o filme e garantir que ele gerasse o máximo de dinheiro possível. Eu queria participar das reuniões. Queria que todos vissem que eu estava trabalhando duro para conseguir retorno para o investimento do estúdio. Sentia que era minha responsabilidade inflar a bilheteria.

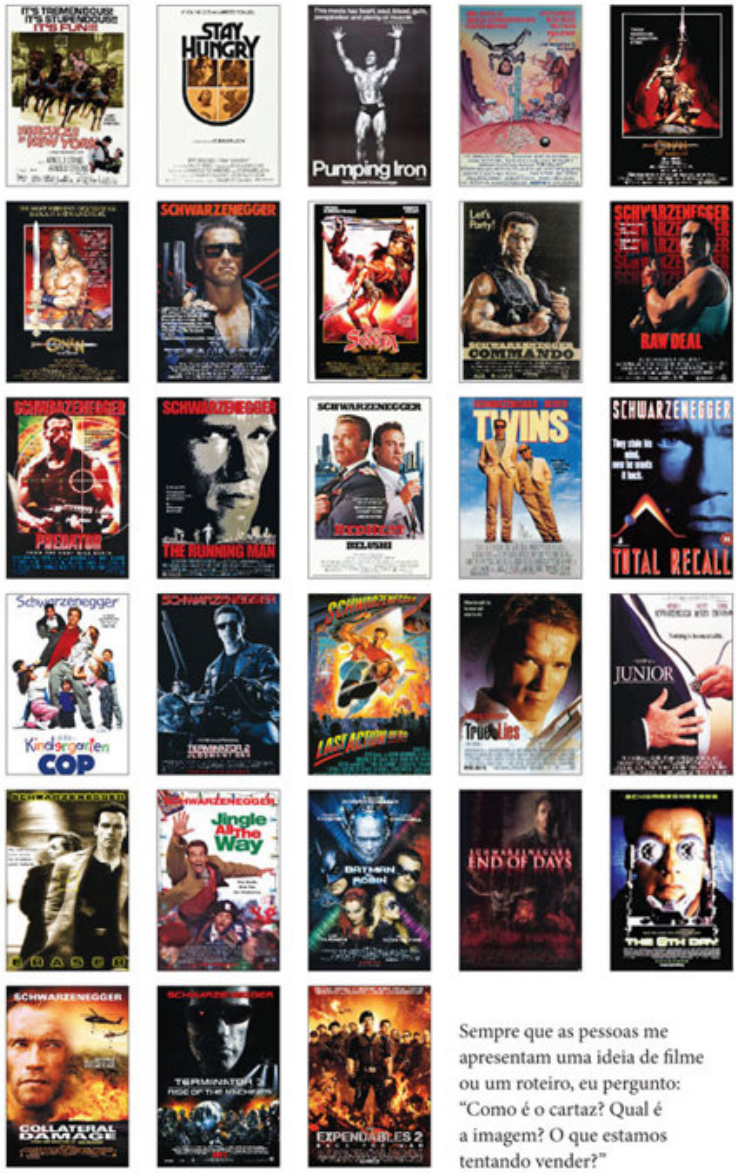
A virada de *Conan* veio em 1982, logo depois do Dia dos Namorados nos Estados Unidos, 14 de fevereiro. A primeira sessão de teste, em Houston, foi um sucesso tão grande que a Universal não conseguiu acreditar nos números: em uma escala de 1 a 100, os espectadores deram ao filme a nota 93, o que quase sempre anuncia um grande sucesso. Nessa noite, o estúdio me ligou e disse: "O negócio está fervendo. Queremos fazer outra sessão em Las Vegas amanhã. Se conseguirmos, você pode ir?" Na tarde seguinte, ao passar de carro em frente ao cinema, vi que aquela não era uma sessão comum. A fila dava a volta no quarteirão – além dos fãs de quadrinhos, que a Universal já esperava, havia fisiculturistas de camisa apertada e músculos saltados, gays, esquisitões de cabelos e óculos estranhos, gente fantasiada de Conan... Havia algumas

mulheres, mas o público parecia ser majoritariamente masculino, incluindo um grupo grande de motociclistas, todos com roupas de couro. Alguns pareciam dispostos a se rebelar caso não conseguissem um lugar na plateia. A Universal simplesmente foi abrindo outras salas até todos poderem sentar – foram necessárias três para acomodar todo mundo.

O estúdio estava apostando nos fãs inveterados de *Conan* nos quadrinhos e nos romances de fantasia para fazer do filme um sucesso. Essas pessoas deveriam constituir a principal fatia do público – gente que, quando gosta de um filme, vai assistir várias vezes e conta para todos os amigos. Só que a Universal não havia previsto o meu pessoal: os fisiculturistas. Nessa noite, em Vegas, eles deviam representar um terço dos espectadores, e dá para imaginar as notas que deram a *Conan*. Sem eles, o filme talvez tivesse alcançado uma nota 88, mas com sua presença chegamos de novo a 93, como em Houston. O estúdio ficou muito animado. E Dino de Laurentiis surtou. Ele veio me procurar e falou que tinha me transformado, ou ia me transformar, em um astro – por causa de seu sotaque, não consegui entender se ele tinha usado o verbo no passado ou no presente, mas dessa vez não fiz nenhuma piada a respeito.

Depois dessa noite, *Conan* tornou-se um sucesso incontrolável. Um mês depois, sessões de teste em 16 cidades do país tinham atraído multidões. Em Manhattan foi preciso que a polícia aparecesse, pois as pessoas na fila literalmente brigavam para entrar. Em Washington, a fila se estendeu por vários quarteirões e provocou um imenso engarrafamento. Em Los Angeles, foi necessário fazer três sessões sucessivas em vez de uma só, como fora planejado – houve quem ficasse esperando oito horas na fila.

Os elogios na imprensa especializada, depois dessas sessões, nos ajudaram a garantir sua exibição em centenas de salas. Quando *Conan* estreou para valer, em 14 de maio, tornou-se o primeiro sucesso daquele verão, que ainda é lembrado como o melhor da história do cinema. Na mesma época foram lançados *Mad Max 2 – A caçada continua*, *Rocky III*, *Jornada nas estrelas II – A ira de Khan*, *Blade Runner – Caçador de androides*, *Picardias estudantis*, *O mundo segundo Garp*, *Poltergeist*, *A força do destino*, *Tron*, *A coisa* e, é claro, *E.T. Conan, o bárbaro* soube garantir seu lugar entre todos eles.



Sempre que as pessoas me apresentam uma ideia de filme ou um roteiro, eu pergunto: "Como é o cartaz? Qual é a imagem? O que estamos tentando vender?"

Michael Ochs Archives / Getty Images

Estrelei *Hércules em Nova York* em 1969, mas o produtor faliu antes de conseguir lançar o filme. Sete anos depois, consegui um papel coadjuvante em *O guarda-costas*, dirigido por Bob Rafelson, pelo qual ganhei um Globo de Ouro (essa que estou segurando no colo para comemorar é Raquel Welch). Jeff Bridges, que fazia o protagonista, me deu preciosas dicas sobre interpretação.

Frank Edwards / Getty Images

Cortesia MGM Media Licensing

Na divulgação de *O homem dos músculos de aço* no Festival de Cannes, em 1977, George Butler teve a ideia de pedir que as garotas do Crazy Horse de Paris vestissem roupas cheias de babados e chapéus para posar comigo na praia. *Keystone / Getty Images*

Agarrei a chance de trabalhar com Kirk Douglas e Ann-Margret na sátira aos filmes de faroeste *Cactus Jack, o vilão*. Meu personagem se chamava Belo Forasteiro. *© The Villain Company. Todos os direitos reservados.*

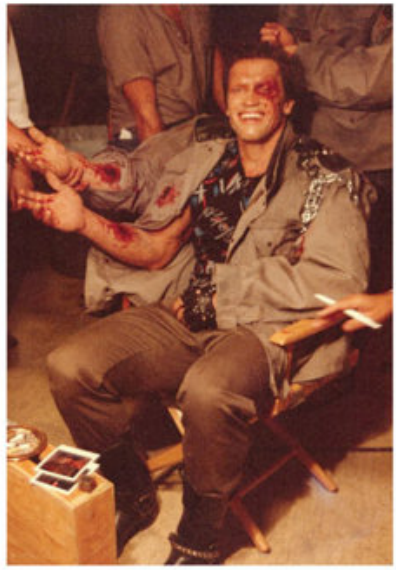
No set de *Conan, o bárbaro*, na Espanha, criamos um mundo pré-histórico realista e violento. Acima, à esquerda, o fosso de combate em que o jovem Conan mata para escapar da escravidão. Acima, à direita, crucificado na Árvore Maldita, fritei sob o sol escaldante. Ao lado, o diretor John Milius, apreciador de charutos como eu, fez questão de que cada detalhe do mundo de fantasia fosse perfeito. *© 1982 Twentieth Century Fox. Todos os direitos reservados.*

Em 1983, antes de ir filmar *Conan, o destruidor* no México, comemorei o fato de me tornar cidadão americano.
Michael Montfort / interTOPICS

Por que comer sozinho no seu trailer quando você pode fazer isso na companhia da equipe de produção e do elenco? Acima, a hora do rango na locação de *Conan, o destruidor*, rodado no México. À direita, Wilt Chamberlain, que interpretava o traiçoeiro Bombaata, e André, o Gigante, que fazia o malvado deus-fera Dagoth, me proporcionam a inusitada sensação de ser o baixinho da turma.
Cortesia Universal Studios Licensing, LLC

Na pele do Exterminador, esforcei-me para transmitir a ideia de que era uma máquina com a qual não se podia negociar nem discutir, que não sentia pena, remorso ou medo, e que não desistiria até seu alvo ser eliminado.
Cortesia MGM Media Licensing

O trailer de maquiagem é às vezes ainda mais esquisito que aquilo que aparece na tela. Aqui, preparativos para os autorreparos do antebraço e do globo ocular do Exterminador.
Arquivo Schwarzenegger



Em 1983, visitei o Vaticano com Maria e os pais dela para uma audiência particular com o papa João Paulo II. Para ele, além da religião, a vida consistia em cuidar tanto da mente quanto do corpo. Então conversamos sobre sua rotina de exercícios.

Arquivo Schwarzenegger

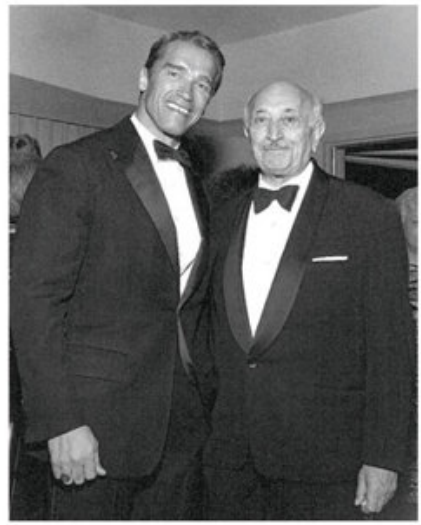
À direita: Depois dos sacrifícios que minha mãe fizera para criar a mim e meu irmão, eu queria que ela tivesse uma vida magnífica. Aqui, ela conhece o presidente Reagan em um jantar oficial na Casa Branca, em 1986.

Fotografia oficial da Casa Branca

Abaixo: Milton Berle se tornou meu mentor de humor. Ele me incentivava dizendo: "Ser engraçado com esse seu sotaque é duas vezes mais difícil. No meu caso, as pessoas já *esperam* que eu seja engraçado!"

Arquivo Schwarzenegger

O grande caçador de nazistas Simon Wiesenthal em pessoa me ajudou a obrigar o tabloide londrino que me chamou de neonazista em 1988 a se retratar.
Art Waldinger / Tru-Dimension Co.



Ajudei o vice-presidente George Herbert Walker Bush em sua vitoriosa candidatura à presidência em 1988. Aqui, estamos preparando discursos a bordo do avião vice-presidencial entre duas escalas de campanha.
Fotografia oficial da Casa Branca

O economista Milton Friedman, que conheci quando ele já estava aposentado, teve profunda influência em minha filosofia política. *George T. Kruse*

Apenas cinco anos após a estreia de *Conan, o bárbaro*, conquistei a aprovação suprema em Hollywood: uma estrela na Calçada da Fama.
Michael Montfort / interTOPICS

Meu mentor político, Fredi Gerstl, é um judeu que fez parte da resistência na Segunda Guerra Mundial e acabou presidente do Parlamento austríaco.
Arquivo Schwarzenegger

Menos de 48 horas antes do horário marcado para meu casamento com Maria em Hyannis Port, Massachusetts, eu estava coberto de lama em uma selva mexicana filmando *O predador*.
© 1987 Twentieth Century Fox. Todos os direitos reservados.

Danny DeVito é um mestre do humor, adora charutos e prepara massas no set – não é de espantar que tenha sido um gêmeo tão bom.
Arquivo Schwarzenegger

Paul Verhoeven dirige a mim e Sharon Stone na cena de *O vingador do futuro* em que meu personagem perde a ilusão em relação ao próprio casamento. *StudioCanal*

O diretor Ivan Reitman apostou em mim como herói cômico. Aqui, fazemos graça com algodão-doce no set de *Um tira no jardim de infância*. *Cortesia Universal Studios Licensing, LLC*

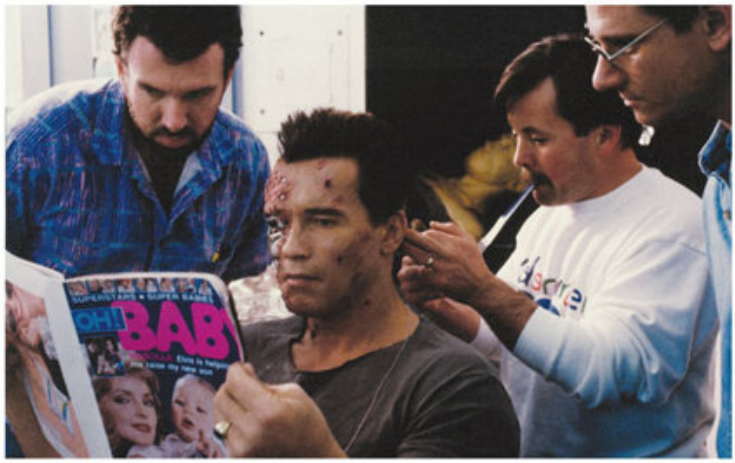
Num tobogã em Camp David, o presidente George H. W. Bush e eu estamos prestes a trombar com a primeira-dama. A dedicatória dele na foto diz, em parte: "Vire, caramba, vire!!" *Fotografia oficial da Casa Branca*

Arnold - Turn, damnit, Turn !!
All Best
Camp David
Jan 13, 1991

O presidente Nixon me pôs na berlinda para discursar na inauguração de uma exposição de fim de ano em sua biblioteca presidencial – depois da cerimônia, ao lado dele e do humorista Bob Hope, eu estava me sentindo aliviado.
Ron P. Jaffe / The Nixon Foundation

Sly Stallone, Bruce Willis e eu nos divertimos muito abrindo restaurantes da cadeia Planet Hollywood mundo afora. Essa inauguração foi em Londres.
Dave Benett / Getty Images

Meu personagem e sua Harley roubada eram uma combinação perfeita de ciborgue e máquina em *O exterminador do futuro 2 – O julgamento final*. *StudioCanal*



No trailer de maquiagem de *O exterminador do futuro 2*, aprimorando meus conhecimentos sobre a vida real – nossa filha Katherine ia completar 1 ano e um segundo bebê estava a caminho. *StudioCanal*

Às vezes é difícil explicar a seus filhos pequenos o que você faz no trabalho. Katherine ficou apavorada com o manequim do Exterminador no estúdio do mago dos efeitos especiais Stan Wilson. *Arquivo Schwarzenegger*

Clint Eastwood, um de meus heróis, descreve um plano para mim durante minha visita ao set de *Na linha de fogo*, em 1993.

© 1993 Columbia Pictures Industries, Inc. Todos os direitos reservados.

Em 1993, Maria e eu transformamos as filmagens de *True Lies* em uma aventura em família. Patrick era recém-nascido, Christina tinha 2 anos e Katherine, quase 4.

© 1994 Twentieth Century Fox. Todos os direitos reservados.

Jim Cameron mostra como quer que meu personagem, Harry Tasker, fuja de um acampamento de terroristas, em uma locação no arquipélago de Florida Keys. Jamie Lee Curtis (à direita) fazia Helen, minha esposa no filme. *© 1994 Twentieth Century Fox. Todos os direitos reservados.*

Aposentei-me do fisiculturismo em 1980, mas continuarei para sempre envolvido com o esporte. Aqui, celebrando as vitórias de Kevin Levrone e Laura Creavalle, campeões do Arnold Classic 1994.
Arquivo Schwarzenegger

Maria faz pose de corajosa em uma situação assustadora. Uma cirurgia cardíaca em 1997 para trocar uma válvula defeituosa deu errado na primeira tentativa. No dia seguinte, os médicos tiveram que abrir meu peito outra vez.
Arquivo Schwarzenegger

Muhammad Ali e eu já éramos amigos havia mais de duas décadas quando nos juntamos, em 2000, a fim de arrecadar dinheiro para a Inner-City Games e o Centro Muhammad Ali.
Herb Ritts / trunckarchive.com

Christina, com 6 anos, subiu a escada para um papo descontraído entre pai e filha enquanto eu estava crucificado para *O fim dos dias*, thriller sobre a virada do milênio. Abaixo, Christopher, 1 ano, e Patrick, 4, também foram visitar o set.
Cortesia Universal Licensing, LLC

Adorei trabalhar com Danny Hernandez, à minha direita, ex-fuzileiro naval que fundou o Hollenbeck Youth Center, centro juvenil no leste de Los Angeles. A instituição funciona como um lugar de convivência para as crianças de um bairro pobre e infestado por gangues, além de oferecer uma segunda chance às mais problemáticas. *Arquivo Schwarzenegger*

Fico todo arrepiado quando Nelson Mandela fala sobre inclusão, tolerância e perdão. Em 2001, nos conhecemos em Robben Island, onde ele passou 27 anos encarcerado, para acendermos a Chama da Esperança nos jogos African Hope, da Special Olympics. *Christian Jauschowetz*

Minha primeira campanha política foi em 2002: uma cruzada para aprovar em votação especial uma lei que criasse programas extracurriculares em todas as escolas de ensino básico e fundamental da Califórnia. *Frazer Harrison / Getty Images*

A pedido de Rudy Giuliani, prefeito de Nova York, fiz um tour pelo Marco Zero três dias depois do 11 de Setembro para agradecer aos primeiros socorristas e ajudar a levantar o moral. *Unidade fotográfica do FDNY*

O ex-presidente Bill Clinton adorava visitar sets de filmagem. Em 2003, a caminho de um discurso, ele deu uma passadinha no do *Exterminador do futuro 3*. *Robert G. Zuckerman*

Em 2010, durante meu último ano como governador da Califórnia, o estado fez uma parceria com ambientalistas e preservacionistas para proteger o terreno em volta do simbólico letreiro de Hollywood. *California State Archives / Peter Grigsby*

Assim que meu mandato terminou, voltei a trabalhar no cinema. À direita, em locações na Bulgária com Sly e Bruce, onde filmamos *Os mercenários 2*. *Frank Masi / Millenium Films*

Abaixo, saindo no tapa em cima de um caminhão em *The Last Stand* (O último bastião). *Cortesia Lionsgate*

Virando americano

QUANDO VOLTEI DE MADRI E DA ERA HIBORIANA, Maria me recebeu em Santa Monica com um filhote de labrador que havia batizado de Conan.

– Você sabe por que ela lhe deu um cachorro, não sabe? – perguntou uma de suas amigas, de brincadeira.

– Porque a família dela sempre gostou de cães? – arrisquei.

– É um teste! Ela quer ver como você lida com crianças.

Eu não tinha certeza quanto a isso, mas Conan e eu – ou seja, Conan, o cão, e Conan, o bárbaro – nos demos bem. Eu também estava feliz por ter voltado para nossa casa, agora totalmente transformada pela decoração que Maria e eu tínhamos começado juntos.

A outra grande mudança durante minha ausência foi a posse de Ronald Reagan, em janeiro. Ninguém em Hollywood parecia saber como interpretar o fato de ele ser presidente, nem mesmo os conservadores. Logo depois de sua vitória na eleição, Maria e eu fomos jantar com amigos meus da área do entretenimento que haviam participado da campanha.

"Por que vocês apoiaram esse cara?", perguntou ela. "Ele não tem estofo para ser presidente. É um ator, caramba!"

Em vez de defender Reagan, eles disseram coisas do tipo: "Nós sabemos, mas as pessoas gostam de ouvir o que ele tem a dizer." Não falaram sobre o que ele tinha feito pela Califórnia quando era governador, nem sobre sua visão ou suas ideias. Provavelmente estavam apenas sendo educados. Não queriam dizer na cara de Maria que a época dos democratas havia passado.

Fiquei espantado ao constatar que a maioria das pessoas em Hollywood permaneceu hostil a Reagan durante seu mandato. Pouco importava que ele estivesse recuperando a economia, tudo o que eu escutava eram críticas sobre como o presidente diminuíra o número de parques nacionais, cortara o salário dos funcionários públicos, demitira os controladores aéreos, não fizera nada pelo meio ambiente, bajulara as empresas de petróleo ou engavetara os projetos de Jimmy Carter relacionados a combustível sintético e energia eólica e solar. Sempre havia alguma reclamação. Ninguém conseguia entender a situação como um todo ou o que estava sendo realizado.

Para mim, o importante era que Reagan representava os valores que tinham me feito ir para os Estados Unidos. Eu havia emigrado da Áustria porque os

Estados Unidos eram o melhor país, com as melhores oportunidades. Agora que eram o meu lar, queria que continuassem assim e melhorassem ainda mais. Depois de todos os problemas e do pessimismo dos anos 1970, os americanos votaram em Reagan porque ele os fazia lembrar da própria força. Maria costumava dizer: "Não sei por que você defende esse cara." Mas era por isso.

Na primavera desse ano, conheci um dos grandes pensadores do século XX: o economista Milton Friedman. Ganhador do Nobel, ele havia formulado as ideias de Reagan sobre livre mercado e também fora uma grande influência para mim. Sua série de TV, exibida em 1980, *Free to Choose* (Liberdade de escolher), foi um grande sucesso – eu assisti a todos os episódios e absorvi suas ideias como uma esponja. Ele e a mulher, Rose, tinham escrito um livro de sucesso, também chamado *Liberdade de escolher*, e eu dera exemplares de presente a todos os meus amigos no Natal. Não sei como, o produtor da série, Bob Chitester, ficou sabendo disso e me procurou para perguntar se eu gostaria de conhecer os dois, ambos já aposentados da Universidade de Chicago. Eles moravam em São Francisco, onde Milton agora era membro da Hoover Institution, usina de ideias da Universidade de Stanford.

Enquanto estava me aprontando para o encontro, eu parecia uma criança prestes a embarcar em uma viagem de aventura. "Cadê minha câmera?", perguntei a Maria. "Esta gravata está boa?" Friedman havia se tornado um dos meus heróis. Sua visão sobre os papéis dos governos e mercados no progresso da humanidade era um salto gigantesco em comparação com a economia que eu estudara na faculdade – explicava muito do que eu tinha visto no mundo e vivera na pele como empreendedor americano. Seu principal argumento, é claro, era que os mercados operam com mais eficácia quando a intervenção do governo é reduzida. Assim como Reagan, ele tinha talento para formular ideias de um jeito que todos pudessem entender. Como, por exemplo, ao usar um lápis para defender o livre mercado: "Esta madeira veio do estado de Washington; o grafite, da América do Sul; a borracha, da Malásia... Literalmente, milhares de pessoas de três continentes distintos contribuíram com alguns segundos de seu tempo para fabricar isto. O que as reuniu, o que as fez colaborar? Não havia nenhum comissário transmitindo ordens de um escritório central. A resposta é: porque havia demanda. Quando existe procura por alguma coisa, os mercados dão um jeito."

Certa vez, usei as ideias dele ao debater o preço do leite com Sargent Shriver.

– Lembro-me de quando fizemos campanha no Wisconsin: eles tinham tanto leite que o preço estava caindo – disse Sarge. – De lá fomos para Illinois, onde havia pouco leite e o preço estava subindo. Então peguei o telefone e reclamei com os reguladores...

E eu respondi:

– Você não acha que o mercado poderia ter resolvido isso? Se houvesse tanta necessidade assim de leite em Illinois, alguém teria acabado comprando em Wisconsin ou em outro estado. Eu acho que eles queriam manter o leite

escasso para poder aumentar o preço. Foi uma decisão consciente tomada pelo setor privado. Mas você usou o poder do governo para interferir no processo de oferta e demanda, e eu não acho que o governo deva fazer isso.

Bem mais tarde, aprendi que, quando você põe a mão na massa, os princípios do *laissez-faire* por si sós não dão conta do recado. Existe uma brecha entre teoria e prática. Do ponto de vista estrito do investimento público, faz sentido aplicar dinheiro do contribuinte em programas de reforço escolar se você quiser evitar o gasto de muitos dólares mais à frente com a prisão de criminosos. Não se pode fazer uma família pobre arcar sozinha com os custos causados por uma criança deficiente. É preciso que haja uma rede de proteção social. É necessária a existência de investimentos para o bem público.

Os Friedman eram um casal baixinho e animado que parecia em perfeita sintonia. Alguém tinha me dito: "Não se esqueça de falar com Rose. Eles se consideram parceiros à altura, mas muita gente fala com Milton e a ignora porque foi ele quem ganhou o Nobel." Assim, tomei cuidado para fazer tantas perguntas a uma quantas ao outro. Isso permitiu que a conversa fluísse. Passamos uma noite maravilhosa falando a respeito de economia, sobre a vida dos dois, os livros que tinham escrito juntos e seu envolvimento na série de TV. Uma das coisas fascinantes que Friedman me contou foi que ele havia trabalhado para o governo durante o New Deal, o programa de recuperação econômica e reforma social do presidente Franklin D. Roosevelt na década de 1930. "Não havia mais empregos", disse ele. "O programa foi uma boia salva-vidas." Embora ele fosse contrário à maior parte das regulações, fiquei impressionado ao saber que era a favor do auxílio governamental e de empregos públicos durante uma fase maciça de desemprego, pois isso poderia incentivar a economia a crescer.

Por melhor que tenha sido o governo Reagan na recuperação da economia americana, eu teria ganhado mais dinheiro se Jimmy Carter ainda ocupasse a Casa Branca. Até então, o mercado imobiliário estava enlouquecido, e os imóveis se valorizavam de 10% a 20% ao ano. Meu sócio Al Ehringer e eu estávamos prestes a ganhar uma fortuna com nosso investimento em Denver: um quarteirão inteiro em uma área desfavorecida da cidade, perto da via férrea. Graças aos programas do presidente Carter para combater a crise do petróleo, o mercado de energia em Denver estava com tudo, e um consórcio imobiliário planejava construir um arranha-céu de 30 andares no nosso terreno. Estávamos prestes a assinar a papelada quando Reagan tomou posse e começou a estancar a inflação. De repente, as pessoas começaram a ver os mercados de energia e de imóveis sob outra ótica e o projeto foi cancelado. A empresa de petróleo nos disse algo do tipo: "O crescimento econômico está desacelerando, não temos tanto dinheiro disponível quanto pensávamos. A exploração de óleo de xisto cessou. Não vamos poder assinar o contrato." No final das contas, o Coors Field, estádio do Colorado Rockies, time de beisebol de Denver, acabou sendo construído a um quarteirão de distância, e nossa vez chegou. Durante muito tempo, porém, esse empreendimento foi como aquele

aeroporto supersônico em que eu e Franco havíamos apostado anos antes. Esse tipo de volatilidade era normal no mercado imobiliário, no qual você aceita riscos altos em troca de um retorno maior. Reagan fez a coisa certa ao arrochar o crédito, mas para nós essa medida teve efeito negativo.

As oportunidades imobiliárias que encontrei durante o governo Reagan estavam localizadas mais perto de casa. A Main Street de Santa Monica começara a se transformar, justamente como Al e eu esperávamos que acontecesse, e alcoólatras e vagabundos iam aos poucos sendo substituídos por pedestres e pequenos restaurantes e lojas. Então você de fato via as pessoas querendo frequentar a área. No entanto, a revitalização ainda não se estendera à parte sul a ponto de chegar à divisa entre Santa Monica e Venice, onde Al e eu tínhamos um quarteirão inteiro de terrenos vazios. Eram terrenos do antigo sistema de bondes Red Car que, nos anos 1940, interligava o centro de Los Angeles, Santa Monica e Venice Beach. Agora tinham virado terra de ninguém. Um dos últimos prédios dessa ponta da Main Street era um bar chamado Oar House. A seu lado havia uma loja de comida natural cujos donos usavam turbantes e do outro lado da rua ficavam uma pequena sinagoga e um prédio fechado que pertencia a um humorista famoso. Todos os estabelecimentos comerciais próximos tinham aluguel barato, e vários eram ocupados por pequenas religiões e seitas. Havia um templo de cientologia. Era tudo muito, muito malconservado, com pouco tráfego de pedestres e praticamente nenhuma loja. Nosso plano era construir um lindo prédio baixo que se estendesse por todo o quarteirão, feito de tijolos vermelhos, com lojas no térreo e uns dois andares de salas comerciais. Queríamos que outros investidores e negociantes dissessem: "Nossa, eles estão construindo bem ao sul. Talvez devêssemos fazer a mesma coisa."

Era uma jogada e tanto para nós: um projeto de 7 milhões de dólares e 3.600 metros quadrados viabilizado com nossos próprios lucros, obtidos graças ao prédio comercial que havíamos recuperado mais ao norte na mesma Main Street. No último ano do governo Carter, tínhamos vendido a construção com um lucro de 1,5 milhão de dólares. Al e eu pensávamos que poderíamos controlar o risco garantindo que o prédio já estivesse totalmente alugado no dia da inauguração. Para isso, montamos uma apresentação com slides que vendia o futuro brilhante do bairro. Fizemos as apresentações pessoalmente e alcançamos nosso objetivo.

Eu conhecia bem a região, pois meu escritório ainda ficava lá. A Oak Productions – uma referência ao meu apelido de fisiculturista, Austrian Oak, ou "carvalho austríaco" – havia se transferido para um loft no prédio de uma antiga empresa de gás em Venice, a apenas um quarteirão da Main Street. Tinha várias janelas, paredes de tijolo pintadas de branco, pé-direito alto e claraboias. Tive a ideia de deixar a instalação hidráulica exposta e pintar os canos de vermelho e azul vivos. Inspirei-me no Centro Pompidou, um centro cultural pós-moderno em Paris que abriga museu, biblioteca e salas de teatro, e todos adoraram. O escritório também foi decorado com móveis antigos de

carvalho, tapetes vermelhos e um sofá azul em forma de L em frente à minha mesa, o que causava um efeito bem patriótico. As divisórias eram de vidro, para podermos ver uns aos outros, e havia uma área separada com a parede coberta de pequenos escaninhos para guardar as camisetas e os folhetos a serem vendidos por correspondência.

Com os negócios e a carreira de ator em expansão, eu finalmente dera o braço a torcer e contratara mais assistentes. Ronda continuava a ser meu braço direito. Trabalhava para mim desde 1974 e passou a cuidar dos investimentos e fazer a contabilidade. Embora tivesse administrado uma loja de brinquedos, não tinha formação específica em administração, de modo que fez cursos no Santa Monica College e na UCLA. Lembro-me da primeira vez, alguns anos depois, em que recebemos um cheque de 1 milhão de dólares como parte de um negócio imobiliário. Ela entrou correndo na minha sala segurando o cheque e disse: "Ai, meu Deus, nunca segurei tanto dinheiro assim. O que faço com isto? Estou muito nervosa."

Anita Lerner, uma assistente de 30 anos, assumiu a agenda e o planejamento das minhas viagens, enquanto as vendas por correspondência passaram a ser responsabilidade de uma artista plástica de 20 e poucos anos chamada Lynn Marks. Tínhamos contratado um quarto assistente para cuidar de projetos especiais como livros, autorizações de reprodução de imagens e seminários, além dos eventos de fisiculturismo que eu produzia em Columbus em parceria com Jim Lorimer. As vendas por correspondência ainda proporcionavam uma renda regular, não só graças ao Mister Olympia, mas também porque as matérias a meu respeito ainda eram um elemento-chave das revistas de Joe Weider. Praticamente nenhum número da *Muscle & Fitness* ou da *Flex* saía sem pelo menos uma foto minha, com uma retrospectiva sobre minha vida, um ensaio sobre treinos ou nutrição assinado por mim ou uma matéria sobre minhas aventuras no mundo do cinema. Cada uma dessas citações ajudava a vender mais cursos e camisetas com a marca Arnold.

Enquanto isso, as vendas dos meus livros iam de vento em popa: eu era publicado por uma grande editora e um agente literário cuidava dos títulos. Estávamos dando os retoques finais na *Encyclopedia of Modern Bodybuilding* (Enciplopédia do fisiculturismo moderno), projeto enorme no qual eu vinha trabalhando havia três anos com o fotógrafo Bill Dobbins. Para aproveitar o frenesi de ginástica proporcionado pelos vídeos de exercícios de Jane Fonda, também gravei minha própria edição, *Shape Up with Arnold Schwarzenegger* (Fique em forma com Arnold Schwarzenegger), e lancei edições atualizadas dos meus livros *Arnold's Bodyshaping for Women* e *Arnold's Bodybuilding for Men* (Método de fisiculturismo de Arnold para homens). Tudo isso me obrigou a fazer mais turnês promocionais, algo com que não me importei nem um pouco.

A toda hora surgiam coisas novas das quais tínhamos que cuidar. Por exemplo, Lynn podia dizer:

– Estamos recebendo uma enorme quantidade de correspondência de gente

querendo um cinto com pesos igual ao que você usou em *O homem dos músculos de aço*.

– Então vamos incluir isso – dizia eu.

E todos nós nos reuníamos para criar o produto. Não podíamos comprar os cintos prontos, pois nesse caso não haveria lucro. Então onde poderíamos conseguir o couro? Tínhamos que contratar um fabricante. E a fivela? Como poderíamos dar ao cinto um aspecto usado e respingado de suor, para que parecesse autêntico? Começávamos a ligar para nossos contatos e para empresas até encontrar todos os elementos. Em poucos dias, já tínhamos tudo organizado. Então a próxima pergunta era: como embalar os cintos? Como entregá-los depressa e a um custo baixo?

Eu vivia pressionando todo mundo, e do ponto de vista de Ronda, Anita e Lynn o trabalho podia ser enlouquecedor. Tínhamos que conciliar projetos de cinema, imóveis e fisiculturismo. Eu vivia correndo de um lado para outro, falando com pessoas de todas as áreas. Não parava nunca. Mas as três não eram funcionárias comuns, que batiam o ponto para ir embora depois de oito horas de trabalho. Elas se tornaram praticamente membros da minha família. Protegiam umas às outras e me viam como um desafio. Ajustavam seu ritmo ao meu – quando eu acelerava, elas aceleravam também.

Criar essa atmosfera não exigiu nenhum esforço extraordinário ou genialidade gerencial. Para começar, as três eram pessoas calorosas, incríveis. Eu lhes pagava um salário justo e recorria à minha criação austríaca para ser um bom patrão. Um plano de aposentadoria e um ótimo plano de saúde eram benefícios automáticos – ninguém precisava pedir. E eu pagava 14 salários ao ano, em vez de 12 – o décimo terceiro era relativo às férias de verão e o décimo quarto era um bônus de Natal, para que elas pudessem presentear suas famílias no fim do ano. Era essa a tradição na Áustria e, como não faltava dinheiro no meu escritório, eu podia arcar com isso.

Minha outra técnica era fazê-las se sentir incluídas. Assim como eu, as três estavam aprendendo enquanto faziam. Quando eu estava no escritório, analisávamos coletivamente tudo o que estava acontecendo comigo. Elas se sentavam juntas e cada uma dava sua opinião. Ainda que eu não concordasse, levava o que elas diziam em consideração. O mais engraçado é que as três eram democratas liberais. Mesmo quando contratamos mais gente, era raro encontrar outro republicano naquele escritório que não eu.

Para mim, o trabalho não parecia nada puxado – era apenas normal. Você faz um filme ou escreve um livro, promove-o até não poder mais, viaja pelo mundo, porque o mundo é o seu mercado, e, enquanto isso, malha, cuida dos negócios e explora ainda mais oportunidades. Era tudo uma diversão, e foi por isso que nunca pensei: "Ai, meu Deus, olhe só quanto trabalho. Que pressão!"

Quando tinha que trabalhar à noite, às vezes era para ir a uma reunião a fim de falar sobre filmes. E isso por acaso era uma coisa ruim? Eu estava falando sobre filmes! Ou então algum grande homem de negócios pedia que eu pegasse um avião até Washington, o que também era ótimo – muitas risadas e

charutos. Eu ia assistir a um discurso de Reagan e à meia-noite seguíamos todos para alguma sex shop para conferir as últimas novidades. Era bem engraçado ver o outro lado daqueles conservadores caretas.

Para mim, portanto, trabalho significava apenas descobertas e diversão. Se ouvisse alguém reclamar dizendo "Ah, eu trabalho muito, fico no escritório 10, 12 horas por dia", eu crucificava a pessoa. "Que papo é esse, porra, se o dia tem 24 horas? O que mais você faz?"

Adorava a variedade que havia na minha vida. Um dia era uma reunião sobre a construção de um prédio comercial ou de um shopping para tentar maximizar espaço. O que seria necessário para conseguir os alvarás? Quais eram as questões políticas relacionadas ao projeto?

No dia seguinte, ia conversar com o editor de meu último livro sobre as fotos que precisavam entrar no projeto. Depois trabalhava com Joe Weider em uma reportagem de capa. Em seguida ia a uma reunião sobre algum filme. Ou então estava na Áustria, discutindo política com Fredi Gerstl e seus amigos.

Tudo o que eu fazia poderia ter sido um hobby. E, de certa forma, era isso *mesmo*. Eu tinha paixão por todas as minhas atividades. Minha definição de vida é estar sempre empolgado – é essa a diferença entre viver e existir. Mais tarde, quando fiquei sabendo sobre o Exterminador, adorei a ideia de ele ser uma máquina que nunca precisava dormir. Pensei: "Imagine que vantagem seria ter essas seis horas a mais todos os dias para fazer outra coisa. Daria para aprender uma nova profissão. Daria para aprender a tocar um instrumento." Seria inacreditável, pois para mim a questão sempre tinha sido como conseguir encaixar no meu dia todas as coisas que queria fazer.

Assim, eu quase nunca considerava minha vida agitada. Esse pensamento raramente me passava pela cabeça. Foi só mais tarde, quando Maria e eu passamos de namorados a noivos e em seguida nos casamos, que comecei a ter o cuidado de equilibrar o trabalho e a vida pessoal.

QUANDO QUIS APRENDER MAIS SOBRE negócios e política, usei a mesma abordagem de quando decidira aprender a atuar: tentei conhecer o maior número possível de pessoas que fossem realmente boas naquilo. Um dos lugares para encontrá-las era o Regency Club, refúgio recém-inaugurado para a elite empresarial de Los Angeles. O clube ocupava o último andar e a cobertura de um novo arranha-céu no Wilshire Boulevard, com uma ampla vista de toda a área da cidade. Tanto o prédio quanto o clube pertenciam a David Murdock, um dos homens mais ricos de lá. A vida dele era mais uma daquelas incríveis histórias americanas de ascensão da miséria à riqueza. Nativo de Ohio, David abandonara a escola e, depois de servir na Segunda Guerra Mundial, transformara um empréstimo de 1.200 dólares em imóveis no Arizona e na Califórnia. Chegara a dono de boa parte da mineradora International Mining e da petroleira Occidental Petroleum, bem como de imóveis e hotéis, e colecionava animais, orquídeas, móveis raros e lustres. Sua mulher, Gabrielle, designer de interiores nascida e criada em Munique, havia

decorado o novo clube ao estilo do Velho Mundo, sóbrio e elegante. Isso reforçava a atmosfera do lugar: muito refinado, muito exclusivo. Ninguém entrava lá sem gravata.

Pete Wilson, que conquistara sua vaga no Senado federal americano durante os meses que passei promovendo *Conan, o bárbaro*, mais tarde começou a frequentar o clube com sua equipe. O mesmo aconteceu com George Deukmejian, que se tornara governador ao derrotar o democrata Tom Bradley na mesma eleição de 1982. Membros importantes do governo Reagan de passagem pela cidade iam jantar e relaxar no Regency. Vários empresários conservadores eram frequentadores assíduos, bem como alguns agentes de Hollywood e executivos do show business liberais. Comecei a ir ao clube para participar de eventos pró-Wilson, a fim de apoiar sua bem-sucedida tentativa de substituir Deukmejian em 1990. Aos poucos, fui expandindo meu círculo de amizades.

O restaurante Guido's, no Santa Monica Boulevard, era outro ótimo lugar para fazer contatos e absorver ideias. Da mesma forma, se você quisesse conviver com atores, havia a lanchonete no número 72 da Market Street, em Venice, ou a Rock Store, em Malibu Canyon, se quisesse encontrar motociclistas. Levei Maria ao Regency várias vezes, mas, embora ela gostasse da decoração de Gabrielle, os frequentadores conservadores e o caráter exclusivo do lugar lhe desagradavam. Eu também não gostava muito daquela formalidade toda, mas era preciso ter disciplina e abraçá-la. Eu achava que não havia motivo para não conseguir jogar nos dois times: manter minha personalidade atrevida, usar botas de motociclista e roupas de couro, e ter um lado conservador, com ternos e gravatas elegantes e sapatos *wingtip* de fabricação britânica. Queria me sentir à vontade nos dois mundos.

Maria e eu também frequentávamos os círculos liberais. Na verdade, foi graças a um convite de Jane Fonda que tive meu primeiro contato com o Simon Wiesenthal Center, em um evento beneficente ao qual ela aceitara comparecer como celebridade e levar convidados. Maria e eu éramos conhecidos dela e do marido, o ativista e membro da Assembleia Estadual da Califórnia Tom Hayden. Eles tinham nos convidado várias vezes para ir à sua casa conhecer líderes políticos ou religiosos, como por exemplo o bispo Desmond Tutu. Na noite do evento beneficente, Jane me apresentou a Marvin Hier, rabino nova-iorquino que se mudara para Los Angeles e fundara o Simon Wiesenthal Center em 1978. Seu objetivo era combater o antissemitismo e promover a tolerância racial e religiosa. Seria de se imaginar que em Hollywood, uma cidade com tantos judeus poderosos, isso seria uma tarefa fácil. Mas o rabino me contou que estava tendo dificuldades.

– Se esse tipo de coisa lhe interessar, sua ajuda seria muito útil – disse-me ele. – Você é um astro em ascensão. No futuro, as pessoas vão prestar atenção em tudo o que fizer. Temos tido dificuldade em conseguir que as pessoas de Hollywood se envolvam mais do que comprando um ingresso ou uma mesa em um evento beneficente. É importante que elas integrem nosso conselho e

doem 1 milhão de dólares, ou 3, e promovam eventos para arrecadar fundos. É aí que se consegue dinheiro de verdade, e precisamos dessas doações porque estamos tentando construir um Museu da Tolerância que vai custar 57 milhões de dólares.

– Não estou nesse nível – avisei.

No entanto, a ideia de construir um museu fazia sentido para mim. Se você quiser promover a boa forma e combater a obesidade, precisa de academias; se quiser alimentar as pessoas, precisa de mercados. Portanto, se quiser combater o preconceito, precisa de centros de tolerância por toda parte, lugares que as crianças possam frequentar para aprender, com a história, o que acontece quando as pessoas são preconceituosas e odeiam umas às outras.

Quanto mais eu me informava sobre a missão do rabino, mais sentia que tinha a responsabilidade de aderir a ela. Não sou uma pessoa religiosa, mas pensei: "Isso só pode ser obra de Deus." Os judeus tiveram um papel crucial na minha vida: Fredi Gerstl, Artie Zeller, Joe e Ben Weider, Joe Gold, meu novo agente de cinema Lou Pitt. Apesar disso, eu não tinha sequer certeza de ser totalmente desprovido de preconceitos. Já fizera comentários preconceituosos, já dissera coisas idiotas. Era quase como se Deus estivesse me dizendo: "Se é assim que você quer ser, então vou colocá-lo nesse lugar onde começa o diálogo da tolerância e você vai arrecadar fundos para eles, vai lutar por eles e vai combater esse lado seu cuja existência ou não só depende de você." Depois disso, passei a fazer doações regulares para o centro e participei de muitos eventos de arrecadação. O museu, situado em um magnífico prédio, abriu as portas em 1993.

Embora eu não escondesse meu apoio a Reagan e doasse o que podia para candidatos e causas republicanas, mantinha-me afastado do cenário político. Meu foco era a carreira de ator. Quando você promove um filme, quer conquistar todo mundo, e, digam o que disserem, quem faz discursos políticos está fadado a desagradar determinada parcela de espectadores. Por que fazer isso?

Além do mais, eu não era tão famoso assim para que tantas pessoas se interessassem por minhas opiniões, ou para políticos buscarem meu apoio. Não era sequer cidadão americano! Tinha meu *green card*, pagava impostos e considerava os Estados Unidos meu lar permanente, mas não podia votar. Colava adesivos de candidatos que apoiava no meu carro, mas não fazia discursos.

Quando visitava a Áustria, eu também me mantinha discreto em relação à política. A imprensa de lá me idolatrava como um filho que havia alcançado o sucesso e eu não queria ser rotulado como um cara sabichão que volta para ficar dizendo às pessoas o que fazer. Uma ou duas vezes por ano, durante minha estadia, encontrava meus amigos para saber as últimas novidades dos debates e desdobramentos políticos. Fredi Gerstl, meu mentor político, era agora membro do Conselho Municipal de Graz e tinha uma voz cada vez mais influente em âmbito nacional no conservador Partido Popular. Eu achava

esclarecedor conversar com ele sobre como os sistemas americano e austríaco podiam ser comparados: propriedade privada *versus* propriedade pública das indústrias; democracia representativa *versus* parlamentarismo; financiamento privado *versus* finanças públicas. Fredi me permitia ver como funcionavam de fato, na Áustria, as manobras políticas relacionadas a questões importantes, como a pressão para privatizar os sistemas de transporte, as indústrias de tabaco, aço e seguros, e a luta contra o ressurgimento da extrema direita.

Fredi também me apresentou a Josef Krainer Jr., eleito governador da região da Estíria em 1980. Ele era um pouco mais jovem que Fredi e dedicara a vida inteira à política. Seu pai fora governador da Estíria durante toda a minha infância – uma importante figura nacional que ganhara a eleição depois de passar a Segunda Guerra Mundial inteira encarcerado por ser contrário ao *Anschluss*, a ocupação e anexação da Áustria pela Alemanha nazista em 1938. Josef Jr. havia estudado na Itália e nos Estados Unidos, e suas opiniões eram uma interessante mistura de conservadorismo econômico e defesa do meio ambiente que eu considerava muito atraente. Outro bom amigo meu era Thomas Klestil, diplomata de carreira meteórica que era cônsul-geral em Los Angeles quando eu chegara lá. Ele agora era embaixador da Áustria nos Estados Unidos e, alguns anos mais tarde, seria eleito presidente da Áustria, em sucessão a Kurt Waldheim.

Relações como essas me fizeram relutar em abrir mão da cidadania austríaca em 1979, ano a partir do qual poderia solicitar a naturalização nos Estados Unidos. (Eu já ultrapassara o período mínimo de posse do *green card*, cinco anos.) Não gosto de cortar coisas da minha vida – eu apenas somo. Assim, o ideal seria a dupla cidadania. No entanto, embora os Estados Unidos permitissem isso, a lei austríaca me obrigava a optar – eu não podia ter as duas nacionalidades. As raras exceções em geral se aplicavam a diplomatas de carreira excepcional, e a decisão cabia ao governador de alguma das regiões austríacas. Perguntei a Fredi o que deveria fazer. Ele me disse que, com Josef Krainer Jr. prestes a se candidatar a governador, o mais sensato seria simplesmente esperar. Três anos depois, fiquei profundamente honrado quando Josef me concedeu a exceção. Comemorei levando Maria para jantar no número 72 da Market Street e solicitei imediatamente a cidadania americana.

Um ano depois, meu pedido foi aceito. No dia 16 de setembro de 1983, juntei-me, orgulhoso, a 2 mil outros imigrantes no Shrine Auditorium, em frente ao campus da UCLA, e jurei lealdade aos Estados Unidos da América. Desde os 10 anos eu me sentia americano, mas enfim isso estava virando realidade. Levantar a mão para prestar o juramento me causou um calafrio, e senti minha pele inteira se arrepiar. Depois da cerimônia, fotógrafos conseguiram me achar e tiraram fotos em que eu segurava o certificado de naturalização de braço dado com Maria, ambos sorrindo. "Sempre acreditei em mirar o mais alto possível, e virar americano é como entrar para o time dos vencedores", falei para os jornalistas.

Em casa, demos uma festa para nossos amigos. Enrolei-me em uma bandeira americana, pus na cabeça um chapéu com a mesma estampa da bandeira e, no pescoço, uma gravata do mesmo feitio. Não conseguia parar de sorrir, tamanha a felicidade por ser, enfim, oficialmente um cidadão dos Estados Unidos. Agora poderia votar e viajar com passaporte americano. Poderia até, um dia, concorrer a um cargo político.

O exterminador do futuro

NA PRIMEIRA VEZ EM QUE VI O PROJETO gráfico do cartaz do filme *O exterminador do futuro*, o robô assassino tinha a cara de O. J. Simpson, não a minha. Algumas semanas antes, durante a projeção de um filme, eu havia esbarrado com Mike Medavoy, diretor da Orion Pictures, estúdio que estava financiando o projeto.

– Achei o filme perfeito para você – disse ele. – Chama-se *O exterminador do futuro*.

Fiquei desconfiado na hora, pois houvera um filme de ação muito ruim alguns anos antes intitulado *O exterminador*.

– Que título estranho – comentei.

– Bom, podemos mudá-lo – retrucou ele. – Mas, enfim, é um papel ótimo, de protagonista, bem heroico. – Ele descreveu um filme de ação e ficção científica no qual eu interpretaria um corajoso soldado chamado Kyle Reese, que luta para salvar uma garota e proteger o futuro do mundo. – O. J. Simpson praticamente já aceitou interpretar o Exterminador, que é mais ou menos uma máquina de matar.

Olhei para ele com curiosidade. Ele sugeriu:

– Por que não marcamos uma reunião? O diretor mora em Venice, perto do seu escritório.

Estávamos na primavera de 1983. Eu vinha lendo vários roteiros, pois tinha ideia de embarcar em mais um novo projeto além de *Conan, o destruidor*, cujas filmagens estavam previstas para começar mais para o final do ano. Recebia propostas de filmes de guerra, policiais e até mesmo um ou dois romances. Fiquei interessado em um roteiro sobre Paul Bunyan, o lendário lenhador gigantesco, uma das principais figuras do folclore americano. Gostei do fato de ele sair por aí combatendo injustiças e achei que ter um boi azul como comparsa poderia ser divertido. Houve também o roteiro sobre o herói folclórico Big Bad John, baseado na canção de sucesso do cantor country Jimmy Dean lançada em 1961. Ela conta a lenda de um mineiro fortíssimo e misterioso que usa sua força para salvar os colegas durante o desabamento de uma mina, mas não consegue escapar. Depois que estrelei um filme importante dirigido por Dino de Laurentiis e produzido pela Universal Pictures, estúdios e cineastas passaram a me cortejar, e os projetos que me

ofereciam iam ficando cada vez mais interessantes. Pouco depois da estreia de *Conan*, troquei de agente e assinei com Lou Pitt, poderoso diretor do departamento responsável pela descoberta de novos talentos da International Creative Management. Fiquei chateado por abandonar Larry Kubik, que tanto me ajudara quando minha carreira de ator sequer havia começado. No entanto, cheguei à conclusão de que precisava ter uma agência importante como a ICM para me dar respaldo, pois ela representava todos os grandes cineastas e projetos e tinha a rede de contatos necessária. Sem contar, é claro, que era agradável chegar por cima em uma das gigantescas agências que haviam me recusado poucos anos antes.

Minha mente logo se adaptou ao novo mundo em que passei a viver. Eu sempre disse a Maria que meu objetivo era ganhar 1 milhão de dólares por filme, e essa quantia já estava garantida para a continuação de *Conan*. Só que eu não queria me restringir a esse personagem. A ideia de estrelar alguns filmes ao estilo Hércules e então usar os cachês para investir em academias, como Reg Park, caiu por terra. Senti que precisava almejar algo além disso.

"E se eu der o melhor de mim, agora que os estúdios estão me procurando?", pensei. "E se eu me dedicar de corpo e alma à interpretação, às cenas de ação, a tudo o que preciso para ter uma grande atuação na tela? Além disso, tenho que investir num marketing pessoal de primeira qualidade e em ótimas estratégias de divulgação e promoção dos filmes, caprichando na publicidade. E se eu estabelecer como objetivo tornar-me um dos cinco principais protagonistas de Hollywood?"

As pessoas viviam falando sobre como havia lugar apenas para poucos atores no topo da pirâmide do sucesso, mas eu sempre tivera certeza de que cabia mais um. Sentia que, como havia muito pouco espaço, as pessoas ficavam intimidadas e se sentiam mais à vontade permanecendo na parte de baixo. Na verdade, porém, quanto mais gente pensa assim, mais cheia fica a parte inferior! Não vá para onde estiver lotado. Vá para onde estiver vazio. Embora seja mais difícil de chegar, é lá que é o seu lugar, e é lá que haverá menos competição.

Logicamente, estava muito claro que eu jamais seria um ator como Dustin Hoffman ou Marlon Brando e tampouco um humorista como Steve Martin, mas tudo bem. Eu estava sendo procurado para interpretar personagens sobre-humanos em filmes de ação, como Clint Eastwood, Charles Bronson e, em um passado mais remoto, John Wayne. Era com esses caras que eu me comparava. Eu assistia a todos os filmes desses atores. Então, haveria bastante trabalho – e muitas oportunidades de me tornar um astro tão importante quanto qualquer um deles. Eu queria estar no mesmo nível e na mesma faixa de cachê desses atores. Assim que me dei conta disso, fui tomado por uma grande sensação de calma, pois estava vendo claramente aonde queria chegar, da mesma maneira que acontecera no fisiculturismo. Eu acreditava plenamente que conseguiria alcançar meu objetivo. Uma nova visão me guiava, e sempre sinto que, se consigo visualizar e acreditar em alguma coisa, conseguirei alcançá-la.

Lou Pitt e eu já estávamos à procura de filmes de guerra e filmes heroicos para servir de plano B caso *Conan* algum dia perdesse o fôlego. Caso contrário, era mais um exercício de especulação: segundo as cláusulas do meu contrato em vigor, Dino de Laurentiis era dono do meu passe por 10 anos. O documento me obrigava a fazer um filme da série a cada dois anos pelo tempo que ele julgasse necessário, até no máximo cinco filmes, e a não aceitar nenhum outro papel. Assim, se *Conan* se tornasse o sucesso que todos queríamos, faríamos um terceiro filme em 1986, um quarto em 1988 e assim por diante, e ganharíamos rios de dinheiro. Quanto à exclusividade que me prendia a Dino, Lou me falou: "Não se preocupe com isso. Se for preciso, podemos renegociar."

Assim, deixei de lado essa preocupação, e a ideia de passar do mundo dos músculos para os populares filmes de ação foi se tornando cada vez mais atraente.

Mike Medavoy marcou um almoço para que eu me reunisse com o diretor de *O exterminador do futuro* e os produtores John Daly e Gale Anne Hurd. Li o roteiro antes de ir. Era muito bem escrito, empolgante e cheio de ação, mas a história era um tanto estranha. Sarah Connor, que trabalha como garçonete em uma lanchonete, passa a ser perseguida por um assassino implacável. Na verdade, trata-se do Exterminador, um robô recoberto de tecido humano que veio do futuro, de 2029, época de horror em que os computadores do mundo se rebelam e provocam um holocausto nuclear. As máquinas estão usando exterminadores para aniquilar o que resta da raça humana. No entanto, humanos combatentes da resistência começam a deter as máquinas. Seu carismático líder é John Connor, futuro filho de Sarah. As máquinas decidem esmagar a rebelião impedindo Connor de nascer. Por isso, despacham um exterminador, através de um portal no tempo, para caçar Sarah no presente. Sua única esperança é Reese, um jovem soldado leal a John Connor, que atravessa o portal antes que este seja destruído. Sua missão é deter o exterminador.

James Cameron, o diretor, um cara magrelo e agitado, foi quem teve a ideia dessa história esquisita. Nesse dia, durante o almoço, nossos santos bateram. Assim como muitos artistas que moravam em Venice, Cameron me pareceu muito mais real do que meus conhecidos que moravam, digamos, em Hollywood Hills. Ele só tinha feito um filme, um longa de terror italiano chamado *Piranhas II: Assassinas voadoras* do qual eu nunca ouvira falar, mas isso me agradou. Ele me contou como aprendera a fazer filmes com Roger Corman, o gênio da produção e da direção de baixo orçamento. Só pelo vocabulário de Cameron, já pude ver que ele entendia do negócio. Parecia saber tudo sobre câmeras e lentes, sobre a forma de se montar um plano, sobre luzes e iluminação, sobre direção de arte. E conhecia também os atalhos para poupar dinheiro que permitem fazer um filme por 4 milhões de dólares em vez de 20. E esse era o orçamento previsto para *O exterminador do futuro*: 4 milhões.

Toda vez que eu falava no filme, percebia que estava mais interessado no personagem do Exterminador que no de Reese, o herói. Eu conseguia visualizar o Exterminador muito claramente.

– Uma das coisas que me preocupam é que o ator que for interpretar o Exterminador, seja ele O. J. Simpson ou outro qualquer, precisa se preparar da maneira adequada. Isso é muito importante. Porque, pense bem, se o cara for mesmo uma máquina, não vai sequer piscar o olho antes de atirar. Quando carregar um novo pente na arma, não vai precisar nem olhar, pois quem vai estar fazendo isso é uma máquina, um computador. Quando matar, não haverá absolutamente nenhuma expressão no seu rosto, nem alegria, nem vitória, nada. – Nenhum pensamento, nenhum piscar de olhos, apenas ação.

Eu disse a Cameron como achava que o ator deveria se preparar para isso. No exército, aprendíamos a desmontar e remontar as armas apenas pelo tato. Éramos vendados e tínhamos que desmontar uma metralhadora toda suja de lama, limpá-la e montá-la outra vez.

– É esse o tipo de preparação que ele deveria fazer – falei. – Não é muito diferente do que eu fiz em *Conan.*

Contei-lhe como passara horas treinando para aprender a manejar uma espada e a decapitar pessoas como se já tivesse nascido sabendo fazer isso.

Quando pedimos o cafezinho, Cameron de repente perguntou:

– Por que *você* não faz o Exterminador?

– Não, não, não quero que pareça que estou retrocedendo.

O Exterminador tinha ainda menos falas que Conan (acabou ficando com 18), e eu receava passar a impressão de que estava evitando papéis com falas ou, pior ainda, de que boa parte do meu diálogo fora cortado na edição porque não estava bom.

– Acho que você daria um ótimo Exterminador – insistiu ele. – Basta ouvir você falar... sério, poderia começar o papel amanhã! Não precisaríamos nem conversar outra vez. Você entende o personagem melhor que ninguém. – E ele ainda completou: – Você não fez comentário nenhum sobre Kyle Reese.

Cameron pegou pesado tentando me convencer.

– Muito poucos atores conseguiram transmitir a ideia de uma máquina. – Um dos poucos a ser bem-sucedido, segundo ele, fora Yul Brynner, que interpretara um robô assassino no thriller de ficção científica *Westworld: Onde ninguém tem alma*. – É algo muito difícil, muito desafiador do ponto de vista da interpretação. E, Arnold, é o papel-título! O Exterminador é você. Imagine só o cartaz: *Exterminador: Schwarzenegger.*

Respondi que fazer o papel de um vilão não iria ajudar minha carreira. Era algo que eu poderia fazer depois, mas naquele momento eu precisava continuar interpretando heróis, para o público se acostumar comigo na pele desse tipo de personagem e não ficar confuso. Cameron discordou. Pegou um lápis e um papel e começou a desenhar.

– O que vai fazer com o personagem depende de você – argumentou. – O Exterminador é uma máquina. Ele não é bom nem mau. Se o interpretar de

forma interessante, pode transformá-lo em uma figura heroica, que as pessoas vão admirar pelo que é capaz de fazer. E tudo depende também do modo como vamos filmar e editar o filme.

Ele então mostrou o desenho que tinha feito de mim como Exterminador. A imagem transmitia com exatidão toda a frieza do personagem. Eu poderia começar a atuar tendo apenas aquele desenho como referência.

– Estou absolutamente convencido de que, se você fizer esse papel, o Exterminador vai ser um dos personagens mais memoráveis que já existiram – continuou Cameron. – Posso ver que você é ele, que é uma máquina, que entende totalmente do que se trata. Esse papel arrebatou você.

Prometi reler o roteiro outra vez e pensar no assunto. A essa altura, a conta do almoço já tinha chegado. Em Hollywood, os atores nunca pagam. Nesse dia, porém, John Daly não conseguiu achar a carteira, Gale Anne Hurd estava sem bolsa e Cameron descobriu que também estava sem dinheiro. Todos se levantaram e apalparam os bolsos como em um esquete de comédia.

Por fim, falei:

– Deixem comigo.

Depois de ter que pedir dinheiro emprestado a Maria para pegar o voo naquela vez, eu nunca mais saíra de casa sem pelo menos mil dólares em dinheiro vivo e um cartão de crédito sem limite. Então paguei a conta e todos eles ficaram muito constrangidos.

Meu agente se mostrou cético. A opinião comum em Hollywood é que interpretar um vilão equivale a um suicídio profissional. Além do mais, depois de ter uma visão do meu próprio futuro, tenho muita resistência a mudar de planos. Apesar de tudo isso, vários motivos pareciam fazer de *O exterminador do futuro* a opção certa. Aquele era um projeto no qual eu poderia aposentar as tangas e usar roupas de verdade! Os argumentos de venda seriam a interpretação e a ação, não apenas eu arrancando a camisa. O Exterminador era o personagem durão por excelência, com roupas transadas e óculos bacanas. Eu sabia que aquele papel me faria brilhar. Podia não ter muitas falas, mas pelo menos me permitiria expandir minhas habilidades e aprender a manusear armas modernas. O roteiro era ótimo, o diretor era inteligente e cheio de garra, e o cachê era bom: 750 mil dólares por seis semanas de filmagem em Los Angeles mesmo. No entanto, o projeto também era pequeno o suficiente para eu não arriscar toda a minha reputação tentando algo novo.

Pensei que, se eu fizesse um bom trabalho em *O exterminador do futuro*, outras portas poderiam se abrir. O mais importante era que meu papel seguinte não poderia ser de vilão. Na verdade, eu não deveria fazer nenhum outro personagem desse tipo por um bom tempo. Não queria abusar dos deuses do cinema.

Levei apenas um dia para ligar para Jim Cameron e dizer que aceitava interpretar a máquina. Ele ficou felicíssimo, mas sabia que a primeira coisa a fazer era conseguir a liberação de Dino de Laurentiis.

Quando fui falar com Dino em seu escritório, ele não era mais aquele

homenzinho enfezado que eu ofendera alguns anos antes. Sua atitude comigo parecia benevolente, quase paternal. Joe Weider já havia me despertado essa mesma sensação várias vezes. Tentei esquecer o fato de Dino ter tirado meus 5% de *Conan* no início da nossa parceria. Aquilo não tinha importância, decidi, e sempre prefiro ser movido pelos pontos positivos. Em pé na sala dele, fiquei observando as estatuetas e os prêmios de todas as partes do mundo: Oscars, Globos de Ouro, prêmios italianos, alemães, franceses e japoneses. Eu tinha uma enorme admiração por Dino e por tudo o que ele havia conquistado. Desde 1942, ele participara da produção de mais de 500 filmes e produzira oficialmente cerca de 130. Aprender com ele era muito mais importante que aqueles ridículos 5%. Além do mais, ele havia cumprido o acordo de me pagar 1 milhão de dólares por *Conan II*, o que me permitira alcançar meu objetivo. Eu era grato por isso.

Não precisei dizer nada para que ele entendesse o que me levara até ali. Dino sabia que eu estava recebendo outras propostas, e acho que o fato de mais pessoas em Hollywood quererem trabalhar comigo fez com que ele me valorizasse mais. Ele também havia percebido que eu tenho uma mentalidade mais parecida com a de um homem de negócios que com a de um ator, e que era capaz de entender os seus problemas.

– Estão aparecendo oportunidades incríveis, e quero estar livre para fazer algumas dessas outras coisas entre um e outro filme do Conan – falei. Lembrei a ele que só poderíamos fazer um *Conan* a cada dois anos, porque o pessoal do marketing precisava desse intervalo para explorar todo o potencial de cada filme. – Portanto, tenho tempo para outros projetos – argumentei. Contei-lhe sobre *O exterminador do futuro* e um ou dois outros filmes nos quais estava interessado.

Dino poderia muito bem ter me mantido preso por 10 anos. Mas não, foi flexível. Quando terminei de falar, ele balançou a cabeça e disse:

– Eu quero trabalhar com você e espero que a gente faça muitos filmes juntos. É claro que entendo o seu raciocínio. – O acordo que fizemos foi que eu continuaria a atuar nas sequências de *Conan*, contanto que elas permanecessem lucrativas. Se além disso eu me comprometesse a fazer um filme de ação contemporâneo com ele, a ser definido posteriormente, ele me liberaria para outros projetos. – Vá fazer o seu filme – falou. – Quando eu tiver um roteiro pronto, ligo para você.

A única outra condição era que eu só seria liberado depois das filmagens de *Conan II*, porque ele não queria que eu perdesse a concentração. Tive que tornar a falar com Cameron e Daly para saber se eles estariam dispostos a adiar as filmagens de *O exterminador do futuro* até a primavera seguinte. Eles aceitaram. Falei também com Mike Medavoy.

Em comparação com o primeiro filme, *Conan, o destruidor* pareceu uma viagem de férias ao Club Med. Filmamos no México, com um orçamento mais ou menos igual ao do anterior, de modo que havia cenários incríveis e bastante dinheiro para bancar a produção. John Milius, no entanto, não estava

disponível nem para escrever o roteiro nem para dirigir a continuação. Diante disso, o estúdio assumiu um papel bem mais ativo na produção, o que gerou grandes equívocos, na minha opinião.

A Universal só conseguia pensar em *E.T.* O sucesso de bilheteria de Spielberg rendera tanto dinheiro que os executivos do estúdio decidiram que *Conan* também deveria ser transformado em entretenimento para a família. Alguém chegou a estimar que, se *Conan, o bárbaro* tivesse recebido uma classificação etária de 12 anos em vez de 18, teria uma bilheteria 50% maior. A ideia era que, quanto mais comercial e popular fosse o filme, quanto maior seu potencial de aceitação generalizada, maior seria o seu sucesso.

Só que não dava para transformar Conan, o bárbaro, em Conan, a babá. Ele não era um personagem para crianças de 12 anos. Era um cara violento, que vivia para conquistar e se vingar. O que fazia dele um herói eram o físico, as habilidades de guerreiro, a capacidade de suportar a dor e a noção de lealdade e honra, com uma leve pitada de humor. Suavizar o personagem a fim de que ele se adequasse à censura 12 anos poderia até ampliar o público em um primeiro momento, mas acabaria por prejudicar a série, pois os fãs mais entusiastas de Conan ficariam chateados. É preciso satisfazer primeiro os melhores clientes. Quem eram os leitores dos livros de Conan? Quem eram os fanáticos por seus quadrinhos? Essas pessoas tinham deixado bem claro que adoraram *Conan, o bárbaro*. Portanto, se quiséssemos que elas adorassem ainda mais a continuação, era preciso melhorar a trama, tornar a história mais ousada e as cenas de ação ainda mais espantosas. Focar na classificação etária era uma decisão equivocada.

Deixei minha opinião bem clara para Dino, Raffaella e o estúdio, e debatemos bastante o assunto. "Vocês estão se vendendo", falei. "Não estão respeitando o que o filme é. Se ficam constrangidos com a violência ou com o que o personagem representa, talvez devessem desistir de fazer a continuação. Larguem o projeto ou vendam para outra pessoa! Mas não o transformem em algo que ele não é."

Não adiantou nada. No fim das contas, como estava preso pelo contrato, tive que acatar a decisão deles.

Dessa vez, o diretor foi Richard Fleischer, que trabalhava em Hollywood havia 40 anos e dirigira alguns filmes memoráveis, como *Tora! Tora! Tora!* e *Vinte mil léguas submarinas.* Não foi ideia sua transformar *Conan* em um filme para crianças, mas, aos 66 anos, ele estava feliz por ter um emprego e não iria brigar com o estúdio nem com Dino. Eles o instruíram a dar ao filme um tom de quadrinhos, mais próximo da fantasia e da aventura, e a substituir a filosofia de Nietzsche e a violência por castelos mágicos. Em todos os outros sentidos, Richard foi um diretor incrível para *Conan, o destruidor*, mas ele fez questão de que seguíssemos essas diretrizes.

Apesar de tudo isso, uma coisa que tornou o filme divertido foi a oportunidade de trabalhar com Wilt Chamberlain e Grace Jones. Raffaella repetira o truque de Milius de contratar não atores interessantes para compor

o elenco. Na trama, uma rainha feiticeira promete ressuscitar Valeria, o amor perdido de Conan, se ele for buscar para ela algumas joias e uma presa de animal com poderes mágicos. Para ajudá-lo nessa missão, empresta-lhe sua linda jovem sobrinha, a única humana que pode tocar nas joias, e o capitão da guarda de seu palácio, o gigante Bombaata, que tem ordens para matar Conan assim que eles conseguirem o que procuram.

Bombaata foi o primeiro papel de Chamberlain no cinema. Além de ser um dos maiores jogadores de basquete de todos os tempos, Wilt – cujo apelido era Stilt, "a estaca" –, por causa de seus 2,16 metros, era também uma prova viva de que a musculação não necessariamente faz de você um fisiculturista. Na academia da Universal, ele pegou uma pilha inteira de pesos e fez extensões de tríceps com 109 quilos como se não fosse nada. De 1959 a 1973, era tão potente e competitivo nas quadras que ninguém conseguia tirá-lo do caminho, e pude constatar suas habilidades atléticas no modo como ele manuseava a espada.

As lutas mais interessantes eram entre Wilt e Grace Jones. Ela fazia uma guerreira bandida chamada Zula, que usava uma maça; ela mandou dois dublês para o hospital por acidente com essa arma durante as cenas de luta. Eu já a conhecia do círculo de Andy Warhol em Nova York: modelo, artista performática e estrela da música de 1,86 metro, Grace podia ser realmente uma fera. Passou 18 meses treinando para as filmagens. Ela e Chamberlain não paravam de bater boca no trailer de maquiagem sobre qual dos dois era autenticamente negro. Wilt se referia a ela como afro-americana, e Grace, nascida e criada na Jamaica, perdia as estribeiras. "Eu não sou afro-americana, não me chame assim!", gritava ela.

O trailer de maquiagem é um lugar do set onde todo mundo conversa. Se alguém está preocupado com alguma coisa, é lá que isso vem à tona. Às vezes as pessoas vão para o trailer a fim de ficar à vontade, se divertir e dar umas risadas. Mas há ocasiões em que chegam procurando briga, por estarem se sentindo inseguras, ou então por terem muitas falas na cena seguinte e estarem com medo, suscetíveis a qualquer coisinha.

Algumas grandes celebridades se maquiam em seu próprio trailer. Eu não gosto de fazer isso. Por que iria querer ficar sozinho, em vez de estar com os outros integrantes do elenco? Eu sempre me maquiava no trailer coletivo.

Todas as conversas que se possa imaginar são ouvidas nesse trailer: preocupações com a cena seguinte, reclamações sobre o filme, pontos que cada um precisa trabalhar.

O trailer de maquiagem é a mãe de todos os salões de beleza do mundo, porque as atrizes, naturalmente, têm muito mais problemas que uma dona de casa comum. "Tenho que fazer uma cena e não está dando certo, o que isso quer dizer?" Ou: "Estou com uma espinha, você consegue dar um jeito?" O diretor de fotografia talvez já tenha lhe dito: "Não sou cirurgião. Não consigo fazer uma espinha sumir." Então a atriz fica contrariada com isso e volta para refazer a maquiagem.

No que se refere a relacionamentos pessoais, várias coisas vêm à tona. Essa questão sempre causa conflitos quando você passa dois, três, cinco meses filmando em locações, longe de casa e da família. Então os caras reclamam dos filhos que deixaram e se queixam da mulher que talvez os esteja traindo.

Todos batem papo e cada um dá seu pitaco: os atores, o maquiador. Então aparece o diretor, preocupado com o astral de algum ator. Às vezes você vê gente pelada sendo tatuada para a cena. É um ótimo lugar para comédias e dramas. Mesmo para um trailer de maquiagem, porém, os bate-bocas entre Wilt e Grace eram fenomenais, e eu não conseguia entender o porquê de toda aquela hostilidade entre eles.

– Não sou igual a você – dizia ela. – Não sou descendente de escravos sem instrução. Sou jamaicana, falo francês, e meus antepassados nunca foram escravos.

Ambos usavam a torto e a direito a palavra *nigger*, "crioulo", o que me deixava chocado. Wilt dizia:

– Não tenho nada de negro. Não me venha com essa babaquice! Eu moro em Beverly Hills no mesmo lugar que os brancos, só trepo com mulheres brancas, dirijo os mesmos carros dos brancos, tenho tanto dinheiro quanto os brancos. Então vá se foder, crioula é você.

Certa vez, eu me meti:

– Opa, opa, opa, pessoal! Gente, por favor, isto aqui é um trailer de maquiagem. Vamos parar com esse bate-boca. O clima aqui tem que ser tranquilo, porque todo mundo está se preparando para a cena. Então não vamos nos exaltar. Além do mais, vocês já se olharam no espelho? Como podem dizer que não são negros? Ora, vocês dois são negros!

E eles responderam:

– Não, você não entende, não tem nada a ver com a cor. Tem a ver com atitude, com origem.

Seus argumentos foram ficando muito, muito complexos. Eles na verdade não estavam falando sobre cor, e sim sobre como grupos étnicos diferentes haviam chegado aos Estados Unidos. Era meio cômico ver duas pessoas negras *acusando* uma à outra de ser negra. Mais tarde, na festa de encerramento, nós rimos desse assunto, e Grace e Wilt acabaram se dando muito bem. Ambos têm muito talento, são pessoas divertidas. Mas naquele momento eles precisavam ter aquela discussão.

O México logo se tornou um de meus lugares preferidos para filmar. As equipes eram muito empenhadas e sua perícia nos sets era inacreditável. Parecia o velho padrão europeu. Se você precisasse de uma encosta de morro, por exemplo, para servir de fundo a um plano, em duas horas a encosta estaria pronta, com todas as palmeiras, os pinheiros e tudo o mais que fosse necessário.

Montei tanto a cavalo em *Conan, o destruidor* que tinha a sensação de que os cavalos eram nossos mesmo quando não estávamos filmando. Maria foi nos visitar algumas vezes, e eu a levava para cavalgar pelas montanhas. Ela cresceu

praticando equitação ao estilo inglês e salto a cavalo, então monta muito bem. Nós prendíamos nossas cestas de piquenique nos animais, levávamos uma garrafa de vinho e ficávamos relaxando nas montanhas, sonhando. Não tínhamos nada com que nos preocupar, nenhuma responsabilidade.

QUANDO VOLTEI DO MÉXICO, em fevereiro de 1984, estava pronto para começar a preparação de *O exterminador do futuro*. Tinha apenas um mês antes que as filmagens começassem. O desafio era me condicionar ao comportamento frio e sem emoções do ciborgue.

Antes das filmagens e durante as duas primeiras semanas, treinei com armas todo santo dia, desmontando-as e montando-as com os olhos vendados até os gestos se tornarem automáticos. Passei horas intermináveis no estande de tiro para aprender as técnicas de manuseio de um arsenal completo, para me acostumar com o barulho e para aprender a não piscar. Como Exterminador, quando se engatilha ou carrega uma arma de fogo não se olha para baixo, da mesma forma que Conan não faria isso ao embainhar a espada. Além, é claro, de ter que ser ambidestro. Tudo isso se aprende à custa de muita repetição. É preciso treinar cada movimento 30, 40, 50 vezes até dominá-lo plenamente. Desde a época do fisiculturismo, eu aprendera que tudo na vida é questão de repetição e prática. Quanto mais você esquia, melhor saberá esquiar; quanto mais repetições fizer, melhor será o seu corpo. Acredito muito em trabalhar duro, em suar a camisa e não parar antes de alcançar o objetivo, então esse desafio me atraía.

Por que entendi o Exterminador? Isso continua a ser um mistério para mim. Enquanto estava decorando o papel, meu mantra era o discurso que Reese faz para Sarah Connor: "Escute e entenda o que vou dizer. O Exterminador está solto por aí. Ele não pode ser dissuadido. Não sente pena, remorso ou medo. E de maneira nenhuma ele vai parar, nunca, antes de ter matado você." Me empenhei em transmitir a ideia de que eu não tinha humanidade ou expressividade nenhuma, nenhum gesto supérfluo, apenas força de vontade. Assim, quando o Exterminador aparece na delegacia onde Sarah se refugiou e diz ao policial da noite "Sou amigo de Sarah Connor. Fiquei sabendo que ela está aqui. Posso vê-la, por favor?", e o policial responde "Vai demorar um pouco. Se quiser esperar, tem um banco ali", você simplesmente sabe que não vai acontecer nada de bom.

Cameron prometera fazer do Exterminador uma figura heroica. Conversamos muito sobre como conseguir isso. Como fazer o público admirar um ciborgue que destrói uma delegacia e massacra 30 policiais? O segredo era uma combinação da minha interpretação com o jeito de filmar e coisas sutis que Jim faria para que os policiais parecessem uns patetas. Em vez de serem competentes guardiões da segurança pública, eles estão sempre meio perdidos, sempre um passo atrás. Então o espectador pensa: "Eles são burros, não entendem o que está acontecendo, são arrogantes e metidos a besta." E o Exterminador os aniquila.

Pessoas controladoras como Jim são fanáticas por filmagens noturnas. Elas permitem um controle total da iluminação, pois é você quem a cria. Não precisa competir com o sol. Começa no escuro, depois vai acrescentando luz. Se quiser criar uma cena de rua deserta em que o espectador logo sinta que ali não é um bom lugar para se estar, é mais fácil fazer isso à noite. Portanto, a maior parte de *O exterminador do futuro* foi filmada depois do pôr do sol. Para os atores, é claro, filmar à noite é uma rotina árdua, porque não é tão confortável nem tão divertido quanto de dia.

Cameron me lembrava John Milius. Tinha verdadeira paixão pela sétima arte e conhecia a história do cinema, os filmes, diretores e roteiros. Ele adorava conversar sobre tecnologia, mas eu não tinha muita paciência quando ele falava sobre efeitos técnicos impossíveis de obter. "Por que você não dirige bem o filme e pronto? Sério, Spielberg e Coppola se satisfazem com as câmeras. Alfred Hitchcock fez os filmes dele sem ficar reclamando do equipamento. Então quem você pensa que é, porra?", eu pensava. Levei algum tempo para perceber que Jim era um diretor incrível.

Ele coreografava tudo com precisão, sobretudo as cenas de ação. Contratou coordenadores de dublês e se reuniu com eles antes de filmar para explicar o que queria em cada plano, como um diretor fazendo a marcação em uma peça de teatro. Por exemplo, dois carros saíam de um beco para uma avenida durante uma perseguição, quase trombavam de frente com o tráfego que vinha em sentido contrário e um dos carros derrapava e batia no para-choque traseiro de uma picape que seguia na outra direção. Jim filmava isso como plano geral, depois fazia os planos de outros ângulos. Era tão experiente que os dublês sentiam que podiam realmente conversar com o diretor sobre o seu trabalho. Então eles iam lá e corriam todos os riscos necessários para fazer as cenas.

Às três da manhã, quando eles filmavam, em geral eu estava dormindo no trailer. Só iriam precisar de mim dali a duas horas, então eu aproveitava para tirar um cochilo. Mas, quando via o material no dia seguinte, eu ficava assombrado. Era incrível um diretor ter habilidade e segurança para conseguir aquilo no seu segundo filme.

No set, Cameron conhecia cada detalhe e vivia para lá e para cá ajeitando as coisas. Parecia ter olhos nas costas. Sem nem mesmo olhar para o teto, dizia: "Daniel, caramba, cadê aquele refletor? E já falei para pôr uma bandeirinha nele! Ou será que vou ter que subir lá e fazer eu mesmo essa porra?" Então Daniel, a 30 metros do chão, quase caía do andaime. Como Cameron podia saber? Ele conhecia todo mundo pelo nome e deixava bem claro que ninguém podia sacaneá-lo nem ficar de enrolação. Que ninguém pensasse que poderia se safar de algo assim. Ele gritava, repreendia a pessoa em público e armava um escarcéu, sempre usando um vocabulário preciso que fazia o sujeito da iluminação pensar: "Esse cara sabe mais sobre o assunto que eu. É melhor fazer exatamente o que ele está pedindo." Para alguém como eu, que não presta atenção em detalhes assim, foi uma escola.

Percebi, no entanto, que Cameron não era apenas um homem detalhista – era um visionário no que dizia respeito à história e ao projeto como um todo, sobretudo à forma como as mulheres são retratadas em cena. Nos dois meses anteriores às filmagens de *O exterminador do futuro*, ele escreveu os roteiros de *Aliens: O resgate* e *Rambo II: A missão*. *Rambo* mostrou que Cameron sabe muito bem escrever um filme de machões, mas o personagem mais importante de *Aliens* é uma mulher: Ripley, interpretada por Sigourney Weaver. Em *O exterminador do futuro*, Sarah Connor também se torna uma poderosa heroína.

Isso não se aplicava apenas aos filmes que Jim fazia. Apesar de a lista das mulheres com quem ele se casou ser bem longa, eram todas mulheres com quem ninguém queria criar confusão. A produtora de *O exterminador do futuro*, Gale Anne Hurd, casou-se com Jim mais tarde, durante as filmagens de *Aliens*. Cabia a ela fechar nosso projeto dentro do orçamento – que acabou sendo esticado para 6,5 milhões de dólares. Mesmo essa quantia, porém, era muito enxuta para um filme ambicioso como aquele. Gale, que na época não tinha nem 30 anos, se tornara produtora depois de se formar em Stanford e começara a trabalhar como secretária de Roger Corman. Era apaixonada por filmes e superdedicada ao projeto. No início, ela e a amiga Lisa Sonne, uma das diretoras de arte, foram à nossa casa certo dia às três da manhã para me acordar e falar sobre o filme.

– De onde vocês estão vindo? – perguntei.

– Ah, a gente veio de uma festa – responderam elas.

Estavam meio doidonas. De repente, me peguei conversando animadamente sobre *O exterminador do futuro*: o que necessitava ser feito, em que precisavam da minha ajuda. Quem é que faz isso às três da manhã? Eu achei fantástico.

Gale costumava me procurar para falar sobre o roteiro, as filmagens e os desafios do projeto. Era uma profissional bem durona, mas podia mostrar toda a sua doçura quando achava que isso iria ajudar. Às seis da manhã, no meu trailer do set, ela se sentava no meu colo e dizia: "Você trabalhou muito esta noite, mas se importa se ficarmos mais três horas com você para continuar a filmar? Senão não vamos conseguir." Sempre tenho em alta conta pessoas que abraçam um projeto e se dedicam a ele 24 horas por dia. Além do mais, ela precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir, pois na verdade não tinha tanta experiência assim em produção. Assim, enquanto muitos atores teriam pegado o telefone para reclamar com seu agente, eu fazia as horas extras de bom grado.

Foi um contraste e tanto passar de uma imensa e cara filmagem da Universal Studios no exterior para o mundo noturno de *O exterminador do futuro,* em que cada centavo fazia diferença. Eu não fazia parte de uma gigantesca engrenagem, e sentia que não era apenas um ator. Era parceiro dos responsáveis pelo projeto. Gale ficava no trailer ao lado do meu, cuidando da produção, e Jim vivia por perto e me deixava participar de várias decisões. John Daly, que levantara o dinheiro, também era muito presente. Tirando

esses três, não havia mais ninguém. Éramos quatro pessoas dando duro para que aquilo acontecesse. Estávamos todos em início de carreira e queríamos fazer algo que desse certo.

O mesmo valia para os principais integrantes da equipe. Eles não eram tão conhecidos nem haviam ganhado muito dinheiro até então. Stan Winston estava tendo sua grande chance na criação dos efeitos especiais do filme, incluindo todas as peças móveis para os assustadores planos fechados. Jeff Dawn, maquiador, e Peter Tothpal, o cabeleireiro que inventou maneiras de os cabelos do Exterminador parecerem espetados e queimados, estavam na mesma situação. Foi incrível quando todos nós obtivemos reconhecimento mundial graças a nosso trabalho.

Não tentei criar nenhuma química com Linda Hamilton e Michael Biehn, que interpretam Sarah Connor e Kyle Reese. Pelo contrário. Os dois ficam muito tempo em cena, mas, no que diz respeito ao meu personagem, eram irrelevantes. O Exterminador era uma máquina. Pouco lhe importava o que os dois fizessem. Ele só estava ali para matá-los e seguir em frente. Os dois me falariam sobre as cenas que filmavam quando eu não estava presente. Tudo bem, contanto que a interpretação fosse boa e eles fizessem o que tinham que fazer. Mas não nos aproximamos. Quanto menos química, melhor. Sério: nunca poderia haver química entre uma máquina e um ser humano! Então eu tentava não pensar neles. Era quase como se eles estivessem filmando seu próprio drama, que não tinha nada a ver comigo.

O exterminador do futuro não foi o que eu chamaria de um set de filmagem feliz. Como se pode ser feliz no meio da noite, explodindo coisas, quando todo mundo está exausto e há uma pressão tremenda para conseguir sequências de ação complicadas e efeitos visuais perfeitos? Era um set produtivo, no qual a diversão era fazer coisas realmente inacreditáveis. Eu pensava: "Que ótimo. Um filme de terror com ação. Pensando bem, nem dá para saber o gênero deste filme, de tão radical que é."

Eu passava boa parte do tempo com o rosto coberto de cola para prender os dispositivos de efeitos especiais. Por sorte, tenho uma pele resistente, de modo que os produtos químicos nunca chegaram a estragá-la demais, mas era horrível mesmo assim. Quando usava o olho vermelho do Exterminador por cima do meu, sentia o fio que o mantinha aceso esquentar até me queimar. Tive que aprender a operar um braço de efeitos especiais, enquanto o meu próprio braço passava horas amarrado às minhas costas.

Cameron era cheio de surpresas. Um dia, assim que me maquiaram como Exterminador, ele falou: "Entre na van. Vamos filmar uma cena." Fomos até uma rua residencial próxima e ele tornou a falar. "Está vendo aquela caminhonete ali? Mexemos nela toda. Quando eu der o sinal, ande até a porta do carona, olhe em volta, dê um soco na janela, abra a porta, entre no carro, dê a partida e saia dirigindo." Não tínhamos dinheiro para pedir autorização à prefeitura e montar a cena do Exterminador roubando um carro como deveria ser, então foi assim que fizemos. Burlar a autorização para manter o filme

dentro do orçamento me deu a sensação de estar participando da criatividade de Jim.

Ideias ruins o deixavam realmente irritado, sobretudo quando diziam respeito ao roteiro. Um belo dia, decidi que *O exterminador do futuro* não tinha momentos engraçados suficientes. Há uma cena em que o ciborgue entra em uma casa e passa em frente à geladeira. Então pensei que talvez a porta da geladeira pudesse estar aberta, ou então ele poderia abri-la. Veria cervejas lá dentro, ficaria intrigado pensando o que era aquilo, beberia uma e o álcool lhe subiria à cabeça, fazendo-o se comportar feito um bobo por alguns segundos. Jim me interrompeu antes mesmo de eu terminar. "Arnold, ele é uma máquina, não um ser humano", disse ele. "Não é o E.T. Não pode ficar bêbado!"

Nosso maior desacordo foi em relação à famosa frase "*I'll be back*" (que foi traduzida como "Eu voltarei" na versão em português). Essa é a fala do Exterminador logo antes de destruir a delegacia. A cena levou muito tempo para ser filmada, porque eu fiquei insistindo em dizer "*I will be back*". Eu achava que a frase fosse soar mais mecânica e ameaçadora sem a contração.

– Se eu disser *I'll* fica muito feminino – reclamei, repetindo a contração para Jim poder escutar o problema. – *I'll. I'll. I'll.* Assim não me soa másculo.

Ele me olhou como se eu tivesse perdido a razão.

– Vamos manter *I'll* – sentenciou. Só que eu ainda não estava pronto para aceitar isso, então continuamos a debater o assunto. No final, Jim começou a gritar: – Olhe aqui, confie em mim e pronto, tá bom? Eu não ensino você a atuar, e você não me ensina a escrever.

E filmamos a cena como estava escrita no roteiro. A verdade era que, mesmo após tantos anos falando inglês, eu ainda não entendia muito bem as contrações. A lição que aprendi, porém, foi que roteiristas nunca mudam nada. Jim não estava filmando o roteiro de outra pessoa: foi ele quem escrevera aquele texto. Ele era ainda pior que Milius. Não aceitava mudar sequer um apóstrofo.

NO VERÃO DE 1984, QUANDO *Conan, o destruidor* estreou nos cinemas, me dediquei totalmente a promover o filme. Participei de todos os programas de entrevistas nacionais e regionais que aceitaram me receber, começando pelo *Late Night with David Letterman*, e dei entrevistas aos maiores jornais e revistas do país, e até aos menos importantes. Tive que depender do pessoal de relações públicas para agendar aparições no exterior, muito embora 50 milhões de dólares da bilheteria do primeiro *Conan* – ou seja, mais da metade – tivessem sido arrecadados fora dos Estados Unidos. Estava decidido a fazer tudo o que pudesse para transformar meu primeiro papel de 1 milhão de dólares num sucesso.

No fim das contas, o segundo filme acabou superando a arrecadação de *Conan, o bárbaro*, rompendo a marca dos 100 milhões de dólares em receitas no mundo inteiro. Mas o que foi bom para minha reputação não foi tão bom

assim para a série. Nos Estados Unidos, *Conan, o destruidor* foi exibido em menos salas e arrecadou 31 milhões, 23% a menos que o primeiro. Nossos temores haviam se concretizado. Ao repaginar Conan como o que o crítico de cinema Roger Ebert batizou alegremente de "um simpático bárbaro família", o estúdio afastou parte de nosso público principal.

Minha sensação era que Conan já não me interessava mais. A franquia havia chegado ao fim da estrada. Quando voltei das turnês publicitárias, tornei a me encontrar com Dino de Laurentiis e lhe disse de uma vez por todas que não queria mais fazer filmes pré-históricos, só contemporâneos. Na realidade, ele também havia perdido o interesse por Conan. Em vez de me pagar milhões por novas continuações, preferia que eu fizesse um filme de ação para ele, embora ainda não tivesse um roteiro. Sendo assim, eu por enquanto estava livre para fazer mais projetos como *O exterminador do futuro*.

Foi tudo muito amigável, e exatamente como tínhamos conversado no outono anterior – só que, como Dino era Dino, tinha um favor a me pedir antes que eu aposentasse de vez a espada. "Por que você não faz uma participação especial?", e me entregou um roteiro chamado *Guerreiros de fogo.*

Sonja, a protagonista da história, era a versão feminina de Conan nos quadrinhos e romances de fantasia: uma guerreira querendo vingar o assassinato dos pais que rouba tesouros e talismãs mágicos e enfrenta feiticeiros e monstros malvados. O papel que Dino tinha em mente para mim não era Conan, mas Lorde Kalidor, aliado de Sonja. Grande parte da trama gira em torno do desejo que ele sente por ela e da virgindade da moça. "Nenhum homem jamais me terá a não ser que me derrote em uma luta justa", declara ela.

Maria leu o roteiro e disse: "Não faça esse filme. É um lixo." Eu concordava, mas sentia que estava devendo um favor a Dino. Assim, no final de outubro, logo antes da data marcada para a estreia de *O exterminador do futuro*, peguei um avião para Roma, onde as filmagens de *Guerreiros de fogo* já haviam começado.

Dino passara mais de um ano procurando uma atriz que se parecesse suficientemente com uma amazona para interpretar Sonja. Acabou encontrando Brigitte Nielsen na capa de uma revista: uma modelo dinamarquesa de 21 anos e 1,86 metro, com cabelos ruivos flamejantes e a reputação de ser da pá virada. Ela nunca havia atuado, mas Dino simplesmente pagou sua passagem até Roma, fez um teste de câmera com ela e a contratou para o papel principal. Então, para fazer o filme acontecer, recrutou veteranos da equipe de *Conan*: Raffaella na produção, Richard Fleischer na direção e Sandahl Bergman como a traiçoeira rainha Gedren de Berkubane.

No fim das contas, minha suposta participação especial exigiu quatro semanas inteiras no set. Eles filmaram todas as cenas de Lorde Kalidor com três câmeras, depois usaram as imagens extras na sala de montagem para esticar o tempo em tela do personagem. Assim, em vez de uma pequena

aparição, acabei virando um dos principais personagens do filme. No cartaz de *Guerreiros de fogo*, minha imagem era duas vezes maior que a de Brigitte. Eu me senti ludibriado. Era o jeito que Dino havia encontrado de usar minha imagem para vender seu filme, por isso me recusei a participar de qualquer promoção em julho do ano seguinte, quando *Guerreiros de fogo* estreou.

O filme ficou tão ruim que foi indicado a três Framboesas de Ouro, espécie de Oscar às avessas para filmes ruins: Pior Atriz, Pior Atriz Coadjuvante e Pior Atriz Estreante. Brigitte acabou "vencendo" na categoria Pior Atriz Estreante. Péssimos filmes às vezes podem ser sucessos de bilheteria, mas *Guerreiros de fogo* era ruim demais até mesmo para ser *kitsch* e acabou sendo um fracasso. Tentei manter distância e brinquei que estava aliviado por ter sobrevivido.

Para mim, a maior complicação de *Guerreiros de fogo* foi a própria Sonja. Eu me envolvi com Brigitte Nielsen e tivemos um tórrido caso no set. Gitte, como todos a chamavam, tinha uma personalidade alegre e divertida aliada a uma enorme carência. Depois das filmagens, passamos umas duas semanas viajando pela Europa antes de seguir cada qual o seu caminho. Voltei para casa imaginando que nosso romance tivesse acabado.

Em janeiro, porém, ela foi a Los Angeles fazer a dublagem do filme – regravar os diálogos para que ficassem mais nítidos – e disse que queria um relacionamento firme comigo. Tivemos que ter uma conversa séria.

"Gitte, aquilo foi uma coisa que aconteceu lá no set", falei. "Foi divertido, mas nada sério. Eu já estou envolvido com a mulher com quem quero me casar. Espero que você compreenda." Ela me olhou sem entender, e eu continuei: "Se estiver querendo namorar uma estrela de Hollywood, tem vários caras disponíveis por aí, e eles vão ficar malucos com você. Sobretudo com a sua personalidade."

Ela não gostou muito, mas aceitou. Dito e feito: mais tarde no mesmo ano, conheceu Sylvester Stallone e foi amor à primeira vista. Fiquei feliz por ela ter encontrado um bom companheiro.

DURANTE MINHA AUSÊNCIA, *O exterminador do futuro* havia se tornado uma sensação. Lançado uma semana antes do Dia das Bruxas de 1984, passou seis semanas no primeiro lugar das bilheterias dos Estados Unidos e estava chegando aos 100 milhões de dólares de arrecadação. Na verdade, só me dei conta da extensão do sucesso quando voltei ao país e algumas pessoas me pararam na rua em Nova York.

– Cara, a gente acabou de ver o filme. Diga aquela frase! Diga! Você tem que dizer!

– Que frase?

– Ah, aquela, *I'll be back!*

Nenhum de nós que havia participado do filme tinha a menor ideia de que essa seria a fala da qual as pessoas iriam se lembrar. Quando você faz um filme, nunca pode realmente prever qual acabará sendo a fala mais repetida.

Apesar do sucesso de *O exterminador do futuro*, a Orion fez um péssimo

marketing. Jim Cameron ficou amargurado. A empresa estava concentrada em promover o grande sucesso *Amadeus*, história do compositor setecentista Wolfgang Amadeus Mozart que acabou ganhando oito Oscars naquele ano. Assim, sem pensar muito em *O exterminador do futuro*, os marqueteiros o posicionaram no mercado como filme B, muito embora desde o começo houvesse indícios de que o filme era muito mais que isso. Os críticos o classificaram como uma grande novidade, como quem pergunta: "Caramba, de onde saiu isso?" As pessoas ficavam pasmas com o que viam e com aquele jeito de filmar. E ele não agradava apenas aos homens. O filme fez um sucesso surpreendente com o público feminino, em parte por causa da intensa história de amor entre Sarah Connor e Kyle Reese.

A campanha publicitária da Orion, porém, foi orientada para os fanáticos por filmes de ação e me mostrava atirando e explodindo tudo em volta. O comercial de TV e o trailer exibido nos cinemas levavam a maioria das pessoas a dizer: "Xi, uma ficção científica maluca e violenta. Não é para mim. Quem sabe meu filho de 14 anos possa gostar. Ah, mas talvez ele não deva assistir. A censura é 16 anos." O que a Orion sinalizou para a indústria foi: "Esse é só mais um filme para ajudar a pagar as contas. Nossa aposta mesmo é o filme sobre Mozart."

Cameron ficou ensandecido. Implorou ao estúdio para expandir a promoção e passar a divulgar melhor o filme antes da estreia. Os anúncios deviam ter sido mais abrangentes, dando mais destaque à história e a Sarah Connor, transmitindo a seguinte mensagem: "Você pode até pensar que este filme é uma ficção científica maluca, mas vai se surpreender. Esta é uma de nossas apostas."

Trataram Jim feito criança. Antes da estreia, um dos executivos lhe disse que "thrillers de ação pouco refinados" como aquele em geral tinham uma vida de 15 dias. No segundo fim de semana o público cai pela metade, e na terceira semana tudo já acabou. Pouco importava que *O exterminador do futuro* tivesse estreado em primeiro lugar e permanecido nessa posição. A Orion não iria aumentar o orçamento promocional. Se os executivos tivessem escutado Jim, nossa bilheteria poderia ter sido duas vezes maior.

Ainda assim, sob a ótica do investimento, *O exterminador do futuro* foi um grande sucesso: custou apenas 6,5 milhões de dólares, mas arrecadou 40 milhões de dólares nos Estados Unidos e 50 milhões no restante do mundo. Nosso lucro, porém, não estava no mesmo patamar de um *E.T.* Para mim, por mais estranho que parecesse, foi uma sorte o filme *não* ter tido mais sucesso. Isso porque, se ele tivesse arrecadado, digamos, 100 milhões logo de cara apenas nas salas americanas, teria sido difícil para mim conseguir outro papel que não o de vilão. Em vez disso, o filme caiu na categoria de "boa surpresa" e entrou para a lista dos 10 melhores do ano da revista *Time*. Na minha opinião, o fato de tanto *Conan* quanto *O exterminador do futuro* terem arrecadado 40 milhões de dólares nos Estados Unidos mostrava que o público americano me aceitava tanto como herói quanto como vilão. E, como era de se esperar, antes

do fim do ano Joel Silver – produtor do hit *48 horas*, estrelado por Nick Nolte e Eddie Murphy – foi ao meu escritório para tentar me vender o papel do coronel John Matrix, impressionante herói de um thriller de ação chamado *Comando para matar*, com cachê de 1,5 milhão.

O caso com Brigitte Nielsen ressaltou o que eu já sabia: queria que Maria fosse minha esposa. Em dezembro, ela admitiu que vinha pensando cada vez mais em casamento. Sua carreira estava decolando – agora era correspondente televisiva da CBS News –, mas completaria 30 anos em breve e queria formar uma família.

Como Maria havia passado tanto tempo sem falar em nos casarmos, não precisei de um segundo aviso. "Então é isso", pensei, "acabou essa história de namoro, de dizer às pessoas que estamos esperando o momento certo e essa baboseira toda. Vamos levar esse negócio a sério e dar o próximo passo." No dia seguinte, pedi a amigos que trabalhavam no ramo de pedras preciosas que desenhassem um anel, e, quando anotei minhas resoluções para 1985, bem no alto da lista coloquei: "Neste ano vou pedir Maria em casamento."

Eu gostava de anéis em que o diamante maior ficava no meio, ladeado por dois menores à esquerda e à direita. Pedi a meus amigos joalheiros que criassem algo nesse estilo e fiz um desenho para mostrar o que eu imaginava. Queria que o diamante maior tivesse no mínimo cinco quilates e os outros um ou dois quilates cada um. Começamos a desenvolver essa ideia e em poucas semanas já tínhamos alguns esboços. Algumas semanas depois, o anel ficou pronto.

Desse dia em diante, mantive-o sempre no bolso, embrulhado. Vivia procurando o momento certo para fazer o pedido em todos os lugares a que íamos. Nessa primavera, quase pedi a mão de Maria em várias partes da Europa e em Hyannis Port, Massachusetts, mas parecia que nunca surgia o momento perfeito. Na realidade, estava planejando pedi-la em casamento quando a levasse para o Havaí, em abril. No entanto, assim que chegamos encontramos três outros casais que disseram "Viemos aqui para ficar noivos" ou "Viemos aqui para nos casar".

Pensei: "Arnold, não peça a mão dela no Havaí, porque todos os bobalhões vêm aqui fazer a mesma coisa."

Eu tinha que ser mais criativo. Sabia que minha mulher um dia contaria aquela história para nossos filhos, e que eles contariam para nossos netos, então precisava pensar em algo original. Eram muitas opções. Poderia ter sido durante um safári na África, ou no alto da Torre Eiffel, tirando o fato de que ir a Paris estragaria a surpresa. O desafio era que o pedido fosse totalmente inesperado.

"Talvez eu devesse levá-la à Irlanda", pensei, "que é o país de seus antepassados. Quem sabe não peço a mão dela em um castelo irlandês?"

No final das contas, acabei fazendo o pedido de forma espontânea. Era julho, estávamos na Áustria visitando minha mãe e levei Maria para passear de barco a remo no Thalersee. Era o lago em que eu havia crescido, onde brincara

quando menino, aprendera a nadar e ganhara troféus de natação, começara a praticar fisiculturismo, saíra pela primeira vez com uma garota. O lago significava tudo isso para mim. Desde que me ouvira falar a respeito dele, Maria queria visitá-lo. Tive a sensação de aquele era o lugar certo para pedir sua mão. Ela ficou totalmente surpresa e começou a chorar e a me abraçar. Então, tudo correu exatamente como eu havia imaginado, bem da maneira que tinha que ser.

Quando voltamos para a margem do lago, é claro, ela começou a pensar em perguntas de todo tipo. "Quando você acha que deve ser a cerimônia?" "Quando seria melhor fazer a festa de noivado?" "Quando devemos fazer o anúncio?"

E me perguntou:

– Você já falou com meu pai?

– Não – respondi.

– Nos Estados Unidos, o costume é falar com o pai da futura noiva para pedir a permissão dele.

– Maria, você acha que eu sou burro? – retruquei. – Se eu perguntasse ao seu pai, ele contaria para sua mãe e ela daria com a língua nos dentes para você em um segundo. O que você acha, que eles são leais a mim? A filha deles é você. Ou então ela contaria para Ethel, Bobby e todo mundo da família antes mesmo de você ficar sabendo. Eu precisava ter a chance de realmente fazer o pedido. Então é claro que não conversei com eles. Na verdade, não falei com ninguém.

Nessa mesma noite, liguei para o pai dela.

– Sei que normalmente eu deveria ter falado com você primeiro, mas não queria dizer nada porque sei que você teria comentado com Eunice, e ela teria contado para Maria – falei.

– Você tem toda a razão. É exatamente o que ela teria feito – disse Sarge.

– Então queria pedir sua permissão agora.

E ele respondeu:

– Arnold, vai ser um grande prazer ter você como genro.

Sargent era sempre muito, muito educado e agradável.

Então contei a novidade a Eunice, que ficou muito animada. Mas tenho certeza de que Maria já tinha ligado para ela antes de mim.

Passamos bastante tempo com minha mãe. Ficamos na sua casa, fomos passear em Salzburgo, viajamos e nos divertimos muito. Depois voltamos para casa e fomos para Hyannis Port. Fizemos uma festinha para comemorar o noivado, com todos sentados em volta da mesa: a família Shriver, Eunice e a irmã Pat, Teddy e a então esposa, Joan, além de muitos primos Kennedy. As mesas lá eram sempre muito compridas e eles recebiam vários convidados para jantar.

Tive que contar nos mínimos detalhes como fizera o pedido. Foi divertido. Todos prestaram atenção em cada palavra que eu disse e não pararam de exclamar: "Ah! Puxa! Sensacional!" Houve muitos aplausos.

"A bordo de um barco a remo? Meu Deus, onde você conseguiu arrumar um troço desses?"

Teddy estava todo animado, falando alto e se divertindo:

– Que incrível! Ouviu isso, Pat? O que você teria feito se Peter a tivesse pedido em casamento a bordo de um barco a remo? Sei que Eunice teria preferido um veleiro. Ela diria: "Barco a remo? Isso não presta. Eu quero é ação!"

– Teddy, deixe Arnold terminar a história.

Todos faziam perguntas ao mesmo tempo:

"Mas, Arnold, e depois, o que Maria fez?"

"Qual foi a expressão no rosto dela?"

"O que você teria feito se ela tivesse dito não?"

Antes de eu conseguir responder, alguém falou: "Como assim, dito não? Maria *mal podia esperar* que ele fizesse o pedido!"

Foi uma forma tipicamente irlandesa de saborear os mínimos detalhes e transformar tudo em uma grande diversão.

Por fim, depois de algum tempo, Maria teve a chance de falar. "Foi muito romântico", declarou. E levantou o anel de noivado para todo mundo ver.

Casamento e filmes

QUANDO VOCÊ MARCA A DATA E DIZ "Então tá, vamos nos casar no dia 26 de abril do ano que vem", não tem como prever se vai estar filmando ou não. Quando 1986 foi se aproximando, tentei adiar por algumas semanas a produção de *Predador*, mas o produtor Joel Silver ficou com medo de esperar e correr o risco de pegar a estação chuvosa. Foi assim que me vi embrenhado na floresta mexicana perto das ruínas maias de Palenque menos de 48 horas antes de subir ao altar. Pela primeira vez na vida, tive que fretar um jatinho para conseguir chegar a tempo do tradicional jantar com a família e os padrinhos na véspera da cerimônia, em Hyannis Port.

No dia programado para minha partida, o lutador profissional Jesse Ventura ficou me seguindo pelo set. Estávamos filmando uma sequência de ação na selva e ele, que não participava da cena, ficou escondido nos arbustos. Quando eu deveria gritar para os outros "Abaixem-se! Abaixem-se!", ouvimos Jesse entoar com sua voz grave: "Sim, sim, aceito!" Rimos feito uns doidos e erramos várias tomadas. O diretor não parava de perguntar: "Por que vocês não estão se concentrando?"

Maria não gostou de eu ter perdido os preparativos finais. Queria que eu focasse no casamento, mas, quando cheguei, minha cabeça ainda estava no trabalho. *Predador* tinha graves problemas e, na mente do público, o protagonista é o responsável pelo sucesso de um filme – esteja isso certo ou não. Falou-se até em interromper a produção, e quando isso acontece sempre existe a possibilidade de o filme nunca mais ser retomado. Foi um momento arriscado da minha carreira. Mudei meu foco, claro, mas não consegui me concentrar totalmente no casamento. Enquanto isso, os convidados se perguntavam por que o noivo tinha aparecido com um corte de cabelo militar, à escovinha. Dei o melhor de mim. Embora a situação não fosse ideal, fazer as coisas daquela maneira foi uma aventura divertida.

Não dei ouvidos às histórias de terror que os amigos contavam sobre a vida de casado. "Ah! Agora vocês vão brigar para ver quem vai trocar a fralda." "Sabe o que faz a mulher inventar que está com dor de cabeça para não ir para a cama com você? Casamento!" "Cara, você não viu nada. Espere só ela entrar na menopausa." Não liguei para essas coisas. "Deixem que eu descubra tudo isso sozinho", pedi. "Não quero que me contem nada com antecedência."

Não se deve pensar demais nas coisas. Tudo tem seu lado negativo. Quanto mais você sabe, menos tende a agir. Se eu soubesse tudo de antemão sobre o mercado imobiliário, o cinema e o fisiculturismo, não teria me envolvido em nenhum dos três. Pois eu sentia o mesmo em relação ao casamento. Talvez eu não tivesse dado esse passo se soubesse tudo o que teria que enfrentar. Eu não estava nem aí! Eu sabia que Maria era a melhor mulher para mim, e só isso importava.

Vivo comparando a vida a uma escalada, não só porque ela envolve esforço, mas também porque a subida me dá tanta alegria quanto alcançar o topo. Imaginava o casamento como uma verdadeira cordilheira de fantásticos desafios, uma sequência interminável de cumes: planejar o casamento, comparecer à cerimônia, escolher onde iríamos morar, decidir quando e quantos filhos teríamos, onde eles iriam estudar e como pagaríamos pelos estudos – a lista era infindável. Eu já havia escalado a primeira montanha ao planejar o casamento, aceitando que aquele era um processo que não podia deter nem modificar. Não importava o que eu pensava das toalhas de mesa, o que iríamos comer, ou quantos convidados deveria haver na festa. Você simplesmente aceita que essas coisas estão fora do seu controle. Estava tudo em boas mãos, e eu sabia que não precisava me preocupar.

Tanto Maria quanto eu tínhamos sido cautelosos em relação ao casamento, e esperado muito tempo: ela estava com 30 anos e eu, com 37. A essa altura ambos parecíamos foguetes em nossas respectivas carreiras. Logo depois do noivado, ela fora promovida a uma das âncoras do noticiário televisivo *CBS Morning News* e logo iria trocar de emprego para ocupar um cargo igualmente bem remunerado e prestigioso na rede NBC. Os dois empregos eram em Nova York, mas eu já tinha deixado claro que jamais iria prejudicar sua carreira. Se nosso casamento tivesse que ser a distância, daríamos um jeito, de modo que nem sequer precisamos conversar sobre isso na época.

Sempre achei que uma pessoa devesse esperar até se estabelecer financeiramente e deixar para trás o período mais difícil da carreira antes de se casar. Já escutara inúmeros atletas, profissionais do entretenimento e empresários dizerem: "O principal problema é que minha mulher quer que eu fique mais em casa, e eu preciso passar mais tempo no trabalho." Eu odiava pensar isso. Não é justo pôr sua mulher em uma situação na qual ela precise perguntar "E eu, onde fico?" porque você está trabalhando de 14 a 18 horas por dia para alavancar sua carreira. Sempre quis me estabelecer antes de me unir a alguém, porque a maioria dos casamentos acaba por causa de questões financeiras.

Quando se casa, a maioria das mulheres espera receber determinada atenção, e elas muitas vezes têm como referência o casamento dos próprios pais e a relação que eles tinham. Em Hollywood, o padrão ouro da dedicação matrimonial era Marvin Davis, bilionário do petróleo dono da 20th Century Fox, do resort Pebble Beach e do hotel Beverly Hills. Ele foi casado por 53 anos com Barbara, mãe de seus cinco filhos. Todas as mulheres se derretiam por ele.

Durante os jantares em sua casa, Barbara se vangloriava: "Marvin nunca, jamais passou uma única noite longe de mim. Sempre que viaja a trabalho, ele volta para casa no mesmo dia. Nunca dormiu fora de casa. E, quando dorme, ele me leva junto." E as mulheres diziam a seus maridos: "Por que você não pode ser assim?" Ou então, se a sua mulher estivesse por perto, depois de ouvir isso ela o cutucava ou chutava por baixo da mesa. Pouco depois de Marvin morrer, a revista *Vanity Fair* publicou uma reportagem revelando que ele estava falido e que Barbara agora se esforçava para tentar dar continuidade a suas causas filantrópicas e arcar com uma série de dívidas. Essa revelação deixou uma porção de esposas de Hollywood muito brava com o seu exemplo.

Eu tinha prometido a mim mesmo que jamais teríamos que usar o dinheiro de Maria – nem o que ela ganhava nem o de sua família. Eu não estava me casando porque ela vinha de uma família rica. A essa altura, o cachê que tinham me oferecido por *Predador* era de 3 milhões de dólares e, se o filme se saísse bem nas bilheterias, eu embolsaria 5 milhões pelo segundo filme e 10 milhões pelo terceiro, porque tínhamos praticamente conseguido dobrar meu cachê a cada filme. Eu não sabia se me tornaria mais rico que seu avô, Joseph P. Kennedy, mas tinha a forte sensação de que nunca teríamos que recorrer ao dinheiro dos Shriver nem ao dos Kennedy. O dinheiro de Maria era só dela. Nunca lhe perguntei quanto ela tinha. Nunca quis saber qual era o patrimônio dos seus pais. Esperava que fosse tanto quanto eles haviam sonhado em ter, mas não estava interessado nisso.

Também sabia que Maria não iria querer um estilo de vida do tipo apartamento de dois quartos alugado. Eu tinha que lhe proporcionar um nível de vida parecido com o que ela sempre tivera.

Nós dois sentíamos enorme orgulho do que já havíamos conquistado. Depois do noivado, ela escolheu uma casa para que eu comprasse, bem maior e mais luxuosa que aquela em que morávamos. A nova residência, uma mansão em estilo espanhol de 1.115 metros quadrados em um terreno de quase um hectare no alto de Pacific Palisades, tinha cinco quartos e quatro banheiros. Era cercada por lindos sicômoros e sua vista abrangia toda a área de Los Angeles. Nossa rua, a Evans Road, subia o cânion até o Parque Nacional Histórico Will Rogers, com fantásticas trilhas de cavalgada e caminhada, além de um terreno de polo. O parque ficava tão próximo que Maria e eu íamos até lá montados em nossos cavalos – era como uma grande área de lazer que podíamos usar dia e noite.

Nos meses anteriores ao casamento, eu estava ocupado com a promoção de *Comando para matar* e filmando *Jogo bruto* – o filme de ação que prometera fazer para Dino de Laurentiis –, além da preparação para começar *Predador*. Maria, em Nova York, estava mais ocupada ainda. Mesmo assim, conseguimos arrumar um tempo para reformar e decorar a casa. Aumentamos a piscina, instalamos uma banheira de hidromassagem, construímos a lareira que queríamos, arrumamos as telhas, a parte de iluminação e as árvores. Debaixo da casa, onde o terreno descia em direção à quadra de tênis, cavamos para

construir mais um piso, que na época servia de vestiário para as quadras, área de lazer e espaço extra para os hóspedes.

Maria escolhera as cortinas e os estofados, mas no final de maio, quando voltei das filmagens de *Predador*, eles ainda não estavam prontos. Ela só chegaria de Nova York dali a três semanas. Eu queria ter certeza de que a reforma ficaria exatamente como ela havia imaginado, para que pudéssemos nos mudar e ter uma casa perfeita para morar como casal. Portanto, pressionei o decorador para terminar o serviço e se seguiu um frenesi de pintura, montagem de móveis e instalação de obras de arte. Enquanto estava no set de *Predador*, eu controlava os prestadores de serviço a distância e voltava para Los Angeles nos fins de semana para conferir o andamento da obra. Também tinha um Porsche 928 esperando por Maria na garagem.

Na parede da sala de estar, o lugar de honra foi reservado para meu presente de casamento para ela: um retrato dela em silkscreen que tinha encomendado a Andy Warhol. Eu gostava das gravuras famosas que ele fizera de Marilyn Monroe, Elvis Presley e Jackie Onassis nos anos 1960. Sua técnica era tirar fotos em Polaroid, depois escolher uma para ampliar e servir de base ao silkscreen. Liguei para ele e disse: "Andy, você tem que me fazer um favor. Tive uma ideia maluca. Sabe aqueles quadros de gente famosa que você faz? Bom, quando Maria se casar comigo, ela vai ser famosa! Você vai pintar o retrato de uma celebridade! Vai pintar o retrato de Maria!" Andy riu. "Então eu gostaria de mandá-la ao seu estúdio para posar, aí você tira a foto dela e depois pinta o retrato." A imagem que ele criou de Maria era um impressionante quadrado com 107 centímetros de lado que reproduzia toda a sua beleza selvagem e toda a sua intensidade. Ele acabou fazendo várias cópias em cores diferentes: uma para o meu escritório, uma para a casa dos pais dela, uma para ele próprio e quatro para a parede da nossa casa, reunidas para formar um gigantesco quadrado de quase 2,5 metros de altura. Litografias e quadros de Pablo Picasso, Miró, Chagall e outros artistas da nossa coleção particular foram pendurados em outros pontos da sala. Entre todas essas lindas imagens, porém, a mais preciosa era a de Maria.

PARTICIPEI BASTANTE DA DECORAÇÃO de nossa casa, mas no casamento em si não dei nenhum pitaco. Os Kennedy têm um sistema já estabelecido para as bodas em Hyannis Port. Contratam os cerimonialistas certos, sabem quais limusines e micro-ônibus devem ser usados e cuidam para que a lista de convidados não fique tão comprida a ponto de as pessoas saírem pelos fundos da igreja. Para a recepção, sabem o lugar exato do terreno no qual instalar as tendas aquecidas para os drinques, o jantar e a pista de dança. Administram o acesso do público e da imprensa para os curiosos poderem ver as pessoas saindo e entrando e os fotógrafos poderem fotografar e filmar o que precisam sem atrapalhar o evento. Nenhum detalhe da comida, da diversão ou da hospedagem dos convidados escapa à organização. E todos se divertem muito.

Franco foi meu padrinho, e convidei algumas dezenas de parentes e amigos,

além das pessoas que mais tinham me ajudado na vida: Fredi Gerstl, Albert Busek, Jim Lorimer, Bill Drake e Sven Thorsen, o fortão dinamarquês de quem eu ficara amigo durante as filmagens de *Conan*. A lista de Maria tinha quase 100 pessoas só da família. Além destas, havia também suas amigas mais antigas, como Oprah Winfrey e Bonnie Reiss, e colegas de trabalho próximos, como o âncora Forrest Sawyer. Havia também nossos amigos em comum e uma galáxia inteira de pessoas maravilhosas que conheciam Rose Kennedy, Eunice ou Sarge: Tom Brokaw, Diane Sawyer, Barbara Walters, Art Buchwald, Andy Williams, Arthur Ashe, Quincy Jones, Annie Leibovitz, Abigail van Buren (a "Dear Abby"), cerca de 50 pessoas ligadas à instituição responsável pelos Jogos Mundiais Olímpicos Especiais, a Special Olympics – a lista era infindável. Ao todo, foram mais de 450 convidados, dos quais eu só devia conhecer um terço.

Ver tantos rostos novos não me distraiu do casamento. Pelo contrário, tornou o evento ainda mais animado para mim. Foi uma chance de conhecer muita gente, desfrutar de momentos divertidos e brindar à vida. Todo mundo estava muito feliz. A família Shriver e os parentes de Maria foram extremamente gentis. Meus amigos não paravam de vir me dizer: "Arnold, está tudo incrível!" Foi uma festa e tanto para todos.

Minha mãe já conhecia Eunice e Sarge – encontrava-os durante as visitas que fazia aos Estados Unidos toda primavera. Sarge passava o tempo todo brincando com ela. Ele adorava a Alemanha e a Áustria, falava alemão com minha mãe e sabia exatamente como fazê-la se sentir bem. Cantava-lhe canções de cervejaria e a tirava para dançar valsas. Os dois rodopiavam juntos pela sala. Ele sempre comentava como ela havia me educado bem. Falava sobre detalhes da Áustria, sobre as várias cidades que visitara de bicicleta, sobre *A noviça rebelde*, a história do país, a partida dos russos e a independência, o ótimo trabalho de reconstrução feito pelo povo, sobre como adorava os vinhos austríacos e a ópera. Minha mãe sempre comentava depois: "Que homem agradável. Tão educado... Como eu sei pouco sobre os Estados Unidos em comparação com o que ele sabe sobre a Áustria!" Sarge era um sedutor, um verdadeiro profissional.

No casamento, minha mãe também conheceu Teddy e Jackie. Os dois se mostraram incrivelmente galantes. Teddy lhe ofereceu o braço e saiu com ela da igreja depois da cerimônia. Ele tinha muito talento para gestos gentis e significativos como esse. Cuidar assim da família era a sua especialidade. Quando fomos à sua casa na tarde anterior ao casamento, Jackie se desdobrou para tratar bem da minha mãe. Caroline, sua filha, era a madrinha principal e estava promovendo um almoço para as madrinhas, os padrinhos e os parentes próximos, um total de 30 pessoas. Todo mundo que conhecia Jackie pela primeira vez ficava impressionado, do mesmo modo que eu ficara no restaurante Elaine's. Ela falava com todo mundo e realmente prestava atenção na conversa. Já fazia alguns anos que eu acompanhava sua trajetória e podia ver por que ela fora uma primeira-dama tão popular. Jackie tinha uma

capacidade incrível de fazer perguntas que deixavam você pensando: "Como ela sabia disso?" Sempre fazia meus amigos se sentirem bem recebidos quando eu os levava a Hyannis Port. Minha mãe também se apaixonou por ela.

Nessa noite, minha mãe promoveu o tradicional jantar da véspera do casamento no Hyannisport Club, clube de golfe com vista para a casa dos Shriver. Oferecemos frutos do mar assados à moda austríaca, e a proposta foi misturar a cultura americana com a da nossa terra natal. Cobrimos as mesas com toalhas quadriculadas de vermelho e branco emprestadas por uma cervejaria austríaca e eu apareci vestido com trajes e chapéu típicos de tirolês. O cardápio foi uma combinação de iguarias austríacas e americanas: *Wienerschnitzel* (costeleta de porco empanada) e lagosta de prato principal, *Sachertorte* (torta de chocolate com recheio de geleia de damasco) e *strawberry shortcake* (torta de morangos com creme) de sobremesa.

Houve brindes incríveis nessa noite. Os convidados de Maria falaram sobre a pessoa maravilhosa que ela é e quanto eu ganharia me tornando seu marido. Do meu lado, foi o inverso: que cara incrível e que ser humano perfeito eu sou, e como ela ganharia com isso. Juntos, formaríamos um casal perfeito. Os Kennedy sabem mesmo como celebrar essas ocasiões. Todos entram na dança e se esbaldam. Foi bem divertido para as pessoas de fora. Quanto a meus amigos, era a primeira vez que eles tinham contato com esse mundo. Nunca tinham visto tantos brindes, nem convidados tão animados. Aproveitei a ocasião para dar a Eunice e Sarge sua cópia do retrato de Maria assinado por Andy Warhol.

– Na verdade, não estou levando Maria embora. Isto aqui é para que possam tê-la sempre com vocês – falei. Então fiz uma promessa aos convidados: – Eu amo Maria e sempre vou cuidar bem dela. Ninguém precisa se preocupar.

Sargent também falou:

– Você é o cara mais sortudo do mundo por se casar com Maria, mas eu sou o filho da puta mais sortudo que existe por estar com Eunice. Nós dois temos sorte!

A cerimônia foi na igreja St. Francis Xavier, uma construção de ripas de madeira brancas no centro de Hyannis, a alguns quilômetros da casa. Era sábado de manhã e, quando chegamos, literalmente milhares de pessoas esperavam do lado de fora para nos desejar felicidades. Abaixei o vidro da limusine e acenei para a multidão atrás das barreiras de isolamento. Também havia dezenas de repórteres e equipes de gravação.

Adorei ver Maria atravessar a igreja até o altar. Ela parecia uma rainha, com um lindo vestido rendado, uma cauda bem comprida e 10 damas de honra, irradiando felicidade e calor humano. Todos se acomodaram para a formalidade da missa, na qual os votos matrimoniais são ditos ao final do primeiro terço. Quando chegou o momento, Maria e eu ficamos em pé diante do padre. Estávamos prestes a dizer *sim* quando de repente a porta dos fundos da igreja fez *pá*!

Todos se viraram para ver o que estava acontecendo. O padre olhou por

cima de nossas cabeças, e nós também nos viramos para olhar. Recortados na contraluz do vão da porta da igreja, vi um cara magrelo, de cabelos espetados, e uma negra altíssima com um chapéu de pele de marta tingido de verde na cabeça: eram Andy Warhol e Grace Jones.

Os dois pareciam pistoleiros em um faroeste entrando pelas portas de vaivém de um *saloon*, ou pelo menos foi isso que pensei, pois estava vendo tudo de maneira exagerada. Pensei: "Porra, não acredito que esse cara veio roubar a cena no meu casamento!" Mas, de certa forma, foi maravilhoso. Andy era um cara extraordinário e Grace Jones não conseguia fazer nada com discrição. Maria e eu ficamos contentes por eles terem conseguido chegar, e quando, durante o sermão, o padre recomendou que ríssemos pelo menos 10 vezes por dia quando fôssemos um casal, já estávamos bem encaminhados.

Pouca gente qualificaria sua recepção de casamento de enriquecedora e educativa, mas a minha foi. Quando meu sogro me pegou pelo braço para me apresentar aos convidados, fiquei mais uma vez assombrado com a quantidade de ambientes diferentes que Sarge e Eunice já haviam frequentado. "Este aqui era o chefe da minha operação do Peace Corps no Zimbábue, que na época se chamava Rodésia..." "Você vai adorar este cara: foi ele quem assumiu a operação na época das rebeliões em Oakland, e tivemos que mandar o Vista e o Head Start", referindo-se aos programas federais de combate à pobreza e de auxílio à infância.

Eu me senti bastante à vontade, pois me considerava um cidadão do mundo, sempre disposto a conhecer o máximo possível de pessoas de diferentes áreas e origens. Foi Sarge quem chamou a maioria dos convidados do mundo da política, do jornalismo, dos negócios e das organizações sem fins lucrativos. Um grupo de pessoas com quem já trabalhara no Peace Corps e no governo Kennedy, ao longo de seus anos na política, em Moscou com a missão comercial que chefiara lá, em Paris quando fora embaixador etc. Outro cara que ele queria que eu conhecesse era de Chicago: "Ele é incrível, Arnold. Uma pessoa extraordinária. Administrou sozinho todo o programa de auxílio humanitário jurídico que iniciei, e agora pessoas sem dinheiro nenhum podem obter aconselhamento e representação jurídica." E foi assim o dia inteiro. "Arnold, venha cá! Deixe eu lhe apresentar um amigo de Hamburgo. Ah, você vai adorar conversar com ele... esse cara fez um acordo com os russos..."

Quando chegou a hora de dançar, Maria trocou os escarpins por tênis brancos para proteger um dos dedos do pé que havia quebrado na semana anterior. Então, quando Peter Duchin e sua orquestra começaram a tocar uma valsa, ela enrolou a cauda do vestido umas cinco ou seis vezes em volta do pulso e dançamos os passos que tínhamos ensaiado, ganhando muitos aplausos. Meu amigo Jim Lorimer, de Columbus, tinha nos matriculado em aulas de dança de salão, que nos foram muito úteis.

O bolo, de oito andares, era uma réplica do lendário bolo servido no casamento de Eunice e Sarge: de cenoura com glacê branco, mais de 1,20

metro de altura e 284 quilos. Sua aparição provocou uma nova rodada de aplausos.

Durante a recepção, fiz um comentário que pareceu sem importância na hora, mas que iria me atormentar por muitos anos. Teve a ver com Kurt Waldheim, ex-secretário-geral da ONU, que estava concorrendo à presidência da Áustria. Nós o convidáramos para o casamento, assim como outros líderes, entre os quais o presidente Reagan, o presidente da Irlanda – até o papa. Não achávamos que fossem comparecer, mas seria ótimo receber cartas suas para o álbum de casamento. Eu havia apoiado Waldheim como líder do Partido Popular conservador, ao qual era ligado desde os meus tempos de fisiculturista em Graz.

Algumas semanas antes do casamento, o Congresso Judaico Mundial acusou Waldheim de ocultar um passado de oficial nazista na Grécia e na Iugoslávia, na época em que judeus eram enviados para os campos da morte e nacionalistas eram fuzilados. Para mim, foi difícil aceitar isso. A exemplo da maioria dos austríacos, eu o considerava uma grande personalidade – como secretário-geral da ONU, ele fora não apenas um líder nacional, mas também um líder mundial. Como poderia esconder qualquer tipo de segredo nazista? Já teria sido investigado tempos antes. Muitos austríacos acharam que aquilo fosse uma tática dos rivais social-democratas para prejudicá-lo em ano de eleição – um ato idiota, que constrangeu a Áustria aos olhos do mundo. Pensei comigo mesmo: "Vou continuar a apoiá-lo."

Embora Waldheim não tenha ido ao nosso casamento, o Partido Popular enviou à recepção dois representantes com um presente que chamou atenção: uma caricatura feita em papel machê, em tamanho real, de mim e de Maria vestindo trajes típicos austríacos. Em um brinde que fiz agradecendo a todos pelas cartas e pelos presentes, citei esse em especial: "Quero agradecer aos representantes do Partido Popular austríaco por estarem aqui e pelo presente que nos deram, e sei que isso expressa também os votos de Kurt Waldheim. Quero agradecer a ele e dizer que acho uma pena ele estar tendo que enfrentar os ataques pelos quais tem passado, mas campanhas políticas são assim mesmo."

Alguém repetiu meu discurso para o *USA Today*, que o incluiu em uma reportagem sobre o casamento, me envolvendo em uma polêmica internacional que se arrastou por anos. Quando finalmente ficou provado que Waldheim havia mentido sobre seu histórico militar, ele passou a simbolizar a recusa da Áustria em encarar seu passado nazista. Eu mesmo ainda estava me esforçando para entender os horrores do nazismo e, se soubesse a verdade sobre ele, não teria mencionado seu nome.

Esse arrependimento, porém, viria a surgir com o tempo. Maria e eu entramos na limusine e seguimos para o aeroporto com a sensação de que aquele era o melhor casamento do qual já tínhamos participado. Foi um dia muito especial. Todo mundo ficou feliz. Foi tudo nota 10.

MARIA TINHA DITO A SEUS FÃS NO *CBS Morning News* que iria tirar apenas poucos dias de férias. Eu tampouco dispunha de muito tempo para a lua de mel. Ficamos três dias em Antígua e depois ela me acompanhou até o México para passar alguns dias no set de *Predador*. Eu já tinha mandado preparar tudo para quando chegássemos: havia flores no quarto, e levei Maria para um jantar romântico ao som de uma banda de *mariachis*. Quando voltamos ao hotel, abri uma garrafa de um ótimo vinho californiano, o que supus fosse desencadear alguns bons momentos de sensualidade. A noite foi toda perfeita – até ela ir tomar um banho. Foi então que ouvi gritos muito altos vindos do banheiro, como em um filme de terror.

Já deveria ter imaginado. Joel Kramer e sua equipe de dublês tinham decidido pregar uma peça nos recém-casados. Na verdade, eles estavam revidando, pois alguns dublês e eu tínhamos posto aranhas na camisa de Joel e cobras dentro de sua bolsa. O set tinha um quê de colônia de férias estudantil. Assim, quando Maria abriu a cortina do chuveiro, deparou com vários sapos pendurados. Seria de esperar que ela fosse entender o espírito da coisa, pois seus primos viviam fazendo brincadeiras em Hyannis. Mas ela tem uma particularidade: embora seja fisicamente audaz – não pensaria duas vezes antes de pular de um penhasco de 10 metros para dentro do mar –, quando vê uma aranha, ou quando há uma abelha no quarto, ela dá um chilique. Os irmãos dela também são assim. Os sapos, então, causaram um grande alvoroço. Parecia que uma bomba tinha acabado de ser detonada. Joel não tinha como saber disso, mas sua brincadeira deu supercerto. O filho da mãe estragou por completo a minha noite.

Maria então voltou para casa e chegou a hora de eu retornar às filmagens de *Predador*. Como se sabe, trata-se de um filme de ficção científica no qual lidero uma equipe na selva da Guatemala, onde pessoas estão sumindo e sendo esfoladas vivas por um inimigo desconhecido. (Na verdade, como acabamos descobrindo, trata-se de um alienígena, equipado com armas de alta tecnologia e aparelhos que o tornam invisível, que veio à Terra caçar humanos por esporte.) Os produtores Joel Silver, Larry Gordon, John Davis e eu assumimos um risco alto ao escolher John McTiernan como diretor. Ele havia feito apenas um filme, um terror de baixo orçamento chamado *Delírios mortais*, sobre algumas pessoas que criam o caos ao volante de uma van. O que distinguia o filme era a tensão que McTiernan conseguira manter com um orçamento de menos de 1 milhão de dólares. Pensamos que, para criar esse tipo de atmosfera com tão pouco dinheiro, ele devia ter muito talento. *Predador* precisaria de suspense desde o primeiro momento em que os personagens chegam à selva – queríamos que os espectadores sentissem medo mesmo nas cenas em que o predador não aparecia, só com a névoa, os movimentos de câmera e a maneira como as coisas surgiam bem em cima das pessoas. Então apostamos que McTiernan conseguiria lidar com uma produção mais de 10 vezes mais cara.

Assim como em qualquer outro filme de ação, as filmagens de *Predador*

foram mais difíceis que prazerosas. Havia todas as dificuldades habituais de uma selva: sanguessugas, areia movediça, cobras peçonhentas, além de umidade e calor sufocantes. O terreno que McTiernan escolheu para filmar era tão acidentado que mal havia um centímetro sequer de solo plano. A maior dor de cabeça, porém, acabou sendo o próprio predador. Na maior parte das vezes, ele se mantém invisível. Quando aparece na tela, porém, precisa ter um aspecto alienígena e assustador o suficiente para aterrorizar e vencer um bando de caras grandes e viris. O predador que tínhamos não dava conta do recado. Fora projetado por uma empresa de efeitos especiais contratada pelo estúdio para economizar dinheiro – Stan Winston, que havia criado o Exterminador, teria lhes custado 1,5 milhão de dólares, e o concorrente cobrou metade desse preço. Só que, em vez de ameaçadora, a criatura ficou ridícula: parecia um cara usando uma roupa de lagarto com cabeça de pato.

Começamos a nos preocupar assim que iniciamos os testes de filmagem, e bastaram algumas cenas para confirmar que a preocupação era real. A criatura não funcionava, era fajuta, não transmitia credibilidade. Além do mais, Jean-Claude van Damme, que interpretava o predador, era um reclamão de marca maior. Ficamos tentando contornar o problema. Ninguém entendia que as imagens da criatura só poderiam ser consertadas depois que voltássemos do México, quando o filme já estivesse na ilha de montagem. No fim das contas, os produtores decidiram chamar Stan Winston para refazer o projeto do predador, então nos mandaram de volta a Palenque para refilmar o clímax do confronto: uma sequência noturna em que o predador aparece de corpo inteiro e trava um combate corpo a corpo com Dutch no pântano.

A essa altura já estávamos em novembro, e à noite na selva fazia um frio desgraçado. O predador de Stan era bem maior e mais assustador que o primeiro: um extraterrestre verde, com 2,60 metros de altura, olhos fundos e miúdos e mandíbulas de inseto no lugar da boca. No escuro, ele recorre à visão térmica para localizar sua presa, e Dutch, que nesse momento do filme já perdeu todas as roupas, passa lama no corpo para se camuflar. Para filmar isso, tive que cobrir o corpo inteiro com uma lama fria e molhada. Só que, em vez de lama, o maquiador usou argila, e me alertou: "Este material vai baixar em alguns graus a temperatura do seu corpo. Talvez você fique tremendo."

Eu não conseguia controlar a tremedeira. Foi preciso usar lâmpadas de calefação para me aquecer, mas, como elas faziam a argila secar, não foram muito úteis. Fiquei bebendo *Jägertee*, o chamado chá dos caçadores, uma mistura à base de *Schnapps* que se toma ao praticar *curling*. A bebida ajudava um pouco, mas embebedava tanto que ficava difícil fazer a cena. Eu tentava conter os tremores quando a câmera estava ligada, ou me segurava com força em algo para impedir os calafrios, porque, assim que soltava, eles recomeçavam. Me lembrei de quando cobria o corpo inteiro de lama quando era criança, no Thalersee, e pensei: "Como é que algum dia pude *gostar* de fazer isso?"

Kevin Peter Hall, o ator de 2,18 metros que assumira a fantasia de predador,

também enfrentava suas próprias dificuldades. Ele não conseguia ver nada com aquela máscara, e tinha que parecer ágil, mas a fantasia era pesada e o fazia perder o equilíbrio. Então ele ensaiava sem a máscara e depois tentava se lembrar de onde estava cada coisa. Na maior parte do tempo, funcionava. Em uma das lutas, porém, Kevin tinha que me golpear com a mão sem acertar minha cabeça. De repente, ouviu-se um "pou!": a mão dele acertou minha cara em cheio, com garras e tudo.

A chateação toda foi recompensada nas bilheterias no verão seguinte. *Predador* teve o segundo melhor fim de semana de estreia de todos os filmes de 1987 – depois de *Um tira da pesada II* – e acabou arrecadando 100 milhões de dólares. No fim das contas, McTiernan se revelou uma excelente escolha. No ano seguinte, *Duro de matar* mostrou que seu sucesso com *Predador* não tinha sido nenhum acaso. Na verdade, se um diretor com o seu talento tivesse feito a continuação de *Predador*, o filme poderia ter se transformado em uma série importante, comparável a *O exterminador do futuro* ou *Duro de matar.*

Tive uma briga com os executivos do estúdio por causa disso. O que ocorreu com *Predador* acontece com vários filmes de sucesso assinados por cineastas iniciantes. O diretor continua dirigindo sucessos e o cachê dele aumenta: depois de *Duro de matar*, o de McTiernan pulou para 2 milhões de dólares. Além disso, é claro, os custos haviam aumentado desde *Predador*, mas os executivos do estúdio queriam fazer uma continuação com o mesmo orçamento do primeiro filme. Isso deixou McTiernan de fora. Para substituí-lo, contrataram outro diretor relativamente inexperiente e barato, que havia dirigido *A hora do pesadelo 5.* Joel Silver queria que eu fizesse *Predador 2*, mas eu lhe disse que o filme seria um fracasso. Não era só o diretor que estava errado, mas também o roteiro. A história se passava em Los Angeles, e eu disse a ele: "Ninguém quer ver predadores correndo pelo centro de Los Angeles. Nós *já temos* predadores aqui. A guerra de gangues vive causando mortes. Não precisamos de extraterrestres para tornar a cidade perigosa."

Eu sentia que, a menos que eles metessem a mão no bolso para conseguir um bom diretor e um bom roteiro, não adiantaria nada me contratar. Como Joel não cedeu, saí do projeto. *Predador 2* e todos os outros filmes da série fracassaram, e ele e eu nunca mais voltamos a trabalhar juntos.

Hoje em dia, os estúdios entendem melhor como o negócio funciona. Eles agora investem na continuação de um filme de sucesso. Aumentam o cachês dos atores, dos roteiristas, e contratam o mesmo diretor. Pouco importa se a continuação for custar 160 milhões de dólares. Franquias como *Batman* e *Homem de ferro* chegam a arrecadar 350 milhões por filme nas bilheterias. Com as produções da série *Predador* poderia ter sido assim. No entanto, com um diretor, roteiristas e atores mais baratos, o filme se tornou uma das maiores bombas de 1990. O estúdio não aprendeu e, 20 anos depois, cometeu o mesmo erro com o terceiro *Predador*. Mas é claro que, quando se olha para o passado, é sempre fácil bancar o esperto.

EU ESTAVA SURFANDO A GRANDE ONDA dos filmes de ação, gênero inteiramente novo que se tornou a sensação nessa época. Quem dera a partida fora Stallone, com a série *Rocky*. No filme original, de 1976, ele tinha a aparência de um lutador normal. Já em *Rocky II*, porém, seu corpo estava bem melhor. Seus filmes da série *Rambo*, em especial os dois primeiros, também tiveram forte impacto. Em 1985, meu filme *Comando para matar* continuou essa tendência, sendo lançado no mesmo ano do segundo *Rambo* e de *Rocky IV*. Então *O exterminador do futuro* e *Predador* ampliaram o gênero, acrescentando elementos de ficção científica. Alguns desses filmes foram sucessos de crítica, e todos ganharam tanto dinheiro que os estúdios não podiam mais simplesmente classificá-los como filmes B. As produções de ação se tornaram tão importantes nos anos 1980 quanto os faroestes nos 1950.

Os estúdios mal podiam esperar para desenvolver novos roteiros, tirar da gaveta tramas antigas e contratar roteiristas para escrever sob medida para mim. Stallone e eu éramos os dois maiores nomes do gênero – embora Sly, na verdade, estivesse à minha frente e ganhasse mais. Havia mais trabalho para atores de ação do que ele ou eu conseguíamos dar conta, e essa demanda fez surgir outros nomes: Chuck Norris, Jean-Claude van Damme, Dolph Lundgren, Bruce Willis. Até mesmo caras como Clint Eastwood, que sempre tinham feito filmes de ação, começaram a ficar mais marombados e a arrancar a camisa para exibir os músculos.

Em todo esse processo, o corpo era o elemento principal. Havia chegado o tempo em que homens musculosos eram considerados atraentes. Ter um aspecto físico de herói passou a ser o padrão estético. Esses caras transmitiam poder. Era inspirador: o simples fato de olhar para eles fazia você pensar que seriam capazes de dar conta do recado. Por mais impossível que fosse a missão, pensava-se: "É, ele conseguiria." *Predador* foi um sucesso em parte porque os caras que entraram na selva comigo tinham um físico impressionante, grande e musculoso. Foi nesse filme que Jesse Ventura estreou como ator. Eu estava nos estúdios da Fox no teste dele para o papel e, quando ele saiu, comentei: "Gente, acho que não há dúvida de que devemos contratar esse cara. Sério: ele é mergulhador de combate da marinha, lutador profissional e tem o visual perfeito para o papel. É um cara grande, com a voz grave, bem másculo." Eu sempre achara que faltavam homens de verdade no cinema, e para mim Jesse era *o* cara.

Meu plano era sempre dobrar de cachê a cada filme. Não que isso funcionasse sempre, mas em geral eu conseguia. Depois de começar com 250 mil dólares por *Conan, o bárbaro*, no fim dos anos 1980 eu havia alcançado a marca dos 10 milhões. A progressão foi a seguinte:

750 mil *O exterminador do futuro* (1984)
1 milhão *Conan, o destruidor* (1984)
1,5 milhão *Comando para matar* (1985)
1 milhão "Participação especial" em *Guerreiros de fogo* (1985)

3 milhões *Phoenix* (1987)
5 milhões *O sobrevivente* (1987)
5 milhões *Inferno vermelho*
10 milhões *O exterminador do futuro*

Daí passei para 14 milhões de dólares por *O exterminador do futuro 2* e 15 milhões por *True Lies*. Nesses, o aumento foi bem rápido.

Em Hollywood, você recebe de acordo com o que é capaz de arrecadar. Qual vai ser o retorno do investimento? O motivo pelo qual eu conseguia dobrar o cachê eram as arrecadações internacionais. Eu cuidava bem dos mercados estrangeiros. Vivia perguntando: "Esse filme vai ter apelo para um público internacional? O mercado asiático, por exemplo, não gosta muito de pelos no rosto, então por que preciso ter barba nesse papel? Quero mesmo abrir mão de tanto dinheiro assim?"

O que me distinguia dos outros protagonistas de filmes de ação como Stallone, Eastwood e Norris era o senso de humor. Meus personagens eram sempre um pouco atrevidos, e frequentemente eu improvisava piadas curtas e ditos espirituosos. Em *Comando para matar*, depois de quebrar o pescoço de um dos caras que sequestraram minha filha, eu o coloco sentado ao meu lado na poltrona do avião e peço à aeromoça: "Não incomode o meu amigo. Ele está morto de cansaço." Ou então, em *O sobrevivente*, depois de estrangular com arame farpado um dos bandidos que estão me perseguindo, comento com a maior cara de pau: "Que sujeito chato, dá vontade de esganar!", e saio correndo.

Usar piadas curtas e engraçadas para fazer o espectador relaxar depois de uma sequência intensa começou por acaso, em *O exterminador do futuro*. O filme tem uma cena em que o Exterminador se refugia em uma espécie de pensão para se regenerar. Um zelador barrigudo chega empurrando um carrinho de lixo pelo corredor, bate na sua porta e pergunta: "Ei, cara. Tem um gato morto aí dentro ou o quê?" Então vemos, do ponto de vista do Exterminador, uma lista de "possíveis respostas apropriadas" entre as quais ele vai escolhendo:

SIM/NÃO
OU O QUÊ
VÁ EMBORA
VOLTE MAIS TARDE, POR FAVOR
VÁ SE FODER
VÁ SE FODER, BABACA

O espectador então o escuta dizer a opção escolhida: "Vá se foder, babaca." O público dos cinemas morria de rir com isso. Seria o zelador a vítima seguinte? Será que eu o explodiria? Ou quem sabe o esmagaria? Será que o mandaria para o inferno? Só que nada disso acontece: o Exterminador

simplesmente fala "Vá se foder, babaca" e o cara vai embora. É o contrário do que o público espera, e fica engraçado porque quebra toda aquela tensão.

Entendi que momentos assim podiam ser importantíssimos em um enredo e inventei tiradas engraçadas para meu filme de ação seguinte, *Comando para matar*. Lá pelo final, o arquivilão Bennett quase consegue acabar comigo, mas eu enfim venço e o empalo em um duto de vapor quebrado. "Não fique soltando fumaça", eu brinco. O público adorava. Ouvi comentários do tipo: "Uma das coisas de que gosto nesse filme é que tem sempre algo para fazer a gente rir. Às vezes os filmes de ação são tão tensos que você não consegue nem piscar. Quando alguém consegue quebrar isso e incluir um pouco de humor, é como uma lufada de ar fresco."

Daí em diante, passamos a pedir que os roteiristas acrescentassem pitadas de humor a todos os meus filmes de ação, mesmo que fossem apenas duas ou três frases. Às vezes contratávamos um roteirista especialmente com esse intuito. Essas piadas curtas se tornaram minha marca registrada, e o humor ingênuo ajudou um pouco a proteger os filmes de ação da crítica, que os considerava excessivamente violentos e superficiais. Elas ampliavam o apelo do filme, tornando-o mais atraente para uma quantidade maior de pessoas.

Eu ia listando na minha cabeça os diferentes países do mundo – de forma bem parecida com o Exterminador e sua lista de "possíveis respostas apropriadas" na tal cena da pensão. "Como é que isso vai soar em alemão?", eu me perguntava. "Será que no Japão as pessoas vão entender? E como vai ficar no Canadá? E na Espanha? E no Oriente Médio, como vai ser?" Na maioria dos casos, meus filmes arrecadavam mais no exterior que nos Estados Unidos. Isso se devia em parte ao fato de eu viajar para todo lado feito um doido promovendo cada um deles. Um outro fator, entretanto, era que os filmes em si eram muito diretos. Faziam sentido independentemente do lugar. *O exterminador do futuro*, *Comando para matar*, *Predador*, *Jogo bruto*, *O vingador do futuro* – todos eles falavam de temas universais como a batalha entre o bem e o mal, a vingança ou uma visão do futuro capaz de meter medo em qualquer um.

Inferno vermelho foi meu único filme a ter uma breve alusão à política – foi a primeira produção americana a receber autorização para filmar na Praça Vermelha de Moscou. Isso aconteceu durante a *détente*, em meados dos anos 1980, quando a União Soviética e os Estados Unidos tentavam entender como poderiam buscar juntos um fim para a Guerra Fria. Minha principal intenção, porém, era fazer um filme sobre amizade, no qual eu interpretaria um policial moscovita e Jim Beslushi, um de Chicago, obrigados a se unir para impedir que traficantes de cocaína mandem a droga para o território americano. Nosso diretor, Walter Hill, havia escrito e dirigido *48 horas*, e a proposta agora era combinar ação e comédia.

No início, tudo o que Walter tinha era uma cena de abertura. Muitas vezes é assim que se faz um filme: a pessoa tem uma ideia, depois inventa o que entra nas cerca de 100 páginas do roteiro. Faço o papel de Ivan Danko, um inspetor

de polícia soviético, e nessa primeira cena estou perseguindo outro cara. Eu o encontro em um bar de Moscou, mas ele resiste à prisão e nós brigamos. Quando finalmente consigo imobilizá-lo e ele está indefeso no chão, levanto sua perna direita e a quebro com brutalidade, para horror das outras pessoas no bar. Uma cena assim deixaria o público dos cinemas chocado. Por que alguém quebraria a perna de outra pessoa? Bom, um segundo depois você vê que a perna é artificial e está cheia de um pó branco: cocaína. Era essa a ideia de Walter e, assim que a ouvi, falei: "Adorei, estou dentro."

Tivemos várias conversas enquanto ele escrevia o roteiro e decidimos que seria bom mostrar um relacionamento entre dois amigos que refletisse a relação de trabalho entre Oriente e Ocidente. Ou seja: Danko e Art Ridzik, o sargento da polícia de Chicago interpretado por Belushi, têm muitos atritos. Deveríamos agir juntos, mas não parávamos de implicar um com o outro. Ele zomba do meu uniforme verde e do meu sotaque. Temos um bate-boca para decidir qual é a pistola mais potente do mundo. Eu afirmo que é a Patparine, de fabricação soviética.

– Ah, faça-me o favor! – diz ele. – Todo mundo sabe que a Magnum .44 é a melhor de todas. Por que você acha que Dirty Harry usa essa pistola?

E eu pergunto:

– Quem é Dirty Harry?

Mas só o nosso trabalho conjunto poderá deter os traficantes.

Walter me mandou assistir a *Ninotchka*, filme de 1939 estrelado por Greta Garbo, para ter uma noção do que Danko deveria fazer como um soviético leal em visita ao Ocidente. Pude aprender um pouquinho de russo, e para esse papel meu sotaque foi um ponto positivo. Adorei filmar em Moscou e também gostei muito de fazer a cena da sauna, quando um gângster desafia Danko dando-lhe um carvão em brasa para segurar. Ele fica pasmo quando Danko não hesita: simplesmente pega o carvão e o aperta com a mão. Então dá um soco no sujeito que o faz sair voando pela janela e pula atrás dele para seguir brigando na neve. Filmamos a primeira metade dessa cena nas Termas de Rudas, em Budapeste, e a segunda metade na Áustria, pois não havia neve em Budapeste.

Com uma arrecadação de 35 milhões de dólares nos Estados Unidos, *Inferno vermelho* foi um sucesso, mas não o gol de placa que eu esperava. É difícil tentar dizer por quê. Talvez o público não estivesse pronto para um filme que se passa na Rússia, ou minha atuação e a de Jim Belushi não tenham sido engraçadas o suficiente, ou o diretor não tenha feito um trabalho bom o bastante. Seja qual for o motivo, o filme não chegou aonde podia chegar.

Sempre que terminava de filmar um novo trabalho, eu sentia que estava apenas na metade do caminho. Cada produção precisa de um cuidado especial ao ser lançada no mercado. Você pode ter o filme mais incrível do mundo, mas, se não o divulgar bem, se as pessoas não souberem que ele existe, não vai adiantar nada. O mesmo vale para a poesia, a pintura, a literatura ou as invenções. Sempre fiquei chocado com o fato de alguns dos melhores artistas

que já existiram, de Michelangelo a Van Gogh, nunca terem vendido muitas obras por não saberem como proceder. Tinham que confiar em algum paspalho – agente, empresário ou galerista – para fazer isso por eles. Picasso entrava no restaurante e criava um desenho ou uma pintura em troca de uma refeição. Hoje em dia, você vai a restaurantes em Madri e essas obras dele estão penduradas na parede e valem milhões de dólares. Eu não deixaria que isso acontecesse com meus filmes. Era como no fisiculturismo, como na política: em tudo o que me propunha a fazer, eu tinha consciência de que era preciso vender.

Como bem disse Ed Turner: "Durma com as galinhas, madrugue, sue a camisa e anuncie." Portanto, eu sempre fazia questão de estar presente nas exibições de teste. O público de uma sala de cinema lotada preenchia questionários dando notas para o filme e em seguida 20 ou 30 espectadores eram escolhidos para ficar e debater as reações que tinham tido. Os especialistas do estúdio tinham dois objetivos principais: primeiro, ver se o filme precisava ser modificado. Se os questionários indicassem que o público não tinha gostado do final, os marqueteiros pediam que o grupo focal explicasse melhor suas opiniões para podermos pensar em mudá-lo. "Achei inverossímil o herói sobreviver depois daquele tiroteio todo", alguém podia dizer, ou então: "Queria que a filha dele tivesse aparecido mais uma vez para podermos ver o que aconteceu com ela." Às vezes o público apontava questões nas quais você não tinha pensado enquanto filmava.

O segundo objetivo era buscar pistas de como posicionar o filme no mercado. Caso ficasse claro que a maior parte do público apreciava a ação, ele era classificado como filme de ação. Se as pessoas adorassem o menininho que aparecia no começo, ele entrava no trailer. Se reagissem bem a determinado tema – a relação da atriz principal com a mãe, por exemplo –, ele era enfatizado.

Eu gostava de assistir aos testes para ter o feedback das pessoas. Queria ouvir o que a plateia pensava sobre meu personagem, a qualidade da interpretação e o que gostariam de me ver fazer com mais ou menos frequência. Assim, sabia os pontos em que eu precisava me esforçar e que tipos de personagem devia interpretar dali para a frente. Muitos atores se baseiam no que diz o departamento de marketing, mas eu queria ouvir direto dos espectadores, sem intermediários. Escutar também me ajudava a ser mais eficaz na promoção. Se alguém dizia "Esse filme não é sobre vingança. É sobre superar obstáculos difíceis", eu anotava essas informações para usá-las nas entrevistas à imprensa.

É preciso cultivar seu público e ampliá-lo a cada filme. Ao fim de todo trabalho, é fundamental ouvir parte da plateia dizer: "Veria outro filme com ele, sem dúvida." São essas pessoas que vão dizer aos amigos: "Você tem que ver esse cara." Dedicar o devido cuidado a um filme significa também prestar atenção na distribuição: os intermediários que convencem os donos das salas a exibir o seu filme, e não outro. Os distribuidores precisam saber que você não

vai deixá-los trabalhar sozinhos. Assim, você vai à ShoWest, a convenção da Associação Nacional de Proprietários de Cinemas, em Las Vegas, para tirar fotos com os donos das salas, receber um troféu, fazer uma apresentação sobre o filme e participar da entrevista coletiva. Faz o que os distribuidores consideram importante, porque assim eles se esforçam ao máximo para pressionar as salas. Mais tarde na mesma semana, talvez um deles lhe telefone para dizer: "Sabe aquela apresentação que você fez outro dia? Só queria dizer quanto nos ajudou. Os donos daquela cadeia multiplex aceitaram nos dar duas salas de cada cinema, em vez de uma só, porque acharam que você estava promovendo o filme para valer, que acredita no filme, e porque prometeu ir ao lançamento na cidade deles."

No início da minha carreira de ator, o mais difícil era entender que eu não podia controlar tudo. No fisiculturismo, tudo dependia de mim. Embora eu pudesse contar com a ajuda de Joe Weider e de meus parceiros de treino, tinha total controle sobre meu corpo, ao passo que no cinema você depende dos outros desde o começo. Quando o produtor o procura com um projeto, você confia nele para escolher o diretor certo. Quando chega a um set de filmagem, passa a confiar completamente no diretor e em uma série de outros profissionais. Aprendi que, quando eu trabalhava com um diretor do calibre de John Milius ou James Cameron, meus filmes eram um sucesso estrondoso, porque eu era bem dirigido. No entanto, se pegasse um diretor confuso ou que não tivesse uma visão convincente do filme, o resultado era um fiasco. Eu era sempre o mesmo Arnold, de modo que tudo dependia do diretor. Depois de entender isso, não pude mais me levar tão a sério, nem mesmo quando me cobriam de elogios. Não fui eu quem transformou *O exterminador do futuro* no sucesso que foi. O que fez a diferença foi a visão de James Cameron: ele escreveu o roteiro, ele dirigiu e ele tornou o filme excelente.

Cheguei a participar do processo decisório de vários filmes, com poder para aprovar o roteiro, o elenco e até mesmo para escolher o diretor. No entanto, minha regra era que, uma vez que este tivesse sido decidido, era preciso confiar nele completamente. Se você questionar tudo o que ele fizer, só vai criar dificuldade e provocar brigas. Muitos atores trabalham assim, mas eu não. Faço tudo o que posso para levantar informações sobre o diretor antes de a decisão ser tomada. Ligo para outros atores e pergunto: "Ele sabe lidar com estresse? Costuma gritar?" Depois que a escolha é feita, porém, é preciso seguir as decisões dele. Você pode até ter escolhido o cara errado, mas mesmo assim não pode passar o filme inteiro brigando com ele.

Em 1987, após apenas uma semana de filmagem de *O sobrevivente*, o diretor Andy Davis foi demitido. Os produtores e os executivos do estúdio montaram um golpe no set enquanto eu estava fora por alguns dias para promover os campeonatos de fisiculturismo em Columbus, Ohio, realizados durante a primavera. Quando voltei, já tinham substituído Andy por Paul Michael Glaser, que começara a dirigir programas na TV depois de ter sido ator de televisão. (Ele era o inspetor David Starsky da série de TV dos anos 1970

Starsky & Hutch – Justiça em dobro.) Nunca havia dirigido nenhum filme, mas estava disponível, então foi contratado.

Foi uma péssima decisão. Glaser era um cara de TV e trabalhou como se o filme fosse um programa televisivo, deixando escapar todas as temáticas mais profundas. História de ficção científica baseada em um romance de Stephen King, *O sobrevivente* articula-se em torno de uma visão de pesadelo dos Estados Unidos em 2017 – 30 anos no futuro em relação à data da filmagem. A economia está em recessão e o país se tornou um Estado fascista em que o governo usa a televisão e gigantescos telões instalados nos bairros para desviar a atenção das pessoas do fato de estarem todas desempregadas. Essa espécie de entretenimento público vai muito além de comédia, drama ou esporte. O programa mais popular é *O sobrevivente*, concurso ao vivo em que criminosos condenados têm uma chance de tentar fugir para a liberdade, mas são caçados e mortos em cena como animais. O protagonista é Ben Richards, policial condenado injustamente que acaba virando um "sobrevivente" na luta pela vida.

Para ser justo, a verdade é que Glaser não teve tempo de pesquisar ou pensar no que o filme tinha a dizer sobre a direção que o entretenimento e o governo americanos estavam tomando, ou o que significava chegar a ponto de literalmente matar pessoas diante das câmeras. Na televisão, você é contratado em uma semana e na seguinte já está filmando, e foi só isso que ele conseguiu fazer. Como consequência, *O sobrevivente* não teve um resultado tão bom quanto poderia. Com uma premissa boa como essa, deveria ter sido um filme de 150 milhões de dólares. Mas não: foi destruído completamente pela contratação de um diretor estreante no cinema que não teve tempo para se preparar.

JÁ FAZIA TANTO TEMPO QUE ROTEIROS de *O vingador do futuro* circulavam por Hollywood que as pessoas diziam que o projeto estava amaldiçoado. Dino de Laurentiis deteve os direitos por boa parte da década de 1980 e em duas ocasiões tentou produzir o filme – primeiro em Roma, depois na Austrália. Na época, era diferente do que acabou se tornando: menos violento e mais sobre a fantasia de fazer uma viagem virtual a Marte.

Fiquei bravo por Dino não me oferecer o trabalho, pois tinha dito a ele que gostaria de fazer o papel. Mas ele pensava diferente. Contratou Richard Dreyfuss para a tentativa em Roma e Patrick Swayze para a da Austrália. Enquanto isso, me chamou para *Jogo bruto*. Eles chegaram a construir estúdios na Austrália e estavam prestes a iniciar as filmagens de *O vingador do futuro* quando Dino começou a ter problemas financeiros. Isso já tinha acontecido várias vezes na sua carreira, e por essa razão ele precisou interromper alguns dos projetos.

Liguei para Mario Kassar e Andy Vajna, da Carolco, na época a produtora independente que mais crescia e que ainda estava colhendo os frutos dos filmes da série *Rambo*. Eles haviam bancado *Inferno vermelho*, e avaliei que

seriam perfeitos para *O vingador do futuro*. Falei: "Dino está ficando sem dinheiro. Ele tem vários projetos ótimos, e tem um, especificamente, que eu quero muito fazer." Eles agiram depressa, deram início a um ataque generalizado e compraram o filme de Dino em questão de dias. Eu era uma força motriz naquela época.

A questão, portanto, era quem iria dirigir. Alguns meses depois, eu ainda estava indeciso quando esbarrei com Paul Verhoeven em um restaurante. Nunca tínhamos sido apresentados, mas eu o reconheci de vista: um holandês magrelo, de olhar intenso, uns 10 anos mais velho que eu. Ele tinha boa reputação na Europa, e eu ficara impressionado com seus dois primeiros filmes em inglês, *Conquista sangrenta*, de 1985, e *Robocop*, dois anos depois. Fui até ele e falei:

– Adoraria trabalhar com você algum dia. Achei *Robocop* fantástico. E me lembro de *Conquista sangrenta*, que também era incrível.

– Eu também adoraria trabalhar com você – disse ele. – Talvez possamos encontrar um projeto.

No dia seguinte, liguei para ele: "Achei o projeto em que vamos trabalhar juntos." E comecei a descrever *O vingador do futuro*. Em seguida liguei para a Carolco e disse: "Mandem o roteiro para Paul Verhoeven agora mesmo."

Um dia depois, ele me disse que tinha adorado o roteiro, embora quisesse fazer algumas modificações. Isso era normal: todo diretor sempre quer fazer xixi no roteiro para marcar seu território. Mas Verhoeven deu sugestões inteligentes, que melhoraram muito a narrativa. Ele começou a pesquisar sobre Marte na mesma hora: como seria possível liberar o oxigênio preso nas rochas desse planeta? Tinha de haver um embasamento científico. Paul acrescentou uma dimensão de realismo e fatos científicos à história. Agora o controle do planeta dependia do controle do oxigênio. Muitas coisas que ele disse eram brilhantes. Paul tinha visão, tinha entusiasmo. Fizemos uma reunião com a Carolco para conversar sobre as mudanças e ele assinou o contrato para dirigir o filme.

Isso foi no outono de 1988. Começamos a trabalhar a todo o vapor no novo tratamento do roteiro, em seguida na escolha dos sets e por fim mergulhamos de cabeça na pré-produção. As filmagens começaram no final de março nos estúdios Churubusco, na Cidade do México, e passamos o verão inteiro rodando.

A escolha da Cidade do México deveu-se, em parte, à arquitetura: alguns dos prédios tinham exatamente o visual futurista que estávamos procurando. Como a qualidade das imagens de computação gráfica ainda não era muito boa, grande parte do trabalho tinha que ser feita no mundo real, encontrando a locação perfeita ou construindo sets em tamanho real ou em miniatura. A produção de *O vingador do futuro* era tão complexa que fazia *Conan, o bárbaro* parecer um filme em pequena escala. A equipe de mais de 500 pessoas fabricou 45 sets, que ocuparam oito galpões dos estúdios durante seis meses. Mesmo com a economia que fizemos trabalhando no México, o filme custou mais de

50 milhões de dólares, tornando-se a segunda produção mais cara da história até então, depois de *Rambo III*. Fiquei feliz por este ter sido produzido pela Carolco, pois isso significava que Mario e Andy não tinham medo de correr riscos.

O que me atraiu na história foi a ideia de uma viagem virtual. Eu faço o papel de Doug Quaid, um operário da construção civil que vê o anúncio de uma empresa chamada Rekall e vai até lá fazer as reservas para férias virtuais em Marte. "Para as lembranças de uma vida inteira", dizia o anúncio, "Rekall, Rekall, Rekall", em um jogo de palavras com o verbo em inglês *recall*, que significa recordar.

"Sente-se e fique à vontade", diz o vendedor. Apesar de Quaid estar tentando poupar dinheiro, o vendedor, metido a espertinho, tenta fazer com que ele enriqueça o pacote básico com alguns extras. "Existe uma coisa que nunca mudou, em todas as férias que o senhor já tirou. O que é?", pergunta ele.

Quaid pensa, pensa, mas nada lhe ocorre.

"*O senhor!* O senhor não muda nunca", diz o vendedor. "Aonde quer que vá, está sempre ali. O mesmo de sempre." Então, para incrementar a viagem, ele lhe oferece identidades alternativas. "Por que ir a Marte como turista se pode ir como playboy, ou como um jóquei famoso, ou então..."

Mesmo sem querer, Quaid vai ficando curioso e pergunta se poderia viajar como agente secreto.

"Ah", responde o vendedor, "vou lhe dar uma provinha. O senhor é um agente de primeira linha, trabalhando em sua missão mais importante sob um disfarce que ninguém conhece. Todo mundo está tentando matá-lo. O senhor conhece uma mulher linda e exótica... Enfim, não quero estragar a surpresa, Doug. Mas não se preocupe: no final da viagem, o senhor fica com a gata, mata os vilões e salva o planeta."

Adorei essa cena de um sujeito tentando me vender uma viagem que na realidade eu jamais faria – era tudo virtual. Depois, como se sabe, os cirurgiões que vão implantar o chip com as memórias de Marte no cérebro de Quaid encontram outro chip já implantado, e é um Deus nos acuda. Porque aquele homem, na verdade, não é Doug Quaid: é um agente do governo que antigamente servia nas colônias de mineração rebeldes de Marte e cuja identidade foi apagada e substituída pela de Quaid.

A história tem várias reviravoltas. Até o último minuto, não é possível saber ao certo se eu fiz mesmo essa viagem. Fui de fato o herói? Ou será que tudo aconteceu apenas dentro da minha cabeça e eu não passo de um operador de britadeira que talvez sofra de esquizofrenia? Mesmo no final, não dá para ter certeza absoluta. Para mim, isso era como a sensação que eu às vezes tinha de que minha vida era boa demais para ser verdade. Verhoeven soube como equilibrar as manipulações mentais com a ação. Há uma cena no filme em que Quaid, já em Marte, está em pé diante dos inimigos e eles começam a alvejá-lo à queima-roupa. Milhares de balas riscam o ar, e o espectador é arrebatado pelo suspense. De repente ele some, mas ouvimos sua voz chamando de algum

lugar próximo: "Ha ha ha, estou aqui!" Os outros estavam atirando em um holograma dele próprio que Quaid havia projetado. Na ficção científica é possível fazer coisas desse tipo acontecerem, e ninguém jamais as questiona. Histórias desse tipo têm apelo internacional e são capazes de se fixar na memória do público. Se alguém assistisse a *O vingador do futuro* daqui a 20 anos, ainda iria sentir a mesma emoção, assim como *Westworld: Onde ninguém tem alma* preserva seu apelo até hoje. Os filmes futuristas com grandes cenas de ação e personagens verossímeis têm um poder de atração especial.

Foi uma produção difícil, cheia de cenas com dublês, acidentes, loucuras, tomadas noturnas, tomadas diurnas, poeira. Quando o set eram os túneis de Marte, porém, era um trabalho interessante. Verhoeven se saiu muito bem dirigindo a mim e os outros atores principais: Rachel Ticotin, Ronny Cox e Michael Ironside, além de Sharon Stone, que interpretava Lori, esposa de Quaid, na verdade uma agente do governo enviada para vigiá-lo. Ela o segue até Marte, arromba seu quarto e lhe dá um chute na barriga.

"Isso é por ter me feito vir a Marte", diz ela. No final da cena seguinte, já está dizendo "Doug, você não me machucaria, não é, querido? Seja sensato, amor... Nós somos casados", ao mesmo tempo que saca uma arma para matá-lo. Ele lhe dá um tiro na cabeça. "Pois considere isso um pedido de divórcio", diz ele. Em que outro filme se pode fazer uma coisa destas: dar um tiro na cabeça de sua linda esposa e depois fazer piada? Nenhum. Pode esquecer. Essa é a maravilha da ficção científica. E é essa a maravilha da arte de interpretar.

Sempre será um desafio trabalhar com Sharon. Fora do set, ela é um encanto de pessoa, mas alguns atores simplesmente precisam de mais atenção. Foi complicado filmar uma das cenas mais violentas, porque eu tinha que segurá-la pelo pescoço e ela surtou: "Não toque em mim! Não toque em mim!" No início, pensei que provavelmente ela tinha sido criada como um bibelô e tentei compreender, mas era mais do que isso. Acabamos descobrindo que no passado ela sofrera uma séria lesão no pescoço. Acho que tinha até uma cicatriz.

"Sharon", falei, "nós já ensaiamos no quarto do hotel. Paul estava lá, todo mundo estava lá, e nós repassamos cada cena. Por que você nunca comentou que eu deveria tomar cuidado nessa tomada do estrangulamento? Assim poderíamos ter contornado a situação aos poucos. Eu tocaria seu pescoço com delicadeza e você me diria quando poderia apertar mais um pouco e quando os movimentos poderiam ficar mais bruscos. Porque eu sou o primeiro a entender você."

Paul conseguiu acalmá-la e Sharon aceitou refazer a cena. Ela queria que o filme fosse um sucesso. Só tínhamos que dar aquele passo difícil. Era assim e pronto.

Quando se é ator ou diretor, é preciso lidar com todos esses problemas. Ninguém levanta de manhã e diz "Eu hoje vou deixar todo mundo maluco no set", ou "Vou boicotar as filmagens esta semana", ou então "Hoje vou bancar a

chata". Cada um tem seus bloqueios e suas inseguranças, e com certeza atuar traz essas coisas à tona. Porque é *você* quem está sendo julgado, as *suas* expressões faciais, a *sua* voz, a *sua* personalidade, o *seu* talento – tudo tem a ver com você, e isso o torna vulnerável. Não é um produto que você fabricou nem um trabalho que realizou. Se alguém diz ao maquiador "Pode clarear um pouquinho este tom aqui? Estou com pó demais nesta parte", ele responde "Ah, desculpe", então limpa o pó e pronto. No entanto, se alguém diz "Pode parar de dar esse sorriso artificial quando estiver fazendo a cena? Tem alguma coisa estranha acontecendo com o seu rosto", a sensação que você tem é que não sabe mais o que fazer com o próprio rosto e fica constrangido. Quem atua leva as críticas muito mais para o lado pessoal. Elas incomodam. Mas qualquer profissão tem as suas desvantagens.

APESAR DO FANTÁSTICO TRABALHO DE Verhoeven, *O vingador do futuro* quase fracassou antes de chegar às telas. O trailer exibido nas salas antes da estreia do filme era muito ruim. Ficou pobre e não transmitia todo o potencial e a estranheza do filme. Como sempre fazia, estudei todas as informações de marketing do estúdio, entre elas as "pesquisas de monitoramento", que medem a expectativa em torno de um lançamento.

Os departamentos de marketing geram centenas de estatísticas, e o segredo é identificar de primeira os números realmente importantes. Os que mais me interessam são os do "*awareness*", que avaliam a percepção e o desejo de assistir medindo a resposta do público às perguntas: "Nesta lista de próximos lançamentos, de quais você já ouviu falar? E a quais deseja assistir?" Se a resposta for: "Já ouvi falar em *O vingador do futuro* e em *Duro de matar 2*, e estou morrendo de vontade de assistir", você sabe que seu filme vai alcançar uma nota boa. Obter algo em torno de 90% a 95% no item *awareness* significa que sua produção provavelmente vai estrear em primeiro lugar e faturar pelo menos 100 milhões de dólares nas bilheterias. Para cada ponto percentual abaixo disso, você pode perder 10 milhões de faturamento; é por isso que os estúdios e os diretores muitas vezes fazem ajustes de última hora nos filmes.

Outro indicador útil, o "*awareness* espontâneo", mostra se as pessoas citam espontaneamente o seu filme entre os que sabem estar prestes a estrear. Alcançar cerca de 40% ou mais nesse item significa que você tem um trunfo nas mãos. Dois outros números também têm grande importância: "primeira opção", que tem de atingir de 25% a 30% para garantir que a obra será bem-sucedida; e "interesse certo", que precisa estar entre 40% e 50%.

No caso de alguns sucessos como *Conan, o bárbaro*, os números são promissores desde o início. Em outros casos, assinalam uma possível decepção. Foi o caso de *O vingador do futuro*. Mesmo após semanas de trailers e anúncios, o *awareness* ficou em torno de 40%, não 90%, a primeira escolha foi de apenas 10% e o lançamento não estava sendo citado entre os filmes aos quais os pesquisados "desejassem assistir".

A essa altura, eu já sabia praticamente tudo o que havia para saber sobre

marketing cinematográfico, mas não estava adiantando muita coisa. A origem do problema não era *O vingador do futuro* em si, mas a distribuidora TriStar Pictures, responsável por montar os trailers e cuidar da publicidade. Seus marqueteiros não sabiam como trabalhar o filme, e o estúdio estava em polvorosa. A TriStar e sua irmã Columbia Pictures encontravam-se em pleno processo de incorporação pela Sony e foram fundidas em um daqueles acordos gigantescos da década de 1980. Peter Guber e Jon Peters eram os novos diretores executivos que tinham chegado para supervisionar o processo todo, o que significava que muita gente da TriStar estava perdendo o emprego.

Na maioria dos casos, uma mudança na administração de um estúdio pode afundar um filme. Além de os novos contratados terem seus próprios projetos, em geral eles querem que os antigos diretores fiquem desacreditados. Mas esse problema não existiu com Guber e Peters, produtores de grande sucesso, porque eles eram muito ambiciosos. Pouco importava quem tivesse iniciado o projeto: os dois queriam que ele se tornasse bem-sucedido. Ao longo dos anos, eu passara a conhecer Guber bem o bastante para poder telefonar para ele e soar o alarme em relação a *O vingador do futuro*.

– Peter, faltam três semanas para a estreia e o *awareness* do filme não passou dos 40% – falei. – Para mim isso é um desastre.

– Qual é o problema? – indagou ele.

– O problema é que o seu estúdio está errando feio na campanha publicitária e nos trailers. Mas não precisa acreditar só na minha palavra. Quero que você e Jon assistam ao trailer e a uma sessão do filme. Eu os acompanho, e depois vocês me dizem o que acharam.

Então nos reunimos para ver *O vingador do futuro* e o trailer.

– É impressionante – comentou Peter. – O filme parece uma produção de 100 milhões de dólares, mas o trailer faz parecer que custou 20.

Ele estava a ponto de ligar para os marqueteiros da TriStar e dizer: "Quero ver grandeza, gente! Quero ver as incríveis cenas de ação que temos no filme!", mas eu o impedi.

– Acho que temos que contratar alguém de fora – falei. – Não deixem mais o estúdio tomar essas decisões, porque eles só vão conseguir isso depois que vocês fizerem uma faxina, o que ainda não foi possível. A velha guarda continua lá. Entreguem o filme para uma empresa de marketing externa trabalhar. Vamos procurar as três maiores do ramo e abrir uma concorrência para ver qual delas consegue elaborar a melhor ideia.

Eles me escutaram, e marcamos reuniões com as três melhores. A Cimarron/Bacon/O'Brien, a primeira, foi ainda mais eficiente que eu ao apontar os erros no trailer do filme. Ela foi escolhida para trabalhar o lançamento e, no fim de semana seguinte, já havia novos trailers e uma campanha totalmente diferente na praça. A empresa começou a vender o filme com chamadas do tipo "Alguém roubou sua mente. Agora ele a quer de volta. Prepare-se para a melhor viagem da sua vida", e "Se alguém roubasse a sua mente, como você iria descobrir?". Os trailers enfatizavam as fantásticas cenas

de ação e os efeitos especiais. A campanha surtiu efeito: em 14 dias, passamos de um awareness de 40% para 92%. Não se falava em outro filme na cidade. Apesar de nosso desentendimento por causa de *Predador*, Joel Silver me ligou e disse: "Fantástico! Fantástico! O filme vai deixar todo mundo de quatro."

Dito e feito: *O vingador do futuro* não apenas abocanhou o primeiro lugar das bilheterias no fim de semana de estreia como bateu o recorde de melhor primeiro fim de semana de todos os tempos para uma não continuação. Arrecadamos 28 milhões de dólares nos primeiros três dias, e quase 120 milhões naquele ano só nos Estados Unidos. Hoje em dia, essas cifras passariam de 200 milhões, com o atual preço dos ingressos. O filme também fez enorme sucesso no exterior, arrecadando mais de 300 milhões de dólares. Ganhou um Oscar Especial pelos efeitos visuais. (É por meio do Oscar Especial que a Academia de Cinema premia um trabalho sem categoria estabelecida.) Paul Verhoeven teve uma visão de mestre e fez um trabalho incrível. Fiquei orgulhoso por meu interesse e minha paixão terem ajudado o filme a se realizar. No entanto, a experiência de *O vingador do futuro* mostra também a importância do marketing – a necessidade de informar as pessoas sobre do que trata a obra cinematográfica, de realmente instigá-las e fazê-las dizer: "Preciso assistir a esse filme."

Em ritmo de comédia

EU ADORAVA SER UM HERÓI DE AÇÃO. Com meu físico e meu histórico, interpretar esse tipo de papel era natural para mim. Mas não se pode passar a vida inteira correndo de um lado para outro e explodindo coisas à sua volta. Havia muitos anos que eu já sonhava em fazer comédias.

Sempre acreditei que tudo na vida tem seu lado cômico. Era engraçado posar na frente de uma plateia todo besuntado de óleo e usando uma sunga minúscula para tentar ser eleito o homem mais musculoso do mundo. Era engraçado receber um cachê de milhões de dólares para combater um predador extraterrestre. Era engraçado fazer aulas de parto sem dor pelo método Lamaze tentando fingir que a gravidez é um trabalho de equipe. Eu via muita graça no fato de Maria e eu termos origens totalmente opostas. Achava graça do meu próprio sotaque e adorava a imitação que os personagens de *Saturday Night Live* faziam de mim. Eu sempre tinha sido um alvo perfeito para piadas – o material para se trabalhar era farto. Ser austríaco, ter me casado com Maria, ser republicano, ter aquele sotaque: com todos esses fatores, é preciso ter senso de humor para poder também rir da piada.

Em 1985, um ano depois de *O exterminador do futuro* se tornar um grande sucesso, eu estava jantando em Denver na noite anterior ao Carousel Ball, célebre e sofisticado baile de caridade promovido por Marvin e Barbara Davis. Marvin, na época proprietário dos estúdios Fox – onde eu estava filmando *Comando para matar* –, era conhecido pelo senso de humor. Ele e a mulher estavam em uma mesa com vários humoristas que iriam se apresentar no evento, entre os quais Lucille Ball e o marido, Gary Morton. Eu ocupava a mesa ao lado junto com John Davis, filho dos anfitriões, e o pessoal mais jovem. Na mesa de Marvin e Barbara só se ouviam piadas e muitas risadas. De repente, Marvin me chamou:

– Ei, Arnold, venha cá um instante. Por que não conta uma piada para a gente?

Mais tarde fiquei sabendo que isso era típico dele. Na hora, porém, fiquei sem ação. Não tinha preparado nenhuma piada. Sequer sabia que tipo de piada devia contar em um evento como aquele.

Tudo o que consegui dizer foi:

– Preciso de um tempinho para me aquecer. Quem sabe amanhã? – Ou algo

desse tipo.

Foi então que Lucille Ball interveio:

– Ele é muito engraçado. Não precisam se preocupar com ele. Já trabalhamos juntos.

Depois que ela me salvou, Gary Morton nos interrompeu com uma piada e então Milton Berle deu início a um esquete sobre como Gary Morton não seria ninguém sem Lucille Ball. Fui salvo pelo gongo, mas a situação foi um exemplo perfeito de como é importante estar preparado para momentos assim.

Eu havia sido apresentado a Milton Berle na festa de meu noivado com Maria na Costa Oeste, em 1985. Ruth, sua esposa, e Maria se conheciam por causa do Share Girls, grupo de caridade para o qual Maria entrara ao seu mudar para Los Angeles. A organização contava também com as esposas de Johnny Carson, Dean Martin e Sammy Davis Jr., entre outras, de modo que costumávamos chamar o grupo de "fundação das ricaças". Os Berle e os Kennedy tinham um belo passado em comum, porque Milton fora um grande fã de John Kennedy. Os dois eram bastante próximos, e Milton dera de presente a JFK uma caixa para conservação de charutos que posteriormente fora vendida para Marvin Shanken, proprietário e editor da revista *Cigar Aficionado*, num leilão dos Kennedy, por 520 mil dólares. Milton só deu três caixas dessas de presente na vida, e uma foi para mim.

Maria e Ruth, portanto, tornaram-se boas amigas, e Ruth levou Milton à nossa festa de noivado. A primeira coisa que ele fez foi cumprimentar com um aperto de mão um cara que eu nem sabia quem era.

– Que prazer estar aqui hoje, nesta festa de noivado – disse ele. – Maria vai se casar com Arnold Schwarzenegger. Arnold, que maravilha, muito obrigado por me convidar.

Caí totalmente na brincadeira.

– Mas eu estou *aqui*! – exclamei.

Foi uma brincadeira idiota, mas todo mundo riu. O gelo foi quebrado e Milton embarcou em um esquete cômico.

– Esta é Ruthie, minha esposa – falou. – Olhe só para a boca dela. A última vez que vi uma boca assim, estava atravessada por um anzol.

Ruth, sentada ao lado de Maria, comentou:

– Ai, ai, acho que já ouvi essa piada umas mil vezes...

Depois disso, Berle sentou-se conosco e nos divertimos muito. No final, ele disse:

– Vamos marcar alguma coisa qualquer dia desses.

– Claro! – respondi.

Então, um dia, combinamos ir ao Caffé Roma, em Beverly Hills, e o lugar se tornou nosso ponto de encontro. Eu sempre almoçava lá com ele e com amigos seus como Sid Caesar e Rodney Dangerfield, além de Milt Rosen, que escrevia muitas de suas piadas. Ou então ia à sua casa, onde fumávamos charutos enquanto eu lhe fazia mil perguntas sobre comédia.

Berle era presidente do Friars Club de Beverly Hills, fundado por ele em 1947 junto com outros humoristas como Jimmy Durante e George Jessel. O clube ficava em uma rua entre os bulevares Wilshire e Santa Monica, em um prédio branco que visto de fora parecia um bunker, mas que tinha restaurante e boate privativos lá dentro. Eu ia ao lugar a cada um ou dois meses para almoçar ou jantar, ou então por causa de algum evento. O clube promovia boas lutas de boxe e era famoso pelos eventos conhecidos como *roasts*, em que alguma celebridade era posta na berlinda para ser alvo de piadas e brincadeiras. Milton, porém, já tinha quase 80 anos, e era fácil ver que o clube estava ultrapassado.

Ele e os amigos mantinham o lugar tão protegido que novos humoristas não entravam. Gente como Eddie Murphy, Steve Martin, Danny DeVito e Robin Williams frequentava o Friars como visitante, e dava para ver a frustração em seus rostos. Eles deviam pensar: "Que velhotes sem graça são esses? As minhas piadas fazem todo mundo rolar no chão de tanto rir."

Porém, como eu não era humorista, não fazia parte desse grupo. Além do mais, fui educado em uma cultura que respeita os mais velhos. Para mim, um profissional como Berle tinha que ser honrado, elogiado e incentivado, porque talvez sua carreira já não estivesse indo tão bem. Devia ser esquisito para ele, depois de ter entrado para a história como o "Mr. Television" e de ter sido um grande astro em Las Vegas e na Broadway, de repente ter o Friars Club como sua única identidade. Onde quer que estivesse, Milton tentava roubar a cena, pois ainda tinha aquela necessidade de atenção que o levara a se tornar humorista.

Descobri que todas essas lendas da comédia sabiam ter uma conversa normal, mas não sempre. Quando estávamos reunidos no Caffé Roma, falávamos sobre assuntos do dia a dia, mas aí aparecia Robin Williams, ou então Rodney Dangerfield, com sua habitual bermuda, e as coisas ficavam mais animadas. Se você fosse com esses mesmos caras a um evento beneficente no qual houvesse qualquer tipo de plateia, eles não paravam nunca: era piada atrás de piada, provocação atrás de provocação, e ninguém tinha pena de ninguém. O mais engraçado, porém, era que muitos dos humoristas levavam as esposas, que eram donas de casa de aparência normal. As piadas dos maridos as faziam revirar os olhos. Quase dava para ouvir seus pensamentos: "Lá vamos nós outra vez. Deus nos acuda." Na verdade, às vezes uma delas até dizia em voz alta: "Ah, pelo amor de Deus, quantas vezes você vai contar essa?" Isso era o pior. Os humoristas mais velhos odiavam.

Os caras do Friars Club não me viam como humorista. Eles gostavam de mim e dos meus filmes e achavam que eu tinha certo talento humorístico dentro de determinado limite. Também sabiam que eu os respeitava e admirava seu talento. Eu não achava isso ruim. É preciso saber avaliar o próprio potencial. Então digamos que, em uma escala de um a dez, sendo Milton Berle o dez, eu tinha um potencial de cinco. Em matéria de comédia, o potencial dele era bem maior do que o meu, claro, mas em outras áreas talvez

não fosse o caso. É difícil imaginar Milton Berle como herói de filmes de ação, por exemplo.

O truque, porém, é saber como alcançar 100% do seu potencial. Eu estava em um bom momento da carreira para começar a fazer papéis cômicos e diversificar um pouco meus trabalhos. No entanto, sabia também que isso era algo arriscado, principalmente para mim, que, sendo europeu, não tinha um senso de humor americano. Além disso, meu ritmo e minha velocidade de dicção tendiam a ser meio esquisitos. Então, estar em contato com esses caras e poder entrar no seu mundo me deu a oportunidade de entender melhor esse terreno. Descobri que gosto muito de conviver com gente engraçada, que escreve comédia e vive procurando um jeito único de dizer as coisas – embora tenha precisado me acostumar com Milton brincando que meus peitos eram maiores do que os da minha namorada.

Ele se tornou meu mentor de comédia. Costumava me incentivar dizendo: "Ser engraçado é duas vezes mais difícil para você, com esse sotaque, do que para mim. As pessoas já *esperam* que eu seja engraçado!" Milton me ensinou muito sobre como contar piadas, não exagerar no humor e não enfatizar demais a parte engraçada. Eu lhe perguntava como escolher piadas para suavizar uma situação séria e como inseri-las na conversa de modo natural. Aprendi que, no caso da comédia stand-up, nada precisa estar interligado. Primeiro você faz algumas piadas com assuntos da atualidade, como Jay Leno costuma fazer, por exemplo. Depois escolhe algumas pessoas da plateia e brinca com elas, sem se esquecer de incluir algumas piadas sobre você mesmo para amenizar o fato de estar fazendo graça à custa dos outros.

Milton muitas vezes me dava conselhos sobre o ritmo. "Quando você é um astro, recebe vários prêmios, mas muitos deles são irrelevantes", dizia ele. "No entanto, mesmo assim é preciso fazer um discurso de agradecimento. Então você deve dizer: 'Já ganhei muitos prêmios, mas este aqui... para mim...' E tem que se emocionar nessa parte e fingir que está com a voz embargada: 'Este aqui, para mim, é o mais... *recente!*' Entendeu? Você demonstra emoção para fazer a plateia ir na direção contrária."

Berle escrevia as próprias piadas – *The Milton Berle Show* fora o mais importante e duradouro programa dos primeiros tempos da TV –, mas também era famoso por roubar piadas de todos os outros humoristas. Jack Benny certa vez foi acusado de se apropriar de uma piada de Berle e comentou: "Pegar uma piada de Milton Berle não é roubo, é reintegração de posse."

A maior frustração de Milton comigo era minha mania de exagerar o tempo todo. Um dia, ele estava me ajudando a me preparar para um *roast* ao qual não poderia comparecer. Quem estaria na berlinda nesse dia seria eu, e Milton estava me ensinando algumas piadas para contar quando chegasse a minha vez de responder aos outros participantes. "Não queime ninguém, só chamusque", dizia ele, lembrando-me de seu antigo preceito sobre *roasts* e brincando com o significado da palavra *roast* em inglês: "assar". Não lhe dei muita atenção. Uma das piadas que ele me ensinou foi sobre o humorista Henny Youngman:

"Henny tem um problema de peso. Mas na verdade não é gordura, é só retenção de líquido. Ele está retendo um lago inteiro."

Na noite do evento, quando chegou minha vez de falar, fiz um gesto em direção a Henny e disse: "Olhem só esse balofo aqui. Na verdade ele não é balofo. Está só retendo líquidos..."

Os amigos de Friars Club de Milton descobriram que ele estava me dando dicas e no dia seguinte ligaram para ele aos gritos: "Como você pôde dizer para o Arnold chamar o Henny de balofo?" Milton disse que eu deveria ligar para os sócios do clube que tinham se ofendido e me desculpar. "Pensei que ir além do que estava escrito no papel seria mais engraçado", expliquei a eles. "Mas sei que contrariei as regras e sinto muito por isso."

Sempre que vejo alguém com grande talento para se apresentar ao vivo, começo a sonhar. Não seria bacana ser um astro do rock como Bruce Springsteen? Não seria legal fazer um discurso e ser aplaudido por 100 mil pessoas como Ronald Reagan? Não seria o máximo fazer um esquete hilário de stand-up de meia hora como Eddie Murphy? Talvez por influência do meu signo, Leão, eu tenha dentro de mim um eterno *showman* que quer sempre estar no centro dos acontecimentos.

Em relação a Milton Berle, portanto, meu pensamento era: "Talvez eu nunca chegue ao mesmo nível dele, mas se puder aprender só um pouquinho do que ele sabe..." Quantas vezes na vida você precisa fazer um brinde? Quantas vezes precisa discursar em prol de alguma causa nobre, como a boa forma física? Ou participar de uma coletiva de imprensa em algum festival de cinema?

No caso dos filmes de ação, o problema é complexo. Metade dos críticos automaticamente diz: "Detesto filmes de ação. Gosto de histórias de amor, de filmes que possa levar a família para ver. Esse cara não para de matar gente, aí as crianças vão assistir e depois sair pela rua matando gente também." Começar com algo irresistível e engraçado é um bom jeito de se destacar. Você se torna mais agradável e as pessoas recebem muito melhor as informações a seu respeito.

Sempre que eu assistia a alguma comédia, fosse ela *O clube dos cafajestes*, *Os caça-fantasmas* ou *Banzé no Oeste*, pensava: "Eu poderia ter feito isso!" Só que ninguém iria me contratar para esse tipo de papel, e não fazia sentido bater o pé e insistir: "Meu próximo filme tem que ser uma comédia." Ainda não havia explorado todo o meu potencial com os filmes de ação. Se quisesse começar a fazer humor em um futuro próximo, precisaria de alguém para me promover.

ESSE PROBLEMA SE RESOLVEU SOZINHO no final de 1986, em um chalé de uma estação de esqui em Snowmass Village, perto de Aspen, Colorado. Certa noite, Maria e eu estávamos em frente à lareira na companhia de Ivan Reitman, Robin Williams e suas respectivas esposas. Robin e eu nos divertíamos contando histórias engraçadas sobre esqui e sobre quem estava dormindo com quem em Aspen. Já Ivan era um mestre: produzira *O clube dos*

cafajestes e fora produtor e diretor de *Os caça-fantasmas* e *Perigosamente juntos*. Eu estava louco para trabalhar com ele, de modo que lancei mão de todo o meu arsenal cômico aprendido com Milton Berle. Deu certo. Ao final dessa noite, Ivan me encarou com uma expressão pensativa.

"Sabe de uma coisa?", falou. "Você tem uma espécie de inocência que nunca vi ser retratada na tela do cinema, e um senso de humor peculiar. Acho que Hollywood está querendo manter você no papel de herói de ação para sempre, mas poderia ser bem interessante vê-lo interpretar um cara fortão com essa inocência."

Quando voltamos de Aspen, liguei para Ivan e sugeri que fizéssemos algo juntos. Ele topou. Pediu a alguns roteiristas que desenvolvessem cinco ideias para mim e me entregou: cinco memorandos de duas páginas cada um esboçando um personagem e uma ideia. Eliminamos quatro deles bem depressa, mas o quinto parecia ótimo: era sobre dois gêmeos totalmente diferentes, nascidos de um experimento científico destinado a criar o ser humano perfeito. Julius Benedict, meu personagem, fica com todos os genes bons e é praticamente perfeito, apesar de ingênuo. Ele sai à procura do irmão, Vincent, um pequeno contraventor, e os resultados são engraçadíssimos. Concordamos que, por causa da minha origem alemã, o título *O experimento* não era adequado e rebatizamos o projeto de *Irmãos gêmeos.* A partir daí, todo mundo se apaixonou pela ideia.

Pensei em chamar Danny DeVito para interpretar Vincent porque eu havia esbarrado por acaso com seu agente e achava que seria muito engraçado se os gêmeos fossem bem diferentes fisicamente. Todos gostaram. Quando falaram com Danny, ele também adorou a ideia, embora desde o início tenha manifestado algumas reservas. "Sim, a piada visual é ótima: Arnold e eu como irmãos gêmeos", disse ele. "Mas como vamos sustentar isso?" Danny gostava de planejar tudo. E assim nasceu o projeto.

Ivan, Danny e eu formávamos uma equipe interessante. A mãe de Ivan era sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz e seu pai lutara na resistência; os dois haviam emigrado da Tchecoslováquia depois da guerra. Como muitos filhos de sobreviventes do Holocausto, Ivan era extremamente determinado e aliava essa qualidade a um incrível talento para dirigir e produzir comédias. Danny, por sua vez, revelou-se um colega de trabalho hilariante. Apesar de seu imenso sucesso na TV e no cinema, ele está longe de ser uma das personalidades excêntricas de Hollywood. Dirige carros normais, tem uma família ótima e leva uma vida igual à de todo mundo. Além disso, é extremamente bem organizado financeiramente.

Como nós três éramos realistas e ponderados em relação aos negócios, pudemos contribuir com um pequeno capítulo para a história de Hollywood. Sabíamos que vender *Irmãos gêmeos* da maneira convencional seria difícil. Em teoria, os estúdios iriam adorar a ideia: bastava imaginar um cartaz comigo e Danny DeVito lado a lado. Na realidade, porém, o que estávamos propondo era um filme fora do comum com três profissionais caros. Se cada um de nós

recebesse o cachê habitual, o orçamento ficaria tão alto que, na nossa opinião, nenhum estúdio iria querer bancar a produção. Ao mesmo tempo, nenhum de nós queria diminuir o valor cobrado, pois trabalhar por menos pode prejudicar seu poder de negociação em contratos futuros.

Assim, quando fomos vender nossa ideia a Tom Pollock, diretor da Universal, nossa proposta foi fazer *Irmãos gêmeos* sem cachê. De graça.

– Garanto que, graças a Ivan e Danny, o filme vai ser um sucesso – falei. – Mas entendo que você me veja como um cara de ação. Eu nunca fiz comédia e sou um elemento desconhecido. Por que assumir o risco? Então não precisa nos pagar nada até termos provado nosso valor.

Em troca, queríamos uma participação no filme: uma porcentagem do lucro com bilheterias, venda e aluguel de VHS, exibições em aviões e assim por diante. Em Hollywood, isso é conhecido como *back end*.

Tom estava tão convencido de que o filme seria um sucesso que falou:

– Prefiro pagar o cachê.

A essa altura, porém, Ivan, Danny e eu já estávamos muito apegados à nossa ideia.

– Não queremos receber cachê – falamos. – Nenhum de nós precisa de dinheiro. Vamos dividir os riscos.

O acordo que acabou sendo fechado garantia a nós três 37,5% de todo o lucro do filme. E essa porcentagem era líquida – não estava sujeita aos descontos ou aos truques dissimulados que fazem a fama da contabilidade cinematográfica. Dividimos esses 37,5% proporcionalmente, com base no que cada um de nós tinha ganhado em seu último filme. Como o meu cachê por *O sobrevivente* fora muito alto, acabei ficando com a parte mais gorda, quase 20%. Assim, a conta era simples: se *Irmãos gêmeos* fosse um sucesso razoável e arrecadasse, digamos, 50 milhões de dólares, eu embolsaria praticamente 10 milhões.

Tom Pollock sabia muito bem quanto esse contrato poderia ser generoso para nós. No entanto, não queria que procurássemos outro estúdio e recebêssemos uma proposta melhor. Além do mais, se *nós* ganhássemos dinheiro, a Universal também lucraria bastante. Ele encarou a situação toda com muito bom humor. Depois que fechamos o acordo em sua sala, levantou-se e, com um gesto exagerado, virou do avesso os bolsos da calça:

– Pronto, agora só me falta ficar de quatro – falou. – Vamos lá. Podem levar tudo o que eu tenho e me enrabar! – Essa se tornou uma daquelas frases lendárias dos executivos de Hollywood. Caímos todos na risada. Então ele concluiu: – Acho um bom acordo. Vamos assinar.

Eu nunca tinha pensado que fazer cinema pudesse ser tão divertido quando não se está coberto de lama gelada na selva ou levando uma surra de cobras mecânicas. *Irmãos gêmeos* foi filmado em Los Angeles, no Novo México e no Oregon durante os primeiros meses de 1988. Pude fazer coisas diante das câmeras que jamais fizera antes. Dancei valsa. Cantei. Encarnei um virgem de 35 anos seduzido por uma linda moça (interpretada por Kelly Preston, esposa

de John Travolta, com quem foi ótimo trabalhar). Entrei em contato com o que Ivan chamava de meu "lado inocente".

Danny DeVito era o Milton Berle da interpretação cômica. Ele nunca tentava inserir frases engraçadas no texto, nunca dependia de uma piada para criar humor – essas coisas não funcionam diante das câmeras. Em vez disso, ele criava situações engraçadas a partir das circunstâncias. Seu modo de usar a voz e os olhos e a forma como ele movia o corpo eram muito inteligentes. Danny sabia exatamente o que funcionava no seu caso, o que as pessoas adoravam nele e o que iria convencer. Sabia muito bem até que ponto podia levar o diálogo, e todos nós vivíamos trocando ideias com os roteiristas o tempo todo a respeito de cenas e falas, em um processo constante de aprimoramento. Além disso, Danny era um ótimo parceiro de set! Fumava charutos. Preparava massa para todo mundo uma vez por semana, às vezes até duas vezes. Fazia um café expresso delicioso e estava sempre pronto para nos oferecer um licor italiano e nos preparar drinques deliciosos depois do almoço ou do jantar.

Desde o início, a química entre nós dois funcionou muito bem. No papel do dissimulado Vincent, ele vivia tentando me enrolar. Já havia enganado muita gente e agora estava tentando passar a perna em mim. Como Julius, eu era um alvo fácil, mas ao mesmo tempo tinha inteligência suficiente para entender a situação e fazer algo a respeito. Bastava interpretar meu personagem exatamente da forma como ele fora escrito: ingênuo, forte, inteligente, culto, sensível, poliglota.

Em comparação com ser um herói de ação, ser um astro da comédia era bem mais fácil. Os ensaios se concentraram em modificar o ritmo do meu comportamento. Tive que me livrar dos olhares severos, das frases duras, do linguajar autoritário e robótico. O tom monocórdico e lento do Exterminador não servia mais. Tive que jogar fora tudo o que aprendera nos filmes de ação para transmitir liderança e comando. Agora era preciso abrandar tudo isso. Precisava pronunciar as palavras com mais suavidade, fazê-las se encaixarem umas nas outras e combiná-las com expressões mais suaves e movimentos de cabeça mais sutis. Logo no início do filme, há uma cena em que um malvado de motocicleta surge por trás de Julius e tenta lhe arrancar a mala da mão. Só que Julius não solta a mala e o cara acaba caindo da moto. Tive que fazer essa cena sem demonstrar nenhuma raiva ou esforço – para Julius, não largar a mala é uma ação lógica, e ele nasceu com uma força tão descomunal que isso não requer o menor esforço de sua parte. Não é minha *intenção* fazer o cara ter um acidente. Na verdade, eu fico preocupado que ele tenha se machucado e tento ajudá-lo!

A comédia deu certo. Sabíamos que tínhamos um sucesso nas mãos. A ideia de gêmeos totalmente opostos funcionou à perfeição, e as pessoas no set não paravam de dar risadas. Todas as noites, na hora de assistir ao copião, o elenco e a equipe que tinham nos visto fazer quatro, cinco ou até seis tomadas de uma mesma cena tornavam a rir ao vê-la na tela. Filmamos primeiro em Los

Angeles, depois nos transferimos para o deserto perto de Santa Fé, no Novo México.

Aonde quer que fôssemos, apareciam pessoas para nos visitar, pois todos ouviam dizer que aquele era um set feliz. Clint Eastwood passou lá no dia em que filmamos a cena em que eu canto. Julius está dentro de um avião, escutando rock em fones de ouvido pela primeira vez na vida. Ele começa a cantar um hit dos The Coasters da década de 1950, "Yakety Yak", sem perceber que todos os outros passageiros estão ouvindo. Foi a primeira vez que cantei no cinema, e, para se ter uma ideia de como foi, basta dizer que não sou nenhum Frank Sinatra. Depois da cena, Clint comentou com ironia: "Não sabia que você tinha tanto talento." Na vida real, a única hora que abro a boca para cantar é no final de uma festa, se quiser enxotar os convidados.

UMA DAS PIADAS CONSTANTES NO SET ERA: "Nunca fale sobre política com Arnold." Não que isso me chateasse, mas, se alguém me perguntasse alguma coisa, eu fazia uma verdadeira preleção para tentar vender a candidatura do vice-presidente George H. W. Bush. Era época das primárias presidenciais, e Bush concorria à vaga de candidato republicano à sucessão de Ronald Reagan contra o senador Bob Dole, do Kansas, e o pastor evangélico Pat Robertson. Os outros integrantes do elenco de *Irmãos gêmeos* eram todos democratas, e a brincadeira era que, se eu começasse a falar, *eles* ficariam chateados *comigo*, o que prejudicaria o astral do set.

De fato, aconteceu algo durante as filmagens que estragou meu astral, embora não tenha tido nada a ver com o filme nem com a política dos Estados Unidos. Em fevereiro, o tabloide londrino *News of the World* publicou uma matéria de capa a meu respeito intitulada "Segredo nazista do astro de Hollywood".

A história atacava a mim, mas o foco era meu pai. O jornal alegava que ele tinha sido nazista e membro da SS e que perseguira e mandara para campos de concentração homossexuais e judeus. A matéria me chamava de "admirador secreto" de Hitler e afirmava que eu era integrante do movimento neonazista e tinha "fervorosas opiniões nazistas e antissemitas".

Em geral eu simplesmente ignorava as críticas, mas nunca fora acusado de algo tão sério. Sabia que teria que reagir. Depois de conversar com meus advogados e relações-públicas, minha primeira providência foi ligar para Rupert Murdoch, dono do tabloide, que eu já conhecia de Aspen. Expliquei que a história era mentira e ele me ouviu.

– Gostaria que você não publicasse essa matéria nos Estados Unidos – falei. – E gostaria também que o jornal publicasse um pedido de desculpas e dissesse que a matéria foi um erro, que vocês receberam informações equivocadas. Aí podemos esquecer essa história. Erros acontecem.

– Bom – respondeu Murdoch –, o meu pessoal lá de Londres disse que fez uma investigação muito minuciosa. Se a história for verdade, não acho que ninguém precise se desculpar. De toda forma, posso prometer não publicar a

matéria nos Estados Unidos.

– Não estou culpando você por cada matéria publicada em todos os seus jornais e outros veículos – enfatizei. – Mas quero chamar sua atenção para o fato de que essa reportagem é uma injustiça. Por favor, apure os fatos.

Rupert cumpriu o prometido: não publicou a matéria em veículos americanos nem a transmitiu em seu novo canal de televisão, a Fox TV. Nada mais aconteceu, porém. Enquanto meus advogados enviavam uma carta formal exigindo uma retratação do tabloide e se preparavam para processá-lo, outros jornalistas começaram a tentar me entrevistar.

Fiquei em uma posição muito desconfortável. Sabia que as informações da matéria sobre mim eram falsas, mas e as acusações contra meu pai? Achava que estavam erradas, mas como podia ter certeza? Nós falávamos tão pouco sobre a Segunda Guerra Mundial em casa... Eu realmente não tinha a menor ideia.

Sendo assim, resolvi ligar para Marvin Hier, meu amigo rabino do Simon Wiesenthal Center.

– Preciso da sua ajuda – falei. – Sei que você tem um sistema para rastrear crimes de guerra. Será que poderia verificar o histórico do meu pai durante o conflito? Quero saber se ele algum dia foi nazista. Em segundo lugar, se integrou a SS. Qual era sua responsabilidade durante a guerra? Ele cometeu algum crime de guerra, ativo ou passivo? Fez alguma dessas coisas que estão dizendo?

– Vou ter todas essas informações daqui a uma ou duas semanas, Arnold, porque temos acesso a todos os documentos – respondeu Hier.

Ele telefonou para seus contatos na Alemanha e talvez tenha ligado até para Viena e falado pessoalmente com o grande caçador de nazistas Simon Wiesenthal, que eu viria a conhecer mais tarde. Três ou quatro semanas depois, tornou a me procurar com as informações:

– Seu pai teve carteira de membro do Partido Nazista – falou –, mas não há provas de que tenha cometido nenhum assassinato ou crime de guerra, seja contra homossexuais, judeus ou qualquer outro indivíduo. Ele era sargento, então não tinha autoridade para ordenar esse tipo de ação sem o aval de um oficial. Não há qualquer indicação de que uma ordem assim tenha alguma vez sido dada.

O Simon Wiesenthal Center me enviou essas informações oficialmente, para que pudessem ser usadas na justiça.

Quanto às alegações do *News of the World* contra mim, o próprio Simon escreveu uma carta para o tribunal afirmando não haver prova nenhuma que sustentasse tais afirmações. Esses documentos, somados à incapacidade do tabloide de produzir fatos que corroborassem a matéria, deixaram bem claro que a fonte das informações não era fidedigna. Foi necessário um processo de muitos meses, mas o tabloide acabou publicando uma retratação integral e me pagando uma indenização significativa por danos morais em um acordo fora dos tribunais. O dinheiro foi doado à Special Olympics da Grã-Bretanha.

As filmagens de *Irmãos gêmeos* foram concluídas logo antes da Páscoa de 1988, no meio das primárias presidenciais. O vice-presidente Bush vinha enfrentando uma árdua batalha. Embora tivesse o apoio de Reagan, perdera algumas das primárias iniciais para Bob Dole. Isso porque muita gente considerava Bush uma sombra de Reagan – os austríacos o teriam qualificado como *Waschlappen*, ou pano de prato. Eu conhecia o vice-presidente das visitas que fizera à Casa Branca. Ele sempre havia se mostrado muito educado, um homem realmente íntegro, e tinha experiência graças aos cargos importantes que já ocupara, como o de embaixador na ONU e diretor da CIA. Ao contrário do retrato que os democratas pintavam dele, Bush tinha um caráter forte e uma enorme força de vontade. Como todos sabem, porém, campanhas políticas são injustas. O que se faz é procurar as vulnerabilidades do oponente, alguma falha que se possa vender aos eleitores. Os democratas sabiam muito bem que Bush estava cumprindo as obrigações de seu cargo de vice-presidente exatamente como mandava a Constituição: apoiando o presidente e se mantendo à disposição para substituí-lo se fosse preciso. No entanto, eles ganharam terreno no início da campanha tachando-o de fraco. Bush revidou e, quando terminamos de filmar, ele se saíra bem na Superterça – quando um grande número de estados realiza eleições primárias e é eleita a maioria dos delegados – e estava com a candidatura garantida.

Acompanhei a campanha presidencial desse ano com grande interesse e fiquei feliz ao ser convidado para participar, em agosto, da Convenção Nacional Republicana, em Nova Orleans. Minha missão era contribuir com meu poder de celebridade em um dos grupos "Caucus" – um dos dois mecanismos, dentro de cada partido, para escolher os candidatos à presidência que o representarão na eleição – compostos por membros do governo Reagan e partidários de Bush, cuja tarefa era agradar às delegações estaduais e convencê-las a aprovar sua posição em relação a questões importantes.

Eu já havia participado de convenções republicanas, mas essa seria a primeira vez desde que me casara com uma Shriver. Maria e eu achávamos que deveríamos continuar a fazer o que sempre tínhamos feito: ela participaria da convenção democrata e de reuniões em prol de todas as causas nas quais acreditasse, além de cobrir os republicanos como jornalista, enquanto eu tomaria parte na convenção republicana. No entanto, tínhamos que tomar cuidado para evitar controvérsias desnecessárias. Tudo correu bem em Nova Orleans até meu amigo e companheiro de tiro esportivo Tony Makris, guru de relações públicas da National Rifle Association (Associação Nacional de Rifles), comentar que a organização ofereceria um brunch em homenagem ao senador texano Phil Gramm. Será que eu por acaso gostaria de dar uma passadinha lá? Na época, já conhecia Gramm bastante bem. Quando cheguei ao evento, na manhã seguinte, outras celebridades também estavam presentes, mas foi à minha volta que os jornalistas se reuniram. Após dois trágicos assassinatos políticos, os Kennedy eram ferrenhos opositores das armas de fogo – o que eu estava fazendo em um evento da NRA? Tal fato jamais me

ocorrera. Caso contrário, eu teria tido a sensibilidade de não comparecer. Os repórteres também perguntaram se, como membro da família Kennedy por casamento, eu apoiava a NRA. Qual era minha posição em relação às armas automáticas? E às armas pessoais de baixo custo? E aos fuzis de precisão? E às balas que matavam policiais? Eu não soube como reagir. Era membro da NRA porque acreditava no direito constitucional de portar armas, mas nunca tinha pensado em todas essas questões e em todos esses detalhes. Questionaram até o próprio fato de eu participar da Convenção Nacional Republicana de 1988: seria algum tipo de atitude para desafiar os Kennedy? A verdade era que nenhum dos membros da família ligava para aquilo, em especial Sargent e Eunice, que dependiam do apoio de ambos os partidos para sustentar seus programas e que costumavam convidar formuladores de políticas do Partido Republicano para frequentar sua casa. Percebi, porém, que a NRA era uma questão mais espinhosa, então fui embora do brunch antes mesmo de os oradores começarem a falar. Estava só dando uma passadinha e não queria que minha presença ali se transformasse no assunto principal. Estava na convenção para apoiar George Bush, e era sobre isso que desejava que escrevessem, não sobre armas.

Tive que reavaliar minha posição. A onda de atenção e publicidade relacionada à família de Maria ainda era algo com que estava me acostumando. Aquela fora a primeira vez em que realmente me sentira atingido. Aquilo era ao mesmo tempo uma bênção e um transtorno, algo muito mais intenso que a exposição que em geral acompanha o estrelato. Continuei participando da convenção republicana, mas não fui às reuniões do meu grupo Caucus com as delegações individuais de cada estado.

No outono, a disputa entre George Bush e o candidato democrata, Michael Dukakis, governador de Massachusetts, acabou se resumindo à questão sobre se os americanos aprovavam ou não o caminho seguido por Reagan. Logo antes do pleito, o próprio vice-presidente me convidou para fazer campanha com ele e apresentá-lo em alguns comícios. Nas pesquisas, Bush tinha agora uma vantagem decisiva sobre Dukakis – cerca de 55% contra 38%, com 4% de indecisos –, de modo que meu trabalho seria apenas ajudar a atrair mais gente e manter essa tendência. Mesmo assim, agarrei a oportunidade – não iria recusar uma viagem no avião do vice-presidente!

Visitamos Ohio, Illinois e Nova Jersey alguns dias antes da eleição. Peggy Noonan, a brilhante redatora responsável por vários dos discursos de Reagan, estava no avião para ajudar na reta final da campanha. Ela também era autora do eloquente discurso de agradecimento feito por Bush em Nova Orleans. Adorei o trecho em que Bush falava sobre quem deveria suceder o presidente Reagan: "Em 1940, quando eu não era mais que um menino, Franklin Roosevelt disse que não se deve trocar de cavalo no meio da travessia. Amigos, o mundo hoje se move ainda mais depressa, e agora, após dois grandes mandatos, uma mudança se aproxima. Quando é preciso trocar de cavalo no meio da travessia, não é melhor escolher um que esteja indo na mesma direção

do anterior?" Foi também nesse discurso que Bush disse aos eleitores: "Prestem atenção ao que vou dizer. Não vai haver novos impostos." Essa promessa viria a prejudicá-lo mais tarde, mas foram palavras fortes mesmo assim. Um dia depois desse discurso, ele disparou nas pesquisas. Havia demonstrado poder de liderança e parecia determinado. Ficou claro nos Estados Unidos que aquele seria nosso próximo presidente.

A primeira parada de nossa viagem foi em Columbus, onde meu amigo e sócio Jim Lorimer organizou um comício de 5 mil pessoas na grande esplanada vizinha à sede de sua seguradora, a Nationwide Insurance. Era um dia perfeito para discursos, ensolarado e fresco, e a empresa liberou os funcionários para garantir que a esplanada ficasse lotada. Além da fala do vice-presidente, Peggy Noonan também havia escrito a minha. Dava para ver que ela se divertira usando minha imagem de herói de ação. Apresentei Bush como "o *verdadeiro* herói americano". "Eu sou um patriota americano", falei para o público. "Vi Ronald Reagan e George Bush pegarem uma economia pequena e franzina e a transformarem em um super-herói." Então acabei com o governador Dukakis usando uma frase que todos os veículos de comunicação repetiram depois: "Eu só sou o Exterminador nos meus filmes. Mas vou dizer uma coisa: em relação ao futuro dos Estados Unidos, o verdadeiro exterminador será Michael Dukakis." Bush adorou o discurso e me batizou de Conan, o republicano.

Durante as viagens de uma cidade a outra a bordo do avião vice-presidencial, relaxamos e descansamos um pouco. Falamos sobre suas estratégias para a eleição, os discursos de Bush, se alguma vez ele já tinha esquecido para que cidade estava indo e se gostava de fazer campanha. Bush tinha uma atitude bem tranquila em relação ao caminho a ser percorrido – nem tudo precisava estar perfeitamente organizado.

Nossa conversa também abordou um interesse específico meu. Em 1980, no início do governo Reagan, eu recusara um convite para participar do President's Council on Physical Fitness and Sports (Conselho Presidencial de Boa Forma Física e Esportes). Tratava-se de um grupo consultivo de 24 membros que, apesar do título pomposo, não fazia mais parte da Casa Branca. Sua origem tinha sido uma iniciativa do presidente Eisenhower para promover a boa forma física que fora bastante importante no auge da Guerra Fria – tanto ele quanto seu sucessor, John Kennedy, defendiam que os americanos deveriam estar em boas condições físicas para que pudessem proteger os Estados Unidos da ameaça soviética. Eu gostava especialmente das histórias sobre o que Kennedy tinha feito para incentivar o preparo físico e os esportes. Como presidente eleito, ele começara publicando um ensaio na revista *Sports Illustrated* intitulado "O americano flácido", que havia chamado bastante atenção. Já na Casa Branca, desencavara um decreto de Teddy Roosevelt que incitava os fuzileiros navais americanos a completarem uma caminhada de 80 quilômetros em 24 horas. JFK, então, fez a mesma proposta à sua equipe da Casa Branca. Competitivo como todo Kennedy, Bobby aceitou o desafio e

atraiu a atenção nacional ao percorrer essa distância calçado com seus sapatos Oxford de couro. O feito inaugurou uma febre nacional de caminhadas de 80 quilômetros e ajudou a lançar vários programas estaduais e locais em prol da boa forma – muitas vezes promovidos e coordenados pelo President's Council.

Durante o conflito no Vietnã, porém, o assunto saiu de cena. O conselho tornou-se um apêndice da burocracia do Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar e assim permaneceu por duas décadas. Manteve certo prestígio – foi presidido durante um bom tempo pelo astronauta Jim Lovell, bem como por George Allen, lendário treinador da Liga Nacional de Futebol Americano –, mas nunca chegou a realizar muita coisa. Quando o presidente do país convidava a delegação olímpica americana ou os campeões do World Series de beisebol para ir à Casa Branca, por exemplo, o President's Council não era sequer notificado. Foi por isso que recusei o convite em 1980: não queria fazer parte de uma organização moribunda. Então, quase 10 anos depois, senti que talvez fosse possível reverter a situação.

"É uma grande oportunidade", falei para Bush.

Expliquei como seria ótimo para a Casa Branca reafirmar sua liderança no campo da saúde e da boa forma, tornando a insistir sobretudo na ideia de que o bom preparo físico é importante para toda a população, não apenas para os atletas.

– E os outros 99,9% de pessoas que nunca saem de casa para praticar esportes? – assinalei. – Quem está prestando atenção nas crianças acima do peso? Esses meninos e meninas jamais serão selecionados para uma partida de futebol americano, uma equipe de tênis, natação, vôlei ou polo aquático. E o garoto magrelo de óculos fundo de garrafa? Quem está prestando atenção nele? Várias escolas têm ótimos programas de esportes, mas nenhum programa de *boa forma* – prossegui. – O que podemos fazer pela maioria das crianças que nunca se interessaram por esportes? E pelos adultos que estão fora de forma, ou que talvez nunca estiveram em forma? Foi bom JFK ter dado ênfase aos esportes competitivos para inspirar as pessoas. Foi ótimo Lyndon Johnson ter criado o President's Council on Physical Fitness and Sports. Agora, porém, precisamos tirar o foco das modalidades competitivas, direcioná-lo para a boa forma física acessível a todos e garantir que a população inteira participe.

Eu sabia que George Bush gostava de esportes e que cuidava bastante do corpo.

– É uma ideia brilhante, se você tiver tempo para dedicar ao assunto – disse ele. – Não vai ser algo do dia para a noite. Se for para fazer alguma coisa, é melhor fazer direito.

De Columbus fomos para Chicago, onde o vice-presidente fez um comício em uma escola de ensino médio. Na volta para o aeroporto, ele reparou em um estabelecimento chamado Three Brothers Coffee Shop e disse: "Veja só, um restaurante grego. Vamos parar." Então todos os carros da comitiva encostaram e entramos. Bush se comportou de forma bem casual: entrou no

restaurante, experimentou todos os pratos, conversou com clientes, garçons e funcionários da cozinha – achei aquilo maravilhoso. Ao recordar o ocorrido mais tarde foi que me dei conta: "Arnold, sua besta, ele está concorrendo com um cara chamado Dukakis. *É claro* que iria querer parar em um restaurante grego!"

Foi um privilégio poder observar tão de perto uma campanha presidencial, sobretudo apenas 15 dias antes da eleição. Eu nunca havia participado sequer de uma eleição para prefeito, mas agora estava vendo o que o candidato a presidente fazia no avião, quanto tempo dormia, como se preparava para os discursos, como estudava cada questão, como se comunicava e como fazia tudo isso parecer tão natural. Fiquei impressionado ao ver como Bush tinha facilidade para se relacionar, como posava para fotos, conversava com todo mundo e sempre sabia a coisa certa a dizer. E também como conseguia estar sempre bem-disposto para tudo isso. No avião, ele invariavelmente tirava um cochilo de 45 minutos. Como Jimmy Carter certa vez comentou, políticos são especialistas em cochilos. Depois era preciso acordar e se inteirar com rapidez das próximas atividades. A equipe o preparava para que ele tivesse algumas informações sobre o local. Doro, sua filha, sempre o acompanhava para lhe dar apoio moral.

A intensidade era totalmente diferente da de um set de cinema, porque os meios de comunicação estão presentes aonde quer que se vá. Não há espaço para erros. Cada palavra equivocada, cada gesto minimamente estranho são vistos e ampliados até se transformarem em algo imenso. Bush lidava com tudo isso de forma natural.

Já perto do Dia de Ação de Graças, enquanto os republicanos saboreavam a vitória de Bush, nós nos preparávamos para lançar *Irmãos gêmeos.* Eu nunca vira um diretor refinar os detalhes de um filme de maneira tão metódica quanto Ivan Reitman. Ele assistia a sessões de teste, conversava com a plateia e decidia mudar a música-tema ou encurtar determinada cena e exibia o filme outra vez. Então a nota crucial "desejo de assistir" subia dois pontos. Depois ele fazia outra alteração e o número aumentava mais um ponto. Conseguimos fazer a nota do filme subir de 88 para 93, o que, segundo Ivan, era mais alto até do que *Os caça-fantasmas.*

A estreia foi uma convergência muito mais feliz de todos os meus mundos do que a convenção republicana tinha sido. Eunice e Sarge organizaram um grande evento beneficente no John F. Kennedy Center for the Performing Arts, em Washington, centro de artes onde a exibição de *Irmãos gêmeos* iria coroar um festival para promover a Special Olympics. O presidente recém-eleito Bush compareceu com a esposa, Barbara, e também estiveram presentes Teddy Kennedy, o deputado de Massachusetts Joe Kennedy II e outros integrantes dos clãs Kennedy e Shriver. A jornalista e apresentadora de TV Barbara Walters e a âncora de TV Connie Chung marcaram presença, bem como os magnatas Armand Hammer e Donald Trump. Um congestionamento de limusines se formou em frente ao centro, acompanhado por dezenas de equipes de

filmagem e centenas de fãs.

Uma demonstração de ginástica e levantamento de peso de atletas da Special Olympics abriu o evento. Bush então subiu ao palco e elogiou os atletas por sua determinação antes de se virar para mim. "Há vários tipos de coragem", afirmou. "Existe a coragem de meu amigo Arnold Schwarzenegger, que mais de uma vez me acompanhou em campanha por este país... depois voltou para casa e aguentou as broncas da família da própria esposa." A plateia riu.

Na verdade, Eunice e Sarge sempre assistiam aos meus filmes e me ligavam no dia seguinte para dizer o que tinham achado. Por causa das armas e da violência, contudo, nem todos na família Kennedy demonstravam o mesmo entusiasmo. Portanto, Eunice não estava de todo brincando ao dizer: "Finalmente a família inteira pode ir assistir a um dos seus filmes." *Irmãos gêmeos* foi a comédia de maior sucesso da temporada, o que naturalmente me deixou muito feliz, já que era meu primeiro lançamento de Natal e superara todas as expectativas. O fim de semana de estreia, em meados de dezembro, foi ótimo, e daí em diante o sucesso continuou. Em todos os dias entre o Natal e o ano-novo nossa bilheteria chegou a 3 milhões de dólares – ou seja, mais de meio milhão de ingressos eram vendidos por dia. Foi um final feliz para todos os que haviam se arriscado no projeto. Ivan continuou a produzir e dirigir comédias de sucesso, incluindo *Um tira no jardim de infância* e *Júnior*, estrelados por mim. Danny DeVito seguiu expandindo seu talento excepcional: dirigiu filmes como *A guerra dos Roses* e produziu outros, como *Pulp Fiction* e *O nome do jogo*. Para a Universal, *Irmãos gêmeos* fechou com chave de ouro um ano de cinco ou seis sucessos – e Tom Pollock, depois que se aposentou, tornou-se o principal executivo da produtora de Ivan Reitman.

Hollywood é a meca das imitações. Bastou que eu trabalhasse em uma comédia para todos começarem a me mandar roteiros desse tipo, além dos habituais projetos de filme de ação. Mais importante ainda: graças ao nosso contrato inédito com a Universal, acabei ganhando mais dinheiro com *Irmãos gêmeos* do que com qualquer de meus filmes da série *O exterminador do futuro*. Os estúdios não demoraram muito a impor limites. Hoje em dia, ninguém consegue sequer chegar perto de um acordo tão aberto quanto o que tivemos em *Irmãos gêmeos*.

Contando as vendas internacionais, os direitos para VHS etc., o filme já rendeu mais de 35 milhões de dólares só para mim – e continua rendendo, porque os DVDs ainda vendem e o filme continua a ser exibido na TV. Há 25 anos venho tentando convencer a Universal a fazer uma continuação. O projeto se chamaria *Triplets* (Trigêmeos), e Eddie Murphy, uma pessoa que eu adoro e admiro, interpretaria nosso desconhecido irmão mais velho. Recentemente, no Polo Lounge do hotel Beverly Hills, concordamos em acelerar as negociações e *Triplets* está agora encaminhado.

CONFORME MEU SUCESSO AUMENTAVA, Sarge me instigava a fazer mais pelo

bem público. "Arnold", dizia ele, "seus filmes e sua carreira de ator são ótimos. Mas me diga uma coisa: quantas vezes mais você quer fazer perseguições de carro?" Ele não sabia nada sobre o ramo do entretenimento. Em 1978, na estreia de *Superman: O Filme*, Sarge e Eunice organizaram um evento beneficente para a Special Olympics em uma grande tenda montada em sua casa. Sentado à mesa ao lado de Sarge estava ninguém menos que o Superman em pessoa, Christopher Reeve.

– O que você faz? – perguntou-lhe Sarge.

– Estou no filme. Interpreto o Superman.

– Que fantástico! O Superman! – exclamou meu sogro. – Mas sabe de uma coisa? Acho que ter super-homens na vida real é mais interessante.

Parte dele queria ser diplomático e respeitoso, mas outra parte não conseguia entender como alguém era capaz de gastar tantas horas usando fantasia e maquiagem. Sarge nunca lia o caderno de entretenimento dos jornais.

"Quantas pessoas você ajuda quando aparece bonito em um set?", perguntava-me ele. Ficava implicando comigo sobre como eu ficara impressionado com James Earl Jones durante as filmagens de *Conan*. "Você me disse que Jones estava no meio de um monólogo e esqueceu a fala, e contou como ele foi profissional, como manteve a pose e disse: 'A fala, pessoal, sopre a fala para mim.' E a fala seguinte era: 'Eu sou a fonte da qual você brota', e então ele disse: 'Ah, sim... Eu sou a fonte da qual você brota.'"

E continuou: "O que é *importante* para você, afinal? Ser capaz de ficar paralisado no meio de uma cena e esperar que alguém lhe diga a próxima fala? Não seria muito melhor viajar pela África e ensinar as pessoas a cavar poços e cultivar vegetais, ou inspirá-las a plantar?"

Eram dois mundos em colisão, mas eu não discordava totalmente dele. Atuar tinha suas limitações em matéria de realização genuína. Mesmo assim, eu sentia que Sarge estava jogando sujo. Eu estava apenas tentando explicar por que admirava James Earl Jones. Um ano depois, pude dar o troco. Após voltar a exercer a advocacia, meu sogro estava me contando sobre uma viagem com Armand Hammer para fechar negócios no ramo petrolífero na Rússia. Falou de uma noite em que havia saído com especialistas locais.

– Você não imagina como a vodca deles é boa – disse Sarge.

– É isso que você admira de verdade? – indaguei. – É isso que importa na sua vida? Beber a melhor vodca?

– Não, não, não! Nós fechamos um negócio importantíssimo!

– Estou só brincando. Você se lembra da vez em que me perguntou, referindo-se à carreira de ator, se o que importava para mim era ser capaz de ficar totalmente imóvel no meio de uma cena e esperar que alguém me dissesse a próxima fala?

– Está bem, entendi – admitiu Sarge.

O trabalho social era parte importante da conversa na casa de meus sogros. "Arnold, você tem uma personalidade tão incrível", comentavam eles.

"Imagine usar tudo o que Deus lhe deu para estender a mão e incentivar os outros: atletas da Special Olympics, sem-teto, pessoas doentes, veteranos das Forças Armadas... Não faz a menor diferença a causa que você escolher. Com sua energia e sua fama, poderia dar um imenso destaque a qualquer coisa."

Eu já havia embarcado em uma cruzada mundo afora para promover a saúde e a boa forma física entre os jovens. Eu me engajara ainda mais com a Special Olympics: agora era o treinador nacional de musculação dos Estados Unidos, dando seminários e fazendo aparições frequentes por todo o país. Com minha popularidade crescente de astro de cinema, estava pronto para assumir outros compromissos.

"O que mais posso fazer?", perguntei a meus sogros. Eles tiveram várias ideias. Eunice era uma fonte constante de inspiração. A meu ver, as realizações dela eram mais importantes que o trabalho da maioria dos prefeitos, governadores, senadores, até mesmo presidentes. Ela não apenas expandira a Special Olympics para mais de 175 nações como também conseguira mudar o pensamento das pessoas no mundo inteiro. Muitos países consideravam os deficientes mentais um estorvo para a sociedade ou um perigo para si mesmos, indivíduos que deviam ser tratados como párias ou que precisavam ser isolados em instituições especializadas. Eunice usou seu sobrenome e sua influência para libertar esses indivíduos, permitindo-lhes ter vidas normais e os mesmos benefícios sociais dos outros cidadãos. O desafio fora grande, pois os governantes não gostavam de ouvir que estavam fazendo algo errado. Ficavam constrangidos quando Eunice Kennedy Shriver aparecia para colocar em evidência as organizações onde os deficientes mentais ficavam trancafiados. Um a um, porém, os países foram mudando de opinião – até mesmo a China, que em 2007 acabou superando séculos de preconceito social e sediando os Jogos Mundiais Olímpicos Especiais. Foi a maior edição da história do movimento. Oitenta mil pessoas lotaram o estádio na cerimônia de abertura e até o presidente chinês compareceu. Também participei do evento como chefe da delegação americana.

Após a eleição de 1988, eu mandara um recado para o presidente Bush reiterando meu interesse no President's Council on Physical Fitness and Sports. Disse que esperava que ele considerasse o meu nome quando pensasse em outros cargos após montar sua equipe ministerial. Se precisasse de opiniões em relação ao conselho de boa forma, seria um prazer poder compartilhar minha visão. Naturalmente, a equipe de Bush conhecia minha paixão por promover a saúde e a boa forma entre os jovens. Eunice mandou uma carta me recomendando para o cargo e assinalando que eu era "o astro número um" dos Estados Unidos. O presidente respondeu agradecendo por ela ter "recomendado nosso Conan".

Por ora, contudo, minha sogra estava bem mais concentrada na produção de netos. Eunice ficou muito preocupada quando Maria e eu decidimos não ter filhos imediatamente. Já estávamos casados havia mais de três anos e ela vivia perguntando à filha: "Por que vocês não têm filhos?" Maria sempre

respondia: "Eu tenho meu trabalho, ainda não é o momento. E Arnold está ocupado demais. Ele passa o tempo todo no set", e outras coisas do tipo. Esses obstáculos eram reais. Maria havia se tornado uma das principais personalidades da NBC News. Além de ser âncora do *Sunday Today* e do *Main Street*, premiado programa mensal para jovens, ela também apresentava o noticiário do fim de semana e era substituta regular de Tom Brokaw no *NBC Nightly News* e em outros telejornais. Todos esses programas tinham sede em Nova York. No verão de 1988, Maria recebera um Emmy como coâncora pela cobertura da NBC dos Jogos Olímpicos de Seul, na Coreia. Ganhava bem mais de 1 milhão de dólares por ano e viajava o tempo todo – essas não eram exatamente as circunstâncias ideais para que se tornasse mãe.

Eunice, porém, pensava: "Não, deve haver outro motivo. Talvez eles estejam com dificuldade para engravidar." Então começou a pesquisar sobre os efeitos dos esteroides anabolizantes na reprodução masculina. Jamais comentou comigo a respeito, mas mandou para Maria um relatório científico de cinco páginas assinado por um dos médicos ligados à Special Olympics. Pude imaginar exatamente como isso acontecera. Eunice havia feito o que sempre fazia, que era chegar ao escritório e dizer: "Arrumem um especialista para me ajudar com essa questão", ou "Arrumem alguém para escrever este discurso", ou ainda "Liguem para a Casa Branca e passem para mim".

Era um relatório bem completo, escrito especialmente para Maria. O texto explicava que, se você tem uma vida sexual ativa e está tentando engravidar mas não consegue, há muitas razões possíveis, e uma delas pode ser o fato de seu marido ter usado ou abusado de anabolizantes. Seguia-se uma explicação médica dos fatos.

Vi o documento em cima da mesa de Maria por acaso, li e quase morri de tanto rir.

– Sua mãe está fora de controle – comentei.

– É, eu sei – respondeu Maria. Ela também estava rindo. – Dá para acreditar num troço desses? Preciso acalmá-la.

Era típico de Eunice tentar se intrometer na situação. Eu costumava brincar que ela queria ter dormido na cama entre nós dois durante a lua de mel para supervisionar os acontecimentos. Na família Kennedy, isso não era exatamente um exagero: segundo a lenda, quando Eunice e Sarge foram para a França em viagem de núpcias, chegaram ao hotel e depararam com Teddy no saguão. Joe o mandara até lá para lhes servir de acompanhante.

Tirando isso tudo, porém, Maria estava de fato ouvindo o chamado do relógio biológico. Acabara de completar 33 anos, um ano a mais que Eunice quando ela e Sarge tinham tido seu primeiro filho. Em 1989, portanto, decidimos nos apressar e Maria engravidou de Katherine.

Nessa primavera, eu estava outra vez vivendo um herói de ação nas filmagens de *O vingador do futuro*, mas a paternidade nunca me saía por completo da cabeça. Certo dia, quando estava folheando roteiros no trailer, encontrei uma versão preliminar de *Um tira no jardim de infância*. Não

consegui largar o texto – a ideia de um policial durão obrigado a se fazer passar por um professor de jardim de infância me fez morrer de rir. Em Hollywood, as pessoas sempre diziam: "Nunca trabalhe com crianças ou com animais. É muito difícil atuar com eles, e costumam ser tão fofos na tela que acabam roubando a cena." Eu já tivera a experiência com animais no papel de Conan e correra tudo bem. Mas fazia muitos anos que estava interessado em fazer um filme com crianças, e a perspectiva de ser pai me inspirou. Pensei: "Ótimo! Que as crianças roubem a cena! O importante é o produto final fazer sucesso." Liguei para me certificar de que o roteiro estava mesmo disponível. Então perguntei a Ivan Reitman se ele aceitaria tornar a me dirigir. Ambos quisemos fazer mudanças no texto para dar mais ênfase ao aspecto social: eu queria acrescentar o tema da boa forma física e ele queria falar sobre lares desfeitos, abuso de menores e vida em família. Mas nós dois concordamos em tocar o projeto. Como Ivan já estava preparando *Os caça-fantasmas II* para o final de 1989, começamos a planejar *Um tira no jardim de infância* para o Natal de 1990.

A verdadeira vida de um exterminador

QUANDO NOSSA PRIMEIRA FILHA NASCEU, em dezembro de 1989, eu estava no centro cirúrgico com uma câmera de vídeo na mão.

– Não se mexam!

– Mas nós temos que puxar o bebê.

– Não, não, esperem. Só para eu ter certeza de que vou conseguir gravar.

Os profissionais que fazem partos já devem ter visto de tudo na vida...

Maria e eu tínhamos feito todos os preparativos dos pais de primeira viagem. Agendamos uma instrutora do método Lamaze para ir à nossa casa de acordo com a data prevista para o nascimento. Participei de tudo, é claro – o pai precisa participar. Tem que se envolver com a gravidez, o parto, tem que cortar o cordão umbilical e se interessar por todas essas coisas, ao contrário do mundo do meu pai, onde o homem ficava totalmente alheio aos acontecimentos. (Alguém gravou um vídeo no qual eu imitava nossa aula de parto, e ver essas imagens convenceu Ivan Reitman a fazer o filme *Júnior*, no qual interpreto um cientista que engravida durante uma experiência científica.)

O próprio conceito do método de parto Lamaze parecia horripilante tanto para minha mãe quanto para Eunice.

"Você fica lá embaixo ajudando a puxar o bebê?", perguntou minha mãe. "Vai filmar a vagina dela? Desculpe, mas isso é demais para mim."

A reação de Eunice foi mais ou menos a mesma. "Que bom, se for isso que Maria quer. No meu caso, pedi que eles me dessem uma injeção e me apagassem. Sarge só pôde entrar no quarto depois de três dias. Quando entrou, eu estava parecendo uma princesa, e a única coisa diferente era o bebê."

Senti uma alegria quase inacreditável ao presenciar o parto de Katherine. Pensei: "Caramba! Minha primeira filha!" O interessante na mente humana é isto: conseguir sentir tamanha emoção com algo que bilhões de pessoas já fizeram ao longo da história. É claro que assumi imediatamente o controle da situação – ajudei a enfermeira a limpar a neném, levei-a para ser pesada, cobri sua cabecinha com um gorro para ela não sentir frio, pus a fralda e a roupinha,

tudo isso enquanto fazia incontáveis fotos e vídeos, é claro. Maria chorava de tanta alegria, e fiquei ao seu lado enquanto ela repousava. Algum tempo depois, a enfermeira apareceu e explicou a Maria como amamentar. Sempre que eu ouvia algum cara dizer que tinha chorado ao ver o filho nascer, pensava: "Que bobagem." Mas, quando fui para casa e liguei para meus amigos avisando que Katherine tinha nascido, fiz a mesma coisa.

Os pais de Maria estavam em Washington e minha mãe, na Áustria. "Só vamos aparecer quando formos convidados. Vocês precisam curtir esse momento a sós", disseram meus sogros. Talvez Maria tivesse lhes pedido para falar isso, não sei. No entanto, ainda que Eunice definitivamente não fosse muito chegada a partos, Maria era sua única filha e no dia seguinte ela foi nos visitar. Não me importei – já tínhamos tido nosso momento de privacidade. Maria sentia que aquela menininha era a primeira coisa importante que tínhamos feito sozinhos, sem a interferência de sua mãe. Ela adorou quando fomos só os dois para o hospital.

Na noite seguinte, quando tivemos alta, havia uma dezena de paparazzi tirando fotos do outro lado do estacionamento, mas levamos Katherine para casa e então o processo de adaptação começou. Porque, quando um filho nasce, a vida do casal muda para sempre. Mesmo depois que os filhos saem de casa, você ainda se sente responsável por eles. Agora eu tinha outras pessoas de quem precisava cuidar: Maria, minha mãe, Katherine e outros filhos ainda por vir. Como vinha de uma família de cinco filhos, Maria sempre quisera ter cinco. Já eu, que tivera apenas um irmão, preferia ter dois. Pensei que acabaríamos chegando a um meio-termo.

Quando voltamos para casa e Sarge e Eunice chegaram de Washington, no dia seguinte, tentamos organizar os intervalos das mamadas, das trocas de fralda, e como devia ser a decoração do quarto. Uma babá logo passou a viver na nossa casa, e senti minha importância escorrer pelo ralo. Os cuidados com a neném passaram a ser um diálogo entre a babá e Maria. No início não dei muita atenção ao fato, mas depois li algo sobre "restrição de acesso" e vi uma matéria a respeito na TV. Pensei: "É exatamente isso que está acontecendo comigo! Estou sendo excluído, não consigo fazer nada direito, todo mundo vive com medo de eu segurar o bebê do jeito errado." Decidi que eu precisava superar tudo isso e me divertir mais com a situação.

Devo ter lido isso em alguma revista no consultório de um médico, porque em geral não costumava comprar livros ou revistas sobre cuidados com recém-nascidos. Eu achava que, como nada disso existia na Idade da Pedra e ainda assim qualquer bobalhão cuidava de bebês, não havia o que pudesse dar errado. Contanto que você dê amor e carinho à criança, acaba acertando, como em todas as outras coisas que adora fazer. Os cuidados com os bebês estão programados no cérebro de um humano. Muitas vezes, em aviões, fui surpreendido pelo chorinho de um bebê 20 fileiras atrás de mim. Apesar da distância, sempre consegui ouvir, por mais baixo que fosse.

Na verdade, eu me sentia um cara de sorte, pois Maria era sensacional como

mãe, e isso não é algo que se possa saber de antemão sobre alguém. Apesar da restrição de acesso, eu admirava o seu controle total da situação. Não precisava me preocupar com nada. Maria tinha instinto, era bem informada, havia lido uma quantidade suficiente de livros e acompanhava de perto o trabalho da babá – não havia deficiência nenhuma nesse quesito, fato que eu podia constatar mesmo sem ter participação tão ativa.

Ainda assim, decidi que a restrição de acesso não tornaria a acontecer. Um ano e meio depois, em julho de 1991, quando tivemos Christina, bati o pé desde o primeiro dia. Não disse nada do tipo "Não, vocês não podem mais me obrigar a sair do quarto". Em vez disso, à noite, quando íamos nos deitar, assim que Maria terminava de amamentar eu pegava minha filha e a punha em cima do meu peito. Ela ficava com as pernas e os braços bem abertos e as mãos e os pés dependurados. Não sei quem tinha me dito para fazer isso. Foi algum cara que falou:

– Sempre ponho meu bebê em cima do meu peito.

– E como consegue dormir desse jeito? – perguntei a ele.

– Sei lá. De algum jeito, funciona. Não faço a menor ideia. Vai ver nem tive um sono muito profundo, mas tudo bem, porque foi pelo bebê.

Pensei: "É isso! Vou fazer a mesma coisa." Descobri que, com Christina em meu peito, eu conseguia dormir, mas não era um sono tão profundo a ponto de eu me virar e rolar por cima dela. A natureza havia criado esse meio de proteção. Eu estava lá deitado, dormindo, e de repente eu a ouvia fazer barulhinhos de que estava acordando. Eu olhava para o relógio e via que quatro horas tinham se passado. Era exatamente como a enfermeira do hospital tinha dito: "Ela vai ter que mamar a cada quatro ou cinco horas." Eu então a passava para Maria, que a amamentava, e depois a pegava de volta para mais algumas horas de sono.

Também passei a dominar muito melhor a questão das fraldas. Comecei a trocá-las desde o início e disse às mulheres: "Gente, eu fui um fracasso com Katherine porque, de cada 100 fraldas que Maria trocava, eu só trocava uma. Não é justo nem com a neném, nem com vocês, nem comigo. Desta vez quero participar mais." Eu simplesmente fechava a porta e, caso elas tentassem interferir, passava a chave.

Assim, fui chegando e pronto, fiz tudo o que havia para fazer. Em uma ou duas semanas, cheguei a um estágio em que, quando minha filha chorava, eu tinha permissão para subir ao quarto dela e trocar sua fralda sem ninguém ir atrás de mim.

"Que avanço enorme", pensei. Sentia-me no paraíso sozinho ali no quarto, olhando para aquela menininha e trocando sua fralda sem ninguém espiando por cima do meu ombro. Isso acalmava Christina, que de repente voltava a dormir, e eu pensava: "Fui eu que fiz isso!" Era um sentimento de realização completo, uma grande alegria por poder participar.

Com nosso terceiro filho, porém, foi tudo uma batalha outra vez, porque Patrick era o primeiro menino. Tinha que ser tratado de forma diferente,

"como um menino", seja lá o que isso signifique. Ficamos ambos radiantes, mas eu não esperava que Maria ficasse *tão* radiante assim com o fato de o bebê ser menino. Ela fazia mesmo questão de ser *a* influência mais importante na criação dele. Assim, mais uma vez, foi bem difícil dividir as tarefas no início, mas nós conseguimos. E em 1997, quando nosso segundo menino, Christopher, nasceu, soubemos equilibrar muito bem as coisas. Quando você tem um menino, em vez de comprar Barbies você de repente começa a se interessar por caminhões e controles remotos, carrinhos e tanques. Compra blocos de construção e monta castelos e locomotivas. Depois eles passam a querer brincar com facas, e mais tarde aprendem a atirar com pistolas, espingardas e fuzis de brinquedo. Tudo isso me deixava muito feliz.

O NASCIMENTO DE NOSSAS FILHAS COINCIDIU com o momento em que minha carreira no cinema alcançou a estratosfera. No Natal de 1990, algumas semanas depois que Katherine completou 1 ano, a revista *Time* me pôs na capa como o maior astro de Hollywood e disse que eu era, "aos 43 anos, o mais poderoso símbolo da preponderância mundial da indústria americana do entretenimento". *Um tira no jardim de infância* havia estreado nos cinemas nesse fim de ano e já era um grande sucesso.

Mas eu tinha um projeto ainda maior em andamento: *O exterminador do futuro 2 – O julgamento final*.

Sete anos haviam se passado desde que *O exterminador do futuro* alavancara nossas carreiras, e Jim Cameron e eu sempre tivéramos a ideia de fazer uma continuação. Desde então, ele dirigira dois sucessos – *Aliens, o resgate* e *O abismo* – e em 1990 finalmente conseguiu os direitos e a primeira parte do financiamento para *O exterminador do futuro 2*. Ainda assim, fiquei um pouco espantado quando ele me chamou para conversar em um restaurante e disse o que tinha em mente para meu personagem.

– Como é possível o Exterminador não matar ninguém? – estranhei. – Ele é um exterminador! É isto que as pessoas querem: me ver chutando portas e metralhando todo mundo.

Desconfiei de que o estúdio estivesse dando para trás e tentando transformar o Exterminador no personagem de um filme com censura 12 anos. Isso havia destruído o personagem de Conan, e eu não queria ver a história se repetir.

– Não é nada disso – falou Jim. – Você continua muito perigoso e violento. Só que dessa vez o Exterminador volta quando John Connor é criança e está programado para protegê-lo. Ele não é mais o vilão da história. O vilão é um Exterminador novo, menor e ainda mais assustador, o T-1000, programado para matar o garoto. E o seu Exterminador precisa impedir.

Ainda havia carnificina, mas agora quem matava era o T-1000. Assim que entendi que o filme continuaria a ter censura de 16 anos, relaxei.

Enquanto *O exterminador do futuro 2* começava a tomar forma, meus outros negócios prosperavam. Eu usara um pouco do dinheiro ganho com os filmes

como capital para expandir minha atuação no mercado imobiliário. Tinha agora três prédios residenciais de tamanho razoável em Los Angeles, com mais de 200 apartamentos no total, além do quarteirão em Denver no qual Al Ehringer e eu estávamos construindo salas comerciais, restaurantes e lojas. Nossa aposta no lado mais abandonado de Santa Monica também rendera frutos: o número 3.110 da Main Street era agora um bem-sucedido complexo de escritórios e lojas, e o bairro havia entrado na moda. Nosso primeiro grupo de inquilinos – empresas sem graça como um banco, uma corretora de seguros e uma agência imobiliária – dera lugar a produtores, diretores e profissionais do entretenimento. No segundo andar ficava o escritório de Johnny Carson, e eu dividia o terceiro com Oliver Stone. "Por que não fico com a área à esquerda dos elevadores e você com a da direita?", sugeriu ele. "Assim refletimos nosso posicionamento político." Achei graça e concordei, e até hoje meu escritório continua no mesmo lugar. Um pouco depois, o astro do time de basquete Los Angeles Lakers Shaquille O'Neal se mudou para o prédio, e depois dele vieram outros produtores e empresários do esporte.

Eu também estava começando um enorme projeto de trabalho social. Bem pouco tempo depois de Katherine nascer, recebi a ligação da Casa Branca que estava esperando. "O presidente gostaria que o senhor assumisse o President's Council on Physical Fitness and Sports", notificou-me o representante, todo formal. "Ele disse que quer que o senhor faça exatamente o que sugeriu durante a campanha: que coloque de novo a boa forma física para todos entre as preocupações nacionais", acrescentou. Ser nomeado "tsar presidencial da boa forma", como os meios de comunicação passaram a me chamar, foi o desdobramento da minha carreira que mais me trouxe satisfação. Eu considerava o cargo parte da cruzada que iniciara décadas antes, ao promover o fisiculturismo como plataforma para a boa forma e a saúde. Além disso, ao trabalhar com a Special Olympics, eu estava vendendo a ideia do esporte e da boa forma para todos, não apenas para os atletas. Tinha sido por isso que pedira o cargo ao presidente Bush de forma tão enfática. Havia muita coisa que eu poderia fazer nessa função. A Casa Branca sempre cometera o erro de escolher para o trabalho grandes nomes do esporte, mas não necessariamente com habilidade para desempenhar o papel. A pessoa selecionada devia ser um atleta ou um ídolo, sim, mas alguém que pusesse a mão na massa, não que ficasse apenas sentado no trono. Eu tinha uma visão clara do que precisava ser feito. A essa altura, também já estava viciado no trabalho social, sobretudo com as crianças. Não tinha mais nada a ver com fama.

A notícia foi quase tão gratificante para minha sogra quanto para mim. Eunice tinha escrito pessoalmente a Bush para recomendar meu nome – ela defendia com paixão a causa da boa forma física, não apenas por ter um cargo de liderança na Special Olympics, mas também porque o mais forte defensor presidencial da boa forma desde Teddy Roosevelt fora seu irmão JFK. Quando liguei para agradecer, ela perguntou na mesma hora:

– Como eles estão pensando em anunciar a nomeação?

– Não sei – respondi. – O que você sugere?

– Em primeiro lugar, eu organizaria um encontro seu com o presidente no Salão Oval. Mandaria tirar uma foto e a divulgaria ao público. Depois disso, acho que você e o presidente deveriam sair da Casa Branca juntos para falar com a imprensa. Você deve estar preparado para explicar qual será sua contribuição e sua missão como líder do conselho. É necessário sempre ter uma missão e um motivo que façam de você a escolha certa.

Eunice tinha a genialidade política típica dos Kennedy. Sabia que uma nomeação daquele nível em geral não era considerada suficientemente importante para justificar uma coletiva de imprensa. O presidente tem vários tipos de conselho: o Conselho de Consultores Econômicos, os conselhos de saúde, de drogas, de geração de empregos, etc. Na maior parte das vezes, para uma nomeação como a minha, a assessoria de imprensa da Casa Branca simplesmente daria uma declaração do tipo: "O presidente Bush anunciou hoje a escolha de Arnold Schwarzenegger como chefe do President's Council on Physical Fitness and Sports." Em seguida viria uma árdua batalha para conquistar qualquer atenção. Mas, se a imprensa o vir sair do Salão Oval ao lado do presidente, você conquista respeito.

Bush revelou-se um defensor convicto da nossa causa – mandou sua equipe organizar o anúncio da nomeação para me fazer parecer importante. Foi tudo bastante parecido com o que Eunice havia imaginado. Fui até a frente da Casa Branca, onde os jornalistas estavam reunidos. Falei sobre ter sido escolhido, sobre o encontro no Salão Oval, sobre meu entusiasmo e minha visão, e sobre qual seria minha missão no cargo.

O desafio de ser o tsar da boa forma realmente me deixou animado. Algumas semanas depois, quando tornei a encontrar o presidente em Camp David, Maryland, já tinha feito meu dever de casa. Queria revitalizar e ampliar todos os eventos de esporte e boa forma física promovidos por JFK. Perguntara a Sarge e Eunice o que eles achavam que eu poderia fazer no cargo. Meus sogros tinham acompanhado de perto o governo JFK – qual era a visão dele? Por que ele promovia eventos em prol da boa forma no gramado em frente à Casa Branca? Anotei tudo o que eles disseram. Tive reuniões com o Departamento de Saúde e Serviços Humanos, com o Departamento de Agricultura e com representantes da Casa Branca. Foi assim que comecei a estabelecer meus objetivos. Também falei com especialistas como John Cates, da Universidade da Califórnia em San Diego, responsável pela implementação dos primeiros acampamentos de boa forma para jovens do país. Assim, consegui preparar uma proposta de trabalho detalhada.

– O conselho pensa pequeno – falei para o presidente Bush. – Precisamos mudar isso.

Descrevi como iria agitar as coisas na capital para fazer os departamentos responsáveis por saúde, educação e nutrição agirem em conjunto em uma campanha nacional em defesa da boa forma. Também tornaríamos a questão muito mais visível na Casa Branca.

– Que tal fazermos uma demonstração pública de atividades físicas no gramado da Casa Branca nesta primavera? – sugeri.

Esbocei como essa ideia iria funcionar: montaríamos estações de golfe, tênis, ginástica aeróbica, musculação, beisebol, escalada em corda e outros exercícios que uma pessoa normal pudesse fazer. Convidaríamos instrutores, atletas, pais, avós e crianças, além da imprensa nacional, sobretudo os programas matinais.

– Vamos fazer todo mundo participar – falei. – Então Barbara e o senhor podem aparecer para dar o exemplo e experimentar algumas atividades. Vai ser uma celebração, como o 4 de Julho, para mostrar quanto é divertido fazer exercícios.

O presidente ficou muito animado.

– Na segunda-feira, quando voltarmos para Washington, quero que você faça uma reunião com a equipe da Casa Branca para começar a organizar tudo.

Também propus revitalizar o programa de premiação presidencial: os certificados e as medalhas de boa forma que JFK costumava entregar.

– As pessoas tinham muito orgulho dessas condecorações – falei. – Elas geravam campeonatos nas escolas, e é assim que vamos conseguir a participação das crianças no movimento. – Essa ideia também lhe agradou.

Expliquei que minha missão seria viajar pelo país promovendo a causa. Depois de pesquisar sobre a situação real dos cuidados com o corpo nos Estados Unidos, eu percebera que teria que agir tanto no âmbito estadual quanto no local. Alguns estados tinham um conselho de boa forma, outros não. Alguns tinham programas de abrangência estadual, enquanto outros deixavam o assunto a cargo dos governos locais e das escolas. Só havia um estado que exigia a prática diária de atividade física nas escolas, do jardim de infância até o final do ensino médio. Eu tinha plena convicção de que precisava transmitir a todos os 50 estados a mensagem de que a boa forma era uma prioridade nacional.

– Você vai visitar todos os 50 estados? – indagou o presidente.

– O senhor vai ver só – respondi. – Adoro viajar, conhecer gente e vender. É o que eu sei fazer melhor.

Cerca de 15 representantes do governo participaram da primeira reunião de planejamento do Great American Workout, uma feira de ginástica, na Casa Branca. Nenhum deles concordou com a proposta. O cara do departamento que cuida dos parques disse não porque um número muito grande de pessoas iria estragar o gramado. O responsável pela segurança do público falou: "Faz muito calor em Washington em maio. As pessoas vão desmaiar, vão precisar de água e comida, e nosso orçamento não comporta isso." O sujeito do Serviço Secreto falou: "Não podemos nos responsabilizar por tanta gente assim se o presidente for passar de estande em estande. É arriscado demais."

Depois da reunião, comentei com Jim Pinkerton, o consultor de políticas públicas da Casa Branca com quem vinha trabalhando, que aquela tinha sido a pior reunião da minha vida. "Vou falar isso para o presidente, e o senhor

deveria fazer o mesmo", sugeriu ele.

Alguns dias depois, encontrei Bush e lhe contei a reação dos funcionários. "Ah, isso é típico do governo", disse ele, rindo. "Sempre começa assim. Mas não desanime. Deixe comigo, vou falar com eles."

Na reunião de planejamento seguinte, todos disseram: "É uma ótima ideia. Encontramos um jeito de contornar os problemas. Vai ser bem complicado, mas o presidente faz questão."

Então, no dia 1º de maio de 1990, uma terça-feira, precisamente às 7h19, o presidente e a primeira-dama passaram pelas portas da Casa Branca para participar do primeiro Great American Workout anual. Dois mil visitantes já ocupavam o Gramado Sul, entretidos com as atividades que havíamos montado: dança aeróbica, aparelhos de musculação, lançamento de ferradura, cestas de basquete, futebol e brincadeiras com bola. As câmeras acompanhavam o casal Bush de atividade em atividade. Tínhamos criado um espetáculo que deixaria até mesmo JFK impressionado e que conseguia deixar claros ao mesmo tempo a importância e o prazer da prática de exercícios físicos.

Na véspera, tínhamos feito um ensaio geral. Não pensei muito a respeito na ocasião, mas assistir aos preparativos me fez aprender coisas que viria a usar mais tarde em minhas próprias campanhas. Pude observar em primeira mão o planejamento e a montagem de um evento para a imprensa: do que se quer que os jornalistas participem, do que *não se quer* que participem, quando e como eles devem ser convidados etc. O Great American Workout durou oficialmente das sete às nove da manhã. Aprendi que o presidente apareceu às 7h19 justamente por ser esse o horário de pico de audiência dos programas *Today* e *Good Morning America*. Até então, eu já tinha feito dezenas de participações em programas matinais na TV sem jamais prestar atenção ao horário previsto para minha entrada no ar. Daí em diante, porém, sempre insisti em aparecer em algum momento por volta das 7h30.

POUCO DEPOIS DO GREAT WORKOUT, tirei uma folga do papel de tsar da boa forma para ir a Cannes. Minha principal missão era promover *O vingador do futuro*, cujo lançamento estava marcado para aquele mês de junho. Durante a viagem, porém, a bordo do jatinho da Carolco Pictures, a produtora do filme, o único assunto das conversas era *O exterminador do futuro 2*. Jim Cameron acabara de concluir o trabalho com seu corroteirista e prometera levar o roteiro pronto para que todos pudessem ler. Ele distribuiu as cópias logo depois da decolagem. Quando o avião pousou, já tínhamos terminado e estávamos animadíssimos com o potencial e a sofisticação tecnológica da história. Eu sabia que *O exterminador do futuro 2* não seria uma continuação qualquer: Cameron acredita muito em surpreender o público, e eu tinha certeza de que o novo filme seria tão incrível e inesperado quanto o original. Mas aquele roteiro me deixou de queixo caído. Fiz várias perguntas sobre o T-1000, vilão multiforme que meu personagem teria que enfrentar – eu não

conseguia sequer imaginar uma máquina feita de liga de metal líquido. Foi então que entendi que os conhecimentos científicos de Cameron e sua familiaridade com o mundo futurista eram fora de série. Quando chegamos a Cannes, os distribuidores estrangeiros ficaram loucos pelo roteiro e mal puderam esperar para assinar os contratos. Ninguém deu a menor bola para o fato de que a produção do filme iria custar 70 milhões de dólares – mais de 10 vezes o orçamento do primeiro. Todos sabiam que seria um enorme sucesso.

Desde o início, *O exterminador do futuro 2* estava programado para ser bem mais ambicioso que o original. Além de seu orçamento gigantesco, ele levou oito meses para ser filmado, em vez de seis semanas. Foi uma corrida contra o tempo: para cumprir os compromissos financeiros, o filme precisava estar pronto para o verão de 1991. A pré-produção foi tão complicada que as filmagens só puderam começar em outubro de 1990, e quando a produção terminou, em maio de 1991, a película já havia se tornado o projeto cinematográfico mais caro da história: 94 milhões de dólares.

"Sempre que começo um filme, tenho a fantasia de que vai ser uma grande família, de que vamos todos nos divertir e compartilhar vários momentos maravilhosos e criativos", disse Cameron a um jornalista. "Mas fazer um filme não é isso. É uma luta." Dessa vez, o que tornava meu papel um desafio de interpretação era que, conforme a trama avançava, o Exterminador começava a adotar padrões de comportamento humanos. Fazer o personagem de uma máquina evoluir era um exemplo típico da genialidade de Cameron. O menino diz ao Exterminador: "Prometa para mim que não vai mais matar", e o manda falar menos como um pateta e mais como uma pessoa. Então o papel exige que eu deixe de ser uma máquina de matar e me torne algo que tenta ser humano, mas nem sempre consegue. Na primeira vez que o garoto faz o meu personagem dizer "*Hasta la vista, baby*", ele não soa muito convincente. O Exterminador vai se humanizando aos poucos, mas só até certo ponto. Continua muito perigoso e com grande poder de destruição. No entanto, em comparação com o T-1000, não há dúvida de que o bonzinho é ele.

Filmamos as cenas fora de ordem, de modo que sempre tínhamos que avaliar o grau certo de humanidade que o Exterminador deveria demonstrar naquele estágio da trama. Passei as primeiras semanas perguntando sem parar a Jim: "Está humano de mais ou de menos?"

No quesito efeitos especiais, *O exterminador do futuro 2* trouxe possibilidades inteiramente novas. O T-1000 é de metal líquido e tem a capacidade de se metamorfosear bem diante dos seus olhos e assumir a forma de qualquer pessoa ou objeto que toque. Foi a equipe de computação gráfica que teve que enfrentar esse desafio, mas o filme também exigiu um trabalho hercúleo dos atores e dublês. Cameron pressionava o irmão, Mike, responsável pela criação de adereços e pelas cenas de ação, que por sua vez tentava se superar e repassava a pressão para nós.

Começamos a ensaiar as cenas de ação meses antes de filmar. Na espetacular sequência de perseguição nos canais de drenagem de Los Angeles, o

Exterminador tem que atirar com uma só mão usando uma espingarda calibre 10 de cano serrado ao mesmo tempo que pilota uma Harley. Ele precisa sacar a arma, mirar, disparar, girá-la para recarregar, atirar outra vez e assim por diante. No roteiro, tudo parecia incrível e executável – era apenas uma questão de ensaiar sem parar. Mas a preparação foi um calvário de dor e desconforto. Eu não podia usar uma luva, porque ela ficaria presa no mecanismo da espingarda, e feri a pele da mão e dos dedos ao longo das 100 vezes que treinei até aprender o movimento. Depois tive que aprender a executar o movimento ao mesmo tempo que pilotava a Harley. A seguir precisei fazer as duas coisas enquanto interpretava o personagem. Quando se está pilotando uma moto, é difícil olhar para a frente e para onde o diretor quer que você olhe. Em uma das cenas, eu tinha que empinar a roda dianteira da moto em movimento até quase tocar a lente da câmera, que estava montada em um caminhão à minha frente. Simultaneamente, precisava atirar e não olhar para baixo. Se meu olhar começasse a se desviar para qualquer lado, estragaria a tomada.

Eu também tinha que chegar de moto a um portão fechado por uma corrente e explodir o cadeado com um tiro antes de passar derrubando tudo. Levei semanas treinando para essa cena, primeiro só com a espingarda, depois com a moto, e finalmente para conseguir fazer tudo isso com tranquilidade. Fiz a decolagem de um salto espetacular com a moto para dentro do leito seco do canal. Os dois outros protagonistas adultos – Linda Hamilton no papel de Sarah Connor e Robert Patrick como T-1000 – também tiveram que dar duro. Para parecer convincente na pele de uma guerreira sobrevivente, Linda passou por uma preparação física de muitos meses, três vezes ao dia. As cenas de ação eram tão grandiosas que exigiram que suássemos a camisa bem mais que no primeiro filme da série.

De tantas em tantas semanas, nos intervalos das filmagens, eu me metamorfoseava de Exterminador em tsar da boa forma do presidente Bush. O cargo e minha amizade com o presidente logo passaram a ocupar uma grande parte da minha vida. O cachê que recebi pela participação no filme incluiu um jatinho Gulfstream III, perfeito para percorrer o país. Meu plano era ir a todos os 50 estados americanos durante o primeiro mandato de Bush. Tinha três anos para fazer isso. Peguei um mapa e verifiquei quais estados ficavam próximos uns dos outros. Minha ideia era agrupá-los e, sempre que tivesse alguns dias livres de filmagens e outros compromissos, visitar de quatro a seis por vez – deixando uma margem para improvisações, é claro, pois os governadores nem sempre estavam disponíveis ao mesmo tempo que eu. Muitas vezes, quando tinha outros assuntos para resolver – algum seminário, um campeonato em Columbus ou férias no Havaí –, eu organizava uma visita aos estados próximos.

Nos encontros com os governadores, eu sempre lhes garantia que aquilo não era uma questão política, mas apenas algo ligado à boa forma física e aos esportes. Muitos deles achavam difícil entender isso. "O Exterminador veio da Casa Branca republicana para me denunciar como alguém que não dá atenção

suficiente às crianças", pensavam, com medo de que eu chegasse como um rolo compressor e criasse uma situação constrangedora para eles. No entanto, sempre deixei bem claro, desde o início, que a intenção não era essa. Eu não estava pregando uma filosofia republicana, mas uma filosofia da boa forma. A notícia se espalhou e de repente os governadores começaram a ficar mais à vontade. Passei a ser bem recebido e todos embarcaram na cruzada em prol da boa forma.

Ver de perto como funcionam os governos estaduais e locais foi um aprendizado imenso, inestimável. Nunca tinha testemunhado tantos defensores da boa forma surgirem da noite para o dia. Percebi que podíamos visitar dois estados por vez. Em geral, eu tomava o café da manhã com o governador ou governadora e então conversava com ele ou ela sobre estratégias para melhorar a forma física da população do estado. Como cada lugar tinha suas particularidades, precisei estudar. Então íamos a uma escola e fazíamos uma aula de educação física junto com os alunos. Depois dávamos uma coletiva de imprensa. Em alguns estados, essas coletivas foram enormes: um ginásio inteiro lotado de pais e alunos nos acolhia ao som da banda da escola. Eu sempre dava de presente ao governador do estado um casaco esportivo feito sob medida por Tony Nowak com o logo do President's Council, ajudava-o a vesti-lo e ele então tirava uma foto rodeado de crianças.

O último passo era sempre uma "cúpula da boa forma", para a qual convidávamos representantes do Departamento de Educação e do Departamento de Saúde e Serviços Humanos, a equipe do governador, funcionários de escolas, donos de academias, representantes da Associação Cristã de Moços, da American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance (Aliança Americana para a Saúde, Educação Física, Recreação e Dança) e assim por diante. Em geral lotávamos uma sala de reuniões com 50 a 100 pessoas. Falávamos sobre como era importante que as crianças estivessem em forma e sobre os riscos que a falta de exercícios acarretava à saúde. Os convidados da cúpula, então, faziam sugestões sobre como poderíamos trabalhar juntos e, finalmente, tornávamos a embarcar no avião, seguíamos para outro estado e repetíamos exatamente a mesma rotina depois do almoço.

Mais tarde, percebi que esse processo era bem semelhante a uma viagem de campanha política. A agenda é apertada: você tem que chegar pontualmente, fazer o discurso, animar todo mundo. A banda escolar o recebe, os políticos do estado aparecem para angariar apoio. Depois de ser tsar da boa forma, candidatar-me a governador da Califórnia me pareceu um *déjà-vu*.

Um detalhe interessante foi que ninguém jamais questionou o fato de eu usar meu próprio avião. Se alguém perguntasse "Quem está pagando por isso, o governo?", seria bom poder responder: "Não, quem está pagando por tudo sou eu. Inclusive o material impresso. Não estou fazendo isso por dinheiro, mas para retribuir de alguma forma o bem que eu recebo. Meu talento é a boa forma física, então essa é uma área em que posso ser útil." A sensação de estar

repetindo as palavras de Sarge era incrível.

Essas cúpulas da boa forma funcionaram para mim como um curso intensivo de política. Na Califórnia, quando estimulei os participantes da reunião a dar mais ênfase à educação física nas escolas, eles pularam no meu pescoço.

– Bom, então diga a nosso governador para investir mais na educação, aí vamos poder contratar professores de educação física.

– Mas nós estamos em recessão e, até onde sei, nosso estado está arrecadando menos, ou seja, o governador não tem dinheiro para isso.

– Então ele deveria realocar recursos de outros programas. É para as crianças que estamos fazendo isso.

– Se não há dinheiro, por que não procuramos instituições como a Associação Cristã de Moços ou alguma das academias da região para ver se elas podem ceder instrutores para ajudar?

– Ah! Quer dizer que as escolas usariam voluntários em vez de professores? Essa é boa. Quer saber, Arnold? Se você tivesse lido a Constituição do nosso estado, saberia que é ilegal preencher uma vaga de professor com um voluntário.

Eu estava batendo de frente com o tabu dos sindicatos de professores contra voluntários nas escolas. Presenciar esse tipo de atitude foi uma verdadeira revelação. Apesar do que eles diziam, a questão não eram as crianças, e sim abrir mais vagas para professores. É claro que eu entendia o papel dos sindicatos: brigar pela classe.

De todos os governadores, o que mais me impressionou foi Mario Cuomo. Nova York deve ter sido o 10o estado que visitei. Antes de conhecer Cuomo, eu na verdade não gostava muito dele, pelo modo como ele atacou Reagan no discurso inaugural da convenção do Partido Democrata em 1984: "Sr. Presidente", dissera ele, "o senhor deveria saber que este país está mais para 'conto de duas cidades' do que para 'radiante cidade no alto da colina'", referindo-se ao modo como Reagan costumava aludir aos Estados Unidos. No entanto, quando o conheci e começamos a conversar sobre boa forma, ele se mostrou interessado e elogioso, dando-me conselhos valiosos. Disse, por exemplo: "Você precisa falar mais sobre a saúde das crianças, e precisa falar sobre custos. Isso é muito, muito, muito importante. Trate da crise catastrófica de saúde que a falta de exercícios vai acarretar e do custo que as crianças que não se exercitam vão gerar para o contribuinte." Ele demonstrou grande apoio ao que eu já tinha feito. Pude ver por que Cuomo era tão querido em seu estado e por que era um grande líder.

Ele então falou com os jornalistas e preparou um grande discurso sobre como era incrível eu percorrer os Estados Unidos e usar meu próprio dinheiro para fazer tudo de forma voluntária. "Trabalho social é isso", afirmou. Pensei: "Ele sabe que eu sou republicano e que represento um presidente republicano. Quanta classe e quanta generosidade se esforçar tanto assim..." Mais do que isso: na minha opinião, Cuomo tinha razão. Como ainda faltavam 40 estados

para visitar, pude incorporar suas sugestões à minha mensagem.

Minha relação com o presidente Bush fora calorosa desde o nosso primeiro encontro, durante o governo Reagan. Fiquei honrado quando ele me convidou para assistir à sua posse e para apresentá-lo em alguns dos eventos paralelos – embora deva admitir que sempre me sentia pouco à vontade quando fazia isso. Havia muitas pessoas que talvez tivessem feito mais jus a essa honra. Lembro-me particularmente de uma comemoração do Dia de Martin Luther King, com muitos afro-americanos na plateia e diversos oradores afro-americanos. Se eu fosse um espectador e me visse lá em cima, teria pensado: "Por que é *ele* que vai apresentar o presidente?" Mas Bush era assim. Não ligava para nada disso. Se você tivesse talento e lhe fizesse um favor, ou se ele gostasse de você, passava a apoiá-lo, fizesse isso sentido ou não. Era um tipo diferente de homem, um amor de pessoa. Tanto ele quanto Barbara sempre se mostravam corteses e gentis. A cada coisa que eu fazia por eles, o presidente me mandava um agradecimento de próprio punho, ou então me dava um telefonema.

Depois que ele me escolheu para assumir o President's Council, ficamos bem próximos. Sempre que estava em Washington, eu ia à Casa Branca visitá-lo. Nossa relação era assim, sem hora marcada. No início de seu mandato, o chefe de gabinete da Casa Branca era John Sununu, e também sempre fui bem recebido por ele. Sununu nunca disse "O chefe agora está ocupado, volte amanhã" ou coisas do tipo.

Tivemos a honra de ser convidados muitas vezes para ir a Camp David com o presidente e a primeira-dama. A Casa Branca pode ser muito claustrofóbica, e os dois adoravam dar uma fugida nos fins de semana, embora o presidente sempre levasse trabalho para fazer. Eu ia com eles no helicóptero ou os encontrava lá. Íamos juntos a restaurantes próximos e aos domingos assistíamos à missa. Naturalmente, o presidente Bush adorava atividades físicas e jogos.

Certa vez, um jornalista lhe perguntou:

– Sr. Presidente, Arnold lhe ensinou algum exercício?

Bush riu e respondeu:

– Ah, nós sempre nos exercitamos juntos quando ele está em Camp David. Ele me ensina musculação e eu lhe ensino paredebol.

– Paredebol? Voleibol, o senhor quer dizer?

– Não, não, paredebol mesmo.

– Que esporte é esse?

– Temos uma quadra coberta para jogar voleibol e regras especiais que permitem que a bola quique na parede. Arnold já jogou várias vezes, está ficando craque.

O presidente e eu jogávamos boliche, praticávamos lançamento de ferradura, nadávamos e fazíamos musculação juntos. Cheguei a praticar tiro esportivo com ele! (Quando é que o Serviço Secreto deixaria alguém andar armado na companhia do presidente?) Em um fim de semana de neve no início de 1991, justo quando Katherine estava aprendendo a andar, nós três

fizemos uma visita aos Bush e fomos andar de tobogã. Infelizmente, eu não sabia muita coisa sobre tobogãs. Ao contrário dos trenós, que podem ser pilotados com os pés, tobogãs são planos e deslizam de forma diferente. O presidente e eu descemos a encosta depressa demais e trombamos com Barbara, que acabou quebrando a perna e foi parar no hospital. Até hoje tenho a foto que Bush me mandou depois. Na imagem, estamos nós dois em cima do tobogã, e a dedicatória diz: "Vire, caramba, vire!"

Após a invasão do Kuwait pelo Iraque, em agosto de 1990, Camp David passou a ser palco de reuniões sérias. Era muito estranho me dividir entre uma crise no mundo real e a ameaça imaginária ao futuro no set de *O exterminador do futuro 2*, em Los Angeles. O secretário da Defesa Dick Cheney e o general Colin Powell, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, iam constantemente a Camp David para atualizar o presidente e, juntos, tomarem decisões. Quando o outono chegou, Bush já havia lançado a Operação Escudo do Deserto, com a concentração maciça de tropas da coalizão na fronteira saudita com o Iraque e o Kuwait. Dei minha pequena contribuição para o esforço militar após ler uma reportagem que dizia que os soldados americanos no deserto estavam praticando musculação com baldes cheios de areia. Naturalmente, os músculos de uma pessoa não se importam com o que é usado como peso, mas mesmo assim achei que poderíamos fazer bem mais pelos soldados. Lembrei-me de como costumava transportar halteres, anilhas e um banco de supino em meu tanque no exército austríaco. Assim, procurei o general Powell e perguntei o que ele achava de mandar equipamentos de musculação de verdade para o Oriente Médio. Ele adorou a ideia e, em poucos dias, comecei a pedir doações de fabricantes. Conseguimos reunir 40 toneladas de aparelhos de musculação, bancos de supino, pesos livres e outros equipamentos para a Operação Escudo do Deserto. Despachar o material por navio cargueiro teria levado muitas semanas, então Powell e Cheney decidiram arrumar um jeito de enviá-lo de Oklahoma junto com carregamentos de empresas privadas. Em duas semanas, as doações foram entregues às tropas e comecei a receber cartas e fotografias de agradecimento extraordinárias, contando como os homens se revezavam para treinar de modo a maximizar o acesso aos novos aparelhos.

Sempre tive apreço pelas Forças Armadas, já que fui beneficiado pelo sonho americano, cuja segurança é garantida por sua coragem e dedicação. Desde meus primeiros dias como campeão de fisiculturismo, fiz questão de visitar bases militares e navios de guerra em qualquer oportunidade. Quando comecei a fazer cinema, foi natural incluir as bases militares americanas nas minhas turnês de divulgação no exterior. Muitas vezes visitei também destacamentos de fuzileiros navais nas embaixadas americanas no Japão, na Alemanha, na Coreia do Sul, na Rússia e em muitos outros países. Não há escola de interpretação que ensine como entreter soldados, mas troquei umas ideias com outras celebridades como Jay Leno e bolei um esquete. Falava sobre meus filmes, fazia um pouco de comédia stand-up (quanto mais grosseiras as

piadas, melhor), levava um filme novo para os soldados assistirem e às vezes distribuía charutos. O importante era animá-los – e agradecer a eles. Muito mais tarde, quando eu já era governador, as pessoas de Sacramento, capital da Califórnia, viviam me perguntando: "Por que o senhor gasta tanto tempo com as Forças Armadas? Por que luta para que os soldados possam estudar de graça? Por que conceder empréstimos estudantis a eles? Por que se esforçar tanto para que consigam emprego? Por que lutar a fim de acelerar a criação de casas de repouso para veteranos e para construir mais habitações destinadas a ex-combatentes do que qualquer outro governador na história do estado? Por que tanto esforço para dar visibilidade à síndrome do estresse pós-traumático e ajudar esses jovens na volta para casa?" A resposta era simples: os Estados Unidos não seriam a terra dos livres se não fossem também o lar dos bravos. Quando vemos o trabalho dos membros das Forças Armadas e os riscos que eles assumem, percebemos que devemos muito a eles.

Só testemunhei assuntos sérios em Camp David uma única vez. Evidentemente, a sala de reuniões que em geral servia como centro de comando para o presidente ficava fora da área permitida aos hóspedes. Em uma tarde de fevereiro de 1991, porém, durante uma de minhas visitas, estava sentado em meu quarto lendo um roteiro quando o presidente me chamou: "Venha conhecer o pessoal."

Eles estavam descansando em volta da grande mesa, no meio de uma pausa para o lanche. Bush me apresentou e disse: "Estamos aqui tomando importantes decisões sobre a guerra no Oriente Médio." A fase de ataques aéreos da Operação Escudo do Deserto já havia começado, e fazia muitos meses que os Estados Unidos e seus parceiros da coalizão estavam reunindo suas forças blindadas. "Olhe só essas imagens", continuou o presidente, mostrando-me fotos de reconhecimento aéreo. Então exibiu o vídeo feito por uma câmera presa ao capacete do tripulante de um tanque, indicando como estavam próximos da fronteira. As divisões blindadas faziam manobras, fingiam atacar a fronteira e depois recuavam, e ele explicou que algum dia, em breve, elas iriam simplesmente continuar avançando até entrar no Kuwait e no Iraque. "Eles vão ser pegos de surpresa, e ao mesmo tempo vão ser atacados por...", e me mostrou as posições no Golfo Pérsico dos navios dos quais a marinha estava pronta para lançar mísseis de cruzeiro, além de um desembarque anfíbio de fuzileiros navais. "Vai ser um ataque tão poderoso que eles não vão nem acreditar", comentou.

O planejamento da guerra, então, recomeçou do ponto em que havia parado, de modo informal, em volta daquela mesa. A intensidade e o foco da conversa me lembraram os de uma sala de cirurgia. Sim, aqueles homens estavam lidando com a vida e a morte, mas já tinham tomado decisões iguais àquela antes e sabiam o que tinham que fazer. Ninguém estava em pânico. O tom informal era apenas um reflexo de Camp David – a atmosfera era menos tensa que na Casa Branca, e era por isso que eles preferiam se reunir ali.

Quando todos terminaram de comer, o presidente falou: "Vou mostrar a

Arnold o cavalo dele e volto daqui a 20 minutos."

Fui embora no dia seguinte sabendo que a guerra em terra iria começar dali a 48 horas. Era uma quinta-feira, e o ataque seria em 23 de fevereiro. Passei esse tempo todo pensando: "Eu sei uma coisa que ninguém mais sabe – nem a imprensa –, a não ser as pessoas que estavam naquela sala." O fato de o presidente Bush ter depositado essa confiança em mim teve um efeito poderoso. Senti que nunca, jamais haveria uma ocasião, fosse ela qual fosse, em que eu violaria essa confiança ou decepcionaria aquele homem.

O RESTO DE 1991 FOI PERFEITO PARA MIM: em casa, no conselho e no cinema. *O exterminador do futuro 2 – O julgamento final* estreou nos cinemas no fim de semana do 4 de Julho e logo se tornou o maior sucesso de bilheteria da minha carreira. Apenas três semanas depois, Christina veio ao mundo. Também me tornei o orgulhoso proprietário do primeiro Hummer civil, cujo equivalente militar, o HMMWV, ou Humvee, tivera uma participação decisiva na Guerra do Golfo. Eu havia conhecido o Humvee no verão anterior, no Oregon, durante as filmagens de *Um tira no jardim de infância*. Vi passar um comboio desses veículos do exército e me apaixonei. Era o utilitário mais bonito e mais robusto que eu já vira. Tinha itens de fábrica que as pessoas gastavam milhares e milhares de dólares para acrescentar como opcionais em seus jipes ou Blazers da Chevrolet: rodas e espelhos extragrandes, carroceria elevada, faróis suplementares incluindo infravermelhos, protetor frontal e um guincho para poder sair de enrascadas. O Humvee já tinha um aspecto poderoso sem que se precisasse acrescentar nada!

Eu não apenas queria um carro daqueles para uso pessoal como tive certeza de que, se conseguisse convencer o fabricante a fazer uma versão para o grande público, haveria um mercado prontinho para ele. Foi esse o meu discurso quando me reuni em Lafayette, Indiana, com o presidente executivo e outros diretores da AM General, empresa que fabricava o Humvee para as Forças Armadas. Consegui autorização para comprar um modelo da versão militar, então entreguei o veículo a outra empresa com a instrução de adequá-lo às normas de trânsito e tornar o interior mais urbano. Depois disso, devolvi o carro à AM General e falei: "Agora copiem isto aqui." A empresa seguiu minhas instruções, e foi por causa disso que o Hummer, quando chegou ao mercado, foi identificado tão fortemente com minha imagem.

Também tive uma aventura empresarial interessante nesse mesmo ano. Em outubro, juntei-me a Sylvester Stallone e Bruce Willis para a inauguração oficial de uma nova e reluzente máquina de fazer dinheiro: uma cadeia de restaurantes e merchandising de celebridades chamada Planet Hollywood. Todas os famosos que se podia imaginar apareceram. Não foi apenas um evento, mas o início de um império.

A ideia era abrir filiais do Planet Hollywood no mundo inteiro e transformá-las em um ímã para os apaixonados por astros do cinema americano. Os restaurantes seriam decorados com itens e objetos de cena

cinematográficos – como por exemplo o macacão de aviador de Tom Cruise em *Top Gun – Ases indomáveis*, o maiô de Jayne Mansfield em *Sabes o que quero* e uma motocicleta de *O exterminador do futuro*. Os restaurantes promoveriam estreias, receberiam a visita de atores e atrizes e venderiam jaquetas, camisetas e outros suvenires exclusivos. A ideia fora de Keith Barish, produtor de cinema, e Robert Earl, responsável pela criação da cadeia mundial de restaurantes temáticos de música Hard Rock Café. Keith convencera Robert de que restaurantes com o tema Hollywood poderiam fazer ainda mais sucesso que os de música – sobretudo agora que a Cortina de Ferro caíra e que o mundo inteiro estava aberto à influência da cultura americana. Os dois me falaram sobre a ideia. "Gostaríamos que você fosse nosso sócio", disseram. "Não queremos uma celebridade maluca que não entenda nada do assunto. Você tem tino para negócios e é o astro número um de Hollywood. Se entrar nessa, outros virão atrás."

Achei o plano bacana, e a notícia logo se espalhou. Em pouco tempo, meu advogado, Jake Bloom, que também representava Sly e Bruce, disse que os dois estavam querendo entrar no negócio.

– Você se importa? – perguntou.

– É claro que não – respondi.

Fiquei particularmente feliz pelo interesse de Sly. Jake sabia que Stallone e eu tínhamos uma rixa de anos que remontava à época de *Rocky* e *Rambo*, quando ele era o mais importante herói de ação e eu vivia tentando me igualar a ele. Quando fiz *Conan, o destruidor*, lembro que comentei com Maria: "Finalmente vou ganhar 1 milhão de dólares por um filme, mas agora Stallone está ganhando 3. Tenho a impressão de que não evoluí nada." Para me motivar, passara a visualizar Stallone como meu arqui-inimigo, da mesma forma que havia demonizado Sergio Oliva quando estava tentando conquistar o título de Mister Olympia. Passei a detestá-lo de tal forma que comecei a criticá-lo em público, falando mal de seu corpo e de seu jeito de se vestir, e minhas declarações saíram na imprensa.

Não podia culpá-lo por ter revidado. Na verdade, ele havia intensificado a rixa vazando secretamente para a mídia informações negativas sobre mim. Durante algum tempo, Sly chegou a pagar as contas do advogado de um jornalista britânico que eu havia processado por difamação. Mas o tempo havia passado, eu tinha me tornado muito mais confiante em relação à minha posição de estrela do cinema e queria me entender com ele. Falei para Jake: "Diga que vai ser um prazer tê-lo conosco, e que essa é a minha forma de deixar todas as nossas diferenças para trás e fazer as pazes."

Assim, Sly, Bruce e eu nos tornamos uma equipe. Íamos de avião às inaugurações dos restaurantes, cumprimentávamos as celebridades locais, acenávamos para as câmeras, falávamos com a imprensa e fazíamos o possível para recompensar a lealdade dos fãs. No avião, Sly e eu fumávamos charutos e contávamos piadas. Nunca mencionamos a briga. Adotamos a atitude masculina típica: negamos os fatos como se nunca tivesse havido problema

nenhum e nada jamais houvesse ocorrido. Foi assim que seguimos em frente.

Mesmo com tudo isso acontecendo, eu podia sentir que estava começando a ficar inquieto. A sensação me lembrou a ansiedade que sentira depois que venci o Mister Olympia pela terceira ou quarta vez. De repente, ter o corpo mais musculoso do mundo não significava tanta coisa assim. Fora uma fase pela qual eu tivera que passar, um meio necessário para alcançar um fim: o fisiculturismo me levara aos Estados Unidos e me permitira entrar para o cinema. Mas eu havia superado essa fase da mesma forma que deixara de brincar com trenzinhos de madeira quando criança. É claro que continuava querendo promover a boa forma física e o fisiculturismo como esporte. Mas ser o homem mais musculoso do mundo não significava mais nada para mim.

O desafio seguinte tinha sido me tornar o maior dos astros de filmes de ação. Depois de algum tempo, também conseguira alcançar esse objetivo. Então me dedicara à etapa seguinte: comédias. Mas sempre soubera que isso também iria passar.

Nos sete anos de intervalo entre as duas partes de *O exterminador do futuro*, meus sentimentos em relação à indústria do cinema tinham mudado. Ao longo dos anos 1980, eu emendava um filme no outro com entusiasmo. Estava mirando bem lá no topo, tentando dobrar meu cachê a cada projeto, emplacar o campeão de bilheteria e ser o maior de todos os astros. Eu literalmente odiava ter que dormir. Quando fiz *O exterminador do futuro*, sonhava em ser capaz de viver sem precisar descansar, como uma máquina. Assim poderia trabalhar a noite inteira no set com Jim Cameron e de manhã simplesmente trocar de roupa e ir fazer outro filme com um diretor diferente. "Não seria genial?", pensava. "Eu poderia fazer quatro filmes por ano!"

Agora, porém, depois de *O julgamento final*, eu via as coisas de forma totalmente diferente. Minha família estava crescendo. Eu queria ter uma vida boa. Queria passar mais tempo com minha mulher e minhas filhas, ver Katherine e Christina crescerem, poder frequentar eventos com elas, fazer viagens nas férias... Queria estar em casa quando elas chegassem da escola.

Assim, tentei bolar um jeito de equilibrar meu tempo. Pensei que fazer um filme por ano talvez fosse o ideal. As pessoas agora já aceitavam o fato de que eu era um dos astros mais importantes da indústria, de modo que eu não precisava provar mais nada. No entanto, elas esperavam mais filmes, então eu precisava ter o cuidado de estrelar as produções certas. Se ouvisse uma ideia ou lesse um roteiro excelente, que despertasse alguma coisa em mim, queria estar disponível para embarcar nesse projeto. Mas o mundo também me oferecia outras oportunidades, e atuar já não era mais suficiente.

Pensei que talvez o jeito de me manter motivado fosse fazer como Clint Eastwood: incrementar a carreira de ator com a ocasional direção e produção de um filme – às vezes atuando ao mesmo tempo. Novos desafios me atraíam, assim como novos riscos. Clint era uma das poucas personalidades hollywoodianas que tinham a cabeça no lugar. Era bom nos negócios, nunca perdia dinheiro e era sensato em seus investimentos. Vivia se envolvendo em

projetos nos quais acreditava com fervor, como seu restaurante e seus campos de golfe no norte da Califórnia. Eu o idolatrava desde que chegara aos Estados Unidos. Não sabia se tinha esse tipo de talento, mas talvez pudesse tentar ser como ele quando atuar passasse definitivamente a não ser mais o bastante para mim e eu estivesse à procura de um novo desafio.

Havia um caminho radicalmente diferente que eu podia me ver seguindo. Clint tinha sido eleito prefeito de sua cidade natal, Carmel, na Califórnia. A carreira política também me atraía, embora na época eu ainda não soubesse *qual* cargo poderia vir a tentar ocupar. Mesmo assim, não havia como não ser influenciado pela convivência com as famílias Shriver e Kennedy, apesar de estarmos em lados politicamente opostos.

Em novembro de 1991, Richard Nixon deu um empurrãozinho surpresa para que eu me candidatasse a um cargo político. Ele me convidou para passar em seu escritório antes de um evento beneficente em sua biblioteca presidencial, marcado para algumas horas depois da inauguração da Biblioteca Reagan. Eu sabia que Nixon era odiado por muita gente e estava a par do escândalo de Watergate e das dificuldades que ele obrigara o país a atravessar. Tirando isso da equação, porém, tinha admiração por Nixon e o considerava um presidente fantástico. Acho que sabia que eu era seu fã, pois eu tecera elogios a ele para a imprensa mesmo no auge de sua impopularidade. Adorava *especialmente* falar sobre ele, pois tenho um lado que gosta de ser rebelde e chocar os outros.

Quando me convidou para o evento por telefone, ele falou: "Quero que você *se divirta*, Arnold."

Na verdade, sem me avisar, ele estava armando o cenário para que eu fizesse um discurso. Sem desconfiar de nada, aceitei e levei meu sobrinho Patrick, filho de meu falecido irmão e de sua noiva, Erika Knapp. Agora um rapaz de 20 e poucos anos, Patrick havia se formado pela Faculdade de Direito da Universidade do Sul da Califórnia e fora contratado por meu advogado, Jake Bloom, especializado na área de entretenimento. Eu adorava acompanhá-lo e lhe ensinar os macetes do ofício. Assim, fomos juntos cumprimentar o ex-presidente no evento beneficente, que atraiu cerca de 1.300 convidados.

Nixon era muito atento às pessoas. Sabia ler os pensamentos alheios, e isso me deixava impressionado.

– Arnold, quero que você venha à minha sala – disse ele.

– Meu sobrinho pode ir também?

– Claro.

Logo que entramos em sua sala, ele fechou a porta e me extraiu informações sobre todo tipo de coisa: o que eu andava fazendo, como estava minha carreira no cinema, por que eu era republicano, por que me envolvera com política. Depois de responder, eu lhe disse o que realmente pensava:

– Vim para os Estados Unidos porque aqui é o lugar mais incrível do mundo, e vou tentar fazer tudo o que puder para mantê-lo assim. Para isso acontecer, não podemos ter imbecis se candidatando à presidência e

frequentando a Casa Branca. Precisamos de bons líderes e temos que implementar os objetivos e fazer com que eles sejam os mesmos nos estados e nas cidades. Então eu quero sempre ter a certeza de que estou votando na pessoa certa e fazendo campanha pela pessoa certa. Preciso saber que ideais elas defendem, em quem votaram no passado, de que maneira representam seu estado, se foram grandes líderes, esse tipo de coisa.

Com base no que havia aprendido em meu cargo no President's Council, contei-lhe sobre os desafios da Califórnia nas áreas de saúde e educação. Também falei sobre o desafio de tornar o estado mais receptivo aos negócios.

Então alguém entrou na sala e disse:

– Sr. Presidente, o público está quase pronto para recebê-lo.

Nós dois nos levantamos. Logo antes de sairmos, ele se virou para mim e falou:

– Você tem que se candidatar a governador da Califórnia. Se fizer isso, vou ajudá-lo ao longo de todo o caminho.

Ele me pegou de surpresa, pois não estávamos de forma alguma falando sobre isso. Nixon foi o primeiro a abordar o assunto para mim de forma séria.

Ele pediu que Patrick fosse se sentar na plateia e me disse:

– Fique aqui. Vá se posicionar perto do palanque.

Já havia algumas pessoas em pé lá em cima, entre as quais Bob Hope e outras celebridades, então fui me juntar a eles.

Nixon, então, foi até o microfone e começou a falar. O discurso foi bom, tranquilo, e fiquei impressionado ao ver que ele não levara nada anotado. Discorreu com eloquência sobre a biblioteca e sua missão, a respeito da importância daquele evento beneficente, sobre algumas de suas realizações ao longo da vida, acerca de políticas públicas que deveriam continuar e assim por diante.

– E não posso me esquecer dos importantes seguidores que tenho aqui. Vocês são os responsáveis por fazer isto tudo acontecer, e sou muito grato pelo seu apoio – falou. – Mas agora quero chamar uma pessoa que representa o futuro deste estado e...

Não ouvi o que ele disse depois, porque meu coração havia disparado.

"Talvez ele queira só mencionar meu nome", pensei. No fundo, porém, sabia que ele estava prestes a me chamar para falar. Duas partes na minha mente começaram na mesma hora a travar um debate. Uma delas dizia "Que porra é essa? Putz, não estou preparado para isso", enquanto a outra falava "Cara, o presidente Nixon está falando de você. Fique feliz!".

Ouvi Nixon dizer:

– Arnold, suba até aqui.

Aplausos estrondosos ressoaram.

Então avancei até ficar na frente de todas aquelas pessoas e fui apertar a mão do presidente. Em seguida ele sussurrou, mas em um tom perfeitamente audível pelo microfone:

– Acho que você deveria dizer algumas palavras.

Por sorte, quando temos uma boa impressão de alguém e sabemos especificamente por quê, ser sincero não é nada complicado. Eu não titubeei. Cheguei até a fazer piada.

– Bom, eu adoro ser chamado para fazer um discurso sem aviso prévio, então muito obrigado.

Ouviram-se algumas risadas. Continuei falando por alguns minutos sobre como havia me tornado republicano. Contei que vira Nixon na TV pela primeira vez durante a campanha presidencial de 1968, "quando ele estava falando sobre *apoiar a segurança pública*!" Algumas pessoas aplaudiram e eu continuei:

– Ele apoiava os militares, o Pentágono, a expansão militar, e dizia que os Estados Unidos só podem ser poderosos se tiverem *Forças Armadas potentes*.

Mais aplausos.

– E ele falou sobre construir uma economia que fosse global. Falou em eliminar tarifas e barreiras ao comércio e que, em última instância, o que precisamos proteger é a nossa *prosperidade*, não a mão de obra!

Mais aplausos ainda.

– Eu adorei ouvi-lo dizer tudo isso. Como vinha de um país socialista, adorei sobretudo ouvir alguém dizer: "Tirem o governo de cima da gente."

Mais aplausos, mais vivas.

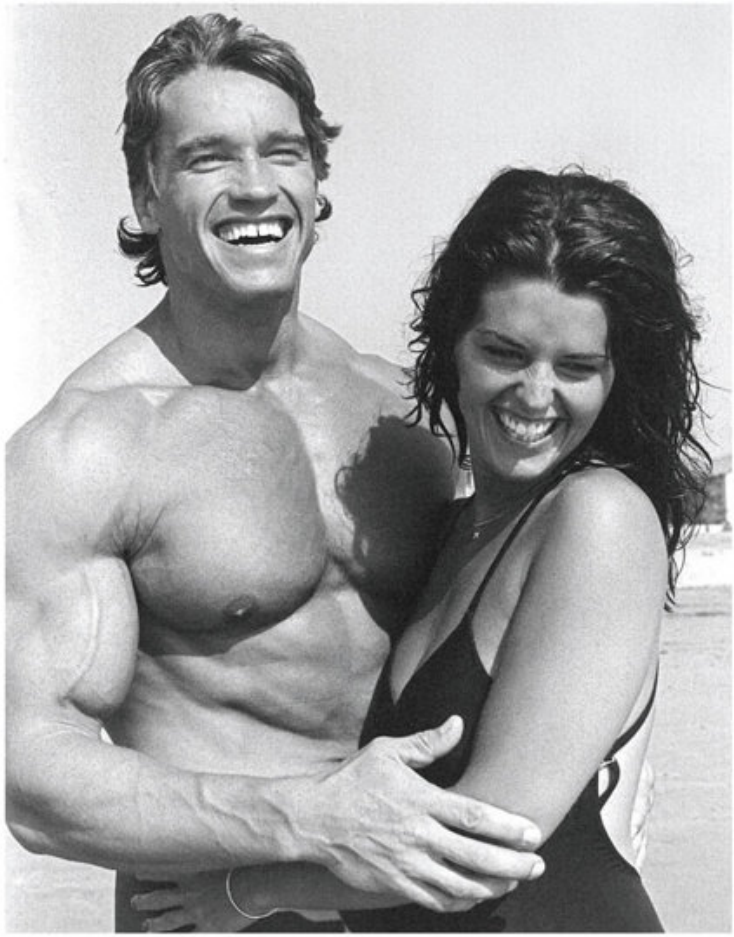
– Então eu me tornei um grande fã desse homem. Fui um de seus grandes defensores e estou aqui hoje porque ainda sou. Precisamos de mais líderes como ele!

Agora a plateia inteira estava aplaudindo e dando vivas. Foi o paraíso.

Depois do discurso, o ex-presidente me levou até sua sala e falou:

– Lembre-se do que eu lhe disse sobre se candidatar a governador.

Pensei que, já que vinha de alguém como Nixon, a ideia de acabar seguindo o caminho da política não devia ser tão absurda assim, mas meus sentimentos em relação ao assunto nunca foram tão intensos a ponto de eu sentir que com certeza era algo que iria acontecer. Virar político nunca foi uma daquelas coisas "a fazer neste ano". Não fiquei pensando no assunto, não estabeleci nenhum prazo. Permaneci bem tranquilo.



Maria era cheia de personalidade e alegria, uma bomba de energia positiva que eu queria ter sempre por perto. Nós dois na praia, em 1980. *Albert Busek*

Acima: Maria e eu não queríamos um relacionamento em que precisássemos cruzar o país para nos ver, mas, quando nos demos conta, já estávamos namorando. Aqui, durante uma viagem de *rafting* perto de Sacramento, em 1979. *Douglas Kent Hall*

Acima: Quando Maria decidiu ficar na Califórnia, depois da campanha presidencial de 1980, comprei minha primeira casa para podermos morar juntos, na Rua 21, em Santa Monica. *Arquivo Schwarzenegger*

Maria, o cão Conan e eu fantasiados de motoqueiros para o Dia das Bruxas no início dos anos 1980. *Arquivo Schwarzenegger*

Quando vou à Áustria, muitas vezes visto trajes típicos de lá e faço o que os austríacos fazem. *Acima:* numa escalada nos Alpes. *Abaixo, à esquerda:* jogando *curling*. *Abaixo, à direita:* dançando uma versão da conga em uma cervejaria. *Arquivo Schwarzenegger*

Tom Eitzinger / Fototom.at

Arquivo Schwarzenegger

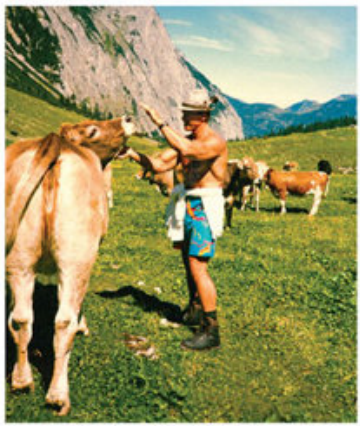
Maria e eu namoramos por oito anos antes desse dia feliz, na primavera de 1986. Eu tinha 38 anos e ela, 30. *Denis Reggie*

Franco foi o padrinho principal, e entre os outros 12 estavam meu sobrinho Patrick Knapp, meus amigos do mundo do fisiculturismo Albert Busek e Jim Lorimer, e Sven-Ole Thorsen, que fez papel de brutamontes em muitos de meus filmes. *Arquivo Schwarzenegger*

Acompanhando minha mãe, Aurelia, e minha sogra, Eunice, pela propriedade dos Kennedy até a tenda onde seria realizada a recepção do casamento. Felizmente, as duas se deram bem.
Arquivo Schwarzenegger

Andy Warhol era a excentricidade em pessoa, e Grace Jones não sabia o que era discrição. O "smoking" que ele usou na recepção do casamento na verdade era uma jaqueta de motoqueiro.
Arquivo Schwarzenegger

Viajar pela Europa com Maria, Eunice e Sarge era divertido. Nessa foto estamos a bordo de um ferryboat atravessando o Chiemsee, um grande lago na Bavária. *Albert Busek*



Nas caminhadas pelos Alpes, eu às vezes usava bermudas havaianas com estampas berrantes e cafonas, só para implicar com os tradicionalistas defensores das *Lederhosen*, os shorts e as calças feitos de couro. Nessa imagem, fazendo amizade com uma vaca leiteira. *Arquivo Schwarzenegger*

Em Santa Monica, Maria e eu morávamos tão perto de um parque estadual que tínhamos cavalos e montávamos diariamente. O meu se chamava Campy. *Arquivo Schwarzenegger*

Mary Anne Fackelman-Miner

À esquerda: Katherine tinha acabado de nascer quando o presidente George Bush me nomeou tsar da boa forma e organizamos o Great American Workout – uma feira de ginástica de âmbito nacional que dura o dia inteiro – no Gramado Sul da Casa Branca. *Acima:* Com Christina, nossa segunda filha, aperfeiçoei a arte de fazer o bebê dormir em cima do meu peito.

Arquivo Schwarzenegger

No início de 1993, a caminho das férias em Sun Valley, no estado de Idaho, mostro a Christina uma reportagem de revista sobre como Maria equilibrava a vida em família e a carreira.

Arquivo Schwarzenegger

Eu levava Christina comigo para a academia quase todos os dias. *Arquivo Schwarzenegger*

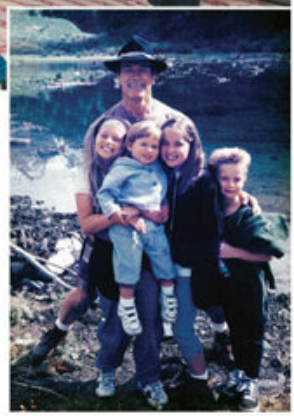
Patrick, nosso terceiro filho, nasceu em setembro de 1993. *Arquivo Schwarzenegger*

A essa altura, eu já tinha aprendido a cuidar de bebês. *Acima*: Katherine se aninha junto a mim enquanto Patrick cochila no meu peito. *À esquerda*: eu também era craque em fraldas e mamadeiras. *Abaixo*: comemorando meu aniversário de 48 anos em Sun Valley com os rapazes: meu velho amigo Adi Erber, esquiador profissional, meu sobrinho Patrick Knapp, meu cunhado Bobby Shriver, meu consultor financeiro Paul Wachter e Al Ruddy, produtor de *O poderoso chefão*.

Arquivo Schwarzenegger

Katherine lendo um de seus livros infantis para mim enquanto me recupero das cirurgias de substituição da válvula cardíaca, em 1997. *Arquivo Schwarzenegger*

Nós seis fazendo bagunça em um hotel do Havaí, em 2000. Nessa época, nosso caçula, Christopher, tinha 3 anos.
Arquivo Schwarzenegger



Depois de pescar em um lago perto de nossa casa em Sun Valley.
Arquivo Schwarzenegger

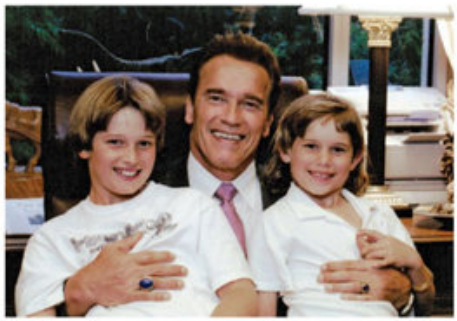
Katherine e eu cavalgando pelas montanhas de Santa Monica.
Arquivo Schwarzenegger

Supervisionando Christopher e Patrick em um estádio de críquete durante uma viagem à África do Sul para assistir aos Jogos Mundiais Olímpicos Especiais, em 2001.
Arquivo Schwarzenegger

A leoa sedada, o guarda-florestal do parque e nós seis em um safári na Tanzânia. Fiquei tão animado quanto as crianças, pois sempre fui fascinado por grandes felinos.
Arquivo Schwarzenegger

Família de esquiadores em Sun Valley. Neve, esquis, florestas de pinheiros e montanhas sempre fizeram parte da minha vida. Christopher não está na foto porque tinha apenas 4 anos e ficou esquiando na pista para iniciantes. *Arquivo Schwarzenegger*

Eu beijando a mim mesmo no Dia das Bruxas de 2001, só que o Arnold da direita é Maria, que está usando uma máscara do Exterminador. Como se pode ver na foto abaixo, a família Schwarzenegger leva essa data muito a sério.
Arquivo Schwarzenegger



Patrick e Christopher no meu colo, no gabinete do governador, em Sacramento.
California State Archives / Steven Hellon

Viagens como esta que fizemos a Maui, na Páscoa de 2007, eram uma ótima maneira de compensar todo o tempo que nossa família passava afastada durante o meu mandato de governador.
Arquivo Schwarzenegger

Katherine fazendo graça ao enrolar os longos cabelos em volta da minha cabeça.
Arquivo Schwarzenegger

Até hoje adoro dirigir meu tanque M47 do exército austríaco, que agora fica no estacionamento de um estúdio perto de Los Angeles e de vez em quando aparece em filmes sobre a Segunda Guerra Mundial. A bordo, junto comigo, estão Patrick, Christopher (de capacete) e meu assistente Greg Dunn. *Arquivo Schwarzenegger*

No inverno de 2011, meu sobrinho Patrick e eu fomos visitar o túmulo de Meinhard – meu irmão e pai dele – em Kitzbühel, na Áustria, durante uma forte e atípica nevasca.
Arquivo Schwarzenegger

Cindy Gold

Arquivo Schwarzenegger

Arquivo Schwarzenegger

Junho de 2012 foi um mês de formaturas: Patrick concluiu o ensino médio, e Katherine, a graduação na Universidade do Sul da Califórnia. Eu deixara o cavanhaque crescer para o papel em *The Tomb* (*O túmulo*), filme que se passa em uma penitenciária, no qual atuei com Sylvester Stallone. *Acima*: me vestindo com Christopher e Patrick. *À esquerda*: com Katherine e Christina.

Cindy Gold

Para meu aniversário de 50 anos, em 30 de julho de 1997, Maria me fez uma surpresa com esse cartaz, uma composição de bugigangas e hobbies retratando as coisas de que eu mais gostava: caminhadas, Hummers, cachimbos e relógios de boa qualidade, desenho e pintura, charutos e *Schnapps*, ser pai, xadrez e sinuca, tênis e golfe, roteiros de cinema, motos e roupas de couro, a história do halterofilismo e o futuro do fisiculturismo. Desde então, minha lista de interesses só fez aumentar. *Arquivo Schwarzenegger*

O último grande herói

EM HOLLYWOOD, NINGUÉM VENCE O TEMPO TODO. Em algum momento, com certeza vai levar uma surra. No verão seguinte chegou a minha vez com *O último grande herói*. Nós tínhamos prometido ao mundo um estouro de bilheteria: promovemos o lançamento como "o maior sucesso de 1993", "o maior filme do verão". *O exterminador do futuro 2 – O julgamento final* tinha sido o maior filme de 1991, e todos esperavam que *O último grande herói* o superasse.

Mas não: a sensação que ninguém pôde perder naquele verão foi *Jurassic Park – O parque dos dinossauros*, o longa que acabou superando até mesmo *E.T.* como o maior sucesso da história do cinema. Enquanto isso, nós entregamos um filme que não tinha a energia necessária para se transformar em entretenimento de grande porte. Além disso, tivemos o azar de planejar a estreia para o fim de semana seguinte ao lançamento de *Jurassic Park*. Assim que chegou às telas, *O último grande herói* foi detonado. A matéria de capa da *Variety* dizia: "Lagartos devoram almoço de Arnold".

Na realidade, porém, o filme faturou bem, e só foi um fracasso em comparação com o que era esperado. Se eu não fosse um astro tão em evidência, ninguém teria reparado no mau resultado. Foi uma pena, porque o argumento do filme me agradava muito. Era um misto de ação e comédia, os dois tipos de papel que eu sabia fazer melhor. Para atrair o público mais amplo possível, o filme recebera a classificação 14 anos – uma história divertida, típica de verão, uma brincadeira sem muita violência explícita, palavrões ou sexo. Eu fazia o herói de ação Jack Slater, um inspetor de polícia de Los Angeles de espírito independente. Também era produtor executivo do filme, ou seja, tinha que aprovar cada aspecto do projeto: desenvolvimento do roteiro, escolha do diretor e do elenco, financiamento junto ao estúdio, distribuição e marketing, definição do orçamento, contratação de uma empresa de relações públicas, planejamento da distribuição internacional – a lista era interminável. Essa responsabilidade extra era um prazer. Muitas vezes eu desempenhei um papel ativo nos bastidores de meus filmes: fechava o acordo para a produção, contratava o diretor e, naturalmente, cuidava do planejamento de marketing. Às vezes, porém, quando dizia "Posso ver o cartaz?" ou "Vamos escolher uma foto melhor para usar", eu tinha a sensação

de que estava me intrometendo. Agora podia participar de tudo, do desenvolvimento de ações promocionais à aprovação dos protótipos dos bonecos Jack Slater.

A trama gira em torno de um garoto de 11 anos chamado Danny Madigan, o maior fã de filmes de ação de todos os tempos. Sua obsessão o faz saber tudo sobre o gênero. Danny arruma um ingresso mágico que lhe permite entrar no mais novo filme estrelado por Jack Slater, seu herói preferido.

Fiquei feliz em conseguir contratar John McTiernan, que havia dirigido *Predador*, assim como *Duro de matar* e *Caçada ao Outubro Vermelho*. John tem sempre uma visão muito clara, mas, no caso de *O último grande herói*, esse foi justamente o primeiro indício de problemas. Certa noite, em Nova York, estávamos tomando um drinque depois de filmar até as três da manhã quando ele disse: "Na verdade, estamos fazendo o *E.T.*" Quando escutei isso, tive a desanimadora sensação de que era um erro classificar o filme como censura 14 anos. Embora fosse coestrelado por um menino, as pessoas talvez não acreditassem na minha atuação em um filme de ação para a família. Isso funcionara para Harrison Ford em *Os caçadores da arca perdida*, mas não daria certo para mim. Eu até já tinha participado de comédias, mas era diferente, porque em um filme de humor ninguém espera que você mate inimigos. Quando se está vendendo uma obra com a palavra *ação* no título – em inglês ela se chama *The Last Action Hero*, "o último herói de ação" –, é isso que o público vai querer ver. *Conan II* dera errado porque nós o havíamos adaptado para um público a partir de 12 anos. Agora estávamos apostando que conseguiríamos reunir cenas de ação incríveis e energia suficiente para que *O último grande herói* fizesse jus ao gênero ao qual pertencia.

A ideia de um filme de ação mais suave e fofinho parecia a escolha certa para a época. O governador do Arkansas, Bill Clinton, acabara de derrotar George Bush na eleição presidencial de 1992, e os meios de comunicação vinham divulgando histórias sobre membros da geração do *baby boom* que estavam substituindo os da geração da Segunda Guerra Mundial e sobre como os Estados Unidos estavam agora seguindo uma direção oposta à da violência. Os jornalistas de entretenimento diziam: "Pergunto-me o que isso significa para os heróis de ação conservadores da pesada como Sylvester Stallone, Bruce Willis e Arnold Schwarzenegger. Será que o público agora quer mais é paz e amor?" Era essa a tendência, e eu queria acompanhá-la. Assim, quando o pessoal da empresa de brinquedos apareceu com seus protótipos para os bonecos Jack Slater, vetei as armas de combate que estavam propondo. "Estamos nos anos 1990, não 1980", falei. Em vez de empunhar um lança-chamas, o boneco dava um soco e dizia: "Errou feio!" – que era o bordão de Slater contra os inimigos. A caixa do brinquedo dizia: "Seja esperto. Nunca brinque com armas de verdade."

Investimos pesado em merchandising e promoção. Além dos brinquedos, licenciamos sete tipos de videogame, fizemos uma ação com a rede Burger King que custou 20 milhões de dólares, bolamos um "filme montanha-russa"

de 36 milhões para ser exibido em parques de diversões e – minha estratégia predileta – criamos o primeiro anúncio pago a ser veiculado no espaço, pela NASA. Pintamos o título do filme e Arnold Schwarzenegger nas laterais de um foguete e fizemos um concurso nacional cujos vencedores ganhariam o direito de apertar o botão de lançamento. Montamos um boneco inflável de Jack Slater da mesma altura de um prédio de quatro andares em cima de uma jangada perto da praia durante o Festival de Cinema de Cannes, em maio, e lá bati meu recorde pessoal dando 40 entrevistas para a TV e 54 para a imprensa escrita em um período de 24 horas.

Enquanto isso, a produção estava atrasada. Em nossa única exibição teste, no dia 1º de maio, o filme ainda estava tão cru que tinha duas horas e 20 minutos e não dava para se entender quase nenhum diálogo. No final, o público estava entediado. Depois disso, o cronograma ficou tão apertado que não tivemos tempo de fazer novos testes. Fomos forçados a voar às cegas, sem o feedback para realizar os ajustes necessários. Apesar de tudo, ninguém no estúdio quis adiar a estreia, pois isso poderia transmitir a mensagem de que o filme estava com problemas, e eu concordei.

No fim das contas, muita gente gostou de *O último grande herói*. No cinema, porém, isso não é suficiente. Não basta as pessoas *gostarem* do seu filme – elas precisam ser arrebatadas. O que torna a produção um sucesso é o boca a boca, porque, embora no primeiro fim de semana você possa desembolsar 25 ou 30 milhões de dólares para promovê-lo, não pode se dar ao luxo de fazer a mesma coisa nos fins de semana seguintes.

Quando estreou, o filme tinha ótimos índices de *awareness* e expectativa. No primeiro fim de semana, porém, talvez por causa de *Jurassic Park*, as vendas de ingressos ficaram abaixo do esperado: foram 15 milhões de dólares, em vez dos 20 milhões previstos. Quando notei que as pessoas saíam das salas de cinema com uma boa impressão mas nada além disso, dizendo "Até que foi legal" e coisas do tipo, soube que era o fim. Dito e feito: no segundo fim de semana, nossa bilheteria caiu 42%.

As críticas foram muito além do filme em si. Era o fim da minha carreira. Os jornalistas atacaram tudo o que eu já fizera no cinema, como se dissessem: "O que vocês esperam de um sujeito que trabalha com John Milius e vive falando em esmagar os inimigos? É esse o mundo em que eles querem viver. Nós, por outro lado, queremos viver em um mundo de compaixão."

A política entrou na dança. Enquanto eu emendava um sucesso no outro, nunca fora atacado por ser republicano, muito embora a maior parte de Hollywood e da imprensa especializada seja liberal. Agora que eu estava amargando um fracasso, todos soltaram o verbo. Reagan e Bush estavam acabados, os republicanos já eram – e o mesmo acontecia com os filmes de ação imbecis e toda aquela baboseira viril. Chegara a hora de Bill Clinton e Tom Hanks, de filmes com conteúdo e significado.

Encarei as críticas de maneira filosófica e tentei minimizar a situação toda. Tinha vários projetos de filmes já alinhavados – como *True Lies*, *Queima de*

arquivo, *Um herói de brinquedo* – que bastavam para me dar a segurança de que uma produção malsucedida não teria qualquer impacto na minha carreira, no dinheiro que eu ganhava, nem qualquer outra consequência real. Disse a mim mesmo que aquilo não tinha importância, porque há momentos em que se está em alta e outros em que se está em baixa. Poderia ter acontecido com outro filme. Ou poderia ter ocorrido três, cinco anos depois.

Não importa o que você diz a si mesmo nem o que sabe: na hora em que está passando sufoco, é difícil, *sim*. É constrangedor fracassar na bilheteria e ver seu filme estrear mal. É constrangedor ver matérias horríveis serem publicadas a seu respeito e ouvir as pessoas começarem a tachar aquele como o ano do seu fracasso. Como sempre, duas vozinhas se digladiavam dentro da minha cabeça. Uma delas dizia: "Que droga! Ai, meu Deus, que horror." A outra dizia: "Agora é que vamos ver se você tem garra, Arnold. Vamos ver se você tem colhões. Seus nervos são de aço? Sua pele é cascuda? Vamos ver se é capaz de sair por aí no seu conversível e sorrir para todo mundo sabendo que as pessoas acham uma porcaria o filme que você acabou de estrear. Vamos ver se consegue fazer isso."

Tudo isso passava pela minha mente enquanto eu me criticava e tentava me consolar ao mesmo tempo, me perguntando como iria conseguir atravessar aquela tormenta. Foi como se a noite em que perdi o título de Mister Universo para Frank Zane, em 1968, estivesse se repetindo.

Maria me deu muito apoio. "Olhe aqui, o filme ficou bom", disse ela. "Talvez não tenha sido o que a gente esperava, mas ficou bom, e você deveria se orgulhar disso. Agora vamos seguir em frente. Concentre-se no próximo projeto." Fomos para nossa casa de veraneio em Sun Valley, Idaho, e lá brincamos com as crianças. "Não leve isso tão a sério", aconselhou Maria. "Veja tudo o que temos. É nisto aqui que você deveria pensar, não naquele filme idiota. Essas coisas vêm e vão. Além do mais, dos 20 e tantos filmes que você já fez, pelo menos dois terços se tornaram sucessos, então você não tem nada do que reclamar."

Mesmo assim, acho que ela também ficou decepcionada e com certeza se sentiu constrangida ao receber telefonemas de amigos. É isso que as pessoas fazem em Hollywood. Elas dizem "Puxa, sinto muito pelo fracasso de bilheteria", mas na verdade estão tentando ver como você reage. Maria recebia ligações de amigos dizendo coisas do tipo: "Ai, meu Deus, eu li a matéria do *LA Times.* Nossa, que chato! Tem alguma coisa que a gente possa fazer?"

Todo mundo é assim. Faz parte da natureza humana ter empatia pelos problemas alheios. Se um dos filmes de Tom Arnold fosse um fracasso, eu ligaria para ele. Para Stallone também. Diria: "Que se foda o *LA Times*, que se fodam as revistas especializadas, são todos uns imbecis filhos da puta. Você é um ótimo ator, cheio de talento." É isso que se faz. Ao mesmo tempo, no entanto, há sempre um lado seu que pensa: "O que será que ele vai dizer?" Então por que as pessoas não estavam ligando para mim e fazendo a mesma coisa?

Quando se fica constrangido como eu fiquei, a tendência é imaginar que o mundo inteiro está comentando o seu fracasso. Eu entrava em um restaurante e ouvia alguém dizer: "Oi, tudo bem? Vi que o filme novo estreou, que ótimo!" E eu pensava: "*Ótimo*? Seu filho da puta. Por acaso não leu o *LA Times* nem a *Variety*?" A realidade, porém, é que nem todo mundo lê esse jornal ou essa revista, nem assiste a todos os filmes que entram em cartaz. O pobre coitado decerto não tinha a menor ideia do que estava acontecendo e só estava querendo ser agradável.

ESSES PERCALÇOS NÃO ERAM NADA QUE OUTRO grande sucesso não fosse capaz de consertar. Antes de o verão terminar, eu já estava novamente diante das câmeras de Jim Cameron, galopando em um cavalo pelo centro de Washington em perseguição a um terrorista de moto. *True Lies* era uma comédia de ação de grandes proporções, com efeitos especiais mirabolantes que incluíam um tiroteio entre terroristas encurralados em um arranha-céu de Miami e eu a bordo de um jato Harrier, e uma explosão nuclear que aniquila uma das ilhotas de coral de Florida Keys. O filme tinha também relacionamentos engraçados e complexos, sobretudo entre mim e minha esposa, interpretada por Jamie Lee Curtis. Meu personagem, Harry Tasker, é um superespião na linha de James Bond cuja mulher, Helen, no início acha que ele vende computadores. Jamie Lee fez o papel tão bem que foi indicada ao Globo de Ouro de melhor atriz de comédia.

Eu havia tomado conhecimento desse projeto no ano anterior, quando Bobby Shriver me ligou para dizer que assistira a um filme francês que eu talvez quisesse refilmar para o público americano.

– O filme se chama *La Totale!* – disse ele. – É sobre um cara durão estilo 007 cuja mulher não sabe o que ele faz na vida. Às vezes ele aparece em casa todo arrebentado e tem que inventar mil desculpas. Prende criminosos internacionais, mas não consegue lidar com a filha adolescente que vive se metendo em problemas.

– Parece engraçado – falei.

– Sim, e tem comédia e ação. Dá para rir, mas também tem bastante suspense.

Então liguei para o agente do filme, pedi que ele me mandasse uma cópia e me apaixonei pela história. Mas Bobby tinha razão: o filme era parado demais para os padrões americanos e precisava de mais ação e energia. "Jim Cameron!", pensei. "Ele estava planejando filmar *Homem-aranha*, mas o projeto acaba de afundar." Então liguei para ele e falei: "Vamos fazer esse filme juntos da maneira que você sempre imagina as coisas: *grandes*."

Logo fechamos um acordo com a Fox e Jim começou a escrever o roteiro. Todos os seus filmes têm personagens femininos marcantes, e ele transformou Helen Tasker de uma dona de casa comum na personagem que Jamie Lee Curtis viria a interpretar: inteligente, sexy, com *sua própria* vida secreta. À medida que o roteiro ia tomando forma, Jim me ligava para pedir minha

opinião. Em determinado momento, passamos dois dias trancafiados num hotel em Las Vegas bolando a maneira como eu iria conversar com minha mulher, como iria confrontá-la caso desconfiasse de que ela estava tendo um caso extraconjugal, o que eu diria a um terrorista antes de matá-lo, como reagiria caso descobrisse que minha filha estava roubando um amigo meu. Nessas conversas, adaptávamos o ritmo dos diálogos a mim. O timing do projeto foi perfeito: poucas semanas depois da decepção de *O último grande herói*, entramos em pré-produção, e as filmagens começaram em 1º de setembro.

Maria e eu transformamos *True Lies* em uma aventura familiar. Ela estava grávida de oito meses quando as filmagens começaram e, ao anunciar a licença-maternidade no programa que comandava, *First Person with Maria Shriver*, disse aos espectadores: "Arnold vai estar aqui em Los Angeles quando eu der à luz. Depois disso a família inteira vai fazer as malas e vamos viajar com ele, para ver quanto tempo duro como esposa no set."

Cameron concordou em passar três semanas filmando em Los Angeles até Patrick nascer. A produção então se transferiu para Washington, e poucos dias depois, conforme o planejado, Maria, Katherine, Christina, o bebê e a babá foram me encontrar.

Passamos um mês morando em Washington, e aquele foi um período muito feliz. Como sempre, Cameron preferia filmar à noite. Então eu trabalhava até amanhecer, chegava em casa e dormia, e à tarde acordava para brincar com as crianças. Na época, Katherine tinha 4 anos e Christina, 2 anos e meio. Além de fazer cosquinhas uns nos outros e correr para lá e para cá, a gente também costumava pintar, atividade que eu adorava quando criança. Ronda, minha assistente, era uma artista, e foi ela quem me incentivou a voltar a pintar. Eu vivia falando que queria retomar esse hobby, mas nunca tivera paciência para reunir todo o material necessário e tentar de verdade. Então, em um sábado de manhã, Maria apareceu em casa com um conjunto de tintas acrílicas e telas e falou:

– Vamos passar as três próximas horas pintando.

– Tudo bem – respondi.

Nós nos sentamos, eu peguei um livro de arte com um quadro de Matisse e comecei a copiá-lo: era um quarto com um tapete, um piano e um vaso de flores, com portas altas de vidro que se abriam para uma sacada com vista para o mar. Foi assim que me reaproximei da arte. Passei a desenhar castelos com caneta e tinta, e a pintar cartões de Natal e aniversário para Maria e as meninas. Minhas filhas e eu entramos em um delicioso ritmo de desenhos e brincadeiras, e usei lápis de cera para desenhar uma linda abóbora de Halloween para Patrick e um bolo de aniversário com velinhas para Maria.

Passamos os meses seguintes vivendo como ciganos. Acompanhamos a produção de *True Lies* até Miami, onde levei Maria e as meninas para andar de jet ski. Então o filme se mudou para Key West, depois para Rhode Island e, por fim, voltou à Costa Oeste. Quando se tratou de conciliar família e trabalho,

consegui resultados muito melhores que o meu personagem. O set de Cameron era incrivelmente bem organizado e todos os dias havia a hora de trabalhar e a hora de se divertir. Mesmo assim, fazer *True Lies* foi um desafio, e não estou me referindo apenas às muitas horas que passei ensaiando tango obstinadamente para as cenas de dança. Cameron estava extrapolando os limites das cenas de ação e os efeitos especiais. Além de contar com 48 dublês, ele mandava os atores fazerem eles próprios várias das tomadas. Jamie Lee ficou pendurada em um helicóptero que a deixou em cima de um carro em movimento sobre a ponte que une as ilhotas de coral de Florida Keys. Eu tive que nadar no mar para fugir de um paredão de labaredas. Confiei que Cameron não fosse colocar nossas vidas em risco, mas essas cenas envolviam um perigo inerente e, se você errasse, ninguém seria capaz de protegê-lo completamente.

Para mim o momento mais perigoso foi o do cavalo. No filme, Harry Tasker está perseguindo o terrorista que foge numa moto. Ele atravessa um parque de Washington, entra em um hotel de luxo, passa por um salão de baile, um chafariz, e vai parar dentro de um elevador cheio de pessoas de smoking e vestidos de gala, antes de finalmente encurralar o bandido no telhado. No entanto, de forma inacreditável, o terrorista acelera a moto, dá um salto espetacular e pula do prédio para dentro da piscina da cobertura de um prédio vizinho. No auge da perseguição, Harry finca as esporas no cavalo e pula do telhado para tentar ir atrás do terrorista. Na última hora, porém, o cavalo dá para trás e para derrapando – tão de repente que Harry é projetado da sela, passa por cima do pescoço do animal e acaba pendurado pelas rédeas acima da rua, a muitos andares do chão. Sua vida passa a depender do cavalo, que ele tenta convencer a se afastar da beira do edifício. Na verdade, o telhado era um set construído em estúdio, a quase 30 metros do chão. A equipe de filmagem estava com medo de o cavalo não parar a tempo e de nós dois cairmos, de modo que havia montado uma plataforma de segurança que se estendia a partir da beira do telhado, como uma sólida passarela. Isso nos impediria de cair caso o cavalo desse um ou dois passos a mais. A imagem da plataforma seria removida na versão final do filme.

Para rodar uma cena dessas é preciso um cavalo bem agitado, pois são necessárias várias tomadas. Um cavalo comum vai perceber que na verdade você não vai deixá-lo saltar. Então, depois das primeiras tentativas, ele não vai mais correr até a beirada. Em vez disso, vai desacelerar no meio do caminho e parar tranquilamente. Mas um cavalo agitado gosta tanto de saltar que vai passar o dia inteiro correndo até a beirada na esperança de que você o deixe pular. Por isso o cavalo que usamos era bastante agitado – bem treinado, mas muito agressivo. Adorei o fato de conseguir conduzir esse animal graças ao treinamento que tinha feito para o papel de Conan.

Antes de começarmos, era preciso verificar os ângulos da câmera e medir o foco. Então eu tinha que fazer o cavalo andar até a beirada do telhado e pela plataforma erguida acima do estúdio. De repente, houve um acidente: uma das

câmeras suspensas caiu bem em cima da cara do cavalo. Chegou a bater no animal, não com muita força, mas o suficiente para assustá-lo. O cavalo tentou recuar, mas seus cascos começaram a escorregar na plataforma. Desmontei o mais depressa que pude, mas não tive para onde ir: estava em cima da plataforma, 30 metros acima do chão, debaixo do cavalo. Tudo o que consegui pensar foi: "Fique vivo, não caia da plataforma e tome cuidado com os cascos." O cavalo sapateava de um lado para outro; caso pisasse em mim ou tornasse a escorregar, nós dois cairíamos. Eu sabia que pessoas haviam sobrevivido a quedas bem mais altas que aquela, mas sabia também que, nesse caso, o cavalo e eu iríamos aterrissar no chão de cimento e estaria tudo acabado.

Ninguém jamais imaginou que o simples fato de medir o foco fosse ser perigoso. Mas nosso diretor de cenas de ação, Joel Kramer, sabia que uma cena como aquela jamais fora tentada e estava atento. Eu o vi pular para cima da plataforma, segurar o cavalo e começar a acalmá-lo, fazendo-o recuar lentamente até eu conseguir sair de lá.

Meu cérebro reagiu como sempre reage quando fico a um triz do perigo: na mesma hora reprimi o ocorrido como se nada tivesse acontecido. Quando o cavalo se acalmou, voltamos a filmar a cena conforme o planejado. Mesmo assim, dei uma caixa de charutos Montecristo de presente para Joel. Todo mundo sabia que, se ele não estivesse prestando atenção em nós, o cavalo e eu provavelmente estaríamos mortos.

MARIA TINHA UM TEMPERAMENTO FORTE demais para passar muito tempo desempenhando apenas o papel de mãe. Quando chegamos à Flórida, ela já havia recomeçado a trabalhar e a pensar em futuras matérias. Quando as filmagens foram interrompidas a fim de que a produção seguisse para Rhode Island, ela e eu tiramos um dia para ir a Cuba. Americanos ainda não podiam entrar no país, mas Maria era jornalista e recebeu autorização. Ela já tinha feito umas duas entrevistas com o presidente Fidel Castro, e em uma delas lhe perguntara, sem rodeios, se ele tivera algo a ver com o assassinato de JFK. Agora estava preparando outra entrevista, e eu a acompanhei.

Para mim, o ponto alto da viagem foram os charutos. Enquanto Maria estava ocupada em reuniões, fui visitar a fábrica da Partagas, de onde saem marcas lendárias como Cohiba, Punch e Montecristo. Amo fábricas, então, sempre que um produto me conquista, sinto vontade de ver como ele é feito. Adoro observar a produção de carros, a criação de sapatos, o processo de fabricação de vidro. Adorei ir à fábrica de relógios Audemars Piguet, na Suíça, e ver os técnicos trabalhando com seus jalecos brancos, luvas, óculos e capacetes que impedem que qualquer fragmento de poeira entre no mecanismo. Também gosto dos ateliês de marcenaria da Floresta Negra, na Alemanha, onde são esculpidas estatuetas religiosas e máscaras. A fábrica cubana de charutos era um paraíso. Imagine uma sala de aula bem grande, com capacidade para 100 alunos, mobiliada com bancos e mesas de madeira como os de antigamente. Era assim, sem tirar nem pôr. Homens e mulheres

sentados diante dessas mesas enrolavam os charutos, e no meio do recinto havia um tablado igualzinho ao da minha escola quando eu era menino, no qual o professor ficava sempre um pouco acima da turma. Nesse tablado, um cara sentado lia notícias em voz alta. Meu espanhol não era bom o suficiente para que eu entendesse tudo, mas as notícias estavam entremeadas de propaganda política. Para ficar sentado ali lendo-as daquele jeito era preciso ter imaginação e ser praticamente um artista do entretenimento, como Robin Williams no papel do radialista de *Bom dia, Vietnã*. Aquele sujeito era do mesmo tipo: falava e soltava exclamações a uma velocidade espantosa, sempre gesticulando. Tenho certeza de que isso fazia o tempo passar mais rápido para os tabaqueiros.

Fiquei pasmo ao testemunhar como os cubanos tratavam seu tabaco de altíssima qualidade como se fosse ouro. Eu já tinha visto medidas de segurança como aquelas nas minas de diamante e ouro da África do Sul, mas nunca em outro lugar. Quando os trabalhadores chegavam, entravam em fila indiana em uma sala imensa, com a umidade perfeitamente controlada, cheia de folhas penduradas – folhas compridas e largas, adequadamente tratadas e curadas. Cada tabaqueiro recebia então determinada quantidade de folhas, além de três charutos para si. Estes não eram de qualidade tão boa quanto as folhas, porém, e a regra era: "Nunca enrole um charuto para si mesmo." No final do expediente, os trabalhadores eram revistados para verificar se todo o tabaco tinha sido corretamente utilizado.

É esse o nível de preciosidade do tabaco. A planta precisa ser cultivada e tratada de determinada maneira. Tem que ser cuidadosamente seca até adquirir uma tonalidade marrom e ficar pronta para ser enrolada. Tudo precisa ser perfeito, e os cubanos são mestres nesse ofício. Além de ter o melhor clima e o melhor solo, eles também têm tradição: várias gerações de apaixonados pela arte de "torcer" charutos, sempre em busca de novas formas de torná-los ainda mais perfeitos.

É possível observar os tabaqueiros fabricarem o charuto: primeiro o miolo, feito com uma qualidade específica de tabaco; depois a folha que prende o recheio, chamada de capote, que tem uma qualidade distinta; e por fim a folha externa, a capa, que não pode ter absolutamente nenhum veio. Se você vir um charuto com grossos veios na capa, significa que ele é de qualidade inferior, ou então alguém não prestou atenção ao fabricá-lo. Um charuto desses pode ser comprado por oito dólares e é agradável de fumar, mas não é um belo exemplar como os Davidoff, Montecristo ou Cohiba. Observei os tabaqueiros colocando as anilhas dos charutos. Assim como em qualquer produto, é importante que a marca seja a mais atraente possível. Para os apreciadores, a anilha aumenta muito a graça do charuto – sobretudo se tiver um aspecto estrangeiro, cubano, chamativo, latino e exuberante, cheio de vermelhos e amarelos, e às vezes com uma linda figura feminina desenhada.

Os charutos cubanos são de fato tão bons quanto dizem. Há muitos falsos cubanos por aí, mas, se você for um conhecedor, saberá distinguir as imitações

dos artigos genuínos em segundos, pois um verdadeiro cubano tem um cheiro forte que lembra adubo. Sei que parece estranho, mas o cheiro é esse mesmo. Ao fumar o sabor é delicioso, mas quando você abre a caixa e sente o aroma... Quem não entende nada de charutos não vai gostar.

COM BILL CLINTON NA CASA BRANCA, meu nome já não tinha mais tanto valor em Washington. Antes mesmo da posse, Donna Shalala, nova secretária de Saúde e Serviços Humanos, pediu que eu renunciasse ao cargo de tsar da boa forma. "Você fez campanha para Bush, e não podemos tê-lo como chefe do President's Council." Isso foi tudo o que ela disse. Além disso, quando começamos a filmar *True Lies* e pedimos ao novo secretário do Interior, Bruce Babbit, uma autorização para atravessar a cavalo o espelho d'água do Monumento a Washington, ele negou na hora, muito embora outros filmes já tivessem usado o local.

Maria não ficou nem um pouco espantada. "Bem-vindo ao mundo da política. É assim mesmo", comentou. É claro que ela ficou chateada por eu ter que abrir mão do cargo. Eu era bom no que fazia e adorava aquilo. Por outro lado, embora gostasse de George Bush como pessoa, ela mal podia esperar para Clinton assumir a presidência. No fundo, não sei muito bem como seus sentimentos se equilibravam. Talvez tenha havido um certo quê de revanche, uma vez que eu passara muito tempo aproveitando o fato de os republicanos estarem no poder e dizendo a ela que Ronald Reagan isso, George Bush aquilo, e como os conservadores iriam dar um jeito no país. Ela mal podia esperar pela mudança.

Eu aprendera tanta coisa como tsar da boa forma que sabia exatamente em que desejava me concentrar agora. Três anos de viagens pelos Estados Unidos haviam me deixado cada vez mais preocupado com uma questão importante relacionada às crianças: depois da escola e durante as férias, várias delas ficavam à toa, sem nada para fazer, e muitas vezes sem nenhum adulto por perto para tomar conta. Em todos os estados que visitei, os alunos eram liberados da escola às três da tarde. Metade ia embora com os pais ou voltava para casa de ônibus escolar, mas o restante ficava zanzando pelas ruas.

Quando comecei a me interessar pelo assunto, fiz amizade com Danny Hernandez, ex-fuzileiro naval que administrava o Hollenbeck Youth Center, um centro para jovens situado em um bairro pobre e infestado de gangues de rua em Los Angeles. Na experiência de Danny, as férias de verão eram sempre a época mais difícil para as crianças, pois a falta do que fazer as tornava mais suscetíveis a se envolver com crimes, drogas, bebidas alcoólicas e gangues. Assim, no intuito de criar propósito e significado para os meses do verão, ele havia criado em 1991 os Inner-City Games – mais ou menos nos moldes das Olimpíadas. De junho a agosto, crianças de escolas diferentes treinavam várias modalidades esportivas e no último dia de férias participavam de competições.

Danny me levou para visitar o centro, fruto de uma colaboração pouco comum na década de 1970 entre empresários locais e o Departamento de

Polícia de Los Angeles. Havia quadras de basquete, uma sala de musculação e aulas de educação física, além de uma sala de computação e de um espaço para as crianças fazerem os deveres de casa. Como o centro estava localizado na zona leste da cidade, que era ocupada majoritariamente por imigrantes latinos, havia também um lindo ringue de boxe, esporte que é um elemento importante de sua cultura. O objetivo, Danny me explicou, era oferecer uma programação para as crianças se ocuparem e dar uma segunda chance às mais problemáticas. Em vez de mandarem-nas para o tribunal, muitas vezes as delegacias de polícia de Hollenbeck e de outros bairros da zona leste as encaminhavam para o centro juvenil. Diziam: "Não fique na rua, vá malhar depois da escola, faça seu dever de casa lá. Eles têm computadores, uma academia, um ringue de boxe. É uma boa ideia você ir para lá."

Os distúrbios raciais de Los Angeles, na primavera de 1992, trouxeram dolorosamente à tona a necessidade de manter os jovens longe de encrencas. O estopim da violência foi a absolvição dos policiais de Los Angeles acusados de espancar Rodney King, um motorista afro-americano que dirigia em alta velocidade e avançou um sinal vermelho. Um vídeo gravado por uma testemunha no local mostrava que a polícia o havia agredido com violência, apesar de ele ter se entregado. Áreas de Los Angeles foram incendiadas, dezenas de pessoas morreram e foram registradas rebeliões em outras cidades também. Durante os tumultos, o Hollenbeck funcionou como um porto seguro. Gravei um vídeo musical chamado "Fiquem frios" ("Chill" é o título original em inglês) com Arsenio Hall, ator e apresentador de tevê, pedindo às pessoas que se acalmassem.

Então Danny e eu intensificamos os esforços para expandir os Inner-City Games, a fim de incluir mais escolas e mais crianças e estendendo o programa para que ele funcionasse o ano inteiro. Quando *True Lies* chegou aos cinemas e conquistou o primeiro lugar das bilheterias de filmes de ação em 1994, os Inner-City estavam realmente se popularizando. Nós já conseguíramos alcançar milhares de crianças, das quais 5 mil competiam nas finais, durante nove dias, na Universidade do Sul da Califórnia. Passamos a ir além do esporte e começamos a oferecer atividades artísticas e concursos de redação, programas de teatro, competições de dança e até mesmo programas para jovens empreendedores. Atlanta lançara sua própria versão dos jogos e havia planos para edições em Orlando, Miami, Chicago e em mais cinco cidades.

Trabalhar com aquelas crianças me ensinou muita coisa sobre mim mesmo. Até então, eu me considerava o garoto-propaganda do sonho americano. Chegara aos Estados Unidos praticamente sem dinheiro, mas dei duro, mantive o foco em meu objetivo e consegui alcançá-lo. Aquela era mesmo a terra das oportunidades, pensei. Se um rapaz como eu tinha conseguido, qualquer um seria capaz. Só que não era bem assim.

Ao visitar as escolas, vi que não bastava crescer como cidadão americano. Nos bairros pobres das grandes cidades, as crianças sequer se atreviam a sonhar. A mensagem que recebiam era: "Nem adianta se dar a esse trabalho.

Você nunca vai conseguir. Você nasceu para perder."

Tentei pensar no que eu tinha e aquelas crianças não. Também vinha de uma família pobre. No entanto, sempre tive gana de conquistar meus objetivos, e meus pais me incentivaram e me ensinaram a ter disciplina. Tive uma educação sólida em escola pública. Depois do colégio, fazia aulas de esporte com treinadores e parceiros de treino que serviram de modelos de comportamento para mim. Tive mentores que me disseram "Você vai conseguir, Arnold", e que me fizeram acreditar nisso. Eles passaram o tempo todo do meu lado, me apoiaram e me fizeram crescer.

Quantas crianças de bairros pobres contam com esses recursos? Quantas aprenderam a ter disciplina e determinação? Quantas receberam incentivos que lhes permitissem vislumbrar o próprio valor?

Pelo contrário: essas crianças tinham crescido escutando que estavam encurraladas. E elas podiam ver que a maioria dos adultos à sua volta estava na mesma situação. As escolas tinham poucos recursos, os professores viviam exaustos e nem sempre eram os melhores e havia poucos mentores. As famílias eram pobres e as gangues estavam por toda parte.

Queria que aquelas crianças sentissem a própria determinação, a própria ambição e esperança, e conseguissem chegar à mesma linha de largada. Nunca foi difícil trabalhar por essas crianças, nem pensar na coisa certa a dizer. "Nós amamos você", eu dizia. "Vamos cuidar de você. Você é incrível. Vai conseguir. Acreditamos em você, porém o mais importante é você acreditar em si mesmo. Há milhares de oportunidades à sua espera: você só precisa tomar as decisões certas e ter um sonho. Você pode ser tudo o que quiser: professor, policial, médico – nada é impossível. Pode ser uma estrela do basquete, ator. Pode ser até presidente. Tudo é possível, mas você tem que fazer a sua parte. E nós, adultos, temos que fazer a nossa."

Questões do coração

GANHAR DINHEIRO NUNCA FOI MEU único objetivo. Apesar disso, sempre considerei minha capacidade de faturamento um indicador de sucesso, e o dinheiro abria portas para investimentos interessantes. Tanto *True Lies* quanto *Júnior* foram sucessos em 1994, e com eles minha carreira cinematográfica tornou a entrar nos eixos. Trabalhei bastante e os resultados apareceram: durante o restante da década de 1990, ganhei quase 100 milhões de dólares só com os cachês das produções de que participei. A cada ano, faturava outros milhões de dólares em vídeos, distribuição em TV a cabo e reapresentação de filmes antigos. Até meu primeiro trabalho no cinema, *Hércules em Nova York*, estava dando lucro como filme cult, embora eu não recebesse nada por isso. Os imóveis, a cadeia Planet Hollywood, os livros e meus outros negócios rendiam mais dezenas de milhões.

Assim como muitos astros de Hollywood, eu também ganhava dinheiro fazendo comerciais na Ásia e na Europa. Nos Estados Unidos isso teria prejudicado a imagem e a marca Arnold, mas comerciais estrelados por celebridades americanas tinham prestígio no exterior, sobretudo no Extremo Oriente. Fabricantes de produtos como macarrão instantâneo, café, cerveja e Vffuy, uma bebida vitaminada japonesa, dispunham-se a me pagar até 5 milhões de dólares por anúncio. E o comercial geralmente era gravado em um dia só. O acordo sempre incluía uma "cláusula de confidencialidade" segundo a qual o anunciante não podia deixar a peça de publicidade chegar ao Ocidente. Hoje essa possibilidade não existe mais – basta gravar um comercial para ele aparecer no YouTube –, mas em meados da década de 1990 a internet não passava de uma ideia nova e esquisita.

À medida que meus interesses profissionais se diversificavam, comecei a perceber que acabaria chegando um momento em que eu não teria mais tempo de cuidar de todos eles e Ronda ficaria sobrecarregada. É bem verdade que ela estava tendo aulas de administração, mas no fundo era uma artista. Foi exatamente isso que aconteceu em 1996. Ela me procurou e disse: "É tanto dinheiro agora que não consigo dar conta. Não me sinto mais à vontade." Eu adorava Ronda e estava decidido a jamais lhe dar a impressão de que ela estivesse sendo substituída. Prometi-lhe que ela poderia manter uma quantidade de trabalho com a qual se sentisse confortável e que, enquanto

isso, eu iria arranjar alguém para me ajudar com os projetos maiores, nos quais houvesse mais dinheiro em jogo.

Sempre achei que o mais importante não é a quantidade de dinheiro que você ganha, mas quanto investe e quanto poupa. Nunca quis entrar para a longa relação de personalidades do entretenimento e do esporte que torraram toda a sua fortuna. Essa lista, assustadoramente comprida, inclui nomes como Willie Nelson, Billy Joel, Zsa Zsa Gabor, Bjorn Borg, Dorothy Hamill, Michael Vick e Mike Tyson. Todos eles tinham pessoas que cuidavam de seus negócios. Lembro-me de Burt Reynolds e seu administrador chegando a Palm Springs, cada qual ao volante de um Rolls-Royce – depois, o dinheiro acabou. Faça o que fizer na vida, você precisa ter uma mentalidade empresarial e se educar em relação ao dinheiro. Não pode simplesmente delegar tudo a alguém e dizer: "Metade tem que ficar aplicada, para podermos pagar os impostos, e a outra metade fica para mim." Meu objetivo era ficar rico e manter minha fortuna. Não queria, de jeito algum, receber um telefonema do administrador dizendo: "Alguma coisa deu errado com a aplicação. Não vamos poder pagar seus impostos." Eu fazia questão de conhecer cada detalhe dos negócios.

Meus interesses eram tão diversos que eu poderia ter acabado cercado por uma coleção de especialistas para me aconselhar. Em vez disso, contratei um investidor extremamente inteligente chamado Paul Wachter, meu conhecido havia muitos anos, e acompanhava o trabalho dele de perto. Paul era amigo de longa data de meu cunhado Bobby Shriver – os dois tinham ficado mais íntimos quando trabalharam como assistentes de juízes em Los Angeles, depois da faculdade de direito, que cursaram nos anos 1970 – e tínhamos nos tornado bem próximos. Não seria de imaginar que eu fosse ter grandes coisas em comum com um banqueiro e advogado judeu do Upper East Side de Manhattan, que jamais, em toda a sua vida, pusera o pé em uma sala de musculação ou em um set de filmagem. Os outros achavam estranho que nos déssemos tão bem. Só que Paul tinha uma herança austríaca forte: seu pai era um vienense que sobrevivera ao Holocausto e sua mãe vinha de uma região da Romênia na qual se falava alemão, e esse fora o principal idioma de Paul quando criança. Além disso, ao contrário de muitos imigrantes que chegaram aos Estados Unidos após a Segunda Guerra, o pai dele mantivera fortes laços com o Velho Mundo. Na realidade, ele importava e exportava presunto e outros derivados de carne entre os Estados Unidos e lugares como Polônia e Bavária. Na infância, Paul costumava passar os verões na Europa, e já mais velho tinha trabalhado como instrutor de esqui nos Alpes austríacos.

Em comparação com a maioria dos americanos, ele pensava de forma bem parecida com a minha. Ambos tínhamos o cenário alpino correndo nas veias: paisagens cheias de neve, florestas de pinheiros, imensas lareiras e chalés. Quando eu disse a Paul que sonhava construir para minha família um grande chalé com vista para Los Angeles, por exemplo, ele entendeu. Éramos, os dois, extremamente competitivos, e eu costumava desafiá-lo no tênis e no esqui. Graças a seu pai, de quem eu também gostava muito, Paul entendia a

mentalidade de um imigrante que chegava aos Estados Unidos, começava um negócio e alcançava o sucesso.

Portanto, Paul era um cara em quem eu confiava e que também era engraçado e atlético – alguém com quem eu podia conversar, praticar esqui, tênis e golfe, viajar e fazer compras. Essas coisas são importantes para mim. Nunca gostei de relações de negócios que se limitassem a trabalho. Nisso, Maria e eu somos muito diferentes. Ela foi criada em um mundo no qual uma linha clara separava os amigos dos empregados. No meu caso, esse limite praticamente não existe. Acho ótimo trabalhar com pessoas das quais também posso ser amigo, com quem posso fazer rafting, visitar a Áustria e subir trilhas em montanhas. Além disso, pareço uma criança: adoro me exibir e compartilhar experiências. Se eu for até o alto da Torre Eiffel e tiver um almoço extraordinário lá, e se depois da refeição aparecer alguém com um carrinho contendo 5 mil charutos e eu gostar do modo como o charuto for apresentado e aceso, quero que todos os meus amigos vivam a mesma experiência. Então, em minha visita seguinte ao exterior para promover um filme, dou um jeito de levar alguns deles ao mesmo lugar. Quero que visitem a Ópera de Sydney, que conheçam Roma. Quero que assistam a um jogo da Copa do Mundo de futebol.

QUANDO EU ESTAVA NO MEIO DA negociação da cadeia Planet Hollywood, Paul fez o papel de meu rabino extraoficial. Apesar de todas as pessoas envolvidas no processo estarem usando o advogado da empresa, ele me aconselhou a levar o meu. Também insistiu que tivéssemos calma e fechássemos o acordo do jeito certo. Passamos quase dois anos negociando minha participação na sociedade. Enquanto a principal preocupação dos outros sócios era incluir em seus contratos cláusulas de gratuidade e lucros adicionais, acabei fechando um acordo mais lucrativo e com mais salvaguardas para o caso de o empreendimento dar errado. Depois disso, Paul e o banco de investimentos para o qual ele trabalhava, o Wertheim Schroder & Co., ajudaram-me com outros contratos. Oficialmente, Paul atuava na área de jogos e hotéis no Wertheim – já vendera campos de golfe, clubes de tênis e resorts de esqui. No entanto, eu o vira em ação um número suficiente de vezes para saber que sua capacidade ia muito além disso. Não importava o que o acordo envolvesse – um estúdio de produção, um vinhedo em Napa, um empreendimento para a construção de um shopping –, Paul sempre conseguia chegar ao cerne da questão. Era o cara de raciocínio mais rápido que eu já conhecera.

Paul e eu já trabalhávamos juntos informalmente havia alguns anos quando Ronda chegou ao seu limite. Meu bom senso já vinha me dizendo que eu precisava diversificar meus negócios para além do setor imobiliário, o único que conhecia a fundo. A economia estava aquecida, novas empresas e indústrias surgiam e o mercado de ações se expandia loucamente. Comprar e vender ações, por si só, não me interessava, assim como passar meu tempo pesquisando sobre empresas. Eu sabia, porém, que o mercado de modo geral

tinha se valorizado em termos reais mais de seis vezes desde que Jimmy Carter fora eleito. Queria aproveitar esse crescimento. Paul organizou para mim a compra de uma participação em um fundo privado chamado Dimensional Fund Advisers (DFA), com escritório ali mesmo em Santa Monica. Conheci o fundador da empresa, David Booth, aluno de meu herói Milton Friedman, e Paul tecia elogios rasgados ao empreendimento.

"Já vi centenas de empresas na vida, mas nunca um grupo de pessoas como esse", afirmou ele. "São todos extremamente éticos, com uma capacidade intelectual brilhante e tino para negócios." Embora ainda fosse pequena e pouco conhecida, a DFA estava se preparando para dominar a fatia do setor de fundos mútuos indexados que a gigante da indústria, a Vanguard, não contemplava. Agarrei a oportunidade e a empresa rapidamente se tornou um de meus bens mais valiosos.

Eu já vinha pressionando Paul para se tornar autônomo, e em 1997 ele abriu no meu prédio um escritório de investidor independente com um único cliente inicial: eu. A essa altura, nós já nos dávamos tão bem que só precisei lhe dar umas poucas instruções. A primeira foi meu velho lema: "Pegue um dólar e transforme em dois." Queria investimentos grandes que fossem interessantes, criativos e diferentes. Apostas conservadoras – do tipo que renderia, digamos, 4% ao ano – não me interessavam. Empresas offshore e outras estripulias também não chamavam minha atenção. Eu tinha orgulho de pagar impostos sobre o dinheiro que ganhava. Na verdade, quanto mais impostos pagasse, melhor, pois isso apenas mostrava que eu estava ganhando mais dinheiro. Também não queria saber dos investimentos que em geral atraíam os administradores das grandes fortunas de Hollywood, como por exemplo hotéis ou boates de luxo. Podia assumir grandes riscos em troca de grandes retornos e queria saber o máximo possível sobre o que estava acontecendo. Minha disponibilidade para ouvir novas ideias, meu envolvimento e a quantidade de dinheiro que entrava atraíram Paul. Ele sabia que haveria muito a fazer.

A ideia de comprar um Boeing 747 foi se formando aos poucos. Tínhamos um conhecido em São Francisco, chamado David Crane, cuja empresa de investimentos começara a atuar na área de leasing de aeronaves. Esse negócio existe porque as companhias aéreas nem sempre querem ser donas de seus aviões. Ter um avião imobiliza muito capital e pode ser um grande transtorno quando o seu verdadeiro negócio é o transporte de passageiros e cargas. Portanto, as empresas aéreas muitas vezes fazem leasing de aviões de terceiros. Em um contrato desse tipo, a empresa aérea é responsável pela operação e manutenção da aeronave por, digamos, oito anos, e em seguida a devolve ao dono, que fica livre para vendê-la ou cedê-la novamente em outro leasing.

A companhia de David trabalhava com a Singapore Airlines, que eu sabia ter a melhor reputação no setor aéreo. Ela planejava expandir agressivamente sua malha e, para liberar capital, estava vendendo aeronaves e passando a usá-las em leasing por meio de contratos baseados nas garantias do governo de

Cingapura. Li um pouco sobre companhias aéreas e leasing e deixei essas informações amadurecerem na minha mente. Um belo dia, quando acordei, a visão surgiu, cristalina: "Preciso comprar um daqueles 747!"

Até onde eu podia avaliar, era uma ótima oportunidade. Também senti, de certa forma, o mesmo impulso que tive ao ver meu primeiro Humvee. O 747 era o mais robusto dos aviões comerciais, e o preço combinava com seu tamanho. Um 747 novo custava entre 130 e 150 milhões de dólares, dependendo do modelo e de opcionais como cabine e área de assentos, capacidade de carga, instrumentação e outras coisas do tipo. Naturalmente, você não precisava pagar o valor inteiro, já que comprar uma aeronave para ceder em leasing é como adquirir um prédio comercial para alugar. Você investe, digamos, 10 milhões e faz empréstimos em bancos para financiar o restante.

Entramos em contato com David Crane. Ele se mostrou cético. Acordos de leasing de aeronaves eram território de instituições financeiras imensas, como a GE Capital. Investidores particulares jamais tinham feito aquilo.

– Duvido que seja possível, mas vou verificar – disse ele, e prometeu mencionar o assunto com seus clientes de Cingapura.

Uma semana mais tarde, ele me procurou.

– Impossível. Não dá. Eles não querem pessoas físicas, só jurídicas.

– Bom, posso entender por quê – retruquei. – Eles provavelmente imaginam que eu sou algum aventureiro de Hollywood que enriqueceu da noite para o dia e de repente acha que pode comprar um 747. Devem pensar que, quando o contrato for assinado, meu filme vai ser um fracasso ou algo do tipo e eu vou dar para trás. Não estão querendo lidar com os viciados e esquisitões típicos de Hollywood. Entendo. Mas será que eles topam fazer uma reunião? Costumam vir a Los Angeles a trabalho?

– Vou verificar.

No dia seguinte, soubemos que seus clientes tinham uma viagem à Costa Oeste marcada para dali a duas semanas e estavam dispostos a passar no meu escritório. "Ah", pensei. "Como tantas vezes acontece, algo que era impossível está aos poucos se tornando possível." Quando os executivos da Singapore Airlines chegaram, tínhamos feito nosso dever de casa e foi fácil vender-lhes nossa ideia. Passei o início da reunião revendo as cláusulas do acordo, sobretudo para lhes mostrar que entendia como tudo funcionava. Deu para vê-los relaxarem imediatamente. Meia hora mais tarde, já estávamos tirando fotos juntos e o acordo, em princípio, estava fechado. Dei-lhes de lembrança jaquetas de *O exterminador do futuro 2*, além de bonés do *Predador* e camisetas de fisiculturismo. Sabia que, lá no fundo, eles eram meus fãs.

Foi então que veio a parte difícil – para Paul. Às vezes, quando você avalia um acordo sem ter todo o conhecimento sobre o assunto ou sem saber exatamente tudo o que está envolvido, sua capacidade de enxergar o perigo se reduz e sua disposição para se arriscar aumenta. Eu via apenas o que estava à minha frente, e tudo parecia bom. É claro que eu também sentia o cheiro do

risco. Só que, quanto mais arriscadas as coisas são, maior é a possibilidade de lucro.

Meu papel era dizer: "Gostei desse negócio." O de Paul, por sua vez, era se certificar de que tudo estivesse realmente em ordem e de que compreendíamos os riscos. Ser dono de algo gigantesco como um avião... Você assina uns documentos e acha que não tem nenhuma desvantagem porque a manutenção e a segurança são garantidas pela companhia aérea – mas será que isso era totalmente verdade? Paul descobriu detalhes bizarros. Por exemplo: se o avião que você tinha comprado sofresse um acidente, você com certeza teria dificuldade para dormir à noite, mas, ao mesmo tempo, havia dinheiro de seguro mais que suficiente para cobrir as despesas. Por outro lado, se *outras* aeronaves da Singapore Airlines sofressem algum acidente e a reputação da companhia ficasse arruinada, o valor do seu investimento seria prejudicado. Outras empresas poderiam não querer mais o seu avião ao final do leasing, quando a Singapore o devolvesse.

– Essa é uma das formas como esse investimento pode dar errado – explicou David Crane. – Você ficaria encalhado com um 747 que ninguém mais quer, mas mesmo assim teria que continuar pagando as parcelas do empréstimo bancário.

De fato, a rentabilidade daquele investimento dependia muito do chamado "valor residual". E este poderia ser afetado por diversos fatores, desde a reputação da companhia aérea à situação econômica mundial, do preço do petróleo a inovações tecnológicas que só iriam surgir dali a 10 anos. Quando ouvi David descrever o pior que poderia acontecer, porém, tive que rir.

– Tá bom! – falei. – É exatamente isso que vai me acontecer.

Eu simplesmente tinha fé de que não aconteceria.

Por fim, ficamos os dois à vontade com o acordo. Eu estava animado.

– Você deveria conversar com outras pessoas em Hollywood – falei para Paul. – Talvez elas também gostem da ideia e você possa fechar mais negócios.

Ele falou com uns cinco ou seis executivos e astros importantes, mas saiu de mãos abanando.

– Todos me olharam como se eu fosse um monstro aterrorizante – contou-me. – O que mais vi nos olhos deles foi medo. Como se a coisa toda fosse esquisita demais e grande demais para eles.

O avião que acabamos comprando custou 147 milhões de dólares. Antes de assinar os documentos, fomos ao aeroporto para vê-lo. Existe uma foto em que estou literalmente chutando os pneus do meu 747. Assinamos vários tipos de acordo de confidencialidade, claro, mas os bancos não conseguiram se segurar e a notícia vazou no primeiro dia. Eu adorei, porque todo mundo pensou que eu tivesse comprado o 747 para ficar voando por aí feito o xeique de Dubai. Não ocorreu a ninguém que pudéssemos ter feito um acordo extravagante desses como investimento. O negócio acabou rendendo belos frutos em lucros e isenções fiscais, sem falar no orgulho de ser dono de uma máquina daquelas. Eu ouvia alguém se gabar de um novo Gulfstream IV ou

IV-SP e dizia: "Que legal! Mas agora vamos falar sobre o meu 747..." Essa frase interrompia qualquer conversa.

COMPRAR O AVIÃO FOI UM FEITO feliz em meio a uma época conturbada sob outros aspectos. Durante as filmagens de *Batman & Robin*, no final do ano anterior, eu ficara sabendo durante meu check-up anual que teria que arranjar tempo para fazer uma cirurgia cardíaca séria.

O momento era inesperado, mas o problema em si não – já fazia 20 anos que eu sabia ter um defeito hereditário que algum dia precisaria ser operado. Na década de 1970, em uma das visitas de minha mãe durante a primavera, ela sentiu tontura e enjoo e eu tive que levá-la ao hospital. Os médicos descobriram que ela era portadora de um sopro no coração decorrente de uma deformidade na válvula da aorta, a principal válvula de saída de sangue do coração. Algum dia essa válvula teria que ser substituída. Segundo o médico, esses problemas em geral são detectados na meia-idade, e minha mãe estava com 50 e poucos anos. Eu tinha apenas 31, mas mesmo assim eles me examinaram e constataram que eu tinha a mesma imperfeição.

Na época, o médico tinha me dito: "Sua válvula só vai precisar de tratamento daqui a muito tempo. Vamos apenas ficar de olho." Assim, todo ano eu fazia um check-up cardíaco. O médico escutava o sopro e dizia: "Não há nada com que se preocupar, basta manter a forma e controlar o colesterol", e todo esse blá-blá-blá. E eu esquecia a questão por mais um ano.

Muito tempo depois, quando avisaram à minha mãe que estava na hora da cirurgia, ela se recusou a fazê-la.

– Quando Deus quiser me levar, estou pronta para ir – declarou.

– Engraçado, não foi o que você disse quando fez a histerectomia – comentei. – E até hoje cuida de todos os outros problemas de saúde que tem. Por que veio falar em Deus justo agora que se trata do coração? Foi Deus quem tornou a ciência possível. Foi Ele quem formou os médicos. Está tudo nas mãos Dele. Você pode estender seu tempo de vida.

– Não, eu não quero.

A atitude de minha mãe era uma coisa bem europeia. Mesmo sem a cirurgia, porém, ela parecia razoavelmente saudável, e tinha 75 anos.

Eu, porém, não estava bem. O primeiro indício de problema de verdade surgiu após a conclusão de *True Lies*. Eu estava em casa, nadando na piscina, quando senti uma estranha queimação no peito. Era um sinal de que a válvula estava começando a falhar. O médico falou: "A situação agora vai piorar aos poucos e depois de algum tempo vai começar a piorar bem depressa. O melhor a fazer é acabar logo com isso. Esta é a hora mais indicada e mais segura para fazermos a cirurgia. Se esperarmos, a aorta vai começar a ser afetada e o coração vai aumentar de tamanho. Não queremos que isso aconteça, mas não tenho como lhe dizer quando esse momento vai chegar. Pode ser no ano que vem, ou então daqui a cinco anos. Cada pessoa é diferente."

Não tive mais nenhum sintoma e continuei tocando a vida. Fui esquiar, fiz

filmes, compareci a inaugurações do Planet Hollywood, fiz meus trabalhos sociais. No entanto, no check-up anual de 1996 o médico falou: "Chegou a hora. Você terá que ser operado. Não precisa ser amanhã, mas tem que ser este ano."

Fui a três hospitais conversar com cirurgiões. Sempre acreditei que, antes de tomar qualquer decisão médica importante, era preciso ter três opiniões. O cirurgião que acabei escolhendo chamava-se Vaughn Starnes e trabalhava no hospital da Universidade do Sul da Califórnia. Era um homem de boa aparência que usava óculos sem armação e falou comigo de forma totalmente direta sobre o problema e os riscos. Ele também compreendia a especificidade do meu caso.

"Adoro seus filmes de ação e quero que continue a fazê-los", afirmou. "Portanto, não quero você andando por aí com uma válvula artificial." A melhor opção seria implantar uma válvula substituta feita de tecido vivo, explicou. Com uma válvula mecânica, eu teria que tomar remédios para afinar o sangue, e isso limitaria minhas atividades para o resto da vida. Com uma válvula orgânica, não. "Assim, você vai poder continuar a fazer cenas de ação, a praticar esportes, esquiar, andar de moto, montar a cavalo... tudo o que quiser."

Esse era o lado positivo. O lado negativo era o risco. Essa operação que ele estava propondo só funcionava em seis a cada 10 casos. "Quero que você entenda que em 60% a 70% dos casos a cirurgia dá certo, mas que nos outros 30% a 40% a válvula substituta não funciona", disse ele. "Nesse caso, temos que operar de novo para tentar outra vez."

Grandes riscos, grandes recompensas. Para mim fazia sentido.

– Tudo bem – falei. – Vou arriscar.

Marcamos a cirurgia para logo depois das filmagens de *Batman & Robin*, a fim de que eu pudesse voltar ao trabalho sem demora. Após a operação, em abril, eu queria divulgar o filme durante o verão e depois rodar o próximo, fosse ele qual fosse, no final de 1997.

Não falei com ninguém sobre a operação. Ninguém ficou sabendo. Nem minha mãe, nem meu sobrinho, nem meus filhos. Ninguém. Não contei porque não queria falar sobre o assunto. Para diminuir a ansiedade, fingi que na verdade não era uma cirurgia no coração. Seria mais como arrancar um dente de siso. Eu iria lá, faria a operação e voltaria para casa.

Não quis contar nem para minha mulher. Maria estava no meio de uma quarta gestação complicada e eu não queria deixá-la preocupada. Mesmo que não fosse questão de vida ou morte, sua tendência era tratar as coisas de forma exagerada e transformá-las em um grande drama, enquanto eu minimizava tudo. Por exemplo, eu jamais dizia a ela: "Daqui a três meses vou à Noruega fazer um discurso", porque ela já ficava nervosa com o fato de eu viajar naquela semana e deixá-la sozinha. Ela ficava muito ansiosa: "Que voo você vai pegar? Por que ir no sábado e não no domingo? Precisa mesmo passar tanto tempo fora? Que duas reuniões extras são essas?" Quando eu entrava no avião, não

conseguia relaxar, porque tinha falado demais sobre o assunto. Então sempre pedia a Ronda e Lynn que nunca informassem minha agenda a ninguém e só avisava Maria alguns dias antes. Sou uma pessoa que não gosta de ficar falando mil vezes sobre as coisas. Tomo decisões bem depressa, não peço a opinião de muita gente e não faz meu feitio pensar sem parar sobre o mesmo assunto. Quero seguir em frente. É por isso que Maria sempre disse que eu era igual à sua mãe.

Ela é o contrário. Quando se trata de medicina, é um verdadeiro gênio, e seu método é discutir cada assunto à exaustão e conversar com várias pessoas. Ela processa as coisas externamente, enquanto eu internalizo tudo. Tive medo de que, caso ela agisse assim, a notícia se espalhasse antes mesmo de eu ser operado. Também receei que ela fosse ficar me criticando e que, por isso, todos os dias houvesse um bate-boca. Eu precisava negar a realidade. Tinha tomado minha decisão no consultório do médico e nunca mais queria lidar com ela. Se Maria ficasse tocando no assunto o tempo inteiro, meu truque de negar a realidade não iria funcionar. Minha forma de lidar com a vida e a morte seria prejudicada. Desse modo, sempre achava melhor só avisar Maria na véspera da viagem ou, nesse caso específico, logo antes de ir para o hospital.

Quando o dia da cirurgia se aproximou, comentei sobre meu plano com o Dr. Starnes.

– Vou dizer à minha família que estou indo para o México – falei. – Que preciso tirar uma semana de férias. Aí fazemos a cirurgia. O senhor disse que eu vou ter alta em cinco dias, então depois desse período vou para um hotel. Vou ficar me bronzeando para recuperar minha cara saudável, e aí, quando voltar para casa, ninguém nunca vai saber que operei o coração. Que tal?

O médico pareceu meio espantado. Olhou para mim e disse, em seu habitual estilo direto:

– Não vai dar certo. Você vai sentir dor, vai precisar de ajuda, não vai conseguir fingir. Recomendo fortemente que avise à sua mulher. Ela está grávida. Tem que saber. Eu contaria agora.

Então, nessa mesma noite, em tom casual, falei para Maria:

– Você lembra que eu comentei que, em algum momento, teria que trocar a tal válvula do coração? O médico tem uma vaga disponível para mim daqui a duas semanas e pensei que seria uma boa época, porque estou no intervalo entre um filme e outro e só vou ter que ir à Europa para a promoção do *Batman* daqui a seis ou sete semanas. Então poderia encaixar a cirurgia. Só queria avisar você.

– Espere aí – respondeu ela. – Espere um instante... Está me dizendo que vai ter que operar o coração?

Foi como se eu nunca tivesse tocado no assunto antes. Daí em diante, ela não parou de falar nisso um só instante, mas também me ajudou a guardar o segredo. Minha mãe estava hospedada conosco em sua visita anual, e nem para ela nós contamos.

Na véspera de minha ida para o hospital, fiquei até uma da manhã bebendo

e jogando sinuca com Franco e um grupo de amigos. Foi muito divertido. Não contei a nenhum deles para onde iria no dia seguinte. Então, às quatro da manhã, Maria acordou e me levou de carro para o hospital. Fomos na van que usávamos quando saíamos com as crianças, em vez de no chamativo Mercedes. Por sugestão de Maria, eu tinha preenchido minha ficha no hospital com outro nome. O atendente do estacionamento estava à nossa espera e nos conduziu pela garagem. Às cinco da manhã, eu estava sendo preparado e ligado aos aparelhos, e às sete o procedimento já estava bem encaminhado. Fiquei satisfeito com o modo como as coisas aconteceram. Entrar às cinco, começar a cirurgia às sete e ao meio-dia já estar tudo terminado. Às seis da tarde, acordei pronto para jogar outra partida de sinuca.

Bom, pelo menos era essa a ideia. Eles haviam concordado em me vestir com uma camisa havaiana depois da cirurgia para que, quando eu acordasse, parecesse que na verdade não estava no hospital. Foi tudo feito para dar essa impressão. De fato, funcionou. Despertei, vi Maria sentada ao meu lado, me senti bem e voltei a dormir. Na manhã seguinte, quando acordei de novo, ela continuava ali, e ao olhar para o lado eu vi uma bicicleta ergométrica que fora encomendada para eu usar dali a alguns dias. Duas horas depois, eu já tinha me levantado da cama e estava em cima da bicicleta. O médico entrou no quarto e ficou estupefato.

– Por favor, vocês têm que tirar essa bicicleta daqui – pediu.

– Está sem carga nenhuma – falei. – É só para eu poder dizer a mim mesmo que estou sentado em uma bicicleta logo depois da cirurgia.

Ao me examinar, ele ficou satisfeito com minha evolução. Nessa noite, porém, comecei a tossir. Meus pulmões estavam acumulando líquido. O médico voltou às nove da noite e pediu uma bateria de exames. Um pouco mais tarde, depois que Maria foi para casa a fim de ver as crianças, tentei dormir. A tosse, no entanto, só fez piorar, e logo comecei a ter dificuldade para respirar. Às três da madrugada, o médico tornou a aparecer. Sentou-se na cama e segurou minha mão.

– Sinto muitíssimo, mas a cirurgia não deu certo – disse ele. – Temos que operá-lo outra vez. Vou reunir a melhor equipe possível. Não vamos perder você.

– *Me perder?* – estranhei.

– Não vamos perder você. É só aguentar firme esta noite. Que tal lhe darmos um remédio para dormir? Onde está Maria?

– Foi para casa.

– Bom, você vai ter que ligar para ela.

– Não, ela vai ter um troço. Não comente nada com ela.

– Não, ela precisa estar aqui.

Há um momento da cirurgia que eu realmente detesto. É quando a anestesia começa a fazer efeito, quando você sabe que está apagando e vai perdendo a consciência sem saber se algum dia voltará a acordar. A máscara de oxigênio parecia estar me sufocando – eu arquejava em busca de ar, ofegante.

Era uma versão bem mais intensa da claustrofobia que senti quando tive que usar máscaras sobre o rosto e o corpo para interpretar o Exterminador ou o Homem de Gelo de *Batman & Robin*. Para mim, o estúdio de efeitos especiais de Stan Winston era uma verdadeira tortura. Quando precisam de um molde para fabricar as máscaras, eles colocam uma quantidade enorme – e pesada – de cimento em cima da cabeça dos atores. Muitas pessoas detestam esse processo, então Stan e seus ajudantes bolaram um procedimento.

Quando você chega ao estúdio, tem música tocando e todo mundo está feliz e animado, dizendo: "Ora, que prazer ver você aqui!" Então pedem que você se sente e falam: "Vai ser meio chatinho. Você tem claustrofobia?"

Eu sempre respondia que não, tentando bancar o corajoso.

Eles então começam a enrolar você em faixas de tecido umedecidas com cimento. Em pouco tempo, seus olhos ficam inteiramente cobertos e você não consegue ver mais nada. Então suas orelhas se fecham e você para de escutar. Um a um, seus sentidos vão sendo neutralizados. A boca é fechada, impedindo-o de falar. Por fim, o nariz é tapado, com exceção de dois canudos que saem das narinas para que você consiga respirar.

É preciso esperar cerca de meia hora para o cimento secar. Sua mente começa a lhe pregar peças. E se você não conseguir respirar uma quantidade de ar suficiente? E se um pouco de cimento entrar em um dos canudos e fechar a narina? Como muitos atores já surtaram durante o processo, eles tentam manter o clima descontraído com música e conversas sobre amenidades. Mesmo depois que para de ouvir, você ainda pode sentir as pessoas se movimentando à sua volta para aplicar as faixas. Elas avisam antes que estarão bem ao seu lado, então, se você sentir que vai mesmo ter um troço, basta fazer um gesto com a mão ou tocar seu braço.

Depois de algum tempo, o medo se instala para valer. Você sente o cimento começar a endurecer, o que significa que não é mais possível simplesmente arrancá-lo da cabeça. Agora vai ser preciso cortar. Você já reparou nas ferramentas ao se sentar – uma pequena serra elétrica circular que se usa para cortar os moldes –, mas não fez perguntas suficientes quando ainda tinha oportunidade.

Então você pensa: "Peraí. *Como é que eles vão saber a que profundidade cortar?* E se essa serra pegar no meu rosto?"

Na primeira vez que passei por isso, fiquei tão aflito com a serra que comecei a hiperventilar. Não conseguia inspirar uma quantidade suficiente de ar pelos canudos e comecei a surtar para valer. Tentei me acalmar. "Pare de pensar nisso, pare de visualizar o canudo", ordenei a mim mesmo. "Tire isso da cabeça... Pronto, tudo bem, já tirei. Isso, agora vamos pensar em outra coisa. Quem sabe no mar? Ou quem sabe em uma grande floresta, alguma coisa agradável? Quem sabe em pássaros gorjeando e folhas farfalhando ao vento, e ao longe pessoas trabalhando e um ruído de... serra elétrica!" E voltei a ficar nervoso. É claro que, a essa altura, não havia mais nenhum ajudante por perto. Talvez eles ainda estivessem no recinto, mas eu não sabia onde. Podia ser que

estivessem me dizendo: "Calma, só mais 10 minutos", mas eu não conseguia escutar. Estava trancado dentro de mim mesmo. Não havia ninguém por perto. Então eu simplesmente torci para dar tudo certo.

Ser operado me fez lembrar disso.

Maria ficou tão assustada ao receber o telefonema do Dr. Starnes às quatro da manhã que ligou para sua amiga Roberta Hollander e pediu que ela a acompanhasse ao hospital. Roberta, produtora de jornalismo da CBS, fora como uma irmã para Maria no início de sua carreira diante das câmeras – uma líder decidida e mulher forte que sabia realmente como lidar com as pessoas. Algumas horas depois, as duas estavam sentadas no consultório do meu médico enquanto eu voltava para a mesa de operação. Havia um monitor enorme lá dentro que permitia que o Dr. Starnes visse e ouvisse o que acontecia na sala de cirurgia, já que ele não executava pessoalmente determinadas partes da intervenção, como por exemplo retirar o paciente do aparelho de circulação extracorpórea. Nesses momentos, ele voltava ao consultório, visitava outros pacientes e fazia reuniões, mas continuava acompanhando o procedimento, caso precisassem da sua ajuda. Mais tarde, Maria me disse que teve que virar o rosto para o outro lado várias vezes. Não conseguiu ver quando abriram meu peito, nem quando soltaram, com alicates cirúrgicos, as suturas usadas para fechar minha caixa torácica depois da primeira intervenção, nem quando expuseram meu coração. Roberta, porém, puxou a cadeira bem para junto da tela. "Está vendo isso?", perguntou. "Eles acabaram de cortar a aorta e estão inserindo a válvula nova!"

Assim, tive uma segunda ou terceira chance de vida, dependendo da contagem. Quando acordei da cirurgia, vi Maria ao meu lado com Roberta, dando-lhe apoio moral. Estava me sentindo bem outra vez. A tosse dolorida havia passado e eu conseguia respirar. "Incrível!", exclamei. "Isso é maravilhoso! Quando o médico disse mesmo que posso ir para casa?"

Tínhamos encontrado um austríaco que trabalhava na cozinha do hospital e sabia fazer *Wienerschnitzel*, e foi isso que comi nos dois primeiros dias. Estava uma delícia. No terceiro dia, porém, quando entraram com a comida, falei: "Por favor, dá para tirar isso daqui? Não estou suportando o cheiro." Eu estava sentindo fedor de lixo.

A partir daí, tudo o que consegui ingerir foi sorvete e frutas. Tudo parecia estar fedendo. Perdi completamente o paladar. Odiava tudo o que punham na minha frente e comecei a ficar bastante desanimado.

O médico tinha avisado que uma cirurgia cardíaca a céu aberto muitas vezes deixa o paciente deprimido. No entanto, depois de tudo por que acabáramos de passar, Maria ficou muito preocupada. "Você não é assim", comentou ela comigo. Alguns dias depois, ao ver que eu não estava me recuperando emocionalmente, ela passou a achar os médicos descansados demais. "Vocês têm que fazer alguma coisa", pediu. "Ele não pode ficar assim. Amanhã, quando eu voltar, espero que tenham conseguido alegrá-lo."

Os residentes tiveram a ideia de me dar um charuto escondido, pois sabiam

que eu adorava fumar. Acharam que isso fosse melhorar a situação. Havia uma área no telhado com cestas de basquete que eles podiam usar para relaxar, e foi lá que me levaram. Mal sabiam eles que eu não conseguia sentir gosto de nada e estava achando tudo detestável. Pus o charuto na boca e quase vomitei. "Não, obrigado, não consigo", falei. Acabei sentado na cadeira de rodas vendo-os jogar basquete, como um dos personagens de *Um estranho no ninho*. Tinha o olhar perdido, parado. Sequer sabia o que estava vendo – não passavam de corpos pulando para lá e para cá. Com certeza aquilo não adiantou nada. Depois de alguns minutos, eles me levaram de volta para o quarto. Mas acho que ter passado algum tempo ao ar livre fez com que eu me sentisse um pouquinho mais animado.

Acabei melhorando, sobretudo depois de ir para casa. Brinquei com as crianças e gradualmente comecei a malhar na academia. É claro que não fiz supinos logo de cara, mas pedalava um tempinho na ergométrica, depois comecei a subir a encosta até o Parque Will Rogers com Conan e Strudel, nosso labrador preto que Franco me dera de presente em um de meus aniversários. Dali a mais um pouco, consegui voltar aos pesos, mas treinos mais fortes estavam fora de cogitação, pois fariam pressão na válvula. "Nada de pegar pesado", dissera o médico. Nunca mais.

Não me dei conta de quanto a notícia da minha operação seria prejudicial para mim em Hollywood. Como os boatos já haviam começado a circular mesmo, fizemos o anúncio. Teria parecido estranho não avisar o público. Na mesma hora, comecei a receber telefonemas de executivos dos estúdios com os quais trabalhava. "Não se preocupe com o roteiro", diziam eles. "Vamos segurá-lo para você. Cuide da sua saúde. Quando estiver pronto para voltar, é só avisar."

Eu deveria ter adivinhado que não seria tão simples. Quanto mais você se promove como o maior de todos os heróis de ação, quanto mais alardeia sua forma física e o fato de não usar dublês nas cenas de montaria, salto e luta, mais as pessoas imaginam que você seja indestrutível. Elas passam a vê-lo como um herói de ação *de verdade*, não apenas um cara fantasiado na tela do cinema. E o símbolo de tudo isso é o coração. É o centro do corpo, da força física. A base da coragem e da determinação. O coração também representa emoção – amor, desejo, compaixão. É o centro de tudo.

Então, de repente, as pessoas ficam sabendo que você foi operado. Esse órgão que durante muitas décadas conduziu sua vida sofreu uma cirurgia. E elas se perguntam: "O que será que aconteceu? Será que ele teve um enfarte? Ah, trocou uma válvula... Bem, eu não sei o que isso significa, mas, puxa, uma cirurgia cardíaca a céu aberto... Tiveram que parar o coração dele, abrir tudo lá dentro e trocar umas coisas... E duas cirurgias, ainda por cima. Isso quer dizer que tem alguma coisa muito errada. Parece uma péssima notícia. Coitado. Porra, é o fim da linha!"

Dez anos depois, a reação das pessoas à cirurgia de ponte de safena de David Letterman foi totalmente diferente. Em duas semanas ele voltou ao programa e

a vida seguiu seu curso. Só que ninguém esperava que ele levantasse o set nas costas, corresse no meio de chamas ou se pendurasse no telhado. Em geral, o paciente pode voltar à vida normal depois de uma cirurgia cardíaca. Mas a vida que eu tinha antes da operação estava longe de ser normal. As cenas que eu rodava não eram normais, meus filmes não eram normais, e isso me fazia ser visto de forma diferente. Era como se um físico teórico passasse por uma cirurgia no cérebro. Todo mundo se precipita e começa a comentar: "Ih, estão dizendo que um terço do cérebro dele foi afetado. Que tragédia."

O *Access Hollywood* e outros programas de fofocas sobre celebridades foram à loucura com a notícia. Supostos especialistas em medicina que sequer me conheciam e não sabiam sobre meu problema hereditário nem sobre as particularidades do meu tratamento deram entrevistas na TV e disseram coisas do tipo: "Em circunstâncias normais, quando se passa por uma cirurgia dessas, os médicos colocam uma válvula artificial no paciente, que tem que tomar remédios para afinar o sangue e evitar atividades pesadas que possam causar ferimentos, como por exemplo cenas de ação no cinema, que têm a possibilidade de provocar forte hemorragia interna e acarretar morte imediata." Poderíamos ter esclarecido que eu não recebera uma válvula mecânica nem precisava de remédios para afinar o sangue, claro, mas o estrago estava feito. Os estúdios passaram a tomar decisões com base em informações imprecisas. O público pensou: "Não vamos mais ver Arnold em filmes de ação."

APESAR DE TUDO ISSO, EU DE FATO passei pela fantástica recuperação física que muitas vezes se segue a uma cirurgia cardíaca. Senti-me vigoroso como um Hércules, pronto para voltar ao trabalho com força total. Em julho, já estava correndo o mundo para promover *Batman & Robin*. Além disso, como sempre acontecia, tinha vários projetos em diferentes estágios de desenvolvimento, com papéis que me interessavam. *With Wings as Eagles* (Com asas como as águias) era um filme no qual eu teria interpretado um oficial alemão da Segunda Guerra Mundial que, nos últimos meses do conflito, ignora as ordens de matar prisioneiros de guerra aliados e os salva. *Minority Report – A nova lei* estava sendo concebido como uma continuação de *O vingador do futuro*, com roteiro assinado pelo mesmo escritor. Eu teria feito o policial que acabou sendo de Tom Cruise. Em *Noble Father* (Nobreza de um pai), teria interpretado um policial viúvo que tenta combater o crime ao mesmo tempo que cria três filhas. Havia propostas de uma versão para o cinema de *S.W.A.T.*, série televisiva dos anos 1970; de um filme chamado *Crossbow* (O arco), baseado na lenda de Guilherme Tell; e de outro filme chamado *Desbravadores*, sobre um órfão viking criado por índios americanos na época das primeiras explorações europeias do continente.

No início, nem reparei na reticência dos estúdios. No entanto, quando comecei a apresentar ideias e roteiros que desejava realizar, as pessoas demoravam a responder. Percebi que os estúdios agora pareciam relutar em

investir grandes quantias. A Fox estava dando para trás no projeto de *O exterminador do futuro 3*. A Warner freou a produção de *Eu sou a lenda*, roteiro sobre vampiros pós-apocalípticos com direção de Ridley Scott que eu deveria rodar no outono daquele ano. O diretor queria um orçamento de 100 milhões de dólares, mas a Warner só queria gastar 80 milhões. Pelo menos foi essa a justificativa que eles deram para desistir do projeto – o verdadeiro motivo foi a minha cirurgia.

No meio disso tudo, eu me esforçava para impedir o Planet Hollywood de afundar. Será que a cadeia fora um mero modismo ou um negócio de verdade? Para usar um eufemismo, a iniciativa havia se transformado em uma louca aventura. Nos últimos 18 meses, eu participara de aberturas de restaurantes em Moscou, Sydney, Helsinque, Paris e em mais de uma dúzia de outras cidades pelo mundo. Muitas vezes, essas inaugurações mais pareciam eventos de âmbito nacional. Em Moscou, 10 mil pessoas compareceram; em Londres, 40 mil. Nossa inauguração em San Antonio, no Texas, acabou virando uma verdadeira celebração, com mais de 100 mil pessoas festejando nas ruas. Foi um evento sensacional, coberto por todos os veículos de imprensa. A cadeia Planet Hollywood era como os Beatles: uma ideia genial aliada a uma promoção sofisticada e ao melhor marketing possível.

À medida que a empresa foi crescendo, um número impressionante de astros embarcou no negócio como proprietário ou sócio: Whoopi Goldberg, Wesley Snipes, Antonio Banderas, Cindy Crawford, George Clooney, Will Smith, Jackie Chan... a lista era interminável. Nosso time de atletas, igualmente fantástico, incluía Shaquille O'Neal, Tiger Woods, Wayne Gretzky, Sugar Ray Leonard, Monica Seles e Andre Agassi. Os atletas estavam ligados ao Official All Star Cafe, a cadeia de celebridades esportivas vinculada ao Planet Hollywood. Quando a companhia lançou suas ações no mercado, em 1996, teve o primeiro dia mais movimentado da história da Nasdaq e seu valor total chegou a 2,8 bilhões de dólares.

Ficou claro que os restaurantes Planet Hollywood eram um ótimo lugar para se dar uma festa. Quando comemoramos a estreia de *Queima de arquivo* no Official All Star Cafe da Times Square, o trânsito ficou congestionado por muitos quarteirões. Lá dentro, por 15 dólares, era possível comprar um hambúrguer e uma cerveja e ver George Clooney, Vanessa Williams, a mim e o resto do elenco nos divertindo com nossos convidados no andar principal, abaixo. Havia itens interessantes e nostálgicos expostos no restaurante, como parte da coleção de objetos de beisebol de Charlie Sheen e uma fatia do bolo de casamento de Joe DiMaggio e Marilyn Monroe. Havia também balcões nos quais se podiam comprar roupas e suvenires criados especialmente para a ocasião.

As viagens, as inaugurações e os eventos do Planet Hollywood eram divertidos. Às vezes eu levava Maria e as crianças e transformávamos a viagem em minifférias. Sly, Bruce e eu sempre saíamos juntos. E era interessante conhecer as celebridades locais, que eram uma parte essencial do negócio.

Toda cidade tem seus nativos famosos, sejam estrelas do futebol, cantores de ópera ou qualquer outra coisa. Ao inaugurarmos casas em Munique, Toronto, Cidade do Cabo ou Cancún, fazíamos questão de que tanto estrelas internacionais quanto nacionais comparecessem, e era isso que assegurava o sucesso da festa. As celebridades locais iam porque era uma chance de elas conhecerem as estrelas estrangeiras e muitas vezes, também, porque tinham uma participação financeira naquele restaurante específico. Depois da grande inauguração, os famosos de outros países voltavam para casa e os locais passavam a promover o lugar como ponto de encontro, como um local para dar festas e para exibir sessões de filmes – quase todos os restaurantes Planet Hollywood tinham uma sala de projeção.

O lançamento das ações na bolsa proporcionou capital para a empresa se expandir. No entanto, logo vimos também as desvantagens de ter acionistas. Em comparação com cadeias de restaurantes normais, o Planet Hollywood tinha despesas altas, e, se você não fizesse parte da empresa, se não estivesse envolvido na promoção, era difícil ver por que algumas coisas caras faziam sentido.

Um exemplo eram os jatinhos corporativos: o Planet Hollywood gastava muito dinheiro transportando celebridades. Na verdade, essa era a melhor forma de conquistar a fidelidade dos astros, mais eficaz ainda do que as opções de compra de ações que eles também recebiam. Celebridades do primeiro escalão não gostam de voos comerciais, mas poucas têm avião próprio. Foi por esse motivo que o estúdio Warner Bros. teve sua própria frota por 20 ou 30 anos, mantendo aeronaves para transportar Clint Eastwood e outros atores e diretores importantes. O estúdio também tinha casas em Acapulco, no México, e em Aspen, além de apartamentos em Nova York. Eram agrados para os famosos. Quando você fazia parte da família Warner, podia usar tudo isso de graça. Então esses atores e diretores continuavam no estúdio, assinando um contrato atrás do outro, pois sabiam que se fossem para a Universal, por exemplo, não haveria mais jatinhos. Esse mesmo truque funcionava para nós, mas os acionistas reclamavam: "Esperem aí, por que estão gastando esse dinheiro todo com celebridades? Eu não quero pagar por isso."

Eles também reclamavam das despesas com design. Todos os restaurantes vendiam mercadorias da rede que eram atualizadas o tempo todo: estilosas jaquetas de aviador, bonés, chaveiros etc. Os fãs colecionavam camisetas do Planet Hollywood de várias cidades. Às vezes, um cliente aparecia na inauguração de um restaurante com 30 camisetas para eu autografar, porque tinha visitado 30 cidades pelo mundo. Era uma ótima estratégia. Mesmo assim, porém, os acionistas perguntavam: "Por que vocês vivem refazendo essas jaquetas e outras mercadorias? Por que não manter os mesmos itens?"

A maior pressão do mercado de ações era para que houvesse expansão. Wall Street estava no auge do boom da internet, e os investidores exigiam um crescimento rápido. Robert Earl e Keith Barish, os dois criadores da cadeia, possuíam agora um valor teórico de cerca de 500 milhões de dólares cada um,

porque ainda detinham 60% das ações. Eles prometeram aumentar tanto as vendas totais quanto o número de restaurantes de 30% a 40% por ano. Isso significava construir casas em várias cidades americanas menos importantes como Indianápolis, Saint Louis e Columbus, sem falar em dezenas de outros lugares no exterior. Em abril de 1997, mês em que passei pela cirurgia cardíaca, a empresa fechou um acordo com o príncipe Alwaleed bin Talal, um bilionário saudita, para abrir mais de 30 Planet Hollywood no Oriente Médio e na Europa, começando por Bruxelas, Atenas, Cairo, Lisboa, Istambul e Budapeste. Além disso, fez outro acordo com um magnata de Cingapura chamado Ong Beng Seng para construir mais de 20 restaurantes na Ásia.

Falei diversas vezes para Robert e Keith que isso era um grande erro. Eles estavam perdendo o controle sobre o conceito principal da cadeia. Quem fosse ao Planet Hollywood de Beverly Hills tinha *mesmo* a chance de ver Arnold Schwarzenegger. Quem fosse ao de Paris tinha *mesmo* a chance de ver o aclamado ator francês Gérard Depardieu. No All Star Cafe de Tóquio, podia-se *mesmo* ver o grande astro do beisebol Ichiro Suzuki. E em Orlando era *mesmo* possível ver Shaquille O'Neal nos anos em que ele jogou na cidade. Se você fosse ao Planet Hollywood de Indianápolis, porém, por acaso veria Bruce Willis almoçando? A coisa toda estava começando a parecer enganação. Não éramos mais capazes de cumprir nossas promessas. Em outubro, fiquei tão preocupado que chamei Robert e Keith ao meu escritório para conversar. Sentamo-nos em volta da grande mesa de reuniões, apenas nós e Paul Wachter, e eu disse a eles o que pensava sobre ajustar a estratégia. Falei que agora nós tínhamos restaurantes no mundo inteiro, em lugares excelentes, com um potencial imenso ainda inexplorado. Eu havia preparado uma apresentação sobre estratégias para aproveitar esse potencial. Por exemplo, tínhamos uma grande oportunidade de trabalhar com os estúdios em estreias de filmes. "Hollywood produz 50 filmes por ano", argumentei. "Todos eles são lançados nos Estados Unidos e no exterior. E onde vai ser a festa de lançamento?"

Eu queria incluir os executivos dos estúdios no negócio: levá-los de avião às estreias, oferecer-lhes benefícios, tratá-los feito reis para que, nas reuniões de marketing, eles pudessem dizer: "Vamos estrear esse filme em parceria com o Planet Hollywood em Moscou, Madri, Londres, Paris e Helsinque – 10 cidades ao todo. Em cada uma delas, faremos uma sessão no restaurante, depois uma grande exibição em um cinema da cidade, seguida por uma festa no Planet Hollywood. E o melhor é o seguinte, gente: a rede vai levar as celebridades de avião e bancar a festa. Nós vamos ficar com as despesas da hospedagem e as da estreia em si. Dividindo os custos, vamos economizar e, ainda assim, atrair uma enorme atenção."

Fechar acordos desse tipo significava que precisávamos de uma pessoa especial para conversar com o estúdio. Minha primeira opção teria sido Jack Valenti, presidente da Motion Pictures Association of America (Associação de Cinema dos Estados Unidos) havia muitos anos e principal lobista de Hollywood em Washington. Jack era meu amigo e fora um de meus principais

conselheiros quando eu chefiava o President's Council on Physical Fitness and Sports. Por mim, nós o teríamos procurado e dito: "Jack, você está com 75 anos. Fez um trabalho incrível pela indústria do cinema, mas quanto estão lhe pagando? Um milhão de dólares por ano? Nós oferecemos 2. Você vai ter também um plano de pensão e benefícios para seus netos." De repente, teríamos Jack Valenti conversando com todos os estúdios e fechando os acordos.

Também levantei outra questão crucial: nossos hambúrgueres e pizzas eram bons, mas eu queria que servíssemos pratos mais interessantes. E eu via grande potencial no merchandising. Em vez de cortar nossos gastos com isso, eu achava que deveríamos aumentá-los. Era fascinado pela maneira como o estilista Tom Ford havia entrado na Gucci e transformado a marca de empresa antiquada em produtora de jaquetas e sapatos disputados pelo público descolado. Antes dele, eu nunca havia comprado nada da Gucci. De uma hora para outra, passei a frequentar a loja.

"Vocês precisam de um cara assim para criar os produtos do Planet Hollywood", falei para Robert e Keith. "Têm que fazer verdadeiros desfiles de moda no Japão, na Europa e no Oriente Médio, para que as pessoas queiram ter os novos objetos da nossa marca. Em vez de vendermos sempre a mesma jaqueta de aviador, temos que mudá-la sempre, colocar fivelas diferentes e pendurar outros tipos de corrente. Se tivermos novidades constantemente e disponibilizarmos produtos modernos e estilosos, vamos vender aos montes."

Durante todo o meu discurso, Robert e Keith não paravam de dizer: "Claro, claro, ótima ideia." No final, prometeram me dar uma resposta sobre os pontos que eu havia levantado. No entanto, Paul fora o único a fazer anotações. "Não acho que eles tenham entendido", comentou ele quando os outros dois foram embora. Eu esperava que essa fosse uma reunião decisiva, porque promoção e merchandising eram áreas que eu realmente dominava. Mas tive a sensação de que aquilo tudo era muita coisa para Robert e Keith absorverem. A pressão do mercado os estava afetando. Embora Robert devesse supostamente se concentrar na parte operacional e Keith, na visão estratégica, eles falaram sobretudo a respeito de acordos com investidores. E o Planet Hollywood havia chegado a um nível em que apenas dois empreendedores não conseguiam mais dar conta do recado. A empresa precisava de estrutura, assim como de pessoal com experiência na administração de uma operação global. Sou um cara leal e continuei comprometido com o Planet por vários anos. No entanto, a popularidade dos restaurantes foi decaindo continuamente e as ações foram perdendo valor até a empresa falir. No fim das contas, graças às cláusulas de proteção que havíamos conseguido incluir no contrato, não tive prejuízos, mas não cheguei nem perto de ganhar os quase 120 milhões de dólares que outrora eram o valor teórico de minhas ações. Porém consegui me sair melhor que os muitos acionistas que perderam dinheiro, e que vários dos outros atores e atletas.

Mesmo assim, adoraria fazer tudo outra vez, só que com uma administração

melhor. Whoopi, Bruce, Sly e todos os outros sócios famosos diriam que o Planet Hollywood foi uma curtição. As grandes festas, inaugurações e estreias nos permitiram conhecer gente do mundo inteiro, e nós realmente nos esbaldamos.

Um cara família

DURANTE A GESTAÇÃO DE CHRISTOPHER, em 1997, Maria sofreu muito com os enjoos matinais. A coisa ficou tão grave que ela não conseguia comer nada e precisou ser internada no hospital perto de nossa casa. Apesar dos cuidados médicos que recebeu, fiquei preocupado, e as crianças ficaram chateadas porque a mãe não estava em casa conosco. Katherine tinha apenas 7 anos, Christina, 5, e Patrick, 3. Para ajudá-los a atravessar esse período difícil, adiei vários compromissos e passei várias horas a mais em casa, tentando ser ao mesmo tempo pai e mãe.

Pensei que a maneira de deixá-los mais tranquilos seria garantir que vissem Maria todos os dias e, fora isso, manter sua rotina diária. Todo dia de manhã, a caminho da escola das meninas, nós passávamos no hospital, e à tarde fazíamos uma segunda visita. Expliquei a eles que a mamãe gostaria de ter consigo um pedacinho de casa, então diariamente, antes de sair, íamos até o jardim e colhíamos a flor mais bonita para lhe dar de presente.

Maria e eu tínhamos sido criados de maneiras totalmente opostas, o que significava que podíamos usar o melhor de cada estilo para definir o nosso próprio. As refeições, por exemplo, seguiam definitivamente a tradição dos Shriver. Tanto os pais dela quanto os meus faziam questão de que todos se sentassem juntos para jantar, mas a semelhança terminava aí. Na casa dos meus pais, quando eu era pequeno, ninguém conversava à mesa. A regra era clara: hora de comer era hora de comer e pronto. Todos nós éramos muito reservados e, quando alguém tinha um problema, resolvia sozinho. Na família de Maria, ao contrário, todos diziam como tinha sido seu dia. Cada um contava uma história. Eu sei me expressar bem, mas Maria tinha muito mais talento para fazer do jantar um momento descontraído, falando com as crianças de forma divertida. Ela levava para nossa mesa a atmosfera da sua família. Isso foi algo que tentei aprender, para fazer igual. É ótimo que pelo menos um dos pais tenha essa habilidade.

Quando nossos filhos tinham dever de casa, cada um de nós dois contribuía com o que mais sabia fazer. Maria ajudava com qualquer coisa relacionada à língua e eu ficava com tudo o que tivesse a ver com números. Ela escreve muito bem, tem um vocabulário impressionante e um estilo elegante. Na verdade, ser mãe lhe serviu de inspiração para escrever livros destinados aos

jovens. O primeiro, *As dez lições indispensáveis para começar sua vida*, acaba com o mito do superpai ou da supermãe capaz de manter a vida profissional intacta ao mesmo tempo que cria os filhos. Um dos capítulos se chamava "Os filhos mudam a sua carreira (e toda a sua vida também)", e a conclusão era: "No trabalho, você é substituível... Já como pai ou mãe, não." Ambos acreditávamos piamente nisso.

Sempre gostei de números. Quando era menino e estudava matemática, tudo logo fazia sentido. Entendi os números decimais na hora. As frações também. Conhecia todos os algarismos romanos. Se alguém me apresentasse um problema, eu resolvia. Se me mostrassem alguma estatística, em vez do ar de incompreensão que muita gente fazia, eu depreendia fatos e tendências para os quais os números apontavam e conseguia interpretá-los como se fossem uma história.

Eu fazia com nossos filhos os exercícios de matemática que meu pai costumava fazer comigo e com Meinhard. Ele sempre os começava um mês antes de voltarmos às aulas, e tínhamos que praticar todos os dias, porque ele achava que o cérebro precisava ser aquecido e treinado como o corpo de um atleta. Não éramos só meu irmão e eu que tínhamos que praticar matemática, mas qualquer amigo que fosse brincar conosco. Não demorou muito para todas as outras crianças começarem a evitar nossa casa. Eu, é claro, detestava tudo aquilo. Mas agora estava ali, aos 35 anos, ensinando os meus próprios filhos. Nos restaurantes, sempre dava a conta a eles, para que calculassem a gorjeta de 20% – eles faziam os cálculos e assinavam por mim. Eu sempre verificava para ver se eles tinham feito certo. Era um ritual que tínhamos, e eles adoravam.

Nas tarefas domésticas, seguíamos a tradição Schwarzenegger. Na Europa, toda criança cresce ajudando a manter a casa limpa. Se você não tira os sapatos ao chegar da rua, é um Deus nos acuda. Você deve sempre apagar a luz ao sair de um cômodo, porque a energia elétrica é limitada. Deve economizar água, pois alguém tem que ir buscá-la no poço. Todos se envolvem bastante com o funcionamento básico da casa. Lembro que fiquei perplexo quando comecei a frequentar a casa de Maria, que crescera com vários empregados para arrumar sua bagunça. Ela entrava em casa, tirava o suéter – de caxemira – e, se ele caísse no chão, era lá que ficava. Até hoje não consigo tratar um suéter de caxemira desse jeito. Se o vir no chão, preciso pegá-lo e pendurá-lo em uma cadeira. Além disso, ainda que tenha dinheiro para tal, jamais usaria uma roupa cara para esquiar ou praticar esportes. Para me sentir à vontade molhando uma roupa de suor, ela tem que ser de algodão, lã ou algo ainda mais barato, como um casaco de moletom de 10 dólares.

Embora Maria tenha acabado se tornando maníaca por arrumação como eu, continuei a ser aquele que impunha uma disciplina europeia à casa – com certa dose de tolerância, claro, porque sabia que não podia enlouquecer. É preciso saber ser mais suave, ao contrário do que fazem alguns dos meus amigos na Áustria. O modo como eles educam os filhos pode até funcionar lá,

mas nos Estados Unidos isso não dá certo. Se você fizer isso, seus filhos vão conversar com os colegas na escola e chegar à conclusão de que o pai é maluco. Além do mais, eu havia prometido a mim mesmo que aquela seria a geração em que os castigos físicos seriam extintos. Essa era uma tradição do Velho Mundo que eu não iria perpetuar.

Maria e eu acabamos criando nossa própria fórmula: paparicávamos um pouco as crianças, mas também tínhamos regras. Desde que elas eram pequenas, por exemplo, tinham que colocar a própria roupa para lavar – aprender a usar a máquina, a pôr o sabão em pó, a colocar as peças lá dentro e a escolher o tipo de lavagem. Depois tinham que aprender a pôr as roupas na secadora, dobrá-las e guardá-las, assim como a programar seu tempo para que os irmãos também pudessem lavar as próprias roupas.

Todos os dias, antes de levar as crianças à escola, eu checava se as luzes estavam apagadas, se as camas tinham sido arrumadas, se as gavetas e os armários estavam fechados. Algumas coisas fora do lugar não faziam mal – eu era bem mais tolerante que meu pai. Mesmo assim, as camas deviam estar feitas. Meu objetivo não era a perfeição, não era transformar a casa em um quartel. Mas eu não queria que meus filhos pensassem que alguém iria arrumar a sua bagunça. A maior luta de todas, no entanto, era para que eles aprendessem a apagar as luzes ao sair de algum cômodo ou ir dormir. Nessa guerra, era eu contra todo o clã de Maria, porque foi dela que as crianças herdaram a mania de deixar as luzes acesas. No começo de nossa relação, ela nunca dormia sem pelo menos uma luz acesa – isso lhe dava uma sensação de segurança. Então, quando íamos a Washington ou Hyannis Port, eu chegava tarde em casa, quando todos já estavam dormindo, e encontrava a porta destrancada e todas as luzes acesas. Nunca entendi isso. Era uma loucura. No dia seguinte, a desculpa era: "Ah, nós sabíamos que você ia chegar, então deixamos a luz acesa de propósito." No entanto, mesmo que eu já estivesse em casa, quando descia ao primeiro andar no meio da noite encontrava as luzes todas acesas. Os cômodos pareciam a Times Square. Eu explicava para meus filhos: "Nossa energia elétrica é limitada, e só temos uma quantidade limitada de água no estado. Vocês não podem passar 15 minutos debaixo do chuveiro. Cinco minutos, no máximo. Vou cronometrar daqui em diante. E não se esqueçam de apagar as luzes quando saírem do quarto."

Até hoje, minhas filhas não conseguem dormir se a luz do corredor não estiver acesa. Acabei tendo que me acostumar com o fato de que elas se sentem mais seguras assim. Quanto a apagar a luz ao sair do cômodo, meu pai teria resolvido a questão com uma palmada, mas nós não batemos nos nossos filhos. Quando a comunicação não funciona, nosso método é cortar privilégios: cancelar uma saída ou uma noite na casa de amigos, deixar de castigo, não permitir que usem o carro. No entanto, punições desse tipo pareciam exageradas para a questão da luz acesa. O maior reincidente era um dos meninos, então acabei resolvendo desenroscar uma lâmpada de seu quarto sempre que encontrasse a luz acesa. Vi que havia 12 lâmpadas no quarto e que,

caso ele não se emendasse, em pouco tempo estaria no escuro. Foi exatamente o que aconteceu. Demorou algum tempo, mas minha cruzada acabou surtindo efeito. Agora, quando estamos em casa, só tenho que apagar as luzes que as crianças deixaram acesas umas duas vezes por semana.

Uma das alegrias que os filhos proporcionam é a comemoração dos feriados. As datas festivas se tornam muito mais importantes quando você é pai, porque passa a conhecê-las de dois pontos de vista. Tenho lembranças nítidas dos Natais da minha infância: minha mãe e meu pai de mãos dadas acendendo a árvore cheia de brinquedos embaixo, cantando "Heil'ge Nacht", e meu pai tocando trompete. Depois que tive filhos, também passei a ver o Natal pelos olhos de um pai.

Eu me considerava um especialista em decoração de árvores de Natal. Isso estava no meu sangue. Na Áustria, meu pai e os outros homens da aldeia saíam para a floresta três dias antes da data para buscar as árvores. Em teoria as crianças não deveriam saber disso, pois oficialmente quem trazia as árvores era Christkindl, uma anjinha igual a Jesus menino, versão austríaca do Papai Noel. Certa vez, meu irmão deixou escapar sem querer: "Vi papai saindo de casa com um machado", e meu pai ficou doido por minha mãe não ter nos mantido longe da janela. Em geral, porém, era um momento bem divertido. Eles decoravam nossa árvore com todo tipo de bala, papel de embrulho e enfeite, fazendo os galhos penderem por cima dos presentes lá embaixo. A árvore era sempre tão alta que o enfeite do topo encostava no teto. Havia velas de verdade presas com suportes aos galhos externos, de modo que só era possível acender a árvore por alguns minutos de cada vez.

Na véspera de Natal, às seis da tarde, meu pai desligava o rádio e a casa era tomada por um silêncio total. Minha mãe dizia: "Vamos ficar atentos: lembrem-se de que Christkindl sempre aparece por volta das seis." Logo ouvíamos tocar uma sineta – um dos enfeites que decoravam a árvore. A menina que morava em uma das casas vizinhas à nossa subia de fininho a escada dos fundos e entrava pela porta de trás do nosso quarto, mas é claro que nós só descobrimos isso mais tarde. Durante muitos anos, Meinhard e eu subíamos correndo até o quarto, escorregando no tapete que cobria o piso de madeira e caindo no chão antes mesmo de chegar à porta, e então, aos trancos e barrancos, irrompíamos quarto adentro. Era uma alegria só.

As tradições natalinas austríacas e americanas são muito diferentes. Nos Estados Unidos, ao contrário da Áustria, a tradição é montar a árvore três ou quatro semanas antes do Natal, então era isso que fazíamos com nossos filhos. Nós convidávamos nossos amigos e, ao estilo americano, pedíamos que cada um pendurasse um enfeite. À medida que as crianças cresceram, foram assumindo cada vez mais tarefas até ficarem responsáveis por colocar o anjo, a estrela, Jesus, Maria ou qualquer que fosse o enfeite mais alto, e por decidir qual seria o visual da árvore.

Também comemorávamos bastante as outras datas. A Páscoa sempre caía durante a visita anual de minha mãe. Todo ano, ela chegava em meados de

fevereiro e passava dois ou três meses em nossa casa, dependendo do frio e da neve na Áustria. Além de querer nos ver, parte de sua motivação era fugir do período mais rigoroso do inverno. Na Páscoa, ela era a avó perfeita para se ter por perto, pois todas as grandes tradições dessa data provêm da região em que fica a Áustria: o coelhinho, as cestas, os ovos e os chocolates. Minha mãe sempre pintava ovos com as crianças – era uma especialista, e todos os meus filhos punham aventaizinhos especiais para a ocasião. Ela tomava conta da cozinha e preparava massa, cobrindo todas as bancadas com uma camada tão fina que ninguém entendia como ela conseguia aquilo. Então arrumava as fatias de maçã por cima, dobrava a massa e assava o *Apfelstrudel* mais delicioso dos Estados Unidos. Na Páscoa, a festa durava o dia inteiro: primeiro vinham as grandes cestas e a troca de pequenos presentes, depois a missa e então a caça aos ovos e uma lauta refeição, seguida pela visita de parentes e amigos.

MARIA SE ESFORÇAVA BASTANTE PARA agradar à minha mãe, e as duas se davam muito bem. Da mesma forma, eu ficava radiante quando Eunice e Sarge se hospedavam conosco. Nunca tivemos problemas com a família um do outro. Nossos filhos chamavam minha mãe de Omi – ela vivia mimando-os, e eles a adoravam. Ao longo dos anos, ela aprendera inglês e chegara até a fazer algumas aulas do idioma, então passou a ter fluência suficiente para conversar com os netos, ainda que falar com crianças em uma segunda língua nunca seja muito fácil. Ela e Christina, sobretudo, davam-se muito bem – o segundo nome de Christina é Aurelia, em homenagem à avó.

Minha mãe mimava também nossos cachorros. Conan e Strudel não tinham permissão para subir ao segundo andar, mas, depois que íamos dormir, ela os levava escondidos até seu quarto, e pela manhã encontrávamos os cães enroscados no tapete ao pé de sua cama. Ela passava tempo suficiente em Los Angeles para ter a própria vida e o próprio círculo de amigas – outras austríacas e jornalistas europeias –, com as quais saía para fazer compras, almoçar e se divertir. Nunca me esquecerei de tê-la visto certa vez, no jantar de uma premiação, muito entretida com as mães de Sophia Loren e Sylvester Stallone. As três certamente estavam tentando levar o crédito por nosso sucesso.

Mamãe tinha 76 anos quando morreu, em 1998. Foi no dia do aniversário de meu pai, 2 de agosto. Como sempre fazia, ela foi a pé até o cemitério no alto de um morro, nos arredores de Graz, para passar algum tempo junto ao túmulo do marido. Era capaz de passar uma hora absorta em uma conversa imaginária com ele, contando-lhe tudo o que vinha fazendo e lhe perguntando coisas como se ele estivesse bem ali a seu lado.

Nesse dia, o clima estava úmido e fazia um calor sufocante. Para chegar ao cemitério, era preciso subir uma encosta íngreme. As pessoas que a viram disseram que, quando chegou ao túmulo, ela se sentou de repente, como se estivesse a ponto de desmaiar, e depois desabou no chão. Os paramédicos tentaram ressuscitá-la, mas, quando conseguiram chegar com ela ao hospital,

minha mãe já havia sofrido morte cerebral em consequência da privação de oxigênio. Ela nunca chegara a fazer a cirurgia para corrigir o defeito no coração, e ele acabara deixando-a na mão.

Maria e eu pegamos um avião até Graz para assistir ao enterro. Meu sobrinho Patrick, Timmy, irmão de Maria, e Franco nos acompanharam. Eu faltara ao enterro de meu pai e de meu irmão, mas no da minha mãe chegamos com um dia de antecedência e ajudamos a organizar tudo. Ela estava no caixão usando um *Dirndl*, vestido típico austríaco.

Em sua última visita aos Estados Unidos, ela se mostrara disposta e alegre como sempre e prolongara a estada até o mês de maio, então sua morte foi um choque terrível. Mais tarde, porém, pensando na vida que ela tivera, senti que na ocasião de seu falecimento eu não tinha qualquer arrependimento, graças à relação que mantivera com ela depois que fui morar nos Estados Unidos, quando aprendi a pensar um pouco mais na família e não só em mim mesmo. Agora que era pai, entendia quanto minha partida deve ter sido difícil para ela. Na infância, eu a valorizava como mãe dedicada, mas nunca havia pensado na dor causada pela minha emigração. Compreendi isso tarde demais para conseguir me reaproximar de meu irmão ou de meu pai, mas, no caso de minha mãe, eu soubera construir um bom relacionamento com ela, no qual nós dois de fato nos comunicávamos.

Eu tinha proposto várias vezes comprar uma casa para ela em Los Angeles, mas ela não quis deixar a Áustria. Além de ter comparecido todos os anos à Páscoa e ao Dia das Mães, minha mãe foi ao batizado de todos os nossos filhos. Ela via todos os filmes que eu fazia e esteve presente em vários lançamentos. Desde *Conan, o bárbaro*, levei-a ao set de todos os meus filmes. Ela ficava por lá, descansava no meu trailer, via-me trabalhar. Quando eu estava filmando em alguma locação em outro país – México, Itália ou Espanha –, ela às vezes ia passar uma ou duas semanas comigo no hotel. Nenhuma outra pessoa levava a mãe para o set, mas a minha era uma turista nata e adorava aquilo. Isso se devia, em parte, à grande atenção que recebia de todos. Tomávamos o café da manhã juntos e então meu motorista a levava a qualquer lugar que ela quisesse explorar, de modo que ela sempre voltava para casa com fotos para mostrar aos amigos: um mercado de rua no México, o Vaticano durante uma visita a Roma, museus em Madri. Na década de 1980, levei-a à Casa Branca para conhecer Ronald Reagan, e ela participou do Great American Workout com George Bush no Gramado Sul. O presidente a tratou muito, muito bem. Estava muito falante e animado e a elogiou por minha ótima criação.

Eu adorava fazer coisas para minha mãe, não só para que ela achasse que tinha me criado bem, mas também como uma espécie de retribuição pelas dificuldades de sua juventude. Quando vejo fotos suas aos 23, 24 anos, quando meu irmão e eu nascemos, ela está abatida e magra. Foi logo depois da guerra, e minha mãe teve que mendigar para sobreviver. Era casada com um homem que às vezes enlouquecia e se embriagava. Morava em uma aldeia pequenina.

O clima era muitas vezes uma porcaria, com chuva, neve e escuridão, exceto durante o verão. Ela nunca tinha dinheiro suficiente para nada. Era tudo uma grande luta.

Então, pensei que, nos anos que lhe restavam, ela deveria ter a vida mais agradável possível. Seria minha retribuição por ela ter nos carregado à meia-noite até o outro lado da montanha para nos levar ao hospital quando adoecíamos e por estar presente sempre que precisei dela. Além disso, minha mãe tinha que ser recompensada pela dor que eu lhe causara ao sair do país. Ela merecia ser tratada como uma rainha.

Nós a enterramos no mesmo lugar do cemitério em que ela morreu, ao lado de meu pai – um fim triste, mas também romântico. Os dois eram muito ligados.

SE A PÁSCOA PERTENCIA À MINHA MÃE, o Dia de Ação de Graças era um feriado especial para Sarge e Eunice desde muito antes de Maria e eu nos casarmos. Os filhos, noras, genros e netos dos Shriver sempre se reuniam na linda mansão branca em estilo georgiano dos dois, perto de Washington. Era praticamente um festival que durava três dias. Muitos casais precisam negociar para decidir com que família vão passar esse feriado, mas no nosso caso tudo se encaixou perfeitamente. "Vamos manter tudo como está, pois nos divertimos bastante com seus pais no Dia de Ação de Graças. Depois podemos passar o Natal em casa", falei para Maria. "Não que seus pais não possam participar, mas o Natal vai ser em nosso território." Ela também gostava das coisas dessa forma. Sempre me mostrei sensível ao fato de o nosso casamento tê-la afastado da família, e de ela muitas vezes sentir falta deles e querer matar as saudades, apesar de prezar a própria independência. Então eu sempre lhe dizia: "Lembre-se de que qualquer parente que você queira convidar é automaticamente meu convidado também." Receber meus sogros era fácil, porque eu gostava muito dos dois, e eles sempre traziam risos e diversão para nossa casa.

O Dia de Ação de Graças na casa dos Shriver começava na igreja – Sarge e Eunice iam à missa diariamente –, depois vinha o café da manhã e em seguida a prática de esportes variados. Em Georgetown havia ótimas lojas de roupas e presentes, com mercadorias diferentes das vendidas na Califórnia, então eu aproveitava para dar o pontapé inicial nas compras de Natal. À noite tornávamos a nos reunir, e muitas vezes Teddy aparecia com a mulher para jantar ou tomar um drinque, ou então o ambientalista Robert Kennedy Jr. dava uma passada com seu filho ou com sua irmã Courtney e a filhinha dela, Saoirse (nome que se pronuncia sir-sha e significa "liberdade" em gaélico). Nessa época, Hyannis Port ficava sempre lotada de parentes: além dos Shriver, os Kennedy e os Lawford também apareciam. Eram 30 primos nadando, velejando e praticando esqui aquático, ou indo à lanchonete comer camarão frito e mariscos. Da manhã até a noite o lugar virava um grande acampamento esportivo.

Sempre pensei que Eunice e Sarge fossem influenciar muito nossos filhos – certamente influenciaram a mim. Eu trabalhava com os dois na Special Olympics como representante da organização, para ajudar em sua expansão. No verão em que Katherine estava com 12 anos e Christopher, com 4, Maria e eu levamos a família toda a uma missão na África do Sul.

Era minha primeira visita ao país em 26 anos, desde que vencera o Mister Olympia em Pretória, ainda na época do apartheid. Foi espetacular ver como o lugar estava mudado. Na época, o Mister Olympia fora a primeira competição atlética racialmente integrada do país. Durante minhas primeiras visitas à África do Sul, eu fizera amizade com Piet Koornhof, ministro do Esporte e Lazer, progressista e forte opositor do regime. Foi ele quem abriu caminho para as exibições de fisiculturismo nas favelas e falou: "Toda vez que você fizer algo pelos brancos, gostaria que fizesse algo pelos negros." Ele também assumira a dianteira da candidatura sul-africana para sediar o Mister Olympia, e eu integrava a delegação da Federação Internacional de Fisiculturismo que trabalhava com ele. Agora o apartheid era uma lembrança distante, e Nelson Mandela era o distinto ex-presidente da nação.

Desde que deixara o cargo, Mandela estava comprometido em aumentar a importância da Special Olympics em todo o continente africano, onde milhões de pessoas com deficiências intelectuais eram estigmatizadas, ignoradas ou coisa pior. Sarge e Eunice haviam planejado viajar conosco, mas minha sogra, que acabara de completar 80 anos, quebrara a perna em um acidente de carro na véspera do embarque. Assim, quando chegamos à Cidade do Cabo, foi a geração mais nova que teve que assumir o controle da situação: Maria, eu e o irmão dela, Tim, que substituíra Sarge como presidente da Special Olympics. Tim levou sua mulher, Linda, e também os cinco filhos do casal.

Mandela, é claro, era um verdadeiro herói para mim. Eu ficava todo arrepiado a cada vez que o ouvia discursar sobre inclusão, tolerância e perdão – o contrário do que se poderia esperar de um negro em um país branco racista que havia apodrecido na prisão por 27 anos. Uma virtude assim é algo raríssimo, principalmente na prisão, então para mim era como se Deus o houvesse colocado entre nós.

Estávamos lá para iniciar uma corrida com a tocha da Special Olympics da qual participariam atletas de toda a África do Sul. Eram dois objetivos: aumentar o prestígio da organização e apoiar a causa da segurança pública no país. Mandela acendeu a tocha no lugar mais lúgubre que se poderia imaginar: sua antiga cela na prisão de Robben Island. Quando estávamos lá, tivemos a oportunidade de conversar antes do início da cerimônia, e perguntei como ele conseguira entender tantas coisas em um lugar como aquele. Tenho certeza de que ele já ouvira essa pergunta mil vezes, mas sua resposta foi notável. Mandela disse que era bom ter estado na prisão. Isso lhe dera tempo para pensar e entender que sua atitude violenta na juventude estava equivocada, então ele saiu de lá como o homem que era agora. Eu o admirava, mas não soube o que pensar sobre o que ele disse. Seria verdade, ou apenas algo de que

ele havia se convencido? Será que Mandela acreditava mesmo que 27 anos na cadeia eram necessários? Ou será que estava analisando a situação como um todo e se referindo ao que aquele tempo perdido significou para a África do Sul, e não para ele pessoalmente? Ele era apenas uma pessoa, e o país, muito maior, é que iria viver para sempre. Era um pensamento poderoso. Quando fomos embora, comentei com Maria: "Não sei se acredito ou não, mas foi incrível ele dizer isso... que estava totalmente satisfeito com o que viveu e com o fato de ter perdido tantas décadas."

As crianças passaram o dia inteiro conosco. Christopher, que tinha apenas 4 anos, naturalmente não aproveitou tanto quanto os irmãos, de 8, 10 e 12 anos. Mas eu sabia que ver aquilo tudo teria algum impacto, mesmo que eles não entendessem a situação inteira de imediato. Algum dia iriam escrever trabalhos na escola sobre o dia em que haviam conhecido Nelson Mandela, acendido a tocha olímpica e ouvido o grande líder comparar o preconceito contra a Special Olympics à injustiça do apartheid. Poderiam relembrar e perguntar a Maria e a mim sobre tudo o que tínhamos visto, para depois escrever sobre as belezas da Cidade do Cabo e seu contraste com as favelas e a pobreza das famílias que vivem lá. Levariam algum tempo para assimilar a experiência. Antes de ir embora da África, fizemos um safári de alguns dias, e todos amaram. Fiquei tão maravilhado quanto as crianças ao ver o que parecia ser o reino animal inteiro passeando em liberdade bem na nossa frente: leões, macacos, elefantes, girafas. À noite, dormíamos em barracas ouvindo os barulhos e os gritos dos animais à nossa volta. O guarda-florestal estava à procura de uma leoa específica, que tinha uma etiqueta especial na orelha. Era hora de substituir o aparelho de rastreamento do animal. Finalmente ele a encontrou e disse: "Tenho que aplicar o tranquilizante nela." Mirou com cuidado e disparou um dardo na leoa, que de repente começou a rugir, enfurecida, e saiu correndo. "Ela vai conseguir avançar uns 200 metros", disse o guarda. Dito e feito: de repente o felino parou de correr e começou a andar, em seguida olhou para trás na nossa direção e por fim caiu deitado de lado.

Fomos até ela, descemos do jipe e as crianças puderam tirar fotos e ver como as patas do animal eram grandes, maiores até que os próprios rostos delas. Sempre tive fascínio por grandes felinos. Quando estávamos filmando *O vingador do futuro* no México, havia muitos animais no set, entre os quais um filhote de pantera e outro de puma. Eu adorava brincar com eles. O treinador os levava ao meu trailer todo sábado, quando tínhamos um intervalo de duas horas. No começo, os animais deviam ter uns 5 meses de idade e estavam crescendo depressa. No último mês de filmagem, estavam com 7 meses. Um dia, o puma estava descansando nos fundos do trailer quando me levantei e fui até a parte da frente do veículo. Sem qualquer aviso, o animal correu direto na minha direção e se agarrou à minha nuca: quase 50 quilos me derrubaram para a frente, em cima do volante. Ele poderia ter me matado com uma mordida rápida no pescoço, mas queria apenas brincar.

Uma leoa adulta pode pesar, facilmente, três vezes mais que um puma.

Mesmo assim, não pude resistir a encostar o queixo no topo da cabeça daquela leoa para mostrar às crianças como ela era grande: em comparação com a do animal, minha cabeça parecia um alfinete. Nós rimos e tiramos fotos, e fiquei *muito* feliz pelo fato de o animal estar totalmente desacordado.

SEMPRE ME SINTO GRATO PELAS oportunidades de passar mais tempo com minha família, de sair de férias e viver aventuras com ela. No entanto, também queria que minha carreira de ator voltasse a evoluir, e isso exigiu um grande esforço. Tive que bolar toda uma campanha para convencer as pessoas de que ainda estava à altura do trabalho. Dar uma entrevista a Barbara Walters em rede nacional, nove meses depois da cirurgia no coração, foi o primeiro passo.

– Você poderia ter morrido – disse ela. – Ficou com medo?

– Muito – respondi.

Era verdade, sobretudo quando a primeira válvula não funcionou e foi preciso repetir a intervenção. Pensei que a melhor estratégia seria permitir que as pessoas me vissem e expor todos os dados. Ela perguntou sobre minha família, brincou comigo por causa dos cabelos grisalhos e me deu a chance que eu precisava para dizer que estava totalmente disposto e doido para voltar a trabalhar.

A etapa seguinte foi divulgar fotos: garantir que imagens minhas correndo na praia, esquiando e fazendo musculação saíssem nos jornais, para as pessoas saberem que eu estava de volta. Apesar disso tudo, os estúdios demoraram a retornar meus telefonemas. Fiquei pasmo ao descobrir que o problema era o seguro. Os porta-vozes das seguradoras diziam a meu agente não apenas que não sabiam o que o público pensava sobre mim agora, mas também que suas próprias companhias não tinham certeza de que iriam me segurar. Parecia haver uma infinidade de dúvidas e incertezas com as quais elas não queriam lidar.

Um ano inteiro se passou sem nenhum filme novo. Finalmente, recebi a visita de Army Bernstein, produtor cuja filha havia frequentado a mesma pré-escola de nossos filhos. Ele ouvira os boatos sobre os estúdios e sabia que eu estava em busca de trabalho. "Faço um filme com você quando você quiser", afirmou. "E tenho um roteiro incrível sendo escrito agora." Produtores independentes como Army são os salvadores da pátria em Hollywood, pois assumem riscos com os quais os grandes estúdios evitam arcar. Ele tinha sua própria empresa, uma série de sucessos anteriores e boas fontes de financiamento.

O filme a que ele estava se referindo era *O fim dos dias*, thriller de ação e terror previsto para chegar às telas no final de 1999 e pegar carona em toda a agitação mundial em torno do Y2K, o bug do milênio. Meu personagem, Jericho Cane, é um ex-policial que impede Satã de ir a Nova York escolher uma noiva nas últimas horas de 1999. Se Jericho fracassar, essa mulher dará à luz o Anticristo, transformando os mil anos seguintes no milênio do mal.

Peter Hyams, o diretor, fora recomendado por Jim Cameron e, tal como ele,

preferia filmar à noite. Assim, quando iniciamos a produção, lá pelo final de 1998, começamos a rodar à noite em um estúdio de Los Angeles. Para meu espanto, havia funcionários de seguradoras e executivos do estúdio assistindo às filmagens no set – estes últimos eram da Universal, que fechara contrato para distribuir o filme, e estavam ali para ver se eu iria desmaiar, morrer ou se precisaria fazer muitas pausas.

Por acaso, na primeira cena a ser filmada, Jericho era atacado por 10 satanistas que o espancavam sem dó. A briga acontecia à noite, em um beco escuro, sob uma chuva torrencial. Tínhamos que brigar até que eu ficasse caído de costas no chão, vendo o temporal artificial cair sobre mim até perder os sentidos. Após cada tomada, eu saía do set e ia me sentar junto ao monitor com uma toalha em volta dos ombros, todo ensopado, pronto para começar tudo outra vez.

Por volta das três da manhã, um dos caras da seguradora perguntou:

– Caramba, não é exaustivo fazer isso tantas vezes? Levar uma surra debaixo de toda essa chuva?

– Na verdade, não – respondi. – Adoro filmar à noite, porque é o momento em que tenho mais energia. Fico muito inspirado. É ótimo.

Então voltava para o set, levava outra surra, tornava a me sentar e pedia:

– Posso ver a gravação?

E ficava estudando a cena enquanto os técnicos a exibiam no monitor.

– Não sei como você consegue – comentou o sujeito da seguradora.

– Isso não é nada. Você tinha que ter visto alguns dos outros filmes, como *O exterminador do futuro*... aquilo, sim, era uma loucura.

– Mas você não se cansa?

– Não, de jeito nenhum. Principalmente depois da cirurgia. Ser operado me deixou com uma energia inacreditável. Eu me sinto uma pessoa totalmente nova.

Então o executivo do estúdio aparecia e me fazia as mesmas perguntas.

Depois dessa primeira semana, os caras da seguradora e do estúdio não voltaram mais ao set. Enquanto isso, espalhou-se entre dublês, maquiadores e figurinistas um boato de que eu estava me sentindo ótimo, que minha saúde ia de vento em popa e coisas do tipo. A partir daí, as propostas recomeçaram a aparecer e não precisei mais convencer as pessoas de que ainda estava vivo.

Proposta política

AS PESSOAS ADORAVAM FAZER PIADA COM a possibilidade de eu entrar para a política. Durante um jantar com o seu secretariado em Sacramento, em 1994, o governador Pete Wilson me cumprimentou do pódio dizendo: "Arnold, eu gostaria de ver você concorrendo a governador. Um cara que atuou em *Um tira no jardim de infância* já possui a experiência necessária para lidar com o legislativo estadual." Todo mundo riu. Mas a ideia de um astro de Hollywood se candidatar a governador não era tão absurda assim. Ronald Reagan já tinha aberto esse precedente.

No ano anterior, no filme de ficção científica *O demolidor*, o personagem de Sylvester Stallone ia parar, de repente, no ano de 2032. Quando ouviu alguém se referir à Biblioteca Presidencial Arnold Schwarzenegger, ele achou estranho. Candidatar-me a presidente estava fora de questão, já que eu não era um americano nato, como exige a Constituição. Mesmo assim, eu volta e meia tinha fantasias: e se minha mãe tivesse ficado animadinha no final da guerra e meu pai na verdade não fosse Gustav Schwarzenegger, mas sim um agente do governo americano? Isso explicaria minha forte sensação, desde sempre, de que os Estados Unidos eram meu verdadeiro lar. E se o hospital no qual ela dera à luz a mim estivesse situado na zona de ocupação americana? Isso não equivaleria a nascer em solo americano?

Eu considerava meu temperamento mais adequado ao cargo de governador que ao de senador ou deputado federal, já que, como governador – o principal cargo executivo –, eu seria o capitão do navio, e não um dos 100 senadores ou 435 deputados responsáveis por tomar decisões. É claro que nenhum governador toma resoluções sozinho, mas ele pode tentar implementar a própria visão na administração do estado, e pelo menos ter a sensação de que a palavra final é dele. É bem parecido com ser protagonista de um filme. Você leva a culpa por tudo, mas também leva todo o crédito. Riscos altos, grandes recompensas.

A lealdade e o orgulho que eu sentia da Califórnia eram enormes. Meu estado de adoção é maior do que muitos países. Tem 38 milhões de habitantes, quatro vezes mais que a Áustria. Tem 1.300 quilômetros de comprimento e 400 de largura. É fácil percorrer de bicicleta alguns dos estados menores dos Estados Unidos, mas, se você quiser atravessar a Califórnia, talvez seja melhor

fazer isso montado em uma Harley e arrumar uma maneira mais moderada de se exercitar. A Califórnia tem montanhas espetaculares, 1.350 quilômetros de litoral, florestas de sequoias, desertos, terras cultivadas e vinhedos. A população fala mais de 100 idiomas diferentes. Além disso, o estado movimenta uma economia de 1,9 trilhão de dólares – maior que a do México, da Índia, do Canadá ou da Rússia. Quando o G20 reúne as 20 maiores economias do mundo para tomar decisões, um representante da Califórnia deveria estar sentado à mesa.

Ao longo dos anos desde minha chegada a Los Angeles, o estado havia passado por fases de crescimento rápido e por outras em que o progresso foi mais lento. De modo geral, porém, havia prosperado, e eu me considerava um feliz beneficiário dessa riqueza. Do ponto de vista político, assim como muitos imigrantes de sucesso, eu era conservador: desejava que os Estados Unidos continuassem a ser o bastião da livre iniciativa e queria fazer tudo o que pudesse para proteger o país de seguir a Europa no caminho da burocracia e da estagnação. Quando eu morava lá, o continente era assim.

A década de 1990 tinha sido próspera e a Califórnia agora tinha seu primeiro governador democrata desde meados dos anos 1980: Gray Davis. Ao assumir o governo, em 1999, ele começara seu mandato com força, expandindo o ensino público e melhorando as relações com o México. Era um cara magrelo, reservado e sem muito talento para falar em público, mas seus programas eram populares e ele tinha um grande excedente orçamentário com o qual trabalhar, oriundo em grande parte do boom do Vale do Silício nas décadas de 1980 e 1990. Seu índice de aprovação entre os eleitores era alto, por volta de 60%.

Os problemas começaram com o estouro da bolha da internet. Em março de 2000, pouco antes de eu terminar de rodar *O sexto dia*, ficção científica sobre a clonagem de humanos, a bolha das empresas on-line estourou e a bolsa de valores iniciou seu pior declínio em 20 anos. Uma baixa significativa no Vale do Silício era má notícia para o estado, pois a arrecadação de impostos iria cair e muitas decisões difíceis teriam que ser tomadas em relação a serviços públicos e empregos. A Califórnia tem uma arrecadação bastante expressiva com o Vale do Silício. Se essas empresas caem 20%, isso acaba gerando um impacto de 40% nos cofres públicos. Foi por esse motivo que recomendei que o excedente de arrecadação dos anos de crescimento fosse usado para investir em infraestrutura, saldar dívidas ou constituir um fundo emergencial que ajudasse a atravessar os anos economicamente difíceis. Comprometer capital em programas que exijam um nível de gastos equivalente ao de um período de crescimento é um erro grave.

Além do estouro da bolha, houve também a crise de energia de 2000 e 2001: primeiro o preço da energia elétrica em San Diego triplicou, depois houve escassez de energia e apagões em torno de São Francisco que ameaçaram afundar todo o estado. O governo parecia paralisado: os reguladores estaduais e federais ficaram jogando a culpa uns nos outros em vez de agir, enquanto os

intermediários – encabeçados pela atualmente mal-afamada empresa de energia Enron, de Houston – passaram a racionar o fornecimento no intuito de gerar uma explosão nos preços. Em dezembro de 2000, Gray Davis fez um gesto simbólico ao desligar as luzes da árvore de Natal da capital logo depois de acendê-las, para lembrar à população a importância de poupar energia e se preparar para o racionamento no ano seguinte. Detestei a imagem da Califórnia que esse gesto transmitiu: parecíamos um país em desenvolvimento, não o estado de ouro dos Estados Unidos. Fiquei com raiva. Era essa nossa reação à crise de energia? Apagar as luzes da árvore de Natal? Que burrice! Eu entendia que tinha sido um gesto simbólico, mas não estava interessado em símbolos. Para mim o importante era a ação.

Grande parte disso não foi culpa de Gray Davis – a economia estava atravessando uma fase ruim e pronto. No entanto, na metade de seu mandato a população começou a achar que ele estaria vulnerável quando se candidatasse à reeleição, em 2002, e seu índice de aprovação logo começou a cair. Eu me sentia tão frustrado quanto o restante das pessoas. Quanto mais lia sobre a Califórnia, mais tinha a impressão de que só havia más notícias. Peguei-me pensando: "Não podemos continuar assim. Precisamos de uma mudança."

Tudo isso influenciou meu antigo debate mental sobre qual deveria ser meu próximo desafio. Será que eu deveria virar produtor de cinema? Ou será que deveria produzir, dirigir *e* atuar, como Clint Eastwood? Será que deveria virar artista plástico, agora que voltara a travar contato com meu amor pela pintura? Eu não estava com pressa para resolver essas questões – sabia que, no devido tempo, elas acabariam tomando forma em minha mente. Mesmo assim, continuei obedecendo à minha antiga disciplina de estabelecer objetivos concretos a cada virada de ano. Na maioria das vezes, o filme no qual eu estava trabalhando encabeçava a lista. Nesse ano, porém, embora eu estivesse comprometido com alguns projetos – entre os quais *O exterminador do futuro 3* –, não havia nada realmente agendado. Assim, em 1º de janeiro de 2001, escrevi no topo da minha lista: "Explorar a possibilidade de concorrer ao governo do estado em 2002".

Na manhã seguinte mesmo, marquei um encontro com um dos maiores consultores políticos da Califórnia, Bob White, chefe de gabinete de Pete Wilson por quase três décadas, inclusive durante os oito anos dele como governador. Bob era o cara que tinha feito os trens partirem no horário e era considerado um dos mais influentes republicanos de Sacramento. Eu o conhecia de muitos eventos beneficentes e jantares ao longo dos anos. Quando ele saíra do governo, eu perguntei se poderíamos continuar em contato.

Naturalmente, contratar Bob e sua equipe de estrategistas e analistas não significava que eu fosse ter o apoio do Partido Republicano. Para os chefões do partido, eu era centrista demais. Sim, eu era conservador do ponto de vista fiscal, a favor do empreendedorismo e contrário ao aumento da carga tributária, mas todos sabiam que eu defendia também o direito ao aborto, os

gays, o meio ambiente, um controle sensato da venda de armas e um sistema razoável de proteção social. Muitos republicanos conservadores também ficavam incomodados por meu vínculo com os Kennedy, incluindo a admiração que eu nutria por meu sogro, que consideravam um forte exemplo de cobrador de impostos e gastador de dinheiro público. Era quase possível ouvi-los pensar: "Claro, é disto mesmo que precisamos: primeiro virão Arnold e sua mulher liberal, em seguida sua sogra e seu sogro, depois Teddy Kennedy, e por fim todos eles. Um verdadeiro Cavalo de Troia." Os líderes do partido apreciavam o fato de eu ajudar a angariar fundos e falar sobre seus candidatos e a filosofia republicana durante as campanhas, mas sempre diziam apenas: "Foi ótimo, muito obrigado por ter ajudado." Não acho que eles algum dia tenham nutrido real simpatia por mim.

No entanto, não foi por isso que procurei Bob e seus sócios. O que eu queria era uma avaliação completa e profissional do potencial que tinha para me candidatar e vencer, acompanhada por pesquisas e estudos que a sustentassem. Embora já tivesse participado de campanhas, também queria saber o que era *realmente* necessário para se concorrer a um cargo público, uma vez que não era um candidato típico. Quantas horas teria que gastar em campanha? Quanto dinheiro teria que arrecadar? Qual seria o tema da minha eventual campanha? Como manter meus filhos longe dos holofotes? O fato de Maria fazer parte de uma família democrata era um trunfo ou uma desvantagem?

Minha mulher não soube que eu tinha procurado Bob. Já lera sobre minha possível candidatura nos jornais e me vira cogitar a ideia, mas imaginara que eu jamais fosse aguentar uma agenda de político, com 20 reuniões por dia, nem aturar a bobajada habitual que se precisa engolir quando se faz parte da política. Tenho certeza de que estava pensando: "Ele ama demais a vida. Segue o princípio do prazer, não do sofrimento." Eu não disse a ela que estava considerando seriamente uma candidatura porque não queria que isso virasse um assunto interminável em casa.

Os consultores logo determinaram meus pontos fortes e meus pontos fracos como candidato. O fator Ronald Reagan era a maior vantagem de todas. Ele havia mostrado que o entretenimento é capaz de atravessar as fronteiras entre partidos: as pessoas não apenas sabem quem você é como prestam atenção em qualquer coisa que você diga, sejam elas democratas, republicanas ou independentes – contanto que cumpra o que prometeu. O governador Pat Brown e seus conselheiros políticos erraram feio na avaliação do poder da fama quando Reagan o derrotou em 1966, e acho que os políticos ainda têm dificuldade para acreditar nesse poder. Quando George Gorton, principal estrategista de Pete Wilson, acompanhou-me em um evento em prol das atividades extracurriculares no Hollenbeck Youth Center, ficou abismado ao encontrar 19 equipes de TV a postos para documentar minha visita para os noticiários da noite. Havia pelo menos uma dúzia de câmeras a mais do que ele costumava ver para o próprio governador nesse tipo de evento.

A primeira pesquisa que eles fizeram, com 800 eleitores da Califórnia,

chegou ao resultado misto já esperado. Todos os eleitores sabiam quem eu era e 60% tinham uma imagem positiva de mim – isso era uma vantagem. No entanto, quando tiveram que escolher entre mim e Gray Davis para governador, as pessoas optaram por ele em uma proporção de mais de dois contra um. Eu não era sequer candidato, claro, mas estava muito, muito longe de ser favorito. Os consultores listaram as desvantagens óbvias: embora eu tivesse uma filosofia forte e muitas opiniões, meu conhecimento sobre questões como emprego, ensino, imigração e meio ambiente não era muito profundo. Além do mais, eu não dispunha de nenhuma organização para angariar fundos, nem de equipe política, nem de experiência no contato com jornalistas especializados, sem falar no fato de nunca ter sido eleito para nada.

Uma dúvida que surgiu foi se eu deveria concorrer ao cargo de governador em 2002 ou aguardar até 2006. Esperar daria mais tempo para me firmar como candidato aos olhos dos californianos. George Gorton sugeriu que, fosse a minha candidatura quando fosse, uma boa forma de estabelecer sua base seria fazer campanha para uma proposta de votação popular. Entre todos os estados americanos, a Califórnia é famosa por sua tradição de "democracia direta". Segundo a Constituição estadual, o legislativo não é o único responsável pela criação das leis; o povo também pode fazer isso de forma direta, levando propostas a voto durante os pleitos estaduais. Esse sistema de propostas de votação popular remonta a Hiram Johnson, lendário governador da Califórnia de 1911 a 1917, e depois senador por quase 30 anos. Johnson o usou para diminuir o poder de um legislativo corrupto controlado pelas grandes empresas ferroviárias. A mais célebre aplicação contemporânea do sistema de votação popular foi na revolta fiscal de 1978. Nesse ano, os eleitores californianos aprovaram a Proposta 13, emenda constitucional oficialmente intitulada "Proposta Popular para Limitar a Carga Tributária sobre Bens Imobiliários". Na época, fazia apenas 10 anos que eu morava nos Estados Unidos, e lembro que fiquei maravilhado com o fato de cidadãos comuns poderem limitar os poderes de um estado.

Gorton comentou que, se eu patrocinasse uma proposta de votação popular, poderia me apresentar aos eleitores sem ter que me candidatar imediatamente a governador. Isso me daria motivo para criar uma organização, promover eventos beneficentes, constituir alianças com grupos importantes, conversar com jornalistas e fazer comerciais na TV. Se a proposta fosse aprovada, isso mostraria que eu era capaz de conseguir votos em todo o estado.

Antes de encarar qualquer um desses desafios, porém, Bob e os colegas acharam melhor me alertar sobre a situação em que eu estava me metendo. Apesar de eu estar pagando pelos seus serviços, eles eram caras ambiciosos e queriam ter certeza de que não estavam desperdiçando seu tempo em uma campanha movida pela simples vaidade de um astro de Hollywood. Na realidade, eles pediram ao ex-governador Wilson que me transmitisse essa mensagem pessoalmente. Em março de 2001, ele conduziu uma sessão estratégica de quatro horas no meu escritório. Disse que torcia para que eu me

candidatasse e que eu já começara a formar uma boa equipe para conseguir ser eleito. Mas disse também: "Você tem que ser realista em relação ao impacto que isso vai ter na sua vida, na sua família, nas suas finanças e na sua carreira." Ele então circulou a mesa e cada consultor foi citando mudanças que iriam ocorrer na minha vida. O estrategista político Don Sipple falou sobre como Eisenhower e Reagan tinham feito a transição para a vida política com sucesso, enquanto Ross Perot e Jesse Ventura haviam fracassado. Perot, um empresário texano, surgira do nada em 1992 para concorrer à presidência como candidato independente e conseguira impressionantes 19,7 milhões de votos, quase um em cada cinco computados na eleição daquele mês de novembro. Ventura, ex-lutador profissional e meu ex-colega de elenco em *Predador* e *O sobrevivente*, estava no meio de um mandato frágil como governador de Minnesota, que não tentaria renovar.

A diferença entre os que se adaptavam e os que não se adaptavam à carreira política, segundo Gorton, era a disposição para o comprometimento total. Os outros consultores disseram que eu teria que aguentar críticas jamais imaginadas da imprensa, que precisaria me tornar especialista em assuntos politicamente controversos e que necessitaria obter contribuições para a campanha. O orgulho que eu sentia de minha independência financeira era tamanho que eles perceberam quanto esse último obstáculo seria difícil para mim.

O que mais me deixou surpreso, porém, foi o nível de entusiasmo na sala. Pensei que todos fossem me dizer que aquele não era um bom caminho para mim e que talvez eu devesse tentar ser embaixador ou algo do tipo. Tinha sido assim que as pessoas na Áustria haviam reagido quando eu afirmara que queria ser campeão de fisiculturismo. "Na Áustria, as pessoas viram campeãs de esqui", disseram. E os agentes de Hollywood tinham tido a mesma reação quando eu dissera que pretendia me tornar ator. "Por que você não abre uma academia?", perguntaram. Mas eu podia ver que aqueles especialistas em política não estavam simplesmente me dando falsas esperanças. Eles me conheciam graças à campanha que eu fizera por Wilson. Sabiam que eu era engraçado. Sabiam que era bom orador. Eles me viam como uma possibilidade concreta.

AO LONGO DAS SEMANAS SEGUINTES, passei bastante tempo viajando: fui a Las Vegas para participar dos Inner-City Games – uma iniciativa para afastar os jovens das gangues de rua, das drogas e da violência –, depois a um evento de divulgação do Hummer em Nova York, em seguida visitei Guam, a colônia americana na Micronésia, participei de uma estreia de filme em Osaka, no Japão, e passei a Páscoa com Maria e as crianças em Maui, no Havaí. Nos intervalos, porém, comecei a sondar alguns amigos. Fredi Gerstl, meu mentor na Áustria, manifestou total apoio. Na sua opinião, não havia nada mais difícil que ser um bom líder político – eram vários interesses envolvidos, muitos eleitores, diversos obstáculos inerentes. Era como ser capitão do *Titanic* em

comparação com pilotar uma lancha. "Se você gosta de desafios, esse é o maior que existe", declarou ele. "Vá em frente."

Paul Wachter, meu consultor financeiro, disse que não havia ficado surpreso – já sentira, no último ano, que eu estava ficando inquieto –, mas se sentiu obrigado a me lembrar do dinheiro do qual eu teria que desistir caso mudasse de carreira. Ele gostava muito de ver os cachês de 25 milhões de dólares do cinema entrando. Observou que, caso eu fosse eleito, teria que abrir mão de dois filmes por ano, que me pagariam no mínimo 20 milhões cada um, e além disso gastar milhões de dólares da minha própria fortuna em despesas pessoais que não seriam dedutíveis dos impostos. Não era exagero dizer que o custo total para o meu próprio bolso, em dois mandatos, poderia ultrapassar os 200 milhões de dólares.

Outro amigo próximo com quem eu queria conversar era Andy Vajna. Junto com seu sócio, Mario Kassar, ele havia produzido *O vingador do futuro* e *O exterminador do futuro 2*, e detinha os direitos para fazer *O exterminador do futuro 3*. Andy é húngaro-americano, imigrante como eu, e além de ser bem-sucedido em Hollywood tem cassinos na Hungria e outros negócios nos Estados Unidos. Afora isso, já havia trabalhado no governo de seu país natal e era próximo de Victor Orbán, que se tornara primeiro-ministro. Para mim, Andy e Mario faziam parte do meu gabinete informal em Hollywood para debater ideias. Portanto, eu queria sondá-los em relação à possibilidade de me candidatar a governador e, caso eles se mostrassem animados, pretendia lhes pedir uma boa quantia para a campanha, depois fazê-los sair por aí solicitando contribuições de outros produtores.

Em abril de 2001, quando fui a seu escritório falar sobre isso, não esperava que eles fossem mencionar *O exterminador do futuro 3*. Eu havia assinado uma espécie de "pré-acordo" para estrelar o filme caso ele um dia viesse a ser feito, mas o projeto passara muitos anos no limbo. Em determinado momento, Andy e Mario chegaram a perder os direitos e tiveram que comprá-los de volta no tribunal de falências. Jim Cameron começara a tocar outros projetos e, até onde eu sabia, eles ainda não tinham diretor nem roteiro. Mesmo assim, quando comecei meu discurso sobre política, peguei-os olhando para mim como quem diz: "Como assim? Candidato a governador?"

Na realidade, *O exterminador do futuro 3* estava bem mais adiantado do que eu pensava. Havia um roteiro quase pronto, e não era só isso: eles já tinham fechado acordos de merchandising e distribuição internacional no valor de dezenas de milhares de dólares. O plano era começar a produção dali a um ano. Andy se mostrou ponderado e simpático, mas firme.

– Se você pular fora, vou ser processado, pois nós vendemos os direitos com a condição de ter você no papel principal – explicou. – Você é a última pessoa que eu quero processar, mas, se eu for acionado na justiça, vou ter que fazer isso, porque não tenho dinheiro para pagar toda essa gente. E as indenizações? Vai ser uma quantia estratosférica.

– Está bem, entendi – falei.

Tenho orgulho de sempre conseguir equilibrar várias tarefas, mas até eu podia ver que me candidatar a governador e fazer o filme ao mesmo tempo seria impossível. As pessoas iriam pensar que eu era um idiota completo.

E agora? Eu continuava querendo fazer algo na política. Na verdade, estava louco por isso. Assim, quando voltei a reunir minha equipe de consultores e lhes contei que não poderia me candidatar, disse-lhes para não pararem. Falei que, em vez da candidatura, faríamos uma proposta de votação popular. Eles se mostraram céticos – era difícil imaginar como alguém poderia dar conta de um filme e de uma campanha de votação popular ao mesmo tempo. Para mim, não era nada diferente do que eu passara a vida inteira fazendo: havia cursado a faculdade enquanto era campeão de fisiculturismo; casara-me com Maria no meio das filmagens de *Predador*; rodara *Um tira no jardim de infância* e *O exterminador do futuro 2* e lançara a cadeia Planet Hollywood enquanto era o tsar presidencial da boa forma. Para completar, tinha uma visão clara da questão que desejava defender.

Ter trabalhado no President's Council on Physical Fitness and Sports me tornara consciente do problema de milhões de crianças que, depois da escola, ficavam sem ter o que fazer. A maior parte dos crimes cometidos por jovens ocorre entre as três e as seis horas da tarde. É nesse período que as crianças ficam propensas a fazer besteira, se prostituir, entrar para gangues e experimentar drogas. Os especialistas afirmavam que estávamos perdendo nossas crianças não porque elas fossem más por natureza, e sim porque lhes faltava supervisão. Havia muito tempo que policiais e educadores faziam campanha em prol de programas extracurriculares que proporcionassem uma alternativa às gangues e um lugar para ajudar as crianças com os deveres de casa, mas os legisladores do estado nunca lhes deram ouvidos. Assim, policiais e educadores se tornaram meus primeiros aliados.

Como parte da expansão dos Inner-City Games, eu havia criado uma fundação para transformar a competição em um movimento de âmbito nacional. Para comandá-la, recrutara uma grande amiga minha e de Maria, Bonnie Reiss. Bonnie é uma nova-iorquina poderosa, de cabelos negros encaracolados, engraçada, de fala rápida, e quase tão obcecada por conduzir iniciativas quanto Eunice. Ela e Maria se conheceram quando minha mulher estava na faculdade e Bonnie estudava direito e trabalhava como estagiária para Teddy Kennedy. As duas se mudaram juntas para Los Angeles a fim de trabalhar na campanha presidencial de Teddy em 1980. Mais tarde, Bonnie fundou uma influente organização sem fins lucrativos chamada Earth Communications Office, focada em arrecadar dinheiro para questões ambientais, tornando-se basicamente a principal figura de Hollywood na área ambiental. Bonnie também era grande fã dos Inner-City Games e agarrou a chance de divulgar essa iniciativa.

Los Angeles se destacava não apenas por ser a sede dos Inner-City Games, mas também como a única metrópole a ter programas extracurriculares em todos os seus 90 estabelecimentos de ensino fundamental. Fui consultar a

responsável por isso, uma dinâmica pedagoga chamada Carla Sanger. Depois de ouvir um milhão de perguntas minhas, ela sugeriu: "Por que você não cria programas desse tipo nas escolas de ensino médio também?" Assim, Bonnie e eu começamos a arrecadar fundos para isso. Nosso plano era levar os programas extracurriculares dos Inner-City Games a quatro escolas em 2002 e expandir as atividades a partir daí.

Em pouco tempo, contudo, percebi que a tarefa era ambiciosa demais. Jamais conseguiríamos dinheiro suficiente para criar um programa em cada escola de ensino fundamental e médio que precisasse. Pior ainda: Los Angeles era apenas uma cidade em um estado com cerca de 6 mil escolas e 6 milhões de alunos.

Quando você depara com um problema de proporções tão gigantescas, às vezes o governo precisa ajudar. No entanto, Carla me disse que havia tentado diversas vezes lutar pela causa em Sacramento, mas não fora bem-sucedida. Os funcionários e legisladores do estado simplesmente não consideravam os programas extracurriculares importantes. Verifiquei a informação com alguns senadores do estado e conhecidos meus na Assembleia e eles a corroboraram.

Assim, só nos restava uma alternativa: apresentar a questão diretamente à população da Califórnia em uma proposta de votação popular. Vi nessa ideia uma chance para melhorar a vida de milhões de crianças e, ao mesmo tempo, começar a me envolver na política estadual. Embora não fosse a hora certa para me candidatar a governador, comprometi-me a passar o ano seguinte fazendo campanha pelo que viria a ser conhecido como Proposta 49, a Lei do Programa de Educação e Segurança Extracurricular de 2002.

Contratei George Gorton como administrador da campanha, além de outros integrantes do círculo íntimo de consultores de Pete Wilson, e eles montaram um quartel-general no andar abaixo do meu escritório, espaço anteriormente alugado pelo ator Pierce Brosnan e sua produtora. Logo eles começaram a fazer levantamentos junto a eleitores, estudar as questões envolvidas, preparar listas de doadores e contatos na imprensa, comunicar-se com outras organizações, planejar eventos públicos e de coleta de assinaturas e assim por diante. Eu era como uma esponja que absorvia tudo isso.

Em minha carreira de ator, sempre havia ficado muito atento a grupos focais e levantamentos quantitativos. Quando se trata de política, naturalmente, as pesquisas de opinião têm um papel ainda mais importante. Senti-me totalmente à vontade com isso. Don Sipple, especialista em comunicação política, me fez sentar em frente a uma câmera e passar horas falando. As fitas foram editadas em segmentos de três minutos para serem exibidas a grupos focais de eleitores. O objetivo era descobrir que temas e traços da minha personalidade atraíam as pessoas e quais poderiam desagradá-las. Aprendi, por exemplo, que quase todos ficavam impressionados com meu sucesso empresarial. No entanto, quando eu mencionava na gravação que Maria e eu morávamos em uma casa relativamente modesta, os integrantes do grupo focal achavam que eu era maluco.

Nesse outono, eu havia reservado duas semanas para divulgar meu mais novo filme de ação, *Efeito colateral*, cujo lançamento estava marcado para 5 de outubro. Esse fora apenas um das centenas de planos que tiveram que ser mudados na esteira do 11 de Setembro de 2001. Em qualquer outro ano, teria sido um filme de entretenimento empolgante, com um orçamento milionário; depois dessa data fatídica, no entanto, simplesmente não funcionou mais. Eu interpreto um bombeiro veterano de Los Angeles chamado Gordy Brewer, cuja mulher e filhos morrem por engano em um atentado terrorista no consulado colombiano no centro da cidade. Quando Brewer assume a missão de vingar suas mortes, descobre e frustra um complô narcoterrorista muito mais amplo, envolvendo o sequestro de um avião de carreira e um ataque de grandes proporções a Washington. Depois do 11 de Setembro, a Warner Bros. cancelou a estreia e reeditou o filme para eliminar o sequestro do avião. Mesmo assim, quando *Efeito colateral* estreou, em fevereiro do ano seguinte, pareceu uma história ao mesmo tempo irrelevante e dolorosa de assistir à luz dos acontecimentos reais. A ironia foi que, durante a realização do filme, os produtores discutiram muito para saber se a profissão de bombeiro era suficientemente durona para um herói de ação, dúvida que a bravura real no Marco Zero eliminou para sempre.

Aprendi que formular uma proposta de lei que não desagrade às pessoas nem cause brigas ou resistências desnecessárias é uma verdadeira arte. Para impedir que as atividades extracurriculares prejudicassem programas existentes dos quais as pessoas gostavam, por exemplo, planejamos que eles só começariam em 2004, e só se a economia da Califórnia tivesse recomeçado a crescer e a receita anual do estado houvesse aumentado em 10 bilhões de dólares. Para conter o custo total, nós as transformamos em um programa de bolsas ao qual as escolas tinham que se candidatar e nos certificamos de que distritos ricos que já possuíssem iniciativas do tipo tivessem que esperar na fila atrás dos que não podiam arcar com seus custos.

Entretanto, quando especialistas em educação estimaram o custo anual do projeto – 1,5 bilhão de dólares –, ficamos todos estarrecidos. Mesmo em um estado com receita anual de 70 bilhões, era muito mais do que os eleitores iriam aprovar. Assim, antes mesmo de começar a campanha, diminuímos a proposta para contemplar apenas as escolas de ensino fundamental, deixando de fora as de ensino médio. Foi uma decisão difícil, mas era necessário abrir mão de alguma coisa, e as crianças mais jovens eram mais vulneráveis e precisavam mais dos programas. Esse corte fez o custo cair mais de 1 bilhão.

Antes de apresentar a proposta, no final de 2001, no entanto, distribuímos o texto e preparamos apresentações para sindicatos e grupos específicos: professores, diretores de escola, câmaras de comércio, agentes da segurança pública, juízes, prefeitos e outros membros da administração pública. Queríamos formar a maior coalizão que pudéssemos – e criar o menor número possível de inimigos. Exatamente como Pete Wilson previra, a parte de angariar fundos foi difícil para mim no início. O motivo pelo qual eu queria

ser rico era nunca ter que solicitar dinheiro a ninguém – isso ia contra a minha índole. Quando fiz o primeiro pedido de contribuição, cheguei a suar. Disse a mim mesmo que na verdade quem estava angariando dinheiro não era eu, mas a causa.

Esse primeiro telefonema foi para Paul Folino, empresário da área de tecnologia e partidário da campanha de Wilson. Após uma conversa curta e cortês, ele doou 1 milhão. Meu segundo telefonema foi para Jerry Perenchio, produtor e empreendedor que acabou virando proprietário da rede de TV em língua espanhola Univision e em seguida a vendeu por 11 bilhões de dólares. Eu o conhecia pessoalmente. Ele prometeu levantar mais 1 milhão. Fiquei no paraíso com essas ligações; meu alívio ao desligar o telefone foi imenso. Então falei com mais algumas pessoas e pedi 250 mil dólares a cada uma delas. Terminei o dia muito empolgado.

No dia seguinte, fui pedir dinheiro a Marvin Davis em sua sala no arranha-céu dos estúdios Fox. Ele devia pesar uns 200 quilos.

– Em que posso ajudar? – perguntou.

Eu já tinha feito filmes pela Fox, e o produtor de *Predador* era filho de Davis. Expus a proposta inteira para ele, explicando com grande entusiasmo o que eu podia fazer pela Califórnia. No entanto, quando ergui os olhos das minhas anotações, ele estava dormindo! Esperei que tornasse a abrir os olhos, então falei:

– Concordo totalmente, Marvin, precisamos ter responsabilidade fiscal.

Ele podia dormir quanto quisesse, contanto que fizesse o cheque. Mas o que ele disse foi:

– Deixe-me conversar com meu pessoal. Nós entramos em contato com você. Muito corajosa, essa sua proposta.

É claro que ele nunca ligou.

Paul Folino logo bolou uma solução para me deixar mais à vontade ao pedir dinheiro: sugeriu que promovêssemos eventos beneficentes discretos, como jantares e pequenas recepções. Descobrimos que, assim que eu me via em um ambiente informal no qual pudesse conversar, conseguia passar o chapéu com grande eficácia.

Adorei buscar novos aliados. Em novembro, levei nosso rascunho da Proposta 49 para John Hein, líder político da California Teachers Association (Associação de Docentes da Califórnia), o mais forte sindicato do estado. John estava acostumado a ouvir pessoas lhe pedirem favores. Como em geral republicanos e sindicalistas não se bicam, não esperava que ele se mostrasse muito receptivo. Assim, quando comecei meu discurso, falei logo de cara: "Vocês não têm que nos dar dinheiro. Se seu sindicato apoiar nossa proposta, não precisam doar 1 milhão de dólares para o financiamento nem nada do tipo. Eu me encarrego de levantar a quantia necessária. Mas nós queremos entrar nessa junto com vocês." Também assinalei que programas extracurriculares não apenas ajudam as crianças, mas também reduzem a pressão sobre os professores.

Para minha felicidade, ele aprovou nossa ideia. Na verdade, recomendou apenas duas mudanças na proposta, das quais a mais importante foi que incluíssemos alguma referência à contratação de professores aposentados. Não era algo que eu quisesse incentivar muito, porque crianças se relacionam melhor com jovens, sobretudo depois de um dia inteiro na escola com os professores. Elas querem orientadores de calça jeans e cabelos espetados, que possam fazer o papel de figura paterna e materna, mas sem ter o mesmo visual. No entanto, o pedido não era nada de mais, então fechamos o acordo. No final das contas, saiu tudo como queríamos, porque são poucos os professores aposentados dispostos a voltar ao trabalho.

PELOS PADRÕES NORMAIS, O INÍCIO de um ano eleitoral é cedo demais para apresentar aos eleitores uma proposta de votação popular, uma vez que a população só vai às urnas em novembro. No entanto, eu tinha que conciliar a Proposta 49 com *O exterminador do futuro 3*, cujas filmagens estavam prestes a começar. Assim, começamos nossa campanha no final de fevereiro, um pouco antes das primárias do estado da Califórnia. Em vez de uma coletiva de imprensa maçante, fiz uma turnê de dois dias por várias cidades do estado com comícios, crianças e muita emoção, para garantir que aparecêssemos na TV e conquistássemos mais apoio.

Depois disso, voltamos ao lento e árduo trabalho de estabelecer alianças e arrecadar fundos. Assim como o fisiculturismo, uma campanha política consiste essencialmente em repetições, repetições e mais repetições. Reuni-me com associações de pais e professores, conselhos municipais, grupos de contribuintes e a Associação Médica da Califórnia. Foi então que percebi que obter doações diretamente em um set de filmagem era uma vantagem imensa e que *O exterminador do futuro 3* era a melhor oportunidade de fazer isso. As pessoas adoravam ir conferir os efeitos especiais, ver as armas serem carregadas, assistir às explosões. Às vezes eu conduzia as reuniões ainda maquiado. Um colunista do *LA Times* me entrevistou certo dia quando o Exterminador acabara de sair de uma briga. Cerca de um quarto do meu rosto e couro cabeludo estava coberto de sangue e todo arrebentado, deixando à mostra minha caixa craniana de titânio. Foi engraçado conversar sobre escolas de ensino fundamental desse jeito.

O procurador-geral da Califórnia, Bill Lockyer, também foi às filmagens me encontrar, e ele era democrata! Eu já o conhecia da época de *O exterminador do futuro 2*, quando ele era senador estadual e nos ajudara a conseguir autorização para rodar em San José a cena em que o T-1000 pula de moto por uma janela do segundo andar direto para dentro de um helicóptero. Conversei com ele sobre a proposta. Precisávamos do seu apoio, pois é o escritório do procurador-geral do estado que emite pareceres sobre o custo e a adequação jurídica de cada proposta. Ele apareceu no set no dia em que fiquei pendurado no gancho de um imenso guindaste e adorou aquilo. Não é de espantar que tenha apoiado o projeto.

Em setembro, quando *O exterminador do futuro 3* entrou em pós-produção, fui a Sacramento pedir apoio aos líderes do Senado e da Assembleia estaduais. Embora estivesse curioso para ouvir o que eles tinham a dizer, não estava muito esperançoso. Para começar, dois terços do legislativo eram formados por democratas. Além disso, representantes públicos em geral detestam propostas de votação popular, pois elas reduzem seu poder e tornam o estado mais difícil de governar. Na realidade, nosso maior adversário era a Liga das Mulheres Eleitoras, veementemente contrária ao que chamava de "orçamento direto da urna", fosse qual fosse o programa. Mesmo assim, levei no bolso uma lista de três páginas com todas as organizações que nos apoiavam. Tínhamos formado a mais ampla coalizão em prol de uma proposta de pleito popular de que qualquer um conseguia se lembrar. Seria difícil para os políticos ignorarem esse fato.

Uma das primeiras pessoas que procurei foi Bob Hertzberg, porta-voz da Assembleia. Bob é um democrata inteligente e cheio de energia natural do Vale de São Fernando, mais ou menos da mesma idade de Maria. É tão simpático que seu apelido é Huggy, "abracinho". Em dois minutos, já estávamos fazendo piadas um com o outro. "Não estou vendo nada de ruim na proposta", disse ele. Mas então me alertou para não esperar apoio do Partido Democrata em si. "Deus nos livre de apoiar uma proposta republicana", brincou ele.

Tive discussões acaloradas com alguns líderes trabalhistas. O presidente de um dos maiores sindicatos de funcionários públicos estaduais perguntou:

– Qual é o seu mecanismo de financiamento?

Outros grupos de interesse alegavam que estávamos prejudicando seus programas. No entanto, dois anos antes o legislativo aprovara um acordo de pensão que envolvia 500 bilhões de dólares de passivos potencialmente a descoberto. Às mesmas pessoas que agora me perguntavam sobre meu financiamento, eu respondia:

– Vocês acabam de comprometer o estado com um gasto de centenas de bilhões de dólares. Qual é o *seu* mecanismo de financiamento? Estamos falando apenas em 400 milhões por ano para as crianças.

– Nós usamos os impostos.

– Bem, nesse caso estão prejudicando uma porção de outros projetos.

Também não foi fácil obter o apoio dos republicanos. Eles em geral se opunham a qualquer gasto adicional. No entanto, o líder da minoria na Assembleia, Dave Cox, um sujeito mais velho aparentemente irascível mas na realidade um doce de pessoa, tornou-se um aliado inesperado: não apenas apoiou a Proposta 49 como também me convidou para ir a San Diego durante uma reunião ordinária de legisladores republicanos. Ao fazer meu discurso diante daquela plateia, pude ver doses iguais de ceticismo e entusiasmo em seus rostos. Então Dave se levantou e se virou para os colegas. "Sabem por que essa é uma questão republicana?", indagou a eles. "Porque é uma questão *fiscal*. Talvez vocês vejam essa proposta como um pedido para o contribuinte gastar mais 428 milhões de dólares. Na verdade, porém, estaremos economizando

quase 1,3 bilhão."

Ele então citou um estudo novo do qual eu sequer ouvira falar, assinado por um instituto de grande prestígio do Claremont McKenna College. "Para cada dólar que gastarmos com programas extracurriculares, economizaremos três mais à frente, graças à diminuição das prisões, da gravidez na adolescência e de confusões nos bairros", afirmou. A mudança de atmosfera no recinto foi palpável. Na verdade, tudo o que os republicanos precisavam era esse raciocínio fiscal. Finalmente, eles votaram a favor da Proposta 49 por unanimidade.

Quando novembro se aproximava, eu estava confiante de que iríamos ganhar, mas não via isso como uma certeza. A Califórnia estava em recessão – desde o estouro da bolha da internet, em 2000, a renda familiar vinha caindo e o estado acumulava bilhões de dólares em dívidas. Os eleitores estavam com medo de novos gastos. Enquanto isso, a briga pelo cargo de governador ficou feia entre Gray Davis e seu principal adversário, um empresário republicano conservador contrário ao direito ao aborto chamado Bill Simon. Os índices de apoio ao governador continuavam baixos, mas os eleitores afirmavam nas pesquisas que gostavam ainda menos de Simon.

Nós queríamos garantir que a Proposta 49 não fosse tragada por um grande tsunami de pessimismo. Assim, nas últimas semanas de campanha, fizemos mais comícios e gastamos mais 1 milhão de dólares com anúncios na TV.

Na noite da votação, meus consultores recomendaram que nos reuníssemos em um elegante hotel de Los Angeles, como era o costume nas eleições da Califórnia, mas insisti que fôssemos ao Hollenbeck Youth Center, que tinha muito mais a ver com o projeto que estávamos tentando aprovar. Lá, pedimos comida para as crianças do bairro, para as pessoas que torciam pelo projeto e para as que haviam trabalhado na campanha, e ficamos aguardando os resultados. Pouco antes da meia-noite, as pesquisas indicaram que podíamos nos declarar vitoriosos e começar uma grande festa na quadra de basquete. A Proposta 49 acabou aprovada com 56,7% dos votos, enquanto os candidatos republicanos perderam todas as votações no estado.

Gray Davis também saiu vencedor nessa noite, mas sua reeleição na verdade não era algo a ser comemorado. Depois da campanha mais cara da história da Califórnia, a maioria dos eleitores simplesmente ficou em casa – foi a pior participação já registrada no estado em um pleito para governador. Davis derrotou Simon e os candidatos menos expressivos com apenas 47% dos votos, margem muito menor do que em 1998, quando vencera por grande diferença.

Para assombro do restante do país, um movimento popular para depor Gray Davis começou quase no mesmo instante em que se iniciou seu novo mandato. Fora do estado, as pessoas pensaram que fosse apenas mais um indício de que os californianos são doidos. No entanto, as mesmas cláusulas de democracia direta da Constituição estadual que permitiam propostas de votação popular proporcionavam também um mecanismo para revogar a

eleição de membros do governo por meio de um pleito especial. Assim como as propostas de votação popular, a cassação de cargo de governadores tinha um histórico longo e atribulado. Pat Brown, Ronald Reagan, Jerry Brown e Pete Wilson haviam enfrentado tentativas de anulação de seus mandatos, mas nenhum de seus opositores chegara a coletar assinaturas suficientes para levar o processo adiante.

A campanha para a eleição revogatória de Davis começou com um punhado de ativistas – alimentava-se do sentimento generalizado de que o estado seguia o rumo errado e de que o governador não se esforçava o suficiente para solucionar os problemas da Califórnia. Em dezembro, por exemplo, a população ficou indignada quando Davis anunciou que o rombo nas contas do estado poderia ser 50% maior que o estimado apenas um mês antes, ou seja, 35 bilhões de dólares no total – equivalente ao déficit somado de todos os outros estados americanos. Além disso, os californianos ainda estavam bravos por causa da crise de energia. O abaixo-assinado a favor da revogação externava essas e outras preocupações, acusando o governo de "péssima gestão das finanças da Califórnia, com gasto excessivo do dinheiro do contribuinte, ameaça à segurança pública ao cortar o financiamento das administrações locais, incapacidade de justificar o custo exorbitante do fiasco da energia elétrica e inaptidão generalizada para lidar com os principais problemas do estado antes que estes chegassem a um crítico nível".

No início, não dei muita atenção à campanha de revogação, pois achava muito difícil que fosse dar em alguma coisa. Além do mais, o movimento a favor do programa extracurricular estava atravessando sua própria crise. Em fevereiro, Bonnie Reiss e eu estávamos viajando pelo país para divulgar os Inner-City Games. Tínhamos acabado de pousar no Texas quando o celular dela tocou. Era um amigo ligando para avisar que o presidente George W. Bush acabara de apresentar uma proposta orçamentária que eliminava os subsídios federais aos programas extracurriculares: mais de 400 milhões de dólares em financiamentos anuais dos quais dependiam projetos em todo o país. Naturalmente, a imprensa texana logo quis saber o que eu pensava a respeito. Aquilo não era um insulto à minha causa? A Casa Branca não estava declarando guerra a Arnold?

"Tenho certeza de que o presidente acredita nos programas extracurriculares", falei. "O orçamento ainda não é definitivo." Assim que pude, liguei para Rod Paige, secretário de Educação de Bush, a fim de perguntar o que estava acontecendo. Ele explicou que o motivo alegado por Bush para interromper o financiamento era um novo estudo universitário segundo o qual os programas extracurriculares na realidade não eram tão eficazes quanto se pensava para manter as crianças longe do crime, das drogas e de outras coisas do gênero.

"Quer saber de uma coisa?", retruquei. "Isso não quer dizer que precisamos zerar o financiamento. Significa que devemos usar esse estudo para aprender e para corrigir o problema. Por que não organizamos uma cúpula 'O Melhor

dos Programas Extracurriculares'?" Eu não achava que fosse uma ideia maluca. Conhecia os especialistas, tinha experiência em fazer pessoas nos setores público e privado e de ambos os partidos trabalharem juntas, e já havia organizado cúpulas em 50 estados. Não devia ser nenhum mistério. O secretário Paige gostou da ideia e disse que talvez o seu departamento pudesse financiá-la. Eu havia feito a sugestão de forma instintiva, de modo que ri quando Bonnie a interpretou como uma tática política sagaz.

– Entendi o que estamos fazendo – disse ela quando encerrei o telefonema. – Se a administração organizar uma cúpula sobre como melhorar os programas extracurriculares, o presidente terá uma justificativa para mudar de opinião e restabelecer os financiamentos.

– Pare com isso – retruquei. – Estamos só tentando resolver o problema.

Na mesma hora, planejamos uma ida a Washington para defender o orçamento do projeto junto a membros-chave do legislativo federal. Quando meu conselheiro político, Bob White, soube desse plano, mandou-me um recado recomendando veementemente que eu desistisse. Em poucas palavras, ele dizia: "Desista. Nunca contrarie um presidente do seu próprio partido. Se conseguir recuperar o financiamento, vai parecer desrespeitoso. Se não conseguir, vai parecer um líder fraco. Seja como for, você vai prejudicar suas chances futuras de se candidatar a governador."

Entendi a lógica política desse conselho, mas minha sensação era que proteger os programas extracurriculares valia o risco. Perder o financiamento federal prejudicaria bastante inúmeras crianças. Pensei: "Neste caso, vamos ignorar a política."

Assim, fomos a Washington no início de março para defender nossa causa. Nossa primeira visita foi ao deputado Bill Young, o poderoso republicano da Flórida que era presidente do Appropriations Committee (Comitê do Orçamento). Eu me tornara amigo dele e da mulher, Beverly, por causa de sua paixão por ajudar ex-combatentes feridos em instituições como o Centro Médico Militar Walter Reed e o Hospital Naval Bethesda. Eles me haviam inspirado a visitar hospitais regularmente. Eram momentos sem câmeras e sem jornalistas – eu ia porque adorava ver os jovens veteranos, diverti-los e lhes agradecer pelo ótimo trabalho.

Quando Bonnie e eu chegamos à sala de Bill, ele estava rindo. "Antes de vocês começarem, deixem-me contar uma história", disse. Então relatou que Beverly falara com ele assim que ficara sabendo da proposta orçamentária do presidente.

– Que história é essa dos 400 milhões de dólares dos programas extracurriculares que Bush cortou? – perguntara ela.

– Bom, vai ter que haver uma discussão sobre isso – respondera Bill.

– De jeito nenhum! Você não vai discutir sobre isso. Estou dizendo desde já: esse dinheiro vai voltar a entrar, entendeu?

Assim, Bill nos garantiu que faria tudo o que pudesse para nos ajudar.

Em seguida fomos ao escritório de Bill Thomas, deputado republicano de

Bakersfield, Califórnia, presidente do House Committee on Ways and Means (Comitê de Procedimentos da Câmara). Sua inteligência e seu temperamento esquentado eram lendários no Congresso. Bonnie e eu nos reunimos com ele e seu principal assessor e mal tínhamos começado a conversa quando ele falou:

– Bom, como esta é a nossa primeira reunião, não sei se vocês preferem ficar fazendo rodeios ou ir direto ao que interessa.

Sorri e respondi:

– Vamos direto ao que interessa.

– Sei que estão aqui para recuperar o financiamento dos programas extracurriculares – disse ele. – Está feito. Agora vamos conversar sobre a eleição revogatória.

Então deu início a uma análise sobre por que o movimento para destituir Gray Davis representava uma oportunidade fenomenal para mim.

– Em uma eleição normal, você precisa arrecadar pelo menos 60 milhões de dólares – falou. – Aí tem que se candidatar nas primárias e, como você é moderado, talvez não chegue nem a conseguir a indicação do partido, pois quem vota nas primárias republicanas são principalmente os conservadores mais barra-pesada. Mas, no caso de uma eleição revogatória, *essa etapa não existe*! Qualquer candidato pode se inscrever na disputa, e quem tiver o maior número de votos vence.

Eu imaginava que uma eleição revogatória fosse igual a outra qualquer.

– Vamos recapitular – disse ele e começou a explicar como funcionava o processo segundo as leis da Califórnia. Se um número suficiente de eleitores pedisse a revogação, o estado era obrigado a realizar uma eleição no prazo de 80 dias. O pleito consiste em duas perguntas: 1) o governador deve ser destituído? – uma pergunta simples, cuja resposta pode ser sim ou não; 2) se o governador for destituído, quem deve substituí-lo? Para responder, os eleitores escolhem um nome de uma lista de cidadãos que se inscreveram como candidatos. Thomas explicou que entrar na lista era fácil. Para isso, em vez de gastar milhões em uma primária, só era necessário reunir 65 assinaturas e pagar uma taxa de 3.500 dólares. – Isso significa, é claro, que vai haver muitos candidatos – continuou ele. – Vai ser uma loucura! Só que quanto mais gente entrar no páreo, maior a sua vantagem. Todo mundo conhece você.

Ele disse que me apoiaria caso eu me candidatasse. Mas o que eu precisava fazer era tomar logo a iniciativa e me dispor a gastar uns 2 milhões de dólares para recolher as assinaturas necessárias ao pedido de revogação. Segundo a lei, eram necessárias quase 900 mil assinaturas, e até agora o abaixo-assinado estava circulando muito timidamente.

Embora me candidatar ao governo da Califórnia não fizesse parte da minha lista de objetivos para 2003, fiquei fascinado e prometi a Thomas que pensaria no assunto com carinho. Meu instinto, porém, me dizia que a estratégia que ele estava recomendando era errada para mim. Se eu assumisse a frente do processo de revogação, iria parecer arrogante e desrespeitoso. Afinal de contas, acabara de haver uma eleição, e Gray Davis vencera de forma legítima. Eu

poderia ter tentado concorrer com ele, mas precisei concluir *O exterminador do futuro 3*. Não seria correto de repente voltar atrás e dizer: "Então pronto! Agora que o filme terminou, vou tirar esse cara do caminho. Agora eu posso concorrer, então, por favor, podemos fazer outra eleição?" Pelo contrário: o melhor era manter distância. Se houvesse uma eleição revogatória, era preciso que fosse um processo orgânico, segundo a vontade do povo, não algo bancado por mim. Mesmo assim, ao longo dos meses seguintes acompanhei bem mais de perto o movimento a favor da revogação.

Exatamente como o deputado prometera a mim e a Bonnie, os financiamentos de programas extracurriculares foram restabelecidos quando o orçamento passou pelo Congresso. E a Cúpula de Programas Extracurriculares, realizada em Washington no início de junho, foi um importante divisor de águas. Quando organizadores do país inteiro reuniram suas experiências, descobrimos que os programas extracurriculares que ofereciam tanto atividades físicas quanto acadêmicas eram de longe os mais eficazes. A partir daí, a ajuda com os deveres de casa se tornou um elemento-chave do universo extracurricular.

Durante minha estada na capital para participar da cúpula, minha parada final foi na Casa Branca. Como muitas das pessoas que haviam trabalhado para o primeiro presidente Bush, eu não era próximo do seu filho, mas a situação envolvendo o governador da Califórnia me levou a querer conversar com seu principal consultor para assuntos domésticos, Karl Rove. Fiz isso porque, para assombro geral, a possibilidade de uma eleição revogatória naquele outono de repente estava parecendo muito real. A campanha para destituir Gray Davis ganhara energia com a participação do deputado federal Darrell Issa, republicano milionário de San Diego, ele próprio de olho no cargo de governador. Em maio, Issa decidira investir quase 2 milhões de dólares do próprio bolso em publicidade e coleta de assinaturas, dando força total à campanha, que agora contava com mais de 300 mil assinaturas, e a popularidade do governador continuava a cair.

Rove foi me encontrar na recepção do segundo andar da Ala Oeste da Casa Branca e me conduziu até sua sala, situada logo acima da do presidente. Passamos meia hora conversando sobre a economia da Califórnia, a Special Olympics e o auxílio à reeleição de Bush em 2004. Então falei:

– Posso perguntar uma coisa? O que o senhor acha que vai acontecer com a eleição revogatória? Issa acabou de investir 2 milhões, e a coleta de assinaturas está se acelerando. – Banquei o inocente. – O senhor é o cérebro por trás da eleição de Bush. O que acha dessa situação?

– Não vai dar em nada – afirmou ele. – Não vai haver eleição revogatória. Além disso, mesmo que haja, não acho que alguém vá conseguir destituir Gray Davis. – Antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta ou expressar minha surpresa, ele prosseguiu. – Na verdade, nós já estamos pensando lá na frente, em 2006. – Então se levantou da cadeira. – Venha comigo.

Ele me conduziu pela escada até o primeiro andar, onde, quase como se

fosse uma coreografia, Condoleezza Rice surgiu na outra ponta do corredor vindo na nossa direção.

– Aqui está uma pessoa interessada em concorrer ao governo da Califórnia – disse-me Rove –, e queria apresentá-la a você, pois ela é a nossa candidata para 2006. Vocês dois precisam se conhecer. – Ele disse isso sorrindo, mas era o tipo de sorriso que significava: "Arnold, pode tirar o seu cavalinho da chuva, porque essa mulher vai passar por cima de você feito um trator. Não vai haver eleição revogatória nenhuma, e *eu* já planejei tudo para 2006. Já previ cada etapa do processo, e o candidato republicano vai ser esse aqui."

Como Rove pode ter errado tão feio? Ele era um gênio da política e me ignorou solenemente! Ignorou solenemente a eleição revogatória na Califórnia! Eu entendia por que Condi era a candidata do governo. Ela é uma intelectual, estudou em Stanford, é a Conselheira Nacional de Segurança. Não era a primeira vez que eu ouvia essa história em relação a 2006. Em um jantar sobre o tema educação promovido por Rod Paige, Maria e eu nos sentamos com um grupo de republicanos. De repente, uma das mulheres se virou para mim e disse: "Recebemos o sinal verde da Casa Branca para apoiar Condoleezza." Portanto, eu já sabia.

Quando cheguei em casa, contei isso como se fosse uma história engraçada. Na hora em que aconteceu, porém, foi incômodo. "Que babaca", pensei. Mas logo lembrei a mim mesmo: "Na verdade isso é bom! É uma daquelas situações em que as pessoas ignoram você, e aí você corre por fora e as pega totalmente desprevenidas." Eu nunca discutia com gente que me subestimava. Se o sotaque, os músculos e os filmes fizessem as pessoas acharem que eu era burro, isso virava uma vantagem.

NESSE VERÃO NÃO ASSINEI NENHUM contrato de filme. Se o cargo de governador se tornasse mesmo uma possibilidade, dessa vez eu queria deixar o caminho livre. À medida que a campanha da eleição revogatória foi ganhando cada vez mais força, intensifiquei o diálogo com meus consultores e comuniquei ao público que compartilhava a insatisfação que havia gerado o movimento. "Nossos líderes eleitos agirão de forma decisiva, ou então nós agiremos em seu lugar", falei para a plateia durante a comemoração do 25º aniversário da Proposta 13.

Não cheguei a dizer com todas as letras que queria me tornar governador, mas não pude resistir a iniciar minha fala nesse dia com uma piada sobre Gray Davis.

"Que constrangimento", falei. "Acabei de esquecer o nome do governador do nosso estado. Espero que vocês me ajudem a recordar." Era uma brincadeira com *recall*, palavra em inglês que traduz tanto a eleição revogatória quanto o verbo usado por mim. Muita gente riu. Mandei outro sinal de fumaça em relação à minha candidatura dizendo ao *New York Post*: "Se o partido precisar de mim, eu certamente estaria mais interessado nisso que em fazer outro filme. Seria capaz até de abandonar minha carreira no

cinema."

Enquanto isso, ao tentar reduzir o rombo orçamentário, o governador Davis encontrou uma forma certeira de cometer suicídio político: triplicou o imposto sobre veículos automotores, a taxa que os californianos têm que pagar ao emplacar seus carros. Tecnicamente, ele não chegou a aumentar o valor, apenas cancelou um desconto instituído por seu antecessor que estava fazendo o estado deixar de arrecadar 4 bilhões de dólares por ano. Os californianos, porém, amam seus carros e isso não fez diferença. O número de assinaturas coletadas semanalmente a favor da revogação disparou.

Sempre que Gray Davis cometia outro erro, eu ficava mais enfurecido. Por que ele estava concedendo carteiras de motorista a imigrantes ilegais? Por que estava aumentando os impostos em vez de conter as pensões? Por que aceitara dinheiro de campanha de tribos indígenas proprietárias de cassinos? Por que estávamos ficando sem energia elétrica? Como ele podia apoiar leis que cortavam empregos e forçariam empresas a saírem do estado?

Pensei no que eu faria: cortaria impostos, suspenderia a emissão de carteiras de motorista para imigrantes ilegais, diminuiria a taxa de emplacamento dos carros. Não gastaria mais do que o estado estivesse arrecadando. Iria reconstruir a Califórnia. Arrumaria alternativas aos combustíveis fósseis. Estabeleceria impostos justos para as tribos indígenas proprietárias de cassinos. Poria fim ao esquema de venda de favores. E traria as empresas de volta para o estado.

Para completar, eu tinha uma rixa pessoal com Davis. Já lhe perguntara cinco vezes o que ele queria do Governor's Council on Physical Fitness and Sports da Califórnia quando eu comandava o conselho, durante o mandato de Pete Wilson, e ele nunca me respondera.

Comecei a desprezar tudo o que tivesse a ver com Gray Davis. Quando alguma foto sua aparecia no jornal, eu não via uma imagem, mas um monstro. Bolei um plano. Visualizei-me derrotando-o. (Por estranho que pareça, quando nos encontramos mais tarde, depois que eu me tornei governador, ficamos amigos. Percebi que era difícil para qualquer governador realizar as mudanças necessárias no estado. Gray Davis não podia ter feito isso sozinho. Ninguém podia.)

No entanto, tive que perguntar a mim mesmo: por que iria querer entrar naquela confusão? Por que não continuar sendo ator e pronto? O déficit do estado chegava agora a 37,5 bilhões de dólares, empresas estavam se mudando para outros lugares, faltava luz com frequência, os tribunais ordenavam às prisões que soltassem detentos por causa da superlotação, o sistema de concessões de obras públicas estava viciado, os gastos tinham sido engessados por fórmulas e ninguém parecia conseguir solucionar os problemas das escolas.

Mas eu simplesmente adoro quando dizem que algo não pode ser feito. É isso que me motiva de fato: gosto de provar que os outros estão errados. E apreciava a ideia de trabalhar em algo maior do que eu. Meu sogro sempre

falava sobre como isso nos dá mais potência e energia, mas que só era possível sentir isso quando já se estava envolvido. Além do mais, eu seria governador da Califórnia! Aquele era o lugar para o qual todos no mundo queriam ir. Você nunca ouvia algum estrangeiro dizer "Ah, eu adoro os Estados Unidos! Mal posso esperar para conhece Iowa!", ou "Nossa, me fale um pouco sobre Utah", ou então "Delaware é um lugar incrível". A Califórnia era cheia de problemas, mas era também um paraíso.

Já estava na hora de pensar em uma estratégia de campanha, e comecei a imaginar uma que fizesse sentido. Isso foi assunto para longas conversas com Don Sipple, principal consultor de mídia da nossa campanha em prol dos programas extracurriculares. Concordamos que era fundamental não entrar na corrida prematuramente – seria melhor esperar a aprovação e o agendamento oficiais da eleição revogatória. Don esquematizou nossa abordagem em um fax intitulado "Algumas ideias", que me enviou no final de junho de 2003.

Se eu entrasse mesmo no páreo, minha campanha deveria ser realmente original, porque eu era um não político reagindo a um movimento de revolta popular. Precisávamos evitar tentar conquistar a imprensa. Em vez disso, deveríamos apelar para as pessoas comuns. Quando fosse à TV, em vez dos tímidos programas locais, deveria participar de programas de entretenimento em rede nacional como os de Jay Leno, Oprah Winfrey, David Letterman, Larry King e Chris Matthews. Em seguida, quando os meios de comunicação tachassem minha candidatura de fraca, nós surpreenderíamos todos com discursos que fossem fundo em questões-chave como educação, saúde e segurança pública. Acima de tudo, a campanha tinha que ser *poderosa*. O segredo era saber liderar e ter projetos e reformas importantes, capazes de atrair apoio maciço do público.

Gostei especialmente da forma como Don canalizou minha mensagem: "Existe hoje uma desconexão entre o povo da Califórnia e os políticos de lá. Nós, o povo, estamos cumprindo a nossa parte: trabalhamos duro, pagamos impostos, formamos famílias. Já os políticos não estão cumprindo a sua: eles se atrapalham e fracassam. O governador Davis não cumpriu seu dever para com o povo da Califórnia, e está na hora de substituí-lo." Essas palavras tinham mais força que qualquer roteiro de filme que eu já tivesse lido. Eu as decorei e transformei em uma espécie de mantra.

MUDEI O FOCO PARA PROMOVER *O exterminador do futuro 3*. O filme estreou em todo o país no dia 2 de julho, uma quarta-feira, e se tornou o campeão de bilheteria do fim de semana do Dia da Independência. A essa altura, porém, eu já estava do outro lado do mundo. Depois da estreia em Los Angeles, peguei um avião para assistir à estreia japonesa em Tóquio, depois segui para o Kuwait. No dia 4 de julho, três meses depois que as forças da coalizão liderada pelos Estados Unidos tomaram Bagdá, eu estava na capital iraquiana em uma exibição do filme e divertindo os soldados em um antigo palácio do ditador

deposto Saddam Hussein.

Como sempre, comecei minha fala com uma piada: "É impressionante andar de carro por aqui. Sério mesmo. Quanta pobreza! Dá para ver que o país não tem dinheiro para nada, que é um desastre financeiro e que existe um vácuo de liderança... mais ou menos como a Califórnia neste exato momento."

De Bagdá, percorri várias cidades iraquianas, depois voltei ao Ocidente e fiz aparições pela Europa. Então emendei com viagens de divulgação ao Canadá e ao México. Durante esse tempo todo, sequer pensei na minha possível candidatura a governador. Guardei isso no fundo da mente, mas não fiz nenhum plano consciente.

Em 23 de julho, último dia da viagem, estava na Cidade do México quando foi anunciado que a Califórnia teria uma eleição revogatória. Mais de 1,3 milhão de eleitores haviam aderido ao abaixo-assinado, quase 500 mil a mais que o necessário. No dia seguinte, o pleito especial foi agendado para a primeira terça-feira de outubro de 2003, dali a menos de três meses. Os candidatos tinham pouco mais de 15 dias para se apresentar – até sábado, 9 de agosto.

O prazo apertado não inibiu os concorrentes. Graças ao baixo custo de inscrição, a eleição revogatória era um ímã para dezenas de candidatos menos expressivos, gente em busca de atenção e pessoas que só queriam acrescentar algo interessante ao currículo. No fim das contas, o pleito contou com 135 candidatos. Havia uma rainha do cinema pornô e um editor de livros pornôs; havia um caçador de recompensas, um comunista americano, uma atriz cujo principal motivo de notoriedade era ter feito propaganda de si mesma em cartazes espalhados por Los Angeles; e uma dançarina de suingue que já havia se candidatado várias vezes à presidência. Gary Coleman, o ex-ator mirim, também entrou no páreo, assim como a escritora e especialista em política Arianna Huffington, que viria a se tornar minha adversária no debate eleitoral antes de desistir. Havia ainda um opositor ferrenho do tabagismo e um lutador de sumô.

Candidatos sérios, com capital político e respaldo financeiro, viram-se diante de uma escolha difícil: arriscar ou não se perder nessa atmosfera circense. A senadora federal Dianne Feinstein, democrata muito popular, declarou que não gostava do conceito das eleições revogatórias – ela própria tivera que enfrentar uma no começo da carreira, quando era prefeita de São Francisco. O deputado federal Darrell Issa, que se mostrara um verdadeiro visionário ao apoiar a coleta de assinaturas, também saiu do páreo depois de afirmar em uma coletiva de imprensa, com os olhos marejados, que podia voltar ao seu cargo em Washington agora que outros estavam preparados para assumir a liderança.

Assim que a eleição foi confirmada, eu soube que teria que me candidatar. Já podia me ver em Sacramento, resolvendo problemas. A ideia de uma campanha não me intimidava nem um pouco. Foi como todas as outras decisões importantes que já tivera de tomar: pensei em como seria ganhar e

tive certeza de que isso iria acontecer. Passei a voar no piloto automático.

Era hora de falar com Maria.

A eleição revogatória

COMO TODOS QUE SÃO CASADOS SABEM, é preciso escolher o momento certo para abordar um assunto espinhoso. No início de julho, quando viajei para divulgar *O exterminador do futuro 3*, a eleição revogatória de Gray Davis era apenas uma possibilidade, e durante as três semanas que passei fora Maria e eu não falamos sobre o assunto nem sobre o que isso poderia significar para mim. Em casa, depois que as crianças iam dormir, nós muitas vezes relaxávamos na banheira de hidromassagem, e foi esse o momento que escolhi.

– A eleição revogatória está chegando – falei.

– É, está todo mundo falando que você vai concorrer, e eu digo que eles estão doidos – retrucou ela. – Você jamais faria uma coisa dessas.

– Bom, na verdade eu queria conversar com você sobre isso. O que você acharia se eu entrasse no páreo? – Maria me olhou fixamente. Antes que ela pudesse abrir a boca, porém, continuei falando: – Olhe só o que está acontecendo com o estado! Estamos virando motivo de chacota. Quando viemos para cá, a Califórnia era um farol que atraía todo mundo. Eu sei que tenho capacidade de corrigir essa situação.

– Está falando sério?

– Estou.

– Não, sem brincadeira, por favor me diga que não está falando sério. Não faça isso comigo.

– Olhe, eu estava só... não assumi nenhum compromisso – prossegui. – Estou só pensando no assunto. É claro que, se você não quiser, não vou me candidatar. Mas eu estava pensando que é uma oportunidade perfeita. É uma eleição revogatória, e a campanha vai durar apenas dois meses. Isso não é tanto tempo. Acho que podemos sobreviver a esses dois meses. E aí serei governador! Maria, eu já posso até ver isso acontecendo. Posso sentir. É possível, de verdade! – O simples fato de falar no assunto provocou em mim uma onda de entusiasmo. – Estou cansado dessa história de ser ator – prossegui. – Preciso de um desafio novo. Já faz algum tempo que estou com vontade de fazer algo diferente. Essa é a oportunidade de prestar o tipo de serviço de que seu pai vive falando. E eu acho que poderia fazer um trabalho muito, muito melhor que o de Gray Davis.

Enquanto falava, fiquei espantado ao ver minha mulher começar a tremer e

chorar. Simplesmente não pude acreditar. Acho que estava esperando que ela se transformasse em uma Eunice e dissesse: "Tudo bem, se é isso *mesmo* que você quer, vamos debater e tomar algumas decisões. Vamos chamar os especialistas e começar as reuniões." Esperava esse tipo de resposta *à la* Kennedy. Queria ouvi-la dizer: "Inacreditável. Nós inspiramos você a entrar para o ramo da família. Como você cresceu desde que o conheci. Veja só: está disposto a abrir mão de milhões de dólares para servir ao público. Que orgulho!"

Mas eu estava sonhando se achava que isso ia acontecer.

– Por que está chorando? – perguntei.

Maria começou a falar sobre a dor de ter crescido em uma família de políticos. Eu sabia que ela odiava ser arrastada para os eventos, ter que aparecer sempre nas fotos, ver a casa ser invadida no domingo à noite por consultores e assessores e ser obrigada a se vestir adequadamente para isso. Odiava as campanhas do pai, durante as quais tinha que estar em frente às fábricas às cinco da manhã dizendo: "Votem no papai, votem no papai."

Mas o que eu nunca chegara a registrar fora o trauma que ela havia sofrido quando criança. Já estávamos juntos havia 26 anos, dos quais 17 casados, e foi um choque constatar que sua infância na família Kennedy – com suas intrusões, humilhações e seus dois assassinatos – a deixara abalada até a alma. Sim, seu pai perdera as campanhas para se candidatar a vice-presidente e presidente. Mas eu colocava essas experiências na categoria das que tornavam a pessoa mais forte. O que não entendia era o constrangimento *público* que Maria sentia. Em política, todo mundo sabe tudo. Você fica totalmente exposto. Todas as suas amigas do colégio falam sobre a sua vida. Maria havia sofrido muito, não só com o fato de o pai ter perdido duas campanhas, mas também com as mortes trágicas dos tios John e Bobby. Houvera também o acidente de seu tio Teddy em Chappaquiddick, que repercutiu em matérias horríveis na imprensa. Então vieram as provocações na escola, nos estádios esportivos e em todos os lugares públicos que ela frequentava. As crianças faziam comentários cruéis: "Seu pai perdeu. Qual é a sensação de ser uma derrotada?" A cada vez, era como levar uma punhalada.

Considerando tudo isso, o fato de eu lhe dizer que queria ser governador foi como sofrer um acidente: ela viu sua vida inteira passar diante de seus olhos como um filme. Todas as preocupações, todos os medos voltaram. Era por isso que ela tremia e chorava.

Abracei-a e tentei acalmá-la. Pensamentos de todo tipo passavam pela minha cabeça. Em primeiro lugar, um choque absoluto por vê-la sentir toda aquela dor. Eu sabia que Maria já atravessara muitas situações dramáticas, mas pensei que isso pertencesse ao passado. Quando a conheci, ela era cheia de vida, animada, ávida pelo mundo. Queria ser rebelde, não ter um emprego público em Washington. Foi por isso que ela decidiu ser produtora de noticiários, ir para a frente das câmeras e se superar no que fazia. Não pretendia ser mais uma no meio dos Kennedy; sua intenção era ser Maria

Shriver – entrevistadora de Castro, Gorbachev, Ted Turner, Richard Branson. No começo, eu pensava: "Sou igualzinho a ela. Realmente temos isso em comum! Ambos desejamos ser excelentes naquilo que fazemos, queremos ser únicos e nos destacar." Mais tarde, quando nosso relacionamento foi ficando mais sério, senti que não importava qual fosse o meu desejo, não importava qual fosse o objetivo, ela era uma mulher que poderia me ajudar a alcançá-lo. E também senti que, fosse qual fosse o *seu* desejo, eu a ajudaria a chegar lá.

Para ser honesto, porém, a política nunca fizera parte do acordo. Muito pelo contrário. Quando Maria me conheceu, tinha 21 anos e estava convicta de que queria um homem que não tivesse absolutamente nada a ver com política. Então surgi eu, um rapaz da zona rural austríaca dono de músculos imensos, campeão de fisiculturismo, que sonhava em ir para Hollywood, virar astro de cinema e enriquecer no mercado imobiliário. Ela pensou: "Ótimo! Isso vai nos afastar o máximo possível da política e de Washington." No entanto, quase 30 anos depois, o círculo estava se fechando e eu lhe perguntava: "O que acha da ideia de eu me candidatar a governador?" Não era de espantar que minha mulher estivesse abalada. Percebi que ela já havia compartilhado parte daquelas coisas comigo antes, mas eu não prestara atenção.

Mais tarde nessa noite, fiquei deitado na cama pensando: "Cara, isso não vai dar certo. Se Maria não abraçar a ideia, não vai ser possível fazer a campanha." Eu jamais pretendera lhe causar esse tipo de dor.

O que não havia contado a ela era que já me comprometera a participar do programa de Jay Leno. No dia em que a eleição revogatória fora confirmada, esbarrei com o produtor do *Tonight Show* no cabeleireiro. "Quer você vá concorrer ou não, gostaríamos de ser o primeiro programa em que vai abordar o assunto", disse ele. Pensei: "Se eu for mesmo concorrer, essa poderia ser uma forma bacana de anunciar a candidatura." Assim, aceitara, e combináramos a entrevista para o dia 6 de agosto, uma quarta-feira, três dias antes do prazo limite de inscrição.

Não foi uma noite legal: quase não dormimos em meio a muitas lágrimas e muitas perguntas. "Se ela não quiser que eu faça isso, não vou fazer e pronto." Isso significava que eu teria que desistir do objetivo que havia estabelecido, o que seria bem difícil, pois ele agora estava gravado na minha mente. Precisaria desligar o piloto automático e conduzir o avião manualmente de volta ao aeroporto.

Na manhã seguinte, falei para Maria:

– Concorrer a esse cargo não é a coisa mais importante para mim. O mais importante é a família. O mais importante é você, e, se achar isso um fardo muito grande, então não vamos em frente. Só quero que saiba que é uma oportunidade incrível, e acho que se você quiser que a Califórnia melhore...

– Não – respondeu ela. – Seria horrível. Não quero que você faça isso.

– Tudo bem, assunto encerrado. Não vou fazer.

Nessa noite, à mesa do jantar, ela anunciou às crianças:

– Vocês todos deveriam agradecer ao papai, porque ele tomou uma decisão

boa para nossa família: não se candidatar a governador. Porque o papai queria concorrer ao governo do estado.

Nossos filhos, é claro, começaram todos a falar ao mesmo tempo.

– Obrigado, papai – disse um deles.

Então outro falou:

– Uau, seria muito legal se candidatar a governador.

Ao longo dos dias seguintes, várias coisas aconteceram. Primeiro, Jay Leno ligou para confirmar a entrevista e me senti obrigado a lhe dizer que eu provavelmente não iria me candidatar. "Não tem problema", respondeu ele. A especulação sobre a minha candidatura tinha sido tamanha que ele sabia que minha participação garantiria uma grande audiência de qualquer forma. "Você vai ser o primeiro entrevistado", falou.

Enquanto isso, Maria conversou com a mãe e Eunice não ficou nada satisfeita. Ela e Sarge acreditavam muito em mim e viviam me incentivando a entrar para o serviço público. Na realidade, em junho, quando eu dissera aos jornalistas que estava pensando em me candidatar, Sarge tinha me mandado o seguinte recado: "Você está me dando uma grande alegria. Não consigo pensar em ninguém que eu gostaria mais de ver ocupar um cargo público. Se eu fosse morador da Califórnia, saiba que eu votaria no Partido Republicano pela primeira vez na vida!" Eunice, por sua vez, sempre tivera vocação para a vida pública e determinação para superar derrotas e tragédias. Maria sempre brincava: "Eu me casei com minha mãe." Portanto, quando minha mulher disse a ela que não queria que eu me candidatasse, Eunice mandou que ela parasse com aquela bobagem.

"O que houve com você?", perguntou. "Nós, as mulheres dessa família, sempre apoiamos os homens quando eles querem fazer alguma coisa!" Não participei da conversa, naturalmente, mas Maria me contou depois. "Além do mais", acrescentou minha sogra, "quando um homem começa a ter essa ambição de concorrer, não dá mais para revertê-la. Se você o impedir, ele vai passar o resto da vida zangado. Então não reclame. Vá lá e ajude o seu marido."

Durante esse período, tive conversas quase diárias com meu amigo Dick Riordan, ex-prefeito de Los Angeles. Ele e a mulher, Nancy, moravam a menos de 2 quilômetros de nós. Assim como eu, Dick era um republicano moderado, que fora derrotado nas primárias para governador no ano anterior. A maioria das pessoas imaginava que ele fosse se candidatar à eleição revogatória, e suas chances de vencer eram boas. Ele tinha um incrível administrador de campanha chamado Mike Murphy, que já tornara a convocar. Mas então começaram a circular boatos de que Dick começara a faltar a reuniões políticas em troca de partidas de golfe.

Liguei para saber o que estava acontecendo. "Não devo me candidatar", falei para ele. "Nesse caso, quero dizer que vou apoiar você."

Ele me agradeceu e mais tarde nos convidou para jantar com ele e a mulher em sua nova casa de praia em Malibu. Passamos a refeição inteira falando

sobre os Riordan concorrerem e nós não. Foi então que percebi que a posição de Maria tinha se suavizado ligeiramente.

– Arnold quase decidiu concorrer, depois acabou resolvendo que não, porque nós não gostamos nem um pouco da ideia – disse ela.

– Faz parte da vida – acrescentei. – Estou feliz por ter decidido não concorrer.

Maria se virou para mim.

– Bom, sei que isso deve estar sendo bastante difícil para você. Mas no fim das contas a decisão é sua, e você deveria fazer o que quer.

Fiquei espantado. Será que ela estava dizendo "Eu surtei quando você me disse que iria concorrer, mas agora estou me sentindo melhor em relação ao assunto"?

Depois do jantar, Dick me levou até a varanda como quem não queria nada. Deu-me um soquinho de leve na barriga e falou, direto:

– Você deveria se candidatar.

– Como assim?

– Para ser bem sincero, não tenho esse fogo dentro de mim que você tem. – Dick estava com 73 anos. – Você deveria se candidatar – repetiu ele. – Que tal *eu* apoiar *você*?

No carro, a caminho de casa, falei para Maria:

– Você não vai acreditar no que acabou de acontecer.

Contei-lhe sobre a conversa com Dick.

– *Bem* que eu achei que ele estava meio esquisito durante o jantar! – comentou ela. – Mas o que você respondeu?

– Falei de você, sobre como você é totalmente contra...

– Olhe aqui – interrompeu-me ela. – Eu não quero ser uma desmancha-prazeres. Não quero essa responsabilidade. Talvez você devesse *mesmo* concorrer.

Então eu disse:

– Maria, você precisa se decidir até a semana que vem.

E foi esse vai não vai durante muitos dias. Pude ver o dilema que ela estava vivendo. Maria tinha um lado atrevido e corajoso e queria ser uma companheira forte, mas outro lado seu dizia: "Vai ser aquela montanha-russa que você já conhece. Ele provavelmente vai perder, e você também vai virar uma derrotada. Vai acabar se vendo em uma enorme confusão que não foi você que causou." Ela me dizia para tomar minha própria decisão, porém, sempre que eu parecia estar levando mais a sério a possibilidade de me candidatar, tornava a ficar chateada.

Também estava sendo complicado para mim. Até então, tomar qualquer resolução relacionada à carreira sempre tinha sido algo incrivelmente empolgante, como quando eu começara a carreira de ator e decidira não competir mais como fisiculturista. A ideia se formava, eu ia atrás dela e pronto. Só que tomar uma decisão de carreira como marido e pai eram outros quinhentos.

Normalmente eu teria ligado para meus amigos e conversado sobre o assunto. Mas a candidatura a um cargo político era algo tão sério que eu não podia comentar com ninguém. "Esse assunto é só entre nós dois", frisei para Maria. "Vamos acabar encontrando uma solução."

No meio disso tudo, Danny DeVito me chamou para ir à sua casa. Queria me apresentar três projetos de filme, entre os quais *Irmãos gêmeos II* e um outro que ele próprio havia escrito e queria dirigir.

– Que ótima ideia, Danny. Adoraria trabalhar com você outra vez. Mas, Danny, você sabe que a Califórnia está em péssima situação – acrescentei.

– É, deve estar mesmo. Mas o que isso tem a ver com meus filmes?

– Bom, é que, se minha mulher concordar, eu talvez me candidate a governador.

– O quê? Ficou maluco? Vamos fazer um filme juntos!

– Danny, isso é mais importante que um filme. A Califórnia é mais importante que a sua carreira, que a minha, que a de todo mundo. Se Maria deixar, eu tenho que entrar nesse páreo.

Ele disse que tudo bem, imaginando que aquilo não fosse acontecer de verdade.

DE REPENTE JÁ ERA 6 DE AGOSTO, uma quarta-feira, dia marcado para minha aparição na TV. Eu ainda não sabia o que iria anunciar. Nessa manhã, eu estava no banheiro quando ouvi Maria dizer do outro lado da porta: "Estou indo para a NBC. Escrevi uma coisa que vai ajudá-lo no *Tonight Show*." Então empurrou dois pedacinhos de papel por baixo da porta.

Um deles era uma lista de tópicos que dizia, em linhas gerais: "Sim, Jay, você tem toda a razão. A Califórnia está em uma situação desastrosa e precisamos de uma liderança nova. Não há como fugir desse fato. É por esse motivo que estou aqui para anunciar que vou apoiar a candidatura de Dick Riordan a governador e trabalhar com ele, mas não vou concorrer." Dick ainda não havia se inscrito, mas Maria imaginava que isso fosse acontecer.

O outro pedacinho de papel dizia, também em linhas gerais: "Sim, Jay, você tem toda a razão, a Califórnia está em uma situação desastrosa e precisamos de uma nova liderança. É por isso que anuncio aqui, hoje, que vou me candidatar a governador do estado. Vou garantir que os problemas sejam sanados."

Quando terminei de ler, Maria já tinha saído de casa. "Então tá", pensei. "Ela está deixando a decisão nas minhas mãos. Já faz uma semana que estamos falando sobre isso. Não vou mais pensar no assunto até chegar ao programa. O que sair da minha boca é o que vai ser." É claro que eu estava inclinado a declarar que iria me candidatar.

Nenhum consultor político jamais recomendaria anunciar uma candidatura séria no *Tonight Show*, mas eu já tinha ido ao programa dezenas de vezes e me sentia à vontade lá. Jay era um bom amigo. Sabia que ele iria me amparar, que faria perguntas interessantes e envolveria a plateia na conversa. Em uma coletiva de imprensa não dá para ouvir a reação do público.

Leno já tinha dito inúmeras vezes que eu iria ao programa fazer um anúncio importante. Todo mundo, dos meus amigos mais chegados ao motorista que me levou até o estúdio, queria saber: "O que você vai dizer?" Leno entrou na sala de espera e me fez a mesma pergunta. Mas tudo no mundo da política sempre vaza: há sempre um jornalista pronto para escrever qualquer coisa e todo jornalista vive atrás de um furo. O único jeito de eu fazer um anúncio de verdade era não falar nada a ninguém. Então fiquei na minha até o programa começar.

Quando o sol se pôs, estava feito: eu entrara na disputa. O *Tonight Show* vai ao ar às onze da noite, mas é gravado às cinco e meia da tarde, horário da Califórnia. Depois de fazer meu anúncio, respondi às perguntas de uma centena de jornalistas e equipes de TV reunidas do lado de fora.

A eleição revogatória maluca da Califórnia de repente tinha um rosto! Poucos dias depois, saí na capa da *Time* com um sorriso enorme estampado no rosto e uma única linha de texto: "Hãnold!?"

No dia seguinte, meu escritório em Santa Monica se transformou no centro de comando da candidatura Schwarzenegger ao governo do estado. Quando você lança uma campanha, espera-se que já tenha mil coisas preparadas: temas, mensagens, plano de arrecadação de fundos, equipe, site na internet. No entanto, como eu mantivera o suspense até o final, não tinha nada disso. Até mesmo uma equipe de arrecadação de fundos teria denunciado minhas intenções. Assim, tudo o que eu tinha era meu pessoal da Proposta 49. Tivemos que organizar tudo às pressas.

Foi inevitável que a situação gerasse momentos de tensão. Na sexta-feira, levantei-me às três da manhã para dar entrevistas aos programas *Today*, *Good Morning America* e *CBS This Morning*. Começamos com Matt Lauer, do *Today*. Quando ele me pediu detalhes sobre como eu iria recuperar a economia da Califórnia e quando liberaria minha declaração de imposto de renda, percebi que não estava preparado para aquilo. Incapaz de responder, fui obrigado a apelar para o velho truque de Groucho Marx de fingir que a ligação estava ruim.

– Pode repetir? – Levei a mão ao fone de ouvido. – Não ouvi direito.

Lauer encerrou a entrevista dizendo, com sarcasmo:

– Parece que estamos perdendo a conexão com Arnold Schwarzenegger em Los Angeles.

Esse foi o pior desempenho público da minha vida.

Até então, Maria se mantivera distante enquanto se adaptava àquela nova etapa de emoção em nossas vidas. No entanto, ver-me titubear na TV despertou a leoa Kennedy adormecida. No final dessa mesma manhã, ela chegou para participar de uma reunião com os consultores que estavam quebrando a cabeça para bolar minha campanha.

"Qual é o seu plano?", perguntou Maria, com voz suave. "Onde está sua equipe? Qual é a sua mensagem? Qual é o objetivo dessas aparições na TV? Em que direção sua campanha está indo?" Sem levantar a voz, ela levou para o

escritório muitas gerações de autoridade e experiência.

Terminada a reunião, Maria decidiu: "Precisamos de mais gente, e logo. E precisamos de alguém que lidere e estabilize o processo." Ela telefonou para Bob White, em Sacramento; ele ajudara a lançar minha campanha em prol dos programas extracurriculares e recomendara a maioria das pessoas com quem eu trabalhava agora. "Você tem que vir nos ajudar", disse-lhe ela. Bob então nos indicou um administrador de campanha, um estrategista, um diretor de políticas públicas e um diretor de comunicação. Além disso, ele mesmo entrou para a equipe, supervisionando tudo de maneira informal. O ex-governador Pete Wilson também colaborou: não apenas me deu seu apoio como se ofereceu para promover um evento de arrecadação de fundos no Regency Club e me ajudou a conseguir importantes doadores pelo telefone.

UMA DE MINHAS PRIMEIRAS ATITUDES como candidato foi procurar Teddy Kennedy. Conseguir seu apoio estava fora de cogitação; na verdade, Teddy havia divulgado uma declaração por escrito que dizia: "Tenho apreço e respeito por Arnold... mas sou democrata. E tampouco apoio a eleição revogatória." Apesar disso, por recomendação de Eunice, fui procurá-lo. Quando ela soube que eu iria a Nova York para participar de um evento da associação de atividades extracurriculares After-School All-Stars, no Harlem, logo depois de anunciar a candidatura – compromisso assumido meses antes –, convenceu-me a ir a Hyannis Port a fim de conversar com seu irmão. "Vocês não têm as mesmas opiniões políticas", disse minha sogra, "mas ele já fez muitas campanhas e ganhou todas elas, exceto a eleição para presidente, de modo que eu levaria em consideração tudo o que ele tiver a dizer."

Teddy e eu passamos horas conversando, e um dos conselhos que ele me deu teve um efeito profundo: "Arnold, nunca entre em detalhes." Para ilustrar, contou-me uma pequena história: "Ninguém sabe mais sobre saúde do que eu, certo? Bom, um dia fui participar de uma audiência pública de quatro horas na qual a questão da saúde foi discutida nos mínimos detalhes. Quando saí e voltei para minha sala, os mesmos jornalistas que estavam assistindo à audiência foram atrás de mim: 'Senador Kennedy, senador Kennedy, podemos conversar com o senhor sobre saúde?' Então eu respondi: 'Pois não, o que querem saber?' E eles: 'Quando é que finalmente vamos conhecer os detalhes?'" Teddy riu. "Isso só mostra que nunca é possível dar detalhes suficientes: as pessoas sempre vão querer mais. Porque o que elas realmente querem é que você se enrole e diga algo que possa ser transformado em notícia. Cobrir uma audiência de quatro horas no Congresso é uma coisa, mas o que os jornalistas querem é gerar manchetes. É isso que os faz brilhar."

Teddy seguiu falando: "Por enquanto, no começo, diga apenas: 'Estou aqui para resolver o problema.' Faça disso a sua bandeira. Na Califórnia, você precisa declarar: 'Sei que temos problemas graves – apagões, desemprego, empresas se mudando para outros lugares, muitas pessoas que precisam de ajuda... e eu vou resolver isso tudo.'" Ouvir essas palavras me causou forte

impressão. Sem os conselhos de Teddy, eu provavelmente teria me sentido intimidado sempre que um jornalista perguntasse: "Quando vamos saber os detalhes?" O que me deixara constrangido no programa *Today* fora justamente Matt Lauer me pedir detalhes. Teddy, contudo, mostrou-me que, em vez de responder à pergunta, eu podia afirmar com segurança: "Vou expor a você uma visão clara sobre a Califórnia."

Foi Paul Wachter, meu consultor financeiro, quem sinalizou que meu primeiro desafio de campanha era a credibilidade. Ele, Maria e Bonnie Reiss eram meus consultores mais próximos, e Paul voltara de suas férias em família assim que soubera que eu havia anunciado a candidatura. Quando a campanha entrou na segunda semana, ele relatou que estava recebendo telefonemas de amigos empresários e financistas que diziam sobre mim: "Na boa, ele não pode estar falando sério." Todos sabiam quem eu era, claro, e pelo menos algumas pessoas conheciam meu longo histórico de serviço público, mas, em meio ao circo da eleição revogatória – que era como os jornalistas gostavam de chamar o processo –, eu precisava mostrar que me candidatar a governador não era apenas o projeto de uma celebridade vaidosa. Como convencê-los de que eu não era apenas mais um palhaço no meio de tantos outros?

Minha equipe de campanha insistiu que eu ligasse para George Shultz. Ele parecia o Poderoso Chefão. Secretário de Estado no governo Reagan e do Tesouro sob a administração Nixon, Shultz agora trabalhava na Hoover Institution, em Stanford, e talvez fosse o republicano sênior mais prestigioso do país. Já sabia que eu entraria em contato, mas ainda assim, quando consegui falar com ele, vociferou:

– Você tem dois minutos para me dizer por que eu deveria apoiar sua candidatura.

– O estado não deve gastar mais dinheiro do que tem e precisa de um líder para isso – falei, em linhas gerais. – Eu quero ser esse líder e prezaria muito a sua ajuda.

Foi a resposta certa.

– Pode contar comigo – respondeu Shultz.

Eu lhe disse, ainda, que gostaria de organizar uma coletiva de imprensa com ele.

– Vou pensar e ligo para você mais tarde.

No telefonema seguinte, ele falou:

– Tive uma ideia. Warren Buffett já disse coisas boas a seu respeito e é democrata. Talvez fosse bom ligar para ele e chamá-lo para a coletiva também. Isso vai transmitir a mensagem de que você não liga para partidos e quer apenas resolver os problemas. Vamos falar dos objetivos que põem você acima das questões políticas.

Eu conhecera o lendário investidor Buffett em uma conferência particular, e nos déramos muito bem. Para minha alegria, mesmo sendo democrata, ele se oferecera para me apoiar caso eu decidisse concorrer. Mas é claro que, no

momento em que você se lança, as pessoas podem recuar. Então pedi a Paul – que conhecia Warren – que verificasse se ele ainda estava disposto a se comprometer. Warren concordou na mesma hora.

Faltando menos de dois meses para a eleição, a equipe de campanha começou a me pressionar para ir às ruas e aparecer diante do público. No entanto, embora eu tivesse paixão, visão e dinheiro, sabia que precisava entender mais a fundo as complexas questões enfrentadas pelo estado antes de poder ir muito longe como candidato. Shultz pediu que um colega seu da Hoover Institution me desse uma aula intensiva de cinco horas sobre as dívidas e os déficits da Califórnia. A aula foi uma combinação de gráficos, conversas e leituras, tão útil e agradável que na mesma hora pedi à minha equipe que agendasse outros encontros do mesmo tipo sobre questões igualmente importantes.

"Quero aprender com os melhores especialistas do mundo", falei. "Não importa de que partido eles sejam." Ao longo das semanas seguintes, absorvi todo o conhecimento que pude. A equipe batizou essa fase de Universidade Schwarzenegger, e nossa casa parecia uma estação de trem, com especialistas entrando e saindo o tempo todo. Recebi Ed Leamer, economista liberal e diretor da Anderson School of Management, faculdade de administração da UCLA, e o ex-governador Pete Wilson. Políticos republicanos que quase haviam entrado na disputa se dispuseram generosamente a compartilhar suas informações comigo: Dick Riordan, Darrell Issa, Dave Dreier. Aprendi sobre tudo, de energia a indenizações trabalhistas, passando pelas anuidades universitárias. A equipe vivia tentando abreviar as aulas para que eu pudesse sair às ruas e fazer campanha, mas eu resisti. Precisava daquele conhecimento, não apenas para a candidatura, mas também para administrar o estado – isso porque, em uma parte da minha mente, eu já havia ganhado a eleição.

O fato é que o governador da Califórnia tem mais autoridade para nomear pessoas para cargos de confiança do que qualquer outro representante eleito nos Estados Unidos, com exceção do presidente do país e do prefeito de Chicago. Ele pode, também, suspender qualquer lei ou regulamento estadual ao declarar estado de emergência, além de convocar uma votação especial ou plebiscito caso queira apresentar alguma proposta diretamente aos eleitores – duas alavancas de poder que podiam se revelar muito importantes.

Quando a Universidade Schwarzenegger foi perdendo fôlego, minha equipe montou uma pasta branca com o conteúdo mais importante das aulas. Essa pasta me acompanhou durante toda a campanha – nela estavam as ações que eu desejava implementar como governador. No verso, eu mantinha uma lista atualizada de todas as promessas que fazia.

Buffett e Shultz não eram do tipo que apoiava alguém e simplesmente saía de cena. Como estava chegando o dia de nossa coletiva de imprensa, eles lançaram a ideia de convocar uma cúpula bipartidária de líderes empresariais para explorar maneiras de recolocar a economia nos eixos. Nós a batizamos de Conselho para a Recuperação Econômica da Califórnia.

Os dois concordaram em copresidir a reunião, que consistiria em uma sessão fechada de duas horas antes da coletiva de imprensa, e apresentaram uma lista de mais de 20 nomes. Paul e eu convidamos todos eles pessoalmente, telefonando para cada um da cozinha da minha casa. Havia pesos pesados como Michael Boskin, ex-consultor econômico de Bush pai; Arthur Rock, cofundador da Intel Corp. e investidor pioneiro de capital de risco no Vale do Silício; Bill Jones, ex-secretário de Estado da Califórnia; e Ed Leamer, da UCLA. Evidentemente, não eram nomes que um típico fã de *O exterminador do futuro 3* ou *Irmãos gêmeos* fosse conhecer, mas seu envolvimento iria assinalar para a imprensa especializada e o establishment político que minha candidatura era para valer.

A cúpula, realizada em 20 de agosto, gerou ideias úteis, e a coletiva de imprensa que se seguiu foi um sucesso. O local escolhido foi o salão de baile do hotel Westin, perto do Aeroporto Internacional de Los Angeles, que ficou lotado de repórteres e equipes de gravação do mundo inteiro e tomado por um burburinho de animação. Eu acabara de participar da coletiva de *O exterminador do futuro 3* em Cannes, em maio anterior, e aquilo era muito maior.

"Perfeito!", pensei. O democrata Buffett e o republicano Shultz se posicionaram ao meu lado, uma representação concreta de que eu era um candidato para toda a Califórnia. Depois das palavras inaugurais ditas por eles, passei 45 minutos respondendo a perguntas e esboçando meus objetivos caso os eleitores me escolhessem para substituir Gray Davis. Recuperar a saúde econômica da Califórnia era a prioridade, frisei, e tomar medidas rápidas para equilibrar o orçamento seria fundamental para implementar esse plano. "Isso quer dizer que faremos cortes nos gastos do estado? Sim. Significa que os gastos com educação estão em risco? Não. Significa que estou disposto a aumentar os impostos? Não. Mais impostos são o último fardo que precisamos impor aos cidadãos e às empresas da Califórnia."

Eu havia ficado nervoso antes dessa reunião: aquilo era a imprensa séria, não a do entretenimento. Então me perguntei: "Será que eu deveria mudar de tom? Será que deveria tentar soar mais como um governador?" Mas Mike Murphy, que acabara de entrar para a equipe como meu administrador de campanha, aconselhou: "Mostre a eles que está tendo um momento agradável. Que ama o que está fazendo. Seja simpático, autêntico e bem-humorado, e se divirta. Não se preocupe se vai falar besteira, só esteja pronto para brincar com isso logo em seguida. As pessoas não se lembram do que você diz, só se lembram se gostaram ou não de você." Então não havia problema em ser eu mesmo. Fui lá e me diverti a valer. Uma das primeiras perguntas foi sobre Warren Buffett e a Proposta 13. Na semana anterior, ele dissera ao *Wall Street Journal* que uma boa maneira de a Califórnia gerar mais receita seria rever essa lei, que mantinha os impostos sobre bens imobiliários em um nível tão baixo que chegava a ser irrealista. "Não faz sentido", afirmara ele.

Então, durante a coletiva, um jornalista perguntou:

– Warren Buffett disse que o senhor deveria mudar a Proposta 13 e aumentar os impostos sobre os bens imobiliários. O que tem a dizer sobre isso?

– Em primeiro lugar, falei para Warren que, se ele mencionasse a Proposta 13 outra vez, teria que fazer 500 abdominais.

Todo mundo riu, e Warren, que tem espírito esportivo, também abriu um sorriso. Então falei com todas as letras que não iria aumentar os impostos sobre bens imobiliários.

Houve perguntas sobre todo tipo de assunto: de imigração a como eu iria conviver com os democratas que dominavam o legislativo estadual. "Tenho muita experiência em lidar com democratas", falei, assinalando que era casado com uma.

Como não podia deixar de ser, um jornalista perguntou quando eu iria dar detalhes sobre meus planos econômicos e orçamentários. "O público não liga para fatos e números", respondi. "As pessoas passaram os últimos cinco anos ouvindo falar em números. O que o povo quer saber é se você tem pulso para fazer a faxina de que a casa precisa. De uma coisa os cidadãos da Califórnia podem ter certeza: eu vou agir." Acrescentei que não fazia sentido assumir posições definitivas em relação a questões complexas antes de ter condição de conhecer os fatos.

Outro jornalista perguntou se eu iria dar mais detalhes antes do dia da eleição, 7 de outubro. Agradecendo a Teddy em silêncio, respondi apenas: "Não."

Meus consultores ficaram entusiasmados, e a cobertura da imprensa sobre meus comentários nas horas e nos dias que se seguiram foi majoritariamente positiva. No entanto, tive que rir ao ler a manchete do *San Francisco Chronicle* na manhã seguinte:

ATOR FALA GROSSO PARA DOMAR DÉFICIT
MAS SCHWARZENEGGER NÃO ENTRA EM DETALHES

Maria, recém-chegada de férias em Hyannis Port com as crianças, disse que eu havia me saído bem. Também ficou satisfeita ao constatar que a campanha agora estava bem mais ordenada e coerente – graças, em grande parte, às mudanças iniciadas por ela naqueles primeiros dias. E havia outra coisa, também: acho que, pela primeira vez, ela sentiu cheiro de vitória; sentiu que era realmente possível que eu ganhasse.

A PARTIR DESSE DIA, A CAMPANHA GANHOU FORÇA. Escolhemos um tema por semana: economia, educação, emprego, meio ambiente. Convocamos também uma coletiva de imprensa na estação de trem de Sacramento, onde o lendário governador Hiram Johnson fizera um discurso histórico para denunciar os barões das ferrovias e defender o processo das votações populares como uma forma de os cidadãos recuperarem o controle do estado. Escolhi a estação para

destacar que iria lutar contra problemas políticos sistêmicos como o chamado *gerrymandering*, que permite que os políticos eleitos estabeleçam, eles próprios, as fronteiras de seus distritos eleitorais de modo que possam mantê-los sob seu jugo para sempre.

Maria deixou a relutância de lado e mergulhou de cabeça na corrida ao governo. Quando ela chegava ao quartel-general da campanha, dava para ver que aquele era seu habitat. Minha mulher participava de reuniões de todo tipo, de estratégia a slogans. Dava ideias e fazia propostas, às vezes para a equipe inteira, outras vezes para mim pessoalmente.

Maria fizera uma sugestão à qual, não sei por quê, não tínhamos dado atenção: recomendara que abríssemos um escritório de campanha no primeiro andar, no nível da rua, para as pessoas poderem entrar. "Vocês não podem ficar aqui no terceiro andar", disse ela. "As pessoas gostam de poder passar na rua e ver o que está acontecendo. Gostam de conversar, tomar um café e receber panfletos que possam distribuir." Encontramos um grande espaço comercial vazio perto do quartel-general e o proprietário se dispôs a emprestá-lo para a campanha. Decoramos o local com bandeirinhas, cartazes e balões. Então fizemos uma grande festa de inauguração que ficou lotada. Eu já vira multidões reunidas pelo cinema, pelo fisiculturismo e pelos programas extracurriculares, mas aquilo ali tinha uma energia diferente. Era uma campanha política de verdade.

Em setembro, Maria e eu fomos a Chicago para a estreia da nova temporada do *Oprah Winfrey Show*. Achei ótimo participar, pois os republicanos vinham cometendo a burrice de isolar as mulheres, e era fundamental contar com o apoio delas. Eu, em especial, precisava conquistá-las, pois meu público de cinema sempre fora majoritariamente masculino. Eu tinha opiniões progressistas sobre questões de importância crucial para as eleitoras – reforma do ensino, reforma do sistema de saúde, meio ambiente, aumento do salário mínimo –, e o programa de Oprah era o veículo perfeito para defender minhas ideias.

Enquanto isso, democratas de peso faziam campanha para Gray Davis. Bill Clinton passou um dia inteiro com ele no bairro de Watts e no centro-sul de Los Angeles. O senador John Kerry, Jesse Jackson e Al Sharpton estavam entre os presentes. O único democrata importante que não apareceu foi Teddy.

Tanto o presidente Bush quanto seu pai se ofereceram para participar da minha campanha, mas recusei educadamente. Queria ser o candidato pouco expressivo a suplantar a máquina de Gray Davis.

Maria acompanhava as pesquisas de opinião como uma especialista. Estava sempre atenta, por exemplo, a como o ultraconservador Tom McClintock, senador estadual da Califórnia, não parava de roubar meu apoio entre os republicanos. É claro que havia gente na equipe dissecando e analisando esses mesmos dados, mas Maria focava em elementos que não apareciam nos números. Em determinado momento, ela me surpreendeu ao dizer:

– Não há ninguém importante atacando você. É um bom sinal.

– Como assim? – estranhei. Como é que a *falta* de ataque podia significar alguma coisa?

Ela explicou que, se as pessoas achassem que eu era maluco, ou tão picareta que o fato de eu ser eleito fosse prejudicar o estado, a oposição seria bem mais ampla e cruel.

– Você só está sendo atacado pela extrema esquerda e pela extrema direita – observou ela. – Isso significa que foi aceito como candidato viável.

O que as pesquisas de opinião mostravam em meados de setembro era que Gray Davis estava frito: os eleitores eram a favor de sua destituição em uma proporção de quase dois contra um.

O favorito para substituí-lo não era eu, contudo, e sim o vice-governador Cruz Bustamante, que tinha as intenções de voto de 32% dos eleitores consultados. Eu tinha 28% e Tom McClintock, 18%, enquanto os 22% restantes estavam indecisos ou tendiam votar em um de nossos 132 rivais no circo.

Bustamante era um adversário difícil – não porque fosse muito carismático, mas porque agradava aos democratas que não gostavam de Gray Davis. Ele se apresentava como a alternativa mais segura e experiente, com o sofrível slogan de campanha "Não à eleição revogatória, sim a Bustamante". Em outras palavras: não vim aqui prejudicar meu colega democrata Gray Davis, mas, se vocês decidirem tirá-lo do cargo, votem em mim!

A essa altura, nossa campanha estava com força total. Usando meu jatinho particular, eu conseguia percorrer grandes distâncias em apenas um dia. Íamos de aeroporto em aeroporto, e às vezes o comício acontecia ali mesmo, com mil pessoas reunidas dentro de um hangar. O avião pousava, estacionava, eu ia até o hangar, animava o público e então embarcava rumo à cidade seguinte. Também fizemos ações malucas, como passear pela cidade em um ônibus de campanha chamado "O Sobrevivente" ou esmagar um carro com uma bola de demolição para simbolizar o que eu faria com a taxa de emplacamento de Gray Davis caso fosse eleito.

Todos os dias eu aprendia algo sobre política e governo. A dinâmica de minhas coletivas de imprensa estava melhor: aprendi a diminuir meu tempo de preparação para discursos importantes de uma semana para apenas uma noite, e meu raciocínio também ficou mais rápido. Nossos anúncios na TV estavam funcionando muito bem. Meu preferido começava mostrando um caça-níqueis com os dizeres "Cassinos Indígenas da Califórnia", no qual se via surgir o número 120.000.000 – 120 milhões de dólares era a quantia com a qual as tribos haviam contribuído para campanhas políticas durante o governo de Gray Davis. Então eu aparecia e dizia: "Todos os outros candidatos aceitam dinheiro deles em troca de favores. Eu não participo desse jogo. Votem em mim e eu garanto que as coisas vão mudar." As pessoas ficaram chocadas com o fato de eu estar atacando a jogatina das tribos. "Ele é mesmo o Exterminador", pensavam.

Em vez de tentar dissuadir os eleitores de Bustamante, nossa meta era atrair

os milhões de eleitores independentes e indecisos. A melhor oportunidade para isso seria o debate de 24 de setembro, apenas 15 dias antes da eleição. Pela primeira e única vez, todos os cinco principais candidatos ao cargo de Gray Davis iriam se encontrar num estúdio: eu, Cruz Bustamante, o senador estadual Tom McClintock, Peter Camejo, do Partido Verde, e a colunista política Arianna Huffington.

A preparação para o debate foi engraçada. Escalamos integrantes de nossa equipe para fazer o papel dos meus oponentes. Todos os candidatos receberiam perguntas com antecedência, mas o debate em si seria livre e os participantes poderiam intervir quando quisessem. Treinamos perguntas relacionadas a decisões políticas, simulando todos os ataques e réplicas possíveis:

"Como o senhor pode ser a favor do meio ambiente se tem um jatinho particular?"

"O senhor ganha 30 milhões de dólares por filme. Como pode se identificar com a situação dos pobres?"

"Seus filmes são violentos. Como o senhor pode afirmar que apoia a segurança pública?"

Eu também tinha que estar pronto para atacar. Sabia que não poderia derrotar McClintock em matéria de políticas públicas – ele era um verdadeiro CDF – e tampouco seria capaz de competir com a eloquência de Arianna. Minha chance de acabar com eles era meu senso de humor. Assim, bolamos frases curtas engraçadas e encomendamos piadas de John Max, redator de Jay Leno. Ensaiamos até que eu as soubesse de cor. Se Arianna me perguntasse sobre impostos, eu teria uma resposta pronta. Se ela começasse a dramatizar demais, eu teria outra, e assim sucessivamente.

Alugamos um estúdio e treinamos bastante, sentados em V diante do ponto no qual ficaria a plateia do debate. Passamos três dias só ensaiando. Lembrei a mim mesmo que eu não deveria me prender a detalhes. Tinha que ser simpático e bem-humorado. Deixar os outros tropeçarem sozinhos. Criar armadilhas para fazê-los dizer bobagens.

O debate atraiu muitos jornalistas. Quando cheguei, o estacionamento já estava lotado – parecia uma final de basquete. Em meio a um mar de caminhonetes e trailers da imprensa despontavam antenas de satélite de TVs japonesas, francesas e britânicas, além de todas as redes nacionais americanas. Foi assustador e inacreditável ver tanta atenção concentrada em um único evento.

Quando subimos ao palco para ocupar nossos lugares, não pudemos levar anotações. Sessenta segundos antes de começar, fiz uma recapitulação mental. "Saúde: o que o senhor mudaria?", perguntei a mim mesmo. De repente, porém, não consegui me lembrar de absolutamente nada sobre esse tópico! "Está bem", pensei, "vamos passar para a questão das aposentadorias." De novo, nada me ocorreu. Fiquei totalmente paralisado. Já tivera um branco daqueles uma ou duas vezes atuando, mas era muito raro. Além disso, nas

filmagens você sempre pode pedir a alguém que lhe sopre a fala. Por sorte, restava-me o senso de humor. "Vai ser interessante", pensei.

O DEBATE COMEÇOU COM CADA CANDIDATO dizendo se achava que a eleição revogatória deveria ou não ocorrer. Todos concordamos que sim, com exceção de Bustamante, que a classificou como uma "péssima ideia", enfatizando sua posição precária de opositor do pleito especial ao mesmo tempo que promovia a própria campanha, "só para garantir".

A conversa foi ficando "acalorada" e "animada", como os jornalistas viriam a descrevê-la depois. Bustamante logo atacou minha falta de experiência, introduzindo quase todos os comentários que fez para mim com a frase "Talvez o senhor não saiba, mas...". Mostrar-se superior foi um tiro que saiu pela culatra, pois fez o público antipatizar com ele e me deu a oportunidade de mostrar que sabia do que ele estava falando. Isso causou boa impressão, assim como o meu senso de humor. Quando o debate ficava especialmente exaltado e todos começavam a gritar uns com os outros, eu dizia alguma barbaridade que fazia a plateia rir.

Arianna e eu batemos boca algumas vezes. Em determinado momento, ela estava pondo a culpa da crise orçamentária do estado nas brechas fiscais e na imoralidade dos republicanos e das empresas. Falei: "Como assim, Arianna? Vocês estão usando brechas fiscais tão grandes que eu poderia passar por elas com meu Hummer." No dia seguinte, apareci na frente nas pesquisas de opinião. Pulei de 28% para 38% das intenções de voto, enquanto Bustamante caiu de 32% para 26%.

No entanto, embora Bustamante e eu tivéssemos sido os principais concorrentes, a cobertura da imprensa após o debate se concentrou nos embates entre mim e Arianna. Em determinado momento, quando os candidatos debatiam o orçamento estadual, ela reclamou que eu a estava interrompendo e me acusou de sexista.

– É assim que você trata as mulheres – disse ela. – Nós já sabemos. Mas desta vez vai ser diferente.

Respondi com uma brincadeira:

– Acabo de me dar conta de que tenho um papel perfeito para você em *O exterminador do futuro 4*.

Quis dizer que ela poderia interpretar o papel da cruel Exterminadora. Arianna, porém, interpretou isso como uma ofensa e no dia seguinte disse à imprensa que as mulheres haviam ficado indignadas com meu comentário. "Acho que aquilo o deixou de fato mal com as mulheres, o que já era mesmo o seu ponto fraco", afirmou ela.

Arianna estava chamando atenção para as alegações de mau comportamento que já tinham vindo à tona diversas vezes ao longo dos anos em relação a mim. Na semana seguinte, faltando apenas cinco dias para a eleição, essas acusações foram tema de uma denúncia no *Los Angeles Times*: "Mulheres afirmam que Schwarzenegger as bolinou e humilhou". Minha

equipe ficou ensandecida: parece que, segundo uma regra tácita da política, era proibido fazer denúncias sobre candidatos na última semana de campanha. Mas eu não havia entrado naquele páreo com a esperança de não levar nenhuma pancada. Como dissera a Jay Leno no dia em que anunciara minha candidatura na TV: "Eles vão dizer que eu não tenho experiência, que sou mulherengo, um cara horrível, e eu vou ter que lidar com uma porção de coisas desse tipo... mas quero fazer uma faxina em Sacramento." Minha campanha não era a de um conservador social, defensor dos bons costumes. Assim que anunciei minha candidatura, o *Los Angeles Times* destacou uma equipe de repórteres para escrever uma série de matérias investigativas a meu respeito. Várias delas já tinham sido publicadas, entre as quais uma sobre o passado nazista do meu pai e outra sobre meu uso de anabolizantes quando era fisiculturista. Minha regra em relação a acusações prejudiciais era que, caso fossem falsas, eu lutaria com unhas e dentes para que fossem retiradas, e, se fossem verdadeiras, admitiria e me desculparia assim que tivesse oportunidade. Portanto, quando as primeiras matérias saíram, eu reconhecera o uso de anabolizantes no começo da carreira, como já tinha feito antes, e informara que trabalhara em parceria com o Simon Wiesenthal Center para localizar documentos disponibilizados recentemente sobre o histórico de guerra do meu pai.

Nenhuma daquelas acusações de abuso eram verdadeiras. Apesar disso, eu algumas vezes já agira de forma inapropriada e tinha de fato motivos para me desculpar por meu comportamento no passado. Em meu primeiro pronunciamento, no dia seguinte, diante de uma plateia em San Diego, falei: "Muitas dessas histórias não são verdadeiras. Ao mesmo tempo, sempre digo que onde há fumaça há fogo. Então, sim, eu já agi mal no passado. Sim, já me meti em confusões em alguns sets de filmagem, fiz coisas que não eram certas e que na ocasião considerei brincadeiras, mas que hoje reconheço terem ofendido terceiros. E, a essas pessoas que ofendi, gostaria de dizer que estou profundamente arrependido pelo que fiz e peço desculpas."

Como já havia acontecido antes, muitas pessoas se manifestaram em minha defesa, e minha aliada mais importante foi Maria. Nesse dia, ao fazer um discurso em uma organização feminina republicana, ela afirmou deplorar a política e o jornalismo sensacionalistas. "Vocês podem dar ouvidos a todas essas declarações negativas e podem dar ouvidos a pessoas que nunca conheceram Arnold, ou então que estiveram com ele por cinco segundos 30 anos atrás. Ou então podem escutar a mim", disse ela, e me elogiou pela minha coragem de me desculpar.

Como nossas pesquisas de opinião sugeriam desde o início, os eleitores da Califórnia estavam bem mais preocupados com outras questões, como por exemplo a economia. Meu discurso em San Diego foi o pontapé inicial de uma última turnê de ônibus para fazer comícios em vários pontos do estado. Nessa manhã, 3 mil pessoas compareceram. No evento seguinte, na região conhecida como Inland Empire, a leste de Los Angeles, 6 mil estiveram presentes. Na

manhã de sábado, em Fresno, o público chegou a 8 mil. No domingo, quando finalmente chegamos a Sacramento, havia quase 20 mil pessoas reunidas em frente ao Capitólio para me receber, comemorar e participar do comício. Em pé na escada da sede do governo estadual, fiz um discurso de cinco minutos. Então a banda começou a tocar – um grupo descolado, com o qual os jovens pudessem se identificar –, eu peguei uma vassoura, e foi essa a foto que a imprensa tirou: Schwarzenegger chegou para fazer a faxina. Dava para sentir a energia. Pronto! Estávamos preparados para decidir o páreo.

Na noite da eleição, eu estava me vestindo para ir à festa. Ainda era muito cedo, então eu não sabia o resultado, mas sentia que minhas chances de vencer eram bastante altas. Quando entrei no quarto para calçar os sapatos, ouvi um apresentador da CNN dizer: "Podemos considerar a eleição decidida. O novo governador é Arnold Schwarzenegger." Lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. Não pude acreditar. Estava contando com aquilo, mas ouvir a notícia na CNN foi demais – era o reconhecimento oficial de uma rede de TV a cabo internacional. Nunca pensei que fosse passar em frente a uma TV e ouvir as palavras "Schwarzenegger é o novo governador da Califórnia".

Fiquei algum tempo sentado no quarto. Katherine entrou e perguntou: "Pai, o que você acha deste vestido?" Enxuguei as lágrimas. Não queria que minha filha me visse chorando. Maria, que estava se vestindo em outro banheiro, entrou para assistir ao noticiário comigo e também ficou radiante: não só por gostar da ideia de se tornar a primeira-dama do estado da Califórnia, mas porque aquela vitória política poderia ajudá-la a esquecer antigas derrotas familiares.

A população havia votado pela destituição de Gray Davis por 55% contra 45% e me escolhera como governador por uma margem significativa em detrimento de Cruz Bustamante e dos outros candidatos. O resultado da votação foi 49% para mim, 31% para Bustamante, 13% para McClintock, 3% para Camejo e 4% divididos entre os outros candidatos.

Um dos momentos mais agradáveis da vitória aconteceu uma semana depois, quando o presidente George W. Bush me fez uma visita a caminho de uma viagem diplomática à Ásia. Encontramo-nos no Mission Inn, hotel histórico da cidade californiana de Riverside que já hospedou 10 presidentes dos Estados Unidos. Karl Rove estava lá com Bush quando fui conduzido até a suíte. Depois que todos nos cumprimentamos, Rove disse: "Vou deixá-los a sós."

O presidente, que sabia que o seu arquiteto político me aconselhara a não concorrer, tentou remediar a situação:

– Não fique chateado com Rove pelo que ele lhe disse lá em Washington. Karl é assim mesmo. Ele é um bom sujeito. Temos que trabalhar juntos.

Respondi que nunca deixaria conflitos de personalidade atrapalharem o que precisávamos fazer pelo país e pela Califórnia.

– Será um prazer colaborar com ele no futuro – acrescentei. – Sei que ele está fazendo um bom trabalho.

Bush então tornou a chamar Rove e disse:

– Ele gosta de você.

Karl apertou minha mão e sorriu.

– Estou ansioso para trabalharmos juntos – afirmei.

Eles provavelmente sabiam o que eu diria a seguir. Depois do debate, eu reclamara na imprensa da quantidade de impostos paga pelos californianos ao governo federal e de quão pouco desse dinheiro voltava para a Califórnia em comparação com outros estados do país, como o Texas. "Não sou só o Exterminador, sou também o Coletor", declarei à CNN e jurei conseguir de Washington, quando fosse governador, aquilo a que tínhamos direito.

Então falei:

– Podemos ter um bom relacionamento, mas preciso da sua ajuda. Como o senhor sabe, para cada dólar de imposto que nós pagamos, só recebemos de volta 75 centavos. Quero que mais dinheiro volte para o estado, porque estamos com problemas.

– Bem, eu também estou sem dinheiro – retrucou o presidente.

Mesmo assim, tivemos um bom diálogo, no qual ele prometeu encontrar maneiras de ser útil, sobretudo por meio de programas de infraestrutura.

Três semanas depois, voltei a Sacramento – e aos mesmos degraus do Capitólio nos quais havia empunhado a vassoura – para tomar posse como o 38º governador do estado da Califórnia. Vanessa Williams, que havia atuado comigo em *Queima de arquivo*, cantou o hino nacional americano durante a cerimônia. Maria segurou a Bíblia antiga encadernada em couro sobre a qual pus a mão para fazer o juramento.

No discurso de posse, fiz uma reflexão sobre as lições que havia aprendido durante as aulas para me naturalizar: como a soberania reside no povo, não no governo, e como os Estados Unidos surgiram em uma época conturbada graças à convergência de facções inimigas. Esse fato havia entrado para a história como o milagre de Filadélfia, afirmei, e "agora o legislativo estadual e eu precisamos operar o milagre de Sacramento. Um milagre baseado em cooperação, boa vontade, novas ideias e dedicação ao bem da Califórnia a longo prazo". Enfatizando o fato de ser um recém-chegado, disse que precisaria de muita ajuda. No entanto, deixei o público ver quanto estava ansioso para encarar aquele gigantesco desafio. Queria que o nosso estado se tornasse um farol para o mundo, como era para o imigrante que eu fora um dia. A multidão aplaudiu e um coro entoou canções de *A noviça rebelde* quando começaram as congratulações. Gray Davis, que me cedera o bastão com muita elegância, estava lá para assistir à minha posse, bem como seus três antecessores: George Deukmejian, Jerry Brown e Pete Wilson. Quando começamos a nos encaminhar para a recepção, eles me puxaram de lado. Estavam bem-humorados.

– Aproveite o dia de hoje – disse Deukmejian, o mais velho dos três. – Só existe outro dia em que você vai se sentir tão bem assim.

– Quando?

– O dia em que for embora.

Os outros sorriram e assentiram. Ao ver minha expressão de ceticismo, começaram a se explicar:

– Em pouco tempo, você vai ter que ir a velórios de bombeiros e agentes de segurança pública, e seus olhos vão se encher de lágrimas. Você vai ficar arrasado ao ter que apertar a mão de um menino de 3 anos que acabou de perder o pai. Aí vai ficar preso aqui em Sacramento por todo o verão, sem poder sair de férias com sua família, porque os babacas do legislativo não querem aprovar o orçamento. Vai ficar sentado aqui, sentindo-se frustrado e com raiva.

Por fim, com um tapinha no ombro, completaram:

– Então, aproveite! Vamos tomar um drinque.

Ser famoso me ajudou a ser eleito governador e a aumentar a visibilidade da Califórnia, sobretudo em questões globais como a do meio ambiente.

Adoro quando dizem que alguma coisa é impossível – em 2003, candidatei-me à eleição revogatória para o governo da Califórnia. Acima, um mar de eleitores em Riverside. À direita, um tapete de cartazes no meu escritório em Santa Monica.

Ron Murray

Warren Buffett (à direita), democrata, e George Shultz (à esquerda), republicano, me acompanharam em minha primeira coletiva de imprensa, simbolizando o fato de eu ser um candidato para toda a Califórnia.

David McNew / Getty Images

Na véspera da eleição, empunhei uma vassoura nos degraus do Capitólio Estadual, em Sacramento, e prometi fazer uma faxina.
Justin Sullivan / Getty Images

Na noite da eleição, 7 de outubro de 2003, Maria e eu comemoramos minha vitória no hotel Beverly Hilton.
Hector Mata / AFP / Getty Images

Eunice e Sarge, que sempre me incentivaram a entrar para o serviço público, também comemoraram a vitória.
Ron Murray

Seis semanas depois, em 17 de novembro, a família inteira subiu o corredor do Capitólio para minha primeira cerimônia de posse.
Wally Skalij / Los Angeles Times

À esquerda: Maria segurou a Bíblia sobre a qual prestei juramento como 38º governador do estado da Califórnia. *Silvia Mautner*

Abaixo: Assumi o cargo sem qualquer experiência prévia como representante eleito, em uma época de crise em que o estado enfrentava imensos déficits orçamentários e uma recessão econômica.
California State Archives / John Decker

Pouco importava que eu fosse centrista – meu governo estava tendo tanta repercussão que os líderes republicanos pediram que eu ajudasse a reeleger George W. Bush. Discursando durante a Convenção Nacional Republicana no Madison Square Garden, em 30 de agosto de 2004. *© 2004 Rick T. Wilking*

Armei uma tenda no pátio em frente à minha sala para poder fumar meus charutos que acabou batizada de tenda das negociações. Fabián Núñez e Darrell Steinberg, membros democratas da Assembleia Estadual, foram negociar comigo em junho de 2004. *California State Archives / Steven Hellon*

O democrata Herb Wesson, à minha esquerda, presidente da Assembleia Estadual quando assumi o governo, implicava comigo por causa da minha altura. Aqui, conversamos com o reverendo Jesse Jackson em uma festa da organização afro-americana de direitos civis Urban League, em 2005.
California State Archives / Duncan McIntosh

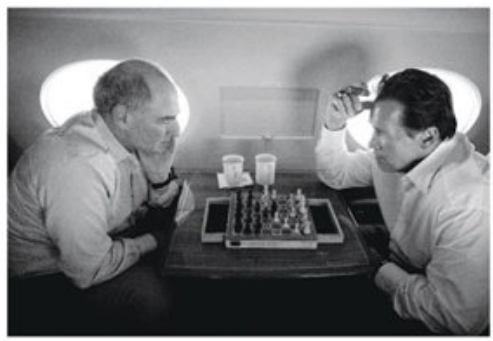
Todo mês de dezembro, alguns dias depois que a árvore de Natal era oficialmente acesa, comemorávamos o Chanucá nos degraus do Capitólio.
California State Archives / John Decker

Aposentadorias excessivamente generosas do funcionalismo público são hoje um problema nacional nos Estados Unidos, mas em 2005 já fazíamos campanha para evitar que a Califórnia gastasse mais do que arrecadava.
Californa State Archives / Duncan McIntosh

As questões eram sérias, mas mesmo assim nos divertíamos. Aqui, em 2005, discuto sobre recursos hídricos em uma reunião de gabinete com (a partir da esquerda) meu secretário de Governo, Terry Tamminen; a chefe de gabinete, Pat Clarey; e o secretário de Serviços Estaduais e de Consumo, Fred Aguiar. *California State Archives / Steven Hellon*

A senadora Dianne Feinstein, democrata muito popular, nos aconselhou sobre como lidar com Washington e membros de seu partido em nome do nosso estado. Nessa coletiva de imprensa, estávamos brincando que seria preciso ter braço de ferro para solucionar os problemas de água da Califórnia.
California State Archives / William Foster

Minha sogra era uma fonte inesgotável de conhecimento e contribuições. Repare que, quando foi conversar comigo em meu gabinete, em março de 2004, ela escolheu a cadeira na cabeceira da mesa.
California State Archives / Steven Hellon



Apesar de não ter cargo oficial, Paul Wachter foi um consultor importante – e adversário regular no xadrez – enquanto fui governador. *California State Archives / Peter Grigsby*

O secretário de Agricultura da Califórnia A. G. Kawamura e eu promovemos nossos produtos – na bandeja que estou segurando, são ameixas – durante essa missão comercial a Hong Kong, em 2005.

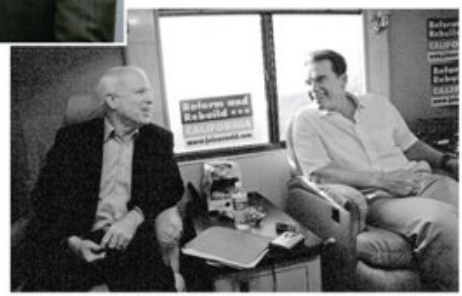
California State Archives / John Decker

A Califórnia é sujeita a enchentes, secas e outros desastres naturais, e dei grande ênfase à prontidão e ao socorro às vítimas. *À direita:* reconfortando moradores que perderam tudo no incêndio florestal de Humboldt, em junho de 2008, que devastou quase 10 mil hectares e destruiu 87 casas. *Abaixo:* após um deslizamento de terra em La Conchita, em janeiro de 2005, que deixou 10 mortos.

California State Archives / William Foster

California State Archives / Duncan McIntosh

Alguns dias antes de ele ser reeleito, recebi o presidente Bush e o apresentei a um público animado em um comício em Columbus, Ohio.
California State Archives / Steven Hellon



O senador John McCain, do Arizona, foi no ônibus comigo para ajudar na campanha de meus malfadados referendos populares "Reformar e Reconstruir", em 2005.
California State Archives / John Decker

Eu gostava de chamar a Califórnia de estado-nação, pois isso atraía líderes estrangeiros. O presidente mexicano Vicente Fox foi um ótimo parceiro em iniciativas bilaterais. Ele e a mulher, Marta, fizeram uma visita durante os atribulados meses que culminaram com minha reeleição, em 2006.
California State Archives / John Decker

Fiquei ansioso para conhecer o Dalai-Lama quando ele discursou na Conferência das Mulheres do Governo em Long Beach, em 2006. Conversamos sobre suas viagens e seu longo exílio do Tibete. À direita, a chefe do cerimonial da Califórnia, Charlotte Shultz.
California State Archives / Duncan McIntosh

O estrategista Steve Schmidt, a chefe de gabinete Susan Kennedy e o diretor de comunicação Adam Mendelsohn me ajudaram a fazer as pazes com a "Coalizão dos Furiosos" e a ser reeleito em 2006.

California State Archives / John Decker

Sly me incentivou a seguir lutando quando fiquei deprimido após quebrar a perna em dezembro de 2006...

Arquivo Schwarzenegger

...e eu decidi parar de choramingar e apareci de muletas para minha segunda cerimônia de posse.

Ron Murray

Assim como Ronald Reagan muitas vezes trocava de lado para trabalhar com os democratas, Teddy Kennedy foi dar uma palestra na Biblioteca Reagan em 2007. *California State Archives / Duncan McIntosh*

O primeiro-ministro britânico Tony Blair foi um aliado fundamental para nosso referendo de 2006 sobre o clima. No ano seguinte, fui visitá-lo na Rua Downing, número 10. *California State Archives / Duncan McIntosh*

"A Califórnia está conduzindo os Estados Unidos para além do debate e da dúvida, rumo à ação", afirmei na ONU em 2007. O secretário-geral Ban Ki-moon convidou-me a discursar sobre nossas novas e pioneiras leis de combate às mudanças climáticas. *Don Emmert / Getty Images*

À direita: Em janeiro de 2008, o senador John McCain e o prefeito de Nova York, Rudy Giuliani, foram conhecer uma das empresas start-up de energia da Califórnia. *California State Archives / William Foster*

Abaixo: O presidente Obama conhecia meu histórico de bipartidarismo e sabia que tínhamos objetivos comuns nas áreas de meio ambiente, imigração e reforma do sistema de saúde. Em 2010, quando estive em Washington, ele quis saber minhas ideias sobre investimentos públicos maciços em infraestrutura. *Fotografia oficial da Casa Branca / Pete Souza*

Aliei-me ao prefeito de Nova York Michael Bloomberg, independente, e ao governador da Pensilvânia Ed Rendell, democrata, para tomar alguma providência em relação ao fato de os Estados Unidos estarem ficando para trás em matéria de investimentos em infraestrutura. Aqui, estamos a caminho de um encontro com Obama na Casa Branca, em 2009. *AP Images*

Em visita ao Iraque, em 2009, almocei em Bagdá com uma brigada de policiais militares da Guarda Nacional (acima e abaixo à direita). Uma experiência memorável durante essa viagem foi lançar bolas de golfe do terraço do antigo palácio de Saddam Hussein (à esquerda). Encontrei o primeiro-ministro Nouri al-Maliki, que me fez perguntas sobre reconstrução econômica. (Graças à importância global da Califórnia e ao poder das estrelas de Hollywood, eu muitas vezes era recebido como chefe de Estado em minhas viagens.)

California State Archives / Justin Short

O caminho de Bill Clinton e o meu tornaram a se cruzar em 2009, durante um fórum sobre energia e meio ambiente em Jerusalém. Ambos defendemos ardorosamente a construção de um futuro de energia verde para os Estados Unidos e o mundo.
California State Archives / Justin Short

Tive imensas ambições para a Califórnia como líder nas áreas de energia renovável e meio ambiente. Aqui, o secretário do Interior dos Estados Unidos, Salazar (de chapéu branco), encontrou-me no deserto do Mojave para conhecer o maior complexo de energia solar do mundo. *California State Archives / Peter Grigsby*

Logo antes do final de meu segundo mandato, fui à empresa de equipamentos portuários Zhenhua, em Xangai, para agradecer aos operários por terem construído partes da nova ponte Bay Bridge, em São Francisco. *California State Archives / Peter Grigsby*

Susan Kennedy e eu nos abraçamos, aliviados, após conquistar uma suada aprovação do orçamento.
California State Archives / Justin Short

Em meu último aniversário como governador, minha equipe me fez uma surpresa: bolo e *cupcakes* no pátio interno, junto à tenda que servia de fumódromo.
California State Archives / Justin Short

Rula Manikas, minha assistente em Sacramento, era a única com autorização para tocar em minha gravata e escolher a cor.
California State Archives / John Decker

Em pleno agosto de 2008, enquanto aguardamos uma votação do legislativo, faço graça com os membros do gabinete Mona Mohammadi (sentada), Daniel Ketchell, Greg Dunn, Karen Baker e um convidado, Daniel Zingale e Gary Delsohn.
California State Archives / Peter Grigsby

O sonho americano virou realidade para mim, e a coragem e a dedicação das Forças Armadas dos Estados Unidos são a sua salvaguarda. Desde meus primeiros tempos como campeão de fisiculturismo, sempre que viajava eu visitava bases e encouraçados para melhorar o moral das tropas – e dizer obrigado. Aqui, estou com a guarnição do exército americano em Seul, Coreia do Sul, em 2010. *California State Archives / Peter Grigsby*

Governator

FUI A SEGUNDA PESSOA NA HISTÓRIA DOS Estados Unidos a se eleger governador em uma eleição revogatória e fui empossado após a mais curta campanha da história moderna da Califórnia. O período de transição foi três semanas mais breve que no caso da transferência normal entre governadores. Sem qualquer experiência anterior como representante eleito pelo povo, assumi o cargo em uma época de crise, em que o estado enfrentava graves déficits orçamentários e uma recessão econômica.

Eu estudara política durante muito tempo, e fiz meu dever de casa na Universidade Schwarzenegger, mas, mesmo que se estude 12 horas por dia, só é possível absorver parte das informações por meio da leitura. O elenco de personagens de Sacramento era uma incógnita para mim: não só os membros do legislativo em si, mas também os milhares de lobistas, especialistas em políticas públicas e traficantes de influência que fazem boa parte do trabalho – e elaboram a maioria das leis.

Eu sequer conhecia a maior parte da minha própria equipe. Todos queriam me ver, mas era difícil contratar um time tão depressa. Nossa situação era particularmente difícil: tínhamos apenas cinco semanas após a eleição para preencher as 180 vagas do gabinete de governo, incluindo cerca de 40 cargos de confiança. Nosso leque de escolha era pequeno, pois poucos profissionais da política esperavam que eu vencesse, e alguns dos melhores candidatos já haviam arrumado empregos novos após a eleição de 2002. Tentei não perder tempo e comecei logo a procurar pessoas que já tivessem experiência no cenário político da Califórnia, fossem elas republicanas ou democratas. Mas poucos desses políticos veteranos tinham experiência comigo, e mesmo os que haviam trabalhado na minha campanha só me conheciam havia poucos meses.

Acabamos recorrendo a vários antigos integrantes do governo de Pete Wilson. Como chefe de gabinete, contratei Patricia Clarey, que fora sua subchefe de gabinete. Conservadora do ponto de vista fiscal, organizada e trabalhadora, Patricia havia estudado na John F. Kennedy School of Government, a faculdade de políticas e administração públicas de Harvard, e já trabalhara nas áreas de seguros e petróleo. Rob Stutzman, meu diretor de comunicação, era outro aguerrido veterano de Wilson que já tinha enfrentado inúmeras batalhas.

Levei comigo alguns assessores-chave que já me conheciam havia muitos anos: Bonnie Reiss, meu braço direito no movimento em prol dos programas extracurriculares; David Crane, investidor de São Francisco que era meu principal conselheiro em questões de economia e finanças; e Terry Tamminen, ambientalista inovador que escolhi para presidir a Agência de Proteção Ambiental da Califórnia. Eram todos democratas, mas isso pouco importava – pelo menos para mim. Quando os bastiões do Partido Republicano reclamaram, expliquei com todo o respeito que eu queria os melhores profissionais, independentemente de sua filiação partidária, contanto que compartilhassem minhas opiniões em determinada área. Esses novos colaboradores eram todos pessoas inteligentes, sensíveis e de mente aberta, mas, assim como eu, não conheciam Sacramento nem seus estranhos costumes.

A única forma de entender a capital do estado, percebemos, era jogando fora nossos livros de estudos cívicos. De nada adiantava saber como Washington ou as capitais de outros estados americanos funcionam, pois Sacramento é administrada segundo princípios completamente diferentes. E o bom senso não está entre eles: nada lá faz sentido.

Um exemplo: a maior atribuição de Sacramento é alocar recursos para os ensinos pré-escolar, fundamental, médio e superior básico, conhecido nos Estados Unidos como K-14. Graças à Proposta 98, aprovada pelos eleitores em 1988, quase metade do orçamento de educação do estado é direcionada ao K-14. Esse dinheiro não inclui recursos para a construção de escolas, nem o financiamento das aposentadorias dos professores, e tampouco os bilhões de dólares da loteria estadual reservados para a educação. A Proposta 98, Lei da Melhoria Educacional e da Responsabilidade em Sala de Aula, garante o aumento anual do orçamento da educação, independentemente de o estado arrecadar ou não mais dinheiro. A fórmula que rege essa lei é tão obscura que só o sujeito que a inventou, John Mockler, sabe exatamente como ela funciona. Ele gosta de dizer, brincando, que elaborou a fórmula assim de propósito e que pagou os estudos do filho em Stanford com o que recebia para ensinar como usá-la. O Escritório de Análises Legislativas, órgão não partidário, teve que produzir um vídeo de 20 minutos para explicar aos membros do legislativo do estado como funciona a lei, e mesmo assim foi preciso contratar Mockler como consultor.

Basta multiplicar a fórmula de financiamento da educação por mil e você terá uma ideia do absurdo que é Sacramento. Seu sistema legislativo, que opera em tempo integral, aprova tantas leis novas por ano – mais de mil – que seus membros sequer têm tempo de lê-las antes de votá-las. De tão frustrados, os eleitores acabam aprovando as leis mais importantes por votação popular, como no caso da Proposta 98, para forçar a Assembleia Legislativa a se concentrar em problemas reais como o financiamento da educação. Um absurdo.

Sacramento cresceu graças à prosperidade: a cidade foi o principal

entreposto comercial da grande Corrida do Ouro na Califórnia, em 1849. Quando os californianos fizeram da cidade a capital do estado, construíram um Capitólio grandioso para rivalizar com o da capital do país, Washington. Não chegaram a construir uma Casa Branca, contudo, de modo que não há um local separado para o governador trabalhar. Em vez disso, ele e sua equipe dividem o prédio do Capitólio Estadual com os membros do legislativo, e cada governador decide onde será sua moradia. Todos os meus antecessores haviam se mudado para Sacramento com as respectivas famílias, mas Maria e eu decidimos que não queríamos tirar nossos filhos do ambiente ao qual estavam acostumados. Assim, ela ficou em Los Angeles com os quatro, enquanto eu aluguei a suíte do último andar de um hotel próximo ao Capitólio. Eu planejava ficar indo e vindo semanalmente, a fim de passar mais tempo com eles.

Os escritórios do governador são conhecidos como Ferradura, pois ocupam três lados de um pátio interno descoberto no térreo do Capitólio. As salas dos membros do poder legislativo ficam nos andares superiores. De acordo com o protocolo, o governador deveria ficar em sua sala e os membros do legislativo que quisessem vê-lo teriam que descer. Mas para mim não funcionava assim. Muitas vezes eu saía da sala e pegava o elevador até os andares superiores para falar pessoalmente com os legisladores. Ter trabalhado no cinema, na verdade, revelou-se uma grande vantagem: um membro do legislativo podia não saber o que pensar de mim como governador, mas sua equipe queria tirar fotos comigo e pedia autógrafos para dar aos filhos. Se algum deles se sentisse intimidado, pensando que eu talvez fosse mesmo o Exterminador – é gozado como as pessoas levam esses papéis ao pé da letra –, eu tentava fazer com que pensasse mais em mim como Julius, o grandalhão de mente aberta de *Irmãos gêmeos*.

Eu havia prometido resultados rápidos aos eleitores. Uma hora depois de tomar posse, cancelei o aumento da taxa de emplacamento de veículos, que triplicaria de valor, e logo depois, com a ajuda dos legisladores dos andares de cima, acabei com a lei que concedia carteiras de habilitação a imigrantes ilegais. "Isso é que é ação", falei para as câmeras.

Duas semanas depois de assumir, apresentei ao legislativo o pacote de recuperação fiscal que servira de base para a minha campanha e incluía o refinanciamento da dívida do estado, uma ampla reforma orçamentária e uma reforma do regime de seguros e indenizações dos trabalhadores, que estava afugentando os empregadores do estado. Estávamos tentando fazer com que a âncora da proposta de reforma orçamentária fosse um rígido teto de despesas. Foi então que os democratas disseram basta, e logo já estávamos rumando para a guerra. Quando o diálogo com eles se tornou impossível, recebi diversos conselhos de todo o espectro político, e muitos deles contraditórios.

Os veteranos republicanos do governo de Pete Wilson que faziam parte do meu gabinete me incentivaram a assumir uma postura firme: levar todas as minhas reformas às urnas para que os eleitores decidissem no ano seguinte. Os

legisladores republicanos, preparando-se para entrar em guerra, sugeriram que deixássemos o governo do estado ficar sem dinheiro nenhum e ter que cessar suas atividades até os democratas cederem. Eu próprio estava me sentindo bastante belicoso. No entanto, em um jantar naquela semana – por ironia, em comemoração ao bipartidarismo –, apresentei a ideia a George Shultz e Leon Panetta, amado político californiano que já servira tanto a republicanos quanto a democratas e mais recentemente fora chefe de gabinete de Bill Clinton na Casa Branca. Ambos arquearam as sobrancelhas.

– É assim que você vai começar seu mandato, com um confronto? – indagou George. – O seu pessoal tem razão: os eleitores estão embalados para votar a seu favor, e você certamente vai ganhar. Mas a batalha vai ser longa, sangrenta, e, nesse meio-tempo, o que vai acontecer? O estado vai virar um caos e todo mundo vai ficar deprimido ao ver que nada mudou em Sacramento. A Califórnia vai sofrer, porque as empresas não vão ter confiança para investir ou criar mais empregos.

Panetta concordou.

– O mais importante é chegar a um acordo – disse ele. – Mesmo que você apenas adie os problemas de orçamento, é uma maneira de mostrar ao público que é capaz de trabalhar com os dois partidos e avançar. Depois você pode tentar de novo uma reforma mais ampla do orçamento.

Levei os conselhos a sério. Depois de tomar posse e conquistar algumas grandes vitórias imediatas usando o entusiasmo que garantira minha eleição, era importante mostrar aos eleitores que o governador e o poder legislativo podiam trabalhar em conjunto para solucionar os problemas fiscais da Califórnia. Assim, voltei para a capital do estado, convoquei os líderes dos dois partidos na Assembleia e falei: "Vamos nos reunir e tentar mais uma vez."

Meus colegas republicanos reagiram como se tivessem levado um soco no estômago. "Eles estão quase beijando a lona. *Então vá lá e acabe com isso!*", disseram. Este foi meu primeiro gostinho verdadeiro da nova ideologia republicana: todo acordo é sinal de fraqueza. Os democratas ficaram aliviados por evitar uma briga feia, mas alguns interpretaram minha disposição para negociar como sinal de que eu preferia recuar a arriscar minha popularidade junto aos eleitores. Isso tornou as negociações mais difíceis. Após tantos anos de disputas ferrenhas e inúteis em Sacramento, ambos os lados haviam desaprendido a arte de negociar. Na realidade, os distritos legislativos tinham tendência a eleger o membro mais linha-dura, mais rígido de cada partido: aqueles eram legisladores moldados para brigar, como galos criados para a rinha.

Após uma negociação de muitos dias, conseguimos chegar a um acordo no qual obtive uma emenda orçamentária equilibrada, a proibição de usar títulos da dívida pública para pagar despesas operacionais e uma versão enfraquecida de meu fundo emergencial. O legislativo conseguiu seu dinheiro para a recuperação econômica. A proposta foi submetida a votação na eleição de março e aprovada pelos eleitores na proporção de dois contra um. Poucas

semanas depois, concluímos uma reforma importante no regime de seguros e indenizações dos trabalhadores. Isso demonstrou liderança e nos proporcionou um ótimo começo. O refinanciamento da dívida aumentou radicalmente a avaliação de crédito da Califórnia, poupando ao estado mais de 20 bilhões de dólares em juros da dívida pública ao longo de 10 anos. Além disso, quando a comunidade empresarial viu que eu conseguia lidar com os dois partidos, parte do pessimismo em relação à economia começou a desaparecer.

Meu relacionamento com o legislativo, porém, logo ficou complicado. Parte dessa complicação se devia à grande diferença de popularidade entre mim e eles. Quando provei que era capaz de fazer as coisas acontecerem, minha taxa de aprovação superou os 70%, enquanto a do legislativo não chegava a 30%. Eu estava sendo ovacionado como o "*Governator*" – um trocadilho com o título original de *O exterminador do futuro*, *Terminator* –, não apenas na Califórnia, mas também pelos meios de comunicação nacionais e internacionais. Em um ano de eleição presidencial nos Estados Unidos, os jornalistas começaram a especular sobre uma futura candidatura minha, embora isso fosse exigir uma mudança na Constituição que ninguém de fato imaginava possível. Minha popularidade se manteve alta o ano inteiro e sobreviveu à eleição de novembro de 2004, quando os eleitores da Califórnia me apoiaram em todas as propostas de votação popular nas quais me posicionei. As mais expressivas foram medidas para impedir processos extorsivos contra empresas e a histórica votação sobre o uso de células-tronco, na qual adiantamos 3 bilhões de dólares para pesquisas científicas inovadoras depois de o governo Bush restringir os recursos federais. Também conseguimos derrubar duas propostas de votação popular que teriam aumentado os já exorbitantes privilégios das tribos indígenas proprietárias de casas de jogos.

Meu mandato estava indo tão bem que líderes republicanos pediram que eu ajudasse na campanha de reeleição do presidente Bush. Fui convidado para fazer o discurso de abertura na Convenção Nacional Republicana, em horário nobre. Pouco importava que eu fosse muito mais centrista em relação à maioria das questões do que o governo Bush, que havia se posicionado cada vez mais como de direita. Mas eles sabiam que eu poderia atrair atenção.

Assim, na noite de 31 de agosto, subi ao palanque do Madison Square Garden – minha primeira aparição sob aqueles holofotes desde a vitória na disputa de Mister Olympia, 30 anos antes. Na época, porém, o evento fora realizado no Felt Forum, diante um público de 4 mil fãs. Agora, 15 mil representantes republicanos me aplaudiam na arena principal, em horário nobre, com transmissão em rede nacional de televisão. Maria, que no passado teria feito a cobertura da convenção como correspondente da NBC, estava sentada com nossos filhos ao lado de George Bush pai. Toda vez que as câmeras se viravam para captar a reação dele, o sorriso de minha mulher aparecia na imagem. Fiquei comovido com quanto ela me ajudou naquela

noite.

Meu coração batia disparado, mas os vivas da plateia me fizeram pensar no dia que venci o Mister Olympia, e isso me acalmou. Quando comecei a falar e ouvi a plateia reagir, tive a sensação de que aquilo não era muito diferente de posar nas competições de fisiculturismo. Aquela plateia estava na minha mão.

Eu havia me preparado para aquele discurso mais intensamente que nunca. O texto sofrera inúmeras revisões e eu ensaiara dezenas de vezes, repetindo as falas à exaustão. Aquilo era um ápice na minha vida.

"Quem diria que um garoto austríaco franzino iria crescer e se tornar governador do estado da Califórnia, depois vir aqui, ao Madison Square Garden, falar em nome do presidente dos Estados Unidos da América... Esse é o sonho de qualquer imigrante", falei.

Minha parte favorita do discurso era uma espécie de fórmula mágica sobre "como saber se você é republicano". Acreditar que o governo deve se responsabilizar perante o povo, acreditar que uma pessoa deve ser tratada como indivíduo, acreditar que nosso sistema educacional deve ser responsabilizado pelo progresso de nossas crianças – esses eram alguns dos meus critérios. Finalizei com um apelo para reconduzir George W. Bush à Casa Branca por mais um mandato e puxei um coro da plateia: "Mais quatro anos! Mais quatro anos!" Choveram aplausos.

No dia seguinte, Maria e eu tomamos café da manhã no hotel com Eunice e Sarge, que haviam assistido a tudo pela TV. Minha sogra tinha gostado muito de meu tema sobre inclusão. "Do jeito que você falou, *até eu* sou republicana!", brincou.

De volta à Califórnia, meus adversários políticos tentaram me pintar como truculento, em parte por causa da minha popularidade. Nesse primeiro ano, porém, me esforcei bastante para encantar e conquistar os membros do legislativo, e incentivá-los a trabalhar a meu favor. No dia do aniversário de suas mães, eu ligava para elas a fim de dar os parabéns. Eu os convidava para conversar na tenda que me servia de "fumódromo", montada no pátio interno em frente à minha sala. Ela tinha o tamanho de uma aconchegante sala de estar e era mobiliada com poltronas confortáveis feitas de ratã, uma mesa de reuniões de tampo de vidro com uma linda caixa para a conservação de charutos, luminárias e piso de grama sintética. Fotografias enfeitavam as paredes, penduradas na estrutura de metal por fios de aço. Eu mandara montar a tenda para ter um lugar onde pudesse fumar meus charutos – pois é proibido fumar nos prédios públicos da Califórnia –, mas as pessoas a haviam apelidado de minha tenda das negociações.

Eu prestava atenção especial em líderes como John Burton, presidente temporário do Senado estadual, e Herb Wesson, presidente da Assembleia Legislativa. John era um democrata de São Francisco de temperamento difícil, que na realidade havia boicotado minha cerimônia de posse. Usava óculos redondos de armação metálica e tinha um farto bigode branco. Na primeira vez em que nos encontramos, ele quase não quis apertar minha mão. Então lhe

mandei flores. Quando nos conhecemos melhor, descobrimos ter coisas em comum. Como ficara estacionado na Europa durante a guerra, ele sabia um pouco de alemão e era fascinado pelo príncipe Klemens Wenzel von Metternich, grande diplomata austríaco do século XIX. Muitas vezes discordávamos, sobretudo no início. Com o tempo, contudo, vimos que tínhamos opiniões parecidas em relação a questões sociais importantes, como planos de saúde e tutela pública de menores, e chegamos a ponto de dizer: "Vamos esquecer as grandes brigas em público e descobrir temas em que possamos trabalhar." Colaboramos um com o outro e acabamos nos tornando amigos. Ele às vezes passava na tenda só para me levar *Apfelstrudel* e *Schlag* (creme chantili) para eu pôr no meu expresso.

Herb Wesson, o presidente da Assembleia, era um sujeito de 1,65 metro, afável, originário de Los Angeles, que implicava comigo perguntando se eu tinha mesmo 1,88 metro como afirma minha biografia. Eu respondia à provocação chamando-o de meu Danny DeVito e até lhe mandei de presente uma almofada para que ele pudesse ficar mais alto na cadeira. Não cheguei a conhecê-lo tão bem quanto John, porque ele estava chegando ao final do mandato. Seu sucessor, um inteligente ex-líder sindical chamado Fabian Núñez, também de Los Angeles, viria a se tornar um de meus mais próximos aliados entre os democratas.

Também desenvolvi um relacionamento sólido com o novo líder da minoria na Assembleia, Kevin McCarthy, um cara de 39 anos cheio de energia originário de Bakersfield, cujo distrito incluía o Vale dos Antílopes, local planejado para a construção de meu aeroporto supersônico. Kevin começara a vida de empresário aos 19 anos, com uma sanduicheria que o ajudou a pagar os estudos universitários, e esse lado empreendedor fez com que nos identificássemos. Ele hoje é o representante da maioria na Câmara de Deputados federal, responsável por assegurar que todos os membros votem de acordo com as posições do partido.

LANÇAR MÃO DO CHARME PARA CONQUISTAR os membros do legislativo ajudou a incluir minhas ideias de reforma no debate, gerando alguns acordos que foram um importante começo. No entanto, depois de tentar várias manobras diferentes, descobri que meu instrumento mais poderoso era, disparado, o mecanismo de propostas de votação popular. Graças a minhas fortes taxas de aprovação, eu podia ameaçar uma consulta direta aos eleitores e assim pressionar o legislativo a fazer coisas que de outra forma ele teria recusado.

Foi assim que acabamos com o abuso da política de seguros e indenizações trabalhistas. Eu fizera disso uma das minhas principais promessas de campanha, pois ela estava envenenando nossa economia e afastando empresas do estado. Assim como nos outros estados do país, os empregadores da Califórnia precisam contratar seguros para cobrir despesas médicas e compensar os salários de funcionários que tiverem acidentes de trabalho. Na

Califórnia, porém, o custo desses seguros era, na época, o dobro da média nacional. Como isso havia acontecido? O principal motivo era que as leis tinham sido formuladas de forma tão vaga pelos democratas que era fácil para as pessoas abusarem do sistema. Eu conhecia um cara que havia machucado a perna esquiando no fim de semana. Ele esperou para ir ao médico depois do trabalho, na segunda-feira, e disse: "Machuquei a perna trabalhando." Quando as empresas contestavam pedidos falsos como esse, os trabalhadores sempre ganhavam. Também conhecia um cara na academia que fazia agachamentos com 180 quilos.

– Estou de licença médica do trabalho – disse ele.

– Como assim? – perguntei. – Você pega mais peso que eu no agachamento!

– Precisava cuidar da minha família – respondeu ele.

Sindicatos, advogados e médicos usavam a legislação para relaxar tanto as regras que um funcionário podia usar o sistema para conseguir tratamento para praticamente qualquer doença – não apenas lesões relacionadas ao trabalho – e receber reembolso integral, sem qualquer teto ou sequer uma coparticipação. Isso significava tratamentos médicos gratuitos e ilimitados e licenças remuneradas, tudo bancado pelo setor privado. Era uma forma dissimulada de os democratas conseguirem o que queriam. Certa vez, John Burton declarou sem rodeios: "O regime de seguros e indenizações dos trabalhadores é a nossa versão de sistema universal de saúde." O que nada mais é do que outra forma de dizer que a lei foi escrita para ser burlada.

Como Warren Buffett trabalhava na área de seguros, tornei-me uma espécie de especialista no assunto, e ele me explicou, muito antes de eu me candidatar a governador, quanto a Califórnia estava encrencada. Pedi que aliados meus na comunidade empresarial redigissem uma proposta de votação popular que pusesse fim a essa situação. A proposta era muito mais rígida que a lei que eu havia apoiado no legislativo – ou seja, tirava mais dos trabalhadores. Mas a estratégia era essa. Se os trabalhadores, advogados e médicos ficassem com medo dessa proposta, talvez se dispusessem a ceder mais um pouco em um acordo legislativo.

Defendi a proposta com afinco. Sempre que as negociações com o legislativo começavam a empacar, eu saía de Sacramento e percorria o estado para ajudar a coletar assinaturas para a votação popular em lojas da gigante atacadista Costco.

A população achou isso bem divertido, e a estratégia deu certo. Os grupos de democratas e trabalhadores de fato ficaram assustados e fizeram um acordo que permitiria aos empregadores pouparem muito dinheiro nos seguros. Os democratas, porém, detestaram ser ameaçados com a votação popular e ficaram arrastando as negociações e propondo mais alguns ajustes sempre que eu lhes mostrava uma nova pilha de assinaturas recolhidas. Conseguimos chegar ao acordo ao mesmo tempo que alcançamos 1 milhão de assinaturas a favor da votação popular – o bastante para poder ir às urnas. A pressão funcionou. Graças à nossa reforma, ao longo dos anos seguintes o preço dos

seguros caiu 66%, e um total de 70 bilhões de dólares foi devolvido às empresas da Califórnia nos primeiros quatro anos.

Mesmo assim, o orçamento em si continuou muito desequilibrado. Quando apresentei ao legislativo uma proposta de 103 bilhões de dólares para o ano fiscal que começaria em 1º de julho de 2004, eles protelaram a aprovação durante mais de um mês de negociações inúteis, fazendo o orçamento atrasar. A data chegou, passou, seguiu-se outra semana, depois mais uma. Era exatamente o que eu havia prometido aos eleitores que iríamos evitar, e de repente me lembrei do alerta que aqueles dois ex-governadores haviam me feito no dia de minha posse: você vai passar vários verões em Sacramento, sozinho e suando. Isso não parecia ter dado muito certo para eles, então lancei mão de meus altos índices de aprovação popular e recorri aos eleitores. Em um discurso diante dos clientes de um megashopping do sul da Califórnia, afirmei que os membros do nosso poder legislativo faziam parte de um sistema político "fora de forma, antiquado, desconectado da realidade e definitivamente descontrolado. Eles não têm coragem de vir aqui e dizer a vocês: 'Não quero representar a população. Quero representar interesses especiais dos sindicatos e dos advogados de tribunal.'"

Não me arrependo de ter dito nada disso. Na frase seguinte, porém, exagerei: "Para mim, eles são um bando de mocinhas. Deveriam voltar ao trabalho e concluir o orçamento."

Nem é preciso dizer que isso não fazia parte do discurso. Era justamente o tipo de improvisação sem limites que minha equipe sempre temia que eu fizesse diante de uma plateia. A piada provocou muitas risadas. O público sabia que eu estava me referindo à paródia que o programa *Saturday Night Live* fazia de mim usando os personagens Hans e Franz. Também incentivei os eleitores a "agirem como exterminadores" no dia da eleição, rejeitando os legisladores que tivessem votado contra o meu orçamento.

Minha brincadeira causou indignação e manchetes país afora. Fui criticado por ser sexista, contra os gays, propenso a xingamentos e agressivo. As críticas mais iradas foram as do presidente da Assembleia Estadual, Núñez, que disse: "Esse é o tipo de coisa que não deveria sair da boca de um governador." Ele acrescentou que sua filha de 13 anos, que eu conhecia e que gostava de mim, ficara chateada com o que eu dissera.

De certa forma, ele estava certo. Os eleitores tinham escolhido Arnold, e falar como se fala no cinema e dizer coisas absurdas me ajudara a vencer. Uma vez empossado, porém, eu representava o povo, e não podia mais ser apenas Arnold. Precisava trabalhar com os membros do legislativo, que são parte constitucional do sistema, e não podia menosprezá-los.

Além disso, despertar a inimizade do legislativo era uma idiotice. Um governador não aprova leis, apenas as ratifica ou veta. Quem tem que aprovar as leis são *eles*. É assim que o sistema político funciona. Portanto, se você precisa dos legisladores para fazer sua visão do estado se tornar realidade, por que ofendê-los? Sim, você pode pressioná-los, constrangê-los, deixar a

população ver que eles não estão cumprindo o seu trabalho. Mas há outras formas de fazer isso em vez de chamá-los de mocinhas.

Decidi que, se eu quisesse realizar coisas importantes, precisava adquirir novas habilidades diplomáticas. Teria que ser mais cauteloso ao proferir discursos – não apenas os discursos escritos, mas também as declarações de improviso. Mesmo assim, é claro que logo tornei a falar demais.

UMA DAS DECISÕES DE MARIA AO SE tornar primeira-dama foi transformar uma conferência de mulheres da Califórnia que datava da década de 1980 em um evento de importância nacional. Em dezembro de 2004, 10 mil mulheres se reuniram no Centro de Convenções de Long Beach para passar um dia discutindo o tema "Mulheres: Arquitetas da Mudança". Entre as palestrantes estavam figuras proeminentes do setor empresarial e de serviços sociais do estado, além de celebridades como a rainha Noor, da Jordânia, e Oprah Winfrey.

Como o nome oficial do evento era Conferência sobre Mulheres e Famílias do Governador da Califórnia, foi natural que eu pronunciasse o discurso inaugural. Brinquei que, pela primeira vez na vida, conseguiria me apresentar antes de Maria. Quando iniciei um discurso cuidadosamente preparado sobre as contribuições das mulheres para o estado, um grupo de manifestantes se levantou e causou um rebuliço na plateia. Desfraldaram uma bandeira, começaram a acenar com cartazes e a entoar "Equipes seguras salvam vidas!".

Eram integrantes do sindicato das enfermeiras e estavam bravas porque eu suspendera um decreto de Gray Davis que teria diminuído a carga-padrão de trabalho das enfermeiras de hospital de seis pacientes por profissional para cinco. A maior parte do público na gigantesca sala de conferências mal pareceu reparar na confusão, mas as câmeras da imprensa deram um close nas 15 mulheres sendo conduzidas para fora da sala, ainda entoando seu hino. Achei o comportamento delas realmente irritante. Se o seu desagrado era comigo, por que estragar o evento de Maria? Virando-me para a plateia, falei: "Não deem atenção àquelas vozes ali. Elas representam os interesses de grupos específicos. E esses grupos não gostam de mim em Sacramento porque eu não dou mole para eles. Mas eu gosto deles mesmo assim", concluí.

Foi um grave erro. Para começar, ridicularizar as manifestantes deixou Maria constrangida. Além disso, o sindicato das enfermeiras transformou minhas palavras em uma declaração de guerra. Por meses depois disso, a cada aparição pública que fazia eu era recebido por piquetes de profissionais da classe entoando palavras de ordem.

Na primeira gaveta da minha mesa de trabalho eu guardava uma lista com as 10 principais reformas que tinha prometido realizar ao me candidatar. Sabia que determinado nível de confronto era inevitável, porque eu estava desafiando os poderosos sindicatos que controlavam os democratas e exploravam o estado. No alto dessa lista estavam abusos como estabilidade no emprego para professores medíocres, pensões milionárias para funcionários

públicos do estado e a divisão desigual dos distritos políticos a fim de proteger a classe eleita.

Acima de tudo, havia uma necessidade gritante de reforma orçamentária. Muito embora finalmente houvéssemos conseguido aprovar um orçamento equilibrado para 2004 e a economia do estado estivesse começando a renascer, o sistema apresentava sinais claros de deficiência. Enquanto o crescimento da receita projetado para 2005 girava em torno de 5 bilhões de dólares, a previsão era que as despesas se elevassem em *10 bilhões*, isso por causa das estranhas fórmulas orçamentárias que permitiam aumentos independentemente de qualquer outro fator. Esses aumentos incluíam importantes expansões de programas e generosas aposentadorias que os democratas haviam garantido para os sindicatos de funcionários públicos no auge do avanço tecnológico. Nossa perspectiva para 2005 era mais um déficit multibilionário. Ou fazíamos mudanças radicais ou esse mesmo desequilíbrio iria continuar nos prejudicando ano após ano.

Eu considerava nossa vitória em relação aos seguros e indenizações trabalhistas um modelo. Tinha usado a ameaça de uma proposta de votação popular para forçar a outra parte a negociar e firmar um acordo. Por que então não aplicar a mesma estratégia para garantir reformas em uma escala muito maior? Esse sucesso, bem como outro que tivéramos em relação ao dinheiro da recuperação econômica, havia me deixado animado. Movidos por esse otimismo, nos últimos meses de 2004 minha equipe e eu começamos a redigir um novo arsenal de propostas de votação popular.

Em relação à educação, queríamos dificultar a obtenção da estabilidade no emprego para os professores de desempenho inferior. Em vez de passarem por uma reciclagem ou serem demitidos, os maus professores muitas vezes iam sendo transferidos de escola em escola, em um processo conhecido como "a dança dos indesejados". Em relação ao orçamento, queríamos evitar que o estado gastasse um dinheiro que não tinha e nos livrar dos aumentos automáticos para a educação. Pretendíamos mudar o sistema de aposentadoria do funcionalismo público, tornando-o mais parecido com o moderno sistema de planos de aposentadoria empresariais do setor privado, conhecidos nos Estados Unidos como 401(k), em razão da seção do código tributário americano em que estão previstos. E queríamos enfraquecer o domínio dos sindicatos sobre o legislativo, exigindo que tivessem permissão de seus membros antes de usarem as contribuições para financiar campanhas políticas. Talvez tenha sido ingênuo pensar que fôssemos conseguir realizar tantas coisas, mas meu instinto natural depois desse primeiro ano foi simplesmente continuar percorrendo minha lista de objetivos.

Essas propostas de votação popular passaram a ser conhecidas como minha agenda de reformas. Quando as divulguei, em janeiro, falei para o legislativo: "Amigos, chegou a hora de escolher... Eu acordo todo dia de manhã querendo ajeitar as coisas aqui em Sacramento. E hoje estou pedindo a vocês: me ajudem a fazer isso." Proclamei em tom grandioso que 2005 seria o ano da reforma na

Califórnia. O que não percebi, na época, foi quão exagerada soou essa minha retórica. Para resumir, eu havia declarado guerra aos três mais poderosos sindicatos de funcionários públicos do estado: guardas penitenciários, professores e funcionários públicos estaduais em geral. Pessoas que ouviram o discurso me disseram depois que das duas, uma: ou aquela era uma estratégia camicase e brilhante para esvaziar todo o cofre de guerra dos sindicatos antes da eleição no ano seguinte, ou então era apenas camicase – um suicídio político.

Não me dei conta do tamanho do meu erro. A maneira como apresentei meus planos fez todos no movimento trabalhista dizerem: "Xiii. Esse é um Arnold totalmente diferente. É melhor nos mobilizarmos." Até então, os sindicatos de funcionários públicos não queriam briga. Teria sido possível convencê-los a se sentar à mesa e chegar a um acordo razoável. Em vez disso, eu os havia bombardeado – como os japoneses haviam feito em Pearl Harbor –, dando-lhes assim um motivo para se unir e lutar.

Professores, bombeiros e policiais logo se juntaram às enfermeiras para protestar durante minhas aparições públicas. Sempre que eu chegava a algum evento, lá estavam eles acenando com cartazes, vaiando, entoando musiquinhas e tocando sinetas. Os sindicatos formaram coalizões batizadas com nomes como Aliança para uma Califórnia Melhor e começaram a gastar milhões de dólares com anúncios de TV e rádio. Um dos comerciais mostrava um bombeiro convencido de que as minhas reformas das aposentadorias iriam retirar benefícios de viúvas e órfãos. Outro mostrava professores e membros das associações de pais e mestres manifestando sua decepção comigo por tentar jogar nas costas das crianças a culpa pelos problemas orçamentários do estado.

A energia dos protestos me surpreendeu, mas as reformas eram importantes demais para que eu desistisse delas. Meu porta-voz disse à imprensa: "Estaremos disponíveis, 24 horas por dia, para qualquer democrata realmente disposto a negociar. Mas eles nunca se mostraram dispostos antes, e não podemos esperar para sempre." Comecei a veicular peças publicitárias como resposta para tentar minimizar a pior parte das distorções criadas pelos sindicatos e lembrar aos eleitores que a Califórnia precisava mudar. Em um dos comerciais, eu aparecia na fila de um café abordando pessoas e pedindo que elas me ajudassem a reformar a Califórnia para que pudéssemos reconstruí-la.

Se você passa a impressão de que está atacando professores, bombeiros e policiais, porém, sua popularidade irá cair. Meus índices de aprovação despencaram como se tivessem sido eletrocutados: de 60% em dezembro para 40% na primavera. Segundo as pesquisas, muitos eleitores também estavam frustrados com o fato de eu vir me transformando em apenas mais um político de Sacramento e me envolvendo em brigas de facções cujo único efeito seria paralisar ainda mais as atividades.

Maria ficou extremamente incomodada com minha campanha do Ano da

Reforma. Os Kennedy e os Shriver sempre tinham sido próximos da classe trabalhadora e agora ali estava eu, liderando ações antitrabalhistas. Ela se retraiu. Pude sentir a diferença: eu deixara de ter uma companheira constantemente do meu lado; de repente, ela se tornara mais ou menos neutra. "Não vou falar sobre essas questões em público", disse ela.

Apesar da diferença de opiniões, a política nunca tinha sido uma questão no nosso casamento. A meu ver, eu não estava sendo antitrabalhista, mas apenas arrumando a bagunça da Califórnia. Na campanha de Teddy Kennedy para seu sétimo mandato de senador, em 2000, Maria e eu ajudáramos dando uma festa para 500 pessoas em nossa casa. Todos os líderes sindicais importantes do país foram lá apoiá-lo e fazer lobby com ele para obter acordos, e depois mandaram cartões de agradecimento muito educados para mim e Maria. Eu me lembro de andar pelo gramado cumprimentando as pessoas e de pensar: "Me sinto bastante à vontade recebendo esses líderes trabalhistas na minha casa." Havia muitos sindicatos – de bombeiros hidráulicos, açougueiros, especialistas em encanamento, carpinteiros, pedreiros, cimenteiros –, e eu sempre tivera um bom relacionamento com todos. Eram os excessos dos sindicatos de funcionários públicos que eu considerava intoleráveis.

No início do verão, cumpri a ameaça de que, caso os democratas e seus partidários não se sentassem à mesa de negociações, deixaríamos que os eleitores decidissem. Exerci meu direito de governador e convoquei para novembro um pleito especial sobre minhas propostas de reforma. Com isso, Maria passou a ser ainda mais pressionada. Ela começou a receber telefonemas e cartas de líderes trabalhistas do país inteiro dizendo: "Se eu fosse você, conversaria com Arnold sobre isso." Ela sempre me informava sobre esses contatos, mas nunca defendeu o ponto de vista de meus adversários.

Minha mulher também teve que me defender junto aos pais. Eunice e Sarge passaram a fazer perguntas do tipo: "Arnold precisa mesmo atacar os sindicalistas dessa forma? Tem que ser tão duro assim? Por que ele não tenta ser igualmente rígido com as empresas?"

"Arnold está tentando lidar com um déficit de 15 bilhões de dólares, e os sindicalistas querem mais dinheiro", explicava Maria. "Além do mais, ele prometeu reformas na campanha e agora está tentando cumprir. É claro que os sindicalistas não estão gostando nada disso! Entendo a posição de vocês, mas também compreendo as preocupações dele." Estar no meio desse fogo cruzado foi difícil e esquisito para ela.

E meu telefone não parava de tocar. Líderes empresariais e conservadores me diziam: "Sei que aqueles Kennedy estão tentando convencê-lo a recuar, mas lembre-se: precisamos continuar essa batalha." A ideia de eu morar e dormir com o inimigo sempre os deixara malucos. Era quase possível escutar os mais radicais pensando: "Puta merda, é agora que Teddy Kennedy vai assumir as rédeas da Califórnia."

Nos bastidores, as negociações avançavam aos trancos e barrancos. A resistência dos sindicatos não era meu único obstáculo: muitos membros de

meu próprio gabinete também discordavam de mim. Pat Clarey e outros veteranos republicanos viam com ceticismo nossas chances de algum dia conseguir que os sindicatos negociassem de boa-fé e assumiam uma postura rígida. Eles pareciam ainda mais ávidos que eu por uma grande briga política.

Em vez de discutir com esses opositores, tentei contorná-los lançando mão de meu próprio poder de persuasão. Sem alarde, me reuni com o sindicato dos professores, que tinha sido meu aliado durante a campanha em prol dos programas extracurriculares, embora isso parecesse pertencer a um passado remoto. Procurei líderes dos sindicatos de policiais e bombeiros com quem já tinha trabalhado bem. E pedi a meu amigo Bob Hertzberg, o "Huggy", ex-presidente democrata da Assembleia, que agendasse reuniões secretas com o presidente em exercício, Fabián Núñez.

Essas conversas me permitiram avançar, sobretudo as que tive com Núñez, que ocorreram não na sede do governo, mas na varanda da minha casa. Meu objetivo era estabelecer acordos que pudessem substituir as votações populares. Caso isso acontecesse, eu poderia retirar cada uma das propostas de votação e trabalhar com o legislativo para implementar as reformas, ou então substituí-las por versões intermediárias aprovadas por ambos os lados.

O secretário de Estado Bruce McPherson, um republicano, nos informou que o prazo para rever as propostas de votação popular era meados de agosto. Quando a data foi se aproximando, Fabián e eu estávamos quase chegando a um acordo. Duas coisas, porém, ainda não tinham sido resolvidas. Alguns dos sindicatos continuavam a resistir, muito embora eu estivesse disposto a ceder mais da metade do terreno para agradá-los. Tenho certeza de que seus consultores políticos estavam apontando para as pesquisas de opinião pública e perguntando: "Por que fazer um acordo agora, se vocês podem arrasá-lo no pleito especial?" Eles estavam preparados para gastar 160 milhões de dólares em uma campanha contra mim e já podiam sentir gosto de sangue. De repente, os leões viram que podiam devorar o domador. O chicote já não os assustava.

O segundo problema era o fato de minha própria equipe ainda não estar convencida de que os sindicatos um dia fossem aceitar negociar. Eles também consideravam minha lista de objetivos ambiciosa demais para ser cumprida no prazo disponível. Eu não parava de ouvir que era assim mesmo que o governo funcionava e que os membros do legislativo simplesmente não eram tão ágeis quanto eu gostaria. Fabián e eu corremos contra o relógio para concluir o acordo a tempo de cancelar o pleito especial. Após negociações que vararam noites, conseguimos chegar a um denominador comum – mas então o secretário de Estado nos disse que era tarde demais para cancelar, que não havia tempo hábil para redigir e aprovar as novas propostas no legislativo antes da data-limite para a postagem dos votos dos residentes no exterior. O pleito especial foi mantido – não havia como voltar atrás.

O PLEITO ESPECIAL SE TRANSFORMOU EM uma causa célebre para os

sindicatos de funcionários públicos de todo o país. Quando dei por mim, o *New York Times*, o *Washington Post* e o *Wall Street Journal* estavam publicando matérias a respeito e o assunto ganhara repercussão até mesmo na imprensa internacional. Era a notícia política mais importante da Califórnia desde a eleição revogatória de Gray Davis, só que agora o que estava em xeque era o *meu* governo. Eu não previra um combate tão acirrado, mas de certa forma fiquei contente. Estávamos informando ao povo americano até onde os sindicalistas estavam dispostos a ir para proteger os próprios interesses, mesmo quando a situação era injusta.

Alguns dias depois, quando fui passar uns dias com Maria e as crianças em Hyannis Port, encontrei Teddy Kennedy.

– Se você quiser que eu converse com os líderes sindicais nacionais ou que entre na roda, é só dizer – ofereceu ele.

– Então diga a eles que eu sei que estão mandando dinheiro para a Califórnia para derrotar a mim e minhas propostas – falei. – Tente acalmá-los e explicar que um ajuste é inevitável. Não só na Califórnia, mas em todos os estados. Não podemos nos dar ao luxo de continuar honrando esses contratos caros agora que temos menos dinheiro em caixa.

Fiz a melhor campanha que pude pelas propostas, mas fomos ofuscados pela campanha publicitária. A Associação de Docentes da Califórnia hipotecou sua sede no subúrbio de Burlingame, na região da baía de São Francisco, e levantou mais dezenas de milhares de dólares para nos atacar. As ondas de rádio foram tomadas de assalto por comerciais reclamando que a Califórnia estava pior que antes e transformando o pleito especial em um referendo sobre mim: Arnold não está cumprindo o que prometeu. Arnold está abandonando as crianças. Arnold está abandonando os idosos. Arnold está abandonando os pobres. A associação espalhou outdoors pelo estado com os dizeres "Arnold Schwarzenegger não é quem pensamos que fosse". Chegaram até a contratar astros como Warren Beatty, sua mulher, Annette Bening, e o diretor Rob Reiner para fazer campanha contra mim.

Também adotamos uma estratégia agressiva para levantar dinheiro. Gastamos os recursos do fundo de campanha para minha possível reeleição em 2006 e cheguei a doar 8 milhões de dólares do meu próprio bolso. No entanto, mesmo tendo arrecadado 80 milhões, não podíamos competir com o dinheiro dos sindicatos. As campanhas acabaram consumindo mais de 250 milhões de dólares, fazendo desse pleito o mais caro da história da Califórnia.

Já tive derrotas boas e derrotas ruins. Uma derrota boa é quando, mesmo perdendo, fica-se um pouco mais perto de seu objetivo final. Perder a primeira disputa de Mister Olympia para Sergio Oliva, em 1969, foi bom porque, na preparação, posso dizer sinceramente que não deixei pedra sobre pedra. Eu me alimentei de maneira adequada, tomei os suplementos que devia, treinei cinco horas por dia, pratiquei as poses, me preparei psicologicamente e estava na melhor forma da minha vida – nunca tivera um bronzeado tão bonito até então. Quando Sergio venceu, eu sabia que tinha dado o melhor de mim e que

voltaria ainda mais forte no ano seguinte.

Essa derrota política, no entanto, não teve o mesmo efeito. Doeu de verdade. Foi como perder para Frank Zane em Miami, logo depois que cheguei aos Estados Unidos, quando entrei em uma competição importante excessivamente confiante mas sem o preparo adequado. Na ocasião, quando perdi, a culpa foi só minha. Dessa vez, porém, tinha dito aos eleitores que resolveria seus problemas, mas, em vez disso, apenas 24 meses depois de uma cansativa eleição revogatória, esgotara sua paciência forçando-os a voltar às urnas e a digerir vários tipos de questões complexas. Eu colocara em suas costas o fardo de solucionar os problemas, quando na verdade eles queriam que *eu* cuidasse do assunto. Até mesmo Maria reclamou que era impossível ler tudo o que era necessário para tomar decisões conscientes em relação às propostas apresentadas. Quando me escolheram, os eleitores pensaram que estavam tomando um remédio para emagrecer. Mas, em vez de cumprir o prometido, eu voltara atrás e pedira a eles que me encontrassem na academia às cinco da manhã para fazer 500 flexões.

Não esperei o pleito em si para analisar qual fora o meu erro. Em uma noite do final de outubro, sentado na banheira de hidromassagem da varanda da minha casa, fumando um charuto, fiquei olhando para a lareira acesa e pensando. Então me lembrei do dia em que tomei posse e conheci o pai de um bombeiro que morrera em serviço.

– Que tragédia terrível – eu lhe disse. – Se houver algo que eu possa fazer, é só me dizer.

E a resposta dele foi:

– Se o senhor quiser fazer alguma coisa por mim, que seja em homenagem ao meu filho. Quando chegar a Sacramento, por favor acabe com as brigas. Chegue a um entendimento e siga em frente.

Essas palavras ecoaram em minha mente. E me forcei a encarar o fato de que o fracasso de minhas propostas de votação popular não se devia apenas à intransigência dos sindicatos. Minha abordagem fora excessivamente confrontadora, eu me mostrara apressado demais, e na realidade não havia escutado a população. Tínhamos deixado a ambição falar mais alto, e o tiro saíra pela culatra.

Além disso, eu permitira que minha cruzada reformista ameaçasse o outro grande compromisso que assumira ao me tornar governador: revitalizar a economia da Califórnia e reconstruir o estado. Havia liderado meu gabinete em uma batalha impossível de ganhar e podia constatar os efeitos que isso provocara. Eu tinha uma boa equipe, sobretudo considerando o fato de ter sido formada na correria após a eleição revogatória. Aquelas pessoas haviam me ajudado a conquistar os importantes sucessos de nosso primeiro ano de governo. No entanto, com a iminente derrota de nossa agenda de reformas, a equipe vinha sendo minada por confusões e desentendimentos. O moral estava muito baixo. Alguns estavam inseguros em relação ao próprio emprego. Informações vazavam para a imprensa. Havia conflito de objetivos entre os

membros da equipe e entre mim e eles.

Nós vínhamos cometendo erros não apenas nos bastidores, mas também em público. Em uma coletiva de imprensa convocada para promover a reforma dos limites distritais, a equipe me mandou para o lugar errado. O evento deveria ocorrer na fronteira entre dois distritos cujos limites haviam sido traçados de forma desigual, fato que tentamos dramatizar usando fita adesiva de cor laranja para traçar uma linha no meio de um bairro – só que a verdadeira fronteira ficava a vários quarteirões dali.

Tudo isso pôs muita pressão em cima de Pat. Ela estava cansada de tanta briga.

– Quando chegar a hora, vou seguir meu caminho – falou. – Quero voltar para o setor privado, e você deveria arrumar outra pessoa para ocupar meu lugar.

– O que quer que aconteça nesta votação, aconteceu e pronto – retruquei. – Vamos esperar um pouco até as pessoas recuperarem o fôlego, mas depois vai ser a hora certa. Tenho que trazer gente nova.

Ela concordou.

As pesquisas de opinião não estavam enganadas: 8 de novembro de 2005 foi um verdadeiro desastre. Todas as minhas quatro propostas de votação popular perderam, e os eleitores rejeitaram a mais importante – a reforma orçamentária – por uma margem de 24 pontos percentuais. Nessa noite, em uma reunião, Maria ficou do meu lado enquanto eu fazia um discurso conciliatório. Agradeci aos eleitores por terem ido às urnas, incluindo os que tinham votado contra as minhas propostas. Prometi me reunir com líderes democratas para tentar chegar a um consenso. Pouco depois, durante uma coletiva de imprensa no Capitólio, afirmei não desejar que o gabinete levasse a culpa por erros que eram meus. "A culpa é minha. Assumo total responsabilidade por essa eleição. Assumo total responsabilidade por esse fracasso."

Prometi que não haveria mais brigas. O ano seguinte começaria em outro tom.

A volta por cima

NO FINAL DE 2005, FIQUEI FELIZ EM DEIXAR Sacramento para trás e embarcar em um avião para uma missão comercial na China, planejada tempos antes. Eu liderava uma delegação de 75 empresários do estado da Califórnia – entre eles empreendedores do ramo da tecnologia, plantadores de morangos, engenheiros da construção civil e comerciantes –, e passamos seis dias viajando pela economia de crescimento mais veloz do mundo para promover os pontos fortes de nosso estado. Para mim foi uma viagem importante, não apenas por me proporcionar uma mudança de cenário bem-vinda após a derrota no pleito especial, mas também porque observar a China transformando a si mesma me ajudou a ver a situação com mais clareza. A escala de construção dos chineses era enorme. Tive a sensação de estar testemunhando uma potência moderna tomar forma diante dos meus olhos e pude sentir o desafio e a oportunidade que isso representava para os americanos. Além disso, é claro, para um vendedor como eu, era uma alegria estar de volta à ativa vendendo produtos californianos na Ásia. Essa missão comercial proporcionou ao estado um belo sucesso simbólico. Pela primeira vez, pudemos exportar legalmente morangos californianos para Pequim, bem a tempo dos Jogos Olímpicos de 2008 na cidade.

Quando voltei à Califórnia, meus problemas de gabinete assumiram o primeiro plano. Era uma época difícil para se fazer mudanças importantes, pois faltava menos de um ano para a eleição de governador. Mesmo assim, era preciso operá-las. Eu agora entendia bem mais sobre a política estadual e conhecia mais gente importante. Não precisava apenas de pessoas inteligentes e com experiência; precisava também de uma equipe coesa. Depois do pleito especial, segundo as pesquisas de opinião, apenas 27% dos eleitores achavam que a Califórnia estava indo na direção certa, e meu índice de aprovação era de apenas 38%. Eu também precisava de gente corajosa, que não fosse ficar paralisada por causa desses números e que conseguisse até ver certo humor negro no fato de minha popularidade estar quase tão baixa quanto a do legislativo.

Já sabia quem eu queria como nova chefe de gabinete: Susan P. Kennedy. Como a imprensa logo passou a descrevê-la, Susan era gay, baixinha, durona, loura e fumante de charutos – a escolha menos convencional que eu poderia

ter feito. Tinha sido democrata a vida inteira, era ex-ativista a favor do direito ao aborto e fora secretária e vice-chefe de gabinete do governador Gray Davis. O desgosto com a falta de ação no Capitólio Estadual a levara a sair do emprego.

Foi durante o seu período como uma das responsáveis pela Comissão de Serviços Públicos do estado que Susan conquistou o meu respeito. Apesar de ser democrata, ela sempre defendia a supressão de regulamentos que impedissem o crescimento econômico. De vez em quando, fazia circular memorandos com comentários diretos e bem claros sobre os desafios que meu governo precisava enfrentar. Ela estava frustrada, pois achava que corríamos o risco de desperdiçar uma oportunidade histórica de mudança.

Tivemos algumas reuniões preliminares e ofereci o cargo a ela. Antes de aceitar, ela foi falar com Maria e comigo em nossa casa, assim que voltei da China. A conversa abordou vários assuntos, até mesmo as questões que ela teria que enfrentar para conviver com os republicanos do gabinete.

– Farei tudo o que puder para evitar um banho de sangue, pois isso só nos atrasaria e prejudicaria ainda mais a sua imagem – afirmou ela. – Mas você tem que me dar permissão para recomendar toda e qualquer mudança que precise ser feita. E, se houver uma disputa, você terá que me dar seu completo apoio.

– Farei isso. Vamos trabalhar juntos – prometi.

Por fim, fiz a ela a pergunta que sempre se faz ao final de qualquer entrevista de emprego:

– Você tem alguma dúvida?

– Tenho, sim – respondeu ela. – Que legado você quer deixar como governador?

Passei alguns segundos encarando-a antes de responder. Um governador ouve essa dúvida o tempo todo. Além disso, eu sabia que Susan já estava a par das conquistas do meu governo e do que estávamos tentando fazer. Mas achei que aquela mulher pequenina e enérgica talvez quisesse mesmo saber o que mais me importava.

– Eu quero construir – respondi. – Quero ver guindastes por toda parte.

A população de nosso estado estava chegando aos 50 milhões, e ainda não tínhamos as estradas, pontes, escolas, canalizações, os sistemas de comunicação, ferrovias e projetos de geração de energia necessários.

Fiquei bastante animado falando sobre construção, e Susan se deixou contagiar. Quando vimos, estávamos ambos discorrendo exaltados sobre guindastes, trens, rodovias e aço.

– Vi você na TV falando sobre isso quando estava na China! – exclamou ela. – Você disse que deveríamos estar pensando em uma emissão de títulos de 50 a 100 bilhões de dólares... coisa séria. Aí o seu gabinete tentou reduzir esse valor. Bom, eles estavam errados. Quem tinha toda a razão era você!

Foi nessa hora que eu soube que nos daríamos bem. Quando eu começava a discorrer sobre infraestrutura, muitas pessoas reviravam os olhos, mas Susan,

não. Ela também achava que o estado não previra estradas, pontes, represas, diques e ferrovias suficientes para acompanhar o crescimento da população e ainda vivia dos investimentos visionários dos governadores das décadas de 1950 e 1960, que haviam construído rodovias e projetos de abastecimento de água e ajudaram a impulsionar a economia do estado. Consequentemente, tínhamos um sistema planejado para uma população de 18 milhões de pessoas, não de 50, que era a projeção populacional para a Califórnia em 2025. Susan não deixaria de investir em projetos que só seriam concluídos muitos anos depois de sairmos do poder.

Em vez de encerrar a reunião, reacendi meu charuto.

– A Califórnia não pode mais continuar assim – comentou Susan.

– Temos que reconstruir em grande escala – falei.

– Mas ninguém pensa assim em Sacramento.

Era verdade. Eu havia aprendido que, para os políticos, tudo era gradativo. Em Sacramento a regra era que não se podia ter uma emissão de títulos públicos superior a 10 bilhões de dólares, porque o eleitorado jamais aprovaria números de dois dígitos. Era por isso que os democratas estavam falando em pedir 9,9 bilhões para aquele ano. Eles então dividiriam o dinheiro entre os diversos grupos de interesse e diriam: "Dois bilhões de dólares para as escolas, dois para as rodovias, dois para as prisões" e assim por diante. O fato de não se poder construir nada com essa quantia não vinha ao caso!

Susan disse que ficava incomodada por ver minha própria equipe minando minhas declarações quando eu mencionava planos grandiosos. Na China, um de meus assessores dissera aos jornalistas: "Não, o governador na realidade não quis dizer 50 ou 100 bilhões. Ele só estava pensando em voz alta."

Ela acabara de pôr o dedo em uma ferida que vinha me corroendo: quando eu falava sobre o estado que imaginava, muitas vezes sentia que as pessoas reagiam de forma condescendente. Não ser levado a sério era um grave problema. Eu dizia "Quero 1 milhão de telhados solares" e o gabinete reagia como se eu estivesse exagerando para impressionar – como se quisesse dizer apenas 100. Mas era 1 milhão mesmo que eu queria! A Califórnia é um estado gigantesco e eu tinha todos os motivos do mundo para querer 1 milhão de telhados solares.

Minhas ideias eram quase sempre recebidas com comentários de que eu estava exagerando na dose, além de estar tomando a decisão política errada. Até a chegada de Susan, eu não tinha ninguém com quem discutir essas ideias de modo profissional, ninguém para me ajudar a dar forma a elas e aprimorá-las, em vez de simplesmente reduzir seu escopo. Susan gosta de dizer que me considera o maior motor do mundo e que seu trabalho é construir um chassi que suporte o motor operando em velocidade máxima. Finalmente eu tinha uma parceira.

Antes de contratá-la, dei telefonemas suficientes para descobrir qual seria a repercussão de sua chegada. Vi que nada boa. Minha escolha pegou muita gente de surpresa, sobretudo entre meus colegas republicanos. Todos eles

sabiam que ela era democrata e ex-ativista. Só não sabiam que era uma democrata fula da vida, ávida por mudanças.

Quando eu informava ter escolhido Susan, a reação costumava ser "Mas você não pode fazer isso!", ao que eu retrucava: "Posso, sim. É claro que posso. Não só posso como vou." Tive que explicar algumas vezes que, embora seu sobrenome fosse Kennedy, ela não era membro do clã, e Teddy na realidade não estava assumindo o controle do estado. Algumas pessoas chegaram a falar em convocar o ator Mel Gibson, cujo controverso filme *A paixão de Cristo* tivera enorme sucesso entre os conservadores religiosos, para desafiar minha candidatura na primária republicana de 2006.

Os dirigentes do Partido Republicano da Califórnia solicitaram uma reunião fechada comigo no hotel Hyatt Regency, situado em frente ao Capitólio do estado, do outro lado da rua, e nela exigiram que eu reconsiderasse minha escolha. Um dos líderes do partido insistiu que os republicanos não iriam trabalhar comigo a menos que eu escolhesse outra pessoa. O recado foi: "Não confiamos em Susan Kennedy e não vamos deixá-la assistir a nossas reuniões estratégicas. Ou seja, você vai ficar totalmente isolado."

Respondi que, assim como ele precisava tomar decisões como líder do partido, eu também tinha que fazer isso como governador. A escolha do gabinete cabia a mim, não a eles. Além do mais, afirmei estar certo de que os membros republicanos do legislativo iriam cooperar com Susan, porque ela era incrível.

Começamos a trabalhar extraoficialmente pouco antes do Dia de Ação de Graças de 2005. A primeira medida de Susan foi muito astuta. Em vez de iniciar fazendo grandes mudanças no quadro de assistentes, ela se concentrou no objetivo maior: reconstruir o estado. Reuniu os membros seniores da equipe e pediu que coletassem todas as informações que conseguissem encontrar em relação à expansão de rodovias, rede de água tratada, habitação, prisões e sistema de ensino. Perguntou que tipo de Califórnia nós imaginávamos para dali a 20 anos. E quanto esse estado custaria? Alguns acharam a ideia objetiva demais e se opuseram, mas Susan disse apenas: "Entendo seu ponto de vista. Mas vamos suspender a incredulidade e simplesmente fazer planos."

As respostas chegaram e a conta fechou em 500 bilhões de dólares. Era esse montante que os governos federal, estadual e locais, as parcerias público-privadas e a iniciativa privada precisariam desembolsar para construir a Califórnia de 2025. Meio *trilhão* de dólares – uma cifra tão estarrecedora, até mesmo para nós, que não podíamos trabalhar com ela. Assim, reduzimos o prazo para 10 anos e pedimos ao gabinete que repetisse o exercício. O número caiu para 222 bilhões, dos quais 68 bilhões em recursos do estado sob a forma de títulos do governo. Mesmo assim, ainda eram números altíssimos. Se a Califórnia tentasse pedir esse dinheiro emprestado para a construção, seria de longe a maior aposta em si mesma que já teria feito. No entanto, bolamos um

plano para espaçar o empréstimo ao longo dos 10 anos, transformando-o em uma quantia possível de administrar. Os líderes californianos haviam aberto mão da responsabilidade de planejar investimentos de grande porte, deixando os enormes projetos de infraestrutura aos caprichos de um punhado de grupos de interesse especiais que recolhiam assinaturas e "vendiam" potes de dinheiro em forma de títulos públicos para quem se dispusesse a financiar a campanha em prol de uma votação popular para aprovar as obras. O resultado foi que, ao longo dos anos, os eleitores aprovaram a emissão de dezenas de bilhões de dólares em títulos do governo cuja maior parte foi gasta em projetos de interesse especial, e nada de valor foi construído.

Sou bastante mão-fechada quando se trata de gastar dinheiro dos contribuintes, mas também acredito muito em investir para o futuro. Tive que instruir o legislativo nesse quesito, sobretudo os membros republicanos, que achavam que construção e gastos eram a mesma coisa. Quando você gasta, o dinheiro some. É como escolher entre construir uma casa e comprar um sofá novo. Quando você constrói uma casa, seu investimento rende. Por outro lado, quando compra um sofá, a peça perde valor no minuto em que é retirada da loja. É por isso que sempre digo: casa é investimento; móvel é despesa.

Na verdade, as obras de infraestrutura são uma das três formas de garantir retorno do investimento 100 anos depois. A primeira é construir bens públicos que durem esse tempo. A segunda é utilizar o dinheiro para inventar algo que continuará a ser usado daqui a um século. E a terceira é educar seus filhos e netos para que saibam valorizar o mérito do conhecimento, de modo que eles eduquem seus próprios filhos e netos, e assim por diante. Se tiver sucesso em uma dessas três medidas, você terá investido bem o seu dinheiro. Poderá até ser lembrado por isso.

Imaginar todas as escolas, estradas, os sistemas de transporte, pontes, portos, redes de energia, comunicação e água que 68 bilhões de dólares poderiam viabilizar era o paraíso para mim. Pedi a Susan e aos demais membros do gabinete que desenvolvessem um plano formal. Eu acreditava que os californianos adorariam a ideia de construir para as futuras gerações e sabia que conseguiria vendê-la.

A DECISÃO DE NOS CONCENTRAR IMEDIATAMENTE em um projeto importante dissipou os temores da equipe e ajudou bastante a melhorar o moral. As pessoas mostraram interesse e voltaram ao trabalho. Na realidade, acabamos constatando que sequer era preciso substituir tanta gente quanto pensáramos no início, e no fim das contas contratamos apenas seis novos assistentes seniores. Para meu porta-voz, contratei Adam Mendelsohn, republicano brilhante e criativo que já havia trabalhado com Matt Fong, ex-secretário de Fazenda do estado. Para o cargo de secretário executivo, posto-chave para o dia a dia do gabinete, convidei Dan Dunmoyer, republicano conservador e executivo da área de seguros com larga experiência na esfera estadual. Também contratamos alguns assessores que já tinham trabalhado bem com Susan, e

entre eles o mais importante foi Daniel Zingale, democrata especialista em sistemas de saúde e ex-consultor de Gray Davis. A equipe brilhou quase na mesma hora em que foi criada e se tornou a única administração genuinamente bipartidária da história da Califórnia. E todos os seus integrantes tinham uma mesma visão: a minha.

Como a eleição para governador estava próxima, eu também precisava de consultores políticos. Então pedi ajuda a Maria. Encontrar pessoas talentosas é um de seus grandes dons, qualidade herdada do pai. Embora não conhecesse tão bem os grandes destaques da ala republicana, ela trabalhou nos bastidores para recrutar membros influentes que se sentissem à vontade com minhas opiniões muitas vezes não convencionais. Contratamos Steve Schmidt, que ajudara a formular a campanha do segundo mandato de George W. Bush, bem como Matthew Dowd, ex-estrategista-chefe de campanha de George W. Bush. Schmidt mostrou-se bastante insensível em relação às minhas poucas chances de reeleição. Em uma das primeiras reuniões que fizemos para discutir o tema com os membros seniores do gabinete e Maria, ele me disse que as pesquisas mostravam que os eleitores estavam bravos. Não pensavam ter escolhido um governador radical e com certeza não achavam que devessem tomar as decisões no meu lugar. Sua mensagem, porém, tinha um lado bom: as pessoas gostavam de mim. Seu conselho foi:

– Seja humilde, Arnold. Peça desculpas por ter errado e pare de fazer espetáculos políticos como aquele com a bola de demolição.

Quando ele terminou de falar, dei algumas baforadas no meu charuto. Sempre penso em imagens, e precisei de apenas 30 segundos para visualizar quem seria aquele governador. Por fim, disse a ele:

– Sou perfeitamente capaz de interpretar esse papel.

Em 5 de janeiro de 2006, quando subi ao pódio do plenário da Assembleia Legislativa da Califórnia para fazer meu discurso "O estado do estado", resumindo o ano anterior, era um governador melhor. Eu deixara de ser um conservador agressivo e beligerante, como fora retratado no pleito especial. Posicionei-me como um homem pragmático, enérgico, que queria fazer as coisas avançarem.

Fazia sentido começar com um pedido de desculpas: "Pensei muito no ano passado, nos erros que cometi e nas lições que aprendi – falei. – Fui apressado demais e não escutei a maioria dos californianos quando eles disseram não querer a votação especial. Agora assimilei minha derrota e aprendi minha lição. E a mensagem da população, que sempre tem a última palavra, foi clara: chega de guerra, chega de retórica, encontrem um denominador comum e resolvam os problemas juntos. Assim, posso agora dizer a meus conterrâneos da Califórnia: compreendi a mensagem."

Brinquei com meu índice de aprovação, que àquela altura havia despencado mais ainda, ficando abaixo dos 30%, e com o fato de as pessoas terem começado a perguntar: "Você não gostaria de voltar a fazer cinema?" No entanto, respondi que ainda achava aquele o melhor emprego que já tivera, e

que estava ali, diante da Assembleia Legislativa e do Senado Estadual, feliz, esperançoso... e mais sábio.

Eu me gabei de coisas pelas quais todos merecíamos crédito, desde equilibrar o orçamento sem aumentar os impostos a proibir refrigerantes e comida pouco nutritiva nas escolas. Recordei nossas importantes conquistas: a reforma do sistema de seguros e indenizações trabalhistas, o financiamento das pesquisas com células-tronco, o refinanciamento da dívida estadual, as novas leis que tornavam o governo mais transparente e acessível.

Então revelei os números impressionantes: as centenas de bilhões de dólares em investimentos de que precisaríamos para sustentar o crescimento futuro da Califórnia. Meu primeiro passo foi apresentar o plano de 10 anos que meu gabinete se esfalfara para aperfeiçoar, batizado de Plano de Crescimento Estratégico. E pedi ao legislativo que submetesse aos eleitores a emissão dos 68 bilhões de dólares em títulos públicos que seriam necessários para implementar o projeto.

No dia seguinte, as manchetes dos jornais foram perfeitas: o governador dizendo "Vamos construir". Ao propor algo tão neutro politicamente e tão grandioso, eu havia pegado muitos membros do legislativo de surpresa. Naturalmente, houve ceticismo de parte a parte. Os democratas, de modo geral, disseram "Certo, parece ótimo, mas quero só ver", ao passo que os republicanos reagiram com "Como ele vai pagar por isso?". Apesar de tudo, tantos integrantes de ambos os partidos e sindicalistas me procuraram para dizer "Muito bem, vamos começar de novo" que eu soube que estava no caminho certo.

Com a eleição para governador cada vez mais próxima, havia três mensagens que queríamos transmitir aos eleitores: Arnold é um servidor público, não marionete de um partido; ele não tem medo de enfrentar problemas grandes; vocês hoje estão mais bem servidos que com Gray Davis. Transmitimos essas mensagens usando uma mesma estratégia: toda vez que conseguíamos aprovar alguma medida no legislativo, íamos a público declarar vitória.

Nos bastidores, também precisávamos consertar inúmeras relações. Tínhamos que recair nas graças dos grupos importantes que minha votação especial conseguira desagradar e que haviam acabado de gastar 160 milhões de dólares para me derrotar. Em sua sala, Susan afixou um quadro com uma lista de todos esses grupos, que Schmidt batizou de "Coalizão dos Furiosos". A listagem, é claro, incluía todos os grupos de funcionários públicos – sindicatos de professores, bombeiros, enfermeiras, guardas de prisão –, bem como todas as principais tribos indígenas que exploravam jogos de azar – o rol era interminável. Na relação também tinham sido incluídos grupos geralmente favoráveis aos republicanos, como delegados de polícia, xerifes, associações de fabricantes e associações de pequenas empresas.

Na verdade, com a única exceção da Câmara de Comércio da Califórnia, todos os grupos de interesse político importantes do estado planejavam ou

não me apoiar, ou então se empenhar ativamente para me fazer perder a eleição. E, como eu havia aprendido da maneira mais dolorosa, eles de fato tinham poder para bloquear projetos e impedir mudanças. Se quiséssemos realizar alguma coisa, precisávamos escolher nossas batalhas e nossos oponentes.

Junto com nossos aliados, metemos mãos à obra para neutralizar cada um dos opositores. O fato de a economia da Califórnia estar crescendo novamente ajudou muito: significava que bilhões de dólares de impostos tinham enchido de repente os cofres do estado. Pusemos fim a uma antiga contenda judicial com os professores e tivemos vários encontros com chefes de bombeiros, delegados de polícia e xerifes para tranquilizá-los em relação a suas aposentadorias. Em alguns casos, reconstruir a relação levou meses. Sindicatos importantes tinham contratos que estavam para vencer, de modo que nos demoramos nas negociações, sabendo que eles veriam minha força junto à opinião pública aumentar e decidiriam que havia uma boa chance de eu ser reeleito e de talvez terem que lidar comigo por mais quatro anos.

Como sempre, o maior desafio de todos foi conseguir a cooperação da maioria democrata na Assembleia Legislativa estadual. Fizemos isso abraçando questões às quais os democratas não podiam se opor, como investimentos em infraestrutura e meio ambiente. Essa abordagem lhes deu uma escolha muito clara: eles podiam me combater e ser considerados obstrucionistas, enquanto eu estava tentando fazer o estado avançar. Ou então poderiam se juntar aos meus esforços e progredir em questões caras aos corações de seus eleitores. Os democratas entenderam que o fato de um governador republicano assumir o comando de questões desse porte era uma oportunidade de reconciliação política que não podiam se dar ao luxo de ignorar, comparável à visita de Nixon à China de Mao Tsé-Tung em 1972.

Após meses de duras negociações, os democratas escolheram o caminho da cooperação. Em maio, conseguimos a maioria de dois terços necessária para aprovar o pacote de emissão de títulos públicos. Depois de reformulada e redimensionada, minha proposta de 68 bilhões de dólares passou para 42 bilhões. Levamos mais dois anos para negociar recursos para as propostas relacionadas a prisões e redes de água, mas acabamos conseguindo tudo. Foi, de longe, o pacote de infraestrutura mais ambicioso desse tipo em toda a trajetória da Califórnia. A imprensa o qualificou de "histórico". Agora o pacote precisava passar pelo crivo dos eleitores, em novembro, mas a simples aprovação no legislativo – o fato de a Califórnia ter conseguido se unir para tomar uma atitude em relação a uma questão fundamental com a qual todos os estados se viam confrontados – ganhou o noticiário em âmbito nacional.

Eu sabia exatamente como vender ao eleitorado algo que soa tão maçante quanto "infraestrutura". Nós apresentamos a questão de maneira pessoal. Não ficamos simplesmente insistindo nesse termo e no montante dos títulos públicos. Em vez disso, percorri o estado conversando com eleitores sobre como era irritante viver preso em engarrafamentos, e como eles viviam

perdendo a partida de futebol dos filhos ou o jantar com a família. Conversei sobre a sua frustração com as salas de aula lotadas e temporárias que muitos de seus filhos frequentavam.

Depois do furacão Katrina, em 2005, foi mais fácil fazer as pessoas entenderem como os antigos diques da Califórnia eram vulneráveis. Na era pré-histórica, toda a parte central do estado era um imenso mar interno, e o terreno agora era um pouco parecido com o da Holanda. Se não fossem os diques e o controle de enchentes, as águas poderiam voltar a subir e nos transformar na Louisiana da Costa Oeste. Um único terremoto grave poderia destruir o sistema e inundar todo o vale interior do estado, eliminando as fontes de água potável de dezenas de milhões de pessoas na parte sul.

Eu também tinha grandes planos para concluir o sistema de canalizações estadual: abrir um canal para assegurar o fluxo de água do norte, onde ela é abundante, para o sul, onde a maior parte é consumida. No início dos anos 1960, o governador Pat Brown, pai de Jerry, iniciara esse projeto com a ambição de tornar o sistema tão grandioso que nunca mais haveria disputa por água. Ronald Reagan, entretanto, interrompera a construção ao assumir o cargo em 1967, e a questão seguia causando conflitos entre os californianos, como acontecera durante a maior parte da história do estado.

Para vender o pacote aos eleitores, convidei líderes dos dois partidos no legislativo para me acompanharem em uma série de visitas pelo estado. Foi muito estranho ver democratas e republicanos fazendo algo juntos! O fato de membros democratas do legislativo estarem participando de uma campanha com um governador republicano candidato à reeleição tornava ainda mais surpreendente estarmos juntos na estrada. Com tudo isso, meu adversário democrata, Phil Angelides, enlouqueceu. Os legisladores, porém, puderam cantar vitória e constataram como a resposta do público foi positiva. Estavam tão acostumados a ouvir: "Sua aprovação é uma droga, ninguém gosta de vocês. Vivem esbanjando dinheiro, só pensam nos próprios interesses, estão mancomunados com os sindicalistas, estão de conluio com as empresas..." De uma hora para outra, eles passaram a se sentir vencedores. Haviam aprovado os títulos públicos, e a população agora dizia: "Nossa, que incrível, republicanos e democratas unindo esforços... finalmente!"

Assim, chegamos ao fim do impasse. A energia gerada pelo pacote de títulos nos impulsionou para um ano extremamente produtivo. Nesse verão, aprovamos um orçamento de 128 bilhões de dólares para 2006-2007 que incluía um importante aumento de recursos para escolas, mais 2 bilhões para amortização da dívida. A aprovação correu sem os eternos atrasos e brigas, transformando esse orçamento no primeiro a ser aprovado no prazo em anos. Após algumas manobras, negociamos um aumento do salário mínimo, necessário havia tempos. Minha proposta de votação popular "1 milhão de telhado solares" tornou-se lei em setembro, gerando 2,9 bilhões de dólares em incentivos para os californianos equiparem suas casas com energia solar. A ideia era estimular a inovação, criar empregos e fazer com que 3 mil megawatts

de energia solar fossem gerados em 10 anos – o bastante para substituir seis usinas a carvão.

Em 2006, demos nosso salto mais ousado em matéria de políticas públicas: a legislação histórica sobre mudanças climáticas, uma das questões mais controversas da política americana moderna. A Lei de Soluções para o Aquecimento Global da Califórnia comprometeu o estado a limitar e em seguida reduzir drasticamente as emissões de carbono ao longo dos 15 anos seguintes: 30% até 2020, 80% até 2050. Foi a primeira legislação desse tipo no país, e líderes políticos e ambientalistas previram que ela geraria desdobramentos mundo afora. O primeiro-ministro britânico, Tony Blair, que ajudara a vender aos democratas o conceito de limites para emissões e comércio de carbono, assistiu à cerimônia de assinatura por conexão via satélite. Membro do Partido Trabalhista do Reino Unido, ele convenceu Fabián e outros democratas de que estabelecer tetos para as emissões e o comércio de carbono era uma boa solução. O Japão nos fez um elogio oficial.

Para que a Califórnia alcançasse objetivos tão agressivos, teríamos que combater os gases de efeito estufa por todos os lados. A lei afetaria não só dezenas de indústrias, mas também nossos carros, casas, rodovias, cidades e estabelecimentos agrícolas. Como assinalou o *San Francisco Chronicle*, isso poderia ter como consequências um aumento do transporte público, casas construídas mais próximas umas das outras, o plantio de 1 milhão de novas árvores e importantes investimentos em formas de energia alternativa.

A lei do aquecimento global virou notícia não apenas porque a Califórnia era, depois do Texas, o maior emissor de gases de efeito estufa dos Estados Unidos, mas também porque estávamos seguindo um caminho radicalmente diferente dos do Congresso nacional e do presidente Bush. Mesmo antes de eu me tornar governador, Califórnia e Washington já não se entendiam em relação às mudanças climáticas. Gray Davis assinara uma lei obrigando os fabricantes que quisessem vender carros na Califórnia a reduzir as emissões dos veículos de passeio em quase um terço até 2016 e aumentar a eficiência média de combustível de 11,5km/l para quase 15km/l. As emissões dos carros de passeio representavam 40% dos gases de efeito estufa em nosso estado. A Agência de Proteção Ambiental (EPA, na sigla em inglês) do governo Bush, porém, nos impediu de implementar a chamada "lei do cano de descarga". Os fabricantes de automóveis combateram com tanto vigor nossa visão ambientalista que se juntaram para processar a Califórnia – e a mim! Eles fizeram de tudo para tentar dificultar nosso progresso, mas acabamos vencendo. Quando o presidente Barack Obama tomou posse, em 2009, basicamente adotou o padrão da Califórnia, e a coalizão dos fabricantes de automóveis aceitou um meio-termo que os obrigava a fabricar carros para o país todo com uma eficiência de combustível de 14,88km/l até 2016, uma melhoria de 40% em comparação com os atuais 10,6km/l.

Nunca fiz segredo sobre minha impaciência com o atraso intencional do presidente Bush na questão das mudanças climáticas, e já tínhamos

conversado abertamente sobre a questão. Texano, ele se considerava um grande ambientalista por ter criado reservas florestais e marítimas gigantescas. No entanto, embora seu governo propusesse maneiras de reduzir as emissões de gás de efeito estufa, o administrador da EPA que ele nomeou tentou sabotar nossos esforços a cada etapa do caminho. Para mim, agir significava convencer mais pessoas e fazê-las participar do movimento. Vários ambientalistas que falam sobre aquecimento global estão interessados apenas em expor os problemas. É uma boa forma de fazer as pessoas se sentirem culpadas e impotentes – sentimentos que não agradam a ninguém. Além disso, é difícil se identificar com um urso polar em cima de uma banquisa quando se está desempregado, preocupado com o plano de saúde ou a educação dos filhos. Eu promovia a Lei de Soluções para o Aquecimento Global da Califórnia como benéfica para as empresas – não apenas as grandes e estabelecidas, mas também os novos empreendimentos. Na realidade, nosso intuito era criar uma indústria totalmente nova e limpa que gerasse empregos, desenvolvesse tecnologias de ponta e se tornasse um modelo para o restante do país e do mundo.

No entanto, foi muito difícil chegar a um consenso, e a Lei do Aquecimento Global estava longe de ser perfeita. Houve graves desavenças internas, bem como contendas com legisladores e grupos de interesse, mas lidamos com esses conflitos escutando uns aos outros e debatendo os méritos da lei. Conversamos com líderes ativistas e acadêmicos de prestígio, com fabricantes de automóveis, gigantes do setor de energia, fornecedores de serviços públicos, agricultores, empresas de transporte. Enquanto trabalhávamos na lei sobre mudanças climáticas, fui falar com os presidentes da Chevron, da Occidental e da British Petroleum, pois queria lhes garantir que aquilo não era um ataque direto a elas. Era uma maneira de combater um problema que não tinha sido previsto 100 anos antes, quando o mundo industrializado fizera a transição para o petróleo e o gás.

Eu queria que *essas instituições* apoiassem nossa ideia e comparecessem à assinatura da lei, e queria que passassem a trabalhar para alcançar o objetivo de reduzir os gases de efeito estufa em 25% até 2020. Eu dizia: "Para isso, é preciso começar a investir em biocombustíveis, energia solar e outras formas de energia não poluentes e sem efeitos colaterais."

Também fiz um enorme esforço para convencer os membros do meu próprio partido. Não há contradição em ser ao mesmo tempo republicano e ambientalista. Afinal de contas, foi Teddy Roosevelt quem criou os parques nacionais, e a EPA deve sua existência a Richard Nixon, que também defendeu a Lei do Ar Puro. Reagan assinou leis ambientalistas tanto como governador quanto como presidente, incluindo o histórico Protocolo de Montreal, para proteger a camada de ozônio da Terra. E o presidente George Bush pai implementou um pioneiro sistema de limitação de emissões e comércio de carbono para controlar a chuva ácida. Portanto, estávamos dando continuidade a essa tradição.

NOSSA ATENÇÃO ESTAVA TÃO FOCADA na Lei do Aquecimento Global da Califórnia e em outras grandes mudanças que mal houve tempo para fazer a campanha de reeleição da forma habitual. Mas isso não teve importância. Promover avanços reais em questões importantes, valorizadas tanto por democratas quanto por republicanos, foi mais eficaz que qualquer slogan ou anúncio de campanha – e isso representou uma parte considerável da nossa estratégia de reeleição.

Meu comitê de reeleição já estava formado desde 2005, e por um motivo bem simples: as pessoas que apoiavam minhas iniciativas queriam ter certeza de que não estavam gastando seu dinheiro ou seu tempo com alguém que não fosse permanecer no cargo. Elas perguntavam: "Por que eu deveria investir em Arnold se ele for embora no ano que vem e um democrata assumir o governo e me punir?" Eunice me mandou 23.600 dólares, o máximo com que seu domicílio podia contribuir por lei. No bilhete que enviou junto com o cheque, ela escreveu: "Por favor, não comente sobre isso com Teddy. Nunca dei a ele tanto dinheiro assim, nem mesmo quando ele se candidatou a presidente."

Entretanto, nem todo mundo na minha família ficou feliz com minha decisão de tentar a reeleição. Mais uma vez, Maria soube pelos jornais e ficou chateada. No entanto, com seu senso de humor ferino, ela deu um jeito de passar seu recado: me mandou uma linda fotografia sua emoldurada, com a seguinte pergunta escrita à mão: "Por que se candidatar de novo quando você pode voltar para casa e encontrar isto?" Ela conhecia a política americana bem de perto e acreditava piamente em sua capacidade de destruir relacionamentos. Estava pensando: "Ele sentiu o gostinho do poder e foi fisgado. Quem garante que daqui a pouco não vai se candidatar ao Senado?" Sorri ao receber a foto, mas eu queria terminar o que havia começado. Meu plano original era cumprir um mandato, resolver os problemas e ir embora. Porém tinha me dado conta de que é impossível fazer isso em três anos.

Por sorte, tive a vantagem de enfrentar um adversário fraco. Para concorrer comigo, os democratas escolheram Phil Angelides, diretor da controladoria fiscal do estado. Apesar de muito inteligente e funcionário público dedicado, ele não era um candidato forte. Sua única plataforma de campanha era o aumento de impostos. O fato abriu caminho para minha melhor improvisação durante um debate televisivo: "Pela alegria visível nos seus olhos quando fala em impostos, estou vendo que o senhor adora um aumento de tributos. Olhe ali para a plateia agora e diga: 'Adoro aumentar os impostos.'" Ele ficou sem palavras, a mesma reação de quando lhe perguntei, durante o mesmo debate, qual fora o momento mais divertido da campanha até então.

Quando se é candidato a governador, a improvisação pode sair pela culatra. Eu me encrenquei ao me referir a minha amiga Bonnie Garcia, membro do legislativo. Ela é de origem latina, e eu disse que Bonnie era "quentíssima" por causa de seu "sangue negro e latino". Falei isso durante uma conversa informal de duas horas com meu gabinete que acabou parando na internet – sem

edição. Estávamos fazendo um brainstorming em preparação para um discurso importante e o redator do texto gravou a conversa para não perder nenhuma frase lapidar. Assim como eu, Bonnie pode ser arrebatada e incisiva ao defender uma causa. Afirmei que essa paixão tinha um componente genético. "Cubanos, porto-riquenhos, todos eles têm o sangue quentíssimo", falei. Ela me lembrava Sergio Oliva, o cubano campeão de fisiculturismo com quem eu disputara o título de Mister Olympia nos anos 1970. Ele era um competidor feroz e de sangue quente, um apaixonado.

Adam, meu diretor de comunicação, estava acostumado a me ouvir falar barbaridades. Dessa vez, porém, seus funcionários gravaram por acidente a transcrição não editada no servidor em que ficavam armazenados nossos releases de imprensa. É claro que o pessoal de Phil Angelides não demorou muito para encontrá-la e transmitir o trecho politicamente incorreto para o *Los Angeles Times*.

Minha equipe de campanha cortou um dobrado para gerenciar a repercussão. Foram procurar Bonnie, que não apenas foi elegante e prestativa, como também muito divertida ao aceitar minhas desculpas. Posteriormente os jornais citaram a seguinte brincadeira que ela fez: "Eu não o expulsaria da minha cama." Liguei para todos os líderes latinos e negros que conhecia, a começar por Fabián Núñez e Alice Huffman, presidente da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (NAACP, na sigla em inglês) da Califórnia, e ambos consideraram os comentários apenas uma atitude tipicamente minha e nem um pouco ofensivos. Em vez de deixar Angelides liberar pedacinho por pedacinho da conversa, para manter o fluxo de matérias negativas nos jornais, Adam simplesmente disponibilizou ao público as duas horas completas da transcrição não editada. No fim das contas, a imprensa nos elogiou por ter administrado a crise do "Fitagate" de forma muito eficiente, e assim voltamos a nos concentrar na campanha.

A meu ver, Angelides era excessivamente negativo. Apesar de me criticar, ele nunca propôs uma visão alternativa clara de qual deveria ser o futuro da Califórnia. Sem isso, simplesmente não conseguiu conquistar os eleitores. Eu, por outro lado, não tinha dificuldade em falar de forma convincente sobre o futuro: tudo o que eu precisava fazer era apontar para nossas conquistas desde que assumira o governo.

Em 7 de novembro de 2006, fui eleito governador da Califórnia por maioria esmagadora: a margem de vitória foi de 17 pontos percentuais. Além disso, todas as propostas de emissão de títulos públicos também foram aprovadas nas urnas – o Plano de Crescimento Estratégico proporcionou 42 bilhões de dólares que pudemos usar para começar a construir o Estado de Ouro do século XXI.

Quem precisa de Washington?

QUANDO EMBARQUEI PARA SUN VALLEY com Maria e as crianças no final de dezembro, estava com uma disposição incrível. Depois de trabalhar muito em Sacramento e na campanha de reeleição, ansiava por um descanso. Dois dias antes do Natal, estávamos na área de esqui perto de nossa casa, lugar a que vamos com tanta frequência que existe até uma trilha chamada Pista do Arnold lá. Eu esquio bem, e a Pista do Arnold é um caminho de nível avançado, cheio de obstáculos. No entanto, quando quebrei a perna nessa tarde, tenho que confessar que estava em uma pista para iniciantes e simplesmente tropecei em um dos bastões. Estava a uma velocidade tão baixa que meus esquis sequer saíram dos pés, mas, quando caí por cima do bastão, o tombo foi tão forte que meu fêmur se partiu e eu senti um estalo.

Fizemos um Natal improvisado em Sun Valley e em seguida peguei um avião para ser operado em Los Angeles. Maria foi comigo, mas voltou logo para dar a grande festa que fazíamos em Sun Valley todo ano. Ficar isolado no hospital, sem a família, e não poder comparecer à festa, sem falar na dor fortíssima: tudo isso me deixou arrasado. Os cirurgiões tiveram que pôr uma haste de metal com um arame em volta do osso. Segundo os médicos, eu precisaria de oito semanas para me recuperar. Certa noite, já bem tarde, Sylvester Stallone apareceu para me animar. Deu-me de presente um par de luvas de boxe para me lembrar de que precisava continuar lutando. Outras pessoas, como Tom Arnold e o reverendo monsenhor Lloyd Torgerson também foram ao hospital, e durante uma das visitas eu caí em prantos. "Deve ser o remédio", falei para meus amigos. "Chorar não faz nem um pouco o meu tipo."

Eu estava deprimido não só porque o acidente tinha estragado minhas férias, mas também porque ameaçava atrapalhar a posse e me impedir de começar o segundo mandato com grande alarde. A posse estava marcada para 5 de janeiro de 2007, e meu discurso "O estado do estado", para quatro dias depois. Eu havia preparado declarações marcantes sobre o que pretendia realizar nos quatro anos seguintes. Se estivesse sentindo dor ou dopado pelos analgésicos, porém, era difícil imaginar como poderia falar. Teddy Roosevelt tinha sido alvejado por um potencial assassino durante um discurso e conseguira concluir com calma suas observações antes de procurar um

médico. Eu me perguntava como ele fora capaz disso.

Preparei-me para o discurso da melhor forma que pude, mas, à medida que a data foi se aproximando, Maria avaliou a gravidade da minha situação. Por fim, sentenciou: "Não vai dar." Eu ainda estava me recuperando de uma cirurgia complicada, usando uma tala na perna, e não tinha a menor condição de participar de uma cerimônia de posse. Concordamos em adiar o evento.

Na manhã seguinte, fiquei uma fera comigo mesmo. Lembrei-me de minhas visitas a soldados feridos no Centro Médico Militar Walter Reed, veteranos que tinham passado por cirurgias na véspera. Eles queriam se curar, voltar ao campo de batalha e continuar o combate. Pensei: "Aqueles caras querem ir de novo para a luta e eu quero cancelar um discurso?" Senti-me um covarde completo.

Tinha que manter a cerimônia de posse, mesmo que precisasse subir os degraus do Capitólio engatinhando. Liguei para Maria e lhe disse que precisávamos retomar os planos originais. Ela logo viu que eu estava irredutível e ninguém conseguiria me deter, e deu tudo de si para tornar a cerimônia um sucesso. Além de me animar, supervisionou a montagem e a disposição do palanque em Sacramento em cima do qual eu tomaria posse, para que eu pudesse subir e descer de muletas sem dificuldade.

O evento da posse ficou lotado e foi uma festa. Compareceram membros de ambos os partidos, líderes empresariais e de sindicatos, jornalistas, amigos e parentes. Willie Brown, um dos mais antigos democratas em exercício e ex-presidente da Assembleia, foi escolhido como apresentador para vender a ideia da colaboração entre partidos. Tive orgulho de estar presente.

AO INICIAR O SEGUNDO MANDATO, eu tinha grandes ambições. Estava decidido a cumprir as promessas de campanha e abordar questões importantes e difíceis que pudessem posicionar a Califórnia como líder em matéria de saúde pública, meio ambiente e reformas políticas. Já tínhamos lançado programas de grande alcance nas áreas de mudanças climáticas e infraestrutura. A recessão fazia parte do passado, a economia recomeçara a crescer e, graças a isso e a muita disciplina, conseguíramos diminuir o déficit orçamentário de 16 bilhões de dólares em 2004 para 4 bilhões no ano fiscal corrente. No orçamento para o ano que começaria em julho de 2007 que eu estava prestes a apresentar ao legislativo, o déficit seria zero pela primeira vez em muitos anos. Portanto, o estado estava preparado para ações decisivas.

Meu plano era usar o discurso de posse para contestar a própria ideia do partidarismo. A louca polarização de nosso sistema político me deixava desolado, bem como o desperdício, a paralisia e os danos causados por ela. Apesar de acordos bipartidários em 2006 nas áreas de infraestrutura, meio ambiente e orçamento, a Califórnia havia se tornado profundamente dividida. Republicanos e democratas não conseguiam mais chegar a um denominador comum e negociar acordos em relação a interesses compartilhados, como acontecera durante o grande crescimento do pós-guerra. Agora a política da

Califórnia era uma grande força centrífuga que obrigava eleitores, políticas e partidos a se afastarem do centro. Os distritos eleitorais tinham sido estabelecidos para eliminar a competição. Alguns eram administrados por republicanos conservadores, outros por democratas liberais. O falecido deputado federal Phil Burton tinha tanto orgulho da demarcação que fizera para os democratas da Califórnia ao estabelecer as linhas divisórias no Congresso, em 1981, que a qualificava como "sua contribuição para a arte moderna". Em meu discurso de posse, em 2007, falei que, por causa da divisão desigual e controversa dos distritos políticos, o legislativo da Califórnia tinha menos rotatividade que a monarquia Habsburgo na Áustria.

Nos dois dias que sucederam o 11 de Setembro, houvera um exemplo realmente lamentável desse fato. Com o país ainda atordoado por causa dos ataques terroristas a Nova York e Washington, o legislativo aprovara uma lei de redefinição dos limites distritais que entrincheirava ainda mais os legisladores eleitos e os linhas-duras de ambos os partidos. Era uma visão de mundo que punha partidos acima de pessoas e, na minha opinião, isso tinha que mudar.

Assim, quando saí da cama, peguei as muletas e fui fazer meu discurso de posse, desafiei os californianos a não cederem mais à extrema esquerda e à extrema direita e a voltarem para o centro. Para os políticos, falei: "Ser moderado não é sinônimo de ser fraco, ou sem-graça, ou indeciso. Ser moderado significa ser bem equilibrado, bem fundado. O povo americano é instintivamente centrista. Nosso governo também deveria ser assim. Os partidos políticos dos Estados Unidos deveriam voltar ao centro, que é onde o povo está."

E lembrei aos eleitores: "A esquerda e a direita não detêm o monopólio da consciência. Não podemos deixá-las pensar que detêm. É possível ser moderado e ter princípios. É possível buscar um consenso e manter as próprias convicções. Existe princípio maior do que ceder parte de sua posição em nome de um bem mais importante? Foi assim que conseguimos chegar a uma Constituição neste país. Se não tivessem entrado em um acordo, nossos Pais Fundadores estariam reunidos até hoje no Holiday Inn de Filadélfia."

Quatro dias depois, proferi o discurso "O estado do estado" diante da Assembleia e do Senado estaduais. Apesar da maneira como muitas vezes havíamos nos torturado mutuamente durante meu primeiro mandato, pude elogiar seus integrantes. Sequer precisei mentir – tudo o que tive que fazer foi compará-los aos políticos de Washington. "No ano passado, o governo federal ficou paralisado por impasses e joguinhos", falei. "Mas vocês, aqui nesta casa, tomaram atitudes relacionadas a infraestrutura, salário mínimo, custo de remédios com receita controlada e redução de gases de efeito estufa em nossa atmosfera. Isso significa que não estamos parados esperando nossos problemas piorarem. Não estamos aguardando o governo federal. Porque o futuro não espera."

Expus então a visão que tinha do estado: "Não só podemos conduzir a Califórnia para o futuro como podemos mostrar ao país e ao mundo como

chegar lá. Podemos fazer isso porque temos importância econômica, temos nossa população e temos a força tecnológica de um estado-nação. Nós somos a versão moderna das antigas cidades-estado de Atenas e Esparta. A Califórnia conta com as ideias de Atenas e a potência de Esparta." Em seguida, enumerei meia dúzia de maneiras ambiciosas de o nosso estado servir de exemplo em âmbito nacional e internacional, da construção de escolas ao combate ao aquecimento global.

É claro que o político mediano está pouco se lixando para Atenas e Esparta, ou para qualquer outro tipo de visão. Mas eu acabara de ganhar uma eleição. Por ora, portanto, eles tinham que me ouvir. Eu estava disposto a apostar que pelo menos alguns dos membros do legislativo estadual aceitariam o desafio de realizar ainda mais do que havíamos realizado em 2006.

Antes mesmo que eu me livrasse das muletas, eu e meu gabinete voltamos a trabalhar com força total. Somando os objetivos que eu havia estabelecido nos discursos às propostas de votação popular relativas ao orçamento do ano, lançamos a mais ambiciosa agenda de mudanças de qualquer governo estadual na história moderna: a reforma da legislação de saúde mais abrangente dos Estados Unidos; a implementação das mais completas regulações relativas a mudanças climáticas do país, incluindo o primeiro padrão do mundo para combustível de baixo carbono; a reforma do sistema de liberdade condicional e a construção de novas prisões; e o imenso e mais controverso projeto das lendárias guerras da água da Califórnia: um novo canal periférico para concluir o que o governador Pat Brown havia começado 30 anos antes.

Continuamos a fazer as reformas orçamentária e política avançarem: fortalecemos o fundo emergencial e proibimos a arrecadação de recursos durante o processo de aprovação do orçamento. Fizemos uma segunda tentativa de redefinição dos limites distritais por meio de uma proposta de votação popular, com o objetivo de formar um comitê independente, sem vínculos partidários. E eu gastei longas horas tentando ajudar pessoas comuns a lidar com problemas extraordinários. Passamos semanas fazendo reuniões com empresas hipotecárias – tais como Countrywide, GMAC, Litton e HomEq –, de modo a acelerar o auxílio para impedir que mutuários do segmento de crédito de risco, ou *subprime*, que não estavam conseguindo honrar seus empréstimos perdessem seus imóveis. Nós nos reunimos com líderes de segurança pública das regiões do Vale Central e do Vale de Salinas para ajudá-los a formular uma abordagem mais eficaz para o combate à violência das gangues.

As jornadas de trabalho muitas vezes chegavam a 16 horas, e eu simplesmente passava a maioria das noites em Sacramento. Gostava da importância e da complexidade dos desafios, de estar sempre em movimento. No entanto, sentia falta de Maria e das crianças e continuava me esforçando para tentar passar a sexta-feira e todos os fins de semana em Los Angeles.

Durante meu primeiro mandato, acho que esse arranjo havia funcionado sobretudo graças ao talento de Maria como mãe. Certa noite, porém, durante

a primavera, eu tinha chegado de Sacramento e estávamos todos sentados ao redor da mesa da cozinha quando Christina começou a chorar. "Pai, você nunca está em casa", reclamou ela. "Vive em Sacramento. Nem foi assistir ao meu recital na escola." Outro de meus filhos falou: "Você não apareceu no Dia dos Pais. Só a mamãe foi." Então um terceiro começou a chorar e disse: "É, você também faltou à minha partida de futebol." De repente, foi como uma catarse coletiva. Todos choravam, e cada um tinha a sua reclamação.

Christina deve ter percebido que fiquei perplexo. Eu estava me divertindo tanto no papel de governador que havia ignorado por completo aquela situação complicada em casa.

– Desculpe, pai, mas eu tive que falar – disse minha filha.

– Não, Christina – interrompeu Maria. – Não tem problema. Acho importante você dizer a seu pai o que pensa e como se sente. Pode contar tudo a ele.

Ela também estava insatisfeita por eu passar tanto tempo longe e incentivou nossos quatro filhos a falarem.

Eu às vezes posso ser bastante impulsivo. Fiquei muito preocupado pensando quanto tempo fazia que eles estavam se sentindo daquele jeito e quanto tempo teriam levado para tomar coragem e falar. Sempre lhes dissera que, em uma família, todo mundo precisa fazer sacrifícios. Quando seis pessoas estão juntas, ninguém pode fazer tudo o que lhe dá na telha 100% do tempo. Bem, agora era a minha vez. Prometi que, dali em diante, passaria apenas uma noite por semana em Sacramento. "Talvez eu tenha que sair alguns dias de manhã antes de vocês acordarem e pode ser que chegue em casa na hora em que estiverem indo para a cama", falei. "Mas a partir de agora vou estar presente."

Sempre dizem que a política afeta os casamentos. Você fica tão envolvido no trabalho que as pessoas que ama acabam sofrendo os efeitos colaterais. Mesmo que consiga proteger parcialmente sua mulher e seus filhos da atenção dos meios de comunicação, eles têm a sensação de estar dividindo e perdendo você. É claro que Maria era uma mulher forte e tinha a própria carreira. Quando viu que minha paixão por ser governador estava nos afastando, agiu da melhor forma que podia naquelas circunstâncias: cuidou muito bem das crianças, aceitou as oportunidades e responsabilidades de ser primeira-dama do estado, ajudou-me quando precisei dela. E esperou.

NA PRIMAVERA ANTERIOR, QUANDO estávamos começando a campanha de reeleição, meus principais assessores haviam pedido com veemência, logo antes de uma coletiva de imprensa, que eu não assumisse a reforma do sistema de saúde. Susan Kennedy e Daniel Zingale, especificamente, abordaram o assunto: "Por favor, não diga que vai fazer isso." Daniel, que havia fundado o Departamento de Administração de Saúde da Califórnia durante o governo de Gray Davis, era nosso especialista em assuntos de saúde.

Só que eu estava muito animado e falei para a imprensa: "No meu segundo

mandato, vou fazer a reforma da saúde." Depois da coletiva, Susan e Daniel comentaram: "Que merda, ele acabou de mexer em um vespeiro." Os dois imploraram que eu não prometesse que teríamos um plano pronto a tempo do meu discurso "O estado do estado". Segundo eles, isso era impossível. Então, na primeira vez que vi um jornalista depois disso, falei: "E vou ter um plano pronto no dia do meu discurso." Susan mais tarde brincou que teve que segurar um saco de papel em frente à boca de Daniel para ajudá-lo a respirar quando ouviu isso. Ele não acreditou que fôssemos ter que desenvolver um plano de reforma para todo o sistema de saúde estadual em oito meses. Em Massachusetts, que é menor que o condado de Los Angeles, disseram que isso levara dois anos. Tive que acalmar os ânimos.

O medo de minha equipe era compreensível. Tentar reformar o sistema de saúde quase destruíra o mandato presidencial de Bill Clinton. E os mesmos demônios que assombravam o país nessa questão também aterrorizavam a Califórnia: custos em alta, ineficiência, fraudes, encargos cada vez mais altos para empregadores e segurados e milhões de pessoas sem plano de saúde. No entanto, eu sempre havia considerado uma desgraça que o país mais incrível do mundo não tivesse um sistema de saúde acessível a todos os seus habitantes, como muitas nações da Europa têm. Dito isso, acredito no setor privado, e era contra qualquer sistema público em que o estado pagasse a conta sozinho. Nós apresentamos a ideia de um jeito que ninguém nunca fizera antes nem veio a fazer depois.

Não tentei gerar uma culpa que obrigasse as empresas e as pessoas que já tinham plano de saúde assumirem os custos gigantescos das que não tinham ou cujo plano era precário. Em vez disso, argumentei que elas já estavam pagando essas contas sob a forma de uma grande taxa oculta: seus próprios custos de saúde cada vez mais altos. Assim, ao assegurar diretamente a cobertura dos não segurados, elas não estariam pagando mais do que agora, e o sistema seria administrado de maneira mais eficiente. Também ressaltei que a maioria dos californianos sem plano de saúde – três quartos, para ser exato – estava empregada. Era este o núcleo da Califórnia: famílias jovens que trabalhavam e não tinham cobertura de saúde adequada.

Daniel Zingale liderou a equipe que cumpriu com louvor a tarefa de criar nosso plano. Uma cobertura universal iria exigir sacrifícios de todos os envolvidos – hospitais, empresas de planos de saúde, empregadores, médicos –, e ele trouxe cada um deles para a mesa de discussão e os fez participar. O plano tinha três componentes: cobertura para todos, obrigatoriedade de todos os californianos contratarem um plano de saúde e exigência de que as seguradoras garantissem a cobertura irrestrita, independentemente da idade e de doenças preexistentes. Havia também subsídios para quem não pudesse arcar com as despesas do seguro sozinho, bem como medidas agressivas para controlar custos e focar na prevenção.

Assim, em vez de evitar falar de saúde, fiz desta uma das principais prioridades de 2007, que comecei a promover como o ano do sistema de

saúde. Diariamente, minha agenda tinha eventos públicos e reuniões particulares sobre o assunto. Percorri o estado para encontrar pacientes, médicos, enfermeiros e diretores de hospital. Participei de reuniões nas quais mais escutei do que falei. Em maio, consegui até que Jay Leno me deixasse discorrer sobre o financiamento do sistema de saúde no *Tonight Show*; Jay deu o exemplo de um parente seu que passara três meses em um hospital na Inglaterra e pagara apenas 4.500 dólares.

Fabián Núñez, presidente da Assembleia, deu duro para persuadir os grandes sindicatos de trabalhadores a apoiarem a reforma, enquanto eu convencia os grandes grupos empresariais. Juntos, negociamos com hospitais, grupos de médicos e representantes dos pacientes todos os detalhes mais importantes de um sistema abrangente, autofinanciado, que exigiria que todos tivessem plano de saúde e reduziria a transferência de custos para os contribuintes. Em dezembro, a Lei de Segurança e Redução de Custos de Saúde da Califórnia conquistou o apoio da Assembleia, apesar da oposição do sindicato das enfermeiras e dos democratas liberais, que insistiam em esperar um plano em que o governo fosse o único a financiar um sistema que ofereceria cobertura a toda a população.

Em janeiro de 2008, porém, após um ano de trabalho intenso, a reforma do sistema de saúde sequer havia sido apresentada para votação no Senado estadual. O plano simplesmente morreu em um comitê senatorial. Segundo os boatos, o líder do Senado, o democrata Don Perata, não suportava o fato de seu jovem e ambicioso presidente, também democrata, trabalhando com um governador republicano, ser responsável por duas das maiores medidas de reforma da história moderna da Califórnia: mudanças climáticas e sistema de saúde. Alguns democratas reclamaram abertamente que conceder uma vitória tão grande a um governador republicano em relação a questões consideradas "democratas" ia contra as regras da prática política. (No início dos anos 1970, Teddy Kennedy seguira um raciocínio semelhante ao impedir a reforma nacional do sistema de saúde pelo presidente Nixon.) Não acreditei que uma questão crucial para o povo da Califórnia pudesse sair dos trilhos por causa de algo que não passava de uma rixazinha política entre dois líderes democratas do legislativo.

Foi uma derrota terrível. Porém, não me arrependo do esforço, pois quem saiu derrotada não foi a causa do sistema de saúde. Nossa legislação foi estudada com atenção em Washington e acabou sendo um dos modelos para a reforma nacional do sistema de saúde em 2010. Nosso plano resolvia alguns dos pontos fracos detectados na reforma pioneira desse tipo empreendida em Massachusetts por Mitt Romney, fortalecendo a obrigatoriedade de plano e focando na prevenção – medidas-chave para conter despesas. Nossa reforma, na realidade, tornou-se a reforma do país inteiro, e a Califórnia mostrou o caminho.

O mundo com certeza reparou no contraste entre a ação na Califórnia e a paralisia em Washington. Em junho, a revista *Time* publicou uma capa que

mostrava a mim e Michael Bloomberg, prefeito de Nova York, com o título "Quem precisa de Washington?". O mote da matéria era que a cidade de Bloomberg e o meu estado estavam tomando as grandes providências que a capital do país não conseguia tomar. Washington havia rejeitado o Protocolo de Kyoto para combater o aquecimento global, mas na Califórnia tínhamos aprovado o primeiro teto para gases de efeito estufa dos Estados Unidos. O governo federal rejeitara a pesquisa com células-tronco, mas na Califórnia nós investíramos 3 bilhões de dólares para promovê-la. A administração federal recusara nosso pedido de verba para consertar os diques de nossos sistemas de abastecimento de água, mas nós tínhamos conseguido aprovar bilhões de dólares em títulos públicos para proteger os diques e começar a reconstruir nossa infraestrutura. "Todas as grandes ideias estão vindo de governos locais", declarei à *Time*. "Não vamos esperar o Grande Pai vir nos pegar pela mão."

Tanto Bloomberg quanto eu compreendíamos o poder de extrapolar fronteiras. Em maio, junto com prefeitos de mais de 30 das maiores cidades do mundo, ele presidiu a segunda cúpula sobre o clima, cujo objetivo era reduzir as emissões de carbono. Nesse mesmo verão, nós dois nos aliamos ao governador da Pensilvânia, o democrata Ed Rendell, para criar o Fundo Educacional para a Construção do Futuro dos Estados Unidos, organização sem fins lucrativos destinada a promover uma nova era de investimentos em infraestrutura no país. E eu já estava fazendo uma série de acordos com outros países e estados nas áreas de comércio e mudanças climáticas. Depois, no outono de 2006, a Califórnia aprovou o teto para gases de efeito estufa, que incluía os padrões mais rígidos até então para a eficiência de combustíveis dos carros de passeio já registrados em nosso estado, e assinou uma aliança para o clima com a província canadense de Ontário, situada em frente a Detroit, do outro lado da fronteira. A parceria enfureceu algumas das montadoras de automóveis, e um deputado republicano de Detroit chegou a mandar colocar um outdoor com os dizeres: "Arnold para Detroit: Morra!" Dei minha resposta à imprensa: "Arnold para Detroit: Parem de fazer corpo mole!"

Minha disposição para cruzar limites partidários desagradou aos republicanos mais conservadores. Se eles já pensavam que eu não era um verdadeiro republicano por abordar a questão das mudanças climáticas, ficaram de fato estarrecidos quando abracei a questão da reforma da saúde. Em setembro, abri uma conferência do partido perto de Palm Springs disparando mais um tiro contra o partidarismo míope.

"Nosso ibope está no chão", falei para meus colegas republicanos. "Não estamos conseguindo ocupar as vagas. Nosso partido se afastou do centro, e só vamos realmente recuperar o poder político na Califórnia quando conseguirmos retomar nosso caminho. Eu penso como Reagan: não devemos despencar do abismo com bandeiras desfraldadas." Observei que aprendera isso do jeito mais difícil, quando os sindicatos mobilizaram os eleitores para destruir minhas propostas de votação popular.

"Nosso caminho de volta é claro", declarei. "O Partido Republicano do

nosso estado deve ser um partido de centro-direita, que ocupe o amplo meio da Califórnia: esse espaço político luxuriante, verde e abandonado pode ser nosso." Concluí com a promessa de trabalhar duro para ajudar o partido a realizar isso. O discurso, porém, foi recebido sem entusiasmo: palmas educadas, nada mais. Aqueles políticos não gostavam do meio luxuriante e verde; eles queriam estar na periferia fria e mesquinha.

Logo depois de mim, o governador de direita do Texas Rick Perry discursou. Ele menosprezou as mudanças climáticas, condenou os projetos de infraestrutura como gastos descontrolados do governo e declarou que o Partido Republicano estava atravessando uma ótima fase. A plateia foi à loucura. Faltando apenas um ano para a eleição presidencial de 2008, perguntei-me se Ronald Reagan teria feito uma profecia: "despencar do abismo com bandeiras desfraldadas" era exatamente para onde os republicanos estavam rumando.

A verdadeira vida de um *Governator*

ALÉM DE DOURADA E PRÓSPERA, A CALIFÓRNIA também é propensa a desastres. Nosso clima e nossa geografia nos tornam particularmente vulneráveis a incêndios, enchentes, deslizamentos, secas e, claro, terremotos.

Dada a frequência desses fenômenos, eu tinha que partir do princípio de que algum tipo de desastre natural poderia ocorrer durante o meu governo. Nossos bombeiros, policiais e outros funcionários responsáveis por emergências estavam entre os melhores do mundo, mas para mim não bastava apenas me reunir com seus comandantes ou ler os planos de ação para o caso de uma tragédia. Minhas perguntas eram tantas que levei à loucura Kim Belshé, nossa excelente secretária de Saúde e Serviços Humanos.

E se houvesse uma pandemia em Los Angeles e 10 mil pessoas precisassem ser hospitalizadas? Como os hospitais lidariam com isso? Qual era a capacidade deles de montar tendas com leitos, cilindros de oxigênio e ambiente esterilizado? *Onde estavam* as tendas? E os leitos? De onde viriam os médicos e enfermeiros? Havia registros de profissionais dessas classes que já estivessem aposentados e pudessem ser convocados? Já tínhamos testado acioná-los?

Após o desastre do furacão Katrina, em 2005, todos tinham plena consciência da reação fracassada do governo federal, e eu estava decidido a não deixar algo daquele tipo acontecer na Califórnia. Sabia que um governador que era também um herói de ação não conseguiria se safar de um fracasso nesse quesito. Precisávamos, portanto, melhorar nossas simulações e nossos exercícios. Mesmo atuando, eu nunca filmava uma cena que não houvesse ensaiado no mínimo 10 vezes. Como poderia esperar então uma ação de emergência bem-sucedida se não simulássemos incêndios, enchentes e terremotos? E se um terremoto provocasse um incêndio generalizado? Nesse caso, teríamos uma situação em que as pessoas não poderiam circular, e seria preciso *também* combater os incêndios em si, e o corpo de bombeiros *também* seria afetado, e as portas *também* estariam emperradas impedindo os carros dos bombeiros de ir prestar socorro. Os sistemas de comunicação ficariam interrompidos. E aí?

Esse temor estava tão entranhado em mim que mesmo antes do Katrina, já em 2004, eu havia iniciado em toda a Califórnia um exercício que chamávamos de Guardião de Ouro. Era um grande teste de preparação para todo e qualquer tipo de desastre natural e ataque terrorista. Nós testávamos tudo: planejamento, procedimentos, comunicação, rotas de evacuação, prontidão dos hospitais e cooperação entre as instâncias federal, estadual e locais. A cada ano nos preparávamos para uma espécie diferente de emergência. No primeiro foi uma ação terrorista com bombas sujas projetadas para contaminar com radioatividade vários portos e aeroportos espalhados pelo estado. Nos anos seguintes, simulamos terremotos, enchentes e outros ataques em grande escala. Foram os exercícios de emergência mais importantes e extensos do país, dos quais participaram milhares de pessoas. Cada um deles exigia anos de planejamento. Matt Bettenhausen, nosso chefe de serviços de emergência, gostava dessa minha obsessão. "É incrível ter um governador que nos manda treinar tudo o tempo todo", dizia ele.

Certo ano, eu estava ouvindo as instruções da edição seguinte do Guardião de Ouro, na qual seria simulado um terremoto de magnitude 7,8 no sul da Califórnia. O responsável pela reunião me explicou que um helicóptero da Patrulha Rodoviária do estado iria me pegar e me conduzir a uma sala de crise no condado de Orange, para onde seriam levadas as autoridades mais importantes.

– O terremoto vai acontecer às 5h45, e vamos buscá-los às seis – disse ele.

Estranhei os horários.

– Como é que vocês sabem que ele vai ocorrer às 5h45? – perguntei.

– É esse o cronograma. Querem todo mundo lá no sul do estado.

Não falei mais nada. Pensei: "Isso é uma farsa. Como é que posso saber se estamos realmente preparados quando 'nos preparamos' para uma simulação?" No dia seguinte acordei às quatro da manhã e liguei para a Patrulha Rodoviária. "O terremoto acabou de acontecer", falei. "O exercício começa agora."

Não dá para imaginar o tumulto que isso causou. A Patrulha Rodoviária e o Departamento de Segurança Doméstica federal perderam o controle. Foi um Deus nos acuda. Todos acabaram fazendo um ótimo trabalho, e o exercício apontou algumas fragilidades no sistema, mas o responsável pela Segurança Doméstica ficou bem irritado.

– Não acredito que você não me avisou com antecedência – disse ele mais tarde, quando pudemos conversar.

– A intenção não é constranger ninguém – afirmei. – Mas precisamos saber quais são nossas deficiências quando não temos aviso prévio.

Combinamos que, daquele dia em diante, iríamos diminuir aos poucos a margem de aviso para as simulações e dizer aos participantes: "No teste passado vocês tiveram 12 horas de antecedência. Desta vez vamos lhes dar seis."

NO FIM DE 2007, TODOS ESSES preparativos compensaram quando incêndios florestais particularmente graves surgiram por todo o estado. Os piores foram no sul, perto de San Diego, onde, apesar dos melhores esforços dos bombeiros, as chamas continuavam a se alastrar e havia previsões de ventos com força de furacão. No terceiro dia dos incêndios, segunda-feira, 22 de outubro, liguei para meu gabinete a fim de obter informações atualizadas, como em geral fazia diariamente às seis da manhã. Fui informado de que grandes áreas de San Diego estavam em risco e de que fora dada a ordem para evacuar meio milhão de pessoas. Meio milhão de pessoas! Essa era a população de Nova Orleans antes de o Katrina arrasar a cidade e decerto a maior da história da Califórnia a ser forçada a sair de casa. Milhares de pessoas já estavam indo para o estádio Qualcomm, que havíamos escolhido como principal ponto de encontro para desabrigados.

"Então vamos para lá", falei. Nessa manhã, em vez de ir para Sacramento, usei meu escritório em Santa Monica como base e comecei a dar telefonemas enquanto minha equipe de gabinete se reunia ali. Liguei para o prefeito de San Diego, o ex-delegado de polícia Jerry Sanders, e combinei encontrá-lo no estádio mais tarde nesse dia. Bettenhausen falou com os comandantes que se encontravam no local e informou que os habitantes estavam reagindo à nossa mensagem de evacuação conforme nossa expectativa. A ordem fora formulada para transmitir os dois fatos mais importantes que você precisa saber se a sua casa estiver na rota de um incêndio: primeiro, quando a polícia lhe disser para sair, pegue suas coisas e saia, pois um incêndio florestal pode se espalhar mais depressa que uma pessoa é capaz de correr; segundo, nós não apenas lutaríamos para proteger sua casa das chamas, mas a polícia também patrulharia os bairros para evitar saques.

Esperávamos pelo menos 10 mil pessoas no Qualcomm. Imaginei que, dadas as circunstâncias, ninguém iria pensar em levar coisas como fraldas, leite em pó para bebês e ração de cachorro. Então fiz uma lista e liguei para o presidente da Associação de Merceeiros da Califórnia para perguntar se lojas da região poderiam entregar essas mercadorias no estádio assim que possível. Ele se mostrou muito disposto a ajudar.

Em seguida, telefonei para a Casa Branca e informei o presidente sobre a situação. Até então vínhamos mantendo um relacionamento profissional mas distante. Bush estava sempre disponível para conversar e, embora nem sempre concordássemos em relação ao que o governo federal podia fazer pela Califórnia, logo aprendi que, se abordasse apenas uma questão de cada vez, conseguia que ele me escutasse. Não era de surpreender que meu relacionamento com seu pai fosse mais caloroso. Para George Bush pai, eu era mais um protegido seu, alguém que o admirava, sempre atento a tudo o que pudesse aprender. Já Bush filho tinha quase a mesma idade que eu e ambos éramos obrigados a representar interesses que às vezes conflitavam entre si.

Na ocasião dos incêndios, porém, o presidente Bush teve uma atitude impressionante. Com o Katrina, ele foi obrigado a aprender na marra lições

sobre resposta a emergências; dessa vez, fez o tipo de pergunta que só alguém que houvesse passado por um desastre daquela proporção seria capaz de fazer. Ele entendia que, por causa da necessidade de poupar agentes de emergência para outras ocorrências país afora, o governo federal talvez não reagisse com a rapidez necessária no início. O presidente me disse que seu chefe de gabinete nos conseguiria tudo de que precisássemos e que eu deveria lhe telefonar pessoalmente caso quisesse informá-lo de alguma coisa. Fiquei cético em relação a isso, de modo que lhe fiz uma ligação 45 minutos depois para perguntar algo, e ele tornou a atender.

Três dias depois, Bush compareceu ao local. Cumprimentou bombeiros, visitou residências, deu coletivas de imprensa e crivou a mim e os chefes de bombeiros de perguntas. Ele demonstrou um verdadeiro espírito de liderança.

Susan, minha chefe de gabinete, por sua vez, informou que a Guarda Nacional estava a caminho de San Diego. Susan ficaria em Sacramento junto com o secretário executivo Dan Dunmoyer para coordenar as providências do meu gabinete. Eu a instruíra a deslocar mil soldados da Guarda Nacional de uma operação de segurança nas fronteiras e despachá-los para o estádio Qualcomm. Ela ligou para o oficial comandante dizendo que precisávamos dos soldados. O cara obviamente nunca tinha visto Susan no comando e cometeu o erro de insistir na documentação.

– Certo – disse ele. – Precisamos de uma ordem de missão.

– A ordem de missão é retirar mil soldados da fronteira e mandá-los para o Qualcomm – repetiu ela.

– Mas eu preciso de uma ordem de missão. O documento que informa...

– *A porra da ordem de missão é essa!* – explodiu ela. – Mande mil homens para o Qualcomm. Quero que em menos de uma hora eles estejam a caminho.

O general enviou os soldados.

Susan então começou a providenciar as camas de campanha de que as pessoas obviamente iriam precisar naquela noite. Milhares de camas, travesseiros e cobertores haviam sido estocados na região para o caso de alguma emergência. "Está tudo a caminho", os agentes não paravam de repetir. No entanto, ela e Dan continuaram a telefonar e descobriram que nada tinha chegado.

"Isso não basta", disse ela. "Precisamos *saber* que as coisas estão nos caminhões. Quero saber exatamente em que local os veículos estão agora. Me dê o celular dos motoristas." As horas foram passando e ninguém conseguia encontrar as camas. Em vez de esperar, ligamos para o Walmart e outros gigantes do varejo no estado. Mais tarde nesse mesmo dia, um avião cargueiro C-130 da Guarda Nacional da Califórnia abarrotado com milhares de camas doadas decolou do aeródromo de Moffett Field, em Sunnyvale, com destino a San Diego.

Ações desse tipo não constam de nenhum manual de resposta a emergências. Vi o que aconteceu durante o Katrina quando funcionários de todos os níveis ficaram esperando alguma outra pessoa tomar as providências

– porque é isso que os manuais dizem que se deve fazer. "Todo desastre é local", disseram-me os especialistas. Teoricamente, os funcionários estaduais devem esperar as autoridades locais pedirem ajuda; e as autoridades federais devem aguardar o pedido de ajuda das autoridades estaduais. "Porra nenhuma", retruquei. "Foi assim que milhares de pessoas ficaram ilhadas nos telhados de Nova Orleans. Isso *não vai* acontecer aqui." Minha regra era simples: "Eu quero *ação*. Se precisarem fazer algo que não está previsto no manual, joguem-no no lixo. Façam o que for preciso. O importante é agir."

Assim que minha equipe foi reunida, partimos para San Diego. Logo após a decolagem, pudemos ver a névoa cinza dos incêndios a quase 200 quilômetros de distância. Nessa tarde, eu pegaria um helicóptero para visitar os focos de incêndio e observar as chamas de perto. Agora, porém, o mais importante era conversar com a população. Eu me encontrei com o prefeito Sanders e outros líderes locais em frente ao estádio e juntos percorremos o local: passamos primeiro pelos corredores e pelo estacionamento para cumprimentar os desabrigados, agentes de emergência e voluntários que chegavam, depois falamos com a imprensa.

Felizmente, graças a meu predecessor, Gray Davis, eu estava preparado para me comunicar durante uma emergência de incêndio. No período de transição, Davis tivera a elegância de entrar em contato comigo no meio de um incêndio grave, embora muito menor. Ele me perguntara se eu gostaria de acompanhá-lo para encontrar bombeiros, visitar casas, conversar com as famílias atingidas e falar com a imprensa. Vi como ele escutou os informes e o modo como agradeceu aos bombeiros por seus serviços, ao mesmo tempo que tentava não desviar sua atenção da missão em curso. O então governador chegou a servir café da manhã para os bombeiros que voltavam do turno da noite. Foi de casa em casa, reconfortando as vítimas e lhes perguntando se havia algo que o estado pudesse fazer. Davis foi uma fonte de força.

Esse tempo que passamos juntos facilitou a transição e provou que, embora tivéssemos nos enfrentado durante a campanha, podíamos trabalhar em parceria. Mais importante ainda, Gray Davis me mostrou como um governador deve agir, em vez de apenas telefonar de Sacramento para saber o que está acontecendo.

Em San Diego, começamos a dar coletivas de imprensa periódicas, para a população entender que não havia segredos. Explicávamos tudo tim-tim por tim-tim, dizendo coisas como: "Os ventos chegam a 96 quilômetros por hora, e as chamas podem se deslocar a 2,4 quilômetros por hora. Mas nós vamos controlar esse incêndio." Mandamos uma mensagem clara de que agentes federais, estaduais e locais estavam trabalhando juntos, mas também fomos rápidos em admitir os erros. Nossa regra era: "Não façam rodeios." Quando as camas se perderam, reconhecemos que isso ocorreu. Era ótimo ter por perto um cara com a experiência e o senso de humor de Bettenhausen. Ele não saiu do meu lado e nos manteve em contato com os comandantes dos bombeiros que trabalhavam nos focos do incêndio. Embora as notícias muitas vezes não

fossem boas, suas vozes se mantinham disciplinadas e firmes, sem nunca perder o controle: "Governador, temos um problema grave. Mais 50 casas acabaram de ser atingidas. Três bombeiros se feriram e estamos reposicionando nossos homens. Vamos evacuar determinada área, e a Patrulha Rodoviária e o xerife vão colaborar para fechar as ruas e proteger as casas..."

Nós nos comunicávamos o tempo todo com os comandantes, perguntando do que mais eles precisavam, e usamos suas informações para manter o público sempre a par do que estava acontecendo.

Fomos avisados de que a direção do vento havia mudado e de que os residentes de uma casa de repouso para idosos situada na rota das chamas teriam que ser evacuados para um abrigo improvisado no hipódromo Del Mar. O local tinha estrutura para abrigar cavalos, mas não pessoas. Já era quase noite, mas meus instintos me disseram que eu deveria ir lá verificar pessoalmente, pois aquela poderia ser uma situação particularmente perigosa para os pacientes idosos.

Quando chegamos, o sol estava se pondo. Uns 300 pacientes já tinham sido evacuados. Detestei o que vimos ali: homens e mulheres de idade avançada sentados em cadeiras de rodas, com bolsas de soro intravenoso no braço, encostados em paredes, deitados em esteiras sobre o cimento frio. Alguns choravam, mas a maioria estava calada e imóvel. Tive a sensação de estar visitando um necrotério. Cobri um senhor com um cobertor e dobrei um casaco para servir de travesseiro a uma senhora. Nenhuma daquelas pessoas tinha os remédios de que precisava. Algumas necessitavam fazer diálise. Um enfermeiro de hospital e capitão de fragata da reserva da marinha chamado Paul Russo assumira corajosamente o comando do local e, com a ajuda de outros voluntários, esforçava-se para encontrar camas de hospital. Uma coisa ficou clara: precisávamos de ajuda, ou algumas daquelas pessoas não iriam resistir. Na mesma hora, Daniel Zingale, eu e alguns outros começamos a ligar para empresas de ambulância e hospitais a fim de providenciar a remoção dos mais doentes. Passamos algumas horas lá até nos certificarmos de que a situação estava sob controle, e à noite voltamos para ver como iam Paul, os voluntários e os pacientes restantes. No dia seguinte, conseguimos fazer com que a Guarda Nacional montasse um hospital de campanha perto do hipódromo.

Felizmente, erros como o do Del Mar foram raros. Os incêndios florestais ainda castigaram San Diego por mais três semanas, mas aqueles primeiros dias deram o tom de nossa resposta ao desastre. Conseguimos remover mais de meio milhão de pessoas de áreas de risco, a maior evacuação da história do estado. Nove morreram e 85, na maioria bombeiros, ficaram feridas. Mais de 200 mil hectares pegaram fogo e houve graves danos a imóveis, entre eles 1.500 residências e centenas de empresas, com um prejuízo estimado em 2,5 bilhões de dólares. Depois de um desastre natural os números são sempre trágicos, mas conseguimos evitar que uma calamidade como a do Katrina se repetisse, e fiquei satisfeito por nossa ênfase na preparação ter dado resultado.

UM DESASTRE DIFERENTE, DE PROPORÇÕES bem maiores e ainda por vir, iria afetar infinitamente mais residências e mudar consideravelmente mais vidas que os incêndios florestais de San Diego. Os Estados Unidos estavam à beira do pior colapso econômico desde a Grande Depressão. Em Sacramento, percebemos os primeiros sinais de problemas quando começamos a montar o orçamento para 2008-2009. Na primavera, constatamos os efeitos de uma forte desaceleração no mercado imobiliário do estado, apesar de previsões econômicas mais otimistas nos âmbitos nacional e internacional.

Os consultores econômicos da Califórnia diziam: "Estamos entrando num período de turbulência no setor da habitação, mas a economia vai se recuperar nos próximos dois anos. As bases são sólidas, e é possível esperar um crescimento saudável para 2009-2010." No entanto, apenas dois meses depois, nossa receita mensal proveniente de impostos começou a despencar de forma alarmante: 300 milhões de dólares abaixo do esperado em agosto, 400 milhões em novembro, 600 milhões em dezembro. Com isso, a previsão era de que nosso orçamento disporia de 6 bilhões de dólares a menos em julho de 2008, início do ano fiscal seguinte. "O que está acontecendo?", pensei.

Embora a quebra do mercado financeiro em setembro de 2008 muitas vezes seja considerada o marco inicial da Grande Recessão, a crise chegou mais cedo e atingiu a Califórnia com mais força do que o restante do país. Isso se deveu à escala de nosso mercado habitacional e ao impacto do desastre das hipotecas. Os preços imobiliários já lendários da Califórnia aumentaram de forma estratosférica durante os anos 1980 e 1990, e os proprietários começaram a usar o valor cada vez maior de seus imóveis para financiar planos de aposentadoria e estudos universitários ou comprar casas de praia ou de campo. Agora, porém, essas pessoas não estavam mais conseguindo honrar as hipotecas e começaram a perder seus imóveis a um ritmo duas vezes superior à média nacional. Segundo algumas estimativas, mais de 630 bilhões de dólares já estavam perdidos e não poderiam ser recuperados, e com eles dezenas de bilhões em impostos devidos.

Parte da culpa era do governo federal, que havia autorizado hipotecas rápidas e sem o devido controle no segmento de crédito de risco, o *subprime*. No passado, era preciso dar uma entrada equivalente a 25% do valor do imóvel. Além disso, as instituições paraestatais Fannie Mae (como é conhecida a Federal National Mortgage Association) e Freddie Mac (como é chamada a Federal Home Loan Mortgage Corporation) foram incentivadas a expandir o crédito para mutuários de baixa renda, a fim de aquecer a economia e expandir a cultura da casa própria. Isso ajudou a inchar a bolha imobiliária. Exatamente como me ensinara Milton Friedman, quando o governo federal mete a mão no mercado, quem paga são os estados. Os californianos sofreram em parte por causa de uma cagada federal, e eu, como governador, fui pego desprevenido.

Apesar de não ter muito dinheiro com que trabalhar, usei toda a liquidez

que consegui encontrar para reagir à crise. Tentamos desesperadamente acelerar os gastos de infraestrutura obtidos graças a títulos públicos para construir rodovias e ferrovias, abrir novas ruas e consertar velhas pontes. Encontramos verbas para programas de reciclagem de trabalhadores da construção civil que estavam perdendo o emprego. Convencemos grandes credores a congelar a taxa de juros para mais de 100 mil mutuários em situação de maior risco. Contratamos mais de mil pessoas para trabalhar nos call centers estaduais e orientar mutuários em dificuldades ou ajudar pessoas que deveriam receber seguro-desemprego e outros benefícios.

Logo antes do Natal, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Hank Paulson, foi me visitar para conversar sobre a crise das hipotecas *subprime*. Ele e eu fizemos uma reunião em Stockton e o escutei falar sobre "minimizar o estrago" da crise imobiliária na economia de forma geral. Nesse ponto, eu ainda estava disposto a descrever o problema como um "percalço" em meus comentários para a plateia. No entanto, meu pressentimento em relação àquilo não era nada bom. Pouco depois, peguei um avião até Washington para uma conferência de governadores na qual Alphonso Jackson, secretário de Habitação do presidente Bush, fez um discurso sobre como o sonho americano de ter casa própria continuava vivo e pulsante. Eu conhecia Alphonso um pouco e o encurralei durante o intervalo para lhe perguntar o que estava acontecendo de verdade. "Não parece nada bom", foi tudo o que ele quis dizer. A expressão em seu rosto me deixou alarmado. Ele parecia mais preocupado que pouco antes, no pódio.

Decidi que o melhor era ignorar as previsões econômicas para o ano fiscal de 2008 e prever crescimento zero para a receita proveniente de impostos. Em nosso estado viciado em ciclos de progresso, um crescimento zero no orçamento do governo estadual seria muito mais doloroso do que pode parecer. Teríamos que arcar com um aumento automático de 10 bilhões de dólares em aposentadorias, educação, saúde e outros programas protegidos por lei ou por exigências de financiamento federal. Portanto, se a renda do estado não aumentasse, a única maneira possível de obter recursos seria cortando outros programas que não estivessem previstos em lei. Era uma escolha dificílima. Se reduzíssemos os gastos com prisões, teríamos que libertar prisioneiros e talvez tornar os bairros menos seguros. Se cortássemos na educação, o que isso diria sobre nossa preocupação com as crianças, nossos cidadãos mais vulneráveis? Se cortássemos na saúde, estaríamos dizendo que na verdade não ligávamos para os idosos, os enfermos e os deficientes?

No fim das contas, decidi cortar 10% de todos os programas indiscriminadamente. É difícil quando você acaba de dar seu apoio a iniciativas que logo em seguida não tem mais dinheiro para bancar. Por exemplo, eu havia apoiado uma lei para fortalecer a tutela do estado e impedir que crianças fossem parar na rua. Na minha opinião, leis como essa acabariam, a longo prazo, reduzindo as despesas do estado com saúde e segurança pública, porque o fim da tutela de crianças pode ser problemático.

Depois de defender esse plano com vigor, porém, tive que desistir dele por causa da crise financeira. Fiquei arrasado e passei por bobo ao ter que descumprir um compromisso que queria honrar, mas para o qual já não tinha mais recursos.

Os últimos dias úteis de dezembro de 2007 foram dedicados a uma procissão de defensores de grupos de interesse e líderes comunitários que convoquei à sala do gabinete, próxima ao meu escritório. Senti que precisava encará-los nos olhos e expor eu próprio a situação financeira que teríamos que enfrentar. As consequências de um corte não trazem apenas a economia de alguns dólares, mas também têm efeito sobre as pessoas. Falar sobre responsabilidade fiscal parece muito frio quando quem está sentado na sua frente é um representante de pacientes portadores de HIV, crianças carentes ou idosos. "Os democratas estão se ferrando, os republicanos estão se ferrando, e nós estamos nos ferrando", eu disse a eles. Quando pedi que fizessem seus comentários, eles me agradeceram pela sinceridade, e isso me surpreendeu. Muitos deram conselhos úteis.

Eu ficava angustiado ao pensar que parte desse sofrimento poderia ter sido evitado. Mesmo antes de ser eleito, em 2003, eu já insistia que o ciclo bolha-crise da dinâmica economia da Califórnia geraria um forte risco negativo em caso de crise – e que o estado precisava desesperadamente de um amortecedor. Tentei implementar um fundo emergencial, que àquela altura já teria chegado a 10 bilhões de dólares, mas não consegui convencer o legislativo nem os eleitores a aprovar um fundo com regras rígidas o bastante para manter o dinheiro bloqueado até a ocorrência de uma emergência grave. Bem, a emergência estava chegando, e fui forçado a tomar decisões impopulares que não agradavam a ninguém, muito menos a mim.

Na primavera de 2008, a receita do estado despencou vertiginosamente. Só entre janeiro e abril daquele ano, o déficit orçamentário aumentou em 6 bilhões de dólares. E isso meses antes de a crise financeira atingir o mundo inteiro.

Em janeiro, apoiei a candidatura presidencial de John McCain antes mesmo da conclusão das primárias. Havia muitos anos que aquele senador do Arizona, nosso estado vizinho, vinha me ajudando, sobretudo nos tempos árduos de 2005, quando passara um dia inteiro percorrendo o sul da Califórnia comigo, de ônibus, fazendo campanha para minhas propostas de reforma fadadas ao fracasso.

Ao mesmo tempo, conforme as campanhas presidenciais avançavam, não critiquei Hillary Clinton nem Barack Obama. A verdade era que para mim, nas questões que de fato importavam, em especial o meio ambiente e uma economia baseada em novas formas de energia, qualquer um dos candidatos seria melhor que George Bush filho. Em Yale, diante de uma plateia, declarei: "O presidente McCain, o presidente Obama ou a presidente Clinton vão levar este país a um outro patamar em matéria de mudanças climáticas. Todos os três serão excelentes para o meio ambiente. Imediatamente depois do dia da

posse as coisas vão entrar em ritmo acelerado."

Em agosto de 2008, pela primeira vez em duas décadas, faltei à Convenção Nacional Republicana. Fiquei preso na Califórnia, lutando nas reuniões de orçamento, mas minha ausência era, indiretamente, o reflexo de uma preocupação muito maior. O crescente conservadorismo do partido não agradava mais nem a mim nem à grande maioria dos eleitores do estado. Essa inclinação para a extrema direita ficou evidente quando McCain escolheu Sarah Palin como sua candidata a vice. Na época, eu a elogiei como uma líder e reformadora inteligente e corajosa. Com o passar do tempo, no entanto, concluí que não gostava do efeito polarizador que ela exercia sobre o país.

NESSE OUTONO, SE VOCÊ TIVESSE visitado a residência dos Schwarzenegger, teria presenciado uma verdadeira explosão de diversidade política. Na porta da frente, eu havia pendurado um imenso cartaz de John McCain. Na sala de estar, por sua vez, havia uma imagem de Obama de corpo inteiro, em tamanho real. Pela primeira vez, as crianças pareciam engajadas politicamente. O caráter dramático da eleição presidencial lhes interessava bem mais que o meu cargo. Eu sempre implicara com Maria por vir de uma família de clones políticos, mas na nossa casa isso não acontecia. Um de nossos filhos era democrata, outro, republicano, e os dois restantes eram independentes ou não tinham preferência declarada.

A Grande Recessão que nos atingiu no final de 2008 anulou completamente o avanço que tínhamos conseguido graças a anos de disciplina e cortes. Nas previsões para o ano fiscal seguinte, 2009-2010, que começava em julho, o rombo do ano corrente somado ao do ano seguinte projetava 45 bilhões de dólares. Em termos de porcentagem e de quantia de dólares, era o maior déficit da história da Califórnia – na verdade, o maior que qualquer estado já tivera que enfrentar. Um déficit tão imenso que, mesmo fechando todas as escolas, todas as prisões e demitindo todos os funcionários públicos, continuaríamos no vermelho.

Mesmo após eu adotar medidas para poupar dinheiro, a situação orçamentária piorou. Com o colapso dos mercados financeiros, tivemos que contribuir com bilhões de dólares para compensar falhas no sistema de aposentadorias do funcionalismo público. Fiz uma pressão enorme para implementar mudanças que eliminassem os piores abusos no campo das aposentadorias, mas não foi suficiente. Enquanto isso, os gastos com as prisões disparavam, em razão de contratos vantajosos assinados anos antes por outros governos e aumentos ordenados por juízes federais, que na verdade passaram a assumir o controle de partes do sistema. Eu me esforçara para poupar mais de 1 bilhão de dólares por meio de mudanças controversas, entre elas o corte dos aumentos automáticos de salário para policiais e a reforma de nossas políticas de concessão de liberdade condicional. Tive que enfrentar o mais feroz sindicato trabalhista do estado – o dos agentes penitenciários – e ao mesmo tempo pressionar bastante meus mais fortes defensores na segurança pública,

como xerifes e delegados de polícia. Nossa proposta foi tratar os crimes menos violentos como simples contravenções, despachar mais prisioneiros para outros estados e criar alternativas à prisão para contraventores de baixo risco, como o monitoramento por GPS ou a prisão domiciliar. Ganhamos batalhas importantes nessas duas frentes, mas mesmo assim os gastos com as prisões aumentaram. Na verdade, tínhamos passado a gastar mais com as penitenciárias que com as universidades.

As batalhas orçamentárias passaram a se assemelhar ao filme *Feitiço do tempo*. Assim que terminávamos as negociações e os cortes para uma versão do orçamento, os números da arrecadação fiscal diminuíam ainda mais que o previsto, e precisávamos começar tudo outra vez.

O início de 2009 foi o pior período. Os orçamentos costumam ser negociados em junho – e as negociações muitas vezes se prolongam de forma interminável durante o verão do hemisfério norte. No entanto, a conjuntura financeira da Califórnia se deteriorou tão depressa com a crise mundial que convoquei a Assembleia Legislativa para uma sessão especial e organizei debates sobre o orçamento durante o recesso de Natal. Não era só o déficit orçamentário que nos afligia: também tínhamos um problema de caixa. O estado estava com pouco dinheiro e corria o risco de ter que emitir notas promissórias para pagar as contas.

Sempre fui um defensor de cortes rápidos. Isso se devia em parte à minha filosofia de vida: se você estiver gastando mais do que ganha, corte os gastos. É simples assim. A outra parte se devia à matemática. Quando se faz um orçamento, quanto mais cedo os cortes são feitos, menos drásticos precisam ser. Para os legisladores, porém, os números assustadores surtiram o efeito contrário: eles ficaram paralisados. O debate se arrastou por janeiro e adentrou fevereiro. Fiz pressão para que o legislativo agisse. Pendurei em frente à minha sala um cartaz com os dizeres "Inação do legislativo", no qual exibia o número de dias e as dívidas que se acumulavam a cada 24 horas que os membros da Assembleia deixavam de tomar providências em relação ao orçamento.

Em meados de fevereiro, quando as negociações começaram a varar noites, eu às vezes lembrava a mim mesmo que aquilo não era nada em comparação com estar imerso até o pescoço em lama gelada nas filmagens de *Predador*, ou descer escadas ao volante de um Cadillac em *O sexto dia*. Pensava também em como as negociações orçamentárias não são muito diferentes de cinco horas excruciantes levantando pesos na academia. A alegria da malhação é que, a cada repetição dolorida, você fica mais perto de alcançar seu objetivo.

Ainda assim, até mesmo o meu otimismo foi posto à prova pela dimensão da crise. Para mim o momento mais difícil foi depois de uma conversa com Warren Buffett. Ele era um observador econômico muito melhor que eu, então, periodicamente, eu lhe telefonava para perguntar o que ele estava vendo no resto do mundo, fora da Califórnia. O governo Obama estava incrementando as medidas emergenciais de estabilização iniciadas pelo

presidente Bush, e eu queria um conselho de Buffett em relação a quando tudo isso começaria a surtir efeito.

– Neste momento, a economia está como uma bola murcha – disse ele. – Essa bola não quica. Quando é jogada no chão, ela simplesmente faz "plof" e fica ali parada, até você a pegar e injetar um pouco de ar nela.

Era essa a conjuntura geral, e ela não era nada boa. Buffett me explicou o que estava querendo dizer. Não eram só os Estados Unidos que tinham sido afetados; o mesmo acontecera com a Alemanha, a Inglaterra, a França, a Índia e até mesmo com a China. Aquela não era apenas mais uma recessão exclusivamente americana.

– Se os bens perderem 20% do valor, a renda decorrente desses bens também será menor – disse ele. – Para começar a crescer de verdade outra vez, o mundo inteiro vai ter que se acostumar com esse fato. Inflar os valores artificialmente não vai funcionar. Todo mundo terá que se acostumar a viver com menos e a partir de um patamar mais baixo.

– Quanto tempo isso vai levar? – perguntei.

– Anos. Talvez continue assim até 2013 ou 2015.

Como assim, 2013? Fiz uma conta rápida de cabeça: de 2009 a 2013 seriam cinco anos. Meu mandato terminaria em 31 de dezembro de 2010, e, se Warren estivesse certo, eu voltaria a ler roteiros de cinema na varanda da minha casa muito antes da retomada de qualquer crescimento significativo.

Tanto Maria quanto Susan perceberam meu desânimo. O que Buffett tinha me dito prenunciava tempos magros e expectativas mais baixas para bilhões de pessoas, e não só na Califórnia. Espalhei a notícia. Susan me ouviu relatar a conversa com o investidor várias vezes para membros de nosso gabinete e os principais integrantes do legislativo. Isso foi um valioso choque de realidade, que nos ajudou a tomar decisões difíceis e impopulares no período subsequente.

Na verdade, a crise financeira tornou necessário o maior e mais difícil acordo da minha carreira política. Após meses de negociações exaustivas, em uma noite de fevereiro de 2009 finalmente conseguimos fechar o orçamento, que previa 42 bilhões de dólares em ajustes e custosos compromissos por parte de todos os envolvidos. Os democratas tiveram que fazer grandes concessões em questões que consideravam importantes, como a reforma do sistema de benefícios sociais e previdenciários e as licenças não remuneradas dos sindicatos. Agora eu estava solicitando aos republicanos que cometessem uma heresia – o mesmo que pedir a um democrata a favor do direito de aborto que mudasse de posição. Quando me candidatara a governador, eu prometera jamais aumentar os impostos, exceto nas circunstâncias mais desesperadoras. No entanto, também havia prestado um juramento para fazer o que fosse melhor para o estado, não para mim nem para qualquer ideologia que fosse. Assim, muito contrariado, assinei um orçamento que aumentava o imposto de renda, o imposto sobre as vendas e até mesmo o imposto recolhido sobre os automóveis pelos dois anos seguintes. Tratava-se exatamente do mesmo

imposto de emplacamento que fizera Gray Davis perder o cargo e que eu cortara em meu primeiro ato como governador.

Como sabia que iria acontecer, despenquei nas pesquisas de opinião como a bola murcha de Warren Buffett. E não fui o único a sofrer as consequências. Convenci os líderes dos dois partidos no legislativo a me apoiarem, e eles acabaram pagando um preço por isso. Os democratas – o líder no Senado estadual, Darrell Steinberg, e a presidente da Assembleia, Karen Bass – tornaram-se muito impopulares junto aos liberais ao concordarem em apoiar eleições primárias abertas, bem como novas reformas dos benefícios sociais – para extinguir coisas como os aumentos automáticos atrelados ao custo de vida. Enfureceram os sindicatos de funcionários públicos ao concordar tanto com a reforma das aposentadorias quanto com outra de minhas condições indispensáveis: a criação (enfim!) de um fundo previsto estritamente para tempos de crise, a ser usado apenas em caso de emergência. Para os líderes republicanos, o preço foi ainda mais alto. Na noite da votação, o partido fez o senador estadual Dave Cogdill perder sua posição de liderança. Algumas semanas depois, forçou o líder republicano na Assembleia, Mike Villines, a renunciar ao cargo – tudo porque eles haviam aceitado um meio-termo que incluía o aumento de impostos.

O acordo alcançado para o orçamento em fevereiro não foi o fim da história. A Califórnia tem tantas fórmulas orçamentárias inseridas na Constituição ou ditadas por votações populares passadas que não é possível aplicar praticamente nenhuma medida fiscal sem pedir a aprovação dos eleitores. Para concluir o acordo, tive que convocar um pleito especial para maio daquele ano.

A votação se transformou em um embate de extremos – esquerda e direita – contra o centro, ou seja, os que estavam inclinados a apoiar o acordo. Democratas lutaram contra democratas para impedir os cortes de gastos, e republicanos lutaram contra republicanos para impedir o aumento de impostos. O acordo em si era confuso – ninguém gostava dele de fato, nem mesmo eu –, o que o tornava vulnerável ao jogo político. Fiquei profundamente frustrado com os líderes dos partidos e com a imprensa por não explicarem o histórico orçamentário e as realidades incontornáveis que haviam nos levado àquele ponto. Os sindicatos fizeram uma campanha particularmente feroz contra o fundo emergencial por causa dos limites de gasto que ele imporia.

Fiquei decepcionado com a falta de apoio a representantes eleitos que tanto haviam se arriscado, entre os quais eu próprio. Havia muitos anos que democratas e sindicatos vinham pedindo arrecadações maiores. Agora eu, um republicano, lhes dera um aumento de impostos e o que eles faziam? Opunham-se a ele!

MEUS TALENTOS DE VENDEDOR DE nada adiantaram. Constatei que, depois de seis anos tentando fazer com que os cidadãos encarassem o problema

orçamentário do estado, eles não estavam do meu lado. Quando parecia que iríamos perder, cheguei a tentar a tática de assustá-los. Apresentei uma "alternativa orçamentária" apocalíptica para mostrar aos eleitores todas as coisas horríveis que poderiam acontecer caso não aprovassem nosso acordo. A proposta alertava sobre a libertação de 50 mil presidiários, a demissão de milhares de professores e outros funcionários públicos e a venda forçada de marcos históricos importantes como a Prisão Estadual de San Quentin e o Coliseu Memorial de Los Angeles.

Mesmo assim, nós perdemos. Os eleitores rejeitaram todas as medidas essenciais e, nos meses seguintes, o legislativo teve que começar tudo outra vez e tornar a se digladiar com o orçamento para 2008-2009. Infelizmente, meu cenário apocalíptico não estava muito longe da realidade. Em junho, tive que anunciar um corte de 24 bilhões de dólares nos gastos. Milhares de professores e funcionários públicos foram demitidos. O estado precisou emitir 2,6 bilhões de dólares em promissórias para pagar as contas, já que estávamos mais uma vez prestes a zerar o caixa. Mas não vendemos nem o Coliseu nem San Quentin.

Em nossa família, o verão desse ano foi uma fase de perda terrível. Embora já muito idosos e frágeis, Eunice e Sarge foram passar as férias em Hyannis Port, como sempre faziam. Ele estava com 93 anos e ela, com 87. Sarge tinha Alzheimer em estágio tão avançado que já não reconhecia mais ninguém, nem mesmo a própria esposa. Os dois tinham chegado a Hyannis havia apenas 15 dias quando, em 9 de agosto, Eunice foi levada de emergência para o hospital de Cape Cod. Dois dias depois, ela morreu.

Minha sogra havia influenciado tantas vidas que o mundo inteiro lamentou sua morte. Os Kennedy mandaram rezar uma missa de réquiem em sua homenagem na mesma igreja em que Maria e eu tínhamos nos casado mais de 20 anos antes. Sarge pôde comparecer, mas Teddy não assistiu à missa da irmã, pois estava na fase terminal de um câncer no cérebro. Duas semanas depois, em Boston, ele também faleceu.

Foi difícil, para mim, aceitar a morte de Eunice. Ela havia sido minha mentora e incentivadora, além de a melhor sogra do mundo. Meu luto, porém, não foi nada em comparação com o de minha mulher. Maria sofreu mais do que eu jamais a vira sofrer. Tivemos longas conversas sobre sua mãe, mas ela se recusou a falar em público sobre a perda até dois meses depois, quando fez um discurso em sua conferência de mulheres. Diante de milhares de pessoas reunidas no centro de convenções Long Beach Arena, ela declarou: "Quando as pessoas perguntam, respondo que estou bem, que estou aguentando firme. Mas a verdade é que não estou nada bem. O fato é que a morte de minha mãe me derrubou. Ela era minha heroína, minha modelo, minha melhor amiga. Falei com ela todos os dias da minha vida. Quando virei adulta, dei duro para fazê-la sentir orgulho de mim."

Mais tarde naquele outono, fui à Dinamarca em uma missão da qual sabia que minha sogra teria se orgulhado. Eunice e Sarge nunca hesitavam em

ultrapassar fronteiras ou romper barreiras burocráticas quando havia algum trabalho importante a fazer por outras pessoas. Fora assim que minha sogra criara a Special Olympics, e meu sogro, o Peace Corps.

O secretário-geral da ONU Ban Ki-moon e eu vínhamos trabalhando em uma ambiciosa resposta ao aquecimento global. Dois anos antes, em 2007, ele ficara tão bem impressionado com a iniciativa sobre mudanças climáticas da Califórnia que me convidara a discursar na sessão inaugural da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. No outono daquele ano, ao subir ao pódio, quase não acreditei quando me dei conta de que estava pisando no mesmo lugar pelo qual Kennedy, Mandela e Gorbachev haviam se dirigido à ONU antes de mim. O evento pôs a Califórnia diante do mundo inteiro e deu ao estado uma chance de contribuir para uma discussão internacional fundamental.

Dois anos depois, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de Copenhague pretendia ser o evento mais importante sobre aquecimento global desde a conclusão do Protocolo de Kyoto, em 1997. Após anos de conferências, programas e debates sobre meio ambiente, líderes de mais de 110 nações iriam à capital dinamarquesa tentar definir um plano de ação. O secretário-geral, porém, estava preocupado, pois achava que eram pequenas as chances de acordo entre países industrializados e aqueles em desenvolvimento. Os Estados Unidos não haviam ratificado os acordos de Kyoto. A China e a Índia, por outro lado, tinham deixado bem claro que não queriam nem a Europa nem os Estados Unidos ditando suas políticas climáticas. Com isso, os problemas se arrastavam.

Desde uma visita a São Francisco em 2007, Ban Ki-moon vinha observando com grande interesse a Califórnia estabelecer coalizões cada vez maiores com outros estados americanos e governos "subnacionais" no exterior. A Iniciativa Ocidental sobre o Clima, nosso programa regional de limites e comercialização para conter emissões de carbono, fora expandida para incluir sete estados americanos e cinco províncias canadenses. Apesar da recessão mundial, nossa segunda Cúpula Governamental Global sobre o Clima, no final de 2009, atraiu governadores e líderes de províncias de seis continentes.

Esse movimento subnacional para enfrentar as mudanças climáticas havia estabelecido pontes com os países em desenvolvimento. No âmbito nacional, perdurava o impasse entre Washington e Pequim em relação às questões climáticas, mas tanto os Estados Unidos quanto a China permitiram a criação de conexões entre regiões. A Califórnia já fizera acordos com a cidade de Xangai, e várias das províncias chinesas mais industrializadas tinham metas para reduzir a emissão de gases de efeito estufa e cooperar em projetos de energia solar e eólica, ônibus elétricos e trens de alta velocidade.

Quando a notícia desses avanços se espalhou, os membros da comunidade ambientalista começaram a sentir que havia ali uma oportunidade gigantesca. Ban Ki-moon recebeu bem minha sugestão de transformar o método aplicado na Califórnia num plano B em Copenhague, a fim de complementar o esforço

principal da ONU de lidar com as mudanças climáticas. "Mesmo que haja um impasse nas negociações, a conferência não precisa parecer um fracasso", argumentei. "O senhor poderá dizer que, embora os governos nacionais estejam empacados, temos grandes sucessos aqui, na frente subnacional, e vamos continuar a luta."

TODOS OS GRANDES MOVIMENTOS DA história – pelos direitos civis, pelo direito de voto das mulheres, contra o apartheid, pela segurança no trabalho – começam no nível mais básico, não em lugares como Washington, Paris, Moscou ou Pequim. Essa foi a minha inspiração ao tentar lidar com a questão das mudanças climáticas. Por exemplo, quando reduzimos a poluição em 70% no porto de Long Beach – o segundo porto marítimo de maior movimento no país –, a ordem não veio de Washington. Fizemos isso sozinhos. Aprovamos leis que proibiam caminhões de permanecer com o motor ligado e demos incentivos fiscais aos caminhoneiros para que eles passassem a usar motores elétricos, movidos a diesel limpo ou híbridos. Além disso, a Califórnia construiu a Rodovia do Hidrogênio (uma cadeia de postos de abastecimento para veículos movidos a hidrogênio), lançou o programa Um Milhão de Telhados Solares e se comprometeu a reduzir drasticamente suas emissões de gás de efeito estufa, tudo sem esperar por ordens de Washington. Assim, se pudéssemos promover a criação de projetos desse tipo mundo afora e envolver a população, empresas, cidades e estados, então os governos nacionais poderiam reagir.

Foi essa a ideia que levei para os líderes reunidos em Copenhague. Depois do discurso, demos uma entrevista coletiva para a imprensa, só que em um hotel diferente da conferência, para enfatizar a mensagem "Enquanto os governos nacionais estão reunidos ali, nós estamos aqui. Vocês deveriam prestar bastante atenção em nós, tanto quanto neles. Não em nós *em vez de* neles, pois somos atores coadjuvantes e eles são os astros. Sem os coadjuvantes, porém, eles não vão conseguir resultados".

Como os pessimistas haviam previsto, nenhum acordo obrigatório foi assinado na cúpula de Copenhague. O presidente Obama dominou as manchetes com sua intervenção pessoal veemente e seu esforço para obter um acordo de última hora com China, Índia, África do Sul e Brasil. Nossa iniciativa não bastou para mudar o curso dos acontecimentos, mas acrescentou ao debate uma dimensão nova e crucial. Ban Ki-moon e eu nos tornamos bons amigos e, no ano seguinte, nos unimos para buscar novas maneiras de possibilitar que governos subnacionais levassem adiante políticas relacionadas às mudanças climáticas.

O presidente Obama e eu também ficamos amigos. Pouco depois de sua vitória na eleição, em 2008, eu o parabenizei em um discurso diante de uma plateia republicana, dizendo que torcia por seu sucesso como presidente, pois uma liderança nacional eficiente seria algo bom para os californianos. Sabendo que eu queria trabalhar com ele, o presidente me convidou a ir à Casa Branca e

juntos desenvolvemos um sólido relacionamento profissional. Ele conhecia meu histórico de bipartidarismo e os objetivos que tínhamos em comum nas áreas de meio ambiente, imigração, reforma do sistema de saúde e infraestrutura, e sabia que eu não iria criticá-lo pelas costas. Obama me recebia com um abraço. Nossas conversas eram descontraídas e cheias de humor, embora nós dois estivéssemos enfrentando desafios econômicos terríveis: recessão, altos índices de desemprego, déficits descomunais.

NAS PESQUISAS DE OPINIÃO PÚBLICA, meu índice de aprovação caíra para 28%, um reflexo da infelicidade e do desânimo generalizados em relação à economia. Pelo menos não estava tão baixo quanto a taxa de aprovação do legislativo, que era de 17%. Eu tinha uma escolha a fazer: podia adotar uma postura conciliatória e tentar melhorar esses números, ou podia continuar lutando bravamente para consertar o que estava errado na esfera estadual e ver meus índices de aprovação irem parar no chão. Decidi lutar. Ao contrário dos políticos leais a um partido, eu não tinha nada a perder. Restava-me apenas um ano de governo, e tanto as leis sobre limitação de mandatos públicos quanto a Constituição federal me impediam de tentar outra reeleição ou de concorrer à presidência do país.

Seis anos de altos e baixos fizeram de mim um governador, assim como as lutas no fosso e a Roda da Dor haviam feito de Conan um guerreiro. Eu agora compreendia a política e o governo e, apesar de todos os combates, da recessão e dos índices de aprovação ruins, eu tinha mais energia do que nunca. Sentia-me mais uma águia faminta do que um pato manco.

Em 2010, consegui alcançar alguns objetivos importantes. Convenci o legislativo a adotar mais uma vez uma medida radical de reforma orçamentária, que estabelecesse limites para despesas e criasse um fundo emergencial. Era minha última oportunidade para tentar consertar um sistema orçamentário que não funcionava. As medidas aprovadas em 2004 eram um bom começo, mas seu alcance não bastava para corrigir o sistema. Já a medida aprovada pelo legislativo em 2009, bipartidária e elaborada com mais cuidado, não havia passado pelo crivo dos eleitores por estar atrelada a um "compromisso grandioso" que previa aumentos temporários de impostos. Dessa vez – a última e melhor chance que tínhamos para eliminar de uma vez por todas a loucura de gastos responsável pelo déficit em Sacramento –, convenci um legislativo cansado a submeter a medida a votação mais uma vez (sem os execrados aumentos de impostos), muito embora ela só fosse ser votada depois que eu deixasse o cargo. Jurei arrecadar o dinheiro para aprová-la junto aos eleitores custasse o que custasse. Fiquei decepcionado ao saber que, a pedido dos democratas e dos sindicatos, meu sucessor, o governador Jerry Brown, assinou uma lei para retirar essas reformas do pleito de 2012. De acordo com as pesquisas, a medida dessa vez teria obtido uma vitória folgada: segundo o grupo reformista Think Long Committee for California, 84% dos eleitores planejavam votar sim. No final, a política de sempre gerou um

aumento de impostos sem qualquer real salvaguarda para restringir futuros gastos, e agora a proposta de reforma orçamentária irá a voto popular apenas em 2014.

No outono, assinei uma reforma histórica das aposentadorias, responsável por reduzir alguns dos piores excessos que ameaçavam falir o estado. Graças à remoção de vários regulamentos excessivos, emitimos licenças para tantas usinas de energia solar na Califórnia – mais de 5 mil megawatts só em 2009 (100 vezes toda a estrutura de energia solar autorizada no país um ano antes) – que o estado passou a ser chamado de Arábia Saudita da Energia Solar. A Califórnia agora está a caminho de construir não só a maior quantidade, mas também os maiores projetos solares do mundo. Fechei um acordo com o governo federal e com o estado do Oregon para remover represas situadas no rio Klamath e em seu entorno, o que constitui a maior remoção de represas e restauração fluvial da história dos Estados Unidos. Adotamos os primeiros Padrões para Prédios Verdes do país, exigindo que todos os edifícios novos do estado respeitassem rígidos níveis de eficiência energética e desenvolvimento sustentável.

Em 2010, também me aliei à NAACP e a Arne Duncan, o secretário de Educação do presidente Obama, para obter uma imensa vitória relacionada à reforma do ensino, dando aos pais o direito de tirar seus filhos de escolas de baixa qualidade. Os sindicatos de professores e as administrações das escolas lutaram com afinco para tentar barrar as reformas, mas a força bipartidária de um governador republicano, um presidente democrata e o principal grupo de direitos civis da nação foi imbatível até mesmo para o mais poderoso sindicato do estado.

A verdadeira medida do sucesso em 2010, no entanto, veio dos eleitores. Eu estava mais consciente do que nunca de que a chave para reformas verdadeiras e permanentes era estar em sintonia com o sentimento e o pensamento da população. Em junho, apesar do meu baixo índice de popularidade, os eleitores aprovaram a segunda parte de nosso pacote de reforma política: as primárias abertas. A primeira – uma reforma histórica que rompeu uma tradição americana de dois séculos de manipular as fronteiras dos distritos eleitorais – fora aprovada em 2008. Aliado a ela, o sistema de primárias abertas acabaria de uma vez por todas com a dominação dos interesses especiais da extrema esquerda e da extrema direita em nosso sistema eleitoral. Os dois nomes mais votados em cada primária decidiriam a eleição, independentemente do partido. Candidatos independentes e moderados republicanos ou democratas poderiam votar no candidato de sua escolha, acabando com o controle total dos radicais em ambos os partidos existente em um sistema de primárias fechado. A medida foi aprovada com 54% dos votos.

O derradeiro teste foi em novembro. Com nossas reformas, havíamos cutucado tantas onças com vara curta, à esquerda e à direita do espectro político, que tivemos que enfrentar propostas de votação popular elaboradas para anular nossas vitórias. A primeira foi uma tentativa de invalidar a medida

que regulamentava os limites distritais, aprovada em 2008. Os dois partidos financiaram a campanha que tornaria a medida sem efeito e devolveria os distritos eleitorais sãos e salvos às mãos dos representantes em exercício. Além disso, também tentaram derrubar uma nova medida cujo objetivo era implantar um sistema distrital mais justo nas eleições para o Congresso. A democrata Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Deputados, fez seus membros da Califórnia arrecadarem milhões de dólares para derrotar essa medida e anular a nossa. O ringue estava armado para a luta.

A segunda votação especial foi um referendo apresentado pelos sindicatos para punir as empresas que tivessem apoiado minhas reformas orçamentárias e políticas. O referendo anularia as reformas fiscais para empresas que tanto lutáramos para aprovar em 2009 como parte do compromisso. Infelizmente, essa era uma manobra típica: conseguia-se um acordo bipartidário sobre aumento de impostos e reformas fiscais que reduzia o custo para as empresas e, em seguida, uma vez implementados os aumentos de impostos, os sindicatos tentavam anular as reformas.

A terceira medida era a mais importante. A Proposta 23 foi levada a votação popular, financiada sobretudo por grandes empresas petrolíferas do Texas, para tentar anular nosso histórico acordo sobre o aquecimento global. A campanha manipulava os medos das pessoas em relação à economia e alegava que nossos esforços para combater as mudanças climáticas iriam aumentar ainda mais os índices de desemprego. Os defensores da proposta inundaram o estado com anúncios de TV que diziam: "Empregos Primeiro – Sim à 23". Reagimos com uma campanha surpreendentemente impactante codirigida por George Shultz, Jim Cameron e Tom Steyer, dono de um fundo de capital de risco, que arrecadou 25 milhões de dólares. Um de nossos anúncios mais eficazes mostrava um menino pegando um nebulizador e se esforçando para respirar. Não apenas derrotamos a Proposta 23 – nós a pulverizamos por uma diferença de 20 pontos. Acabamos com qualquer esperança que a indústria petrolífera texana pudesse ter de reverter a liderança da Califórnia na questão das mudanças climáticas.

Na verdade, naquele ano os eleitores apoiaram todas as nossas iniciativas, passando por cima da oposição ferrenha de partidos, sindicatos e empresas petrolíferas do Texas. Uma reforma política histórica, uma reforma tributária para as empresas e a aprovação mais firme possível de nossos esforços em relação às mudanças climáticas – era bom estar novamente no centro, em posição de poder, e contando com o apoio da população.

Vivíamos um momento de transformação. Por toda a Califórnia, era possível ver uma nova economia energética se consolidando. Uma década iniciada com apagões e desespero terminava com o estado aprovando mais projetos de energia renovável do que o país inteiro e assumindo, com determinação, a liderança nessa área. Um estado apaixonado por rodovias de alta velocidade e carros agora encabeçava o país inteiro no desenvolvimento de combustíveis alternativos. Um estado atolado em impasses políticos estava

agora pondo abaixo as barreiras do radicalismo que protegiam os partidos políticos dos eleitores que supostamente deveriam representar.

Com a aproximação do fim do mandato, minha agenda ficou mais cheia. No último trecho de uma missão comercial à Ásia, em setembro, posso afirmar com orgulho que dei um jeito de concentrar 36 horas de trabalho em um único dia. Na quarta-feira, 15 de setembro, comecei o dia às oito da manhã, em Seul, em uma reunião com a Câmara Americana de Comércio no hotel Grand Hilton. Então passei algum tempo com atletas dos Jogos Mundiais Olímpicos Especiais, tive um encontro com os presidentes da Korean Air e da Hyundai, conversei com o prefeito de Seul, assinei um acordo de cooperação entre Coreia e Califórnia, andei no trem-bala, visitei uma loja de departamentos e animei os soldados americanos lotados na Coreia. Ao ser informado sobre a imensa explosão de um gasoduto em San Bruno, cancelei os outros compromissos e, em vez de ir para casa, peguei um avião direto para a região da baía de São Francisco, cruzando a linha internacional de mudança de data. Quando cheguei em território americano, portanto, ainda era quarta-feira. Em San Bruno, visitei o local da explosão, recebi informações atualizadas das equipes de socorro e conversei com as vítimas, que ainda se encontravam em estado de choque. Falei com famílias que tinham perdido seus lares, seus parentes, sua comunidade. De todas as coisas que fiz na vida, nada ficou gravado mais fundo na minha memória que fitar os olhos de uma pessoa que acabara de perder tudo o que amava na vida.

EM DEZEMBRO, DEPOIS DE OS eleitores escolherem Jerry Brown para me suceder e com os planos para a transferência de poder já bem adiantados, um jornalista me perguntou por que não saí tranquilamente pela porta, como teria feito a maioria dos governadores após dois mandatos tumultuados. Respondi que acredito em cruzar a linha de chegada correndo a toda a velocidade. "Ainda há muito trabalho a ser feito", falei. "Por que parar em novembro ou dezembro? Não faria o menor sentido."

O estado ainda estava tomado pela mais profunda crise financeira da história moderna dos Estados Unidos e, apesar de todos os nossos esforços, meu sucessor teria que encarar um déficit orçamentário persistente, provavelmente pelos dois anos seguintes. Eu poderia simplesmente ter ignorado os números durante o outono e deixado o trabalho a cargo de Jerry Brown. Com certeza era o que os líderes democratas do legislativo queriam que eu fizesse, pois estavam fartos da minha pressão por mais cortes de gastos. No entanto, deixar passar meses sem qualquer providência teria sido uma irresponsabilidade. Assim, convoquei mais uma sessão especial do legislativo. Dessa vez, já sabia de antemão que os legisladores não agiriam. Estavam todos sem energia, rezando para que o novo governador democrata chegasse montado em um cavalo branco e aumentasse os impostos para poupá-los de ter que fazer mais cortes. Não fariam mais nenhum corte, de jeito nenhum, por mais que eu os pressionasse. A imprensa escreveu o óbvio: "Ele começou

com problemas de orçamento e terminou com problemas de orçamento."

É verdade. Apesar disso, tivemos um baita progresso e também fizemos história em muitas frentes: reformas no sistema de seguros e indenizações trabalhistas, reformas nas políticas de concessão de liberdade condicional, reformas da aposentadoria, reformas do ensino, reformas do sistema de benefícios sociais e previdenciários e reformas do orçamento não uma, nem duas, mas quatro vezes. (E lá estarei, na campanha de 2014, para garantir que os eleitores aprovem as novas reformas orçamentárias.) Fizemos do nosso estado um líder internacional em matéria de mudanças climáticas e energia renovável; um líder nacional em reforma do sistema de saúde e na luta contra a obesidade; lançamos o maior esforço de investimento em infraestrutura em muitas gerações; e enfrentamos o problema da água, o mais espinhoso da política estadual. Implementamos as reformas políticas mais significativas desde o governo de Hiram Johnson – e, em junho de 2012, na primeira eleição realizada com o novo sistema de primárias abertas, o aumento da participação de candidatos moderados e pragmáticos atraiu atenção nacional. E realizamos tudo isso ao mesmo tempo que lidávamos com o maior desastre econômico desde a Grande Depressão.

Não nego que ser governador foi mais complexo e mais desafiador do que eu havia imaginado. Destaco um incidente em especial, pelo abismo que revela entre o que as pessoas pensam que você pode fazer por elas e a realidade que você tem que enfrentar como governador. Durante a terrível seca de 2009, fui conversar com agricultores em Mendota, no vale Central. Estava com Alan Autry, prefeito de Fresno e ex-quarterback profissional de futebol americano, que se esforçou mais do que ninguém para chamar minha atenção para a situação dos agricultores. Mendota era uma das comunidades mais afetadas tanto pela crise econômica quanto pela seca devastadora. A produção agrícola estava paralisada, os campos tinham virado pó e o desemprego atingira os 42%. Precisávamos de mais água do delta dos rios Sacramento-San Joaquin. Os ambientalistas, porém, diziam que desviar a água ameaçaria um peixinho chamado *delta smelt*, e um juiz federal ordenou que o desvio não fosse feito. O governo federal avaliou que o peixe precisava de mais proteção que os agricultores.

Os lavradores começaram a fazer demonstrações com cartazes que diziam "Liguem as Bombas" e mostravam imagens dos campos secos. Davam à imprensa declarações do tipo: "De jeito nenhum vou deixar um peixinho levar embora minha água. Vamos lutar contra o governo até o fim."

Eu disse a eles que estávamos negociando com Ken Salazar, secretário do Interior.

– Essas coisas levam tempo, é preciso ter paciência – falei.

Um dos agricultores se levantou e perguntou:

– Como você pode dizer isso? Por que simplesmente não vai lá e gira a válvula? Vá lá e ligue a bomba.

Percebi que as pessoas achavam que eu fosse ignorar o juiz federal, ignorar

quem quer que estivesse vigiando a estação da bomba, chegar até uma imensa válvula, quebrar a corrente que a prendia e girá-la, liberando assim uma enxurrada de água sobre a região para deixá-la toda verdinha e devolver o emprego aos agricultores. Só que eu não podia fazer isso na vida real! É esse o problema quando você é governador. Pode até fazer milagres, mas não do tipo em que veste uma capa e sai voando pelo céu. Foram precisos muitos meses de pressão e convencimento junto ao Departamento do Interior e algumas dedicadas negociações com o governo Obama antes de a água ser liberada.

Como governador, você não é nem um defensor solitário nem um astro. Precisa trabalhar lado a lado com o legislativo, com os tribunais, com a máquina burocrática e com o governo federal, sem falar nos próprios eleitores.

A política pode ser bem parecida com se atirar no ar em direção a uma multidão. Muitas mãos se levantam para carregá-lo e às vezes você até acaba indo parar aonde queria ir, mas outras vezes não. Em comparação com fazer um filme, porém, a satisfação de realizar algo no governo é bem maior e mais duradoura. Em um filme, você diverte o público por algumas horas dentro de uma sala escura. Já no governo você afeta vidas inteiras, gerações até.

Sempre que chegávamos a algum acordo e que alguma medida era aprovada pelo legislativo ou nas urnas, eu era tomado por uma sensação extraordinária. Pegava um charuto, acendia, sacava minha lista de coisas a realizar, pegava uma caneta e riscava aquele item da lista. Sem dúvida eu gostaria de ter riscado mais itens, mas mesmo assim me sinto bem com o que conseguimos realizar.

Até Maria concordava que o desafio tinha valido a pena. Em 2010, ao discursar em uma conferência sobre bem-estar, ela afirmou: "Gostaria de reconhecer hoje que estava errada quando tentei convencer Arnold a não se candidatar a governador, sete anos atrás, e que ele teve razão em não me dar ouvidos. A verdade é que eu não queria que ele concorresse porque eu própria não gostei de ser criada em uma família de políticos. Tinha medo de que algo ruim acontecesse. Eu temia o desconhecido. Na realidade, Arnold teve razão em correr atrás de seu sonho e se candidatar. Ele adorou ter sido governador mais do que qualquer outra coisa que já tenha feito na vida. O trabalho acabou combinando perfeitamente com seu intelecto, seu amor pelas pessoas, sua paixão por políticas públicas e sua tendência competitiva. Nunca o vi mais feliz ou mais realizado. Mesmo com todos os altos e baixos dos últimos sete anos, ele diz que, se tivesse que fazer tudo outra vez, faria sem pestanejar, e eu acredito nele. Nunca pensei que fosse dizer isso, mas agradeço ao meu marido por não ter me escutado."

Ter uma mulher assim era mais sorte do que eu merecia.

O segredo

DURANTE MEUS CAÓTICOS ÚLTIMOS MESES como governador, Maria e eu fomos procurar um terapeuta de casais. Ela queria conversar sobre o fim do meu mandato, e nos concentramos em questões que vários casais enfrentam na meia-idade, como o fato de nossos filhos estarem começando a viver as próprias vidas. Katherine já estava com 21 anos e cursava o terceiro ano na Universidade do Sul da Califórnia, enquanto Christina estava no segundo ano na Universidade de Georgetown. Dali a alguns anos, Patrick e Christopher também sairiam de casa. Como ficariam nossas vidas?

No entanto, Maria marcou uma sessão logo para o dia seguinte à minha saída do governo, quando me tornei outra vez um cidadão comum (era uma terça-feira), e pressenti que dessa vez era outra coisa. Agora minha mulher tinha algo muito específico em mente.

O consultório tinha uma iluminação fraca e era mobiliado com peças minimalistas e de cores neutras – não era o tipo de sala em que eu gostaria de passar muito tempo. Havia um sofá, uma mesa de centro e a poltrona do terapeuta. Assim que nos sentamos, ele virou-se para mim e falou:

– Maria quis vir aqui hoje para perguntar sobre um filho... para perguntar se você teve um filho com Mildred, sua empregada. Foi por isso que ela marcou esta sessão. Então vamos falar sobre isso.

No primeiro instante, quando o tempo pareceu parar, pensei comigo mesmo: "Bom, Arnold, você queria contar para ela. Surpresa! Está contado. Agora a bola está com você. Talvez esse fosse o único jeito de você tomar coragem."

– É verdade – falei para o terapeuta. Então me virei para Maria. – O filho é meu. Aconteceu há 14 anos. No início eu não sabia sobre ele, mas já faz vários anos que sei.

Disse a ela quanto estava arrependido, quanto aquilo tinha sido errado, e que era culpa minha. Simplesmente descarreguei tudo.

Fora uma daquelas coisas idiotas que eu prometera a mim mesmo nunca fazer. Durante a vida inteira, jamais tinha me envolvido com alguém que trabalhasse para mim. Tinha acontecido em 1996, quando Maria e as crianças estavam viajando de férias e eu permaneci em Los Angeles terminando *Batman & Robin*. Mildred já trabalhava em nossa casa havia cinco anos, e de

repente nos vimos sozinhos na casa de hóspedes. Em agosto do ano seguinte, quando ela deu à luz, batizou o menino de Joseph e o registrou como filho de seu marido. Foi nisso que eu quis acreditar e, de fato, foi nisso que passei muitos anos acreditando.

Joseph tinha ido várias vezes à nossa casa para brincar com nossos filhos. No entanto, a semelhança física comigo só ficou evidente na época em que ele chegou à idade escolar, quando eu já era governador e Mildred me mostrou as fotos mais recentes dele e de seus outros filhos. A semelhança era tão grande que me dei conta de que não restava dúvida: o menino era meu filho. Embora Mildred e eu mal tenhamos abordado o assunto, a partir daí passei a pagar os estudos dele e a ajudar financeiramente na sua criação e na dos irmãos. O marido de Mildred fora embora de casa poucos anos depois de Joseph nascer, mas seu namorado Alex assumira o papel de pai das crianças.

Muitos anos antes, Maria já tinha me perguntado se Joseph era meu filho. Na época, eu não sabia que era o pai e neguei. Minha impressão agora era que ela e Mildred, que a essa altura já trabalhava na nossa casa havia quase 20 anos, tinham conversado a respeito. De toda forma, muito pouco do que eu tinha a dizer pareceu novidade para Maria. O assunto tinha sido trazido à baila e ela queria respostas.

– Por que não me contou antes?

– Por três motivos – respondi. – Primeiro, eu não sabia como contar. Estava muito envergonhado, não queria magoar você e não queria estragar nosso casamento. Em segundo lugar, eu não tinha ideia de como contar e ao mesmo tempo manter a história como um assunto particular, porque você divide tudo com sua família, e nesse caso gente de mais ficaria sabendo. O terceiro motivo é que manter segredo faz parte de quem eu sou. Não importa o que aconteça, eu guardo as coisas para mim mesmo. Não fui criado com o costume de conversar. – Falei isso mais para o terapeuta, que não me conhecia muito bem.

Eu poderia ter citado mais 10 motivos, e todos eles teriam soado como desculpas esfarrapadas. O fato era que eu havia prejudicado a vida de todos os envolvidos e deveria ter contado a Maria muito antes. Em vez de fazer a coisa certa, porém, eu simplesmente guardara a verdade dentro de um compartimento mental e a trancara lá, onde não precisava lidar com ela no dia a dia.

Em geral eu tento me defender, mas dessa vez não fiz isso. Tentei cooperar o máximo possível. Expliquei que o erro tinha sido meu, que Maria não deveria pensar que tivera algo a ver com ela.

– Eu pisei na bola. Você é a mulher perfeita. Não foi porque alguma coisa estava errada, nem porque você passou uma semana fora de casa nem nada do tipo. Esqueça tudo isso. Você é linda, é sexy, e me sinto tão atraído por você hoje quanto em nosso primeiro encontro.

Maria decidiu que precisávamos nos separar. Não pude culpá-la. Como se não bastasse eu tê-la enganado em relação ao menino, Mildred continuara trabalhando em nossa casa durante todos aqueles anos. Foi Maria quem

decidiu sair de casa. Concordamos em montar um esquema que não fosse perturbar demais a vida de nossos filhos. Embora nosso futuro como marido e mulher estivesse incerto, ambos tínhamos o forte sentimento de que ainda éramos pais e continuaríamos a tomar juntos todas as decisões relacionadas à nossa família.

A crise em nosso casamento tornou ainda pior um ano já difícil para Maria. Ela ainda estava abalada com a morte da mãe, um ano e três meses antes. Além disso, junto com os irmãos, tivera que tomar a difícil decisão de internar Sarge, então com 95 anos, em uma instituição especializada para pacientes com mal de Alzheimer.

Tínhamos apenas começado a organizar nossa separação e a falar sobre o assunto com nossos filhos quando Sarge morreu. Foi uma perda terrível. Ele era o último remanescente da geração de grandes figuras públicas do clã Shriver e Kennedy. A missa do funeral, em Washington, no dia 22 de janeiro de 2011, foi celebrada praticamente 50 anos depois de Sarge ter fundado o Peace Corps. Joe Biden, a primeira-dama Michelle Obama, Bill Clinton e muitos outros líderes compareceram, e Maria homenageou o pai com uma fala eloquente e tocante na qual contou como ele havia ensinado seus irmãos a respeitar as mulheres. As palavras talvez tenham sido dirigidas em parte a mim, mas eu já ouvira Maria elogiar o pai muitas vezes em termos semelhantes.

Depois do funeral, Maria voltou para Los Angeles comigo e nossos filhos, a não ser por Christina, que ficou em Georgetown. Fomos muito discretos quanto à separação. Em abril, ela se mudou para um condomínio anexo a um hotel vizinho à nossa casa, onde havia bastante espaço para as crianças ficarem ao se revezarem entre a casa da mãe e a minha.

Perguntei a mim mesmo o que me motivara a ser infiel e como eu pudera ter deixado de contar a Maria sobre Joseph por tantos anos. Não importa quão bem-sucedidas na vida as pessoas são, muitas delas fazem más escolhas quando o assunto é sexo. Você acha que pode ignorar as regras e se safar, mas na realidade suas ações podem ter consequências duradouras. Provavelmente minha história de vida, assim como o fato de eu ter saído de casa muito cedo, também teve sua influência. Essas coisas me deixaram calejado emocionalmente e moldaram meu comportamento de modo a me tornar menos cuidadoso em relação a questões íntimas.

Como eu disse ao terapeuta, manter as coisas em segredo tem a ver com quem eu sou. Por mais que eu ame os outros e busque companhia, parte de mim sente que vou surfar sozinho as grandes ondas da vida. Em momentos cruciais, tomei as decisões sozinho – como quando adiei a decisão de me candidatar a governador até a tarde em que subi ao palco do programa de Jay Leno. Usei o segredo – ou a negação – para lidar com desafios complexos, como quando preferi não falar nada sobre a cirurgia no coração e fingir que aquilo era uma espécie de férias. No caso de Mildred, estava usando o segredo para evitar uma confissão que eu sabia que iria ferir Maria, embora esconder o

problema tenha acabado piorando a situação. Na época em que tive certeza de que Joseph era meu filho, não quis que isso afetasse minha capacidade de fazer um governo eficiente. Decidi guardar segredo não apenas de Maria, mas também de meus amigos e consultores mais próximos. Politicamente, não achava que isso fosse da conta de ninguém, pois minha campanha não fora baseada em valores familiares. Reprimi o fato de que, como marido e pai, estava decepcionando as pessoas. Desapontei todo mundo. Joseph também – não fui presente na vida dele como o pai de que um garoto precisa. Quis que Mildred continuasse trabalhando em nossa casa porque pensei que assim pudesse controlar melhor a situação, mas isso também foi um erro.

O mundo só ficou sabendo que Maria e eu tínhamos nos separado em maio, quando o *Los Angeles Times* ligou para fazer perguntas. Respondemos com uma declaração de que havíamos "nos separado amigavelmente" e de que estávamos avaliando o futuro de nossa relação. Como era previsível, a notícia gerou um frenesi da imprensa, amplificado pelo fato de não termos dado qualquer explicação.

O terapeuta achou que deveríamos dizer a verdade, "para ficar claro quem é a vítima e quem é o infrator". Fui contra, alegando que não ocupava mais nenhum cargo público e que nada me obrigava a compartilhar minha vida pessoal com ninguém. No entanto, tive também que admitir para mim mesmo: "Eu revelei ao público tudo a meu respeito, então por que esconder o lado negativo?" Se fosse para falar sobre mau comportamento, porém, eu queria fazê-lo no meu próprio ritmo.

Foi besteira pensar que eu teria escolha. Pessoas falaram, outras mandaram e-mails, e em poucos dias o Movie Channel começou a fazer perguntas sobre um filho nascido fora do casamento. Então o *LA Times* ficou sabendo da história.

Na véspera da publicação da notícia, um jornalista ligou para nos avisar e perguntar se tínhamos alguma declaração a dar. Minha resposta dizia, em linhas gerais: "Entendo e mereço os sentimentos de raiva e decepção de meus amigos e familiares. Não há desculpa possível para o que fiz, e assumo total responsabilidade pela mágoa que causei. Já pedi desculpas a Maria, a meus filhos e a meus parentes. Sinto muitíssimo. Peço à imprensa que respeite minha mulher e meus filhos neste momento extremamente difícil. Quem merece suas perguntas e críticas sou eu, não minha família." Quis proteger a privacidade deles, algo que até hoje é uma de minhas prioridades.

Ao saber que a história iria vazar na manhã seguinte, tive que contar aos meus filhos. Falei com Katherine e Christina por telefone, pois as duas estavam em Chicago com Maria para o programa de despedida de Oprah Winfrey. Patrick e Christopher estavam em casa comigo, então contei pessoalmente. Em cada uma dessas conversas, expliquei que havia cometido um erro. Falei: "Eu sinto muito. Aconteceu isso com Mildred há 14 anos, ela engravidou e agora existe um menino chamado Joseph. Isso não muda o meu amor por vocês, e espero que não mude o amor de vocês por mim. Mas aconteceu. Sinto

muitíssimo por isso. Sua mãe está muito chateada e decepcionada. Vou me esforçar muito para tornar a reunir todos nós. Vai ser um período difícil, e espero que a reação dos colegas de vocês na escola não seja muito ruim, assim como a dos pais dos seus amigos quando vocês forem à casa deles, ou quando ligarem a TV ou lerem o jornal."

Deveria ter dito também "ou quando acessarem a internet", pois uma das primeiras coisas que Katherine e Patrick fizeram foi tuitar sobre o que estavam sentindo. Patrick citou a letra do rock "Where'd You Go": "Tem dias em que você se sente uma merda, quer jogar tudo para o alto e ser normal por um tempo", e acrescentou: "mas eu amo a minha família até que a morte nos separe". Katherine escreveu: "Com certeza a situação não é fácil, mas agradeço o carinho e o apoio de vocês enquanto começo a melhorar e tocar a vida. Sempre amarei minha família!"

Semanas se passaram antes que eles acreditassem no fato de que a nossa família não estava totalmente destruída. Nossos filhos viam que Maria e eu nos falávamos quase todos os dias. Viam-nos sair para almoçar ou jantar juntos. Patrick e Christopher criaram certa rotina de revezamento entre a casa e o condomínio. Tudo isso ajudou a restaurar um pouco de estabilidade.

Também lamentei o impacto da história toda em Mildred e Joseph. Eles não estavam acostumados com uma vida pública e de repente se viram importunados por advogados ávidos por publicidade e por jornalistas de programas e tabloides de fofocas. Mantive contato com Mildred e a ajudei a encontrar um lugar mais discreto para a família morar. Ela nunca se comportou como uma adversária e lidou de forma honesta com a situação. Ao ir embora de nossa casa, disse à imprensa que tínhamos sido justos com ela.

Embora Maria e eu continuemos separados na data em que estas linhas estão sendo escritas, ainda tento tratar todo mundo como se estivéssemos juntos. Ela tem o direito de estar amargamente decepcionada e de nunca mais olhar para mim da mesma forma. O caráter público da separação torna a situação duas vezes mais difícil para nós. O divórcio está encaminhado, mas ainda espero que Maria e eu possamos voltar a ser marido e mulher e a formar uma família com nossos filhos. Podem chamar isso de negação, mas é assim que minha mente funciona. Ainda amo minha esposa. E sou um otimista. Passei toda a minha vida me concentrando nos pontos positivos. Tenho esperança de que vamos voltar a ficar juntos.

Durante o último ano, ela algumas vezes me perguntou: "Como é que você consegue tocar a vida, enquanto eu tenho a sensação de que tudo desmoronou? Como é que não se sente perdido?" Ela já sabe a resposta, claro, pois me compreende melhor que qualquer outra pessoa no mundo. Eu preciso continuar seguindo em frente. E ela também continuou tocando a vida e se envolveu cada vez mais em causas associadas a seus pais. Percorreu o país inteiro para promover o combate ao mal de Alzheimer e é muito ativa no conselho da Special Olympics, no qual está ajudando a preparar os Jogos Internacionais de 2015, em Los Angeles.

Fiquei contente por ter uma agenda lotada depois de nos separarmos, pois caso contrário teria *mesmo* me sentido perdido. Continuei trabalhando e não parei um minuto. No verão, já tinha feito alguns discursos na condição de ex-governador no norte dos Estados Unidos e no Canadá. Fui ao Xingu com Jim Cameron, a Londres para a festa de aniversário de 80 anos de Mikhail Gorbachev, a Washington para uma cúpula sobre imigração e a Cannes para receber a medalha da Légion d'Honneur e promover novos projetos. No entanto, ainda que estivesse atarefado como nunca, nada parecia estar no seu devido lugar. O que havia tornado minha carreira divertida ao longo de mais de 30 anos fora poder compartilhá-la com Maria. Nós tínhamos feito tudo juntos, e agora minha vida parecia fora dos trilhos. Não havia ninguém me esperando quando eu chegava em casa.

Na primavera de 2011, quando o escândalo veio à tona, eu havia me comprometido a fazer o discurso inaugural em um fórum internacional de energia em Viena, organizado junto com o Programa de Desenvolvimento da ONU. Fiquei com medo de o frenesi midiático prejudicar minha eficácia como defensor do meio ambiente e cheguei a pensar que o convite fosse ser retirado. No entanto, os organizadores de Viena quiseram manter o combinado. "Isso é um assunto pessoal", disseram. "Não achamos que vá afetar o grande exemplo que o senhor estabeleceu em matéria de políticas ambientais. Os milhões de telhados solares não vão ser desmontados..." No discurso, prometi abraçar a missão de convencer o mundo de que uma economia global sustentável é desejável, necessária e possível.

Ao deixar Sacramento, eu sabia que iria querer retomar minha carreira no entretenimento. Não havia recebido salário nenhum durante meus sete anos como governador, e já estava na hora de voltar a fazer trabalhos remunerados. No entanto, o ataque dos meios de comunicação em abril e maio tornou isso temporariamente impossível. Para minha vergonha e meu arrependimento, as dolorosas consequências do escândalo extrapolaram os limites da minha família e atingiram muitas das pessoas com as quais eu trabalhava.

Anunciei que iria interromper minha carreira para cuidar de assuntos pessoais. Adiamos *The governator* (O governador), série de desenhos animados e livros de quadrinhos que eu vinha preparando em parceria com Stan Lee, lendário criador do Homem-Aranha. Outro projeto a sair dos trilhos foi *Cry Macho*, filme que eu quisera fazer durante todo o meu mandato. Al Ruddy, produtor de *O poderoso chefão* e *Menina de ouro*, estava segurando esse projeto para mim havia muitos anos. Quando o escândalo estourou, porém, o material se tornou delicado demais – a trama gira em torno da amizade de um treinador de cavalos com um menino latino de 12 anos que vive nas ruas. Liguei para Al e falei:

– Talvez outra pessoa possa estrelar o filme, não faz mal, ou então você pode segurá-lo para mim um pouco mais.

Ele já havia falado com os investidores.

– Eles topam fazer outro filme com você. Mas não esse – disse ele.

Como depois da minha cirurgia no coração, Hollywood no início me rejeitou. O telefone não tocava. Quando o verão chegou, porém, meu sobrinho Patrick Knapp, que era meu advogado na área de entretenimento, informou que os estúdios e as produtoras haviam começado a entrar em contato de novo. "Arnold ainda está dando um tempo na carreira?", perguntavam eles. "Não precisamos falar com ele diretamente, pois entendemos que ele ainda está passando por uma crise familiar, mas podemos pelo menos conversar com o senhor? Temos um filme incrível que gostaríamos que ele fizesse..."

No outono, eu já estava rodando filmes de ação outra vez – *Os mercenários 2* com Sylvester Stallone na Bulgária, *The Last Stand* (O último bastião) no Novo México com o diretor Jee-Woon Kim, e *The Tomb* (O túmulo), outro filme com Stallone, perto de Nova Orleans. Perguntei-me como seria ficar diante das câmeras outra vez. Sempre que visitava algum set de filmagem durante minha época como governador, eu pensava: "Puxa, que bom que não estou pendurado de cabeça para baixo pela cintura tendo que fazer uma cena de luta." Meus amigos perguntavam se eu não sentia falta disso e eu respondia: "Nem um pouco. Estou muito feliz por usar terno e gravata, prestes a entrar em uma reunião sobre ensino e livros escolares digitais, seguida de um discurso sobre controle da criminalidade." Mas a mente sempre nos surpreende. Você começa a ler roteiros, a visualizar a cena e a forma de dirigi-la, a imaginar a coreografia da ação, e então entra no clima e fica ansioso para filmar. A mente se desliga dos assuntos políticos e se transfere para novos desafios.

Quando cheguei à locação de *Os mercenários 2* na Bulgária, em setembro de 2011, foi a primeira vez que trabalhei como ator depois de ter sido governador, tirando participações especiais em *O garoto & eu* e *Os mercenários* enquanto ainda ocupava o cargo. Estava parado havia oito anos e fora de forma para tiroteios e cenas de ação. Os outros atores veteranos do elenco – Sly, Bruce Willis, Dolph Lundgren, Jean-Claude van Damme e Chuck Norris – foram muito legais comigo e de certa forma se tornaram meus protetores. Em geral, os astros de filmes de ação se mantêm discretos no set: ficam treinando suas artes marciais e andando para lá e para cá com ar de machão. Mas os caras realmente se esforçaram. Sempre aparecia alguém para dizer: "A trava de segurança da arma fica aqui... E é assim que você tem que carregar as balas." Tive a sensação de estar sendo acolhido de volta ao ofício da ação e da interpretação.

As filmagens foram difíceis. É um trabalho muito físico e é preciso estar condicionado, pois as mesmas cenas têm que ser repetidas várias vezes: trombar com a mesa de alguém, sair correndo com armas em punho, jogar-se no chão, ficar abaixado porque alguém o está alvejando. Você percebe que existe uma diferença entre ter 35 anos e quase 65. Fiquei feliz com o fato de *Os mercenários 2* ser um filme de grupo, no qual eu era apenas um astro em meio a oito ou 10 outros. Passei apenas quatro dias no set, e em momento algum

senti a pressão de carregar o filme nas costas.

Da Bulgária, fui para o sudoeste dos Estados Unidos filmar *The Last Stand*. Nesse filme, grande parte da pressão recaiu sobre mim. Na verdade, o roteiro fora escrito para mim: nele interpreto um oficial do departamento de narcóticos da polícia de Los Angeles prestes a se aposentar. Quando meu parceiro vira deficiente físico após uma missão malsucedida, decido que não consigo mais lidar com o trabalho. Assim, volto para minha cidade natal, na fronteira do Arizona com o México, e lá me torno xerife. Então, de repente, uma gangue de traficantes que está fugindo do FBI surge vindo na minha direção. São bandidos violentos e ex-combatentes das Forças Armadas, e eu preciso impedi-los de chegar ao México. Para isso, disponho apenas de três assistentes inexperientes. Nós formamos "o último bastião", o nome do filme. O xerife sabe que seu sucesso será muito importante para a cidade. É a sua reputação que está em jogo. Será que ele chegou mesmo ao fim da linha ou vai conseguir dar conta do recado?

No filme seguinte, *The Tomb* (O túmulo), deixo de ser um agente da ordem para me tornar um fora da lei. Meu personagem é Emil Rottmayer, especialista em segurança que é preso e interrogado por planejar atos de terrorismo cibernético. A prisão é uma masmorra particular de altíssima tecnologia, um verdadeiro pesadelo, situada em um local desconhecido, para onde governos ocidentais mandam pessoas que representam risco ao sistema vigente. Rottmayer é torturado porque se recusa a trair seu chefe, líder rebelde ainda em liberdade. Nessa hora aparece Sylvester Stallone na pele de Ray Breslin, o maior especialista em "segurança estrutural" do mundo prisional. Ele é mestre em se disfarçar para entrar em prisões de segurança máxima e fugir, expondo as falhas das instalações. Dessa vez, porém, ele é traído por um sócio que pode ganhar uma fortuna se a prisão for à prova de fugas, e Breslin não consegue escapar. Depois de um confronto, ele e eu nos unimos e a trama parte daí. Para alcançar o visual de uma imensa prisão, nosso diretor, o sueco Mikael Håfström, resolveu rodar a maior parte do filme em uma antiga instalação da NASA na Louisiana. A área comum dos detentos, chamada Babylon, ou Babilônia, é uma câmara cavernosa, com 70 metros de altura, na qual até recentemente fabricantes de foguetes acoplavam o tanque externo de combustível às naves espaciais. O espaço, hoje vazio e intimidador, é o cenário perfeito para um filme que opõe os heróis aos males do establishment mundial.

Na vida real, estou assumindo um novo e enorme desafio. No último verão, anunciamos a criação de uma importante nova organização na Universidade do Sul da Califórnia, o Instituto Schwarzenegger para Estudos de Políticas de Estado e Globais. Assim, mesmo tendo deixado a vida pública, continuarei a promover as ideias que me eram mais caras: reforma política, mudanças climáticas e meio ambiente, reforma do ensino, reforma econômica e pesquisas sobre saúde e com células-tronco.

Assim como as bibliotecas presidenciais perpetuam o legado de ex-

presidentes com pesquisas e bolsas de estudos, o objetivo de nosso instituto é contribuir para o discurso público e inspirar mudanças. Trabalharemos com algumas das melhores mentes na área de políticas públicas para produzir estudos e fazer recomendações em âmbito mundial.

A USC é um ambiente perfeito para isso, porque se trata de uma instituição que se orgulha de não ser nem conservadora nem liberal, mas de ter a mente aberta. Ela promove discussões para obter as melhores ideias das figuras mais inteligentes do espectro político. Organizaremos congressos e oficinas e patrocinaremos pesquisas em áreas nas quais me concentrei quando era governador e nas quais a Califórnia fez progressos históricos.

Terei também a grande honra de ser nomeado o primeiro ocupante da cátedra Governador Downey de Políticas de Estado e Globais, criada em homenagem ao primeiro governador imigrante da Califórnia, o cofundador da USC John G. Downey. O posto me dará a oportunidade de viajar pelo mundo e proferir palestras em nome da Universidade do Sul da Califórina e do Instituto Schwarzenegger.

Meu mandato como governador tinha que acabar, mas, com o instituto, poderei continuar e expandir o trabalho que comecei no governo. Considero isso fascinante, pois não fico satisfeito a não ser que possa compartilhar o que aprendi e vivenciei. Penso sempre em Sarge e Eunice e na forma como os dois sempre me incentivaram a me concentrar em causas maiores do que eu mesmo. A melhor formulação que Sarge deu a essa ideia foi em um discurso que fez em Yale, em 1994. Eles disse aos formandos: "O que conta não é o que vocês obtêm da vida", disse ele. "Quebrem seus espelhos! Nesta nossa sociedade tão autocentrada, comecem a olhar menos para si mesmos e mais para os outros. Terão mais satisfação se conseguirem melhorar seu bairro, sua cidade, seu estado, seu país e seus semelhantes do que jamais poderão obter de seus músculos, aparência, carro, casa ou dinheiro. A recompensa por ser pacifista é maior do que aquela por ser guerreiro." Penso nessas palavras diariamente. Os grandes líderes sempre falam sobre coisas muito maiores do que eles próprios. Segundo eles, trabalhar por uma causa que vá durar mais que nós é o que dá à vida significado e alegria. Quanto mais coisas consigo realizar no mundo, mais concordo com isso.

A cartilha de Arnold

EU SEMPRE QUIS SERVIR DE INSPIRAÇÃO para os outros, mas nunca me propus a ser um modelo em todas as áreas. Com uma vida tão cheia de contradições e correntes contrárias como a minha, como seria possível? Sou um europeu que se tornou um líder americano; um republicano que ama os democratas; um empresário que ganha a vida como herói de filmes de ação; um empreendedor ultradisciplinado que nem sempre teve a disciplina necessária; um especialista em boa forma que adora fumar charutos; um ambientalista que é louco por veículos Hummer; um cara que adora se divertir, com um entusiasmo digno de uma criança, cuja maior fama na vida é a de exterminar pessoas. Como alguém saberia qual deles imitar?

As pessoas muitas vezes acham que mesmo assim eu deveria servir de modelo. Quando passeio de bicicleta por Santa Monica sem usar capacete, há sempre alguém para reclamar: "Que exemplo é esse?" Isso não era para ser um exemplo!

Em geral, a objeção feita aos meus charutos é o fato de eu promover, há muitas décadas, uma cruzada pela boa forma física. No entanto, lembro que um jornalista em Sacramento me disse certa vez:

– Nós demos um close com a câmera na marca do seu charuto. É Cohiba. Ou seja, o seu charuto é cubano. O senhor é governador. Como pode burlar a lei?

– Eu fumo este charuto porque ele é ótimo – respondi.

A mesma coisa acontece com a violência no cinema. Eu mato pessoas nos filmes porque, ao contrário dos críticos, não acredito que a violência na tela promova a violência nas ruas ou em casa. Se fosse assim, não teria havido assassinato nenhum antes da invenção do cinema, e a Bíblia está repleta deles.

É claro que eu quero ser um exemplo. Desejo inspirar as pessoas a se exercitarem, a manterem a forma, a não comerem porcarias, a visualizarem um sonho e usarem a força de vontade para alcançá-lo. Quero que se concentrem menos em si mesmos, como aconselhou Sargent Shriver, que se envolvam em projetos sociais e retribuam à sociedade o que ela lhes deu. Quero que protejam o meio ambiente em vez de estragá-lo. Se forem imigrantes, quero que abracem os Estados Unidos. Em relação a esses assuntos, fico muito feliz em assumir a tarefa de servir de modelo para os

outros, pois eu mesmo sempre tive excelentes exemplos – Reg Park, Muhammad Ali, Sargent Shriver, Milton Berle, Nelson Mandela, Milton Friedman. No entanto, meu objetivo nunca foi dar o exemplo em tudo o que faço.

Às vezes prefiro ser bem diferente e chocar os outros. A rebeldia faz parte do impulso que me levou a sair da Áustria. Não quero ser como todo mundo. Eu me considerava especial, único, não um Hans ou ou Franz qualquer.

Ser atrevido é um caminho para o sucesso. Quando fui Mister Olympia, o fisiculturismo era um esporte inexistente. Nós fazíamos o impossível para conseguir cobertura da imprensa. Assim, comecei a dizer aos jornalistas que malhar era melhor que fazer sexo. Uma frase louca, mas que virou notícia. As pessoas leram isso e pensaram: "Se isso é verdade, vou experimentar!"

Ninguém nunca conseguiu me colocar em uma fôrma. Quando eu era governador e me diziam "É isso que os outros governadores fazem", ou "Você não pode fazer isso porque é republicano", ou então "Ninguém fuma no Capitólio, pois não é politicamente correto", eu interpretava essas declarações como um sinal para ir na direção contrária. Se você se encaixa na fôrma, as pessoas reclamam que está agindo como político. O modo como administrei o gabinete do governador foi único, assim como minha maneira de me vestir, de falar – sempre procurei meu próprio jeito de fazer as coisas. Fui eleito para solucionar problemas e estabelecer um objetivo para o nosso estado, sim, mas todos também desejavam que as coisas parecessem diferentes. Queriam um governador *e* o *Governator*. Ser diferente, é claro, era a minha especialidade. Eu não tinha o mesmo tipo físico de todo mundo, nem dirigia o mesmo carro que os outros.

Nunca cheguei a entender isso tudo completamente – tenho certeza de que seria um prato cheio para um analista. Sem dúvida, meu conterrâneo austríaco Sigmund Freud teria se divertido falando sobre os charutos – ele também era um apreciador. No entanto, a vida fica mais rica quando assumimos a diversidade que existe dentro de nós, mesmo que não sejamos lógicos e que os nossos atos nem sempre façam sentido, ainda que para nós mesmos.

Quando dou palestras para turmas de formandos, sempre conto uma versão resumida da história da minha vida e tento sugerir lições que todos possam usar: tenha um sonho, confie em si mesmo, quebre algumas regras, ignore as opiniões contrárias, não tema o fracasso. Entremeados aos episódios relatados neste livro estão alguns dos princípios de sucesso que deram certo para mim:

• TRANSFORME SUAS DESVANTAGENS EM VANTAGENS. Quando quis começar uma carreira no cinema, os agentes de Hollywood com os quais conversei me disseram para desistir – meu corpo, meu sobrenome, meu sotaque eram muito estranhos. Em vez de acatar sua opinião, dei duro para neutralizar meu sotaque e melhorar minha atuação – o mesmo duro que tinha dado em relação ao fisiculturismo – até me transformar em um protagonista. Com os papéis de Conan e do Exterminador, dei o salto: tudo o que os agentes tinham listado

como empecilhos de repente fez de mim um herói de ação. Ou ainda, como disse John Milius ao dirigir *Conan, o bárbaro*: "Se o Schwarzenegger não existisse, teríamos que fabricar um."

• QUANDO ALGUÉM LHE DISSER NÃO, VOCÊ DEVE ESCUTAR UM SIM. Impossível era uma palavra que eu adorava ignorar quando era governador. Diziam que seria impossível convencer os californianos a instalar 1 milhão de telhados solares, a reformar o sistema de saúde e a tomar alguma atitude decisiva em relação ao aquecimento global. Assumir esses desafios me atraiu *justamente* porque ninguém conseguira fazer essas coisas antes. O único jeito de possibilitar o possível é tentar o impossível. E daí se você fracassar? É o que todo mundo espera mesmo. Se conseguir, porém, vai fazer do mundo um lugar muito melhor.

• NUNCA SIGA A MULTIDÃO. VÁ PARA ONDE ESTIVER VAZIO. Como se costuma dizer em Los Angeles, evite as rodovias na hora do rush – pegue as outras ruas. Evite ir ao cinema no sábado à noite – vá à matinê. Se você sabe que todos os restaurantes costumam ficar lotados às nove da noite, por que não jantar mais cedo? As pessoas usam esse tipo de raciocínio o tempo todo, mas o esquecem quando se trata das próprias carreiras. Quando todos os imigrantes que eu conhecia estavam juntando dinheiro para comprar uma casa, eu comprei um prédio inteiro. Quando todos os aspirantes a ator estavam tentando conseguir papéis de figurante em filmes, mantive meu objetivo de ser protagonista. Quando todos os políticos tentam subir de posto a partir de um cargo local, candidatei-me direto a governador do estado. É mais fácil se destacar quando você mira direto o topo.

• NÃO IMPORTA O QUE VOCÊ FAÇA NA VIDA, VENDER É PARTE DO NEGÓCIO. Alcançar meu objetivo de ser Mister Olympia não era suficiente. Eu tinha que mostrar às pessoas que existia uma competição para escolher o homem mais musculoso do mundo. Tinha que lhes mostrar as outras consequências do treinamento além de criar um corpo musculoso – precisava que elas entendessem que a boa forma ajuda a manter a saúde e melhora a qualidade de vida. Era preciso vender. Você pode ser um ótimo poeta, um grande escritor, um gênio no laboratório. Pode fazer o melhor trabalho do mundo, mas, se ninguém souber, não vai adiantar nada! Em política é a mesma coisa: trabalhe você com programas de meio ambiente, ensino ou crescimento econômico, o mais importante é fazer as pessoas saberem disso.

Sempre que conheço alguém especial – e nunca deixo uma oportunidade assim escapar –, tento perguntar como essa pessoa chegou aonde está e entender a estratégia que funcionou para ela. Sei que existem milhares de segredos para o sucesso e adoro criar novas regras a partir da minha experiência e da delas. Assim sendo, aqui estão 10 princípios que gostaria de transmitir:

1. NUNCA DEIXE O ORGULHO ATRAPALHAR SEU CAMINHO. Muhammad Ali e eu participamos de vários programas de entrevistas juntos. Sempre o admirei por ser um campeão com uma personalidade incrível, generoso, sempre atencioso com os outros. Se todos os atletas fossem iguais a ele, o mundo seria um lugar melhor. Nós nos encontrávamos antes de entrar no ar e ficávamos fazendo graça. Certa vez, ele me desafiou a jogá-lo contra a parede, se fosse capaz. Acho que alguém no mundo do boxe devia ter lhe dito para começar a fazer musculação como George Foreman, porque Ali era mais conhecido por sua velocidade e pelo uso da psicologia. Ele estava pensando em acrescentar "forte como um touro" a "leve como uma borboleta, com o ferrão de uma abelha", e queria sentir a verdadeira potência de um fisiculturista. Consegui empurrá-lo contra a parede, e ele comentou: "Caramba, a musculação funciona de verdade. Legal. Muito legal mesmo."

Em nosso encontro seguinte, ele estava acompanhado de alguns amigos e falou: "Vejam só isso. Ei, Arnold, tente me empurrar."

"Deve ser uma armadilha", pensei. "Ninguém quer ser empurrado na frente dos amigos."

Comecei a fazer o que ele havia pedido e consegui imprensá-lo outra vez contra a parede. "Não falei? Não falei?", disse ele. "Esse cara é forte mesmo. Esse negócio de musculação é realmente muito bom."

Ali não se importava em perder uma disputa. Tudo o que ele queria era mostrar aos amigos que o treino com pesos funcionava. As pernas e os quadris mais fortes proporcionados pela musculação poderiam ser úteis no boxe.

2. NÃO PENSE DEMAIS. Se você passa o tempo todo pensando, a mente não consegue relaxar. O mais importante é deixar tanto a cabeça quanto o corpo flutuarem. Então, quando tiver que tomar uma grande decisão, você terá toda a sua energia disponível. Isso não significa que não deva usar o cérebro, mas parte de nós precisa saber agir de forma instintiva. Quando para de analisar tudo, você se livra de todo o lixo que o sobrecarrega e impede seu avanço. Desligar a mente é uma arte, uma forma de meditação. O conhecimento é algo extremamente importante ao tomarmos decisões, e a razão disso não é necessariamente evidente. Quanto mais informações temos, mais livres nos tornamos para confiar nos próprios instintos. Na maioria dos casos, porém, as pessoas que detêm o conhecimento ficam atoladas, imobilizadas. Quanto mais sabem, mais hesitam, e é por isso que até os indivíduos mais inteligentes passam por grandes fracassos. Um boxeador sobe ao ringue levando uma imensa quantidade de conhecimento – em que momento se esquivar, atacar, contra-atacar, recuar, bloquear. No entanto, se fosse pensar em tudo isso na hora de levar um golpe, estaria acabado. Ele precisa usar tudo o que sabe em um décimo de segundo. Quando você não confia no seu processo de tomada de decisões, ele pode prejudicar seu avanço.

Por pensarem demais as pessoas não conseguem dormir à noite: sua mente

não para e elas não conseguem desligá-la. O excesso de análise é prejudicial. Em 1980, quando Al Ehringer e eu quisemos revitalizar um quarteirão na Main Street, em Santa Monica, os investidores com os quais estávamos disputando os imóveis deixaram que suas preocupações os impedissem de agir. Nós tínhamos feito as mesmas pesquisas que eles e vimos que havia algumas incertezas que poderiam limitar o potencial de valorização da área. O terreno era uma antiga servidão para bondes e não estava disponível para venda, apenas para um leasing de longo prazo. Além disso, os terrenos vizinhos estavam contaminados com resíduos químicos. E se nossa parte também tivesse problemas? A propriedade transpunha a fronteira entre Santa Monica e Venice, então não estava claro que impostos e regulamentos locais deviam ser aplicados. Não nos prendemos a esses problemas, mas nossos concorrentes sim, e depois de algum tempo tudo o que conseguiam ver eram os riscos. Assim, eles desistiram do negócio quando aumentamos nosso lance, e acabamos arrematando os imóveis. Em dois anos, conseguimos converter o leasing em compra e nossa aposta começou a render frutos – o número 3.100 da Main Street revelou-se um investimento fenomenal. No cinema, muitos contratos são fechados sob pressão. Se você vacilar, está fora. No caso de *Irmãos gêmeos*, tínhamos um prazo: a Universal precisava saber se Danny, Ivan e eu estávamos todos dentro. Não houve tempo para os agentes se falarem, então nós três fechamos o acordo em um guardanapo de papel durante o almoço. Simplesmente assinamos e nos levantamos da mesa. Posteriormente, Danny mandou emoldurar o guardanapo.

3. ESQUEÇA O PLANO B. Para se desafiar e crescer, você precisa abrir mão da rede de segurança. No início de 2004, os números da opinião pública em relação às minhas propostas recém-anunciadas de votação popular eram muito ruins; estávamos pedindo aos eleitores a permissão para refinanciar uma dívida de 15 bilhões de dólares. Nossos especialistas em orçamento já estavam se descabelando.

– O que vamos fazer se as propostas forem rechaçadas? Precisamos de um plano B – disseram eles.

– Por que assumir uma atitude derrotista? – indaguei. – Se não houver plano B, o plano A vai ter que funcionar. Nós acabamos de anunciar as propostas. Existe muita coisa que podemos fazer para chegar mais perto do objetivo.

Se estiver ansioso, em vez de traçar planos de emergência, pense no pior que pode acontecer se o que está tentando fazer não der certo. Qual seria a gravidade disso? Logo vai descobrir que na verdade não tem importância nenhuma. Se perder uma eleição para governador, pode ficar humilhado, mas isso é o pior que pode acontecer. Pense em todos os candidatos presidenciais que perdem eleições. As pessoas entendem que é assim que funciona. Considerei que, se perdesse a disputa para governador, simplesmente voltaria a fazer filmes e continuaria a ganhar muito dinheiro. Seria um cara livre,

comeria bem, andaria de moto e passaria mais tempo com minha família. Assim, fiz tudo o que podia para conseguir o cargo – reuni a melhor equipe, arrecadei dinheiro, fiz uma excelente campanha. Se não tivesse dado certo, eu teria dito: "Não deu certo desta vez e pronto." Quando perdi todas as propostas de votação popular que apresentei em 2005, não morri por causa disso. A vida seguiu seu curso e liderei uma missão comercial fantástica à China. Um ano depois, fui reeleito.

A imagem da infelicidade para mim são os caras que trabalhavam nas minas de diamante da África do Sul quando estive lá, nos anos 1960. As minas ficavam a quase meio quilômetro de profundidade, fazia um calor de 43oC, os trabalhadores ganhavam um dólar por dia e só podiam voltar para casa e visitar a família uma vez por ano. Isso, sim, é estar profundamente na merda. Qualquer coisa melhor do que isso significa que você está bem.

4. É POSSÍVEL DIZER BARBARIDADES BEM-HUMORADAS PARA UM ACERTO DE CONTAS. Em 2009, meu amigo Willie Brown, ex-prefeito de São Francisco e presidente da Assembleia que ocupou o cargo por mais tempo em toda a história da Califórnia, estava organizando um evento beneficente para o Partido Democrata no estado no hotel Fairmont, em São Francisco, e nós dois pensamos que seria engraçado se eu desse uma passada lá.

Apareci sem ser anunciado e dei um grande abraço em Willie na frente de todo mundo, o que fez metade dos democratas surtar e a outra metade cair na risada. Então um membro da Assembleia recém-eleito chamado Tom Ammiano, também de São Francisco, levantou-se de sua cadeira e começou a gritar na minha direção, apontando para si mesmo: "Este gay aqui quer que o senhor vá se ferrar!" Saiu até na imprensa. Além de político, Ammiano era humorista profissional. Não fiz nenhum comentário. Muito engraçado, hahaha. Mas pensei com meus botões: "Vai chegar uma hora em que terei o poder de aprovar leis, e um dia vou receber uma lei defendida por ele..."

Dito e feito: algumas semanas depois, recebi uma das leis de Ammiano. Era uma medida de rotina sobre o píer de São Francisco, mas significava muito para ele. Instruí minha equipe a redigir uma bela mensagem de veto.

GOVERNOR ARNOLD SCHWARZENEGGER

To the Members of the California State Assembly:

I am returning Assembly Bill 1176 without my signature.

For some time now I have lamented the fact that major issues are overlooked while many unnecessary bills come to me for consideration. Water reform, prison reform, and health care are major issues my Administration has brought to the table, but the Legislature just kicks the can down the alley.

Yet another legislative year has come and gone without the major reforms Californians overwhelmingly deserve. In light of this, and after careful consideration, I believe it is unnecessary to sign this measure at this time.

Sincerely,

Arnold Schwarzenegger

STATE CAPITOL • SACRAMENTO, CALIFORNIA 95814 • (916) 445-2841

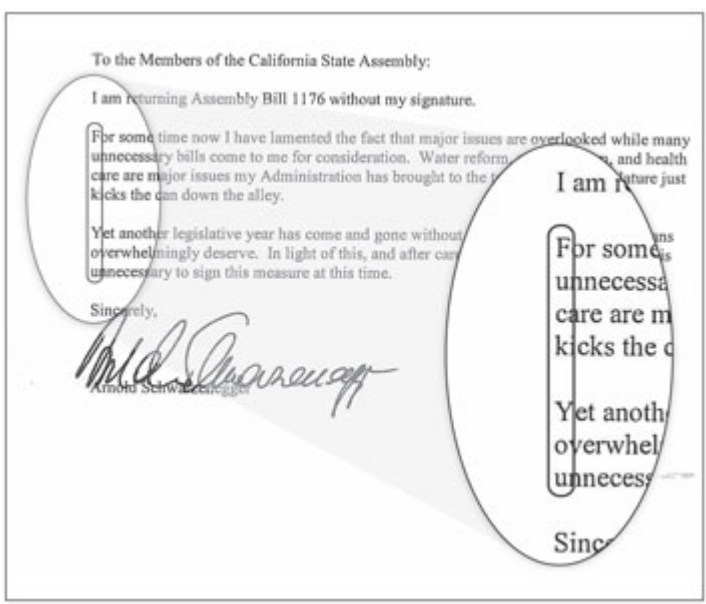
GOVERNADOR ARNOLD SCHWARZENEGGER

AOS INTEGRANTES DA ASSEMBLEIA ESTADUAL DA CALIFÓRNIA:
DEVOLVO AQUI A LEI DA ASSEMBLEIA 1.176, SEM MINHA ASSINATURA.

FAZ TEMPO QUE LAMENTO QUE QUESTÕES IMPORTANTES SEJAM IGNORADAS, ENQUANTO OUTRAS LEIS DESNECESSÁRIAS SÃO APRESENTADAS. AS REFORMAS DAS PRISÕES E DA SAÚDE FORAM QUESTÕES CRUCIAIS DA MINHA ADMINISTRAÇÃO, MAS O LEGISLATIVO APENAS PROTELA AS PROVIDÊNCIAS.
SAÍMOS DE MAIS UM ANO LEGISLATIVO SEM APROVAR AS REFORMAS TÃO MERECIDAS E, APÓS DELIBERAÇÃO, CONSIDERO DESNECESSÁRIO ASSINAR A MEDIDA APRESENTADA.

ATENCIOSAMENTE,
ARNOLD SCHWARZENEGGER

Ninguém entendeu a mensagem formada pela primeira letra de cada linha, então uma sugestão foi passada discretamente a alguns jornalistas: "Têm certeza de que leram a mensagem de veto do governador do jeito certo? Talvez devam lê-la na vertical." Então todos compreenderam e houve uma grande confusão pública:


To the Members of the California State Assembly:

I am returning Assembly Bill 1176 without my signature.

For some time now I have lamented the fact that major issues are overlooked while many unnecessary bills come to me for consideration. Water reform, and health care are major issues my Administration has brought to the future just kicks the can down the alley.

Yet another legislative year has come and gone without ...ns overwhelmingly deserve. In light of this, and after car... unnecessary to sign this measure at this time.

Sincerely,

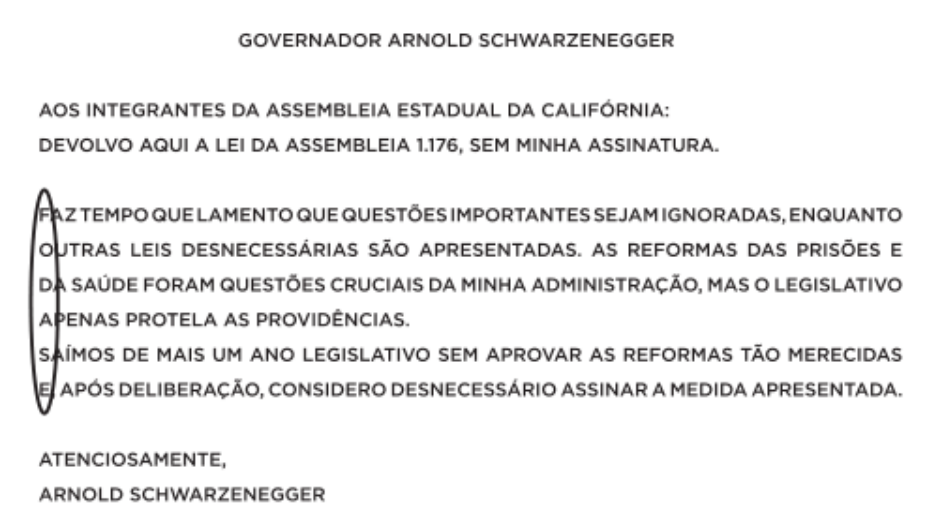
Arnold Schwarzenegger

I am r...

For some... unnecessa... care are m... kicks the c...

Yet anoth... overwhel... unneces...

Sinc...



GOVERNADOR ARNOLD SCHWARZENEGGER

AOS INTEGRANTES DA ASSEMBLEIA ESTADUAL DA CALIFÓRNIA:
DEVOLVO AQUI A LEI DA ASSEMBLEIA 1.176, SEM MINHA ASSINATURA.

FAZ TEMPO QUE LAMENTO QUE QUESTÕES IMPORTANTES SEJAM IGNORADAS, ENQUANTO OUTRAS LEIS DESNECESSÁRIAS SÃO APRESENTADAS. AS REFORMAS DAS PRISÕES E DA SAÚDE FORAM QUESTÕES CRUCIAIS DA MINHA ADMINISTRAÇÃO, MAS O LEGISLATIVO APENAS PROTELA AS PROVIDÊNCIAS.
SAÍMOS DE MAIS UM ANO LEGISLATIVO SEM APROVAR AS REFORMAS TÃO MERECIDAS E, APÓS DELIBERAÇÃO, CONSIDERO DESNECESSÁRIO ASSINAR A MEDIDA APRESENTADA.

ATENCIOSAMENTE,
ARNOLD SCHWARZENEGGER

Alguns jornalistas perguntaram a meu assessor de imprensa se o recado "foda-se" tinha sido proposital, ao que ele respondeu: "Não, não tínhamos a menor ideia. Deve ter sido um acidente."

Na minha coletiva de imprensa seguinte, porém, outro repórter levantou a mão e disse:

– Pedimos que um matemático lesse a carta. Segundo ele, existe menos de uma chance em 2 bilhões de a mensagem ter sido acidental.

– Tudo bem – respondi. – Por que vocês não vão lá e perguntam ao mesmo especialista quais eram as chances de um menino da zona rural da Áustria vir para os Estados Unidos e virar o maior campeão de fisiculturismo de todos os tempos, entrar para o cinema, casar-se com uma Kennedy e depois ser eleito governador do maior estado do país? Na próxima coletiva, venham me contar a resposta dele.

Todos os jornalistas riram. Enquanto isso, a seguinte frase foi atribuída a Tom Ammiano: "Fui um idiota, então ele tem o direito de ser um idiota também." A brincadeira acabou com a tensão. (Um ano mais tarde, depois de sancionar mais uma lei defendida por ele, divulguei um comunicado a respeito que, lido na vertical, dizia "d-e-n-a-d-a".)

5. O DIA TEM 24 HORAS. Certa vez, dei uma palestra na Universidade da Califórnia. Ao final, um aluno levantou a mão e reclamou:

– Governador, desde a crise do orçamento minha anuidade aumentou duas vezes. Agora está alta demais. Preciso de mais auxílio financeiro.

– Entendo, é difícil mesmo – falei. – Mas como assim, alta demais?

– Agora tenho que trabalhar em meio período.

– E qual é o problema disso?

– Preciso estudar!

Então falei:

– Vamos fazer as contas. Quantas horas de aula você tem?

– Duas horas um dia por semana e três horas em outro.

– E quantas horas precisa estudar?

– Três horas em cada um desses dias.

– Certo. Até agora, pelas minhas contas, são seis horas em um dia e sete em outro, contando com o transporte. O que você faz no restante do tempo?

– Como assim?

– Bom, o dia tem 24 horas. Já pensou em trabalhar mais, ou pegar mais disciplinas, em vez de ficar vendo a vida passar?

A turma inteira ficou chocada ao me ouvir dizer isso.

– Eu não estou vendo a vida passar! – respondeu o aluno.

– Está, sim. Você falou em seis horas por dia. O dia tem 24 horas, então sobram 18. Digamos que você precise dormir seis horas por noite. Então, se o seu trabalho em meio período ocupa quatro horas, mesmo assim ainda sobra tempo para namorar, dançar, beber e sair. Está reclamando de quê?

Disse aos alunos que, quando era estudante, treinava cinco horas por dia, fazia quatro horas de aulas de interpretação, trabalhava na construção civil várias horas por dia, ia à faculdade e fazia os deveres de casa. E eu não era o único. Nas minhas turmas do Santa Monica College e dos cursos de extensão da UCLA havia outros alunos que trabalhavam em tempo integral. É natural esperar que alguém venha pagar sua conta. E o governo deve estar presente para ajudar em caso de necessidade real e para fornecer educação. No entanto, se o governo não estiver obtendo receita suficiente por causa de uma desaceleração da economia, todo mundo precisa contribuir e se sacrificar.

6. REPETIR, REPETIR, REPETIR. Quando entrávamos no Sindicato Atlético de Graz, academia onde eu fazia musculação na adolescência, havia à esquerda uma parede comprida de compensado toda coberta de marcas de giz. Era lá que anotávamos nosso programa de treino para cada dia. Cada um tinha seu pedacinho de parede e antes de trocar de roupa fazia uma lista:

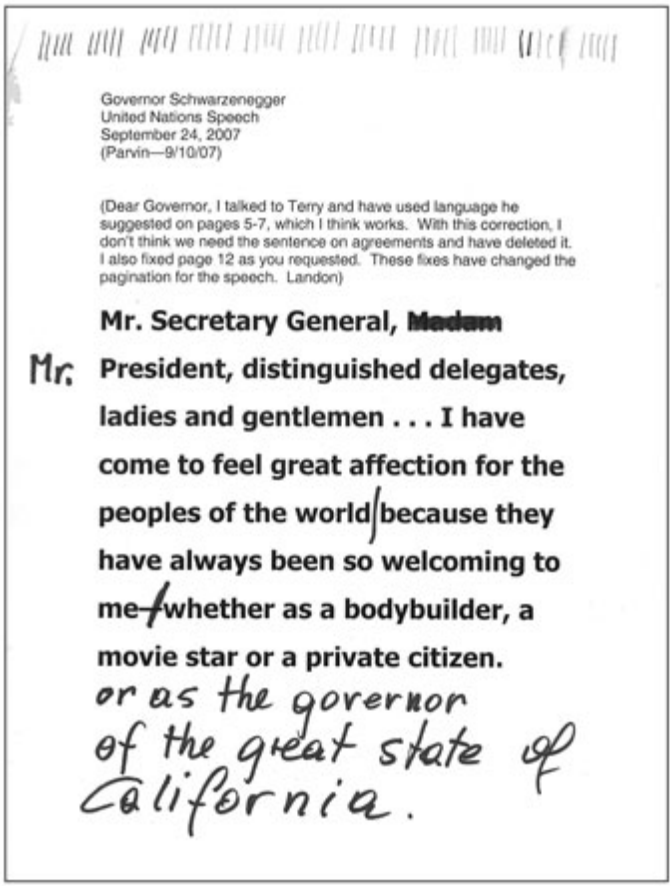
5 SÉRIES DE 6 REPETIÇÕES
6 SÉRIES DE 4 A 6 REPETIÇÕES
5 SÉRIES DE 15 REPETIÇÕES
5 SÉRIES DE 10 REPETIÇÕES
5 SÉRIES DE 10 REPETIÇÕES

E assim por diante, num total de cerca de 60 séries. Mesmo sem saber como estaria sua disposição no dia, as pessoas anotavam também a carga. Depois de cada linha havia uma sequência de risquinhos, um para cada série planejada. Se você tivesse previsto cinco séries de supino, fazia cinco risquinhos na parede.

Então, assim que concluísse a primeira série, ia até a parede e fazia um segundo risco por cima do primeiro, transformando-o em um X. Todos os cinco risquinhos tinham que virar X antes de você passar para o exercício seguinte.

Essa prática teve forte impacto na minha motivação. Eu sempre dispunha do estímulo visual: "Uau, consegui. Fiz o que disse que faria. Agora vou passar para a próxima série, depois para a outra." Anotar meus objetivos tornou-se uma coisa natural, bem como a convicção de que não existem atalhos. Foram necessárias centenas, milhares de repetições para que eu aprendesse a fazer uma ótima pose três quartos de costas, contar uma piada, dançar tango em *True Lies*, pintar um lindo cartão de aniversário e dizer "Eu voltarei" do jeito exato.

Se você der uma olhada no roteiro de meu primeiro discurso na ONU sobre o combate ao aquecimento global, em 2007, eis o que vai ler:



Governor Schwarzenegger
United Nations Speech
September 24, 2007
(Parvin—9/10/07)

(Dear Governor, I talked to Terry and have used language he suggested on pages 5-7, which I think works. With this correction, I don't think we need the sentence on agreements and have deleted it. I also fixed page 12 as you requested. These fixes have changed the pagination for the speech. Landon)

Mr. Secretary General, ~~Madam~~
Mr. President, distinguished delegates, ladies and gentlemen . . . I have come to feel great affection for the peoples of the world because they have always been so welcoming to me whether as a bodybuilder, a movie star or a private citizen.
or as the governor of the great state of California.

Governador Schwarzenegger
Discurso ONU
24 de setembro de 2007
(Parvin – 10/9/07)

(Prezado governador, falei com Terry e usei as palavras sugeridas por ele nas páginas 5-7, que acho que funcionam. Com essa correção, não acredito que precisemos da frase sobre acordos, de modo que a apaguei. Também corrigi a página 12, como o senhor pediu. Essas mudanças fizeram a paginação do discurso

correr. Landon)

Sr. Secretário-Geral, Sra. Sr. Presidente, distintos representantes, senhoras e senhores... Desenvolvi um enorme carinho pelos povos do mundo / porque eles sempre me acolheram muito bem / fosse como fisiculturista, astro de cinema ou cidadão comum.

Ou como governador do grande estado da Califórnia.

Cada risquinho no alto da página representa uma vez que ensaiei o discurso. Não importa se você estiver fazendo uma rosca bíceps em uma academia gelada ou discursando diante de líderes mundiais: não existem atalhos – o importante é repetir, repetir, repetir.

Faça na vida o que você fizer, das duas, uma: precisa acumular repetições ou quilometragem. Se quiser esquiar bem, precisa ir às pistas. Se for enxadrista, tem que jogar dezenas de milhares de partidas. No set de filmagem, o único jeito de acertar a cena é ensaiar. Se você tiver ensaiado, não precisa se preocupar e pode aproveitar o momento em que as câmeras vão rodar. Ao filmar *The Tomb* em Nova Orleans, pouco tempo atrás, fizemos uma cena de briga na prisão com 75 pessoas. A coreografia era tão complicada, com dezenas de trocas de socos, engalfinhamentos e guardas da prisão aparecendo para bater nos presos com cassetetes, que só os ensaios levaram metade de um dia. Quando começamos a rodar, todo mundo já estava cansado, mas ao mesmo tempo bastante preparado. A tomada foi um sucesso. Os movimentos tinham se tornado naturais para nós, e a sensação transmitida foi a de uma briga de verdade.

7. NÃO CULPE SEUS PAIS. Eles fizeram o melhor possível por você, e, caso tenham lhe causado problemas, essas questões agora são suas, e quem tem que solucioná-las é você. Talvez seus pais tenham sido excessivamente atenciosos e protetores e você agora se sinta carente e vulnerável no mundo, ou então podem ter sido duros demais, mas não importa – não os culpe por isso.

Quando eu era pequeno, amava meu pai e queria ser igual a ele. Admirava seu uniforme, sua arma e sua profissão. Mais tarde, porém, passei a detestar o modo como ele pressionava a mim e meu irmão. "Vocês precisam dar o exemplo no vilarejo, pois são filhos do policial", dizia. Tínhamos que ser crianças perfeitas, o que evidentemente não éramos.

Meu pai se mostrava exigente – era esse o seu temperamento. Ele às vezes também se mostrava violento, mas não acho que fosse culpa sua. Foi a guerra. Se ele tivesse levado uma vida mais normal, teria sido um homem diferente.

Então eu muitas vezes me perguntei: e se meu pai tivesse sido mais caloroso e gentil? Será que eu teria saído da Áustria? Provavelmente não. E teria lamentado por isso!

Tornei-me Arnold por causa do que meu pai fez comigo. Resolvi que iria transformar o modo como fui criado em algo positivo, em vez de ficar reclamando. Poderia usá-lo para criar um sonho, estabelecer objetivos, encontrar alegria nas coisas. A severidade dele me afastou de casa. Por causa

dela fui para os Estados Unidos e trabalhei duro para ter sucesso – e fico feliz por ter feito isso. Não preciso lamber minhas feridas.

Em *Conan, o bárbaro*, perto do fim, há um trecho que nunca me saiu da cabeça. A fala não é de Conan, mas de Thulsa Doom, o feiticeiro que o obriga, quando menino, a ver o pai ser devorado por cães e mata a mãe na sua frente. Quando Conan está prestes a matá-lo e vingar os pais, Thulsa Doom diz: "Quem é seu pai, se não eu? Quem lhe deu a força de vontade para viver? Eu sou a fonte da qual você brota."

Portanto, nem sempre o que você deve celebrar é óbvio. Às vezes é preciso valorizar justamente as pessoas e as circunstâncias que estão na origem do seu trauma. Hoje em dia eu agradeço o rigor do meu pai, minha criação e o fato de eu não ter conseguido nada do que queria na Áustria, pois foram justamente esses fatores que me deram ânsia de viver. Toda vez que ele me batia, toda vez que dizia que meus treinos de musculação eram uma bobagem, que eu deveria fazer algo útil e sair para cortar lenha, toda vez que ele me desaprovava ou constrangia, essas coisas alimentavam o fogo que eu tinha no ventre. Era o que me fazia avançar e me motivava.

8. MUDAR EXIGE CORAGEM. Quando eu estava em missão comercial em Moscou, durante meu último ano como governador, reservei um tempinho para visitar o ex-secretário-geral soviético Mikhail Gorbachev em sua casa. Tínhamos ficado amigos ao longo dos anos, e eu fizera um discurso e me sentara com ele em sua festa de 80 anos em Londres, alguns meses antes. Irina, sua filha, preparou um almoço para nós dois e vários amigos do Instituto Gorbachev. Passamos pelo menos duas horas e meia comendo.

Sempre idolatrei Gorbachev pela coragem que ele teve ao desmantelar o sistema político no qual foi criado. Sim, a União Soviética estava com problemas financeiros. Sim, Reagan havia exaurido o país e os soviéticos estavam acuados em um canto. Mas o fato de Gorbachev ter tido peito para abraçar as mudanças em vez de oprimir ainda mais seu povo ou começar brigas com o Ocidente sempre me impressionou. Perguntei a ele como tinha conseguido. Como fora capaz de mudar o sistema após ter sido doutrinado desde a infância a ver o comunismo como solução para todos os problemas, e depois de alcançar uma posição de liderança no partido na qual era necessário demonstrar paixão pelo sistema o tempo todo? Como conseguira ter a mente tão aberta? "Trabalhei a vida inteira para aperfeiçoar nosso sistema", disse-me ele. "Mal podia esperar para chegar ao cargo mais poderoso, pois pensava que nesse momento poderia resolver problemas que só o líder pode resolver. Quando cheguei lá, porém, percebi que precisávamos de mudanças revolucionárias. As coisas só eram feitas se você conhecesse alguém ou pagasse a alguém por debaixo dos panos. Que sistema era esse? Estava na hora de acabar com aquilo tudo." Talvez sejam necessários 50 anos para as pessoas entenderem o que Gorbachev conquistou. Estudiosos debaterão para sempre se ele fez tudo como deveria. Eu não vou debater isso; simplesmente achei

incrível o que ele fez. Fico perplexo com a coragem demonstrada por esse homem não em troca de uma gratificação imediata, mas para buscar o melhor rumo para o país em longo prazo.

Para mim, Gorbachev é um herói do mesmo quilate de Nelson Mandela, que superou a raiva e o desespero de 27 anos na prisão. Quando lhes foi dado poder para sacudir o mundo, ambos escolheram não destruir, mas sim construir.

9. CUIDE DE SEU CORPO E DE SUA MENTE. Um dos primeiros conselhos que permaneceram na minha mente foi o de Fredi Gerstl, inspirado em Platão. "Os gregos criaram as Olimpíadas, mas também nos deram os grandes filósofos", dizia ele. "É preciso construir a mais refinada máquina física possível, mas também a mais aguçada máquina mental." Concentrar-me no corpo nunca foi um problema para mim, e mais tarde me tornei realmente curioso em relação ao desenvolvimento da mente. Entendi que ela é um músculo que também deve ser exercitado. Assim, decidi treinar meu cérebro e ficar inteligente. Tornei-me uma verdadeira esponja e passei a absorver tudo à minha volta. O mundo se tornou minha universidade, e desenvolvi uma grande necessidade de aprender, ler e acumular conhecimento.

Para quem se destaca pela inteligência, o contrário se aplica. Essas pessoas precisam exercitar o corpo diariamente. Clint Eastwood pratica exercícios físicos mesmo quando está dirigindo e atuando em um filme. Dmitri Medvedev trabalhava horas a fio quando era presidente da Rússia, mas tinha uma academia em casa e malhava duas horas por dia. Se os líderes mundiais têm tempo para isso, você também tem.

Muitos anos depois de Fredi Gerstl, o papa me falou sobre a mesma ideia de equilíbrio. Fui visitar o Vaticano com Maria e os pais dela em 1983, e tivemos uma audiência particular com João Paulo II. Sarge falou sobre espiritualidade, porque era especialista nisso. Eunice perguntou ao religioso o que as crianças deveriam fazer para se tornar pessoas melhores, e ele respondeu: "Rezar. Só isso."

Eu conversei com ele sobre sua rotina de exercícios. Logo antes de viajarmos, eu tinha lido um artigo em uma revista que contava como o papa era atlético e elogiava sua excelente forma física. Para ele, além da religião, a vida consistia em cuidar tanto da mente quanto do corpo, então ele começou a falar sobre isso. Era conhecido por acordar às cinco da manhã, ler jornais em seis idiomas e fazer 200 flexões e 300 abdominais, tudo antes do café da manhã e do início de seu dia de trabalho. Ele também era esquiador e continuou a praticar esse esporte mesmo depois que virou papa.

Na época, João Paulo II já estava com mais de 60 anos, 27 a mais do que eu. Pensei: "Se esse cara consegue, vou ter que acordar ainda mais cedo!"

10. SEJA ÁVIDO. Tenha fome de sucesso, faça questão de deixar sua marca, deseje intensamente ser visto e ouvido, e por ter influência. À medida que for

avançando e alcançar o sucesso, não se esqueça também de ser ávido por ajudar os outros.

Não fique se vangloriando pelo que já realizou. Muitos ex-atletas passam a vida falando sobre como eram incríveis 20 anos antes. Alguém como Ted Turner, porém, passa de administrador da empresa de anúncios em outdoors do pai a fundador da CNN, organizador dos Jogos da Amizade, criador de bisões, fornecedor de carne de bisão e detentor de 47 títulos universitários honoríficos. É isso que chamo de ser ávido. Bono Vox começou como músico, depois comprou músicas de terceiros, em seguida trabalhou no combate à aids e na criação de empregos. Anthony Quinn não ficou satisfeito sendo apenas um astro de cinema. Ele quis fazer mais: tornou-se um pintor cujas telas foram vendidas por centenas de milhares de dólares. Donald Trump transformou a herança que recebeu em uma fortuna 10 vezes maior, depois se tornou apresentador de TV em rede nacional. Sarge viajou o mundo até o fim da vida, sempre ansioso por novos projetos.

Muitas pessoas talentosas simplesmente se acomodam. Ficam desejando ainda ser alguém, e não apenas falar sobre o passado. A vida é muito mais do que ser o melhor em algum quesito. Aprendemos muita coisa quando somos bem-sucedidos, então por que não usar o que você já aprendeu, lançar mão de seus contatos e fazer mais coisas com eles?

Meu pai sempre me dizia: "Seja útil. Faça alguma coisa." Ele tinha razão. Se você tiver um talento ou uma habilidade que o deixem feliz, use-os para melhorar seu bairro. Se ainda sentir vontade de fazer mais, vá em frente – terá tempo de sobra para descansar quando estiver no túmulo. Viva uma vida de riscos, uma vida ousada, e, como disse Eleanor Roosevelt, faça diariamente algo que lhe dê medo.

Deveríamos todos nos manter sempre ávidos!

Em 2011, meu filho Patrick e eu fomos à Europa para a inauguração de uma estátua minha como Mister Olympia em uma de minhas poses preferidas, a três quartos de costas. A obra é feita de bronze e tem 2,5 metros de altura e 263 quilos.
© Heinz-Peter Bader/Reuters

Agradecimentos e fontes

PARA ESCREVER UM LIVRO DE MEMÓRIAS, é preciso olhar para o passado, mas minha vida foi regida pelo princípio contrário. Portanto, ao longo dos últimos 20 anos, toda vez que pediram que eu escrevesse um livro de memórias respondi: "Lá em casa tenho 100 álbuns de fotos, a começar pela minha infância na Áustria, e nunca pego neles. Prefiro me dedicar a outro projeto, fazer outro filme e aprender olhando para o futuro!"

Desencavar e costurar as lembranças revelou-se tão difícil quanto imaginei que seria, mas o que tornou o trabalho inesperadamente agradável foi a ajuda que recebi. Peguei-me trocando histórias com velhos amigos do fisiculturismo, dos negócios, dos esportes, de Hollywood e da política – um elenco enorme de personagens, pessoas demais para citar aqui. Sou grato a todas elas por terem me ajudado a recriar o passado e por torná-lo vívido e familiar.

Primeiro gostaria de agradecer a meu coautor, Peter Petre. Livros como este exigem um parceiro e colaborador que não apenas saiba escrever, mas que tenha também resistência, tato, discernimento e um enorme senso de humor. Peter tem tudo isso.

Paul Wachter, meu amigo há muitas décadas, foi generoso ao compartilhar recordações e sugestões editoriais, bem como ao contribuir com perspicazes comentários práticos. Danny DeVito, Ivan Reitman e Sylvester Stallone colaboraram com histórias engraçadas de Hollywood (Sly também se lembrou de histórias sobre a cadeia Planet Hollywood). Susan Kennedy, minha chefe de gabinete no governo da Califórnia de 2005 a 2010, permitiu-nos usar seu conhecimento enciclopédico sobre meu período no cargo. Sua tese de mestrado – uma análise interna da recuperação do meu mandato no final de 2005 e em 2006 – foi de grande utilidade. Em Munique, Albert Busek, um de meus amigos mais antigos e primeiro jornalista a me dar algum destaque, contribuiu com conselhos e fotografias. Bonnie Reiss nos ajudou com suas lembranças e anotações sobre meus governos, sobre o movimento ambiental e sobre o projeto em prol das atividades extracurriculares. Steve Schmidt, Terry Tamminen, Matt Bettenhausen e Daniel Zingale também nos auxiliaram a reconstruir aspectos de meus anos no governo. Fredi e Heidi Gerstl, Franco Columbu e Jim Lorimer me relembraram experiências compartilhadas ao longo de uma vida inteira de amizade.

Como minha vida teve uma cobertura extraordinária na mídia, pudemos nos beneficiar de quase 50 anos de livros, matérias de revistas e jornais, entrevistas, vídeos, fotos, ilustrações e quadrinhos a meu respeito, documentando minha carreira no fisiculturismo, no cinema e nos negócios, e também na política e nos serviços sociais. Três pessoas foram fundamentais na organização dessa quantidade descomunal de fontes: minhas assistentes executivas Lynn Marks e Shelley Klipp e minha arquivista Barbara Shane. Com o auxílio de minha ex-assistente Beth Eckstein, Lynn e Barbara também enfrentaram o imenso desafio de transcrever centenas de horas de conversas gravadas entre mim e Peter, bem como outras entrevistas realizadas para este livro. Rebecca Lombino e Chris Fillo supervisionaram o apoio logístico e jurídico.

Ann Banks, esposa de Peter, acelerou nossa redação selecionando e refinando a pesquisa. Sua agente literária, Kathy Robbins, fez um excelente trabalho para dar o pontapé inicial neste projeto.

Joe Mathews, que cobriu Sacramento para o *Los Angeles Times* e cujo livro *The People's Machine* (A máquina do povo) detalha meu primeiro mandato como governador, foi generoso com seu tempo e seu conhecimento para nos ajudar a formatar os capítulos políticos deste livro.

Sou grato a outros jornalistas, um número grande demais deles para citá-los nominalmente, que escreveram sobre as realizações, as aventuras e os dramas da minha vida – redatores de revistas de musculação, de publicações de entretenimento, e especialistas em política que me entrevistaram ao longo dos anos e eternizaram em suas páginas piadas, conversas, observações e barbaridades que eu já havia esquecido e que adorei que me lembrassem. Entre os livros e as publicações que consultamos, listarei alguns que foram particularmente úteis: *Arnold hautnah* (Arnold visto de perto), de Werner Kopacka e Claude Jauschowetz; *Arnold Schwarzenegger: Die Biographie* (Arnold Schwarzenegger: A biografia), de Marc Hujer; *The People's Machine: Arnold Schwarzenegger and the Rise of Blockbuster Democracy* (A máquina do povo: Arnold Schwarzenegger e a ascensão da democracia popular), de Joe Mathews; *Fantastic: The Life of Arnold Schwarzenegger* (Fantástica: A vida de Arnold Schwarzenegger), de Lawrence Leamer; e *Arnold and Me: In the Shadow of the Austrian Oak* (Arnold e eu: À sombra do carvalho austríaco), de Barbara Outland Baker.

Para ajudar a recriar os dias de fisiculturismo, usamos a extensa cobertura das revistas *Muscle Builder/Power*, *Muscle*, *Muscle & Fitness* e *Health and Strength*, bem como da *Sports Illustrated* – além, naturalmente, do livro *Pumping Iron*, de George Butler e Charles Gaines, e do filme *O homem dos músculos de aço*, de Robert Fiore e George Butler. Também consultamos meu próprio livro/manual de treinamento sobre minha trajetória de campeão, *Arnold: The Education of a Bodybuilder*, escrito em parceria com Douglas Kent Hall. A filmografia *Arnold Schwarzenegger*, de Brooke Robards, foi de especial serventia para me relembrar alguns detalhes de minha carreira no cinema,

assim como a cobertura de meu trabalho na *Variety*, na *Cinefantastique* e em outros periódicos sobre cinema. *Seven Years*, volume comemorativo publicado em edição particular por meu gabinete em 2010, foi uma fonte inestimável para revisitar meu período como governador; Gary Delsohn, que trabalhou nesse livro, contribuiu com anotações e lembranças de sua época como um dos redatores de meus discursos.

Sou grato a Audrey Landreth, por me ajudar a destrinchar dezenas de álbuns de fotografias e dezenas de milhares de fotos, e por me guiar na escolha das imagens que ilustram minha história. Kathleen Brady lidou com os desafios da conferência de informações com habilidade, rapidez e discernimento espantosos.

Adam Mendelsohn e Daniel Ketchell nos deram apoio na área de comunicação e gerenciaram nossa presença na internet; Greg Dunn contribuiu com um suporte prático valioso; Dieter Rauter não apenas disponibilizou seu tesouro de vídeos e fotos como também esteve presente para me desafiar no xadrez quando precisei de uma pausa.

A Simon & Schuster contribuiu com a experiência e o entusiasmo que um livro deste tipo necessita. Desde o início, o editor-chefe Jonathan Karp compartilhou minha visão sobre *Arnold Schwarzenegger – A inacreditável história da minha vida*. Foi ele quem me fez o favor de indicar Peter como coautor. Jonathan editou o manuscrito e orquestrou a publicação toda. Em seu trabalho, ele é enérgico, criativo e comprometido, sem nunca perder a visão do conjunto. Suas perguntas e sugestões foram astutas e sempre pertinentes.

Os capítulos políticos deste livro são também um reflexo do trabalho rápido e eficiente de Priscilla Painton, editora executiva da Simon & Schuster, que os aprimorou. Agradeço, ainda, a Richard Rhorer, editor associado; Tracey Guest, diretora de publicidade; Emer Flounders, diretor de comunicação; Elina Vaysbeyn, gerente de marketing na web; Rachelle Andujar, especialista em marketing; Nicholas Greene, editor assistente; Marcella Berger, Lance Fitzgerald e Mario Florio, diretores de direitos autorais; Jackie Seow, diretora de arte; Jason Heuer, designer da capa original; Nancy Inglis, editora de produção; Phil Bashe e Patty Romanowski, preparadores de originais; Joy O'Meara, diretora de arte, e Ruth Lee-Mui, designer.

Por me ajudarem a fazer desta obra um acontecimento internacional, sou grato a meus editores estrangeiros: Ian Chapman e Mike Jones, da Simon & Schuster do Reino Unido; Günter Berg, da Hoffmann und Campe (Alemanha); Joop Boezeman e Joost van den Ossenblock, da A.W. Bruna (Holanda); Abel Gerschenfeld, da Presses de la Cité (França); Tomás Pereira e Marcos Pereira, da Sextante (Brasil); Agneta Gynning e Henrik Karlsson, da Forma Books (Suécia); Michael Jepsen, da Forlaget Turbulenz (Dinamarca); Elin Vestues, da Schibsted Forlag (Noruega); Minna Castren e Jarkko Vesikansa, da Otava (Finlândia), e Javier Ponce Alvarez, da Martínez Roca/ Planeta (Espanha).

Por fim, agradeço à minha família. Eles foram generosos com sua ajuda para

garantir que este livro de memórias faça jus a seu título. E um obrigado especial a Maria, pela paciência com o projeto e por ter sido, como sempre, a pessoa a quem pude recorrer todas as vezes que fiquei paralisado.

Meu amigo Michael

FRANK CASCIO

Todo mundo conhece Michael Jackson, o mito. Esta é uma reveladora e emocionante história de Michael Jackson, o homem.

Para Frank Cascio, Michael foi muitas coisas: um segundo pai, um irmão mais velho, um chefe, um mentor e um professor. Mas, acima de tudo, ele foi um grande amigo.

Frank era apenas uma criança quando conheceu Michael em 1984, mas pelos 25 anos seguintes sua vida giraria em torno do pop star. Ao se tornar uma das pessoas mais próximas do astro, pôde observá-lo de perto. Discreto, Frank nunca havia revelado suas experiências. Até agora.

Em Meu amigo Michael, ele refuta os boatos e mentiras que se acumularam ao longo dos anos, oferecendo um olhar sincero sobre o homem com quem compartilhou alegrias e tristezas. Frank conta tudo o que aprendeu viajando pelo mundo na companhia do artista e, mais tarde, trabalhando para ele.

Os momentos mais particulares e turbulentos de Michael são analisados

pelo autor, desfazendo qualquer mal-entendido sobre seu incompreendido estilo de vida – o suposto complexo de Peter Pan, sua sexualidade e as falsas acusações levantadas contra ele.

O resultado é um retrato aguçado de Michael Jackson – uma pessoa que, embora às vezes pudesse ser absolutamente comum, também carregava marcas terríveis de uma vida sob os holofotes.

Reunindo histórias e fotografias, esse livro é um baú de fatos e curiosidades sobre o Rei do Pop. Ao mesmo tempo que celebra sua vida, redefine nosso entendimento do homem por trás do mito.

O X da questão

EIKE BATISTA

Eike Batista é um ícone do sucesso no mundo dos negócios. O "x" presente no nome de cada uma de suas empresas é símbolo da multiplicação de riqueza, ousadia, criatividade e capacidade de execução.

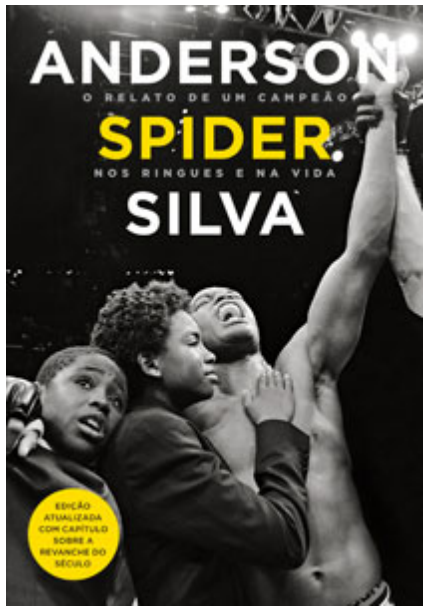
Da venda de seguros de porta em porta na Alemanha, da mochila nas costas atrás do sonho dourado nos garimpos da Amazônia ao êxito das aberturas de capital em série, tudo em Eike é superlativo, único e surpreendente.

Em O X da questão, o maior empreendedor brasileiro narra com sinceridade ímpar suas aventuras de desbravador, desde os maiores sucessos até as experiências que não deram certo e os erros cometidos no curso de projetos vitoriosos. Há lugar também para o que ele qualifica como estresses que o fizeram crescer, a começar pela asma na infância.

Eike Batista expõe ainda o arsenal teórico que está na origem de tantos negócios bem-sucedidos e que é hoje uma cartilha no Grupo EBX: a Visão 360 graus, bússola que norteia as ações do grupo e permite que cada empresa seja uma peça num grande mosaico integrado.

É hora de conhecer em detalhes a saga empresarial do homem que ajudou a colocar o Brasil no mapa-múndi dos negócios e que entende que o lucro se mede em números, mas que o valor de uma empresa se reflete no bem-estar da

comunidade em que atua.



Anderson Spider Silva

ANDERSON SILVA

O esporte brasileiro não conhecia um ídolo internacional da envergadura de Anderson Silva desde os tempos de Ayrton Senna e Gustavo Kuerten. Dono de um carisma único, o Aranha foge ao estereótipo do lutador truculento e falastrão. É tranquilo e infalível como Bruce Lee. Suave como um monge budista, é capaz de produzir os nocautes mais espetaculares do UFC e, minutos depois, se curvar em reverência aos adversários.

Pela primeira vez, os milhões de fãs terão a oportunidade de ficar cara a cara com o homem, aquele que se viu diante de tantas adversidades e que nunca desistiu.

O cartel de vitórias de Anderson Silva não contempla a maior de todas as suas conquistas: o nocaute no destino do menino pobre que venceu sem deixar de respeitar todos os que cruzaram seu caminho.

Não foi fácil derrotar um inimigo tão poderoso. Anderson perdeu pessoas que amava, foi vítima de racismo e alvo de agressões e de acusações injustas. Por pouco não se viu obrigado a abandonar a carreira. Quando todas as portas pareciam se fechar, foi ajudado pelo amigo Rodrigo Minotauro, que o acolheu em sua academia. Bastou que a porta do Nogueira Team se abrisse para que a carreira de maior êxito da história do UFC tivesse início.

Anderson Spider Silva é um ídolo que todos vão admirar ainda mais ao

conhecer a trajetória de vida que precede a lenda dos octógonos.

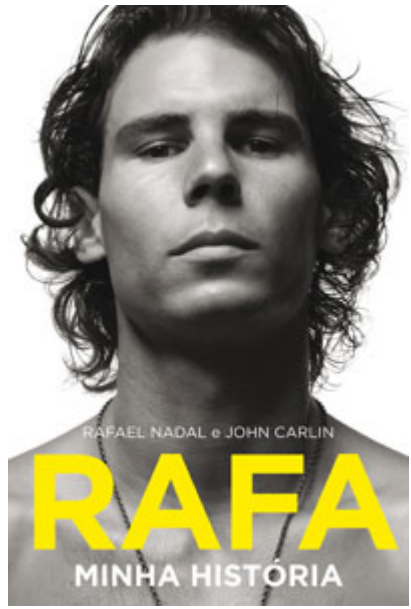
Transformando suor em ouro

BERNARDINHO

Obstinado, persistente, perfeccionista e motivador, Bernardinho se tornou o maior técnico de vôlei da história do Brasil – e um dos grandes treinadores do esporte coletivo em todo o mundo. *Transformando suor em ouro* é a história de Bernardinho contada por ele mesmo, desde os tempos de jogador até a consagração como técnico com o ouro olímpico.

Mais do que relatar uma epopeia esportiva emocionante, o livro apresenta facetas desconhecidas do treinador ao mostrar em detalhes como Bernardinho burilou o método que batizou de Roda da Excelência.

O treinador da seleção brasileira masculina de vôlei revela-se um grande estudioso, um leitor atento dos mestres, tanto do esporte quanto da administração, como John Wooden, Winston Churchill e James Hunter. Retira deles o que cada um tem de melhor e, nas quadras, testa esses ensinamentos, incorporando alguns, descartando outros, adaptando muitos. Bernardinho revela por inteiro o "segredo" que fez dele um dos palestrantes mais requisitados por grandes empresas em busca de um diferencial competitivo no mundo dos negócios.



Rafa

RAFAEL NADAL E JOHN CARLIN

Você nunca verá uma partida de tênis sendo narrada com tanta emoção e tantos detalhes: a adrenalina, o controle da mente, a preparação física, os últimos minutos antes da final de Wimbledon em 2008, considerada por John McEnroe "a melhor de todos os tempos". Assim Rafael Nadal abre esse empolgante livro de memórias.

Em Rafa, o leitor é transportado da casa em que o tenista nasceu, na ilha de Maiorca, na Espanha, para as quadras onde são disputados os mais importantes torneios de tênis do mundo. Intenso e revelador, ele oferece um vislumbre de tudo o que está por trás da carreira de um dos ícones do esporte atual.

Você vai conhecer os medos, obsessões, manias e fraquezas do menino que foi treinado desde pequeno pelo tio severo e vai saber como o objetivo de se tornar campeão transformou esse jovem em um exemplo de disciplina e perseverança.

Escrito em parceria com o aclamado jornalista John Carlin, esse livro oferece dois olhares distintos sobre o mesmo personagem: um introspectivo, emocional e autocrítico; o outro, objetivo, descontraído e analítico. Duas visões diferentes de um mesmo homem espirituoso e comprometido com a

vitória tanto dentro quanto fora das quadras.

Rafa revela um esportista obstinado, um homem ético e um ser humano profundamente ligado à família e às suas raízes. Um exemplo raro na arena esportiva – um vencedor que pode ser definido pela dedicação, pelo talento e pela humildade.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA SEXTANTE

- *1.000 lugares para conhecer antes de morrer*, de Patricia Schultz
- *A História – A Bíblia contada como uma só história do começo ao fim*, de The Zondervan Corporation
- *A última grande lição*, de Mitch Albom
- *Conversando com os espíritos e Espíritos entre nós*, de James Van Praagh
- *Desvendando os segredos da linguagem corporal e Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?*, de Allan e Barbara Pease
- *Enquanto o amor não vem*, de Iyanla Vanzant
- *Faça o que tem de ser feito*, de Bob Nelson
- *Fora de série – Outliers*, de Malcolm Gladwell
- *Jesus, o maior psicólogo que já existiu*, de Mark W. Baker
- *Mantenha o seu cérebro vivo*, de Laurence Katz e Manning Rubin
- *Mil dias em Veneza*, de Marlena de Blasi
- *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss
- *Não tenha medo de ser chefe*, de Bruce Tulgan
- *Nunca desista de seus sonhos e Pais brilhantes, professores fascinantes*, de Augusto Cury
- *O monge e o executivo*, de James C. Hunter
- *O Poder do Agora*, de Eckhart Tolle
- *O que toda mulher inteligente deve saber*, de Steven Carter e Julia Sokol
- *Os segredos da mente milionária*, de T. Harv Eker
- *Por que os homens amam as mulheres poderosas?*, de Sherry Argov
- *Salomão, o homem mais rico que já existiu*, de Steven K. Scott
- *Transformando suor em ouro*, de Bernardinho

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da **EDITORA SEXTANTE**,
visite o site www.sextante.com.br
ou siga @sextante no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@esextante.com.br
ou mande uma mensagem para @sextante no Twitter.

Editora Sextante
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br